REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRASILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

TOMO LXXV

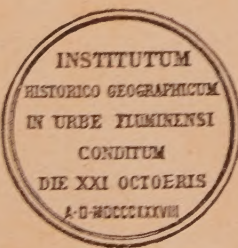
PARTE II

(1912)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui

Director:

DR. B. F. RAMIZ GALVÃO

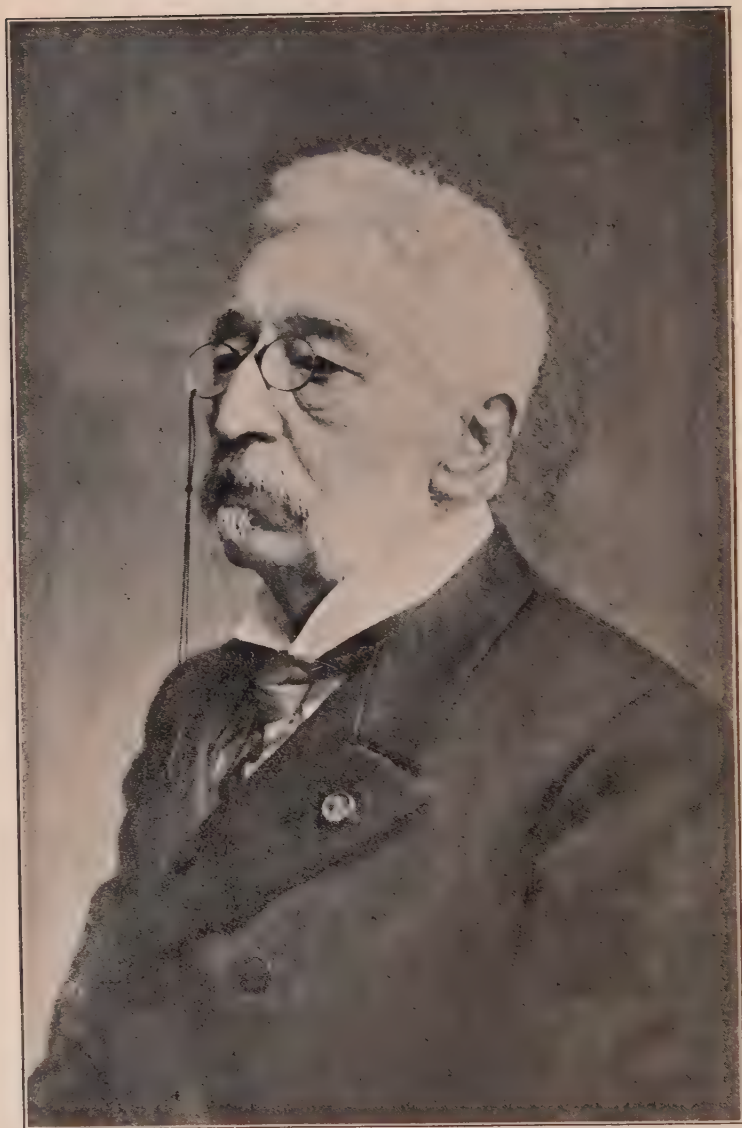
INSTITUTUM
HISTORICO GEOGRAPHICUM
IN URBE FLUMINENSI
CONDITUM
DIE XXI OCTOERIS
A·D·MDCCCXXXVIII

RIO DE JANEIRO

1913

VISCONDE DE OURO PRETO

PELO

DR. ALFREDO VALLADÃO

(Socio effectivo do Instituto)

VISCONDE DE OURO PRETO

(DR. AFFONSO CELSO DE ASSIS FIGUEIREDO)

Nasceu em Ouro Preto (Minas Geraes) em 21 de Fevereiro de 1837

Proposto socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em sessão de 28 de Setembro de 1900, admittido em sessão de 9 de Novembro do mesmo anno. Tomou posse em 7 de Dezembro de 1900. Em Assembléas Geraes de 24 de Dezembro de 1901, 23 de Dezembro de 1902, 1903 e 1904 foi eleito para a Commissão de Historia. Em sessão de 8 de Maio de 1903 foi elevado a socio honorario. Em Assembléa Geral de 21 de Dezembro de 1905 foi eleito para o cargo de 3.º Vice-Presidente e para as Commissões de Fundos e Orçamento e de Historia. Em Assembléas Geraes de 21 de Novembro de 1906, 1907, 1908, 1909, 1910 e 1911 foi eleito para o cargo de 1.º Vice-Presidente e para as Commissões de Fundos e Orçamento e de Historia, nas quaes serviu até 1912. Fallecido em Petropolis a 21 de Fevereiro de 1912.

VISCONDE DE OURO PRETO

Etienne Pasquier, um dos maiores advogados do seculo XVI, accentuava que o merito legitimo de nossa profissão está em combater pela verdade e não pela victoria.

E, assim, nem a victoria nos deslumbra, nem a derrota nos acabrunha.

O que nos preoccupa é encontrar o direito.

E defendê-lo com lealdade, dando-lhe o melhor de nossas energias, é quanto nos basta!

O visconde de Ouro Preto, socio honorario do Instituto, era, antes de tudo, um advogado; e dos mais eminentes deste paiz.

Dedicou á advocacia trinta annos de serviços effectivos; delle só o afastava a incompatibilidade das posições politicas.

Foi nesta profissão que elle formou o seu espirito.

E foi com este espirito que elle entrou para a carreira politica.

Combateu, sempre, pela verdade!

E eu não conheço, entre nós, combatente mais destemido, nem mais sobranceiro.

Coube-lhe a maior causa, que a um estadista foi dado pleitear em nosso paiz: e ella não podia encontrar maior patrono.

Foi esta causa memoravel, que teve o seu desfecho em 15 de Novembro!

E, ainda bem, que o tempo decorrido permitte, hoje, a completa serenidade da justiça, na apreciação daquelle momento.

A Republica está assentada.

O Brasil caminha para a «finalidade do continente americano», como accentuava Joaquim Nabuco.

Cessou a paixão: falla a Historia.

E nenhum homem deve ser julgado fóra do seu meio.

Ha nove annos, um illustre redactor do *Jornal do Commercio* desenhava com rapidez o quadro de 15 de Novembro: «de madrugada, o visconde de Ouro Preto ainda era o dominador. A figura do imperante ia-se apagando lentamente no declinio da velhice: para suppri-la surgiu pouco e pouco um perfil indeciso, em que a Nação receava a debilidade feminina, e entre os dous, como expressão da fôrça, da intelligencia, da ambição do govêrno, levantava-se esse homem de vontade, que já apontavam como uma aspiração de chanceller, querendo preparar o advento de um regimen novo, e sôbre elle imperar como seu obreiro victorioso.

«Nem um dia foi preciso para que se mudasse o scenario. Deante de uma revolta as tropas ainda marcharam ás suas ordens, ainda algum tempo parecia que iam obedecê-lo, e á tarde, quando o sol de todo se sumiu, tinham-n'o preso em um quartel.»

E, sómente, uma imperfeição ha neste quadro.

Era, de facto, a causa do Imperio, que estava entregue ao pulso forte do visconde de Ouro Preto.

Pedro II envelhecia, definhava: a successão estava proxima.

E o movimento republicano espreitava essa hora.

A situação era melindrosa. Ouro Preto comprehendeu o papel saliente, que lhe estava reservado, naquella phase de nossa vida politica.

Mas não o movia a ambição de govêrno, nem o seduziam as glorias de futuro chanceller.

O que o seduzia era a propria causa do Imperio.

Era esse reinado de Pedro II, dizia elle, que durante meio seculo manteve integra, tranquilla e unida a nossa Patria immensa!

Que converteu um paiz atrazado e pouco populoso, em grande e forte nacionalidade, primeira potencia naval sul-americana, considerada e respeitada em todo o mundo civilizado, factor efficiente da civilização moderna, uma das mais solidas garantias do futuro!

Que libertou povos vizinhos do mais cruel e aviltante despotismo!

Que ninguem proscreveu!

Que extinguiu a escravidão!

O que o seduzia era esta figura sem par de Pedro II.

Figura acatada, hoje, pela opinião unanime do paiz; realçada a todo o momento pelos mais valentes batalhadores da cruzada republicana!

Esta figura tão bem descripta pelo conde de Affonso Celso.

Um rei que a propria Nação tirou do berço para o educar!

Um rei sabio, que protegia as sciencias, as letras e as artes.

Um rei honesto, fundamentalmente honesto.

Um rei magnanimo.

Um rei modesto, simples nos seus habitos.

Um rei liberal, que moribundo quasi, no extrangeiro, reergue-se de seu leito, recobra a saude á noticia de que estava abolida a escravidão em sua Patria!

O que o seduzia era o acto da princeza, assignando a lei de 13 de Maio, quando o grande vidente, que se chamou Cotegipe, a prevenia de que assignava, assim, a quéda do throno!

Acto, na verdade, impressionante!

Não que a abolição fôsse uma dadiva real, que a Nação recebêra!

Era uma causa popular, pleiteada em campanha memoravel!

Teve os seus apostolos.

Vencia na opinião; e parecia o termo, quando o exercito nobremente se recusou á captura de escravos!

Mas, injusto seria desconhecer a acção de d. Pedro II e da princeza nesta causa.

E, bem certo, a abolição viria abalar o throno, retirando-lhe o apoio das classes conservadoras, que viviam do escravo!

A causa do Imperio era, pois, para o visconde de Ouro Preto, a propria causa da Nação.

E foi, por isso, que elle acceitou.

E, só assim, a poderia ter acceito.

Correu agitada a sessão da Camara, em que se apresentou o gabinete de 7 de Julho.

Em vibrante oração, o deputado João Manuel ataca de frente o regimen, terminando por um viva á Republica!

E, com um viva á monarchia, começa Ouro Preto a sua resposta, em uma peça brilhante e convencida:

«Está monarchia», dizia elle: «tão democratica, tão abnegada, tão patriotica, que seria a primeira a conformar-se com os votos da Nação, e a não lhes oppôr o menor obstaculo, si ella, pelos seus orgãos competentes, manifestasse o desejo de mudar de instituições».

E por isso é que elle a servia.

Não era um aulico!

A altivez foi sempre a nota dominante do seu character!

Acceitára, de facto, um titulo nobiliarchico.

«Mas, titulos de nobreza já os possuia, e seus foraes estavam registados em archivos superiores aos de todas as mordomias regias. Estes archivos são os annaes parlamentares de uma e outra casa electiva, os volumes da legislação do Imperio, que encerram fructos do seu trabalho, os jornaes que tem redigido, os livros que tem publicado.»

«Não são, porêm, estes os melhores de que póde se ufanar. E, sim, a moralidade de sua casa, e a educação que dá a seus filhos, que hão de elevar o nome humilde que herdou de seus pais.»

E, com legitimo orgulho, em resposta a um aparte, arguïdo de haver mudado de nome, acceitando o titulo nobiliarchico, pôde dizer:

«Mudou, sim, porque graças a Deus transmittiu-o a quem podia eleva-lo.»

Ao inverso do que se practicava então, collocou nas pastas militares dous representantes das classes armadas.

E accusado de que o fazia para ameaçar, declarou que tinha em vista melhor attender ao serviço daquelles departamentos, em que havia mister de conhecimentos especiaes.

«Não ameaçava, nem quer ameaçar ninguem.»

«Quer doutrinar, exclama, quer convencer!»

Vinha salvar o Imperio com a bandeira de seu partido!

Não era um programma de oppressão, mas um programma de concessões!

O seu programma era o programma do partido liberal, appro-

vado em recente congresso, de que elle fôra um dos promotores.

Foi o que elle disse ao Senado, e que elle havia dicto á Corôa.

E era um programma brilhante!

Comprehendia: o alargamento do direito de voto; autonomia dos municipios e das provincias, sendo a base desta reforma a eleição dos administradores municipaes, e a nomeação dos presidentes de provincias recaïndo sôbre listas organizadas pelos votos dos cidadãos; a liberdade de cultos e seus consectarios; a temporariedade do Senado; a reforma do Conselho de Estado, que perderia o character politico, conservando só o character administrativo; a liberdade do ensino e seu aperfeiçoamento; a lei de terras; a reducção dos fretes; a expansão das vias de communicação.

Mas, desde logo, o que o visconde de Ouro Preto tinha em vista, era o alargamento do voto e a autonomia das provincias.

E, ao mesmo tempo, empenhava-se: na elaboração do Codigo Civil; na conversão da divida externa; na amortização do papel moeda; no equilibrio da receita e da despesa; na fundação de estabelecimentos de credito.

Certo, no seio do proprio partido liberal, outros iam mais longe.

Não lhes bastava a autonomia das provincias; queriam a Federação.

A idéa seduzia.

Teve 19 votos no Congresso Liberal!

Defendeu-a o eminente conselheiro Ruy Barbosa em artigos de sensação!

Por ella se batia o bello espirito de Joaquim Nabuco.

E, afinal, a elle adheriu Saraiva, o velho conselheiro da monarchia.

Mas, o visconde de Ouro Preto não se deixou illudir.

Conhecia bastante o nosso paiz!

E está plenamente justificado.

A experiencia da Federação tem sido amarga para o paiz!

«No Brasil, dizia o Manifesto de 1870, antes ainda da idéa

democratica, encarregou-se a natureza de estabelecer o principio federativo ».

A extensão do territorio nacional e a diversidade de seus interesses — eis os argumentos que a todo o momento se invocavam pela Federação!

Como si fossem estes os unicos factores do problema!

Como si o Estado Federado se cifrasse no territorio!

Como si não houvesse necessidade, para a sua constituição, do elemento *povo!*

Não do povo, *massa humana,* mas do povo que pensa e delibera!

Como si a Federação se pudesse constituir sem attenção a um ponto capital, o de seu equilibrio!

E d'ahi esta extravagante Federação: de Estados que são Estados e de Estados que não são Estados, porque ha Estados que deliberam e Estados que não deliberam; de Estados grandes e de Estados pequenos; de Estados ricos e de Estados pobres!

É uma situação a se esboroar!

A Federação só se poderia manter, ou com a desclassificação de alguns Estados reduzidos a territorios, ou com uma nova divisão de Estados.

E quem sabe, pois, si nesta mesma autonomia das provincias, de que cogitava o espirito clarividente de Ouro Preto para a salvação do Imperio, não estará tambem a salvação da Republica?

Empenhava-se o visconde de Ouro Preto em cumprir o seu programma.

E vinha sendo fecunda a sua gestão.

Em cinco mezes de seu govêrno, entre outros actos, citam-se os seguintes: regulando a execução do decreto sôbre bancos de emissão; concluindo um emprestimo interno (ouro) de 100 mil contos, para auxiliar a lavoura; contractando o resgate do papel-moeda; estabelecendo a circulação em ouro; creando o *clearing-house;* decretando as obras do Porto do Rio de Janeiro; concedendo uma estrada de ferro do Recife a Valparaizo.

Além disto, collocou em excellente situação para o paiz o delicado caso das Missões, firmando habilmente, com a Argen-

tina, o tractado de arbitramento pelos Estados Unidos, do que resultou a nossa victoria.

Promoveu a elaboração do Codigo Civil por uma Commissão que estava em trabalhos.

As eleições para a renovação da Camara lhe deram uma assignalada victoria.

Procedia-se á verificação de poderes; breve estaria organizada aquella Casa do Parlamento.

E, dentro em poucos dias, seria lei o ponto capital de seu programma — a autonomia das provincias!

Não quiz, porém, a fortuna que o grande Brasileiro levasse a cabo a sua obra...

A onda revolucionaria vinha crescendo!

Era a propaganda republicana.

Era a questão militar.

Eram os escravocratas.

Não datava de muito a campanha republicana.

Desde 1845, quando se deu a pacificação dos Farrapos, até 1870, dizia Christiano Ottoni, tinhamos apenas pela Republica votos individuaes, sem écho na população.

A primeira manifestação collectiva e séria foi o manifesto de 1870.

Aggremiaram-se homens do valor de Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Prudente de Moraes, Campos Salles, Francisco Glycerio e Ubaldino do Amaral.

É o inicio da evolução republicana.

A propaganda breve se avoluma, nos clubs, na imprensa, nos *meetings*.

É Lopes Trovão, é Silva Jardim, é José do Patrocinio.

Entra para as escholas civis e militares; aqui, sob os auspicios do grande espirito de Benjamin Constant.

E, dentro em pouco, os veteranos de 1870 se encontravam com uma geração nova de homens de valor, de solida educação republicana, e que teve em Julio de Castilhos e João Pinheiro, para só fallar nos mortos, os seus maiores representantes.

Mas vinte annos de evolução republicana ainda não bastavam para a victoria da causa.

Mais temerosa era a questão militar!

Vinha de algum tempo.

E os politicos sempre a exploravam.

Justa ou injusta, era uma questão sempre digna em sua origem.

Era movida, algumas vezes, pela solidariedade da classe; outras vezes, pelo espirito de critica e de defesa; em collisão com os deveres da disciplina.

A lei de 13 de Maio levantara, na zona rural, grande aversão ao throno.

Ex-proprietarios de escravos adheriam, em massa, á Republica!

Mas eu não quiz confundir estes adhesistas de 13 de Maio, com os propagandistas da Republica.

Seria uma offensa aos manes de Benjamin Constant, de Saldanha Marinho, de Julio de Castilhos, de João Pinheiro.

Seria confundir o odio á liberdade com o amor á Republica!

Dei-lhes classificação á parte — *os escravocratas*.

É o que elles eram; é o que elles continuavam a ser!

O visconde de Ouro Preto bem conhecia estas correntes, e habilmente havia providenciado.

Com o seu programma liberal tractou de enfraquecer a propaganda republicana.

Collocando duas patentes militares nas pastas da Guerra e da Marinha, procurou angariar a sympathia das classes armadas.

E, com a escolha de Floriano Peixoto para ajudante general, julgou-se garantido, na hypothese de uma revolta.

Floriano era seu amigo dedicado, e veterano do Paraguai, onde se distinguiu por sua bravura.

E confirmou mais tarde o seu valor, nesta formidavel resistencia á Revolta de 1893.

Além disto Ouro Preto procurou firmar-se em outras milicias.

Augmentou o Corpo Policial; começou a organizar a Guarda Nacional.

Em relação á lavoura, elle correu a auxilia-la, levantando para isto um emprestimo de cem mil contos.

O que não podia era fazer voltar os negros ao azorrague!

Mas os acontecimentos se precipitam.

Surge o 15 de Novembro!

Até á vespera chegavam-lhe simples avisos anonymos e vagos de um movimento...

Até á vespera, a segurança do ajudante general de que nada havia a receiar...

Na madrugada desse dia, e por intermedio do chefe de policia, Ouro Preto sabe que o 1.º regimento está em armas, em seu quartel!

Corre ao Quartel General; providencía, dá ordens!

É um homem que se prepara para a lucta!

Dentro em pouco surgem-lhe pela frente, e tomam posição, as vedetas do marechal Diodoro da Fonseca.

Diodoro era o Exercito!

A sua bravura e a posição que, de muito, vinha assumindó, de defensor dos direitos, dos brios e das reclamações de sua classe, deram-lhe extraordinario prestigio entre os seus camaradas.

Era o inimigo!

E inimigo valoroso, franco; de uma franqueza que chegava á explosão!

Ouro Preto não se intimida.

Ordena o fogo; mas é desobedecido!

Comprehendeu tudo...

Estava vencido!

Entretanto o seu animo não se abate.

Parecia o vencedor!

Não acceita a saïda, que se lhe dá pelos fundos do quartel.

Espera o chefe da Revolução!

E, quando este o exprobra, responde com altivez!

Inspira admiração ao proprio vencedor!

É o marechal Diodoro quem, espontanea e nobremente, lhe manda dizer que, a todo o tempo, daria testimunho da altivez e da dignidade com que elle se houvera!

E foi assim a derrota de Ouro Preto!

Uma derrota que mais parecia uma victoria!

Que lhe importava a derrota, quando elle tinha consciencia

de haver servido, com lealdade, á causa que lhe parecia da propria Nação!

E que lhe importava uma derrota, a quem tantas victorias contava em sua vida!

A vida de Ouro Preto era uma série de victorias!

A principio, era o joven Affonso Celso, saindo da legendaria Villa Rica, para cursar a Faculdade de S. Paulo.

Da casa paterna apenas pudera levar o exemplo da honra e da virtude.

Em S. Paulo houve de procurar no trabalho, leccionando e escrevendo, os recursos para a sua subsistencia!

E tanto se destacou que, ainda estudante, era official de gabinete dos presidentes da provincia Diogo de Vasconcellos e Fernandes Torres.

Voltando a Minas, teve accesso a todas as posições e á representação.

Foi procurador fiscal, foi inspector da Thesouraria, foi deputado á Assembléa.

Adquire enorme prestigio politico.

E, breve, chega á Assembléa Geral.

Aqui, tal homem se revelou, que aos vinte e nove annos de edade entrava para o ministerio Zacharias, na pasta da Marinha.

Foi pela guerra do Paraguai.

A pasta da aprendizagem, como a chamavam, se transformou, nas mãos de Ouro Preto, em uma pasta de ensinamento!

Proporcionou dias gloriosos ao nosso paiz.

Foram estes dias da *Marinha d'outr'ora*; que elle descreve, com tanto brilho, e com tanto carinho!

Na pobreza dos nossos arsenaes, na modestia dos nossos recursos, o joven ministro, em mezes, apresta navios, levanta uma esquadra!

Mas, não são, apenas, os recursos materiaes, que elle fornece para a guerra.

É toda a sua alma de moço e de patriota!

É o estimulo que leva a Inhaúma, para forçar o Humaitá, quando lhe envia os monitores.

«Com estas novas machinas de guerra, e com a cheia do rio, V. Ex.ª zombará do Humaitá, suas cadeias e seus torpedos».

É a ancia, com que pede e espera a solução do grande problema!

É a facilidade, com que assimila as questões de tactica naval!

Dirige-se a Inhaúma, como si fosse um profissional; dá planos de campanha.

Nunca o departamento da Marinha teve, em nosso paiz, figura egual á do joven ministro.

E o seu nome está ligado para sempre ao feito heroico da passagem do Humaitá!

A quéda dos liberaes o affasta do poder.

E, agora, a sua actividade se desdobra!

Os conservadores o têm pela frente.

É o jornalista de combate, nas columnas da *Reforma*.

É o orador culto, logico, poderoso, na tribuna parlamentar.

Ouro Preto doutrina, convence.

Empolga, domina!

É uma figura de commando, em harmonia com a altivez de seu pórte!

E foi uma lucta de annos, em que Ouro Preto esteve sempre de pé!

Mas a politica não absorve o legislador.

Elle é, tambem, um legislador, na exacta significação desta palavra.

De uma aprimorada cultura juridica, tem collaboração brilhante na obra legislativa.

E não são poucos os monumentos, que se lhe devem.

Com a ascenção dos liberaes, em 1878, Ouro Preto entrou para o Senado e, ao mesmo tempo, para o poder.

Agora, é a pasta da Fazenda que lhe tóca.

Reaffirma-se o administrador.

Mas não é só na alta competencia, com que elle gere as nossas finanças; é na energia desta gestão!

É uma vontade consciente, que tudo affronta, até a impopularidade!

Entre outros actos da sua administração, figuram: a reforma

do methodo para a apresentação do orçamento, o emprestimo interno (ouro) de cincoenta mil contos, lançado em excellentes condições e a regulamentação dos nossos impostos.

Com a organização do Ministerio Saraiva, em 1880, Ouro Preto deixou o poder.

E a nossa litteratura juridica e social deve-lhe inestimaveis trabalhos.

Já, anteriormente, elle havia escripto *A esquadra e a opposição parlamentar*, e o *Assessor moderno*.

Agora, neste periodo que vai de 1880 a 1888, publica :

Algumas idéas sobre instrucção, Statu Liberi, Marcas de Fabrica, Reforma das Faculdades de Direito, aos Mineiros, Finanças da Regeneração, Reforma da Administração Municipal, e o *Penhor* (refundido posteriormente no *Credito Movel*).

É uma elaboração intensa !

E, destes trabalhos, salientam-se, na litteratura juridica, as *Marcas de Fabrica* e o *Penhor*.

São obras verdadeiramente classicas, em nosso direito.

E, em ambas, o visconde de Ouro Preto teve a primazia do assumpto, elucidando a regra juridica, para situações novas, que se vinham creando no commercio, na industria e na agricultura.

Mas aquelles trabalhos não perturbam a sua actividade parlamentar, nem a sua actividade politica.

Organiza as forças do seu partido.

Funda a *Tribuna Liberal*.

Era o chefe !

Era este o visconde de Ouro Preto, o homem extraordinario, a quem a Corôa incumbiu de organizar o Gabinete de 7 de Junho !

E a proclamação da Republica não o diminue ! Ao contrario, augmenta-lhe o culto !

Ouro Preto é a personificação da altivez e da lealdade.

Preso, banido, não se intimida, nem se retrata !

É com energia de sempre que do exilio elle dirige um manifesto á Nação; que elle escreve — *O Advento da dictadura militar*.

E é com esta mesma superioridade de espirito que supporta o exilio, recreando-se nesta viagem á Italia, de que nos deu tão bellas paginas na sua *Excursão*.

Regressando ao paiz, lucta pelas suas convicções na imprensa, nos tribunaes.

Funda um jornal de combate — *O Liberdade.*

Organiza uma publicação de critica ao regimen — *Decada Republicana,* a que dá sua brilhante collaboração, no capitulo sobre as finanças.

Mas a Republica ia-se consolidando.

As investidas contra ella se espaçam.

Começam as deserções.

Ouro Preto é dos que não se rendem!

Cessou a lucta.

Mas elle não deixa a sua bandeira; com ella havia de ir ao tumulo!

É no culto do direito, é na advocacia, é na cathedra que a sua actividade agora se concentra.

E a nossa litteratura juridica lhe vai dever ainda uma obra preciosa — *Credito Movel* —, em que elle refunde o seu trabalho sôbre o *Penhor* com um largo desenvolvimento destas duas instituições, «que podem proporcionar abundantes recursos a estas grandes arterias de qualquer Estado — a Industria e o Commercio.»

Ainda era o amor á sua Patria, que lhe inspirava este trabalho juridico!

E, ainda bem, que a sociedade brasileira o sabia venerar!

Onde quer que Ouro Preto se apresentasse, as maiores considerações lhe estavam reservadas.

Comparece ao Congresso Juridico, e um de seus membros illustres interpreta o sentimento de seus collegas, consignando em acta o desvanecimento que lhes causa a presença do eminente Brasileiro!

Realiza, no Instituto Historico, uma conferencia sôbre a batalha de Riachuelo, e aquella corporação assignala, tambem, em acta a honra de sua presença!

É uma figura que cada vez mais se destaca!

Excepcional vida a de Ouro Preto: grande no poder, maior na sua quéda.

E, como si lhe não bastassem as glorias da vida, teve ainda,

as glorias da morte, que deixou neste documento postumo — o seu testamento!

Ouro Preto baixa ao tumulo com a sua bandeira!

Mas desobriga seus filhos.

Leva-a consigo.

O que elle via naquelle symbolo, que tão lealmente serviu, era a causa da sua Patria.

Mas a nação acceitou a Republica.

Ouro Preto quer que seus filhos sirvam neste regimen, e possam prestar á Patria melhores serviços do que elle havia prestado!

Extraordinaria figura!

As gerações que vierem hão de tê-la bem á vista, porque, na nossa historia, ninguem subiu mais na altivez, na lealdade e no amor da Patria!

E, assim, o seu exemplo os possa inspirar!

PAPEIS INEDITOS

SÔBRE

JOÃO FERNANDES VIEIRA

PELO

DR. ALBERTO LAMEGO

Damos hoje lugar nas paginas da *Revista* a um valioso achado do sr. dr. Alberto Lamego nos archivos portuguezes, e precedemos sua publicação da carta, que a esse estudioso da Historia patria dirigiu a tal respeito o nosso illustrado consocio sr. Oliveira Lima, a quem o auctor submettera os interessantissimos ineditos que em seguida entregamos á publicidade.

PAPEIS INEDITOS SOBRE JOÃO FERNANDES VIEIRA

(Denuncias, pareceres do Conselho Ultramarino e despacho real)

Bruxellas, 18 de Novembro de 1911.

Meu caro sr. dr. ALBERTO LAMEGO

Devolvo-lhe o estudo, que me fez o favor de submetter á minha apreciação e que considero, apoz le-lo, uma muito interessante achega para a nossa Historia. Felicito-o pelo seu achado, que é de natureza a chamar devéras a attenção. Não é sem certa mágoa que o estudioso ou admirador do passado vê amesquinhada uma personalidade historica, que aos olhos da posteridade apparecia magestosa, como a fizeram muitos dos seus contemporaneos; mas a verdade a tudo deve ser anteposta.

Aliás, no caso de João Fernandes Vieira, as prevenções eram numerosas e datam de bastante tempo. Havia como que o instincto, o presentimento de que o « governador da divina liberdade » como o baptizou um monge enthusiasta, merecia menos do que a fama que lhe foi creada. A suspeita repousava mesmo sôbre escassos e vagos dados documentaes. Sabe que Varnhagen procurou reduzir-lhe as proporções em beneficio de André Vidal de Negreiros, e que o erudito Pernambucano Pereira da Costa nunca poude levar á paciencia aquella celebridade, a qual tem tentado destruir a golpes de argumentos e de approximações.

Certos factos chegaram, é verdade, até nós, que os seus papeis tendem a confirmar e que escureciam o fulgor da aureola. O nascimento e origem do Madeirense teem sido objecto de ampla e até viva discussão. Lima Felner tractou-o de fidalgo; Pierre Moreau, que o conheceu em Pernambuco, de mulato. Suas relações intimas com os Hollandezes, entre os quaes se lhe deparou um protector e amigo a quem foi infiel, teem sido frequentemente apontadas. O motivo, sinão essencial, decisivo da revolu-

ção, era sabido ser mais do que o sentimento patriotico, a pressão das dividas dos agricultores brasileiros á Companhia das Indias Occidentaes e aos traficantes batavos.

O que as denuncias dadas juncto a Antonio Telles da Silva, governador geral da Bahia, contra João Fernandes Vieira põem indubitavelmente em relevo — descontado mesmo o que em toda denuncia pode haver de exaggerado, sobretudo quando se tracta da direcção de uma guerra e de ciumes de poderio e de valimento — é o péssimo conceito que delle formavam alguns dos seus coevos. Para estes não soffria dúvida a inferioridade moral do personagem, ao qual a restauração pernambucana ou antes brasileira deve em todo caso incontestaveis serviços.

Foi porventura insensivel seu coração. Da eschola da adversidade teria sua alma derivado, em vez de benignidade, dureza. Admitto que sejam exactos os factos relatados. Toda a guerra é porém, «feita com o sangue dos pobres», como se diz num dos documentos em questão, e por estar eu convencido disso é que sou um pacifista intransigente.

A guerra hollandeza não escapou de certo á pecha commum. As exacções commettidas, entretanto, não o foram de certo só por João Fernandes Vieira. As deshumanidades devem ter sido habituaes nessa sociedade e nessa epocha: nem se ignora as atrocidades, de que são capazes no seculo XX, os povos mais cultos quando os instiga o demonio da destruição. Os actos de favoritismo, os abusos do poder, as immoralidades administrativas, as injustiças revoltantes, as infamias públicas, não findaram infelizmente: como estariam ausentes de uma phase tão anarchica e cruel quanto essa da nossa reintegração politica no seculo XVII?

Taes attenuantes não diminuem o alcance dos documentos constantes do seu estudo, e que são tanto mais valiosos quanto o que nelles se descobre é o lado intimo do episodio mais brilhante dos nossos fastos coloniaes. Penetra-se ahi nos bastidores dessa grande representação de grande espectaculo, enxergando-se mais do que o chamado pelos Francezes *les petits côtés de l'histoire* — o machinismo real dissimulado ao publico. Tambem fóra da scena, longe da ribalta cujas luzes a clareiam como os panegyricos a historia, pondo-a em realce, nos apparecem os

actores da peça, em seus camarins grosseiramente characterizados. Necessario é o recúo do palco para corrigir o traço, de perto caricatural.

João Fernandes Vieira valia provavelmente mais do que o fazem crer os libellos anonymos, que visavam desconceitua-lo, por maior porção de verdade que estes contenham. Valia, porém, com certeza menos do que o apregoavam seus encomiastas. Deve ter sido enfatuado, ganancioso, ambicioso, deshumano, si bem que valente, perspicaz, activo e perseverante. Como instrumento de guerra foi optimo, e com os resultados colhidos resgatou muitas faltas e mesmo alguns crimes. Como instrumento de paz refinou-se nas provações e achrysolou-se nos perigos, acabando por ser devéras nobre quem não passava de um bastardo de côr concebido por uma meretriz do amplexo de um deportado.

É bem que se esclareça sua filiação; é conveniente que se conheçam seus antecedentes; é util que se relatem seus actos. Tudo isso não deslustra seus serviços nem diminue sua participação na nossa Historia. A fama de Napoleão sobrevive ao assassinato do duque d'Enghien, aos pasquins inglezes e até aos proclamados envenenamentos de Jaffa. O rei de Portugal fazia pois o que lhe cumpria, o que lhe dictava seu papel de pastor do seu povo, quando mandava recolher os papeis da delação « em parte onde não pudessem ser vistos ».

Creia-me com a maior estima

Seu muito att.° patricio e ob.° am.°

M. DE OLIVEIRA LIMA.

É util excavar no passado.

Nas minhas demoradas investigações no Archivo da Marinha e Ultramar de Lisboa, procurando elementos para restaurar a verdade sôbre os grandes acontecimentos que se desenrolaram na antiga capitania do Parahiba do Sul, deparei em uma consulta do Conselho Ultramarino, occulta em um poeirento masso com o titulo de *lembretes,* a seguinte resolução régia: « Como parece a Salvador Correia de Sá, accrescentando que estes papeis se recolham em parte, onde não possam ser vistos. Lx.ª 20 de Março de 1647. »

A extravagancia do despacho, a que se achava ligado o nome do pae de Martim Corrêa de Sá, mais tarde, 1.º visconde de Asseca e donatario da Capitania acima referida, despertou a minha curiosidade, e examinando detidamente esses papeis, verifiquei que se tractava de preciosos inéditos que fazem inteira luz sôbre as densas trevas que encobrem a primeira phase da vida de João Fernandes Vieira.

A sua filiação, os seus primeiros passos em Pernambuco, os empregos que ahi desempenhára até ver a cidade tomada pelos Hollandezes, a sua amizade e traição aos invasores, os pormenores da lucta até Abril de 1646, data em que foram escriptos, e finalmente os motivos que tivera o govêrno portuguez para confiar a direcção da guerra a Francisco Barretto de Meneses, são pontos alli tractados com toda a minucia.

Nessa data, quando mais accesa estava a campanha da restauração pernambucana do dominio dos Hollandezes, os seus moradores, não podendo por mais tempo supportar as inauditas violencias de Fernandes Vieira, dirigiram ao vice-rei do Brasil, Antonio Telles da Silva, longas denuncias contra o chefe da revolução. O governador geral, que devia achar-se inteirado da verdade, apressou-se em remettê-las para Lisboa, sendo por intermedio do secretario do Reino sujeitas á apreciação do Conselho Ultramarino.

Tão graves eram as accusações contra o temido Vieira, que

o proprio Conselho, em 22 de Septembro de 1646, foi de parecer, contra a praxe seguida «que El-rei fosse servido ouvir lêr para se inteirar, que convem não haver dilação em acudir com remedio a tão grande necessidade» lembrando a conveniencia «de haver em aquella campanha, Mestre de Campo Geral e hum auditor geral que governem a guerra e a justiça porque convém muito acudir áquelles vassalos por todos os meios possiveis».

Levado ao conhecimento regio o parecer do seu Conselho Ultramarino, determinou «Parta Francisco Barretto é diga-me antes o Conselho sôbre o que lhe parecer o que devo fazer sôbre o que apontam os papeis inclusos. Lx.ª 30 de Janeiro de 1647».

Era esmagador o libello contra João Fernandes Vieira! Natural da ilha da Madeira e filho «de hũa mulata rameira a quem chamavam a *bemfeitinha* e de hũ homem que lhe dão por pay, que foi ali degradado em titolo de ladrão» foi ainda de pouca edade para Pernambuco, onde logo ao chegar «se alquilou e pôs a servir a hũ *João peres Coreya,* homem de nasão e depois deste a um marchante por nome *Afonso Roiz,* pera lhe matar e cortar carne ao povo por ser obrigado na vila de Olinda a lha dar e vender». Servindo nesse emprego durante alguns annos «veyo ter ao arraial de *pernamerim*, o mesmo officio» e auxiliado por alguns negros que se lhe deram, matava o gado e repartia a carne destinada á infanteria e ahi esteve até que o *arraial* foi tamado pelos Hollandezes. [1]

Tornando-se desde logo amigo de Jacob Stacourt, governador da guerra «servio de olheiro e malsim dos que dentro estavam e se resgatavão por dinheiro» dando-lhe um ról das principaes pessoas da terra e que tinham meios de fortuna, entrando nesse numero «*Pantalião monteiro* que hera muito riquo e a quem

---

1 Foi o p.e Francisco da Costa Abreu, vigario de N. S. da Varzea de Capibaribe, o primeiro que levou a noticia a Mathias d'Albuquerque, do desembarque dos invasores em «Paos Amarellos».

Este sacerdote foi prêso pelo inimigo e deportado para as Indias e só mais tarde conseguiu fugir para Lisboa. No livro 41 de Consultas de Partes dos annos de 1635 e 36 a fs. 102 (Arch. Mar. e Ultr. de Lx.ª) se encontra o seu requerimento em que, allegando esse serviço e descrevendo todos os tormentos por que passára, pede ser soccorrido até poder embarcar para Pernambuco.

tomaram mais de vinte mil crusados, prata, ouro, dinheiro e escravos, a mulher do capitão *Joam Dias*, a quem chamavam a *bombarda* por ser dantes casada com o capitão *Pero fernandes Veiga*, oito mil e tantos crusados em dinheiro, cadeyas de ouro, prata lavrada e muitos escravos, ao *Judique* (?) sinco ou seis em dinheiro, ouro, prata e escravos em que entrou hũa mulata *Bernarda* com quem andava amancebado ».

Enfim, nem os bens das confrarias foram poupados.

João Fernandes Vieira captou tanto a confiança de Stacourt, que este, não obstante ter em Pernambuco um cunhado e outros parentes, ao retirar-se para a Hollanda deixou-o « como seu Lugar-Tenente e thesoureiro de todos os seus haveres que mal adquirido tinha, assim de raiz e escravaria, tres engenhos e mais de coatrocentas pesas de escravos furtados, muitas fazendas em hũa logia, moradas de casas no Recife etc. ». Os seus legitimos donos estavam impossibilitados de recuperar o que lhes fôra tirado « pela potencia que adquirio este cão traidor a Deus, a el-rei e aos homens ».

Comprando outras fazendas, mettendo-se em largas empresas e « em grandes faustos, veyo a descair e desfalecer em cabedal e sabendo disto Stacourt lhe mandou dizer da Olanda, por industria, que pasasse cá, cantidade de mil crusados » e como tinha grande reputação entre os Flamengos se obrigou a pagar á Companhia mais de 180 mil cruzados, dando como seus fiadores « *Bernardim de Carvalho* e *Francisco beringer* », ambos insolvaveis, « e fez tantos empenhos que veyo a sair-se do Recife por o poco credito que já tinha e devia á Companhia e particulares mais de quatrocentos mil cruzados ».

Depois de pôr na Bahia « em mão de *Antonio de freitas da Silva*, cantidade de dinheiro, joyas, prata, ouro, convidou a alguns homens nobres e ambiciosos, muitos dos quaes como elle devedores aos flamengos, para a conjuração e entre estes : « *francisco Berenguez*, seu sogro, Cosmo de *Crasto paços*, João *lourenço francez*, *Antonio e Manuel Calvacanty*, *João Cordeiro de Mendonha*, *Antonio da silva*, *Amaro Lopes madeyra*, *Luiz da costa sepulveda*, *Capitão Antonio carneyro e bernardim de Carvalho* » os dous ultimos não deviam « mas foram com elles por temer dos

flamengos». No dia 13 de Junho de 1645 deu inicio ao levantamento contra os Hollandezes que mandaram prender Vieira, não sendo porém encontrado em sua casa «por aver mezes que não dormia nela» achando-se já com os seus companheiros no interior da Capitania, mandando «pôr editaes em todas as paredes que todos se levantassem com penna de morte e de os averem par traidores á sua real magestade sem para iso aver armas e munisoins». Abandonando por esse motivo os homens as suas casas, os Flamengos as saquearam «arrastando as mulheres e filhas dos ausentes e entregando-as ao gentio para as desonrar, como fizeram a muitas casadas e donselas e matando a muitas».

Mandando eguaes ordens para o Rio Grande do Norte, os seus moradores se levantaram, mas por falta de auxilio tiveram em *Cunhaú* de se render ao inimigo que os mandou ajunctar todos dentro da egreja «em hu dominguo tomou-lhes as armas e entregou-os ao gentio que tinha emboscado matando todos e ao vigario que estava pera dizer missa, não escapando mais que Gonsalo de Oliveira e dous ou tres criados seus officiaes de engenho».

Foi horrivel a carnificina e talvez teria sido evitada, si fossem os infelizes soccorridos, pois Vieira teve aviso de se acharem estes «mettidos em duas cercas fortes» á espera de soccorros que tardiamente enviou, quando «desesperados de remedio se entregavam com promessa que o flamengo lhe fez de vida e fazenda e em os tirando das forças os entregavam aos gentios tapuios que com grande crueldade matou a todos, grandes e pequenos e nos mais d'elles abriam pelas costas e lhes tiravam o coração e lingua e as mulheres que deixavam com vida assy casadas como donselas, as desonravam os mesmos indios, etc.» Gonçalo de Oliveira «missionou muita gente» e 5 semanas depois da tragedia de Cunhaú teve encontro na matta das *Tabocas* com os Flamengos em numero de 1:200 incluindo os indios «e suposto que o nosso poder era poquo menos em numero de gente eram poucas as armas de foguo que não chegavam a tresentas e foi a peleja em parage que dos nossos não pelejaram dusentos, de sorte que pelejaram té pela noyte que com ella se retirou o inimiguo com perdas de trezentos entre mortos e feridos».

Quinze dias depois chegava á Varzea João Fernandes Vieira com a sua gente e André Vidal com a da Bahia, e tiveram aviso que os Flamengos levavam para o Recife «tres mulheres dos retirados as coais tinham na casa que foy de *Jeronimo paes*»; foram atacados e vencidos em *Casa forte* entregando-se «por se querer pôr foguo nas casas... e os indios, que eram noventa, a todos degolavam sem dar a vida a nenhũ e com esta victoria se recolheu a nossa gente ao engenho de *Luis Ramires*, que hé agora do dito Vieira, onde estiveram dous mezes, sem mais tratar de guerra e so se occupavam em jogar dia e noite e as mais das paradas de 20, 30, 40 dobrões, como quem os não ganhou».

Durante o tempo, em que esteve ahi aquartelado, Vieira promoveu uma representação a el-rei fazendo valer os serviços que prestava á Corôa portugueza, assignando todos «uns por serem da sua fausão e outros com medo». Estabeleceu uma finta para as despesas da guerra «em dinheiro de contado e os pobres que o não tinham, mandava mettel-os no tronco e golilha, que tinha debaixo de hũa varanda que lhe servia de matadeiro e partir carne aos soldados e por ser assy sujo e o lugar infame e cheio de moscas e fedor ahi os tinha entrocados e golhilados á vista dos moradores» que com receio que lhe succedesse o mesmo, «lhe entregavam prata lavrada, cadeyas de ouro, joias, dinheiro, gado e assucar... e cavallos que tinha mais de hũa duzia». Os que não tinham dinheiro eram obrigados a desfazerem-se de objectos preciosos, assim «hũa mulher que morava nas *Salinas*, por nome a *Segua* deu hua cama muito riqua que diz lhe custara dusentos mil reis, *Abel pachequo*, hua colcha de montaria de muito preço e outras pessoas e tudo isto tem Fernandes Vieira que faz papeis que faz esta guerra á sua custa e ela he feita com o sangue dos pobres».

Dispoz dos empregos entre os seus amigos, aos quaes dava as ordens e era cegamente obedecido.

Para o almoxarife dos mantimentos nomeou *João Cordeyro de Mendanha* que não lançava as entradas e sahidas do que se consumia; este «devia sete ou oito mil crusados e andava ausente pera não prenderem e oje dizem que tem furtado mais de des mil cruzados e seio porque o trato hé larguo».

A *Luiz da Costa Sepulveda* «que devia no Recife 8 a 10 mil cruzados e corria tres annos andava ausente e fez capitão de cavallos com gineta na mão, sem soldados e lhe deu em nome de S. Mag.e hua propriedade na vila, de casas e olarias e negros que foram de hũ judeo por nome *baltasar da fonsequa* e que val 8 mil cruzados».

« A hũ *Antonio da Silva* que foy filho de hũ ferreyro do Recife, christão novo, cinco ou seis dias antes do levantamento, tomou no Recife cinco ou seis mil cruzados de telas, bordados e outras fazendas e joias, a este fez capitão de cavallos com corenta cruzados cada mez.

A *Antonio Bezerra* fez comisario de cavalos, tambem pago, este tambem estava empenhado no Recife.

A *Francisco Lisboa,* que a seu mandado assassinara *Alvaro Velho Barreto,* com um tiro de espingarda « fez tambem capitão de hũa Companhia ».

A *Amaro Lopes Madeira* que devia mais de 12 mil cruzados, escrivão da Camara.

A *Francisco Berenger,* seu sogro, juiz ordinario, dos orphãos, ouvidor e auditor.

Ao capitão Taborda « que sempre foi ladrão da campanha deu hũ engenho inteyro com fabriqua e cobres ».

Do engenho que um Flamengo tinha comprado a *D. Catharina de Moura* « e estava feito de novo, mandou tirar os cobres, ferros, correntes e tudo coanto avia e mandou levar para o seu ».

Articulavam mais contra Vieira ter mandado enforcar cinco infelizes em *Apipucos,* queimando outros vivos « desonrando e infamando tantas casas, mulheres e donselas ».

Numa das verbas do seu testamento confessou que teve relações illicitas com *Maria de Arruda,* mulher de um Francez, que fôra creado de Jacob Stacourt e que depois fôra morto pela gente da campanha.

Este facto não foi exquecido na denuncia, e o nome do responsavel por esse assassinato é apontado.

« Sendo compadre de um francez por nome *Lamarge* e seu lavrador, por lhe andar com a mulher ho mandou matar hũa

noyte fingindo que o matava a gente da campanha e dois mamelucos e mulatos que o matarão, ao depois temendo que por elles fosse descoberto, os mandou matar, mandando-os com cartas para a Bahia a hũ por hũ e no caminho e nos matos os matavam».

Foi a 17 de Fevereiro de 1647 que se reuniu o Conselho Ultramarino, para dar o seu parecer sôbre as graves accusações feitas a Fernandes Vieira.

Na memoravel sessão tomaram parte Salvador Correia de Sá e Benevides, Jorge Albuquerque, Jorge Castilho e o marquez de Montalvão. O primeiro que rompeu o debate e o unico voto favoravel ao accusado, foi Salvador Correia, que não obstante attribuir a denuncia á inveja, *por serem os seus principios humildes*, opinava que o mestre de campo general o afastasse da Campanha «de maneira que se entenda que nasce isto do dito Mestre de Campo, pois no tempo presente, ainda com papeis fidedignos, não convem obrar em parte em que tanto se necessita de prudencia».

Jorge de Albuquerque caïu a fundo sôbre Vieira.

«Além deste papel lhe forão á mão outros por differentes vias que continham o mesmo e mais circumstancias e foi advertido por pessoa de Pernambuco nesta cidade do mesmo que contem o dito papel.» Era de parecer, que devia ser ordenada a sua vinda immediata á Côrte, pois sendo pessoa poderosa em Pernambuco e não se achando alli, os moradores podiam livremente, sem receio delle, jurar na devassa que era urgente abrir, p.ª castigo dos culpados.

Jorge de Castilho alvitrou a conveniencia de se tirar uma devassa particular «com todo o resguardo possivel e achando-se este homem, que se diz de *baixissima sorte* com culpas, o prendam e mandem para o Reino para exemplo dos máos».

Finalmente, a 20 de Março do mesmo anno, resolveu el-rei de accordo com o parecer de Salvador Correia! mandando que se fechassem os papeis a sete chaves! E assim conseguiram estar occultos ás vistas de tantos investigadores, que teem passado pelo Archivo da Marinha e Ultramar de Lisboa, durante 265 annos! São elles os mais antigos documentos, que se referem a

João Fernandes Vieira e que foram devidamente apreciados pelos seus contemporaneos. Corresse nas veias do feliz madeirense o sangue nobre dos Munizes e Ornellas, e não o da *bemfeitinha* e do *degredado,* certamente não seria este o homem de *principios humildes* nem de *baixissima sorte* no dizer dos dous illustres membros do Conselho Ultramarino que o deviam conhecer.

Fazendo gosar do beneficio da impressão os valiosos inéditos, julgo prestar um grande serviço á historia, que com o seu juizo imparcial e severo dirá si o *valeroso Lucideno,* o *Castrioto lusitano* deverá continuar a permanecer no pedestal da gloria onde o collocaram os seus panegyristas fr. Manoel Calado e Rafael de Jesus.

Cartas que foram dirigidas ao Governador Geral do Brasil, Antonio Telles da Silva, contra João Fernandes Vieira (1646).

Sr. Governador

Pos Deus a V. S.ª nese lugar pera emparo e remedio deste povo de Pernãobuquo e dos mais das Capitanias ao Norte, se hé que caresem do mesmo remedio pellos males, riscos, robos, tiranias vexasois escandallos que dittos povos padecem e mizerias em que está aflito todo cauzado de máo governo pellos subornos que ha nos menistros que governão cousa tão abominada dos bons como asseita pellos máos:

Se hé verdade que o povo segio o motivo de se levantar com *João fernandes Vieira* foi por lhe parecer como hé serto, que V. S.ª entrevinha niso e avia de emparar e vir governar e não que o sobredito fose absoluto e senhor de tantas vidas vontades fazendas e padesesem tantos rigôres, oprimidos e obrigados

ainda subornados e intimidados por elle a faser e asinar tantos papeis tantas mentiras e tantos juramentos falsos como ão feito e em corrido contra si e seus proximos amigos, irmãos e parentes e ainda esta maldade e suborno, alcansou a hos Mestres de Campo e pesoas de mais confiansa com V. S.ª contra sua opinião virtude e letras e verdade e que não devião faltar com V. S.ª e pera que V. S.ª tão bem não ficase de fora ás eleisois da Camara fez fazer subornadas metendo nellas compadres familiares e amigos e feita enganavão a V. S.ª com a verdade pera que se reputasem e não ficasem culpados e o mesmo estilo tiveram em principio com o povo que geralmente robarão e lhe tirarão tanto numero de escravos que parece cousa encryvel disello, a titulo que V. S.ª assim o ordenava e o pior hé que hera frase comum dizerem os executores desta bôa hobra hera pera se fichar serto numero de pesas que se mandava a V. S.ª de presente por que não faltase nasistencia de noso remedio como si estes escravos fosem tirados e tomados aos judeos e flamengos com grandes riscos, mas forão tomados e tirados aos pobres moradores com todo o rigor não sendo bastante mostrarem como os tinham comprado e muitos já pagos, inda que fose depois do levantamento que durou tres meses primeiro que o povo se levantase em que deixou o Comercio fiandose muitos por ventura por não serem robados e presos por os mesmos flamengos, que isso atendião e notavão, como aconteseo e fizerão a muitos e chegou esta execução a tanto que chegara a tomar escravos a quem por ventura estava prezo no Reciffe pellos flamengos a desposição de ojustisarem, como aconteceu a *Rodrigo de barros pimentel* aquem tomarão algũas pesas que avia comprado na mesma prizão aos flamengos e judeos onde tinhão e depois dizem justisarão tão hatros mente sendo que coando ouvera pretensão nellas forão de S. Mag.e que o cobrava a seu tempo, disto ouve muito como tão bem a serta viuva a quem tomarão oito pesas de escravos que avia comprado por hũ e feito de debito que lhe devia o dito *João fernandes Vieira* por o *Estacor* e sento e tantas arrobas de asucar que mais deu e não lhe valer mostrar e provar por testemunhas ante os auditores as tinha pago pera que absolutamente lhas mandou tomar e por lhe faltar depois de tomadas

hũa das oito da caza e não dos que lha tomavão e levarão-lhe forão a tomar outra das mais que tinha, tudo cauzado e ordenado por o dito *João fernandes Vieira,* como tão bem no donativo e pedido que fez aos moradores, em lùgar de rógos bons termos e palavras, imitando a V. S.ª nos que teve com as pesoas e moradores desa cidade da Bahya o fes, quiz por o contrario, porque não serviu de agradecimento nem boas palavras aos que davão e prometião dar de seus proprios motes e boa vontade antes os afrontava com palavras, chamando-lhes de traidores e outras semelhantes palavras, mandando os meter em troncos e golilhas que tinha debaixo de hũa varanda que lhe servia de matadeiro e partir a carne aos soldados e por ser assim sujo e o lugar infame cheio de moscas e de fedor ahi os tinha entroncados e engolilhados á vista do povo e moradores que concorrião e erão chamados e outros acudião e assistião por mais terror e espanto, pera que a vista destes logo se caisem e desem a suas vontades tudo o que tinhão e lhe pedião e não dilatasem a entrega que fazião de prata lavrada, cadeyas de ouro, joias, dinheiro em ouro e prata, gado asucar e omens que tinhão sem nesta cobransa aver Receita em fórma e menos despesa e o pior hé que se guardavão pera aqui os odios e afrontas e chegou a tanto que se meterão em tronco e golilhas a homens muito nobres tomando por occasião, não darem por ventura o que lhe pedião e não tinhão nem devião, usando com estes e os mais tão más palavras que me corro eu de as dizer e nisto se poz á disposição da guerra, deixando degolar os moradores do Rio Grande por lhe não acudirem com sóo dusentas armas de fogo polvora pelouros com pouca gente por terem lá muita metida e fortificados em sercas com todas suas riquezas e familias e com aver já muitas armas gente e munisois, que V. S. avia mandado e por se não acudir a tempo pereseo toda aquella capitania e mais de vinte mil cabesas de gado de que o flamengo se aproveitou e dos muitos mantimentos que avia e só se tratou de faser guerra aos moradores tomando lhes primeiro os negros e escravos que avião comprado e muitos pagos e nisto se pasou o tempo e agora em jogos banquetes e se passou ordem a *EmRique Dias* para mandar tomar todos os

*

mulatos crioulos e escravos aos moradores de seu serviso e goarda que os mandou buscar por as casas de seus senhores não sendo bastante acudirem com elles muitos na gerra nas ocaziois de peleja e acudirem ás fortificaçois que fasem sem se atentar nem darem lugar a se prantar mantimentos e acudir aos canaviaes que mandarão tão emconsideradamente abrasar e nisto e em mercansias se trocou a gerra que se pôs em calma e está de pior natureza que nunqua e sóo tem lugar os estanques que ao feito e posto na terra, nas carnes farinhas vinhos azeites e toda a mais fardagem de fazenda que troxe *Juzé fernandes* e os mais da sua companhia, que se repartirão por as partes mais remotas, Garasú, Goyana Paraiba e com grandes penas a que não pasem outras tais fasendas que as suas da jangáda pera diante que hé hũ Rio que chamão o do Estremo 4 legoas destes coarteis, cousa mal prometida e pior aceita, sem poder remediar nada nem ainda com a superintendencia da Camara que pera iso está subornada por hũ juiz compadre, procurador de sua casa a quem elle casou e que tudo encontra e por lhe ficar mais a seu comodo o fes meter agora por os governadores na serventia do escrivão da Camara que está vaga por asim sendo fazer na Camara nada sem que elle saiba e sonegarem as entradas dos navios e fazendas que trazem vinhos e azeites de que se paga imposição e que oje não há e dizem que V. S. ordena asim e falos asinar os com que podem e tem confiansa pera subornar e asim o menos porque se vende hũa vara de pano he sinco e seis tostões, hũa arroba de farinha 1660 rs., hũa canada dazeite sinco patacos e hũa de vinho dois crusados e tudo o mais a este respeito, juntando todo quanto dinheiro há e aviá na terra com que está recolhido e riquo e com o que tirou de donativo, prata e ouro sem constar de Receita nem despeza nem constará nunqua porque o converte em sange em si e fas conta que paga com os trapos que comprou e tinha a Infantaria e paga ao mercador *Juzé Fernandes* e outros com muito asucar que achou por os emgenhos de judeos flamengos e com os que fes quando aos mais mercadores se lhe queimarão e abrasarão suas fazendas e canaviaes, alem de darem o que tem de mantimentos carnes e farinhas e o mais que lhes pedem com boa vontade por se

verem livres dos soldados sem presudisois rogos nem rigores mais que hũ zello de liberdade que he o que nos obrigou levantar, entendendo tinhamos a V. S.ª pera nos emparar e defender e governar como espera ainda este afligido povo e porque V. S. saiba tão bem das partes e calidades deste noso verdugo são as seguintes:

Partes e calidades de *João Fernandes Vieira*.

Veyo este S.or a esta terra e Capitania de Pernambuquo da Ilha da madeira donde hé natural e filho de hũa mulata Rameira a quem chamão a bemfeitinha e de hũ homem que lhe dão por pay que foi ali degradado em titolo de ladrão, chegando aqui se alquilou e pôs a servir a hũ *João peres Coreya* homem de nasão e depois deste a hũ marchante por nome *Affonço Roiz serrão* pera lhe matar e cortar carne ao povo por ser obrigado na vila dolinda alhadar e vender como hé ordenado por as Camaras das sidades e vilas e lugares no que se exercitou alguns annos e depois veyo a ter ao Arayal de *pernamerim* o mesmo oficio que fazia com pontualidade e diligensia enquanto ouve gado e o araial esteve em ser na companhia de algũs negros que se lhe derão pera o ajudarem a dar e partir carne a emfantaria e depois pondo se serco ao Arayal foi rendido por os flamengos e este honrado S.r nelle que serviu de olheiro e malsim dos que dentro estavão e se resgatarão por dinheiro entrou nestes com serto o *Estacor* como governador da gerra com ho coal se meteo e lhe deo por Rol e alvitre as pesoas que tinhão cabedal e principaes e outros muitos que elle conhesia fóra e dentro do arayal e sabia tinhão dinheiro ouro e prata como foi a *Pantalião monteiro* que hera muito Riquo e tomarão mais de vinte mil cruzados, prata e ouro dinheiro e escravos a mulher do *Capitão João Dias* a quem chamavão a *bombarda* por ser dantes casada com o capitão *Pero fernandes Veiga*, oito mil e tantos cruzados em dinheiro cadeyas de ouro e prata lavrada e muitos escravos, hão *Judique* sinco ou seis em dinheiro ouro prata e escravos em que entrou hũa Mulata *Bernarda* que andava amancebada com o dito e desta maneira e outras muitas pessoas a quem fes trazer e descobrir muito dinheiro prata e outras muitas pesas de ouro athé prata de muitas confrarias e egrejas de maneira que com tanto numero

e cantidade de dinheiro amoedado ouro e prata lavrada escravos emcheo e pôs o dito *Estacor* que cobrou com elle tanta confiansa que o fes seu tezoureiro de todos seus haveres que maĺ adqueridos tinha asim de raiz e escravaria que o deixou em seu lugar tenente pella confiansa que delle tinha e lhe aver dado tanto tendo parentes e cunhado que sóo a elle elegeo e deixou indose para Olanda com 3 emgenhos mais de coatrosentas pesas de escravos furtados muitas fazendas em hũa logea moradas de casas no Reciffe e de tudo o fes S.or e se foi para Olanda ficando soo com o encargo de lhe segir o que quizese e se lhe não tomaria mais conta do que elle quizese dar logo com este grande cabedal e fazendas de tantos que oje padesem e vem os seus escravos sem se poderem valer delles com a potensia que adquerio este cão traidor a Deus e a el Rey e aos homeis se meteu em comprar outros dous engenhos boas fasendas que mais tem e comersios e mercansias tomando os dizimos e pensois algũs tunos metendose em grandes faustos que veyo a descair e desfaleser em cabedal por onde o dito *Estacor* lhe mandou de Olanda diser por endustria que por elle pagasse ca cantidade de mil cruzados e como este cão tinha adquerido reputasão com os flamengos se obrigou a Companhia e fes hũa grande soma de dinheiro a quem se obrigou que forão sento e oitenta e tantos mil cruzados e que deu por seus fiadores a *Bernardim de Carvalho* e *Francisco de biringel* não tendo elles mais do que elle lhes dava e assim fes tantos empenhos que veyo a sair-se do Reciffe por o poco credito que já tinha e devia á Companhia e particulares mais de quatro centos mil crusados.

Vendo se neste estado, como he máo e ativo fes consideração de quem era do que tinha ofendido este povo que tão escandalisado estava delle e dos flamengos e conheceo que com coalquer ocasião que tivese ou lhe desem com piquena causa se moveria e levantaria pello que tratou de sesaniar com os flamengos e juntamente com o *Marquez de Montalvão* que governava na Bahia e porque faltou no governo o fes com V. S. a quem agradou sua trasa e promesas e pedio que o ajudase nesta ocasião em que queria se levantar com o povo fasendo se cabeça pera o que buscou os de sua parsialidade homeis livianos e mal nasidos

prometendo-lhes onrras abitos mersês e toda a fazenda que descobrisem fose de judeos e flamengos e par sesaniar melhor com V. S. pós na Bahia em mão de *Antonio de freitas da silva* cantidade de dinheiro joyas e pratas e ouro e convocou tambem algũs homeis nobres e ambiciosos pera se autorizar e a todos estes de sua conjurasão emdusio a que fizesem empenhos no Reciffe com a Companhia judeos e flamengos pera que ficasem riquos composem sem repararem em inconvenientes e o que podia soseder de males nem na palavra Real de S. Maj.e dava em fé de pazes. Alguns destes, se não forão todos fiserão dittos empenhos e logo a modo de comjurados se levantarão e no mesmo histante que o fizerão avisarão a V. S. que os assistise com gente armas e munisois que estavão levantados e caresião do sobre ditto, logo que os flamengos forão avisados por pesoas da mesma fansão do levantamento, tratarão de os buscar e mandar por as mais capitanias tomar as armas aos moradores e matalos e roubalos como fizerão no Rio Grande e consegirão o mesmo em toda a parte se V. S. não acudira com tanta brevidade e com seu favor e gente que se ajuntou ao sobredito e seus confederados e mais povo que já os segião aos quaes foi buscar no mato das tabocas e se virão desmayados por ser o partido desegual comtudo antevendo o perigo resistirão e tiverão vitoria do enimigo que parece Deus o premetio asim pera se levantar todo o povo destas coatro capitanias e tratar de se defender e faser gerra ao Enimigo mais constrangidos das mórtes que vião e medo que por confiansa que tivessem de lhes poder resistir nem de serem socoridos de V. S. tão em breve como fomos com muita gente armas e munisois com que nos defendeu e amparou de tão videntes malles. Mas a vista deste socoro e vitoria que alcansou ao enimigo vendo já todo povo segillo e levantado tomou este cão tão grande dominio sobre os pobres moradores vidas e fazendas que ai absoluto os caluniou logo de trahidores hainda ha muitos da sua fansão e comjuração que se alevantarão com elle por não caber em seu so peito amalos e estimalos por nobres dando de mão a nobreza da terra que não adverliu hũ soo homem antes prendeo afrontar com efeito pallavras e obras obrigandoos faser e asinar papeis mentirosos e falsos pera acresentar seu dominio e enfor-

mar a V. S. e S. Maj.e que forão enganados com este povo indusindo a muitos que nesa cidade da Bahya e em Portugal tinhão intelligencia e herão e sã conhesidos escrevesem e fizesem muitas cartas em seu favor aos ministros e religiosos e ainda a V. S. para que o levantasem e declarasem por Governador absoluto aquelle que fez robar por vezes o povo tirar lhe as armas matar enforcar estropiar a muitos asim soldados da Campanha como moradores e outros foi pesoalmente buscar e prender como fez a sinco que fez enforcar nos *apecucos* juntos e outros queimar vivos dezonrando e infamando tantas casas mulheres e doselas e o pior de tudo era que o poblicava e chegou a diser diante de muitos honrados homeis que matou ao compadre a vista da mulher por ficar com ella a sua vontade aquelle que fes matar a *Alvaro Velho barretto* a espingarda e trás os matadores que feitos capitais por soo estranhar suas cousas por malfeitor aquelle que esteve muitos Annos privado afastado da igreja sem se confesar nem comungar nem se lembrar que tinha nome de cristão este se fez absoluto por não decair nunqua de sua altives e prosperidade pois se perguntasemos com quem se confederou e ajuntou foi com o sogro *Francisco de bringel* tal como elle em partes e costumes, fraco e arogante grande traidor grande ladrão bebado e que consegira té agora deste levantamento muitas mortes muito desemparo de honras miserias robos que fazem elles e os desta parcialidade nos bens e fasendas não soo dos judeos flamengos mas dos pobres moradores portuguezes vejase as caxas de asucar que se comboyão e carregão a *nazaré* que carros as levão com titulos de caxas de S. Maj.e e o mesmo as fasendas que trazem sem por isso lhes darem nem pagarem hũ tostão nem sua majestade ter hũa soo caixa nem lha darem que muitas lhe pertencerão mas soo tem nome dos sobreditos alem de muitas que fás nos coatro engenhos que esta safra toda moerão e lhes não faltarão pessas nem muitos bois faltando por ventura a seus donos veja-se tambem a prosperidade em que oje está e veja-se a emque estava de miseria quando se levantou que soo as fasendas com poucos negros e bois tinha e não basta com a occasião da gerra tiranizar o povo e moradores mas agora o fas absoluto pondo estanques asim nas fazendas secas que atravesa

e manda vir como vinhos azeites farinhas gados e tudo o mais a este respeito vende absolutamente sem este triste povo que clama o poder remediar ora remedeye Deus e V. S. com mandar devasar deste tyrano geralmente e não seja em particular por Padres da Companhia nem por outras pesoas que todas contenta e fazem suas partes seja a desposição do vulgo e mais queixosos e venhanos V. S. governar e não outrem porque fará o mesmo que dos mestres de Campo que lhes constituiram tudo o mais que queria e com dar conta a V. S.ª somente em toda a verdade fico descansado na consiensia o mesmo faso a hũ Ministro e S.ᵒʳ do Reino de Portugal que sou serto ha de comunicar a Sua Real Magestade e porque me não conhesão a letra que se tenha notisia desta o fasso tresladar por hũa pesoa inconitta com muito risco. G.ᵉ Deus a V.ª S. muitos Annos. Cappelão de V. S.ª que o encomenda muito a Deus.

Relasão verdadeyra do alevantamento De pernãobuquo e governo dele

João fernandes Vieyra veio a privar tanto com os flamengos que veio a ser senhor de sinquo emgenhos comprados todos a flamengos estava tão acreditado no Resife que quantas pessas e joias de riquo presso e diamantes avia tudo comprava fiado tanto assy que devia mais de trezentos mil crusados e essa foy a principal causa de seu alevantamento felo comunicar com as pesoas de sua fansão que todos estavão devendo a flamengos e judeos muito dinheiro donde foy *francisco berenguer* seu sogro e *Cosmo de Crasto paços João Lourenço francez Antonio e Manuel Cavalcanty João Cordeyro de mendonha Antonio da silva, amaro Lopes madeyra Luis da Costa sepulveda* e outros mais do capitão *Antonio Carneyro* e *bernardim de Carvalho* estes não devião mas forão com eles com temor dos flamengos dia de Santo Antonio 13 de Junho do anno pasado de 645 por suspeytas que já os flamengos tinhão deste alevantamento man-

darão prender o dito Vieyra e ho não acharão em caza por aver meses que não dormia nela por já se temer e em lugar de se fingir hido pera a bahia se meteo pelo mato com os nomeados asima donde mandou por editaes em parages que todos se alevantasem e o acompanhasem com penna de morte e de os averem por traidores a sua real magestade sem pera iso aver armas nem polvora nem munisois e com temor largarão suas cazas familias e fasendas de que despois o flamengo lansou mão saqueando geralmente a todos e as mulheres dos ausentes e filhas arrastavão e entregavão ao gentio pera as desonrar como fizerão a muitas cazadas e donzelas e matando a muitos que achavão e tanto assy que tambem mandou cartas ao Rio Grande pera o mesmo efeito de que o inimigo teve notisia e em *Cunhahú* mandou ajuntar a todos os moradores daquella parte em hũ dia santo em dominguo na igreja donde a todos tomou as armas e os mandou meter na igreja e ali os entregou ao gentio que tinha emboscado e a todos matou e ao vigario que estava pera dizer missa não escapando daquy mais que *Gonsalo doliveyra* e dous ou tres cryados seus oficiaes do engenho que fugirão por onde se consegio que o dito *Gonsalo de Oliveyra* foy o que os missionou em cabo de sinco semanas que avia, andava o flamengo com poder atrás deles, se encontrarão no mato donde tiverão um encontro milagroso por ser grande o poder do flamengo que devia ser mil e duzentos entre flamengos e indios e suposto que o nosso poder era poquo menos em numero de gente, erão poucas as armas de foguo que não chegavão a trezentas e foi a peleja em paragem que dos nossos não pelejarão duzentos de sorte que pelejarão té pera noyte que com ella se retirou o enimigo com perda de tresentos entre mortos e feridos que bem conhesemos todos fóra milagre do séo e não animo nem esforso dos homẽs posto que lhes não faltou alguns nossos morrerão mas forão pouquos. Daly a quinze dias em 17 de Agosto chegou a *varse João fernandes Vyeira* com da sua gente e *andré Vydal* com a da Bahia que tiverão aviso como o flamenguo levava pera o Resife tres molheres dos retirados as coais tinhão na casa que foy de *Jeronimo paes,* abaixo do *arraial velho* do nele ...... tinha feito engenhos e casas de sobrado grandes e fortes donde o go-

vernador das armas estava com todo o poder e conforme o que soubemos e eles confesarão que naquele dia nos degolavão a todos se Deus como pay de Misericordia nos não acudira como acudio com este poder que com grande alvoroso e animo os forão buscar e o enimigo veio reseber a nossa gente fora em hũ sercado mas pouquo se detiverão que loguo forão de corrida a recolherse na *Casa forte* e outros fugirão para o Resife e querendo por foguo as casas por eles não quererem entregar se entregarão a bom coartel e os indios que eram noventa a todos degolarão sem se dar vida a nenhum e com esta vitoria se recolheu a nossa gente ao engenho de *Luis Ramires* que hé agora do dito Vyeira donde estiverão dous meses sem mais tratar de gerra e só se ocuparão em jugar de dia e de noite e as mais das paradas de vinte, trinta e corenta dobrois como quem os não ganhou e logo se fizerão papeis por parte de *João fernandes Vyeira* en que todos asinamos fazendo-o nosso governador hũs asinavão por serem da sua fansão, outros com medo e temor que como estava tão soberbo contra os que não ho acompanhavão todos tratava de traidores asy lhe asinamos todos os papeis que ele quis em seu louvor e favor e loguo comesou a fintar a todos em dinheyro de contado e os pobres que ho não tinhão estavão no tronco e golilha até o darem como derão e os que não podiam alcansar dinheiro davão prata e ouro pelo pezo e esta prata se consumiu como tambem o dinheyro que não seguira que se gastou por coanto forão mais de vinte mil crusados e deses se derão pela forssa do *pontal de nazarét* sinco mil crusados os coais vierão da *Bahia* pois com os soldados e feridos e doentes supriu e suprem os moradores que tem dado tudo coanto tinhão de criasois de vaquas e bois e farinha e já não tem mais que dar pois cavallos tem os dous governadores mais de hũa duzia dos melhores que havia na terra cada hũ, huns que os davão por vontade e os outros tomados tãobem hũa molher que morava nas *Salinas* por nome a *segua* por não dar dinheiro deu huma cama muito rica que diz lhe custara dusentos mil reis e a *Abel pachequo* hũa colcha de montaria muito rica de muito preço e outras pessas e tudo isto tem *João Fernandes Vieira* que fas papeis que fisera esta guerra á sua custa e ela he feita

com o sangue dos pobres e todos estão muy ricos assy governadores como capitais com muitas peças e bois que ficaram de flamengos e judeos que se repartiu com os da sua fansão bois que se tomarão e vem do Rio de São Francisco dos moradores e outros que vierão do Rio Grande os bois se anoytecem no curral não amanhesem e he tambem o governo que entra a farinha e gado nem se tomasem conta nem se toma a quem a despende que hé *João Cordeyro de Mendanha* a quem fes almoxarife dos mantimentos e he por ser hũ dos da sua fansão que devia sete ou oito mil crusados e andava ausente pera não prenderem e oje dizem que tem furtado mais de dez mil crusados e será porque o trato he larguo.

tornando atraz, estando este governo na casa do *Ramires* daly a sete ou oito dias chegarão dous homes do Rio Grande pedir socorro por averem deixado todos os moradores com suas familias metidos em duas cercas fortes até lhe hir socorro e como eses governadores se ocupavão so em jugar e regalar e não saber como dispôr da guerra, não tratarão de socorrer aos pobres que em tanto aperto estavão defendendo-se do enimiguo com algũas armas que tinhão dous mezes e assy se dilatarão sete semanas, sendo todos os dias importunados dos dous homes que a isso vierão, em cabo dellas se resolverão a mandar socorro que coando lá chegou o avião morto a todos, averia sete ou oito dias que já desesperados de remedio ce entregarão com promesas que o flamengo lhe fez de vida e fasendas e em os tirando das forças os entregarão ao gentio e tapuios que com grande crueldade matou a todos grandes e pequenos e nos mais deles abrirão pelas costas e lhe tiravão o corasão e lingua e as mulheres que deixavão com vida assy casadas como donselas desonravão os mesmos indios e se mandarão o socorro a tempo em coanto estavão vivos ainda que fora pouquo se defenderião e não hera o inimigo senhor de tanto coanto avia no Rio Grande e de quinse ou desaseis mil cabesas de gado que avia do qual he agora senhor e chegarão a tal estado faltas de gente e mantimentos que todos entendemos que por falta de governo não está o Recife por nós, que os rendidos que vem para nós assy o dizem e estamos todos tão temidos que não ha quem fale palavra

que quem aserta de falar he mofino e o mesmo escrever as mercês que se fazem e cargos e ofisios são aos apaniguados e aos de sua fansão e criminosos que o acompanharão no mato como foy o *Luiz da Costa Sepulveda* este devia no Resife oito ou dez mil cruzados e corria tres annos andava ausente e o fes capitão de cavallos com gineta na mão sem soldados e lhe deu em nome de S. Maj.e hua propriedade na vila de casas e olarias e negros que forão de um judeo por nome *Baltasar da fonseca* o que val 8 mil cruzados a hũ *Antonio da Silva* que foy filho de hũ ferreyro do Resife, christão novo por parte de sua may por ser casado com hũa prima de sua mulher este sinco ou seis dias antes do seu levantamento tomou no Resife sinco ou seis mil crusados de telas e bordados e outras fazendas e joias, a este fez capitão de cavalos pagos com corenta cruzados cada mez // *Antonio Beserra* fez comisario de cavalos tambem pago este tambem estava empenhado no Resife, a hũ *Francisco de Lisbôa* cristão novo fez tambem capitão de hua companhia este matou a *Alvaro Velho barretto* a espingarda com seu favor e ajuda a *Amaro Lopes madeyra* que devia dose mil cruzados a este fez escrivão da Camara // ao timbo fez tambem servir de chacorreyro e outras cousas mais sendo home vil e o fizerão tabalião e escrivão do auditor e escrivão da almotasaria // a *francisco berenguer* seu sogro serve de juiz ordinario e juiz dos orphãos, ouvidor e auditor // outras muitas propriedades tem dado em nome de S. Mag.e e entendo que todas as casas do Resife tem dado // ao *Capitão Taborda* que sempre foi ladrão da Campanha a este deu hũ engenho inteyro com fabriqua e cobres, tem pasado enfinitas sertidões hũas com verdade e outras falsas // o engenho que foy de dona *Caterina de Moura* que estava ao longuo donde o fez o Amaral o coal pesuhia hũ flamengo e estava feito de novo este loguo no principio lhe mandou tirar os cobres que vierão muytos e ferros e correntes e tudo coanto avia no dito engenho mandou levar para o seu aproveytandose de tudo pois pessas que tinhão comprado os moradores no Resife ainda por pagar todas, mandou tomar e repartir comsiguo e com quem quiz emfim temse enrequesido assy governadores como seus ministros em breve tempo e pobre do miseravel povo que tanto sofre e tam perse-

guido está e se dura isto muito tempo tudo ficará perdido e todos sem remedio algum a sua real magestade ha mister muito par dar as promessas que se tem feito e dado em seu nome de abito e vierão aquy muitos vinhos e todos atravesou e pos estanques que ninguem vende senão ele, // nos seus engenhos sempre moe mas com o sangue dos pobres que por ser governador manda vir todos os carros e o servem sem lhe pagar e as caixas assy suas como algumas que se dão ao dizimo todas vão nos carros a *Nazaret* e delas nem as pipas pagão nada e sey de boa parte que da carga da caravella que foy delrey se fez despeza de duzentos mil reis de carreto de páo brasil e caixas a conta de S. Mag. sem disto se pagar nem vintem e tudo asy vae e todos furtão e com tanta ambisão reseio que nos falte o favor do Séo que té agora todos os bons susessos são por milagre que nos Deus faz e não por se dispor da guerra como foy ir em a tamaraquá e tendo coaze a forssa de sima ganhada perdeu e pelo pouquo governo deu o enimigo nos nossos tomando-os descuydados e dormindo alguns entrarão e ferirão mais de dusentos.

Sendo compadre de hũ francez por nome *lamarge* e seu lavrador por lhe andar com a molher ho mandou matar hũa noyte fingindo que o matava a gente da campanha e dous outros mamelucos e mulatos que o matarão ao despois temendo que por eles fosse descuberto os mandou matar, mandando-os com cartas para Bahia a hũ por hũ e no caminho e nos matos os matarão este tal em coatro annos se não confessou e o padre frey *estevão* o tornou a reduzir á nossa fee // *Cristovão Alvares* mestre das obras estando em nazaret tapando a barretinha escreveu huma carta ao Governador Geral e outra a *Matias de Albuquerque* e teve *andré vidal* notisia disto o prendeo e o meteo no tronco dandolhe muita pancada e ferindo-o e na prisão esteve muito tempo até que foi nesesario soltalo para tornar á *Nasarét* acabar a frota da barra e nas cartas relatava toda a verdade deste bom governo e com esse medo e temor não ha quem se arrisque a escrever nem falar porque são tantos os olheiros que trasem que nada lhes escapa e tantas inteligencias tem que da bahia lhes tirarão as cartas as suas mãos.

Remettidas para Lisboa as cartas acima transcriptas em sua integra por intermedio do Secretario do Estado, foram enviadas ao Conselho Ultramarino, que em 22 de Setembro do mesmo anno de 1646 lavrou o seguinte parecer: «Havendo-se visto os dois papeis inclusos e considerada a materia de que neles se trata, por ser cousa de tanta consideração e que pede remedio effectivo e breve e assy para o governo daquelles moradores como para a justiça e castigo dos grandes excessos que fasem que merece haja exemplo para que Deus Nosso Senhor possa ajudar aos que merecem favor no estado em que estão e se castiguem aos que forem causa e a terem dado aos excessos vexações e escandalos e males que representão a V. Mag. nos ditos papeis e por este negocio é de importancia que V. Mag.e por elles mandará ver;

«Parece ao Cons.o dizer a V. Mag.e se sirva de ouvir ler para se inteirar que convem não haver delação em acodir com remedio a tão grande necessidade; e para que a V. Mag.e seja presente; que por este Cons.o se lembra a V. Mag.e que era necessario em aquella campanha, Mestre de Campo Geral e hum Auditor Geral que governassem a guerra e a justiça, poisque convem muito acudir aquelles vassalos por todos os meios possiveis. Lx.a 2 de Setembro de 1646. *Marquez de Montalvão. Jorge de Albuquerque. Salvador Correa de Sá e Benevides.*»

Levado ao conhecimento regio o parecer do seu Conselho Ultramarino foi este o despacho: «Diga-me antes o Conselho e parta *Francisco Barretto,* sobre o que lhe parece o que devo fazer sobre o que apontão os papeis inclusos. Lx.a 30 de Janeiro de 1647».

O Conselho finalmente assim se pronunciou:

«Sr.

Vendo-se neste Conselho a resolução de S. Mag.e posta á margem desta consulta:

Parece a Salvador Corrêa de Sá e Benevides que vendo os papeis inclusos, achava serem cartas minimas sem firma e vindas da campanha de Pernambuco onde governa *João Fernandes Vieira* e que por cuja causa tem muitos inimigos; o primeiro

que naquella campanha ha guerra e fome causa de haver pouco gosto e hé força se atribuam estas a este homem como a primeira pedra desta revolução; o segundo que como governador não pode dar gosto a todos e para se fazer hũ papel sem firma basta hũá só pessoa e se tiver um parente trade fará muitos; o terceiro que como *João Fernandes Vieira* forão seus principios humildes, sofra mal a inveja da nação portugueza ser avantajado aos de principios semelhantes; o quarto é que a gente de Pernambuco não é da mais escolhida deste Reyno e ainda dessa se retirou a melhor no tempo da guerra e a que ficou com os olandezes hé amiga de novidades, e asy com desluzir as acções deste homem, o procurão com outra cabeça da qual em estando lá quatro mezes hão de dizer o mesmo; o quinto que como o Governador Geral lhe mandou queimasse os engenhos e cannaviaes e esta gente não teve outro remedio, parece que não podia deixar de fazêl-o nem queimal-os todos, porque o assucar e vinho de mel he sustento e assy hé força que houvesse queixosos e o mesmo de tudo o mais que pedisse para susento dos moradores e soldados pobres e ninguem quer justiça em sua casa.

E assy lhe parece conforme as razões apontadas V. Mag.e deve mandar ao Mestre de Campo General afaste o dito *João Fernandes Vieira* por bom modo de maneira que se entenda naquella campanha que nasse do dito Mestre de Campo, para que assy recobrando os animos dos que estão contra elle e não dezespere com excesso o castigo dos da banda do dito *João Fernandes Vieira*, pois no tempo presente ainda com devassas e papeis muy fidedignos não convem obrar em parte em que tanto se necessita de procedimentos de prudencia, quanto mais por papeis sem firmas que se não devem admitir e melbrando Deus as cousas se tratará de castigar a quem o merecer.

A *Jorge de Albuquerque* parece que os crimes contidos no papel que se acusa do aviso que se deu a V. Mag.e sobre o sucedido em Pernambuco de que se dá por oppresor *João Fernandes Vieira* são de qualidade que qualquer delles hé digno de hũ exemplar castigo, sendo asy como no dito papel (se causa) e por esta rezão deve V. Mag.e exactamente mandar devassar da materia, por pessoa sem suspeita e capaz de a apurar e castigar

com grande demonstração as pessoas culpadas em qualquer das principaes culpas acusadas nelle.

Porque alem deste papel lhe forão á mão outros por differentes vias qoe continhão o mesmo e mais circumstancias e foi advertido por pessoa de Pernambuco nesta cidade do mesmo que contem o dito papel. E porque *João Fernandes Vieira* é hoje pessoa tão poderosa em Pernambuco e se diz que tambem na Bahia, e nesta cidade não é desamparado, lhe parece que V. Mag.e seja servido de o mandar logo vir a esta Corte, porque não estando em Pernambuco poderão aquelles moradores, livremente sem receio delle, jurar a verdade e com ella apurar se as culpas que contra elle se impoem o que se não poderia conseguir, se elle estiver presente, porque hũs por serem da sua facção, outros com medo ou peitados delle, não haverá quem contra elle jure a verdade e lhe parece esta materia de tal consideração, que se não acudir com brevidade com remedio será só a causa de se perder aquelle povo christão e vassalos de V. Mag.e sem intervir nisso poder de olandezes a quem V. Mag.e como Rei e Senhor Nosso está obrigado por todas as vias, acudir com todo o remedio na afflição em que, se diz, estão.

E depois de saydo daquella Capitania o dito *João Fernandes Vieira,* lhe parece deve V. Mag.e mandar, tire esta devassa, o mestre de Campo Geral que ora vay com o Auditor que levar deste Reyno, pois convem tanto ao serviço de V. Mag.e mandal-o áquella capitania, asy para este effeito como para os mais de serviço de V. Mag.e na fórma em que aquelle povo pede a V. Mag.e perguntandose pelas culpas apontadas no dito papel e pelas maís de que houver noticia, porque tambem se entende geralmente, não será de prejuiso da defensão dos moradores daquella Capitania a ausencia do dito *João Fernandes Vieira* antes que fora della, haverá mais conformidade e justiça, segundo a geral queixa que há dos seus máos procedimentos, e poderá tambem servir de demonstração para com os olandezes, poderse dar a entender em Olanda q̃. V. Mag. manda vir, por haver sido causa e cabeça daquelle alevantamento.

Jorge de Castilho diz que viu as cartas inclusas e é de justiça se acuda com os remedios possiveis para que os máos te-

nhão castigo e tão grandes atrocidades não vão por diante e fique exemplo.

Relata-se nestas cartas escriptas ao Governador Geral do Brazil *Antonio Telles da Silva* as grandes maldades, crueldades, insultos e tiranias que fez *João Fernandes Vieira* naquela Capitania de Pernambuco e pouco fundamento com que se moveu aquella guerra, mais fundado tudo no grande empenho em que estava com os olandezes e judeos que havião e existião no Recife e mais praças sendo homem de ***baixissima sorte*** e que só tratou neste particular de tiranisar aquella gente do que servir a V. Mag.^e^ devia este homem conforme se avisa, mais de 300 mil crusados e vendo se já falto de credito impossibilitado de poder pagar, buscou este caminho tão prejudicial e para isso adquerio algũas vontades de homens de taes procedimentos como os seus, que só tratão de seguirem os seus paços e violentão os miseraveis e pobres e não se pode entender nem creio que em terra onde se fazem tão abominosos casos, ajude e asista Deus e asy; Parece que deve V. Mag.^e^ mandar com particular cuidado, encomendar ao Mestre de Campo Geral e ao Adjunto a elle, ou Auditor se V. Mag.^e^ fôr servido mandal-o nesta occasião, tirem devassa particular com todo o segredo e resguardo possivel para que se averigue a verdade, e se conheça que no Real Animo de S. Mag.^e^ não quer haja mais que justiça rezão e verdade e com ela quer conservar os seus vassalos, achando se este homem com as culpas que as cartas relatam, a elle se prenda e mandem ao reino, p.^e^ fique exemplo aos máos de verem se castigão culpas semelhantes e aos bons desejo e animo p.^a^ se avantajarem no serviço de V. Mag.^e^ O Marquez presidente se conforma com o voto de *Salvador Correa de Sá*. Lx.^a^ 17 de Fevereiro de 1647. *Marquez de Montalvão, Jarge de Castilho, Jorge de Albuquerque, Salvador Corrêa de Sá e Benevides.*»

Foi este o despacho regio :

«Como parece a Salvador Corrêa de Sá, accrescentando, que estes papeis se recolhão em parte onde não possão ser vistos. Lx.^a^ 20 de Março de 1647. »

ALBERTO LAMEGO.

ANCHIETA

A DOENÇA EUCHARISTICA DO NOVIÇO JOSÉ

PELO

DR. TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE JUNIOR

(SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO)

*

ANCHIETA

A DOENÇA EUCHARISTICA DO NOVIÇO JOSÉ

---

§ 1.º

Aos 18 annos de edade entrou Anchieta para o noviciado da Companhia de Jesus.

Este instituto conquistava, assim, o espirito mais poetico, o coração mais cheio de angelitude, de quantos o frequentaram. As inclinações mysticas de tão privilegiada natureza davam-lhe, então, um tom de tristeza, fórma original de piedade, que penetrava os corações vizinhos, perfumando a alma de todas as pessoas, que entravam no tracto dessa criança extraordinaria, com os effluvios da mansidão e da virtude.

A tristeza segundo Deus, definem os Sanctos Padres, é o estado d'alma que se traduz na nostalgia da perfeição divina. A nostalgia não é isenta de um sorriso celestial, como os mysticos a sentem por vocação, — riso que, não procedendo dos musculos, irradia transfigurado sob a penumbra do olhar, numa elação etherea. Essa alegria nostalgica apossou-se do noviço José, desde os primeiros passos da sua vida consciente de devoto.

Quando, na Universidade de Coimbra, souberam os condiscipulos que José ia ser jesuita, foi um chôro e uma saudade universal. Alegraram-se, porém, os noviços da Companhia, porque recebiam no seu seio uma influencia nova que lhes ia aquecer o amor divino, porventura adormentado na casa em que se preparavam.

Diz um biographo que Anchieta a esse tempo fazia de si o

conceito mais humilde. O odio sancto contra o corpo era a condição essencial para a sua intima união com o Deus que adorava. Esse odio, porém, tinha um significado que não é o commum. Entendia que a fragilidade dos orgãos servidores das faculdades eram como um constante impecilho aos surtos do seu espirito, do que resultava o seu resentimento contra a carne.

No fôro interno a oração era contínua; apezar disso, a vigilancia externa não lhe desfallecia ainda, como aconteceu depois. Assim ninguem com egual escrupulo observava as mais insignificantes prescripções do instituto. A beatitude permanente de seu coração angelico não creava por este modo o minimo obstaculo á sua vida activa, no conselho, no exemplo, no trabalho, no padecimento; de onde dizer-se que nesse tempo José de Anchieta já vivia abrazado no anceio da salvação das almas, principalmente da sua.

Tão precoce e excessivo ardor deu que pensar aos seus directores espirituaes.

O corpo do noviço resentia-se de falta de resistencia, o que obrigou seus superiores a moderarem tão excepcional actividade.

A resolução foi um pouco tardia. Aggrediu-o de subito gravissima enfermidade, e mais graves se tornaram as consequencias della.

Não satisfeito com os trabalhos materiaes, os estudos e exercicios a que era obrigado pelas regras da Companhia, não repousava nas horas que lhe sobravam. Punha-se a rezar de joelhos horas exquecidas e ainda por cima ajudava seis e septe missas por dia, zombando da fadiga, para castigar o corpo.

Similhante regimen, no qual o mysticismo innato do rapaz entrava em lucta com as faculdades prácticas de que elle era energicamente dotado, acabou por exhaurir-lhe as fôrças. Apoderou-se do devoto a asthenia muscular. Dôres agudissimas o excruciaram.

Ignorante dos segredos da nutrição do organismo humano, que é uma machina delicada, a intercadencia da accumulação de fôrça e despesa proporcional de energia, o ingenuo noviço, persuadido de que fosse offensivo do corpo aquillo que julgava tão

util á alma, embora apprehensivo, escondeu o seu mau estado de saude e reincidiu em eguaes excessos.

Trahiu-o, por fim, lamentavel desastre. Caïu-lhe uma escada sôbre os rins, do que lhe resultou a deformação do espinhaço e das espaduas; e conquanto supportasse o revéz com resignação, assaltou-o o receio de que com o incremento da enfermidade fosse privado de exercer o ministerio apostolico, sua unica ambição terrestre.

Destes temores sagrados consolou-o intrepidamente o padre Simão Rodrigues, superior dos Jesuitas em Portugal, fazendo-lhe ver que, não sendo aquelle achaque mortal, com certeza assignalava uma prova de que Deus o preparava pelo soffrimento para a sua gloria.

§ 2.º

Começaram então as endoenças de Anchieta.

Dous annos duraram os martyrios physicos desse corpo fragil porque, no que toca ao moral, a mais completa e heroica serenidade lhe invadira a alma. A verdadeira dôr, que elle sentia, mas uma dôr nostalgica do céo, era a de não ter o coração mais largo para conter o seu amor das cousas divinas.

Na vida mystica encontrou o noviço, a principio, grande allivio, e a contemplação do mysterio da Eucharistia inundou-o com o perfume da religião do Christo. Dedicou-se, pois, á adoração permanente do Sanctissimo Sacramento.

Será o mysticismo, em todos os casos, uma molestia?

O exemplo mais frequentemente citado é o de Sancta Tereza de Jesus. Innumeros estudos medicos existem publicados, no intuito de provar, á luz da sciencia, que essa mulher foi uma hysterica superior. Quem, porém, ler com exame esclarecido as «Memorias» de sua vida e especialmente a sua correspondencia epistolar, terminará pondo em dúvida a seriedade dos escriptores que retrospectivamente diagnosticaram a enfermidade da sancta.

E' certo que os grandes trabalhos emprehendidos por Te-

reza de Jesus provocaram, durante o decurso de sua existencia, accidentes graves, que trouxeram em risco a saude corporal dessa religiosa, cuja resistencia e poder de agir eram admiraveis.

A raça, a familia, a educação, os exercicios espirituaes, desde os primeiros annos, coadjuvados por uma imaginação poderosissima, são sufficientes para explicar o curso de sua existencia e a transverberação do coração da sancta, sem evasão da esphera normal da humanidade, nem ingresso na região onde começa a vida crepuscular do louco.

A hypothese repugna desde que se tenha lido com attenção aquella sua correspondencia epistolar.

Póde-se, até certo ponto, affirmar que a actividade de um Napoleão resultasse da grande intelligencia do homem de genio, larvada de epilepsia, porque, á primeira inspecção, verifica-se que esse individuo era «um mutilado». Havia no seu character lacunas consideraveis, como, por exemplo, a completa ausencia de bondade.

Em Tereza de Jesus, porém, essa virtude impunha-se como a pyramide sôbre que repousavam todas as qualidades que fortaleciam e harmonizavam o seu character.

As suas cartas o demonstram exuberantemente. Com lucidez extraordinaria esses documentos assignalam a vida exterior da filha de Cepidas como o exemplo perfeito de laboriosidade da mulher forte e equilibrada. E' a fundadora da reforma das Carmelitas Descalças, a administradora indefessa, a mantenedora da ordem, guia imperturbavel dos que precisam de suas luzes e conselhos, a theologa sempre esclarecida, que se multiplica na direcção dos institutos até onde chega a sua influencia, e a quem, no meio de tantos trabalhos e por vezes tambem perseguições, sobra tempo para o carinho e a dedicação ás pessoas seculares, que necessitam de sua protecção.

Um dos casos mais characteristicos do esplendor dessa vida e da irradiação de tão eloquente bondade é o cuidado que Tereza dispensa a um ermão que se transportara para o Chile. Esse ermão recebia constantemente a correspondencia della, e graças aos conselhos da ermã e á direcção que de longe lhe imprimia

aquella religiosa, educou-se nas cartas e determinações que lhe enviava a preceptora e fez-se um homem forte e decidido para o combate da vida.

Similhantes factos estereotypam as qualidades visiveis de Tereza. Resta, porém, a actividade interior, a historia de sua vida mystica, de onde se tem de ordinario extrahido a documentação com a qual pretendem os criticos medicos condemna-la como hysterica e quasi louca.

Ora, é preciso nunca ter reflectido sôbre os *Exercicios espirituaes* de Sancto Ignacio de Loyola, que foi o mestre da práctica da oração no seculo XVI, para se levarem á conta de pura enfermidade os excessos mysticos adoptados por certos espiritos de eleição.

« Os exercicios espirituaes de Sancto Ignacio de Loyola, diz um commentador, são uma machina celestial para effectuar maravilhosas mudanças, como cada dia se experimenta. »

O mysticismo, porém, preconizado pelo fundador da Companhia de Jesus, e por elle systematizado, nada tem de commum com as prácticas do Oriente, que tendem a supprimir a personalidade humana. E' apenas a gymnastica psychica utilizada para fortalecimento das fôrças da alma com o fim positivo do retorno ás applicações á obra mundana. Tal gymnastica apura o coração, sem mutilar a vontade. As relações celestiaes, usando da expressão consagrada pelos hagiologos, afinam a sensibilidade humana, pela contemplação do typo de Jesus, para os fins da redempção do homem, transformando a terra no escabello do céo, e elaboram o verdadeiro typo de batalhador da Egreja.

E' indispensavel neste caso que a disciplina não mutile o disciplinando, porque então, esterilizadas as fontes da actividade util, o religioso corre o perigo da sepultura no estado da mais completa anesthesia psychica.

Anchieta estava em risco de perder aquella harmonia. As enfermidades, consequentes da quéda da escada, influiram duplamente sôbre o seu debil organismo. A resistencia physica diminuiu, sobrevindo-lhe uma séria obsessão. A sua ultra-excessiva adoração da Eucharistia converteu-se em uma doença mais grave do que a do corpo.

Veremos, em seu logar, como os ares da America lhe restituiram a saude e o equilibrio da alma.

§ 3.º

Porque esteve Anchieta em termos de perder a serenidade e a verdadeira angelitude? Di-lo a sua biographia. Do mesmo modo que a Tereza de Jesus, aconteceu-lhe apaixonar-se na perpetua contemplação de Deus pelo mysterio da humanidade de Jesus-Christo.

« Sendo a contemplação, diz a sancta, uma obra puramente espiritual, tudo quanto cai debaixo dos sentimentos póde, conforme ensinam os auctores, transformar-se em obstaculo ou impedimento. Segundo essas auctoridades, o que convém fazer é considerar-se a gente como num recinto, cercado por todos os lados de Deus e inteiramente inundado delle. »

A sancta pensava em principio que essa práctica era a legitima; mas o que lhe parecia abominavel era o completo afastamento de Jesus Christo, considerando o seu corpo divino entre nossas miserias como si pertencesse á classe das outras creaturas.

A sua contestação, pois, aos doutos lhe creou um novo supplicio; grande temor a assaltava quando se sentia obrigada a desmentir a affirmação dos sabios. Deus attrahe a si as almas por caminhos e por meios muito diversos. Firme nesta idéa, Tereza não se póde conformar com o que lêra nos doutores, o que foi para ella verdadeiro caminho da salvação.

«Creio, accrescentava, que aquelle que conseguir a união, sem ultrapassar certo limite, isto é, os arrebatamentos, as visões e outras graças que Deus concede ás almas, ha de admittir o que existe escripto nesses livros como a expressão do melhor, assim como eu propria o faço. Mas si eu houvesse parado ahi, estou certa que nunca teria attingido o ponto em que me acho. No meu parecer, seria uma illusão; mas o que é verdade é que si me engano, não é menos certo que delle fui victima buscando a verdade.»

Como não tinha mentor, lia todos os livros em que julgava poder encontrar algum ensinamento; mas, com o andar do tempo, comprehendeu que si o Senhor não a tivesse instruido, ella nada teria colhido das leituras, e só obteve o verdadeiro conhecimento quando o Senhor lh'o permittiu pela experiencia.

Anchieta, porém, longe disto, absorto no mysterio dessa humanidade, buscava caminhos que não podiam leva-lo a uma attitude clara e tranquilla deante desse mysterio. A oração tornou-se para elle uma especie de *sortilegio*. O feitio que esse enlace tomava na alma do noviço não era o recommendado por Loyola para cada situação. Dir-se-hia antes o principio da ankylose religiosa, que ordinariamente ataca as pessoas de espirito espesso e incapazes de elevarem-se á contemplação do que se considera a harmonia do dogma. Anchieta era bastante intelligente para evitar esse mau passo; mas não o evitou, o que seguramente encontra a sua explicação no estado de infantilidade em que recaïu devido ao desastre que o victimou, deformando-lhe a espinha.

Na eschatologia dos apostolos e principalmente na de S. Paulo encontra-se a idéa de um corpo espiritual. Mas dizem os doutores que essa idéa não passaria de uma grande aspiração, um desejo de soccorro e não mais do que isso, porque São Paulo não definiu exactamente o que é similhante substancia, isto é, si feita de uma terceira, participando das qualidades da materia e do espirito, por tal modo livre dos characteres que difficultam o exito da idéa de resurreição, ou si um symbolo ou pintura da realidade fóra disso inapreciavel.

E' quasi o conceito que o espiritismo ou espiritualismo moderno fórma daquillo que os sectarios denominam *per-espirito.*

Concepção swenderborgiana, de accôrdo com a qual os adeptos buscam explicar a acção da vida invisivel sôbre os seres humanos. Do mesmo modo que Swedenborg, os actuaes espiritas fundam a sua theoria na realidade da experimentação. Com certeza o illuminado Sueco não se suppoz transportado em corpo terrestre ás regiões que visitou e que descreve nas obras *Archana* e *De cœlo ac inferno, ex visu et auditu*, mas alli esteve em

per-espirito ou corpo astral. Todavia, em toda sua obra não se encontra definição clara e exacta do que seja esse corpo.

Wallace, em seu livro *Os milagres e o espiritualismo moderno*, [1] declara que existe uma hypothese, velha em seus principios, nova em alguns pormenores, a qual reune certos phenomenos em departamento da natureza até agora ignorado da sciencia e vagamente meditado pela philosophia.

«Segundo essa hypothese, aquillo que, na falta de termo melhor, chamaremos o *espirito*, constitue a parte essencial dos seres sensitivos, de que o corpo constitue apenas o mechanismo e o instrumental por meio do qual percebem e agem sôbre os óutros seres e sôbre a materia. Só o *espirito* sente, percebe, comprehende, adquire conhecimentos, raciocina, deseja, — bem que não possa fazer tudo isso sinão por intermedio do organismo, ao qual está ligado e numa exacta proporção com a natureza deste. *E' o espirito do homem que é o homem.* O espirito é o pensamento; o cerebro e os nervos são apenas a bateria e o telegrapho magneticos, por via do qual o espirito communica com o mundo exterior. Não obstante ser o espirito em geral inseparavel do corpo organizado, ao qual dá vida animal e intellectúal, pois que as funcções vegetativas do organismo não se mantêm sem aquelle, não é raro encontrar-se individuos constituidos por tal maneira, que o seu espirito póde perceber independentemente dos orgãos corporaes da sensação, ou seja susceptivel de deixar, parcialmente ou talvez completamente, o corpo por algum tempo e depois voltar ao mesmo. Quando a morte se verifica, elle o abandona para sempre. O espirito, como o corpo, obedece a leis proprias, e as suas faculdades são sujeitas a limites definidos.»

Postas estas bases, Wallace passa á questão da *mediumnidade* e do per-espirito. Na sua opinião, o espirito que viveu e evoluiu suas potencialidades no envolucro do corpo, quando se separa deste corpo nada perde das fórmas anteriores do pensamento; as inclinações continuam as mesmas, de egual modo os

---

1 *Op. cit.*, trad. franc., p. 140.

sentimentos e as affeições. Ausente do corpo material, o espirito mantém identicas condições de existencia. Nenhuma acquisição subita de novas propensões mentaes; nenhuma transformação de natureza moral. O progresso só se faz pelas novas encarnações.

Enquanto ligado ás condições da vida actual, como no phenomeno da «dupla vista pura», dir-se-hia que o espirito, desligado dos entraves do corpo, chega á percepção das cousas por meios differentes dos sentidos ordinarios.

Nesse estado de clarividencia, diz Wallace, mais transcendente ainda e a que chamamos «viagem mental», o espirito como que deixa o corpo, ficando todavia unido a este por um nexo fluidico, e desta maneira póde atravessar as maiores extensões terrestres, communicando-se com outras pessoas em paizes distantes, contanto que haja qualquer indicio de localidade em que aquellas estejam, percebendo e descrevendo as eventualidades que occorrem em tôrno dellas.

E accrescenta que, dadas certas circunstancias, o espirito é capaz de formar por si mesmo, da emancipação de corpos vivos postos em relação magnetica especial consigo, *um corpo visivel;* e em condições ainda mais favoraveis essa substancia póde-se tornar tangivel.

A theoria de Myers, que de todos os espiritualistas parece o mais philosophico de quantos se têm deixado impressionar pelos factos em que se baseia essa pretensa nova sciencia, para chegar ás suas conclusões sôbre a existencia de communicações por via de meios differentes dos orgãos ordinarios, parte de um principio, aliás sustentado por Augusto Comte, de que o homem não vive nem morre para si sómente. Num sentido mais profundo do que o da metaphora, «nós todos somos membros uns dos outros.» [1]

«Como os atomos, continûa Myers, como os sóes, como as vias lacteas, nossos espiritos são systemas de fôrças que vibram

---

1 *La personalité humaine, sa survivance, ses manifestations supranormales, Op, cit.*, p. 409. Trad. e adapt. Jankelevitch. Pariz, 1905.

de continuo sob a dependencia mutua das respectivas fôrças attractivas.»

Para Myers, pois, o amor constitue uma especie de telepathia exaltada, mas não especializada, que se resolve na expressão mais simples e universal dessa gravitação mutua ou dessa realeza dos espiritos, bases da lei da telepathia.

É em similhante meio que se operam todos os phenomenos. Em tal região provavelmente as gerações futuras, pelo continuo esforço da actual e das que immediatamente se lhe seguirem, alcançarão desembrulhar o que ainda existe de confuso nesta vida, em busca dos lineamentos de um mundo superior, descobrindo assim «a substancia das cousas esperadas, a prova das cousas invisiveis.»

Infinitas, pondera elle, são as variedades da alegria espiritual. «Na epocha de Thales, a Grecia já havia experimentado a alegria da primeira noção vaga da unidade e da lei cosmica. Quando veio o Christianismo, a Europa recebeu a primeira mensagem authentica de um mundo situado além do nosso. Na epocha actual, surge a convicção de que as mensagens são susceptiveis de continuidade e de progresso, — que entre o mundo visivel e o mundo invisivel existe um caminho de communicação, que as gerações futuras se empenharão em alargar, illuminando-o.» [1]

Partindo do phenomeno da desintegração da personalidade, como nos casos do somno, do hypnotismo, da hysteria e de outras psychoses, Myers chega á concepção do genio, que parece resultar da integração do que elle chama personalidade *subliminal*, com a personagem supra-subliminal, por uma utilização em larga escala do ser psychico humano em vista dos fins postos pelo EU supraliminal.

É por via dessa consciencia vaga, mas verdadeira, do meio espiritual, que o genio do artista ou do philosopho obtem, pela concentração interior, a revelação de factos extranhos ao commum dos homens — factos que tendem, de mais em mais, a se tornarem *telesthesicos*.

---

1 *Op. cit.*, p. 407.

Accresce o automatismo sensorial e motór. Esse phenomeno origina a telepathia e a telesthesia. É por similhante caminho que penetramos no dominio, onde as limitações da vida organica desapparecem. Operando-se uma verdadeira dessociação da personalidade, que então começa a agir em um meio meta-ethereo, comprehende-se como se consegue explicar os casos até hoje conhecidos por apparições veridicas.

Para Myers a palavra espirito não significa sinão a fracção desconhecida da personalidade humana, que não é a sua fracção subliminal e cuja actividade nós sorprehendemos antes ou depois da morte naquelle meio meta-ethereo.

Os casos, portanto, de possessão, da extase, na sua doutrina, differem profundamente da que attribue a taes phenomenos character objectivo, averbando esta como um retôrno ás crenças supersticiosas da edade de pedra.

Segundo aquelle auctor, tudo assim se devia explicar por correntes conscientes ou inconscientes da personalidade humana.

Communicações da fôrça psychica, que se operam no tempo e no espaço por meios naturaes, cujo processo não podemos ainda submetter ao criterio rigorosamente scientifico, nem muito menos dar-lhe existencia práctica, ao alcance de todos.

Grandes analogias encontro entre essa doutrina e a disciplina dos yoghis. Na sciencia yoga ha, todavia, uma superioridade como práctica, e é que, sendo ella uma collecção systematica de leis destinadas á consecução de um fim determinado, o automatismo, de que falla Myers, entra por menor, pois que o seu alvo principal é justamente o desenvolvimento da consciencia. [1]

A doutrina yoga repelle esse estado vacillante das correntes humanas. A espiritualidade, segundo ella, é a relação da unidade; — o psychismo: a manifestação da intelligencia, através de um vehiculo material; — o yoga, a busca da união por meio do intellecto. O mystico, porém, procura essa mesma união por via

---

1 Annie Besant, presidente geral da Sociedade Theosophica — *Yoga*, Ensaio de Psychologia oriental; trad. ital. Boggiani, 1909 — p. 15 e 82.

da emoção. O seu processo nada adeanta, porque, fixando elle a mente sôbre o objecto de sua devoção, acaba por perder a autoconsciencia; e em um rapto de amor e de adoração, sente-se envolvido em uma grande onda de emoção, e arrebata-se até DEUS. E ahi temos o alheiamento pela idéa fixa, a consciencia isolada pelo sequestro de toda relação com o mundo, vasio de si, e cheio da divindade, o que constitue o triumpho do sancto. O objectivo do yoga é a realização, por ultimo, de uma idéa, que Herbert Spencer desenvolveu no campo limitado da sociologia evolucionista. Quanto mais o homem se aperfeiçoa, e a sociedade em que vive mais se civiliza, mais se accentua o vigor da sua personalidade pela complicada interdependencia dos phenomenos constitutivos da vida collectiva, os quaes tendem, por isso mesmo, a uma crescente integração ou unidade.

O NIRVANA, conforme a licção de Lafcadio Hearn, escriptor que deixou a perder de vista as explanações de Burnouf e Taine sôbre o budhismo, não é, em substancia, outra cousa, sinão a integração da actividade moral collectiva, pela subordinação do homem ás leis naturaes. [1]

Augusto Comte, sem embargo de limitar a evolução á sociedade planetaria, sustentou em como o homem nada é sem o concurso das actividades intellectual, affectiva e moral, desenvolvidas no tempo e no espaço. No seu elevado conceito quem fabríca propriamente a alma humana é a sociedade; o que não quer dizer que, por esse facto da subordinação sempre crescente, a humanidade, a individualidade do homem diminua, nem tenda a desapparecer; ao contrario, esse philosopho demonstrou que o individuo augmenta de valor á proporção que a sua vida moral mais se vai subordinando ao principio organico da vida em sociedade.

Ora, Lafcadio Hearn, estudando o budhismo e os principios em que se funda o NIRVANA, desembaraçando a philosophia dos symbolos que podem difficultar a comprehensão daquella religião, diz que, julgada a mesma no ponto de vista do agnosticis-

---

1 Lafcadio Hearn — *Gleanings in Buddha — Fields*, p. 224.

mo, sendo a persistencia o toque da realidade, e dando-se a circunstancia de que o buddhista encontra no universo visivel apenas um fluxo perpetuo de phenomenos e consequentemente o aggregado material não real, porque não persistente, mostra que a *relação* é a fórma universal do pensamento.

Essa relação, porém, pergunta elle, é impermanente ou tende a tornar-se persistente?

«Julgada sob esse aspecto, a doutrina buddhista não é antirealista, mas antes um realismo transfigurado, achando expressão condigna nas palavras exactas de Herbert Spencer: — Todo sentimento, todo pensamento é transitorio, e, portanto, a vida, que assenta inteiramente sôbre taes sentimentos e pensamentos, não póde tambem deixar de ser transitoria. Deste modo, os objectos, entre os quaes a vida atravessa, posto que menos transitorios estejam em parte a caminho de perderem sua individualidade, mais depressa ou mais demoradamente, tudo nos dá a entender que a unica cousa permanente é a INCOGNOSCIVEL REALIDADE, que se occulta sob todas essas fórmas mutaveis e oscillantes.»

De onde se vê que no fundo todas as concepções humanas convergem para o mesmo ponto, e que as divergencias nascem simplesmente do feitio dos signaes, das imagens, ou da linguagem, empregados pela faculdade discursiva do homem.

§ 4.º

Voltando á obsessão de Anchieta, não é difficil reconhecer a natureza da sua situação mental.

Tomado da ferocidade indigena que gera o egoismo mystico, elle cuidava que, entregando-se a DEUS, teria a salvação da sua alma garantida. A fraqueza physica o desalentava, em um crescendo enorme, e as suas faculdades mentaes, desamparadas da resistencia da carne, caïam, a pouco e pouco, nesse estado hysterico que desviriliza o homem e o transforma em uma especie de sombra humana.

A oração contricta, segundo Loyola, e a extase de alegria

celestial dissipavam-se. A enfermidade invadiu-lhe o cerebro com rudeza insolita.

O noviço, então, rodava deliquescente em tôrno do pensamento constante de ver saïr da Eucharistia o corpo material de Jesus. A hostia consagrada, quando se elevava, no momento mais solenne do sacrificio incruento da missa, dir-se-hia que sangrava, suspensa nos dedos do sacerdote celebrante.

As fôrças da alma, abysmada no mysterio, pois, não lhe offereciam soccorro contra as perplexidades que afundavam-lhe o espirito no sortilegio da humanidade de Jesus, depereciam no cataclysmo da esperança morta.

Não raciocinava mais, e, de continuo, arrebatado para a região perigosa do pesadelo em vigilia, onde só podia encontrar o suicidio da verdadeira adoração pela paralysia da faculdade de imaginar, provavelmente sentiu em turbilhões, devido á invalidez da intelligencia, a obsessão turgida, vertiginosa, do corpo espiritual esboçado pela eschatologia pauliana.

A oração e a extase de Anchieta tinham-se convertido em febre, em allucinação demoniaca, da qual emergia o espectro do sancto mallogrado. Caïa desmaiado como Christo ao peso da cruz que carregava. Nestes momentos, no sorriso de alguem julgava divisar o escarneo de Satan.

Faltou-lhe nesse tempo o que abundava, na mesma edade, em S. Francisco de Assis, — o elance para DEUS, atravez de um sublimado sentimento poetico de arte naturalista.

Veremos depois como nos campos dc Piratininga a natureza brasilica e o amor dos catechumenos indigenas lhe repuzeram na alma a poesia religiosa.

Nas terras bravias de S. Paulo elle poude abrir as pupillas dos olhos para uma terra nova, brilhante, florida e perfumosa, e compôr, com a vista posta em DEUS, sem perder a sensação da vida real, poema egual ao *Frate sole,* como o *poverello* de Assis.

«*Laudato sii, mio signore, per nostra madre terra : la quale me sostenta et governa : et produce diversi fruti et coloriti fiori et herba.*» [1]

---

1 Piero Mischiatelli, *Idéalitá francescana*, 1909, p. 55.

Resolveram, pois, os padres envia-lo para o Brasil. Em 8 de Maio de 1553 embarcou José em Lisboa na companhia do novo governador da terra e de alguns religiosos da Companhia de Jesus.[1]

Tinha Anchieta vinte annos de sua edade...

T. A. ARARIPE JUNIOR.

---

1 E. Sainte-Foy, *Vida do ven. P. José de Anchieta*; 1878; p. 13.

CAMPANHA DA PRINCEZA

PELO

DR. ALFREDO VALLADÃO

(SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO)

CAMPANHA DA PRINCEZA

I

Em tôrno da velha cidade mineira formou-se uma lenda.

Campanha era um nome suggestivo; havia de exprimir lucta, de significar combate!

Mas a historia colonial não assignalava encontro algum naquelle sitio.

A imaginação se incumbiu de crea-lo. [1]

Em principio do seculo XVIII, dous criminosos se evadiram da cadeia de Villa Rica. E, varando extensos sertões, na ancia de bem garantir a sua liberdade, chegaram áquella paragem.

Este mesmo instincto de liberdade, porém, já havia conduzido para alli dous pretos fugitivos. Um *quilombo*, talvez, estava a pique de formar-se.

E o infortunio fez ermãos no deserto, uns e outros!

Entretanto, breve cessou esta harmonia.

Ao que parece, mesmo alli, o sentimento de raça veiu a explodir, arrogando-se os brancos supremacia sôbre os pretos.

Ou, então, na sua alma ainda endurecida de condemnados, elles formaram o proposito da destruição e do roubo de quanto os pretos possuiam!

---

1 O saudoso commendador Bernardo Saturnino da Veiga narra a lenda, no *Almanack Sul-Mineiro* de 1874; e declara te-la ouvido ao venerando dr. Manoel Joaquim Pereira de Magalhães, que, por sua vez, a ouviu a seu pai, o coronel José Francisco Pereira, fallecido em 1855, com a edade de 95 annos.

Acceitamos pois esta narrativa, como a expressão fiel da lenda.

O que é certo é que a lucta estalou! E os pretos succumbiram!

Os condemnados venceram a *campanha*. E, como a Romulo, coube-lhes a fundação da cidade!

Mas, aqui a lenda perde o interesse; não tem um relêvo.

Apaga-se.

Senhores exclusivos daquelle sitio, e deixando a arder a choça de suas victimas, para que a lembrança das mesmas de todo se extinguisse, elles se abalaram para o rumo de Léste, a explorar a região.

E com esta direcção chegaram á margem do Rio Verde.

Ahi, precisamente no local em que se ergue hoje a Conceição do Rio Verde, deparou-se-lhes a tosca vivenda de um lavrador.

Pediram abrigo, e foram accolhidos.

Captaram a confiança do lavrador; e desposaram-lhe as filhas.

Voltando com suas mulheres ao sitio primitivo, ahi se installaram de vez.

Assim termina a lenda.

Mas, a lenda está desfeita.

E, dest'arte, não póde a Campanha se exhibir á moda da Cidade Eterna!

Entretanto, titulos não lhe faltam para que se lhe dispense esta originalidade.

Foi da sua propria situação que a Campanha tirou o seu nome.

Este nome não lhe adveio de uma *campanha* de foragidos, mas das *campanhas* do Rio Verde. [1]

---

1 O proprio commendador Bernardo Veiga, depois de se occupar da lenda, alvitra, tambem, esta hypothese.

— O *Almanack da Campanha*, editado em 1900 pelo infatigavel redactor do «Monitor Sul-Mineiro», sr. José Pedro da Costa, e elaborado pelo illus-

A palavra — *campanha* — era empregada, nos tempes coloniaes, com a significação de campina, campo.

Assim, denominavam-se correntemente *campanhas* do rio Grande, *campanhas* do rio Sapucahi, *campanhas* do rio Verde, *campanhas* do rio Capivari, as campinas situadas no valle destes rios.

Aliás, esta accepção é do nosso lexico, como se vê em Moraes.

E embora fr. Francisco de S. Luiz diga, em seu *Glossario*, que este uso é uma affectação do francezismo, elle é seguido por Vieira e outros classicos.

E, mesmo, de Vieira, o seguinte trecho:

«Cai o pó, ou no Rio, ou no mar, ou no monte, ou na *campanha.*»

E, ainda hoje, tal accepção é corrente, no Estado do Rio Grande do Sul.

Minas do Rio Verde era a denominação primitiva de um nucleo de mineração, do qual a Campanha se constituiu centro.

Achavam-se estas minas na comarca do Rio das Mortes, espalhadas por uns campos, que, com intervallos de pequenas mattas, se succedem do rio Verde ao Sapucahi; e dellas havia noticias muito vagas até o anno de 1737.

Foi por esta occasião que se effectuou o seu reconhecimento.

Chegára, pouco antes, á capitania, em importante missão, Martinho de Mendonça de Pinna e de Proença.

---

tre sr. Julio Bueno, não attribue, por sua vez, á lenda a denominação da cidade; e, sim, á expressão — *campanha* — usada no periodo colonial.

A nossa divergencia está, apenas, em que ao distincto escriptor parece que este vocabulo era empregado na accepção de *bacia* de um rio; e, a nós, na de *campina*, campo.

Em um auto de vereança da Camara de Campanha, de 1800, já se dizia que «a villa estava toda assentada sobre campos, e rodeada quasi toda dos mesmos.» — *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno de 1896, pag. 485.

Já não bastava, para os gastos de d. João v, o rendimento que o ouro do Brasil, então, estava produzindo.

Era preciso mais ainda! [1]

E o Brasil havia de o enviar, custasse o que custasse.

Mas, não era só.

A recente descoberta, no Tejuco, de jazidas diamantinas, fôra um successo!

O rei mandou que os conegos da Sé patriarchal rezassem, com pompa nunca vista, uma novena em intenção da alma de Pedro Alvares, o subdito benemerito. [2]

O Brasil apresentou-se-lhe, assim, em todo o esplendor de sua riqueza.

Desta riqueza com que d. João v poude fazer face aos seus gastos fubulosos, e Pombal, na phrase do proprio Oliveira Martins, reconstruir não só Lisboa, mas Portugal inteiro! [3]

Era preciso, pois, um regimen severo de fiscalização nas minas.

Era preciso que a lavra despejasse a flux, no erario régio, o ouro e o diamante, embora o mineiro assistisse ao esbulho de seu invento, ao sacrificio de seu trabalho.

Dahi a missão de Martinho de Mendonça, enviado para a capitania, com a carta régia de 1733.

E, tão importante esta missão, que os governadores do Rio de Janeiro e de Minas tiveram ordem de lhe dar a ajuda e credito de que necessitasse, e mostrar nas secretarias ainda os mais reservados papeis.

Tão importante, que ao governador do Rio de Janeiro se recommendou que, caso urgente, puzesse sempre á disposição delle uma náo que levasse a sua correspondencia para Lisboa.

E esta correspondencia occupa, pelo menos, quatorze volumes da Torre do Tombo, pois tantos viu o visconde de Porto Seguro. [4]

---

1 Rodrigo Octavio, *Felisberto Caldeira*, pag. 67.

2 *Op. cit.*, pag. 68.

3 *O Brasil e Colonias*, pag. 24.

4 *Historia do Brasil*, vol. III, pag. 906.

Mais do que um auxiliar do conde de Galveas, no govêrno da capitania, Martinho de Mendonça era um alto commissario do rei.

Era, de facto, um fiscal do proprio govêrno da capitania.

O regimento que elle trazia dava-lhe as mais amplas attribuições.

Cabia-lhe empregar-se em tudo que fosse conveniente ao real serviço.

Nada devia escapar ás suas vistas.

E o pensamento da Corôa era, realmente, o do esbulho, o da oppressão!

O proprio regimento o constata.

Assim, se recommendava a Martinho de Mendonça que «mandasse a *pretexto de roças,* tomar posse dos sitios, cuja occupação fosse conveniente á real Corôa»!

E a certeza de que, cedo ou tarde, uma reacção se havia de levantar contra os designios da Corôa, levou tambem á seguinte recommendação: «se informasse ácerca do sitio mais conveniente para a residencia dos governadores *cuja habitação, com a apparencia de casa, tenha a segurança e a utilidade de fortaleza»!*

«No caso de se temer algum tumulto ou principio de sedição», dizia ainda o regimento, «se poderá proceder contra os culpados pela verdade sabida, *sem figura alguma de juizo*, e *com execução militar»!*

Cumpria Martinho de Mendonça, á risca, sua missão.

E, já agora, as *Minas do Rio Verde* não podiam continuar occultas.

Haviam de despejar tambem para o erario régio!

Martinho de Mendonça toma conta, mesmo interinamente, do govêrno da capitania, em 15 de Maio de 1736, e nelle serve até 25 de Dezembro de 1737.

E, dentro de algum tempo, um de seus cuidados foi o reco-

nhecimento daquellas minas, que elle commetteu ao ouvidor da comarca do Rio das Mortes, Cypriano José da Rocha.

O governador interino tinha este ouvidor na melhor conta.

« He o unico ministro de jurisdicção ordinaria », dizia elle, « que cuida nos ossos do officio, tem zelo de justiça e cuidado nas cousas publicas ». [1]

Era o homem para a empresa, para desvendar os segredos daquellas minas!

As minas mysteriosas, cujo ouro Martinho de Mendonça como que adivinhava, devia mais tarde adornar a princeza da Beira!

Desempenhou-se o ouvidor de sua incumbencia, de que deu conta a Martinho de Mendonça, em officio de 9 de Dezembro de 1737. [2]

E não foi sem receios que elle emprehendeu a sua jornada, « para o descobrimento », dizia elle, « das Minas do Rio Verde só famigeradas por hũa obscura noticia de algũa pessoa que occultamente dava mantimentos aos Criminozos que se refugiarão naquelles Dezertos ».

Tanto mais quanto, « os criminosos espalharam vozes: que defenderião os certoens que habitavam para que não fossem entrados de pessoa algũa ».

Era uma empresa arriscada!

Era um « osso do officio », que o leal ouvidor acceitava.

E, partindo de S. João d'El-Rei, com a escolta que Martinho de Mendonça lhe enviara, elle chegava afinal áquellas minas, com uma viagem de dez dias.

Entretanto, dissiparam-se os seus receios.

---

1 Trecho de um officio por elle dirigido para Lisboa em 18 de Outubro de 1737. Transcripto na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno I, pag. 662.

2 Este officio consta do Archivo Publico Mineiro, e está transcripto nas *Ephemerides Mineiras*, de Xavier da Veiga, vol. IV, pag. 88.

A sua chegada, somem-se os criminosos.

E ninguem se oppõe á sua auctoridade.

É uma população ordeira que o accolhe.

O ouvidor percorre, á vontade, as minas, « situadas em uns bem delatados campos, que os findam varios corgos e Ribeiros com muitos mattos proveitosos ».

E observou, com prazer, que « em todos os corgos e Ribeiros se acha ouro que entra pera terra, pelo que promete duração ».

Explorou os rios daquella zona, o rio Verde, o Lambari, o Palmella, chegando ao Sapucahi, que atravessou em canôa.

E alli lhe informaram que, com tres dias de navegação rio acima, se communicavam as minas do Itajubá.

Não se dispoz, porém, a esta investigação, pelo inverno que reinava.

Ao que observou, « comprehende o descoberto em circuito mais de vinte legoas ».

Providenciando sôbre a organização do serviço das minas, ordenou « que quem quizesse entrar na repartição das terras mineraes désse a rol os negros que possue, pelos bilhetes de capitação fesse a repartição por sortes, não houve descobridor ».

E « foram sete mil negros a que se repartiram terras » !

E, para coroar a sua obra, fundou o ouvidor « um Arrayal em forma de Villa, a que se deu o nome de S. Cypriano, que está povoado com praça e ruas em boa ordem e muito boas casas ».

Causou-lhe impressão o movimento do arraial, que lhe parecia devia ser erigido em villa :

« Vão entrando muitas gentes, tem mantimentos em abundancia em bom comodo e continuamente estão entrando carregações ».

E, depois de septenta e tres dias de ausencia, chegava victorioso a S. João d'El-Rei, pela estrada que abrira, e que punha esta villa em tres dias de communicação com o novo arraial de S. Cypriano.

Encerrando o seu officio, dizia :

« Entrei nesta acção por entender fazia bons serviços a S. Magestade sem mais interesse do que dar-se o mesmo Sr. por

bem servido da minha intenção e cessarem as queixas de muitos que não tinham adonde minerar».

«Obrei a despezas minhas perdendo emolumentos, o que hé notorio».

As *Minas do Rio Verde*, como se vê do officio do ouvidor, comprehendia em circuito mais de vinte leguas.

Ha, pois, um raio de quatro leguas, mais ou menos.

E, tomando a Campanha como centro, verifica-se que, nesta área, se acha, tambem, parte dos actuaes districtos da cidade de Tres Corações, do Rio Verde e de São Gonçalo do Sapucahi.

Em tal área, já decadente a mineração, em 1814, eram exploradas, ainda, como attesta von Eschwege, as seguintes minas:

Bairro Alto, Almas, S. Pedro, S. Bento, Rio Verde, S. Gonçalo, Boa Vista, S. Gonçalo Velho, Ouro Fallà e Sancta Luzia. [1]

O officio do ouvidor, porém, suggere diversas considerações, uma das quaes não passou despercebida ao illustre auctor do *Almanack da Campanha*, quando entende que elle encontrou alli um arraial constituido.

De facto.

Era impossivel que, nos poucos dias de sua estada naquellas minas, elle conseguisse fundar um arraial em fórma de villa, «com praças e ruas em boa ordem e muito boas cazas»!

A antiguidade das minas está constatada no officio, quando o ouvidor se refere á distribuição das datas.

A primeira data, na fórma da lei, pertencia ao descobridor.

Mas a disposição legal não se poude cumprir, porque «não houve descobridor».

Tão antigas eram as minas, que a geração que as habitava delle não tinha noticia.

---

1 *Pluto Brasiliensis*, pag. 308.

A população das minas era, realmente, colossal!

A septe mil negros se distribuiram terras!

Em 1814, não ha duvida que decadente a mineração, o número de escravos empregados nas minas, em toda a capitania, não attingia a tanto, como se observa nos quadros estatisticos organizados por von Eschwege: [1] era, apenas, de 6.493.

E aquella população parecia regularmente organizada.

Os negros eram escravizados, como se vê do officio do ouvidor, que ordenou a quem quizesse entrar na repartição das terras mineraes, désse a rol os negros que possuia.

Os serviços da lavoura e do commercio pareciam, da mesma fórma, em ordem.

Havia producção abundante e um intenso gyro commercial.

As *Minas do Rio Verde* constituem, de facto, uma das surpresas dos tempos coloniaes.

Eram uma cidade occulta!

De longe escreveu Oliveira Martins; apanhou, entretanto, com felicidade, o aspecto social daquella epocha:

«A educação recebida nas *bandeiras* da caça aos indios, agora convertidas em *bandeiras* de caça de minas, não era, de certo, feita a proposito, para dulcificar o temperamento agreste dessas populações, costumadas á vida errante do sertão, nem para as levar a reconhecer a legitimidade de um govêrno, até então ausente, só manifesto agora que, nos leitos dos rios e nas quebradas das serras, ellas tinham descoberto o cascalho aurifero e diamantino». [2]

E foram estes sentimentos que levaram a explosões terriveis, como o encontro do Rio das Mortes.

Os mineiros do Rio Verde, porém, asseguravam a sua liberdade por um processo astucioso.

---

1 *Loc. cit.*

2 *O Brasil e Colonias*, pag. 84.

Faziam chegar ás auctoridades da capitania boatos terrificantes da existencia de criminosos naquellas paragens!

E, sob a vigia deste espantalho, se sentiam garantidos.

A liberdade em que se encontravam não degenerou, porém, em anarchia.

Foi uma liberdade fecunda!

Viveram no trabalho.

Edificaram a sua cidade.

E quando o ouvidor Cypriano, dissipado aquelle espantalho, alli penetrou, foi para admirar a obra dos mineiros!

A cidade estava feita!

E o trabalho havia temperado, naquelles mineiros, a sua alma de *bandeirantes.*

Dispensaram ao ouvidor a melhor accolhida.

E mostraram-lhe vaidosos a sua obra.

Tão perfeita, que o ouvidor pedia para ellas as honras de villa, dignidade de que apenas gozavam, naquelle momento, Marianna, Villa Rica, S. João d'El-Rei, Caethé, Serro, Sabará e Minas Novas. Certo, o ouvidor chamou para si as glorias desta obra.

E, ao que nos parece, não foi por vaidade pessoal, e, sim, por melhor servir a S. Magestade.

Ao bom ouvidor, que fez viagem á sua custa, que abriu mão dos emolumentos que lhe eram devidos, repugnaria chamar para si aquellas glorias.

O vassalo, entretanto, não teve escrupulos!

Era preciso diminuir a gloria dos povos, para augmentar a do rei.

Quando, entretanto, e por onde, se fizeram as entradas para *Minas do Rio Verde?*

Vinha de longe o conhecimento do alto rio Verde e do alto Sapucahi.

O Embahú, [1] a celebre garganta da Mantiqueira, era a porta

1 É, mesmo, garganta, a significação da palavra Embahú, como explica o dr. Diogo de Vasconcellos, na *Historia Antiga das Minas Geraes*, pag. 35.

de entrada para o territorio de Minas; e quem a transpuzesse havia de perlustrar o rio Verde.

O rio Verde era, assim, o guia das entradas; por elle se dirigiam as *bandeiras* até o Pousó Alto.

Dahi é que estas aprumavam para o Norte, passando por Baependi, em procura do rio Grande.

E desde os primeiros annos do seculo XVII, diz o dr. Francisco Lobo, « foi este caminho senhoreado e frequentado pelos Paulistas, tornando-se, então, a linha de penetração mais importante do Brasil, sinão da America do Sul. » [1]

Era o caminho *velho* para Minas Geraes; [2] e delle ainda nos dava completa noticia, em 1711, o celebre escriptor Antonil. [3]

Só mais tarde se abriu o caminho *novo* de Minas para o Rio de Janeiro, pela picada que Garcia Rodrigues traçára em 1701-4. [4]

E o caminho *velho*, ao passar por Baependi, ficava a nove leguas das *Minas do Rio Verde,* na parte destas minas situada na actual cidade de Tres Corações, e a doze leguas, na parte situada na actual cidade da Campanha.

Desde o comêço do seculo XVII, pois, que era bastante conhecido o alto rio Verde, e que a grande estrada para Minas passava bem perto das futuras *Minas do Rio Verde.*

E interessante coincidencía, como salienta o dr. Pandiá Calogeras, a desta velha estrada com a actual Estrada de Ferro Minas e Rio. [5]

Os trilhos da linha ferrea passam pela mesma garganta do Embahú, e seguem o mesmo caminho *velho,* até Pouso Alto.

A engenharia moderna nada teve a accrescentar á obra dos selvicolas!

---

1 *Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes,* na *Revista do Archivo Publico Mineiro,* anno VII, pag. 577.

2 Francisco Lobo, *loc. cit.*

3 *Cultura e Opulencia do Brasil,* 2.ª edição, 1837.

4 Diogo de Vasconcellos, *op. cit.*, pag. 35.

5 *Minas do Brasil e sua legislação,* vol. I, pag. 43.

Relativamente ao alto Sapucahi, segundo o dr. Diogo Vasconcellos, elle foi conhecido pela expedição promovida, em 1601, por d. Francisco de Sousa, e da qual fazia parte o hollandez Glimer.[1]

Certo, pensa diversamente o dr. Orville Derby, para quem o caminho desta expedição foi pela garganta do Embahú e, depois, pelo rio Verde, até certa altura, seguindo, afinal, para o Rio Grande.[2]

E desta opinião é, tambem, o sr. Capistrano de Abreu.[3]

Mas, alguns annos depois da morte de d. Francisco de Sousa, diz ainda o dr. Diogo de Vasconcellos, Diogo Gonçalves Laço e Francisco Proença, moço fidalgo da camara do infante d. Luiz de Sousa, tomando o rumo de Araraquara e Mugi, vieram alcançar o leito do Sapucahi, por onde subiram, perlustraram o rio Grande e voltaram ao Embahú.[4]

Como quer que seja, porém, é positivamente certo que, pelos annos de 1692 e 1693, se achava perfeitamente conhecida a existencia de ouro no alto Sapucahi e no alto rio Verde.[5]

A esta descoberta se refere Bento Corrêa, na informação que prestou ao governador geral do Brasil, d. João de Lencastro, em data de 20 de Julho de 1693.

O roteiro, de que falla Bento Corrêa, existe na Bibliotheca

---

1 *Op. cit.*, pag. 21.

2 *Roteiro de uma das Primeiras Bandeiras Paulistas*, na *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. IV, pag. 329.

3 *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no seculo XVI*, pag. 84.

4 *Op. cit.*, pag. 22.

5 Antonio Olyntho, no seu trabalho sobre a *Mineração, Riquezas Mineraes*, no *Livro do Centenario*, vol. III, pag. 46.

— É tambem tradição corrente em Baependi, que, em 1692, Antonio Delgado da Veiga, seu filho João da Veiga e Manuel Garcia souberam da existencia de ouro naquella região, e alli estiveram, vindos de Taubaté. Vide *Almanack Sul-Mineiro*, de 1874, pag. 395.

Nacional, e foi publicado pelo dr. Orville Derby no seu trabalho sôbre *Os primeiros descobrimentos do ouro em Minas Geraes.* [1]

As minas foram descobertas por uma expedição chefiada pelo afamado sertanista padre João de Faria Fialho, que mais tarde deu o seu nome a um bairro de Villa Rica.

No roteiro se fazem referencias a minas existentes no alto Sapucahi, bem como nos morros e rios proximos de Baependi, já conhecidas estas, anteriormente, por Bartholomeu da Cunha.

Orville Derby explica que a descoberta destas minas tenha passado despercebida, « por ser o ouro « de lavagem » e não em quantidade sufficientemente deslumbrante, para fazer desapparecer o antigo preconceito contra esta qualidade de minas, em confronto com as minas de prata, com que se desejava collocar a colonia pertugueza a par das de Hespanha ». [2]

De facto, eram pobres as jazidas do Sul de Minas, onde, apenas, vieram a sobresaïr, por sua importancia, as *Minas do Rio Verde,* principalmente na parte situada entre a actual cidade da Campanha e a de S. Gonçalo do Sapucahi.

Deviam ter sido conhecidas, nessa epocha, as *Minas do Rio Verde.*

Mas o ouro daquella zona não inspirava confiança.

E, por outro lado, surgiu breve esta Potosi, que era Villa Rica, onde « rios de ouro saïam das fraldas da montanha, perfurada como um favo de abelhas pelos mineiros paulistas, correndo pelas ruas da opulenta cidade sob a forma de um luxo desvairado, de que dão, ainda hoje, testemunho os antigos palacios e as igrejas dessa época » ! [3]

O caminho *velho* coalhava-se de *entradas!*

---

1 Vide *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. IV, pag. 268.

2 *Op. cit.*, pag. 87.

3 Oliveira Martins, *O Brasil e Colonias.*

*

Era a onda humana crescendo para Villa Rica!

As *Minas do Rio Verde* ficavam á margem.

Poucos, a principio, desgarravam para alli.

Mas, logo no começo do seculo XVIII, ellas tinham, certamente, um nucleo regular de população, exquecido na margem do caminho *velho*, enquanto na opulenta Villa Rica se atropelavam os aventureiros de toda a parte!

E este nucleo crescia silencioso, ao passo que a exploração ia desvendando as riquezas das *Minas do Rio Verde!*

As entradas começavam a se fazer, tanto pelo rio Verde como pelo rio Sapucahi. [1]

E a vizinhança do Sapucahi muito facilitava a exploração clandestina, em que viviam aquelles mineiros.

O ouro saïa por alto, para Santos.

Por outro lado, abria-se o caminho *novo*, de Minas para o Rio de Janeiro.

O caminho *velho* se fez deserto; crescia o matagal!

E mais occultas ficavam as *Minas do Rio Verde!*

Assim, só em 1737 o govêrno da capitania as podia conhecer, por intermedio do ouvidor Cypriano.

E o populoso arraial, a que este deu o seu nome, é o mais antigo do Sul de Minas, [2] e, quiçá, um dos mais antigos da capitania!

Pouso Alto, Baependi, etc., por aquella epocha, não constituiam povoados; eram, apenas, sitios do caminho *velho*.

---

1 O proprio ouvidor Cypriano declarou, em seu officio, ter sabido, no Sapucahi, que com tres dias de navegação, rio acima, se communicavam as minas de Itajubá.

E' o Itajubá *velho*, actual Soledade de Itajubá, situada nas fraldas da Mantiqueira.

2 Denominamos Sul de Minas a zona limitada pelo rio Grande.

II

E, breve, o arraial de S. Cypriano estava erecto em freguezia de Sancto Antonio do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde. [1]

A Campanha do Rio Verde era tambem a primeira freguezia do Sul de Minas.

E espalha-se a fama de sua riqueza !

O govêrno de S. Paulo tenta apossar-se da freguezia, nomeando para superintendente das minas a Bartholomeu Corrêa Bueno.

A camara de S. João d'El-Rei, porém, fazendo-se accompanhar de gente armada, corre para alli e expulsa o usurpador, em 1743, lavrando um auto de ratificação de posse.

A Campanha estava em fóco.

E só a necessidade da defesa daquella zona contra as pretenções de S. Paulo explica que, em 1746, se creasse para além, no modesto povoado de Sanct'Anna de Sapucahi, e não na Campanha, o primeiro julgado do Sul de Minas.

E' mais tarde, em 1785, que ella vai ter a honra de um julgado.

E familias distinctas de S. Paulo e de S. João d'El-Rei começam-se a transferir para a Campanha do Rio Verde.

É, porém, Alvarenga Peixoto o hospede mais illustre que ella vae receber.

E, com elle, a sua exemplar esposa, Barbara Heliodora — a heroina da Inconfidencia !

E, com elle, a sua graciosa filha, Maria Iphigenia — a *Princeza do Brasil !*

---

1 Uma provisão de dom frei João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro, de 21 de Septembro de 1742, já se refere á existencia da freguezia. Vide *Almanack da Campanha*, pag. 20.

Não foi propriamente no districto da actual cidade da Campanha, que Alvarenga Peixoto se localizou, mas um pouco adeante, no districto, hoje, da cidade de S. Gonçalo do Sapucahi.

Entretanto, por aquella epocha, não existia a freguezia de S. Gonçalo; pois esta se creou pela resolução de 23 de Julho de 1819.

As minas que Alvarenga Peixoto adquiriu pertenciam, então, á Campanha do Rio Verde.

Alvarenga Peixoto era uma das grandes figuras da Inconfidencia!

Ainda joven, improvisava bellos sonetos, rivalizando com Basilio da Gama.

Academico em Coimbra, tanto sobresai que, logo após á sua formatura, é nomeado juiz de fóra em Cintra, onde serve por tres annos.

Mas, não o seduzem as posições na metropole.

Anceia pela Patria!

É para aqui que elle guarda os primores de seu estro!

Volta ao Brasil em 1776, como ouvidor da comarca do Rio das Mortes, cuja séde era S. João d'El-Rei.

E S. João ia ter uma influencia decisiva em seus destinos.

Ahi, Alvarenga Peixoto apurou a sua alma de patriota que o fez o poeta do *Canto Genethliaco*, o poeta das *Cartas Chilenas* e, mais tarde, o Conjurado!

Echoava ainda, pela margem do rio das Mortes, o fragor deste combate de 1708, entre Paulistas e *emboabas* — cruenta affirmação do sentimento da nossa nacionalidade!

Ahi, elle integralizou a sua vida, neste feliz consorcio com

« Barbara bella,
« Do norte estrella,
« Que o meu destino
« Sabes guiar. »

Barbara Heliodora, a esposa de Alvarenga Peixoto, era filha do dr. José da Silveira e Sousa e de d. Maria Bueno, pertencente a uma das mais illustres familias de S. Paulo.

Recebera educação primorosa, e na distincção de seu tracto revelava a nobreza de sua origem.

Todos os encantos da intelligencia, da belleza, da graça e da virtude se encontravam nesta mulher extraordinaria!

E, para que melhor pudesse comprehender a seu esposo, o culto das musas lhe era tão familiar, como a elle proprio!

Alvarenga Peixoto renuncia á carreira da magistratura, dispensa-lhe as dignidades e as honras!

Bastava-lhe a felicidade de seu lar; o mais feliz da capitania!

É para elle, enriquecido agora com a encantadora Maria Iphigenia, que Alvarenga Peixoto vai viver.

Quer a opulencia na sua casa!

E procura a Campanha do Rio Verde.

Espirito emprehendedor, adquire alli terras mineraes e realiza importantes trabalhos hydraulicos, na exploração das jazidas.

E estes trabalhos aproveitam á collectividade, desencavando as melhores minas e lavras de varios possuidores, as quaes comprehendiam para mais de quatro mil datas mineraes, até então abandonadas pela falta de expedição de aguas. [1]

Em attenção aos seus serviços, o governador da capitania, d. Rodrigo de Menezes, o nomeia coronel de milicias da Campanha.

E o trabalho leva, breve, a prosperidade á casa de Alvarenga Peixoto. [2]

Feliz vida, a daquella familia!

Barbara Heliodora deixa as musas, absorve-se toda nos seus deveres de esposa e de mãe!

---

1 Joaquim Norberto, *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 182.

2 Além da importante fazenda dos Pinheiros, pertenciam-lhe as terras e aguas mineraes da Boa Vista, Sancta Rufina, Espigões, S. Gonçalo Velho, Castro, Campo do Fogo, Aterrado, Ouro Falla, Santa Luzia e muitas outras, como consta do sequestro de seus bens. Vide *Brasilia, Obras Poeticas de Alvarenga Peixoto*, por Joaquim Norberto, nota 76, pag. 111.

« Nenhuma nuvem toldava a felicidade dessa familia, apontada como modêlo de virtudes. Seus dias decorriam entre as doçuras da opulencia, as prácticas da caridade e os attractivos de uma sociedade de escol. » [1]

E todos os desvelos do casal se voltam para Maria Iphigenia.

Não houve sacrificio que Barbara Heliodora não empregasse para a educação desta seductora criança !

A peso de ouro, logrou que viessem se estabelecer em S. João d'El-Rei os melhores professores da capitania !

Maria Iphigenia recebe uma educação completa ; aperfeiçoa-se no idioma patrio, como nos idiomas extrangeiros ; e tem um curso esmerado de bellas artes. [2]

E que melhores professores podia ella ter do que seus proprios paes ?

Ao completar septe annos, recebe de Alvarenga Peixoto os bellos conselhos deste soneto :

« Amada filha, é já chegado o dia,
« Em que a luz da razão, qual tocha accesa,
« Vem conduzir a simples natureza.
« E' hoje que o teu mundo principia.

« A mão que te gerou, teus passos guia,
« Despreza offertas de uma vã belleza,
« E sacrifica as honras e a riqueza
« Ás santas leis do Filho de Maria.

« Estampa na tu'alma a caridade.
« Que amar a Deus, amar os semelhantes,
« São eternos preceitos da verdade.

« Tudo mais são idéas delirantes :
« Procura ser feliz na eternidade,
« Que o mundo são brevissimos instantes. »

---

1 Americo Werneck, *A Heroina da Inconfidencia*, pag. 8.

2 Joaquim Norberto, *Brasileiras Celebres*, pag. 185.

Á maneira, porém, que Barbara Heliodora «se extremava pela educação de sua filha, crescia-lhe o amor maternal, excedia-se a affeição, exagerava os seus carinhos».

«Já não amava, adorava-a; e exigia dos mestres não só toda a paciencia, como deferencia por aquella que, dizia ella, devia ser tractada como princeza.» [1]

E, de facto, por *Princeza do Brasil* era tractada, na capitania, a formosa menina, antonomasia pueril, que se tornando popular, passou á posteridade quasi como um delicto! [2]

Ao que parece, ao principio, não era permanente a estada de Alvarenga Peixoto na Campanha do Rio Verde, residindo elle, ora em S. João, ora alli.

E quando na Campanha, installava-se luxuosamente na sua fazenda dos Pinheiros.

E' bem viva, ainda, a tradição local sôbre a familia Alvarenga Peixoto.

Americo Werneck apanhou-a em seu opusculo — *A Heroina da Inconfidencia.*

Era principesco o seu tractamento.

Mas, tão captivante e generosa esta familia, que a sympathia popular accompanhava a sua felicidade.

Aos domingos, d. Barbara e a filha vinham á missa parochial, em S. Gonçalo, «mettidas em dourado palanquim, e seguidas de numeroso cortejo, faziam a sua entrada triumphal no povoado, e apeando em frente á egreja, penetravam no recinto

---

1 Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 186, e, tambem, *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 182.

— No depoimento do professor de Musica, Xavier Vieira, tanto na *Devassa* de Minas, como na do Rio de Janeiro, diz elle que d. Barbara lhe recommendava que tractasse sua filha como princeza.

— E a testemunha José Joaquim de Oliveira depoz que ouviu dizer «que d. Barbara dizia que sua filha devia ser tractada como princeza do Brasil, e era tão soberba que accrescentava que, si o paiz viesse e ser governado por nacionaes, sem sujeição a Europa, só á sua filha, pela sua antiguidade e nobreza, pertencia o governo, por ser ella de uma das mais antigas e primeiras familias paulistanas».

2 Joaquim Norberto, *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 182.

sagrado, passando por sôbre os tapetes, que os famulos, á sua chegada, extendiam como de costume, á entrada da nave». [1]

Mas, a prosperidade de sua casa, os encantos de sua familia não fazem exquecida, em Alvarenga Peixoto, a sua alma de patriota!

Como bem accentúa Silvio Roméro, elle tem duas notas principaes como poeta, o doce sentimento da familia e a grande intuição da independencia nacional. [2]

Esta se accentuou decisiva no *Canto Genethliaco.*

Nascera no Brasil um filho de d. Rodrigo de Menezes, governador da capitania.

E, pelo seu baptizado, Alvarenga Peixoto improvisa a mais bella de suas composições, elevando-se em majestoso vôo ás altas regiões da poesia epica, em admiraveis oitavas. [3]

E' um canto patriotico!

E' a revolução occulta na poesia!

Alvarenga Peixoto dirige-se mais á patria do que a seu *heróe.*

Descreve a riqueza do Brasil:

«Aquellas serras, na apparencia feias,
«Dirás por certo — Oh! quanto são formosas!
«Ellas conservam nas occultas veias
«A força das potencias majestosas:
«Têm as ricas entranhas todas cheias
«De prata, ouro e pedras preciosas;
«Aquellas brutas, escalvadas serras
«Fazem as pazes, dão calôr ás guerras.»

---

1 Americo Werneck, *Op. cit.*, pag. 9.

2 *Litteratura Brasileira*, vol. I, pag. 377.

3 *Brasilia, Obras Poeticas de Alvarenga Peixoto*, por Joaquim Norberto, pag. 35,

Das florestas do Brasil se fazem as esquadras que cruzam os mares, se fazem os ricos palacios e os pomposos templos de Lisboa:

« Aquelles morros negros e fechados,
« Que occupam quasi a região dos ares,
« São os que em edificios respeitados
« Repartem raios pelos crespos mares.
« Os corinthios palacios levantados,
« Os doricos templos, jonicos altares,
« São obras feitas desses lenhos duros,
« Filhos desses sertões feios e escuros. »

E conclue pedindo ao céo lhe permittisse vêr o filho do heróe governando o Brasil.

Entretanto Alvarenga Peixoto não se preoccupa só com a libertação da patria, mas, ainda, com a libertação dos captivos!

Canta tambem o valor destes homens fortes:

« Esses homens de varios accidentes,
« *Pardos, pretos, tintos e tostados*,
« São os escravos duros e valentes,
« Aos penosos serviços costumados:
« Elles mudam aos rios as correntes,
« Rasgam serras, tendo sempre armados
« De pesada alavanca e duro malho
« Os fortes braços feitos ao trabalho.»

Alvarenga Peixoto compõe, ainda, as *Cartas Chilenas*. [1]

Estas *Cartas*, como diz Silvio Roméro, formam o *Libello do Povo* daquella epocha!

---

1 Certo, alguns as attribuem a Claudio, outros a Gonzaga; temos, porém, por irrespondiveis os argumentos com que Silvio Roméro justifica a auctoria de Alvarenga Peixoto, Vide *Litteratura Brasileira*, vol. I, pag. 207 e segs.

A satyra castiga, com vigor, o govêrno desastrado de Cunha Menezes, o *Fanfarrão Minezio.*

Agora, Alvarenga Peixoto é o Conjurado.

A independencia dos Estados Unidos vem repercutir na capitania, animando a idéa de um levante.

E, por outro lado, as minas começavam a se exhaurir.

« Os mineiros deviam septe annos de serviço de cem arrobas, em que o *Quinto* fôra transformado, e as minas improductivas não davam para pagar o sustento dos mineiros, que se arruinavam: quanto mais para enviar 700 arrobas de ouro para Portugal, essa metropole madrasta, a quem nada saciava, nem os impostos nem os monopolios — entre os quaes o do sal vexava a todos ! »

E' um historiador portuguez quem assim se pronuncía : Oliveira Martins. [1]

A *derrama* estava imminente !

Forma-se a Conjuração.

Alvarenga Peixoto era, naquelle momento, a sua principal figura.

Toma parte activa nos conciliabulos, que se realizam em Villa-Rica, do Natal de 1788 a Reis de 1789.

Certo, avultava ahi a figura de Tiradentes, em quem, como diz Americo Werneck, a idéa da Independencia, que Maciel lhe havia inspirado, fôra como a scentelha na polvora. [2]

Certo, ahi se achavam homens da inspiração e do saber de Claudio e Gonzaga.

Mas Alvarenga Peixoto a todos sobrelevava.

Tiradentes era a dedicação allucinada e, por isto mesmo, inconveniente, levando a Conjuração ao mallogro ! [3]

---

1 *O Brasil e Colonias*, pag. 104.

2 *A Heroina da Inconfidencia*, pag. 7.

3 Americo Werneck, *Op. cit.*, pag. 13.

Montado no seu *rosilho*, [1] de Villa-Rica para o Rio, elle vinha pela estrada fóra imprudentemente, a apregoar a revolução!

Apostolava por toda a parte, sem cuidados nem cautelas.

Da sua imprudencia se queixavam os proprios conjurados! [2]

E a tal ponto esta chegou que, a todo o momento, elle ouvia observações de que estava louco! [3]

Além disso, era inculto, sem o menor conhecimento dos grandes problemas que estavam em causa, com o exito da Independencia.

E só levava, para o movimento, a sua contribuição pessoal.

Claudio e Gonzaga eram... *poetas.*

Alvarenga Peixoto era, tambem, um poeta.

Mas, nelle, como salienta Silvio Romero, a poesia é um acto de força e de seriedade. [4]

Não era um pedante!

Era um industrial que, nas suas lavras, «tinha as expansões do trabalho em lucta aberta contra a natureza».

Um luctador, e a sua poesia, militante!

Antes que jovens Brasileiros trouxessem da Europa a idéa da nossa libertação politica, elle a levantara, em 1783, pelo menos, no seu *Canto Genethliaco.* [5]

Este canto echoou na capitania, como um verdadeiro grito de Independencia!

Alvarenga Peixoto ainda o repetia, nos conciliabulos de Villa-Rica, com grande arrebatamento da assistencia, inclusive Tiradentes.

E a lembrança de que elle o improvisara em um baptizado, deu a senha para a Revolução: *Tal dia, faça o baptizado.*

A liberdade dos escravos — *estes braços fortes feitos ao tra-*

---

1 O *rosilho* em que elle fez esta viagem figurou no sequestro, e foi arrematado por 10$000. Joaquim Norberto: *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 73.

2 *Op. cit.*, pag. 171.

3 *Loc. cit. e interrogatorio* de Vieira da Motta, na *Devassa.*

4 *Litteratura Brasileira*, vol. I, pag. 233.

5 D. Rodrigo de Menezes governou a capitania de 1780 a 83.

balho — figura, da mesma fórma, naquelle canto, sendo assim Alvarenga Peixoto o verdadeiro precursor da abolição no Brasil!

Foi ainda elle quem se bateu pela abolição nos conciliabulos de Villa-Rica, contra a opinião de Maciel.

E este acto é tanto mais saliente, quanto Alvarenga Peixoto possuia para mais de duzentos escravos, nas suas lavras, tendo assim, muito a perder com a abolição.

Foi elle, ainda, quem deu a legenda para a bandeira, tirada do versiculo de Virgilio : *Libertas quœ sera tamen.*

E era quem maior contingente offerecia para o levante : de 400 a 600 homens da Campanha do Rio Verde.

Collaborou nas leis que Claudio e Gonzaga teriam preparado. [1]

Outra nota saliente de Alvarenga Peixoto : o seu estado.

Os conjurados eram quasi todos solteirões.

Alvarenga Peixoto era casado ; tinha o culto acendrado da familia.

Era o legitimo representante da familia mineira, na obra da Independencia ; e, por certo, da mais illustre, elle o esposo de Barbara Heliodora.

Mas, um facto inesperado vem enfraquecer o movimento!

O visconde de Barbacena, governador da capitania, suspende a *derrama.*

Abate-se o animo dos conjurados!

Com razão dizia Gonzaga : « A occasião para o levante perdeu-se! »

Retira-se Alvarenga Peixoto para S. João d'El-Rei e, a caminho, sabe pelo tenente-coronel Francisco de Paula que o visconde de Barbacena estava informado do movimento!

E' a 5 de Abril, domingo da Paixão, que elle chega a sua casa.

---

1 Joaquim Norberto, *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 68.

E tristes, como os dias desta semana, começaram a ser os daquella casa!

A suspensão da *derrama* e a noticia, que lhe dera o tenente-coronel Francisco de Paula traziam-no sobresaltado.

Não passaram muitos dias, e o coronel Oliveira Lopes o procurou, para lhe transmittir a horrivel nova de que Joaquim Silverio, com toda a vileza, havia denunciado a Conjuração.

Estava tudo perdido!

Alvarenga Peixoto sente-se desfallecer!

A sua figura vai-se diminuir no scenario da Conjuração.

E entra agora uma nova personagem:

Barbara Heliodora, a heroina da Inconfidencia!

Andou exquecído este momento da Conjuração, do qual já fallava, entretanto, frei Raimundo de Pennaforte. [1]

Delle não tracta o visconde de Porto Seguro.

A Conjuração Mineira é, de facto, assumpto mal estudado entre nós.

Certos historiadores do Imperio a tractavam com as reservas dictadas pelo seu aulicismo.

E, para os historiadores republicanos, bastou Tiradentes!

Queriam a figura dum martyr, como bandeira de propaganda; não era preciso mais.

E a verdade historica é que vinha sendo deixada á margem por uns e por outros.

Joaquim Norberto foi o primeiro a destacar a figura de Barbara Heliodora. [2]

E Americo Werneck escreveu a pagina definitiva sôbre o assumpto, no seu bellissimo trabalho *A Heroina da Inconfidencia!*

---

1 *Ultimos Momentos dos Inconfidentes*, n. 31.

2 Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 186.

Conhecia Alvarenga Peixoto, como ex-magistrado, a natureza do supplicio imposto aos réus de lesa-majestade.

E viu bem a extensão de sua desgraça ; a separação eterna da esposa, da filha, a ruina de sua casa e a sentença de infamia pairando sôbre a cabeça de Maria Iphigenia !

Era de mais !

Desespera ! E, louco, premedita medonha traição, que o devia salvar !

Denunciaria tambem a Conjuração !

« A sua resolução estava tomada. Entretanto, como si o remorso já lhe atormentasse previamente a consciencia, encerra-se o infeliz no mysterio do seu tenebroso projecto, a olhar com profunda tristeza para tudo que o cercava ». [1]

É neste estado que sua esposa o vai encontrar, ella que bem suspeitava a grande tempestade que lhe passava pela alma ! [2]

— Que tens, Alvarenga ?

Elle vacilla a principio.

Mas, confiando na ternura de sua adoravel esposa, vasa-lhe a alma, conta-lhe tudo : a catastrophe, que estava imminente, e a salvação unica — a denúncia !

E a pallidez da morte, como diz Joaquim Norberto, tinge neste momento a face de Barbara Heliodora !

— Que é isto, Alvarenga ? — orgulhosa exclama, a fulmina-lo com um olhar de fogo ! [3] Que horror ! Tu, delator ! A denúncia, nunca ! Caiam sôbre nós os castigos todos deste crime, de haveres trabalhado pela liberdade da nossa patria ; arruine-se a nossa casa ; tire-se a nossa vida ! Mas, não compromettas teus amigos, que contigo se bateram por tão sancta causa ! Sê homem ! Affronta a tyrannia. Si é preciso, segue com os teus companheiros para o martyrio !

E ajoelha-se supplicante.

— Por Deus, Alvarenga, poupa á tua familia a nodoa da delação !

---

1 Americo Werneck, *A Heroina da Inconfidencia*, pag. 11.
2 Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 186.
3 Americo Werneck, *Op. cit.*, pag. 13.

— Perdão, diz Alvarenga.

E beija as mãos de sua esposa, como as do anjo da guarda.

Dias após, chegava a S. João d'El-Rei o official encarregado de effectuar a prisão de Alvarenga Peixoto.

Passeava este pelas ruas da villa, quando delle se approxima uma ordenança, convidando-o a ir á presença daquelle official.

E Alvarenga Peixoto não poude voltar á casa.

Nunca mais viu a familia.

Estava preso, algemado, e coberto de ferros!

Neste estado é conduzido para o Rio de Janeiro!

Chagou-se-lhe o corpo! [1]

E no Rio, o esperavam as masmorras da ilha das Cobras!

E começou para Barbara Heliodora o seu martyrologio!

A villa de S. João d'El-Rei tinha agora, para ella, um aspecto sinistro.

Por toda parte, via a figura do beleguim, que acorrentara o esposo: por toda a parte ouvia o tinir dos ferros, que o haviam de chagar.

Pede, implora aos seus parentes, que a levem para a Campanha do Rio Verde. [2]

Socêgo, não o teria mais na sua vida!

Entretanto, lá estaria mais distante dos beleguins de S. Magestade.

Lá, era mais viva a tradição das *bandeiras,* a alma nacional menos contaminada do servilismo dos *emboabas!*

Lá, estava a gente simples, mas valente, com que Alvarenga Peixoto contava derrocar a tyrannia, libertar a Patria!

Era lá, que ella queria concentrar-se no seu lucto, verter as suas lagrimas.

---

1 Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 47, com fundamento no interrogatorio do padre Rollim.

2 É a tradição que alcancei na Campanha.

E a Campanha do Rio Verde presenciou, enternecida, os seus sobresaltos!

Mal havia chegado, e apresenta-se em sua casa o ouvidor do Rio das Mortes, para effectuar o sequestro.

E ella vê saïr toda aquella fortuna, que o trabalho havia accumulado!

Entrega desdenhosa as baixellas; despoja-se das joias!

O seu olhar estava fito na ilha das Cobras, onde, por sua vez, Alvarenga Peixoto procurava, em vão, atravez das paredes do carcere, divisar a Campanha do Rio Verde!

Para lá dirigia o poeta estes versos:

« Barbara bella,
« Do Norte estrella,
« Que o meu destino
« Sabes guiar.
« De ti ausente,
« Triste sómente,
« As horas passo
« A suspirar.

« Por entre as penhas,
« De incultas brenhas
« Cança-me a vista
« De te buscar;
« Porém não vejo
« Mais que o desejo,
« Sem esperança
« De te encontrar.

« Eu bem queria,
« A noite, o dia,
« Sempre comtigo
« Poder passar;
« Mas orgulhosa,
« Sorte invejosa,
« Desta fortuna
« Me quer privar.

« Tu entre os braços
« Ternos abraços
« Da filha amada
« Pódes gosar :
« Priva-me a estrella,
« De ti e della.
« Busca dous modos
« De me matar. »

Tres annos levaram as justiças de Maria I a suppliciar os conjurados, com um processo interminavel !

E Barbara Heliodora supportava o seu martyrio, apenas alliviada pelos versos, que o esposo lhe dirigia !

Veiu, afinal, a sentença !

Alvarenga Peixoto é condemnado ao patibulo !

Mas, não o impressiona a morte ; o que elle sente é a — Saudade !

Logo após a leitura da sentença, compõe este soneto na cadêa publica, actual Camara dos Deputados :

« Não me afflige do potro a viva quina ;
« Da ferrea maça o golpe não me offende ;
« Sôbre as chammas a mão se não extende ;
« Não soffro do agrilhete a ponta fina.

« Grilhão pesado aos pés não me domina ;
« Cruel arrocho a testa não me prende ;
« Á força a perna ou o braço se não rende ;
« Longa cadeia o collo não me inclina.

« Agua e pomo, faminto não procuro ;
« Grossa pedra não cança a humanidade ;
« O passaro voraz eu não aturo.

« Estes males não sinto ; é bem verdade ;
« Porém, sinto outro mal inda mais duro,
« Sinto da esposa e filhos — a Saudade ! »

*

Supporta ainda Barbara Heliodora, com coragem, esta sentença!

Dentro em pouco, a pena é commutada em degredo para a Africa.

E, no dia 23 de Maio de 1792, Alvarenga Peixoto, da pôpa do *Princeza Imperial,* via sumir-se-lhe, para sempre, a Patria!

Mas, a sentença declarava infame a sua prole!

E Barbara Heliodora, que tinha em tão alto grau o sentimento de honra, succumbiu!

« A desordem invadiu-lhe os sentidos, apagou-se-lhe a intelligencia brilhante, e a intrepida matrona submergiu no chaos da loucura! »

Teve uma loucura pacifica: sorria e cantava em voz baixa, e como si lhe ficasse uma impressão fugitiva do mallogrado levante e suas causas, simulava distribuir ouro em pó pelas pessoas que della se approximavam, accompanhando o gesto com palavras de uma ironia inconsciente sôbre a ambição mesquinha dos despotas. » [1]

De vez em quando, recitava com tristeza a poesia, que seu marido lhe enviara.

Assim desappareceu!

E, antes della, vexada pela sentença de infamia, Maria Iphigenia, a *Princeza do Brasil,* tambem havia desapparecido!

E é tempo de confrontar, como faz Americo Werneck, a figura de Barbara Heliodora, com a figura de Tiradentes.

Tiradentes é um vulto heroico no seu martyrio!

Chama a si toda a culpa do crime!

E sóbe destemido ao patibulo!

Mas, era um homem, a quem a carreira das armas, certo, havia preparado para esses soffrimentos!

Além disto, vinha perseguido pelo infortunio em todas as tentativas da sua vida!

1 Americo Werneck, *Op. cit.,* pag. 17.

Tudo lhe falhara!

Barbara Heliodora houve que vencer a debilidade de seu sexo!

E a felicidade a accompanhara em toda a sua vida!

Filha, esposa e mãe, ninguem era mais feliz na Capitania!

E vivia na opulencia, cercada de riqueza!

Tudo isto sacrifica pela causa da Patria, pelo nome de sua familia e pelo seu proprio.

O supplicio de Tiradentes foi rapido.

O della, demorado; foi esta lenta agonia que, compungida, presenciou a Campanha do Rio Verde!

A luz que a Campanha do Rio Verde projecta sôbre a Conjuração ainda é mais brilhante, pois, do que á que irradia do Campo da Lampadosa!

III

Sepultam-se, na Campanha do Rio Verde, a heroina da Inconfidencia e a *Princeza do Brasil.*

Mas, parecia escripto que o nome de Princeza estaria sempre ligado aos fastos da Campanha.

Fôra tambem no *Princeza Imperial* que Alvarenga Peixoto havia seguido para o desterro.

E é sob os auspicios da princeza da Beira, que a Campanha vai ser erigida em villa.

Tristezas das cousas humanas:

Mal se extinguia a heroina da Inconfidencia, a victima de Maria I, e os habitantes da Campanha haviam de supplicar da rainha a mercê de villa!

E esta mercê seria concedida, dando-se á villa o nome de

Princeza da Beira, como para sobrepô-lo ao da infortunada *Princeza do Brasil!*

Foi em 1795 que a súpplica daquelles habitantes chegou á rainha.

Queriam a creação da villa, correndo os seus limites pelo rio Capivari.

E allegavam que a população da Campanha, fóra o seu termo, já excedia, naquelle momento, a oito mil pessoas. [1]

Informaram, a respeito, a Camara e o ouvidor de S. João d'El-Rei, em Abril de 1798. [2]

A Camara é severa para com a pretenção da Campanha.

Chega a julga-la audaciosa!

Além disto, pondera que o termo, que se tem em vista, comprehende tres julgados, além do proprio julgado da Campanha: o de Itajubá, o de Cabo Verde e o de Jacuhi.

Comprehende dez freguezias: Lavras do Funil, Baependi, Pouso Alto, Sant'Anna de Sapucahi, Camandocaia, Ouro Fino, Itajubá, Cabo Verde e Jacuhi.

« Assim », dizia ella, « depauperam esta Camara e lhe tiram toda renda ».

Allegava, ainda, as despesas que havia feito no pretendido termo:

Em 1743, 264 oitavas de ouro, quando fazendo-se acompanhar de gente armada, expulsou da Campanha a Bartholomeu Bueno; em 1746, 792, com o estabelecimento do julgado do Sapucahi, e para ausentar a jurisdição que S. Paulo tinha conferido a Francisco Lustosa; 500, para a destruição do Quilombo do Campo Grande, quando se descobriu Jacuhi; em 1759, 400 para a destruição do Quilombo do Ambrosio, na expedição confiada a Bartholomeu Bueno do Prado.

Mais justo foi o ouvidor.

Era legitima a pretenção da Campanha, de se erigir em villa. Mas, pelos limites de seu proprio julgado.

---

1 Vide a petição transcripta na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno de 1896, pag. 459.

2 *Op. cit.*, pags. 461 e segs.

Seria muito precaria a situação da Camara de S. João, creada a villa, com os limites que a Campanha pretendia.

Apezar disto, porém, pelo alvará de 20 de Outubro desse mesmo anno de 1798, Maria I ha por bem crear a villa, com a denominação de Campanha da Princeza. [1]

E assim procedeu porque a Campanha, « pelo crescido numero de seus habitantes e de outros mais Lugares que povoam a vasta extensão do seu Districto, se tem feito tão consideravel, que hé uma das Povoaçoens mais importantes da Capitania de Minas Geraes ».

A carta regia de 12 de Maio de 1799 nomeou, por sua vez, juiz de fóra, para installar a villa, o dr. José Joaquim Carneiro de Miranda e Costa.

O termo seria demarcado com approvação do governador, sujeita esta á confirmação regia.

E a demarcação se faria de tal arte que, para a villa da Campanha, ficassem os logares que lhe estivessem mais proximos do que da villa de S. João. [2]

A 26 de Dezembro, installou-se a villa.

Conhecia a Camara da Campanha a má vontade com que a Camara de S. João d'El-Rei recebera a creação da villa.

E, em represalia, prepara-lhe tremendo golpe!

Em auto de vereança de 10 de Janeiro de 1800, providenciando sôbre a creação de uma consignação voluntaria, para o serviço de obras publicas, lembrou-se de destinar a terça parte da consignação para os *alfinetes* da princeza da Beira! [3]

---

1 O alvará publicado na *Revista* cit., pag. 466.

2 Carta regia, na mesma *Revista*, pag. 468.

3 Este auto, na *Revista*, pag. 478.

Homenagens como esta, costumàvam os principes receber das villas de Portugal.

No Brasil, a Campanha teria a primazia !

E certa do exito que o golpe ia ter, passou a Camara da Campanha a demarcar o seu termo com o maior desassombro. [1]

O limite já não seria, como se pensou a principio, pelo rio Capivari, mas por todo o Rio Grande !

E, no respectivo auto, se dizia abertamente, que assim convinha aos interesses da princeza, para maior e mais segura arrecadação da consignação voluntaria !

Era a morte, quasi, de S. João d'El-Rei ; era a villa da Campanha constituida com o territorio de uma capitania !

Protestou, energicamente, a Camara de S. João !

Mas, em pura perda !

Maior poder tinham os *alfinetes* da princeza !

O governador da Capitania, conde de Sarzedas, por muito favor, altera a demarcação no sentido de excluir a freguezia de Lavras do Funil.

Mas, nem esta freguezia havia de pertencer a S. João d'El-Rei !

A Camara da Campanha queixa-se ao principe regente, e não tardou que recebesse a seguinte carta :

« Levei á Real presença do Principe Regente Nosso Senhor a representação que Vossas Mercês fizeram com data de 7 de Junho do anno proximo passado. E o mesmo Senhor tendo presente o generoso offerecimento que essa Camara fez da Terça parte de suas rendas, para o cofre de Sua Alteza Real o Principe Nosso Senhor, mereceram Vossas Mercês, por este motivo, huma justa e particular contemplação da parte do Principe Regente. Foi Sua Alteza Real servido ordenar ao Governador Cap. General dessa Capitania, por Aviso de 3 de Fevereiro proximo passado, que suspendesse toda a divisão do territorio de que Vossas Mercês se queixão, e que puzesse logo tudo no seu anterior estado. Deus Guarde a Vossas Mercês. Palacio de Queluz, sete de

1 O auto da demarcação, na *Revista*, pag. 486.

Fevereiro de mil oitocentos e um. — *Dom Rodrigo de Souza Coutinho.* » [1]

Em Mafra, em 6 de Novembro de 1800, o principe regente havia assignado a carta régia, approvando e agradecendo a consignação que a Camara da Campanha estatuira para os *alfinetes* da princeza.

Esta carta é aberta em sessão da Camara, com as maiores formalidades.

Achando-se os officiaes em auto de vereança, pelo juiz de fóra foi apresentada uma « carta feixada do Conselheiro de Estado dom Rodrigo de Souza Coutinho, aberta a qual se achava dentro outra em feixo de Carta Regia, que era um vinculo de uma tira de papel passado pelo meio, e prendidas as pontas debaixo dos sellos das Armas Reaes com o subscripto seguinte — Pelo Principe Regente — Ao Juiz, Vereadores e Procurador da Camara da Villa da Campanha da Princeza ; e sendo aberta Logo que se vio a Firma do Punho do Real Principe Regente Nosso Senhor, se levantaram todos e de pé ouviram ler como foi lida pelo Ministro Presidente o qual depois de se congratularem todos com reciprocos parabens disse — Aqui está Senhores, como a Real Grandeza da Magestade é tão benigna e Liberal em favorecer e honrar os seus Vassalos ; quando elles se fazem dignos pela sua obediencia e fidelidade. »

É como reza o proprio auto de vereança. [2]

E, passando-se a deliberar, ficou resolvido que a villa, dalli em deante, fosse nomeada, nos papeis publicos — *Nobre e Leal Villa da Campanha da Princeza.*

Convocou-se o clero, nobreza e povo, para assistir á publicação da carta.

E, finalmente, se resolveu que :

---

1 Publicada na *Revista*, pag. 527.

2 Este auto se acha publicado na integra, na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, vol. I, pags. 518 e segs.

« Sendo a Carta Regia um titulo de Nobreza para esta Villa, e uma mercê de honrá para os seus moradores, hé muito conveniente que a gloria que temos com Ella se eternize com a duração da Mesma por todas as edades futuras : e para este fim depois de registrada seja copiada em pergaminho com caracteres de oiro, e juntamente com o seu original, e o Auto que se fizer de sua Publicação, e todos os Documentos pertencentes á Creação e privilegios desta Villa, se guardará tudo em o Archivo da Camara deposetada em um Cofre de tres chaves, o qual nunca se poderá abrir quando fôr precizo, sinão em presença de todos os Officiaes da Mesma em acto de Vereação de que se fará termo. »

Os clavicularios do cofre seriam « aquellas Pessoas, que representam as tres Corporações dos Mordomos da Villa ; que têm parte na Carta Regia, como premio de sua fidelidade, e que se devem interessar com o maior zelo na perpetua conservação da mesma, pelo que terá huma das ditas chaves o vereador mais velho, representando a Camara : A segunda o capitão-Mór da Villa, significando a nobreza : A terceira o Procurador do Conselho, pela parte do Povo ».

E os clavicularios teriam, como distinctivo, uma chavinha de ouro nas cadeias do relogio, « ou pregada no bolso do vestido da parte de fóra, para que a vista deste distinctivo, que será insignia de honra, se Sua Alteza Real houver por bem approvar, faça despertar e eternizar na Memoria de nossos Netos e Descendentes, para o seu exemplo, e imitação a Mercê e honra, que conseguirão do Real Throno pela sua Lealdade os primeiros moradores desta Villa que têm debaixo daquellas chaves os titulos de sua Nobreza e de sua Gloria » [1]

---

1 Ha, na Bibliotheca Nacional, uma certidão extrahida dos livros da Camara da Campanha, em 1802, e com assignatura original do juiz de fóra e officiaes da Camara.

Na capa, e em letra muito bem desenhada, se lê : *Accordão da Camara da villa da Campanha da Princeza sobre os meios da conservação dos titulos de nobreza e privilegios, com instrucções para arrecadação das rendas da consignação voluntaria, instituida para o augmento das rendas publicas da mesma*

Em Março de 1802 o principe regente assigna a carta regia, fazendo doação á princeza do senhorio da villa da Campanha.

Nesta carta, diz elle:

«Por desejar Eu mostrar á Princeza do Brasil, Minha Muito Amada, e Presada Mulher, o muito Amor que lhe tenho, e a particular estimação que faço de sua Pessoa, he razão e pedem as Suas Virtudes, e merecimento. Me Praz e Hey por bem lhe fazer

---

Camara, com applicação da terça de todo o seu rendimento para o cofre de S. Alteza Real a Princeza da Beira, Nossa Senhora, e com approvação de S. Alteza Real o Principe Regente, Nosso Senhor.

A certidão vem accompanhada de um pequeno mappa do termo da Campanha, desenho de Francisco Salles; e precedida deste soneto:

Não é esta Campanha onde as bandeiras
Tintas de sangue arrasta Marte irado.
Onde a funesta voz e o triste brado
Indicam mortaes golpes nas Fileiras.

Esta Campanha he sim onde as ribeiras
Dão agradavel vista ao verde prado;
Aonde um Povo habita, que tem dado
De fieis corações provas inteiras.

Ella á Villa subiu, Real Piedade
Da *Princeza* a Protege, e desta sorte
Adora agradecida a Magestade.

Feliz se jacte Villa deste porte,
Que apezar de vindoura e longa idade,
Com hum Nome Immortal não teme a morte.

O soneto não tem assignatura; mas, quem apparece, algum tempo depois, fazendo versos, na Campanha, é Antonio Bressane Leite.

Nas solennes exequias que alli se effectuaram em 1816, pela morte de Maria I, elle figura recitando os versos que se acham publicados na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, do anno de 1896, pag. 566.

Provavelmente, seria delle o soneto.

— A certidão tem o numero 3.202 do catalogo da Exposição da Bibliotheca Nacional, e provavelmente, pertencia ao principe regente, a quem a Camara da Campanha a tivesse offerecido.

Mercê e Doação, durante a sua vida, do senhorio da Villa da Campanha.» [1]

E deram-se poderes ao juiz de fóra, para tomar posse do senhorio em nome da princeza.

Pela demora, entretanto, em chegar a carta regia, esta posse se effectuou em Abril de 1806. [2]

A terça era remettida em ouro do mais fino quilate, e acondicionada com esmero.

Em 1808, ao chegar o principe regente ao Brasil, a Camara da Campanha veiu incorporada beijar-lhe as mãos e as da princeza, trazendo para esta a terça que estava prompta. [3]

E, mesmo depois de rainha, d. Carlota Joaquina conservou aquelle rendimento, enquanto esteve no Brasil. [4]

É esta a primeira phase da Historia da Campanha.

A Campanha entrou para o seculo XIX, com os seus titulos de nobreza, que nunca havia de perder.

Consolidou-os, seculo em fóra!

Tornou-se o berço de familias illustres e, certo, foi a cidade do interior do paiz, em que as lettras tiveram maior culto!

Mas, na Historia de Minas, com relação á Campanha, se observa o phenomeno identico ao das *entradas*.

A Campanha ficou á margem.

A avalanche dos historiadores se encaminhou para Villa Rica; poucos desgarraram para alli.

E é por isto que eu me proponho escrever a Historia da Campanha, de que este trabalho é um inicio.

---

1 Esta carta está publicada na *Revista*, pag. 533.

2 Auto de posse, na *Revista*, pag. 535.

3 Auto de vereança, na *Revista*, pag. 550.

4 *Almanack Sul-Mineiro*, de 1874, pag. 49.

CARTAS INEDITAS

DA

1.ª IMPERATRIZ D. MARIA LEOPOLDINA

(1821 A 1826)

Em um maço de papeis varios existentes no archivo do Instituto foram encontrados estes documentos, cuja procedencia não foi possivel averiguar, mas positivamente authenticos e dignos de publicidade, por mais de um titulo. São 12 cartas de d. Maria Leopoldina a Schäffer, amigo particular e devotado da Familia Imperial; são datadas: a primeira de 28 de Abril de 1821 e a última de 8 de Outubro de 1826. Ha nellas algumas particularidades curiosas, que devem ser conhecidas; o historiador consciencioso e justo aproveita-las-ha sem duvida.

Juncto a essas cartas da imperatriz está outra de d. Pedro I ao mesmo Schäffer, datada de 13 de Junho de 1824, e cujo conteudo tem egual importancia.

Das primeiras publicamos o texto original allemão, seguido immediatamente da versão portugueza.

CARTAS DA IMPERATRIZ LEOPOLDINA AO SR. SCHÄFFER

N. 1

Reçu 28 d'Avril 1821.

Seyn Sie so gut, aber unter dem grössten Geheimnisse dass keine Seele es ahnen kann: mir in einem Schiffe welches nach Portugal schnell abgesellt, denn mein Gemahl soll binnen 3 Tagen abfahren und ich auf unbestimmte Zeit hier bleiben, welches Gründe, die mir nicht erlaubt sind zu offenbaren mir nicht erlauben ich gezwungen bin, gerechtfertigt durch die Einwilligung meines Gemahls, in der Flucht mein Heil zu nehmen.

1 — Möchte ich auf diesem Schiffe *welches sicher seyn* muss, auf eine deutsche Familie etwa 6 Gliedern bestehend.

2 — Verschaffen Sie mir eine gute gesunde fählige Amma für einem Kind welches auf dem Meere zur Welt kommen wird, auf diese Art keine Brasilianerin noch Portugiesin. Alles dieses unter dem grössten Geheimnisse, nicht ein Mal darf man ahnen, ich lage mein Schicksal, mein Glück in die Hände eines *Teütschen*, eines *Landsmannes,* hich hoffe er wird mich nicht täuschen.

Recebido em 28 de Abril de 1821.

Debaixo do maior segredo, de modo que nem viva alma o possa siquer suspeitar, tenha V. a bondade de fretar para mim uma embarcação que zarpe brevemente para Portugal, visto que

meu Esposo deve seguir dentro de 3 dias e eu devo ficar aqui por tempo indeterminado motivos que não estou auctorizada a divulgar, não m'o permittem, sou obrigada a procurar minha salvação na fuga legitimada pelo consentimento de meu Esposo.

1 — Desejaria encontrar nesta embarcação, que deve ser segura e veleira, commodos para uma familia allemã composta de 6 pessoas.

2 — Queira procurar-me uma bôa ama de leite, saudavel e geitosa para meu filhinho que nascerá no mar e que, dessa fórma, não será nem Brasileiro nem Portuguez.

Tudo isto debaixo do maior segredo, ninguem deve siquer suspeitar.

Entrego minha sorte, minha felicidade nas mãos de um *Allemão*, de um *patricio*, espero que elle não me enganará.

N. 2

Bester Schäffer.

Ich war auszerst verwundert, als ich gestern Abend auf ein Mal meinen Gemahl erscheinen sah —

Er ist besser gestimmt als ich hoffte, für die Brasilianer, es ist aber nöthig durch mehrere Personnen auf ihn wirken zu machen, denn er ist noch nicht so gewiss entschlossen als ich es wunschte. Man sagt hier: Die portugiesische Truppe will ihn zur Abreise zwingem —, denn wäre Alles verloren dieses zu verhindern ist höchst nöthig.—

Pernambuco will zum Gehorsam eilen, aber nichts von Cortes wissen — das soll es nicht auszern, denn sonst willigt er nicht ein.

Antworten Sie mir schriftlich schnell, denn mich zu besuche bist nicht rathsam, man möchte misstrauen. Sie meiner steten Freund schaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich.

Ihre wohlgewogene
Leopoldine.

P. S. Suchen Sie mir schon das Schiff auf um meine Sachen in 150 Kisten bestehend abzusenden und auf meine Meinung nicht zu errathen, — so ist es nöthig.

———

Excellente Schäffer.

Fiquei admiradissima quando vi, de repente, apparecer meu Esposo, hontem á noite.

Elle está mais bem disposto para os Brasileiros de que eu esperava — mas é necessario que algumas pessôas o influam mais, pois não está tão positivamente decidido quanto eu desejaria.

Dizem aqui que as tropas portuguezas o obrigarão a partir.— Tudo então estaria perdido e torna-se necessario impedi-lo.

Pernambuco deseja voltar á obediencia mas não quer nada saber das Côrtes — não deverá, porém, externa-lo sob pena do Imperador não acquiescer.

Responda-me depressa por escripto, pois não convem visitar-me, a fim de que não desconfiem.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, sou

Sua bem affeiçoada
Leopoldina.

N. 3

Erhalten 8 Januar 1822.

Bester Schäffer! Seyn Sie doch so gut mir heute den Conto de Reis zu senden, die äuszerste Noth zwingt mich ihnen abersmal zu plagen.

Man will hier von dem morgenden Tage viele Unruhen ver-

sprechen; haben Sie was gehört, — Der Prinz ist gefasst aber nicht so wie ich wünschte, die Minister werden verändert, und hiesige Eingeborenen mit Einsichten angestellt, und die Regierung auf die Art der vereinigten, nordamerikanischen Freistaaten eingeführt.

Alles dieses zu erlangen kostete mir viel — nur wollte ich noch mehr Entschlossenheit einblasen können.

Antworten Sie mir sogleich und seyn Sie meiner steten Freundschaft und wohlwollens versichert.

Vertatur.

Leopoldine.

Recebida em 8 de Janeiro de 1822.

Excellente Schäffer

Tenha a bondade de mandar-me hoje o conto de reis. — Necessidade a mais extrema obriga-me de novo a importuna-lo.

Receiam-se aqui muitos disturbios para o dia de amanhã.

Terá V. ouvido alguma coisa?

O Principe está decidido, mas não tanto quanto eu desejaria. Os ministros vão ser substituidos por filhos do Paiz, que sejam capazes. O Governo será administrado de um modo analogo aos Estados Unidos da America do Norte.

Muito me tem custado alcançar isto tudo — só desejaria insuflar uma decisão mais firme.

Responda-me immediatamente e fique persuadido de minha eterna amizade e de minha benevolencia.

Leopoldina.

N. 4

Bester Schäffer! In der Eile in der ich war habe ich vergessen Ihnen zu sagen: dass ich glaube es besser wäre die wacke-

ren Brasilianer liessen meinem Gemahl über die Regierung hier nach seinem Willen einzurichten sonst möchte dieser kleiner Umstand *sein Hierbleiben* verhindern und besonders versprechen dass sie die ganze responsabilität auf sich nehmen wollen bey den Cortes.

Sie meiner steten Freundschaft und wohlwollens versichernd verbleibe ich

Ihre wohlgewogène
Leopoldine.

Excellente Schäffer. — Na pressa em que eu estava, esqueci dizer-lhe que julgo preferivel que os Brasileiros conscienciosos deixem meu Esposo organizar o Governo como Elle bem o entende. No caso contrario, esta particularidade insignificante talvez impedisse que *elle aqui ficasse*. Elles devem sobretudo prometter assumir toda a responsabilidade perante as Côrtes.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affeiçoada
Leopoldina.

N. 5

8 Februar 1822.

Bester Schäffer! Hier haben Sie das verlangte Schreiben sehen Sie ob Sie es so gut finden und senden Sie es mir (es dann) um es zu versiegeln.

Man nimmt jetzt Gottlob kräfttigeren Maszregeln gegen die verdammte Kanailla.

*

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich

Ihre wohlgewogene
Leopoldine.

Excellente Schäffer

Aqui tem V. M. o documento, veja se o acha bom assim e mande-m'o para o chancellar.

Graças a Deus, estão tomando agora medidas mais rigorosas contra a amaldiçoada canalha.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affeiçoada,
Leopoldina.

N. 6

9 Februar 1822.

Bester Schäffer

Das Papier finde ich sehr gut und nöthig besonders in dem jetzrigen Zeitpunkte gedruckt zu werden. Ihre Ideen von Padre St. Payo bearbeitet habe ich nicht erhalten und begreife dieses nicht. Wenn er will mir die Hand küssen so mus er in den Garten der Joanna Morgen Nachmittag kommen; suchen Sie ihm dieses nur schnell anzudeuten, und bringen Sie mir Geld so viel als möglich und Naturschätze; kommen Sie heut 12 Uhr oder Nachmittag 3 Uhr sprechen.

Sie meiner steten Freundschaft und wohlwollens versichernd

Ihre wohlgewogene
Leopoldine.

9 de Fevereiro de 1822.

Excellente Schäffer

Acho o papel muito bom e julgo especialmente necessario manda-lo imprimir, nas circumstancias actuaes. Os seus pensamentos redigidos em collaboração do Padre Sampaio, não me chegaram ás mãos e não me explico isso. — Se elle deseja beijar-me a mão, que venha amanhã de tarde na Quinta da Joanna — tracte de communicar-lhe isso com urgencia e traga-me V. M. tanto dinheiro quanto possivel fôr e riquezas naturaes. Venha V. M. fallar commigo hoje ao meio dia ou ás 3 horas da tarde.

Assegurando-lhe minha amizade eterna e benevolencia

Sua bem affeiçoada

Leopoldina.

N. 7

(Falta o original em allemão)

4 de Agosto de 1822.

Meu caro Schäffer!

Estou sensivelmente embarazada. — Leia V. M. a carta inclusa; [1] e o homem diz q. quere fazer bulha; por amor de Deos veja V. M. a satisfazer-lhe.

Venha V. M. ver-me ao meyo dia e seja persuadido de minha amizade e Benevolencia, pedindo a V. M. /mesmo quando as tro-

---

1 Com toda a umildade e respeito lembra Antonio José da Costa Ferreira a V. A. Real q. em 30 de Julho p. passado se findou o prazo do emprestimo que fez a V. A. Real em 30 de Janeiro do corrente anno.

Rio de J.º 4 de Agosto de 1822.

pas açi o querião/ de impedir que não se me mande embora daqui.

Sua bem afeiçoada

Leopoldina.

N. 8

Bester Schäffer. So eben erhalte ich Ihren Brief durch Schulze der mir ein recht braver Mensch scheint zu seyn. Ich sende Ihnen hier einen Brief des Kaisers eingeschlossen, mit deren Inhalt Sie sehr zufrieden seyn werden.

Senden Sie noch 3.000 Mann mehr, alle ledig und Burschen, weggerechnet die zahl die ich Ihnen das andere Mal schrieb. Sie müssten sich auf Niemand verlassen, und besonders das Schreiben des Kaisers sehr gut aufbewahren, da es Ihnen vielleicht bei Ihrer Rückkunft sehr nöthig sein wird.

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich.

Ihre wohlgewogene,

S. Christoph, den 12 Juni 1824. Leopoldine.

P. S. Im häfte des kunftigen Monates erwarte ich meine glückliche Entbindung und ich glaube es wird dies Mal ein Knabe sein.

Excellente Schäffer :

Agora mesmo recebo sua carta por intermedio do Schulze, que me parece ser um muito bom homem. Remetto-lhe, inclusa, uma carta do Imperador, de cujo conteudo ficará V. M. mui satisfeito.

Mande mais 3.000 homens, todos solteiros e moços, sem descontar o numero que lhe escrevi da outra vez.

Não se fie em ninguem e guarde especialmente e com todo o cuidado a carta do Imperador, que, talvez, lhe seja muito necessaria na sua volta.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affeiçoada,

S. Christovão, 12 de Junho de 1824.

Leopoldina.

P. S. Meio do proximo mez espero meu feliz bom successo e creio que, desta vez, será um menino.

N. 9

15 März 1825.

Bester Schäffer! Sehr freute mich ihr Brief welchen mir Lins uberbrachte. Der Kaiser ist auszerordentlich zufrieden mit den Soldaten, und die Pferde machten ihm eine auszerordentliche Freude, er besuchte sie diese 2 Tage welche sie angekommen sind, mehr als hundertmal und wenn nicht Kloss ihn gewarnt hätte, ich glaube er wäre darauf ausgeritten.

Nun ist Kloss ein grosser Liebling, bekommt den Gehalt von 40$000 reis monatlich Essen und Wohnung frey. Wegen der Offiziere sind Sie auszer Sorgen nur können sie nicht in Kavallerie angestellt werden. Der Kaiser sagt mir: er hätte Felisberto Brandt den Befehl gegeben Ihnen mit allem gestampten Golde zu unterstützen, erträgt mir auf Ihnen zu sagen Sie möchten sogleich *den Scheinmal von Steinaŭ bey Lübeck und die 2 Braunen von Illefeld bey Neu Brandenburg stehend bey Amtmann May* von welchen Kloss sprach, kaufen und senden so schnell als möglich, da er sie so gut gepflegt als die Ersteren bekommen will, so sagt Kloss sie sollen mit dem Schwager von Schulze sen-

den. Herzlich wünsche ich Ihnen der Kaiser übersandte, es freut mich herzlich, da ich ihre aufrictige Freundin bin und nie vergessen werde die guten Dienste welche Sie immer leisten und die ich zu schätzen weisz so wie der Kaiser da sie äuszerst selten in mehr Leuten anzutreffen sind.

Nun will ich nachdem ich dem Herrn gedient habe, von mir sprechen ; wir sind Alle recht gesund und ich bitte Sie als die *einzige Person* auf die ich mich verlassen kann mir wenn möglich in einem sicheren Hause 120.000 Gulden aufzutreiben. Meine Lage zwingt mich dazu, denn hier denkt man nur wegzunehmen aber nicht zu vermehren nor geben. Scheiner leugnet die 500 £ St. und nennt Sie einen grossen Lump ; so dasz der Kaiser ihn bald über die Treppe hinausgeworfen hätte. Er bekam durch dieses Schiff Finanzen und da nur hier der Befehl in der Hauptmante ist, die Schiffe zu siegeln und dann früher oder später die Siegel abzulacken so wollte er sich helfen und schrieb auf der Liste meinen Namen darauf der Kaiser darüber böse, blieb mit Ihnen, wenn er sich Ihnen beklagt so wissen Sie die ganze Geschichte. Seyn Sie überzeugt der Kaiser ist Ihnen sehr geneigt und ich eifre ihn immer mehr an. Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich

Ihre Wohlgewogene

St. Christoph den 15 März 1825.

Leopoldine.

P. S. Der Kaiser trägt mir so eben auf Ihnen zu sagen dasz er Sie zu seinem Encarregado de Negocios : (oder Geschäfts-Träger) mehr als Consul in den Hanseatischen Städten und Niedersachsen ernannt um alles Geld was Sie begehren zu ihre Disposition gegeben wird nebst bey sollen Sie 2.000 Mann welche Sie mir schreiben Sie hätten bereit, sobald als möglich senden. Sehen Sie daraus wie fleiszig ich arbeite für Sie und sehen Sie um Gotteswillen dasz Sie mir 120.000 Gulden auftreiben oder in hiesigem Gelde 40 Contos de Réis sonst komme ich in eine verzweifelte Lage denn die hiesigen interessirten und heim tückis-

chen Portugiesen wollen nicht schweigen. Ich bitte geben Sie mir die Beweise ihrer Freundschaft und senden Sie mir das Geld.

---

15 de Março de 1825.

Excellente Schäffer. — Muito me satisfez a carta de V. M. que o Lins trouxe de lá. O Imperador está extraordinariamente satisfeito com os soldados, e os cavallos causaram-lhe um prazer extraordinario. Elle os foi ver mais de cem vezes nestes dois dias em que chegaram, e penso que os teria montado si o Kloss não o tivesse dissuadido.

Agora o Kloss é um grande favorito — recebe o ordenado de 40$000 réis mensaes e casa de graça. — A respeito dos officiaes não tenha V. M. cuidados, sómente elles não poderão entrar na Cavallaria. — O Imperador disse-me ter dado ordens ao Felisberto Brandt para que sustentasse V. M. com todo o ouro em barra e encarregou-me de lhe dizer que póde V. M. comprar immediatamente o *Cavallo branco* (?) *de Steinar perto de Lubeck e os dois cavallos castanhos, de Illefeld, perto de Brandenburgo, que estão com o Bailio May*. Foi o Kloss quem lembrou isso, dizendo ainda que afim de recebe-los tão bem tractados como os primeiros V. M. deveria remette-los acompanhados pelo cunhado do Schulze.

De coração desejo a V. M. toda a felicidade com a Estrella da Ordem do Cruzeiro que lhe remetteu o Imperador — allegrame cordialmente, pois sou leal amiga de V. M. e nunca esquecerei os bons serviços que sempre me prestou e que sei appreciar assim como o Imperador, pois é excessivamente raro encontrar essas qualidades em outras pessoas.

Agora, depois de ter servido meu Senhor, quero tallar de mim ; passamos todos muito bem de saude, e peço a V. M. como a *unica pessoa* a quem posso confiar-me, que me arranje, si fôr possivel, por intermedio de uma casa de confiança, a quantia de 120.000 Gulden. Minha posição obriga-me a isso, visto que aqui só se pensa em retirar, mas não em augmentar ou dar. — Scheiner nega as 500 £ esterlinas e trata V. M. de grandissimo mise-

ravel, de tal fórma que o Imperador não tardou em atira-lo pelas escadas abaixo. Elle recebeu dinheiro por este navio e como, aqui, é da Alfandega principal que são dadas as ordens para sellar os navios — e, depois, mais cedo ou mais tarde, a ordem de levantar os sellos, elle quiz ajudar-se a si mesmo e escreveu meu nome na lista, para que o Imperador ficasse zangado com V. M. por causa disso. — Si elle se queixar, já sabe V. M. a historia toda.

Fique persuadido de que o Imperador lhe quer muito e que o animo cada vez mais para isso.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, sou, como sempre,

Sua bem affeiçoada

S. Christovão, 15 de Março de 1825.

Leopoldina.

P. S. O Imperador encarrega-me agora de participar-lhe que o nomeou seu Agente de Negocios (Chargé d'Affaires) mais de que Consul — nas cidades Hanseaticas e na Saxonia Baixa — que V. M. receberá todo o dinheiro que requisitar e que V. M. deve remetter o mais cedo que fôr possivel os 2.000 homens que já escreveu-me haver apromptados. V. M. conclua por isso o trabalho gigantesco que tive e procure pelo amor de Deus, me arranjar 120.000 Gulden ou 40 Contos em moeda daqui, sinão fico numa posição desesperada, visto que os egoistas e hypocritas Portuguezes não ficarão calados. Rogo a V. M. esta prova de amizade e mande-me o dinheiro.

N. 10

Bester Schäffer. Ich antworte durch diese Gelegenheit auf drei Ihrer Briefe und haben Sie mein Schreiben schon erhalten wo ich Ihnen melde dasz alle Wünsche erfüllt sind. Da nun General Brandt hierherkommt so will ich ihn recht zù ihren Guns-

ten bearbeiten. Scheiner hat endlich gezahlt, was aber unumgänglich nöthig ist, ist dasz Sie mir 140.000 G : auftreiben um dann alle diese *Beutchen* los zu werden, was kein kleines Glück sein wird.

Senden Sie mir nun bald die Bücher und viele — viele Soldaten, denn ich glaube jedes Mal werden sie nöthiger.

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich.

Ihre Wohlgewogene,

St. Christoph, den 16 May 1825.

Leopoldine.

P. S. Sendem Sie mir 2 Sachs-Hunde und einen Hund der untertaucht.

---

16 de Maio de 1825.

Excellente Schäffer. —Respondo agora a trez de suas cartas, e V. M. já terá recebido minha carta participando-lhe terem sido attendidos todos os seus desejos. — Como o General Brandt vae agora chegar, quero preparal-o bem como o deseja V. M. Scheiner pagou finalmente — o que se torna absolutamente indispensavel é que V. M. me procure 140.000 Gulden, para ver-me livre de todos aquelles *pequenos assaltos,* o que não será pequena felicidade. Mande-me V. M. bem depressa os livros e muitos — muitos soldados —, pois acredito que se tornam cada vez mais necessarios.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affoiçoada,

S. Christovão, 16 de Maio de 1825.

Leopoldina.

P. S. Mande-me 2 cães saxonicos e um cão que saiba mergulhar.

N. 11

Bester Schäffer! Herzlich freuten mich ihre 2 letzten Briefe, und mit wahrer Ungeduld erwarte ich die Bücher und das Weitere. Wegen des Geldes ist schon der Befehl an Gameiro abgegangen, um ihnen alle Soldaten und Colonisten welche schon bereits besprochen sind zu bezahlen, weiter aber Keinen mehr zu engagiren, indem der *Allerliebste Obererwähnte!!* sagt: es fehle ihm am Gelde: /wie mir aber nicht scheint in seiner Tasche/.

Der Kaiser wünscht sehr, Sie mögten einige Tausende schon besprochen haben, denn so hat der Andere kein Mittel als sie zu bezahlen und nur durch diesen Betrug kann es gut gehen, denn sonst gewinnt die Schlacht gegen Brasilien's Wohlgesinnte Parthey. Hier geht Alles nicht so wie ich wünschte, aber wir wollen das Beste von dem Allmächtigen hoffen.

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd, verbleibe ich.

Ihre Wohlgewogene,

St. Christoph, den 10 May 1826.

Leopoldine.

P. S. Zeigen Sie diesen Brief Niemand als wenn Sie wollen Haufft, denn Sie sind von Feinden umgeben.

Excellente Schäffer

Suas ultimas duas cartas agradaram-me cordialmente e espero, com verdadeira impaciencia, os livros e o resto. A respeito de dinheiro já seguiu a ordem para o Gameiro a fim de que se-

jam pagos todos os soldados e colonos já contractados, mas V. M. não deve contractar nenhum mais, visto que o *Amadissimo supracitado* (!!) diz que falta-lhe dinheiro (parece-me que não é no bolso delle).

O Imperador faz votos para que V. M. já tenha contractado alguns milhares, assim o outro não teria remedio sinão pagar, e só com este estratagema poderá a coisa andar direita e a batalha será ganha contra o partido bem intencionado do Brasil. Aqui não vae tudo como eu desejaria, mas queremos esperar a melhor solução do Todo Poderoso.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affeiçoada,

S. Christovão, 10 de Maio de 1826.

Leopoldina.

P. S. Não mostre esta carta a ninguem, a não ser ao Sr. Haufft, se quizer, pois o Sr. está rodeado de inimigos.

N. 12

Bester Schäffer! Herzlichen Dank für Ihren Brief und Geschenke. Der Kaiser wünscht jedes Mal mehr Soldaten und sagt mir: er gab Befehl Alle schon *engagirte* sollten Sie sendem und für das Uebriege steht er. Auch habe ich nach einem langen Kampfke durchgesetzt, der mich vielleicht mehr als viele Eroberungen der Griechen und Römer kostete, dasz Sie als Geschäftsträger in den Hanseatischen Städten und Niedersachsen nebst Mecklenburg Oldenburg und dem Bundes-Tage in Frankfurt ernannt; hier geht Alles leider verdreht, denn aufrictig gesprochen, nichtswürdige Frauen gleich einer *Pompadour ünd Maintenon!!* und noch ärger, da sie keine Einziehung haben, und Minister ganz Europe und der heiligen Ignorenz feil regieren

Alles und die Anderen müssen schweigen und nur grosze Einsamkeit und jedes Mal mehr der Wunsch sich frey ûnd ruhig zu wissen bleibt Einem übrig!!!

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich

Ihre Wohlgewogene,

St. Christoph, den 8 October 1826.

Leopoldine.

Excellente Schäffer:

Um cordial obrigado por sua carta e os presentes. — O Imperador deseja cada vez mais soldados e disse-me ter dado ordens para que V. M. mande todos os já contractados e que se responsabiliza Elle pelo resto.

Tambem, depois de longa batalha, que talvez mais custasse que as conquistas dos Gregos e dos Romanos, consegui sua nomeação de Encarregado de Negocios nas Cidades Hanseaticas e Saxonia Baixa, junctamente a Mecklenburgo, Oldenburgo e Dieta, da Confederação Germanica, em Francfort.

Aqui anda tudo transtornado infelizmente, pois, sinceramente fallando, mulheres infames como si fossem Pompadour e Maintenon (!!) e ainda peior, visto que não teem educação alguma, e ministros da Europa toda e da Santa Ignorancia governam tudo torpemente. E os outros devem ficar calados e procurar apenas o maior isolamento, ficando cada vez mais almejando a independencia e a tranquillidade.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affeiçoada,

S. Christovão, 8 de Outubro de 1826.

Leopoldina.

CARTA DO IMPERADOR D. PEDRO I A SCHÄFFER

Meu Schäffer.

Muito lhe agradeço a boa gente que tem mandado para Soldados. A Imperatriz já lhe mandou da minha parte encommendar mais 800 homens para Soldados, agora eu lhe ordeno que em logar de Colonos cazados mande mais 3.000 Solteiros para Soldados alem dos oitocentos. O Ministro dos Negocios Estrangeiros lhe mandou dizer que não mandasse mais, mas eu quero que mande os que por esta lhe encommendo, e faça de conta que não recebeu ordem para não mandar. Mande, mande e mande, pois lho ordena quem o hade desculpar e premiar, pois he

Seu

Boa Vista, 13 de Junho de 1824.

Imperador.

D. PEDRO II NO EGYPTO

CONFERENCIA

DE

NICOLAS DEBANNÉ

(Socio correspondente do Instituto)

Sua Magestade Sr. D. Pedro II no Cairo
tendo á sua direita o Visconde de Bom Retiro

D. PEDRO II NO EGYPTO

Eis a interessante conferencia que o sr. Nicolas Debanné, addido á Agencia diplomatica do Brasil no Egypto, fez sôbre d. Pedro II, no Instituto Egypcio, na cidade do Cairo:

D. PEDRO II E OS SABIOS DO EGYPTO

« Fallando-vos de d. Pedro, não é de um extrangéiro que me occuparei, mas sim de um dos vossos: por isso, exprimo-vos o meu reconhecimento pela prova de confiança e amizade, que me testemunhaes permittindo que vos falle de um membro, por assim dizer, da vossa familia.

D. Pedro II foi o grande soberano de um grande Estado; presidiu brilhantemente por mais de meio seculo aos destinos de um paiz por si tão extenso quanto toda a Europa; foi o educador de um povo que elle formou desde a infancia como nação, para deixa-lo, em plena edade viril e em plena força, preparado para tornar-se o grande povo, que hoje conhecemos.

Mas d. Pedro tambem foi o « imperador homem de sciencias », como o denominava o seu amigo Pasteur; o « principe philosopho», como o appellidava Lamartine; o neto de Marco Aurelio, como o chamava Victor Hugo. Membro de diversas sociedades scientificas, do Instituto de França e do Instituto Egypcio, foi vosso collega ou de vossos predecessores; e, embora a sua modestia procurasse occultar seus titulos, para elle era especial prazer ostentar o último; evocando suas recordações pessoaes, um dos vossos, o sr. Gaillardot Bey, que fôra encarregado de lhe

*

fazer entrega do diploma de membro honorario do Instituto Egypcio, conta-nos com que alegria e enthusiasmo elle o recebeu.

É porque elle amava sincera e profundamente o Egypto e seus sabios; é porque vos dedicava sentimentos de real amizade e verdadeira admiração: emprégo, senhores, propositalmente as palavras «verdadeira, sincera, profunda e intima», porque os sentimentos de d. Pedro para convosco não eram apenas os do «estylo», cuja manifestação official entre membros honorarios de Sociedades Scientificas é de bom tom; não, os seus sentimentos eram intimos e reaes; nunca os deixou de evidenciar, e as proprias circunstancias permittem-nos ouvi-lo fallar a vosso respeito mesmo além do tumulo; a publicação do jornal das suas impressões intimas de viagens ao Egypto, que acaba de ser descoberto ultimamente por acaso no Brasil, offerece-nos ensejo para lermos no intimo da alma do vosso imperial collega. Quando elle se occupa de vós nas suas notas privadas, quando faz allusão a Mariette ou áquelles que elle chama «meu amigo Brugsh ou meu amigo Gaillardot», não é o soberano membro honorario de uma grande corporação scientifica que falla, é o homem que falla com emoção de amigos amados e admirados.

Senhores, deveis ter avaliado a parte effectiva e real, que elle tomou em vossos trabalhos: era realmente um dos vossos.

Recordae-vos da sessão de 10 de Novembro de 1871, em que o vistes tomar parte em nossas interessantes pesquizas, discutir convosco, informar-se a vosso respeito, expôr as suas theorias, communicar suas observações e duvidas sôbre diversas questões scientificas e especialmente de Egyptologia. Recordae-vos da sessão de 13 de Janeiro de 1877, em que sua alma de artista e de amigo das sciencias, indignada deante do abandono em que se achavam os monumentos do antigo Egypto, denunciou-nos esse crime de lesa-belleza e de lesa-sciencia, e chamou nossa attenção para o «vandalismo dos viajantes». A sua communicação sôbre o «Vandalismo dos viajantes» está archivada no vosso Livro de Ouro; o appêllo do soberano brasileiro e o apoio que déstes ás suas observações contribuiram não pouco para que fossem tomadas diversas medidas, afim de se conservarem os thesouros artisticos e scientificos do Egypto dos Pharaós.

Emfim, estais lembrados da attenção com que d. Pedro accompanhou as interessantes communicações do nosso collega, o Dr. ...tinal, por elle encarregado de apresentar estudos e relatorios sôbre a cultura racional do café, do fumo e do algodão.

D. Pedro tem sido estudado como chefe de Estado e no seu papel historico, já em vida e immediatamente depois de sua morte, de sorte que sob esse poncto de vista temos hoje a sua figura bem delineada e prompta para passar á Historia. O Brasil republicano de agora, embora ame a fórma actual de govêrno que escolheu, nunca deixou, mesmo por occasião da revolução que proclamou a Republica, de amar e venerar a personalidade do seu velho soberano; ultimamente erigiu-lhe uma estatua; mas seus traços não se perpetuarão na posteridade sómente por essa estatua de bronze; conservar-se-hão mais fielmente ainda pelos numerosos estudos sôbre sua personalidade e seu reinado, que os seus antigos subditos lhe dedicarem. Basta, entretanto, erigir uma estatua immaterial a um outro d. Pedro, a d. Pedro o philosopho, o amador das sciencias e das lettras; será demasiada exigencia solicitar dos seus collegas, ou antes, dos seus amigos do Instituto Egypcio que, com seus estudos, suas notas e suas recordações, concorram para a realização dessa obra?

Peço-vos, portanto, senhores, que façais por elle o que por vós elle fez; conservar a sua lembrança como elle guardou a vossa, no jornal da sua viagem ao Egypto, de que uma parte acaba de ser descoberta e publicada no Brasil.

Senhores, em primeiro logar dir-vos-hei algumas palavras sôbre esse jornal e sôbre as circunstancias da sua descoberta; depois, fallar-vos-hei do seu auctor; além disso, por esse mesmo jornal, retratareis ao vivo e apreciareis o character e a alma do vosso collega.

Em 1890, por occasião da dispersão dos moveis de d. Pedro, alguem, que havia comprado uma pequena mesa que lhe pertencera, encontrou no fundo de uma gaveta um manuscripto incompleto com as paginas meio rasgadas, escripto pelo imperador: eram suas notas e impressões de viagem ao Egypto e diversos desenhos feitos por elle mesmo durante sua viagem ao Nilo. O manuscripto estava redigido em francez, e parece que o impera-

dor queria da-lo a conhecer aos seus amigos do Instituto Egypcio, ou servir-se como borrão ou minuta para as correspondencias que dirigiria a Mariette, a Brugsh Bey e provavelmente tambem a outras pessoas.

O manuscripto descoberto pelo visconde de Taunay foi apresentado por seu filho á mais importante instituição scientifica brasileira, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que d. Pedro havia sido presidente e protector; e foi publicado na *Revista* desse Instituto, não ha muito tempo.

Reproduzindo esse jornal, o Instituto Brasileiro o fez preceder dos commentarios seguintes, commentarios tanto mais interessantes porquanto o Instituto acima referido conta entre seus membros muitas notabilidades das mais consideradas na joven Republica Brasileira, e entre seus presidentes honorarios diversos presidentes da Republica do Brasil; sabe-se, por conseguinte, qual o respeito e qual a veneração que o Brasil republicano de hoje dedica á memoria de d. Pedro, sentimentos esses tão elogiosos para o que delles é alvo como para os que os alimentam.

« Tudo que se refere, diz esse prefacio, á existencia intima das individualidades historicas, principalmente daquellas que occuparam posições eminentes entre seus concidadãos, não póde deixar de interessar não sómente á critica, mas tambem á massa do público.

Todo escripto deixado por essas pessoas merece ser estudado e observado com attenção: esses documentos explicam um character e uma epocha, para a solução do problema humano. Sob este poncto de vista, tractando-se daquelle que durante meio seculo presidiu aos destinos de sua patria, e mais quanto ao que diz respeito ao Instituto, daquelle que sempre foi seu protector supremo e inolvidavel amigo, é um dever conservar com veneração as suas mais insignificantes religiosas reliquias.

....

Este jornal prova as qualidades primordiaes do soberano magnanimo, que foi d. Pedro: o amor da Sciencia, sua actividade infatigavel, seu escrupulo, seu amor á verdade, sua dedicação a tudo que é nobre e bello, uma intelligencia e um character dignos de perpétua veneração »,

Por outro lado, o dr. A. d'Escragnolle Taunay lastimá o estado incompleto do manuscripto e suggere a idéa, segundo a qual a continuação poderia ser encontrada nas mãos dos sabios amigos de d. Pedro, ou ao menos completa pelas communicações que d. Pedro lhes teria feito.

É nestas condições, senhores, que ouso fallar-vos de d. Pedro II, que muitos dos illustres membros desta assembléa conheceram pessoalmente: com effeito, desejaria, tanto quanto possivel, encontrar a continuação desse jornal e estabelecer detalhadamente as relações do grande soberano do Brasil com seus amigos, os sabios do Egypto, e, para alcançar similhante fim, solicito de todos e particularmente dos illustres membros desta assembléa que me communiquem qualquer documento emanado do imperador ou que se relacione ás suas viagens ao Egypto, nos annos de 1871-72 ou 1876-77.

Si para o Instituto Brasileiro esse jornal é interessante, porque retrata vivo o character de d. Pedro, tambem é interessante para o Instituto Egypcio pelas observações pessoaes do imperador sôbre o Instituto, seus commentarios sôbre seus trabalhos e suas apreciações sôbre os seus amigos, os sabios do Egypto.

O jornal de viagem de d. Pedro ao Alto Egypto não é propriamente a narrativa de sua viagem; são antes notas sôbre suas impressões pessoaes e observações concernentes quasi exclusivamente a questões de Egyptologia.

O imperador expõe suas idéas sôbre diversas questões, nota o que lhe chamou a attenção, formúla duvidas sôbre esta ou aquella questão de Egyptologia, colleciona recordações que, a seu ver, esclarecem alguns ponctos duvidosos, etc. Vê-se claramente que elle tomava essas notas para discutir o assumpto com os membros do Instituto, quer no primeiro encontro, quer por meio de correspondencia.

Assim é que observa: Mariette pretende que a pyramide de Sakkarah, de que fallei hontem, poderia ser attribuida a Benephes, da primeira dynastia, 5.000 annos antes de J. C.... Ha divergencia de 2.079 entre os egyptologos allemães a respeito da data do reinado do rei Mena..., Mena, o Mênos dos Gregos, significaria «o perpetuo»...

Meu amigo Brugsh pensa que Mena vivia no anno de 4455 A. C., etc., etc.

Mais tarde elle escreveu no seu jornal :

« Porventura não é curioso approximar o nome de Mena com o de Minos dos Gregos e o de Manu dos Indús : haverá mais do que uma simples similhança ?

Reproduz egualmente observações sôbre a epocha em que o camello e o cavallo começaram a apparecer nos monumentos egypcios. A proposito da sepultura de Knum Hotep procura saber si se poderia attribuir uma origem semitica á lingua dos antigos Egypcios e ao Copto; o nome de Ammon se liga ao hebraico amigo do povo.

Em outro trecho observa que o dr. Gaillardot sustentou no Instituto Egypcio a opinião, segundo a qual o Egypto conheceu o periodo prehistorico; parece estar convencido da these do dr. Gaillardot, mas accrescenta que Mariette combateu no Instituto a theoria do dr. Gaillardot com argumentos, que mereciam ser tomados em consideração.

As vossas ulteriores pesquizas deviam dar razão á these do dr. Gaillardot, porquanto descobriu-se no Egypto o vestigio da edade de pedra.

Elle estabelece em outra passagem o parallelo entre Mariette e aquelle que elle denominava seu amigo Brughs : « as descobertas de Mariette são mais brilhantes, mais impressionantes, diz elle, entretanto julgo que o meu amigo Brughs possue mais sciencia. » Menciona que conheceu o dr. Gaillardot por occasião da sua primeira viagem em 1871-72, e lembra a estima, que lhe votava o conde Joubert.

Dá a conhecer as suas relações com o sr. de Rougé, que foi o seu iniciador em Egyptologia; oppõe Rougé a Brugsh e este a Champolion, em diversos ponctos duvidosos; o seu livro de cabeceira era a grammatica hieroglyphica de Brughs, que elle lia antes de dormir; observa, entretanto, que para « a leitura dos textos hieroglyphicos é necessario contar tanto com o faro de adivinhação, como com as regras da interpretação. »

Cito-vos esses poucos fragmentos, sôbre os quaes não mais me alongarei, unicamente para mostrar-vos o genero dessas

notas de viagem de d. Pedro. Com effeito, espero poder apresentar-vos o texto desse jornal em francez.

Algumas vezes, porém, taes notas mudam de assumpto; tractando de Fayoum e do canal de Lahoun, elle faz allusão aos trabalhos executados pelo khediva Ismail: aponta os progressos da instrucção entre a sua primeira viagem ao Egypto, em 1871, e o anno 1876. Por ahi se avalia a preoccupação daquelle para quem as questões da organização do ensino constituiam o pensamento principal.

Varias vezes, porém, as notas que insere no seu jornal apresentam-se sob tal fórma, que não podem ser incluidas sinão no numero das notas de natureza privada.

A sua alma de sabio e de artista indigna-se ao contemplar o abandono em que, a seu ver, jaziam nessa epocha os monumentos dos Pharaós. « Alguns vestigios flagrantes de incrivel vandalismo, diz elle, a respeito das ruinas de Karnack e de Abydos; francamente o khediva poderia gastar um pouco menos com os seus palacios e despender um pouco mais com a conservação desses monumentos. »

Mais adeante accrescenta: « Vê-se bem que estamos no Oriente, onde ninguem se apressa! »

Soberano de um paiz productor de assucar, d. Pedro examina cuidadosamente as usinas assucareiras que encontra no Alto-Egypto e salienta a sua producção: « A usina de assucar do khediva em Minich, diz elle, possue apparelhos Derosne e Gail, e produz 50.000 quintaes de assucar e 4.000 litros de alcool de 40 gráos. »

A par disto, discute ponctos de arte: « Como é de lamentar que os artistas egypcios sejam obrigados a seguir o « dogma » que lhes foi imposto; si elles gozassem mais liberdade, certamente a sua habilidade e a sua arte produziriam obras primas. » Elle annota que Cleopatra parece ter nas suas reproducções o ar de uma pessoa demaziado cruel. Ácerca de Amenophis IV, recorda ter lido na Bibliotheca Imperial de S. Petersburgo um ukase da imperatriz Elisabeth da Russia proclamando solennemente retrato official um dos seus retratos, em que está favorecida, e condemnando outro em que parece feia, o que prova-

velmente era; em presença dos traços grosseiros de Amenophis IV, elle observa que aquelle faria bem si impedisse a reproducção, e concita os egyptologos a informarem-se si não ha a este respeito um edito analogo ao de Elisabeth.

Nota em Karnack que as queixas de Setil contra Ammon, que o abandonou em uma batalha, lembram muito o estylo de David; demora-se com agrado na phrase final das censuras de Setil ao seu exercito. « Luctei só ». Esta phrase recordava-lhe evidentemente as suas proprias luctas em campos de batalha de outra ordem, onde tambem teve que luctar « sósinho ».

Em outras occasiões as observações de d. Pedro apresentam uma nota commovida, que nos revela uma alma sensivel, embora não expressiva: « Não posso repetir com o filho de Pharaó Aen: Conservae-vos alegres durante vossa vida; com effeito, como é possivel ter uma alegria que não é partilhada por meus amigos? Esta viagem encanta-me; entretanto, fico triste ao pensar em meus amigos, que estão privados de similhante prazer. »

O que precede com certeza já vos deu idéa do « Jornal de viagem de d. Pedro ». Quanto ao que se refere ao auctor, dir-vos-hei agora algumas palavras, senhores, não para vos fazer conhecer, mas simplesmente para reviver na vossa memoria a personalidade do imperial membro do Instituto Egypcio.

Existe no mundo uma nação, senhores, cujo papel providencial, cujo destino historico e cuja funcção no organismo mundial consistem em faze-lo á luz, á nação que civiliza, educa e fórma as outras: é a França. Embora quizesse ou não, fosse em seu proveito ou em seu detrimento, tivesse consciencia ou não, ella sempre teve que dar desempenho a essa missão: aperfeiçoar os outros paizes, dar-lhes todo o proveito e todas as vantagens possiveis; é uma fatalidade que lhe foi imposta e á qual não se poderia furtar. Si a civilização latina diffundiu-se na Allemanha, não foi porque atravessou os Alpes, como bem obtemperou Guglielmo Ferrero, mas sim porque tomou o caminho da Gallia, que é a senda, por que enveredou a civilização da Renascença; de sorte que tudo que ha do character latino na civilização allemã é um character latino modificado pelo terreno pelo qual atravessou, com mais razão esta consideração se applica á Inglaterra e á

Hispanha. Mais tarde a propria França utilizou-se, em favor da sua influencia, do traçado dos caminhos latinos; logo, vemo-la ultrapassar as fronteiras dos estados limitrophes e manifestar-se na Turquia, na Russia, na Suecia, transpôr os mares e apparecer nas Indias, no Canadá, na Luisiana. Ha trezentos annos que todo o movimento mundial parte da França como de um poncto de irradiação e reflecte-se nos outros paizes como um écho que, por seu turno, produzisse échos secundarios. O movimento litterario e artistico do seculo XVII, o movimento scientifico e philosophico do seculo XVIII, o politico de 1789, o napoleonico, o de 1848, o da ultima epocha imperial partem da França como de um centro commum e provocam outros movimentos nos demais paizes: esses movimentos podem não ser identicos á causa que lhes deu origem, podem mesmo estar apparentemente em opposição á mesma; não deixam, porém, de ser effeitos de tal causa.

O vosso illustre fundador, o general Bonaparte, creou indirectamente, mas effectivamente, o Egypto de nossos dias com sua nova civilização européa; foi elle tambem quem creou, embora indirecta e inconscientemente, o Brasil, independente logo dopois de uma dezena de annos, sôbre o qual d. Pedro, contando apenas cinco annos, foi chamado a reinar.

Com effeito, foi para fugir á invasão de Napoleão, que o principe regente de Portugal, d. João VI, abandonou o seu reino da Europa e refugiou-se, em 1808, na colonia do Brasil, que desde logo foi elevada a reino. A antiga colonia adaptou-se facilmente á sua nova situação e, pouco tempo depois, o proprio filho de d. João VI, d. Pedro I, (aliás de accôrdo secreto com seu pai) proclamou, em 1822, a independencia do Brasil, constituido em imperio; forçado a abdicar nove annos mais tarde, partiu para Portugal, deixando o throno a uma criança de cinco annos: d. Pedro II.

Na edade de 15 annos, d. Pedro, declarado maior, viu-se obrigado a começar o exercicio effectivo do poder. Essa criança de 15 annos tinha atraz de si o Brasil de hontem apenas formado, entretanto já perturbado pelas commoções de duas revoluções, por numerosas guerras, por luctas intestinas, cujos ferimentos ella devia curar; tinha deante de si o Brasil de amanhã, cujo

aperfeiçoamento estava por se fazer: para um homem recto e escrupuloso como era o novo imperador, a idéa da immensidade da missão a cumprir era uma verdadeira tortura de todos os instantes; com effeito, senhores, o homem honesto receia mais a falta de omissão do que a falta de commissão, porque esta última, uma vez practicada, não póde mais ser sanada, e a consciencia acalma-se deante da impossibilidade de desfazer o que já se consummou, ao passo que a primeira sempre é uma falta contínua, que se repete a todo instante, que se multiplica a todo momento, si a acção prosegue. D. Pedro acorrentou-se á tarefa durante cincoenta annos: forçado do trabalho, embora forçado coroado, viu-se na contingencia de presidir á evolução de um paiz que, como sabeis, fórma por si só a decima quinta parte do globo terrestre e occupa mais de metade da America do Sul, onde está em contacto com todos os Estados, salvo o Chile e talvez a Republica do Equador; com effeito, o Brasil possue a enorme superficie de mais de oito milhões e meio de kilometros quadrados, por conseguinte uma superficie quasi egual á extensão de toda a Europa. Para se fazer idéa de uma maneira sensivel da sua extensão, basta observar que 15 Allemanhas, ou 16 Franças, ou 30 Italias e 200 Belgicas nelle caberiam folgadamente.

Quando cansado e sobretudo ferido n'alma, d. Pedro abandonou o poder em 1889, sem remorso, mas com o desgosto que antes delle Salomão havia experimentado de todas as cousas da vida, repetindo como elle, sem cholera, mas com tristeza: « Vaidade das vaidades »; deixou um Brasil com bastante fôrça vital para offerecer ao mundo o espectaculo de um intenso movimento, que os resultados seguintes nos permittem verificar: em quinze annos, de 1894 a 1910, a população do Brasil elevou-se de 16.000.000 a quasi 25.000.000 de habitantes.

A emigração, que no anno de 1840 era de 300 emigrantes por anno, attingiu em 1888 a 133.000 emigrantes annualmente e permanece depois, não obstante as fluctuações diversas, em um nivel dos mais elevados. A população desse paiz que, no principio do reinado de d. Pedro, compunha-se apenas de elementos quasi exclusivamente de origem portugueza e hispanhola, não levando em linha de conta os escravos e indigenas, soffreu depois uma

renovação em seu sangue pelo affluxo de elementos italianos, allemães, francezes, suissos, polacos, russos e orientaes, sem contar os portuguezes e hispanhoes recemvindos da mãe-patria.

A exportação do Brasil era de 33.000 contos de réis em 1840; elevou-se a 261.000 contos em 1889 e a 861.000 contos em 1907. Assim, nestes ultimos annos, a exportação passou do valor de 30 milhões á de 60 milhões de libras esterlinas, e, no mesmo lapso de tempo, a importação passou de 20 milhões a 40 milhões de libras esterlinas.

De 1840 a 1848 a producção do caoutchouc era de quasi 200.000 kilogrammas; no fim do reinado de d. Pedro chegou a 10.000.000 de kilos e actualmente a 50.000.000; o café passou de 70.000.000 em 1840 a 600.000.000 em 1889, e a 950.000.000 em 1907.

A importancia do movimento de navegação no Brasil passou de 1.500.000 toneladas em 1844, a 18.000.000 de toneladas no fim do reinado de d. Pedro, para attingir actualmente a 35.000.000 de toneladas.

Enfim, no orçamento do Brasil, as receitas que eram de 16.000 contos e as despesas de 20.000, em 1840, elevaram-se respectivamente a 167.000 e 186.000 contos em 1889, e chegaram a 400.000 e 380.000 contos respectivamente em 1907.

Não vos fatigarei, senhores, continuando esta enumeração com mais alguns dados; pretendi apenas dar-vos uma idéa do desenvolvimento do Brasil, para que pudesseis julgar os esforços daquelle que tinha que presidir a esse desenvolvimento.

Haveis de ter notado, senhores, que faço figurar nesta estatistica algarismos relativos ao progresso do Brasil depois do periodo do reinado de d. Pedro, e que apparentemente nada têm a vêr com elle; permitti-me, porém, que faça aqui uma observação; quando lançamos os olhos sôbre os acontecimentos de uma epocha historica, exquecemos facilmente que esses homens e esses acontecimentos são, em parte, o producto da epocha precedente; sem duvida, os livres combatentes da Revolução brilharam nos campos de batalha da Europa, sem duvida Napoleão e seus generaes se fizeram quasi que por si mesmos, mas não exqueçamos que esses combatentes estavam cercados de soldados instruidos

e disciplinados pelo regimen precedente, que Napoleão e seus generaes não eram chefes de partidarios mas em grande parte, salvo algumas excepções, officiaes que haviam recebido solida instrucção militar, embora summaria, nas escholas militares reaes. Os juristas de Napoleão haviam feito seus estudos sob o antigo regime.

O Egypto dos Mamelucos influiu sôbre o Egypto de Mahommed Aly; mas os homens deste ultimo fizeram o Egypto de Ismail, como vós mesmos formareis o Egypto de amanhã. Com effeito, o passado é o pai do presente, como a criança é o pai do homem.

Tambem os grandes homens do Brasil republicano actual, os artifices do Brasil próspero de hoje, são em summa os homens do Imperio, formados por d. Pedro, que, não obstante amarem profundamente a Republica, não renegam as suas origens; e a fôrça do Brasil actual foi em grande parte lentamente elaborada e accumulada durante 40 annos de um reinado pacifico, ligeiramente perturbado por algumas guerras. Dous presidentes da Republica haviam sido ministros e conselheiros de d. Pedro e não receiavam usar o titulo de «conselheiro»; o grande Chanceller Brasileiro, o mallogrado barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, e que ao mesmo tempo era presidente do Instituto Brasileiro, foi formado pelo imperador, de cujas tradições conservou-se fiel depositario. O mesmo se poderia dizer de todos os outros homens eminentes, que dirigem actualmente os destinos da joven e gloriosa Republica; todos os chefes do Exercito e da Marinha, os medicos de que se ufana o Brasil moderno, os grandes engenheiros que transformaram e utilizaram a natureza desse paiz, assim como seus predecessores os engenheiros dos Pharaós e os de Roma, devem a sua formação intellectual á epocha do imperador.

O Brasil de nossos dias collocou e fez fructificar brilhantemente o capital que lhe legou, desde a origem, alguem que lentamente o accumulou.

Até aqui, senhores, sómente temos considerado d. Pedro sob a physionomia exterior. Penetremos mais adeante, procuremos chegar tanto quanto possivel ao seu ser intimo.

Muitos de vós, senhores, lembram-se ainda dos seus traços em 1876; quanto ao que lhe diz respeito, não o conheci pessoalmente sinão em 1888, quando elle projectava voltar pela terceira vez ao seu querido Egypto e tornar a vêr os seus caros collegas do Instituto, no que foi impedido pelas circunstancias; era então um velho venerando, digno, muito affavel, de maneiras simples, porém, graves, de aspecto um pouco triste, posto que de olhar ainda extraordinariamente brilhante.

A sua bella barba branca mais augmentava a nobreza, que delle se desprendia por effluvios e que, aliás, era o principal character que sempre se assignalou nelle; si um pintor quizesse, em uma composição allegorica, reproduzir o typo classico do monarcha venerando, nada melhor poderia fazer do que inspirar-se na pessoa de d. Pedro, que era o «imperador de barba florida».

E, desde que evoquei esta recordação pessoal, deixae-me dizer que, em 1888, d. Pedro apressou-se em aproveitar da minha entrevista com elle para conversar em arabe com o moço, que eu era então.

Além disso, um dos nossos sabios diplomatas, o dr. Oliveira Lima, da Academia Brasileira, nos seus cursos effectuados no anno passado em Pariz, na Sorbonne, sôbre a formação historica da Nacionalidade Brasileira, descreve-nos d. Pedro aos 20 annos, em 1845, tal como o retrata um viajante francez, o conde Suzannet, que o conheceu nessa epocha:

«O retrato que o conde Suzannet deixou-nos, diz o dr. Oliveira Lima, é interessante. D. Pedro, nessa epocha, era um enigma, pelo menos assim o considerava Suzannet; a sua impassibilidade era, entretanto, modificada pela benevolencia, mais ainda, por uma bonhomia constante que nelle se tornára costumeira.

Logo ao primeiro encontro, embora affavel, conserva-se frio, mesmo um pouco timido... depois mais loquaz, quando se apresenta occasião, communicativo sem o menor sacrificio da magestade do seu posto; quasi não fallava, de sorte que a vivacidade parecia extranha a um espirito que, mais tarde, mostrar-se-hia até mesmo dispersivo, tanta seria a sua versatilidade.»

E o dr. Oliveira Lima explica perfeitamente o estado da alma

do imperador e observa que elle foi educado na mais dura eschola, mas talvez a melhor, a eschola do soffrimento. Practicamente orphão aos cinco annos, criança abandonada nos degráos do throno, a sua infancia sem carinhos, a sua adolescencia sem alegria e a sua mocidade sem prazer haviam desde logo amadurecido a sua intelligencia e dado precocemente ao seu character essa feição, que foi um dos seus mais notaveis traços; — accrescentae a isto que o elemento feminino desempenhou insignificante papel na adolescencia desse joven, educado na intimidade «por vezes aborrecida dos senadores do Imperio» e de um tutor ecclesiastico, os quaes, conhecedores do excesso de energia animal de seu pai, d. Pedro I, o intemerato do além Atlantico, desejavam ter um soberano mais calmo; por isso, comprehendem-se as causas do character especial de d. Pedro II. Supponde que o rei de Roma conseguisse elevar-se ao throno de seu pai Napoleão I e ahi se conservasse até avançada edade, em meio das luctas, dos ataques e das agitações dos partidos: o seu character, durante sua vida, não ficaria impregnado dessa especie de tristeza que se nota no de d. Pedro?

Entretanto, essa tristeza estava longe de ser o effeito de um desânimo; d. Pedro era por ella assaltado, mas não se deixava dominar completamente. Nas diversões que lhe proporcionavam as palestras com os sabios e pensadores, seus amigos, d. Pedro, que se despojava do pesado manto de soberano e vestia a roupa leve do homem, podia viver e respirar e manifestar-se tal qual era. As memorias pessoaes de Brugsh e do professor Shweinfurt revelam-nos um Pedro II bem differente da figura calma, um pouco fria, direi mesmo «hieratica», que se está acostumado a vêr nelle; contemplamos um d. Pedro, que não emprega esfôrço nenhum por conter o natural despeito quando o capitão do navio em que viajava trahiu o seu incognito, içando o pavilhão imperial no mastro grande e dando assim occasião a uma manifestação official inopportuna, ou quando Mariette demora em lhe dar informações sôbre esta ou aquella questão de Egyptologia, que elle pedira; um d. Pedro, que se deixa acommetter por accessos de sã e franca hilaridade, como por exemplo no dia em que o seu amigo Brugsh, que mostrava bem ter sido estudante, e gostava

de prégar farças aos seus amigos, o apresentou como imperador do Brasil sem que ninguem quizesse acreditar, porquanto todos imaginavam que era um novo gracejo de Brugsh, e aquelle que elle chamava d. Pedro não era mais do que um seu jovial cumplice.

Frequentemente d. Pedro, a imperatriz e o visconde de Bom Retiro iam á modesta casa de Brugsh, ao quarteirão Kolali, tomar chá e discutir sôbre sciencias; essas reuniões eram para o soberano banhos de vida natural, que lhe penetravam por todos os poros da pelle, embebendo-o de humanidade e dando-lhe novas fôrças para o duro labor do throno, a que novamente se devia entregar.

O dr. Oliveira Lima, que estudou de perto d. Pedro, julga-o do modo seguinte: «o seu amor extremado á paz, sem desaire, e á justiça; a paixão pelas sciencias, em primeiro logar, depois pelas lettras, e enfim pelas artes, em summa, por tudo que se refere ao espirito; o desprêzo ás vulgaridades e o desprendimento das riquezas, a affabilidade cheia de dignidade, a gravidade sem carrancismo, a bondade sem affectação e a honestidade illimitada tornaram o nome desse monarcha não só familiar áquelles que tractam de Historia e Politica como de Philosophia e Moral, mas tambem aos que se deixam seduzir pelos aspectos superiores da humanidade.

O seu renome é justo, porque elle foi o mais nobre dos homens e o mais perfeito dos soberanos.»

Será crivel, senhores, que nestas condições d. Pedro se tenha dedicado á Philosophia e ás sciencias por desgosto da vida, por não encontrar nesta os prazeres que as circunstancias afastavam, assim como uma desillusão de amor póde levar uma moça ao convento? Será admissivel que o amor á sciencia fosse para elle uma paixão como outra qualquer, não menos violenta nelle do que a paixão pelo jogo ou pelas mulheres em outros, e que esse sentimento, por mais nobre que fosse, não passasse de uma paixão, que o empolgou em detrimento dos seus deveres de soberano, dos seus legitimos interesses, de sorte que se pudesse dizer delle o que se disse de outro soberano, amigo das sciencias e da Philosophia: Affonso de Castella, o «sabio», o profundo

astronomo, a quem devemos as leis chamadas « Affonsinas » ; que contemplando as cousas do céo perdeu as da terra?

Ou talvez, sob outro poncto de vista, o amor ás sciencias fosse em d. Pedro simples passatempo de um espirito esclarecido, uma diversão ás preoccupações do seu govêrno e, em outros termos, dedicar-se-hia d. Pedro ás sciencias do mesmo modo que Luiz XVI á marcenaria?

Estas duas opiniões tiveram seus defensores; creio, porém, que nenhuma é exacta. A sciencia, sem duvida, é uma amante exigente e apaixonada, que obriga seus adoradores a practicarem loucuras; um dictado arabe muito divulgado diz que « dous homens jámais podem ficar saciados: o que ama o ouro e o que ama a sciencia ». Ella partilha com todo amor um bem immaterial, com todo altruismo o dom de fazer martyres, que como os primeiros christãos experimentam nos seus soffrimentos a mais intensa alegria, e que perseveram em curtir dôres pelas suas convicções ou pelo bem de outrem.

Conheceis, senhores, o martyrologio dos que se votaram ao bem da humanidade: o pensador, o sabio, o investigador, o escriptor, o artista, o explorador, o navegador, cujos esforços e trabalhos redundarão em proveito de seus similhantes, que verão augmentado o seu bem estar intellectual e material; deante delles o seu proximo deveria curvar-se em homenagem e reconhecimento; entretanto, elles vivem e morrem pobres e desprezados, enlameados e maltractados pelo luxo de um commerciante ou de um agente de cambio felizardo. Pensemos em Galileu, Christovão Colombo e Pascal; lembremo-nos de Cortez implorando uma esmola a Carlos Quinto, depois de lhe ter doado um dominio mais vasto do que o que os seus antepassados lhe legaram; recordemo-nos de Lavoisier solicitando o tempo necessario para terminar uma experiencia e recebendo do Tribunal Revolucionario esta resposta: A Republica não tem precisão de chimicos; lembremo-nos de Sauvage, morto louco no hospital, enquanto a sua invenção da helice era explorada na Inglaterra; recordemo-nos, enfim, senhores, de Mouillard, morto na miseria depois de ter dado a muitos o proveito material e á humanidade a solução da conquista do ar!

Mas não foi por paixão desarrazoada, nem por despeito e á guiza de consolação que d. Pedro se entregou ao cultivo das sciencias; a sua probidade, que sempre esteve ao sabor dos ataques de seus adversarios, não lhe permittia que sacrificasse os interesses do paiz ás satisfacções de uma paixão, por mais nobre que fosse, e elle tirava da sua Philosophia fôrça bastante para resistir ao desanimo e ao desgosto da vida.

Tambem não foi por simples passatempo que se consagrou ás sciencias e ás lettras. Outra opinião, embora sustentada com mais pertinacia, é erronea; « D. Pedro, diz Joaquim Vianna, criticando-o, não perdia tempo no estudo das sciencias sociaes; as litteraturas antigas como as da Grecia e de Roma constituiam sua preoccupação; a Philologia encantava-o; a Historia natural, fertil em minucias pittorescas, havia-o seduzido; a Astronomia era a sua predilecção, a que não se podia furtar; d. Pedro, fixados os olhos á ocular do telescopio, contemplava os astros, admirava a harmonia do systema planetario e a eterna calma do céo; imaginava que no seu paiz tudo se passaria nessa paz e nessa ordem perpetuas, que elle observava nos quietos espaços celestes. »

Dizer que a sua sciencia era encyclopedica, é dizer tudo. Ora, é fóra de dúvida que um homem, que se via deante da Historia com a obrigação de fundar um Imperio, não devia consagrar esse tempo em deixar-se absorver pela Geologia de Agassiz e a Cosmographia do astronomo Liais, pela Chimica, pelo hebraico, pelo sanskrito, pela Physica, pela Archeologia do sabio Lund, pelas Mathematicas, pela Botanica e, mais do que tudo isto, pela interpretação da « Divina Comedia ».

Senhores, vós mesmos dareis resposta a esta crítica; a Chimica, o hebraico, o arabe e a Archeologia e, não obstante os esforços de Camillo Flamarion, a Astronomia nunca foram sciencias para amadores; até hoje, não vemos as bellas senhoras ou os elegantes dos salões mundanos estudarem a Egyptologia e o sanskrito, ou o syriaco, na qualidade de amadores, do mesmo modo por que compõem obras de pyrogravura, miniatura, e fazem versos, musica, critica litteraria, ou mesmo politica.

Por conseguinte, é inutil insistir sôbre esse ponto.

*

Na realidade, senhores, que pretendeu d. Pedro? A resposta é facil, si considerarmos por alguns instantes a personalidade íntima desse grande pensador.

Contrariamente aos juizos de Lavoisier, estava persuadido de que « o paiz necessitava de sabios » ; tinha que reinar não sómente sôbre uma nação nova, mas tambem sôbre um paiz virgem ; sem duvida, o Brasil é um paiz para o qual a natureza se mostrou prodiga das suas riquezas ; mas que póde fazer a natureza, si a sciencia não vier em seu auxilio ? O exemplo do Egypto sempre lhe chamára a attenção ; elle comprazia-se em commentar a phrase classica de Herodoto : « O Egypto é um presente do Nilo », phrase que reproduziu em seu jornal de viagem.

Mas, para ser exacto, é preciso modificar um pouco esta phrase e dizer : « Um dom do Nilo e dos sabios ». De que utilidade teria sido o Nilo ao Egypto, sem os trabalhos de irrigação dos Pharaós e dos engenheiros modernos? Que vestigio deixaria o Egypto no mundo, sem a sciencia dos que, na antiguidade, gravaram a sua historia e conservaram a civilização e a historia antiga nos livros de pedra, que são os monumentos dos Pharaós e sem a sciencia daquelles que souberam descobrir e ler esses livros : os Champollon, os Mariette, os Brugsh, os Maspero? D. Pedro, reflectindo nisso, escreveu num livro dado pelo sabio egyptologo Lepsius ao consul allemão de Louxor : « Os monumentos do Egypto são para os pensadores uma revelação ».

De outro lado, o imperador sabia que um paiz que deseja tornar-se grande deve revelar-se sob o melhor aspecto ao extrangeiro e firmar favoravelmente a sua reputação, dando uma idéa do seu valor ; mas a melhor propaganda de um paiz é a que fazem os seus grandes homens ; elle tinha sempre presente ao espirito o professor allemão, que creou a Allemanha moderna, e o facto da civilização franceza espalhada no extrangeiro pelos sabios, pelos escriptores e pelos artistas francezes.

Elle pretendia tornar-se o propagandista, o embaixador intellectual do seu paiz.

A seu ver, mais do que as armas, o valor intellectual assegura a grandeza de um paiz ; e o exemplo da França impressionava-o a tal poncto que a 18 de Dezembro elle notou no seu

jornal, depois de ter descripto a visita que fez ás ruinas do Karnak: «...e subi até o cume do Pylone, e, lá, adorei a Deus creador de tudo que é bello, e pensei nas minhas duas patrias: o Brasil e a França; esta, patria da minha intelligencia; aquella, patria do meu coração.»

Mas não é cousa facil inspirar o gôsto da sciencia a um paiz novo, pouco antes ainda colonia abandonada de um pequeno paiz da Europa. Ora, aqui se revela o processo que foi sempre familiar a d. Pedro, processo que varias vezes foi coroado de exito mas que, é preciso confessar, foi insufficiente, em vista das circunstancias. Imperador constitucional, d. Pedro era o homem escrupuloso, o homem probo por excellencia; respeitava tanto a liberdade dos partidos, que não se julgava com o direito de usar do poder, propriamente dicto, mas sim da influencia para fazer prevalecer suas idéas. É a theoria que Eduardo VII enunciou, depois delle, dizendo: «Deixae-me a influencia e eu dispensarei o poder.» O principio é perfeito para governar... com a condição que elle seja violado ao menos secretamente, porque dispõe de meios para exercer essa influencia e abster-se do poder... D. Pedro, demasiado theorico, julgava dever respeita-lo lealmente; não possuia a habilidade um pouco machiavelica de Napoleão; por isso, durante todo o seu reinado, no que concerne á politica, foi victima dos partidos que paralysavam, por vezes, as suas boas intenções nesse paiz de luctas ardentes, e faziam-no o bode expiatorio das suas faltas e, quando se reconciliavam, prejudicavam-no.

Em compensação, nas questões alheias á politica, no que se referia, por exemplo, ao desenvolvimento intellectual do paiz, o seu processo triumphou admiravelmente. Aconteceu com elle o que aconteceu a todos os soberanos, que reinaram longo tempo num paiz: acabou por fazer o paiz á sua imagem. Diz-se geralmente que um povo tem o chefe que merece; poder-se-hia tambem dizer que um chefe de Estado tem o povo que merece. É interessante verificar esse phenomeno de assimilação do povo ao character do seu soberano, ou deste ao character daquelle; parece que se está em presença de dous vasos communicantes, que devem chegar a um mesmo nivel, ou de dous corpos egualmente

quentes, que devem chegar a uma mesma temperatura. A França de Luiz XIV lembra Luiz XIV, como a França elegante e leviana de Luiz XV é a imagem do seu soberano, como « a egua indomita e rebelde » é o typo do « corso de cabellos curtos » que a cavalgava. O mesmo aconteceu ao Brasil : cincoenta annos de reinado effectivo fizeram do Brasil a imagem do seu velho soberano ; o amor da sciencia, a preoccupação pelo desenvolvimento intellectual transmittiram-se aos seus discipulos.

Depois do reinado de d. Pedro, foi tão sómente graças ás suas faculdades admiravelmente desenvolvidas em seus filhos que o Brasil chegou a obter os resultados surprendentes, que enchem o mundo de admiração á vista da sua expansão.

Censurou-se d. Pedro por ser a sua sciencia muito encyclopedica e pouco especializada ; repete-se isto frequentemente como uma critica, sem se comprehender que é o melhor elogio que se lhe póde fazer ; com effeito, não ha dúvida que d. Pedro era menos sabio em Biologia do que Pasteur, em Astronomia do que Liais, Egyptologia do que Mariette, ou Maspéro ou Brugsh ; mas o Brasil não precisava de um soberano que fosse mineralogista, chimico, astronomo, ou auctoridade em Philologia e em Archeologia, mas sim de um soberano que entendesse de Chimica, de Astromia, de Mathematica e sciencias em geral, de maneira a ser capaz de as amar e transmittir esse gosto ao seu povo ; foi justamente o que d. Pedro desejou ser e conseguiu ; nisto consiste o seu grande e inexquecivel merito, ao passo que teria faltado aos seus deveres si se especializasse nesta ou naquella parte e abandonasse as outras. Elle havia judiciosamente comprehendido as necessidades do Brasil, na sua epocha ; as lettras estavam bastante desenvolvidas e poderiam continuar por suas proprias forças, as bellas artes poderiam esperar, mas a necessidade de communicar ao seu povo ou de penetra-lo do gosto pelas sciencias era urgente ; portanto, era o estudo das sciencias que reclamava o auxilio da acção immediata de d. Pedro ; por isso, elle prestava o seu concurso por ordem, de preferencia, como muito bem observou o dr. Oliveira Lima ; primeiro ás sciencias, em seguida ás lettras e em ultimo logar ás artes.

Além disso, senhores, citei no começo desta conferencia a

opinião de Pasteur e de Victor Hugo a respeito de d. Pedro, e penso que um Pasteur e um Victor Hugo eram conhecedores dos homens e sabiam ajuizar do seu valor. O Instituto de França, nomeando d. Pedro para seu membro honorario, ratificou o juizo de Pasteur, de Victor Hugo e de Lamartine, e vós mesmos, senhores, o haveis dignamente apreciado no dia em que o nomeastes membro honorario do Instituto Egypcio e inscrevestes o seu nome na vossa gloriosa lista, que lhe dá como companheiro de valor em merito, um Ampére, um Barthelemy St. Hilaire, um Claude Bernard, um Cesar Cantu, um Lesseps, um Pasteur, um Maspéro, um Livingstone, um Milne-Ewards e um Schœinfurt, que tambem foram ou são membros honorarios do nosso Instituto.

D. Pedro conseguiu deixar o poder com a mais nobre satisfacção que os philosophos desejam ao homem: a do dever cumprido. Elle havia desempenhado a sua missão providencial; a preparação do seu povo para o regimen da Republica; com effeito, é necessario um preparo, mesmo para o progresso; quantas vezes não vemos na historia os povos mal preparados para as mais amplas liberdades, que inopinadamente lhes são concedidas, não saber usa-las convenientemente ou dellas tirar proveito. Graças a d. Pedro este perigo foi poupado ao Brasil; com tutor ou um educador menos esclarecido do que d. Pedro, talvez o Brasil não tivesse conseguido constituir essa reserva de energia nem esse manancial de intellectualidades, que se desenvolveram immediatamente depois da proclamação da Republica, que marcou a hora propicia para o Brasil passar do recolhimento á acção.

A flor esperou o brilhante sol da primavera para desabrochar, e felizmente encontrou um bom jardineiro para semear um grão escolhido e para zelar pelo crescimento um pouco latente, na estação de inverno.

O Brasil está geographicamente um pouco longe de nós, senhores, embora hoje em dia não exista mais a distancia; mas muitas vezes tivestes ensejo de apreciar a intellectualidade brasileira moderna, já mesmo aqui, graças aos diversos sabios brasileiros, que vêm frequentemente em viagens de estudos, já mesmo na Europa, nos diversos congressos a que assististes e

onde estivestes em contacto com os delegados do Brasil; muitos daquelles que formam aqui, no Cairo, o vosso circulo intellectual ou social, puderam aquilatar de modo mais preciso essa intellectualidade; o commissario francez actual na Caixa da Divida Publica, o barão d'Anthouard, que representou a França no Brasil, e auctor de um bello livro sôbre o Brasil, pôde estuda-lo *in loco*; o seu collega, o commissario russo junto á Caixa da Divida, o conde Prozer, manteve relações estreitas com grande numero de representantes da intellectualidade brasileira; o bello prefacio de uma obra recente de um dos nossos diplomatas, o «Chanaan» de Graça Aranha, exprime, aliás, a sua opinião a tal respeito.

Para não fallar mais de lettras nem de artes, o que nos levaria muito longe, restringimo-nos unicamente ás sciencias.

Com effeito, em nenhuma parte como no Brasil verifica-se tanto gosto pela sciencia e pelas sciencias; alguns mesmo vão ao poncto de dizer que os Brasileiros caem no excesso das suas qualidades; já se começa a criticar a sobrecarga, a que se entrega a geração brasileira actual, sobretudo no ensino secundario e superior. O impulso dado por d. Pedro, continuado pelo Govêrno esclarecido da Republica, está produzindo fructos.

Astronomos como Morize e Araujo Ferraz, mineralogistas como o professor Joaquim da Costa Senna, dignos successores dos Liais e dos Agassiz, podem soffrer confronto com qualquer das celebridades do velho continente. Barbosa Rodrigues, que morreu ha poucos annos, era uma auctoridade em materia de flóra tropical; e especialmente em palmographia, e o seu «Sertum palmarum Brasiliensium» é um monumento para essa parte da Botanica. Na Medicina o Brasil, graças á sciencia dos seus concidadãos, e pelos seus esforços unicos, conseguiu desembaraçar-se completamente da febre amarella, que hoje não é mais do que uma longinqua recordação; a lucta contra a malaria e as molestias transmittidas pelos parasitas, contra o beriberi, contra as picadas das serpentes e outros animaes venenosos, o desenvolvimento das affecções nervosas, a medicina legal, a hygiene urbana e outras ainda tornam-se, de algum modo, especialidades brasileiras. Nomes de especialistas brasileiros contemporaneos, como os de Oswaldo Cruz, Vidal Brasil, Juliano Moreira, são de

uma reputação geral no mundo medico, não só naquelle paiz, mas tambem no extrangeiro. Mas é nas artes de engenheiros, tão necessarias a um paiz novo, que o Brasil moderno occupa um dos mais notaveis logares; corporações de sabios, como o Centro Industrial do Brasil e o Club de Engenharia do Rio de Janeiro, provocam a admiração dos scientistas extrangeiros, e os trabalhos executados ultimamente para extender ao interior do paiz a rêde civilizadora dos caminhos de ferro, como os que tão vantajosamente transformaram os grandes portos brasileiros, como os que transformaram em dezoito mezes a antiga Rio de Janeiro em uma das mais bellas capitaes modernas, tendo a seu favor as bellezas da natureza e da arte, são verdadeiros trabalhos de Romanos.

E não exqueçamos, senhores, que os Brasileiros são um punhado de 25.000.000 de habitantes, obrigados a transformar a natureza de um territorio tão extenso quanto a Europa, tal é a superficie do Brasil; pode-se já, por esta unica consideração, dignamente apreciar o valor da intellectualidade e da intelligencia de homens como Lauro Müller, o grande engenheiro que, nomeado ministro das Relações Exteriores, traz á politica exterior do seu paiz as qualidades que empregou nos seus admiraveis trabalhos technicos; como Miguel Calmon du Pin, Teixeira Soares, Paulo Frontin, Lassance Cunha, Vieira Souto, Francisco Bicalho, Castro Barbosa e muitos outros, cujos nomes me dispensarei de lembrar, para não alongar mais a lista.

Sendo o triumpho do alumno uma prova do valor do mestre, póde-se por esses resultados ter idéa do valor de d. Pedro como educador do seu paiz.

D. Pedro, além de inspirar ao Brasil o gosto pela sciencia, transmittiu-lhe o seu particular interesse pelo Egypto.

Mas, perguntar-me-heis, senhores, donde se originava o interesse de d. Pedro pelo Egypto, interesse que o levou a emprehender duas longas viagens a este paiz e projectar, em 1888, uma terceira? Erroneamente suggeriu-lhe como causa uma futil curiosidade pela Egyptologia e, mesmo no seu tempo, alguns espiritos demasiado materialistas, por demais « businessmen », censuraram-no por esse facto; entretanto, não se tardou em fazer justiça a d. Pedro e em avaliar a profundeza das suas vistas. Sem du-

vida o imperador experimentava um prazer intellectual nas suas pesquizas egyptologicas — e o seu jornal revelou-nos uma especial maneira de se occupar de Egyptologia, uma maneira que vai bem com o seu character e que eu chamarei « estudar a Egyptologia como philosopho, como pensador », segundo sua propria expressão; mas não se limitava sómente a isto; elle havia notado a extraordinaria similhança de clima entre o Brasil e o Egypto. Com effeito, o Egypto está situado entre o tropico de Cancer, que passa em Assouan, e o gráo 31 de latitude, que passa em Alexandria; ora, passando do Norte ao Sul, é precisamente esta a situação da parte meridional do Brasil collocada entre o tropico de Capricornio, que passa perto de S. Paulo, e o gráo 31 de latitude Sul, que é o da fronteira meridional do Brasil; o resto do Brasil evidentemente está em latitude inferior e deveria ter um clima mais quente, correspondente ao do Sudan, mas como esta parte forma exactamente um planalto de 900 metros de altitude, em média a influencia da altitude corrige a da latitude, e, em vez de ter uma temperatura equivalente á da Africa Central, continúa a ter a do Egypto ou antes a do Alto Egypto. Tambem muitas culturas são communs ao Oriente e ao Brasil: a canna de assucar, o café, o algodão, o fumo, etc. Por conseguinte, por que o Egypto com a sua adeantada civilização, com os seus processos de cultura vindos de tempos immemoriaes, com os immensos trabalhos que nelle eram executados ou projectados, deixaria de constituir um campo de estudo e de observação para o Brasil? Por outro lado, independente dessa troca intellectual, qual a razão de não se estabelecer entre os dous paizes uma troca commercial mais activa? Era este o pensamento de d. Pedro, e tivestes occasião de notar, senhores, com que cuidado elle salientava nas suas notas de viagens que observava sôbre a irrigação e a industria assucareira; vistes tambem que, a pedido do Governo Brasileiro, o Governo Egypcio confiou ao vosso collega, o dr. Gatinel, a missão de estudar a cultura racional do café, do algodão e do fumo, para depois vir ouvir, entre vós, a leitura e discussão do seu relatorio, e das suas notas sôbre a depuração do oleo dos grãos de algodão!

A idéa de d. Pedro foi retomada pelos sabios da Republica,

e é com a maior attenção que se acompanham no Brasil os vossos trabalhos e os dos engenheiros e agronomos do Egypto; os vossos sabios engenheiros, os William Willcocks, os William Garstin, os Ismaid pachá Sirry, os Webb, os Macdonald e todos os outros creadores do próspero Egypto moderno são tão conhecidos no Brasil quanto aqui.

Nas discussões do Club de Engenheiros do Rio de Janeiro, citam-se frequentemente os nomes de Maugel e de Linant de Bellefonds, de Willcocks e do major Brown. As corporações scientificas do Brasil seguem attentamente os trabalhos do Instituto Egypcio: quarenta dias apenas depois de ter sido feita aqui a ultima communicação do vosso secretario geral, o dr. Bay, sôbre a incubação artificial dos ovos, já era estudada no Brasil. Os processos egypcios gosam da mais alta estima nesse paiz, que tambem segue a theoria de lord Kitchener sôbre o «trilho civilizador», porquanto a civilização penetra no seu interior por meio da via ferrea e ao mesmo tempo que ella. No Congresso Brasileiro foi apresentada, em Novembro ultimo, uma proposta para adaptar ao exercito desse povo, que vive num paiz tropical ou semi-tropical, um regimen de hygiene militar e um genero de alimentação baseados no das tropas egypcias e das tropas inglezas no Sudan. Os especialistas brasileiros vêm estudar e admirar os vossos bellos trabalhos de irrigação, nos quaes se inspiram para realizar trabalhos analogos; e, lá, são effectuadas experiencias de cultura sôbre os dados fornecidos pelos vossos agronomos.

Em outra ordem de idéas, os especialistas brasileiros vêm ao Egypto estudar questões particulares, como a psychologia criminal dos paizes tropicaes, as relações entre as condições de temperatura e o genero de criminalidade, a criminalidade e a natureza de vida e de occupação, a criminalidade das raças semi-civilizadas, como no Sudan, etc., estudos a que prestaria concurso, mas que não puderam ser levados a effeito, porque aqui não havia documentos sufficientes contrariamente ao que se suppunha no Brasil.

Todas estas considerações vos demonstram, senhores, a elevada estima, que o Brasil dedica ao Egypto e aos seus sabios, estima que é ainda um legado do nosso collega d. Pedro ao seu

povo, como os seus outros legados: o amor ás sciencias, ás lettras e á cultura intellectual.

O testador deixou um herdeiro, que não é ingrato; o Brasil conservou-se reconhecido ao seu velho soberano e não confundiu o seu justo amor á Republica com o menosprezo ao merecimento de d. Pedro, considerado pessoalmente. O Imperio caïu; porque? Roosevelt declara nunca ter podido comprehender bem as razões da quéda do imperador brasileiro, como tambem as da revolução de 1848, na França.

O Imperio desappareceu sem que fosse derramada uma gotta de sangue, sem convulsões, como um fructo muito maduro que se destaca da arvore; devia caïr porque era uma anomalia na America. Além disto, já havia desempenhado o seu papel providencial; d. Pedro tinha por missão preparar para o futuro um Brasil forte, grande e robusto, occupando logar definitivo no concerto das nações; esta missão estava terminada, a funcção do tutor não tinha mais razão de ser, o pupillo já era maior. Por outro lado, a Republica favorecia com mais vantagem o desenvolvimento das energias, de que o porvir necessita; era, portanto, a Republica que faltava ao Brasil. A substituição, nesse paiz, do Imperio, cujo papel estava concluido, pela actual fórma de governo, mais apropriada ás novas condições, estava na ordem normal e natural das cousas; é assim que, na natureza, a borboleta morre, depois de ter fecundado.

Mas o Brasil, não obstante a mudança de regimen, guardou sempre a veneração ao seu grande soberano; foi com os olhos marejados de lagrimas que o primeiro presidente da joven Republica acompanhou o antigo imperador a bordo do navio, que se dirigiria para o exilio; a Republica chegou a offerecer a d. Pedro uma pensão, que elle recusou, mostrando por esta fórma que, mesmo depois de abandonar o poder, era tão desinteressado como antigamente. E admirae, senhores, este espectaculo modelo, que vos dá uma idéa da tolerancia, da philosophia e da largueza de vistas dos Brasileiros contemporaneos: no anno de 1909, o presidente da Republica, o dr. Nilo Peçanha, um verdadeiro e sincero republicano historico, como se diz no Brasil, ordenou que se tornasse a dar ao principal estabelecimento de ins-

trucção secundaria, no Rio de Janeiro, o nome de d. Pedro II, seu fundador, nome este que um excesso de zêlo da revolução havia tirado. No proprio dia do anniversario da proclamação da Republica, 15 de Novembro, deante de todas as auctoridades officiaes reunidas, o general Quintino Bocaiuva, presidente do Senado, e que havia sido um dos membros do Governo Provisorio que estabeleceu a Republica, não hesitou em solicitar que fossem transportadas officialmente as cinzas do imperador, de Portugal para o Brasil. No mesmo dia, o presidente da Republica, acompanhado pelo general Thaumaturgo de Azevedo, inaugurou, no quartel central da policia do Rio de Janeiro, a galeria dos retratos dos grandes benfeitores do Brasil; eram d. Pedro II, seu pai d. Pedro I, seu avô d. João VI, e sua filha a princeza Isabel, condessa d'Eu. Enfim, ha alguns mezes apenas, o actual chefe de Estado, o marechal Hermes da Fonseca, sobrinho do marechal Diodoro da Fonseca, inaugurou solennemente uma estatua de d. Pedro. Que direis, senhores, desta nobreza de character, deste espirito de verdadeira liberdade, desta tolerancia e largueza de vistas? Pois bem, senhores, estes sentimentos equivalem aos de d. Pedro, que não temeu dar cargos elevados, no Governo e na Instrucção, a republicanos declarados.

Enfim, senhores, facilmente fareis idéa da veneração á memoria do vosso imperial collega pelos commentarios do Instituto Brasileiro sôbre o seu jornal, commentarios que eu citei no comêço desta conferencia.

Tentei, senhores, esboçar o retrato de d. Pedro, considerado como vosso collega, retrato entrevisto através das suas notas de viagem e através dos seus trabalhos; mas é um esbôço muito imperfeito, são antes ensaios para um retrato do que mesmo um retrato. O retrato definitivo, vós mesmos o fareis, senhores, rebuscando e examinando as vossas recordações, tirando dellas deducções, que a vossa sciencia suggerir.

Si, aceitando o meu concurso para fazer a pintura desse retrato moral, quizerdes communicar-me todas as cartas, documentos, etc., que tenham emanado de d. Pedro, por occasião da sua estadia no Egypto, meus compatriotas e eu mesmo hypothecar-vos-hemos a nossa gratidão.

CARTAS DO EXILIO

DE

DOM PEDRO II AO VISCONDE DE TAUNAY

(1890-91)

Offerecendo ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro as onze cartas de d. Pedro II, exilado, a meu pae, cujos autographos estão em meu poder, penso trazer uma nova contribuição, tão curiosa quanto cheia de maior valia, para o estudo da personalidade excelsa do grande protector perpetuo do Instituto, na sua phase derradeira, no periodo em que a grandeza moral dominadora de toda a sua existencia tomou proporções inexcediveis.

Escriptas na maior intimidade, num tom inteiramente paternal, sem a menor preoccupação de possivel publicidade, nellas vemos as singelas contestações do monarcha decaïdo aos topicos das cartas do fiel correspondente, entremeiando-se ás noticias relativas aos seus estudos philologicos e projectos «para servir á Patria sempre», as pequenas distracções que lhe minoravam as máguas, os planos de traducção de obras litterarias, ás impressões de leituras ou de audições musicaes, de critica a discursos e conferencias, tudo isto narrado com tanta simplicidade! Era sempre o mesmo soberano, o imperador, que se contentava em Petropolis na sua cella monastica de um catre de ferro e um lavatorio de pinho, ao lado dos caros livros, um por um escolhidos, manuseados incansavelmente e annotados. «Espero ainda reve-los, antes de minha morte, como a filhos queridos», declarava na penultima das cartas, quarenta dias antes de morrer.

Nessas cartas, em todas, nenhuma palavra de revolta, ou siquer de queixume e acrimonia! Paira acima de tudo o mais entranhado amor ao Brasil, accompanhando as saudades intensissimas da natureza patria, as lembranças queridas dos amigos; recalca no intimo todos os sentimentos de dôr. Confia na absolvição que a posteridade lhe dará, attendendo ás intenções com

que sempre agiu, e é na maior intimidade que confessa ao servidor fiel que, ao pensar na sua « Fé de Officio de Imperador do Brasil », as lagrimas lhe marejam os olhos.

Tanta elevação de ânimo realmente nos enche de pasmo e da maior admiração...

Cada vez mais avulta aos olhos de todos os Brasileiros a figura grandiosa de d. Pedro II; dia virá em que acima do patriota e do defensor perpetuo da moralidade publica brasileira collocará a convicção nacional o exilado, que na adversidade deu os estupendos exemplos de grandeza d'alma, a serenidade que nelle vieram completar, sem duvida alguma, uma das mais nobres figuras da Humanidade, uma das figuras maximas da nação brasileira.

S. Paulo, 4 de Dezembro de 1912.

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY.

I

Versailles, 25 de Maio de 1890 [1]

Taunay

Respondo á sua carta de 26 de Abril, digna dum verdadeiro filho de Felix Emilio Taunay, que tanto sentia o bello em suas multiplas manifestações. Lerei com o maior interesse o complemento do seu trabalho sôbre Matto Grosso: lembro-me do dr. Cesar de Azevedo desde os bancos do nosso collegio.

Passo bem, trabalho melhor e logo vou á Academia de Sciencias, sobretudo para ouvir o Lipmann sôbre a reproducção das cores pela photographia. Já estudei aqui, *de visu*, o que pretendeu ter feito um certo Baudran e conheço a tentativa de Becquerel, que morreu ha pouco.

Lidei com os representantes das tres gerações na Academia das Sciencias a que pertenceram avô e pae e agora pertence o filho, todos elles physicos notaveis.

Já fui a uma das exposições de bellas artes.

Tenho um destes dias no theatro do «Trianon» *Le devin du village* e *Le philosophe sans le savoir*. Vou passar uma temporada em Vichy, que não conheço, e volto ao meu Paris, onde tanto se aprende.

Lembranças a sua mãe, a toda sua familia e aos que se lembram do

Seu muito affeiçoado

D. Pedro de Alcantara.

---

1 Embora traçadas em má calligraphia, obra de mão muito trémula, são as cartas de d. Pedro II que aqui transcrevemos perfeitamente legiveis: varias, muito claras até. Em algumas ha palavras quasi inintelligiveis a que o sentido suppre com a maior facilidade, porém.

*

II

Taunay

Vou passando bem, e com proveito para os meus estudos linguisticos e historicos.

Passeio por estes logares lindissimos; falta-me porém a sociedade que mais me agrada.

Breve irei para Baden-Baden por causa do meu tractamento de duchas e de gymnastica nos diversos apparelhos, sem contar a natação de que tanto gosto.

Reenvio-lhe o seu folheto sôbre o Paraná annotado por mim, para a prova de quanto me interessou a sua leitura. Si quizer guarda-lo peço-lhe outro exemplar, em que copie minhas notas, a que deseje talvéz ajunctar outras.

Peço-lhe que dê muitas lembranças minhas a toda a sua familia, começando por sua mãe.

Nunca me exquecerei do que devo a seu pae.

Adeus! acceite o abraço de

Seu muito affeiçoado

Cannes, 12 de Julho de 1890.

D. Pedro de Alcantara.

III

Taunay

Muito obrigado por sua carta de 22 de Fevereiro e o seu «Estudo historico». Já principiei a lê-lo. Para que não me pareça injusto o que diz de mim, enviar-lhe-hei brevemente a minha fé de officio de Imperador do Brasil.

Escreva-me sempre dando-me noticias de tudo que saiba interessar-me; sobretudo do que de qualquer modo se refira á colonização.

Vou bem de saúde e estudo bastante para mesmo de longe servir á nossa Patria.

Como vão os seus? Falle-me de Petropolis...

Adeus! receba um abraço do amigo de seu pae e seu

D. Pedro de Alcantara.

Cannes, 21 de Março de 1891.

IV

Taunay

Lendo sua carta de 16 de Abril parecia-me gozar da bella vegetação do nosso Brasil.

Falle-me tambem das pessoas que sabe mais prezava eu, augmentando-me ellas o prazer dos passeios [1] e agora as entranhadissimas saudades...

De Versailles já vi quasi tudo, não exquecendo, bem entendido, os quadros de seu avô.

Um destes dias tenho, no theatro Trianon, uma representação pela companhia do theatro francez do *Devin du village* e de *La gageure imprévue*. Fui hontem a Paris ouvir no theatro francez: *Grisélidis*. Deve conhecer o conto de Boccacio; aproveitaram-no bem, e os versos de Armand Silvestre são mui bellos e dos que se repetem depois de ouvidos.

M.lle Bartet representou perfeitamente o papel sympathico de Grisélidis. Coquelin Cadet não me agradou no de Diabo.

Continuo os meus estudos de sciencias naturaes, e facto curioso, psychologico: depois de minha grande molestia a intelligencia tornou-se-me muito mais apta para as mathematicas; reconheço-o sobretudo pela leitura dos *Compte-rendus*, que vou

---

1 Allusão de uma delicadeza tocante. Refere-se o monarcha aos passeios matutinos a pé, que diariamente dera em Petropolis, no ultimo verão alli passado, em companhia do seu correspondente e do conde de Aljezur.

annotando conforme o que sei, e mais estudo para melhor fazê-lo. Infelizmente não estamos na epocha musical de Paris. Arrisquei alguns passeios pelo Parnaso: sobretudo traducções como a do poema de Lucrecio.

Enfim si soffro não me aborreço nem a outros com as minhas queixas — e agora, até outra, pois as tentações ahi estão em tôrno de minha mesa e sôbre ella bem á mão.

Muitas lembranças a todos os seus, e conte sempre com

Seu amigo

Versailles, 22 de Maio de 1891.

D. Pedro d'Alcantara.

V

Versailles, 29 de Maio de 1891 Taunay

Recebo sua carta de 30 de Abril e respondo já a Sylvio Dinarte, nome que me recorda escriptos tão estimados de quem gosta da boa litteratura.

Não fallo do estellionato artistico do... Está bem punido pelos artigos da imprensa; tenho mesmo pressa de occupar-me do meu Rio de Janeiro. [1]

Concordo plenamente no juizo que forma da pintura do panorama e, como para *detalhes* achou *minucias* ou *pormenores*, tambem substituiria *aproveitamento* — *lavra* (quanto a minas) —*explotação*—vá pela palavra traduzindo *nuance*, embora de aspecto extranho, pois *matiz* não exprime completamente a ideia; e *lucineu*? [2] Elle não se espichou somente nas palavras que phantasiou, merecendo embora elogios por esse seu trabalho e sobre-

---

1 Refere-se o soberano ao Panorama do Rio de Janeiro de Victor Meirelles.

2 Allusão a diversos neologismos do dr. A. de Castro Lopes.

tudo serviços prestados ao estudo do latim tão deslembrado por quem fallando a propria lingua não reflecte quando imagina com o poeta :

« Com pouca corrupção crê que é latina »

tal qual Mr. Jourdain a exprimir-se em prosa.

A data de 7 de Maio provou-me bem que nunca é importuno a quem tanto o preza e á sua familia...

Com effeito *non est ibi locus* para a estatua, e prefiro vê-la onde diz. Prevaleceu porêm o empenho aliás bem justo do Vasques, e a gratidão não é comesinha. [1]

Sursum corda! esperava que os seus artigos fossem repercussão de meus sentimentos.

Continue, continue, seus estudos sôbre Villa Bella.

As informações sôbre Ricardo Franco de Almeida Serra, apreciando seus trabalhos, serão justa homenagem ao seu merito. Não me recordo agora de publicações que lhe possam aproveitar, pois vejo que, como eu, conhece o minucioso Philippe Coelho. O conego Guimarães poderá ter deixado escriptos curiosos.

Os bispos de Matto Grosso têm sido homens illustrados e poderão talvez fornecer bom subsidio.

O actual é muito intelligente e instruido — embora não tanto como o que foi ultimamente transferido de Goiaz, e, pela proximidade relativa das duas provincias, poderá ter estudado o que se refira a Matto Grosso.

Enfim, vá-me escrevendo e, á medida que progredir o trabalho, eu lhe lembrarei o que me lembrar.

30 — Acabo de ler o seu folheto. [2]

Pag. 7. Integralisada? Não entendo bem.

---

1 Referencia ao monumento de João Caetano, acerca do qual houve grande polemica quanto á collocação, indo finalmente figurar em frente á Academia de Bellas Artes.

2 Reporta-se o imperador ao opusculo *Algumas Verdades*, que o visconde de Taunay publicou em principiòs de 1891, dedicando-lh'o. Transcreve aqui as annotações á margem do opusculo.

Pag. 8. Fiz o que pude; — *mares encapellados* — agradeço-lhe a intenção, mas acho-a por demais poetica.

Pag. 14. «Tambem de seus labios...», etc. Creio que ahi tambem ha poesia.

15 — Não é difficil ser assim, basta ter *verdadeiro* sentimento religioso; é querer ageitar-se. Não comprehendo effeito sem causa; o exercito não é a tropa que se achava no Rio.

16 — *Alfinetadas;* admittirei. — Sem fallar... etc., inteiramente de accordo, apezar de eu sempre esforçar-me por boa fôrça de policia.

(Aguardo com impaciencia o livro, que facilitará as minhas reflexões).

17 — «Melhor remuneração» — Tem razão, mas a despesa? Por isso penso como sabe quanto ao exercito permanente no Brasil.

18 — Quem foi?

19 — Fiz meu dever.

20 — Por fim já não achava opposição por parte dos ministros.

22 — Não ha dúvida. Sempre pugnei por inteira liberdade de imprensa; seu correctivo está nella mesmo.

23 — Pela *evolução* sempre a quiz; seria a prova do desenvolvimento, sobretudo moral, do Brasil.

31 — Li, e com tanto maior satisfacção quanto elle muito concorreu para a calumnia do govêrno pessoal.

35 — Todos os dias; e só penso na posição que occupei, por ella permittir-me prestar mais facilmente serviços á nossa terra. Serviços presto-os eu, todos os dias, occupando-me de tudo o que mais ou menos directamente lhe possa ser util.

Obrigado ainda pelas suas *Verdades!*

Adeus! Lembranças a todos os seus; breve espero carta sua.

Seu muito affeiçoado,

D. Pedro de Alcantara.

VI

Taunay

Respondendo á sua carta de 28, datada de nosso Petropolis, só tenho que lhe agradecer o que fez para a publicação de «Minha Fé de Officio».

Ainda direi que me confessei perante a Nação. A posteridade me absolverá de meus erros, attendendo ás intenções.

Creia que lhe escrevo estas linhas com as lagrimas nos olhos. Tenho tanta fé em tudo que fiz e faço que, penso, seria martyr nos primeiros seculos do Christianismo. Não exagero.

Aguardo impaciente o seu trabalho sôbre Matto Grosso.

Queira dar muitas lembranças á sua veneranda mãe e a todos os seus.

Estive bastantes dias de cama por causa de um callo. Houve gangrena, mas graças ao meu já duas vezes salvador Motta Maia, não foi preciso cortar o pé esquerdo. Agora tudo vai bem. Mas sempre li e escrevi, o que é o meu consôlo, longe da patria como da affeição dos que querem ao

Seu muito seu

Vichy, 27 de Junho de 1891.

D. Pedro de Alcantara.

VII

Vichy, 20—Julho—1891. Taunay

Vou bem, embora se tivesse aggravado o incommodo do callo mal tirado, onde até houve gangrena. Em poucos dias poderei partir daqui para a Auvergne, que desejo conhecer.

Minha futura digressão já está fixada.

Muito aproveitei do *De bello gallico* que descreve a região de Vichy, cujos contornos já na *realidade* percorri.

Admirei sempre o talento de Proudhon, mas não sei em que me poderia elle aproveitar.

Tambem gostei muito da Encyclica do Papa.

Sobre musica sabe que estamos, em geral, sempre de accordo. Já ouvi trechos do *Ligurd* e pretendo escuta-lo na opera em Paris. O que conheço do *Condor* me agradou, mas ás vezes não me parece original.

Adeus! Até breve? [1]

Muitas lembranças á sua familia.

Seu de sempre

D. Pedro de Alcantara.

VIII

Taunay

Não sei si já respondi á sua carta de 8 de Agosto; mas tomara ter muitas maneiras de conversarmos.

Nada lhe direi do que se refere a meu character, e apenas repetirei o verso de Camões, que sempre me inspirou e inspira:

« A minha patria amei e a minha gente »

Não conheço esses livros de Tolstoi, e escreverei ao bom Rebouças que me diga quaes são.

Espero com impaciencia novos escriptos seus.

Muitas e respeitosas lembranças a sua mãe; nunca exqueço a familia de Felix Emilio Taunay, a quem tanto devo, o que talvez não seja completamente aquilatado.

Cada dia vou melhor.

Seu muito seu

Vichy—5—7.bro—1891.

D. Pedro d'Alcantara.

---

1 Annunciára o visconde uma viagem á Europa com o fim de visita-lo.

IX

Vichy, 15 de Setembro de 1891. Taunay

Chins!! Não sabem o que querem. [1]

Tenho as minhas traducções da *Biblia* e das *Mil e Uma Noites* soffrivelmente adeantadas.

Tambem releio a *Odisséa* mas, desde muito tempo, comparando com o original as traducções do Odorico, reparo que bem mostra não saber o grego, lançando mão das traducções de Piedemonte, de outras e dos commentadores. Como é bello o grego! Estimaria muito cartear-me com o senhor sôbre taes assumptos.

Continúo os meus outros estudos.

Conto brevemente saïr d'aqui, e em Paris ou perto de Paris trabalhar a meu gôsto.

Que trabalheira mandar vir livros! Bem o experimentei agora para obter os de que preciso para explicar um pouco de Egyptologia aos meus companheiros. Os pontos das licções já estão escriptos, faltava-me porém pôr-me ao nivel do estado actual desses conhecimentos.

Escreva-me sempre, como me disse, e creia-me

Seu amigo,

D. Pedro de Alcantara.

Muitas lembranças a todos os seus.

X

Paris, 28 de Outubro de 1891. Taunay

Muito prazer causou-me, como sempre, a sua carta de 18.

Já vi seu mano, com o que muito folgaram as lembranças dos bons tempos.

---

1 Allusão ao projecto apresentado ao Congresso sôbre a immigração chineza e vigorosamente combatido pelo visconde na imprensa fluminense.

Si o corpo envelhece e já não presta, o espirito é sempre moço; vou agora estudar com Picard, da Academia das Sciencias, novos processos mathematicos.

Cumpre tentar sempre attingir a exactidão.

Que progressos nas applicações! Já determinamos o ponto do navio com um êrro maximo de 200 metros. Vejo quasi resolvida a navegação aerea e a submarina. Zombaremos das montanhas e das tempestades.

Hei de escrever-lhe regularmente sôbre todos esses melhoramentos; aproveite, como melhor lhe parecer, taes informações.

Que saudades me faz tudo o que de Campos me diz!

Approvo completamente sua opinião sôbre o destino de meus livros, que espero ainda rever, antes da minha morte, como a filhos queridos.

Proximamente, escrever-lhe-hei carta maior.

Lembranças a todos que lhe fallarem de mim — meus respeitos affectuosos a sua mãe. Jámais exquecerei a sua familia.

Seu muito affeiçoado

D. Pedro de Alcantara.

XI

Paris, 24 de Novembro de 1891. Taunay

Vou bem e já ando com o apoio da bengala.

Tenho trabalhado bastante, estou aprendendo novos processos mathematicos com um collega do Instituto e já assisti hoje á sessão ordinaria e á anniversaria da Academia Franceza, onde muito me agradou o discurso do «*Prix de vertu*» pelo Cherbulliez.

O C. Doucet, secretario, apezar de todo o seu espirito delicado, mal lhe posso comparar.

Obrigado por todas as suas cartas. Lembranças a sua mãe, aos Dorias e á familia. Seu filho deve estar muito crescido.

Adeus ! Falle-me de tudo.

Seu amigo muito affeiçoado

D. Pedro d'Alcantara.

SCENAS E PAIZAGENS DO ESPIRITO SANCTO

POR

D. JULIA LOPES DE ALMEIDA

SCENAS E PAIZAGENS DO ESPIRITO SANCTO

I

Propaganda do Brasil — O que se dizia do Estado do Espirito Sancto — Viagem — Os trens da Leopoldina — Jornaes de Campos — Itabapoana — Paizagens espirito-sanctenses — O Saturno — Habitações camponezas — O destino das terras marginaes da linha ferrea — A construcção dessa linha e a iniciativa do Governo espirito-sanctense — A estação terminal de Argolas — A luz — A travessia do canal em lanchas — As senhoras de Victoria — Cáes de embarque, etc.

Estou convencida, agora mais do que nunca, de que precisamos fazer a propaganda do Brasil — não só na Europa, onde ella deve ser feita com extrema habilidade, como no proprio Brasil. Porque a verdade é esta: nós conhecemos muito imperfeitamente o nosso paiz. Acabo eu propria de obter uma prova disto, observando num Estado vizinho cousas, que estava bem longe de imaginar.

Deliberei por esse motivo expô-las a quem tinha dellas a mesma ignorancia que eu tinha. Escrevo com inteira e absoluta isenção, por não ser presa á politica por nenhum vinculo quer de familia, quer de sympathia pessoal.

Comecemos:

Quando constou que eu arrumava as minhas malas para uma excursão á Victoria, alguem, que não ha muitos annos viveu por algum tempo nessa cidade, correu a avisar-me que as suas ruas eram fetidas, verdadeiros depositos de lixo, não devendo eu exquecer-me de carregar commigo frascos de desinfectante e de perfumarias. Obedeci sem hesitação, pondo um vidro de Phenol em cada canto da mala e enchendo de frascos de essencias a bolsinha de mão. Além dessa calamidade, avisava-me o meu in-

formante, ha a da falta d'agua. Um chafariz pinga uma lagrima hypocrita de cinco em cinco minutos, ainda assim expremida com inaudito esforço e esperada pela população com enorme anceio. Em frente do chafariz ha sempre uma multidão de carregadores, homens, mulheres e crianças, com bilhas e latas vazias de kerozene, fazendo cauda, á espera do momento feliz de ir aparar o chôro da fonte quasi exhaurida.

Só esse espectaculo basta para demonstrar a apathia daquella gente. Quem quizer, após as agruras de uma longa viagem, refrescar-se, ao chegar ao hotel, com um banho geral, terá de avisar o hoteleiro com certo tempo de antecedencia por carta ou por telegramma, para que elle possa dar para isso as suas providencias.

Ouvindo taes palavras eu não sabia si havia de sorrir, si de tremer, tanto ellas me pareciam mentirosas ou apavorantes! Logo a onda das informações engrossou. Toda a gente que dizia conhecer o Espirito Sancto me descrevia com pena o seu atrazo material. Além do mais affirmava-se que o fanatismo do seu actual presidente criára por todo o Estado uma atmosphera oppressiva de desconfiança e de terror. Ninguem dobrava uma esquina sem se benzer. Falava-se em funccionarios exonerados de cargos vitalicios por não assistirem á missa (!) ; em ruas coalhadas de batinas e de gente escorrida, de olhos postos no chão ou espreitando pelas frinchas a vida alheia para fazer resuscitar na terra brasileira a alma terrivel da Inquisição.

Procuro orientar-me pela leitura dos jornaes. Mas os jornaes não me orientam. Ao contrario, aggravam-me a expectativa, commentando com acrimonia um contracto de madeiras firmado pelo Governo do Espirito Sancto com uma firma extrangeira, em que, segundo dizem, as florestas famosas desse Estado serão devastadas, pondo a nú a terra e amesquinhando os mananciaes dos rios. Eu, que sou uma defensora das florestas, toda me sinto arrepiar a esses commentarios. Deante de tantas informações desagradaveis, não será muito mais prudente deixar-me ficar quietinha em casa? Voltando-me, entretanto, a fallar da belleza da bahia da Victoria, Affonso Celso, alma de artista e de poeta, recommenda-me que não deixe de navegar em horas de varia luz por entre

as suas penedias e as suas ilhas maravilhosas. Ha qualquer cousa que me chama, que attrahe o meu coração e o meu pensamento para essas terras tão nossas vizinhas e tão nossas desconhecidas; tomo uma resolução e invisto para o trem.

Ás nove horas de uma sexta-feira parti da estação de Sanct'Anna, em Nicteroi, para a Victoria num confortavel vagão-leito da Leopoldina. O quarto, illuminado a luz electrica, fornecida ao trem pelo movimento das rodas e nunca interrompida, porque elle dispõe de accumuladores, permitte que, mesmo deitada, eu continue a leitura de um livro que me interessa. A cama é boa, de alvos lençóes de linho e cobertor branco, de lã. Para inicio da viagem não estou mal; de resto, o movimento de *tangage* (dos pés para a cabeça) imprimido ao corpo por esses leitos transversaes parece-me menos enjoativo que os collocados em sentido longitudinal, como os da Central. Com pequenas interrupções, durmo até a vizinha cidade de Campos, onde se passa ao carro-salão, e onde ha uns tantos minutos de demora para o café. Percorro a *gare* — olho para todos os lados, a ver si lobrigo algo da cidade: pontas de torre ou dorsos de telhados. Mas a cidade deve ficar longe; não vejo nada e verifico com alegria que, se nada posso julgar, embora furtivamente, da sua grandeza material, tenho do seu desenvolvimento intellectual uma prova ao alcance das minhas mãos: os jornaes. Nada menos de cinco. Compro-os com avidez e atiro-me para o trem, que partiu logo.

Da minha travessia pelo Estado do Rio tinha-me ficado um desgôsto: não ter visto a estação, já que não podia ser mais, da velha cidade de Macahé, a que sou affeiçoada por tradições de familia e que não conheço. Mas agora, á luz da manhã toda azul e ouro, eu não tinha tempo para lamentar cousa nenhuma e só para ver.

A região descampada que percorriamos respondia á nossa curiosidade amiga com uma nuvem de pó, e foi só transposto o rio da divisa, o claro e manso Itabapoana, que essa nuvem loura e importuna se dissipou, como que por encanto.

Por maior que seja a simplicidade com que procuro escrever

estas linhas, desordenando-as de todo o luxo de uma adjectivação embaraçosa, tornando-as, tanto quanto possivel, numa especie de photographia intellectual, em que se veja mais a nudez da verdade do que a atmosphera que a envolve, é bem possivel que me fuja da penna uma ou outra expressão, que possa parecer ao leitor demasiada em relação á belleza dessa estrada que sobe em voltas de valsa de longas ellipses até a uma altura de setecentos e dezeseis metros, e que desce do mesmo modo até quasi ao nivel do mar.

Os córtes das montanhas desenham porticos de roxo antigo no fundo verde da vegetação. A estrada, evitando a perfuração de tuneis, como si tivesse medo ao escuro, colêa pelo dorso das montanhas, quasi na grimpa, ora approximando-se, ora fugindo de aguas que se despenham ou que deslizam. Aqui ondeia o Muqui, de leito tachonado como uma pelle de tigre, e de alma socegada como uma pomba juriti. Apertado entre collinas e penedias, accompanha por algum tempo a estrada, dando logar depois a outros rios mais fortes e cachoeirosos.

Ha, porém, um trecho nesta bellissima estrada da Leopoldina, de que jámais se exquecerá quem o tenha percorrido com a cabeça fóra da portinhola do trem: é o « Soturno » ou Garganta do Inferno. O trem córta o flanco da penedia immensa, cosendo o seu corpo de reptil negro e fumegante ao corpo duro e frio de pedra branca. O precipicio é terrivel. Não tem mysterios. É a ribanceira enorme, ingreme, alvadia, em que se despedaçaria, implacavelmente, carne humana ou ferro bruto, que nelle fosse despenhado.

Vista de cima, do caminho estreito em que parece haver apenas espaço para os trilhos, cortado parte na rocha, parte suspenso sôbre um viaducto, a pedreira do Soturno, na sua nudez e austera simplicidade, acórda fatalmente em quem a veja a idéa da morte. Vista de fóra, de uma curva da estrada, tem o aspecto de uma obra de arte monumental, esculptura da nossa natureza posta alli pela mão formidavel de um ignoto Miguel Angelo.

A par de bellezas imponentes ha doçuras de paizagens, que attrahem a imaginação para outras idéas.

Não me sinto nunca afagada pela sombra fria de florestas

densas. As regiões que atravesso devem ser antes propicias a campos de criação, embora todas ondeadas pelos dorsos dos morros successivos. Ha de longe em longe restos de cafezaes e um ou outro cannavial sem importancia.

O destino daquellas terras deve estar realmente preso ao gado. Entre montes de vegetação rasteira e clara apparecem aqui e além grandes tufos de arvores. São os bosques de mattaria, em que sobresaem as umbaúbas e imbaíbas com os seus troncos altos, esgüios, muito brancos, como ossos descarnados ou grossos traços verticaes de giz sôbre o fundo verde-negro da vegetação.

Sempre que viajo pelo interior dos nossos Estados procuro, embora de passagem, observar o typo da habitação dos nossos camponezes. Estes, do Espirito Sancto, parece terem certos instinctos de gosto. As casas, si ainda têm telhados de palha, esta é subjugada por linhas parallelas de trançados de embiras aparadas com maior ou menor perfeição. Entretanto, entre estes telhados são frequentes outras cobertas de escamas de madeira com a sua côr natural. As casas são em geral bem caiadas, resplandecendo de alvura no meio dos prados, e tanto os seus humbraes como as suas portas vêm-se ao longe pela violenta tinta azul anil com que são pintadas. O aspecto é agradavel e dá, francamente, a quem o vê, uma impressão saudavel de alegria e de asseio. Uma outra nota que afina com essa é a de fazerem paredes divisorias de terrenos com pés de laranjeiras, plantadas tão perto umas das outras que os seus ramos se embaralham e confundem, a ponto que ellas mesmas, interrogadas, não poderiam dizer quaes seriam os seus galhos, quaes os das suas vizinhas.

Isto, que parece cousa nenhuma, é já, aos meus olhos, um magnifico symptoma. Passam-se, todavia, largos trechos sem que eu veja nenhuma habitação. A terra está á espera do trabalhador que a fecunde, do rebanho que a anime. Ao longe, a famosa pedra Itabira aponta silenciosamente o azul limpo do céo, entre os grandes rochedos — o Frade e a Freira. Por mais curvas que o trem faça, vejo-a sempre ao longe, como uma sentinella sonhadora, coberta pelo véo azul da idealidade.

Eis-me, porém, sôbre o raso Itapemirim, largo e cantante,

em frente á cidade do Cachoeiro, que, a julgar pelo movimento da *gare*, deve ser animada.

Tendo almoçado no proprio trem, no seu bem organizado salão-restaurante, eu não tinha, desde a vespera á noite, posto o pé em terra sinão na curta estadia em Campos, para o café matinal. Não me sentia, contudo, enfadada pela viagem; ao contrario, tinha a convicção de que, só por si, ella justificaria o interesse de uma excursão á Victoria.

Essa estrada, inaugurada pelo dr. Nilo Peçanha, creio que no ultimo mez da sua administração, é um verdadeiro desafogo para o Estado do Espirito Sancto. Ella é tanto uma estrada estrategica como um traço de união entre o progresso da capital da Republica e a Victoria, e representa um golpe de alto tino administrativo do homem que, como depois observei, á energia silenciosa de um esforço incansavel, allia a habilidade de um fino diplomata: o dr. Jeronymo Monteiro.

Quando esse senhor assumiu a presidencia do Espirito Sancto, encontrou feito um trecho dessa estrada, entre a cidade da Victoria e a do Cachoeiro, tendo, portanto, principio e fim em terras do mesmo Estado, numa zona de insignificante producção agricola e pequeno movimento commercial. O custo desse trecho da estrada tinha sido excessivamente caro e a sua manutenção era incompensada, mesmo onerosa. Á vista desse embaraço economico, o Governo do Estado tomou a resolução progressista de o vender por preço reduzidissimo á Leopoldina, impondo-lhe a obrigação de, em prazo determinado, inaugurar a viação ferrea entre Victoria e Niteroi e exigindo ainda dessa Companhia outras obrigações, entre as quaes figura a construcção de uma grande ponte movediça, que ligue a cidade da Victoria ao continente. Houve naturalmente quem puzesse as mãos na cabeça, clamando contra o desperdicio de ver vender por quasi nada o que tanto dinheiro tinha custado ao Estado; mas tudo leva a crêr que essas mesmas pessoas estejam hoje convencidas de que, mesmo que o Govêrno tivesse feito presente desse trecho de caminho de ferro á Leopoldina, ainda assim teria lucrado com a transacção. Graças a esse rasgo administrativo, nem as pessoas nem os progressos da Capital Federal precisam esperar, com oito

dias de intervallo, o enjoativo transporte maritimo, afim de seguirem para a terra capixaba.

Estas primeiras informações foram-me fornecidas no proprio trem por um viajante portuguez, que eu conheci ha annos no Rio de Janeiro e que é actualmente morador na Victoria. Nenhum laço o prende á politica nem ás pessoas da representação official. É, pois, uma voz insuspeita, a primeira voz que me revela alguma cousa sôbre a organização administrativa do Espirito Sancto.

É ainda esse viajante quem me aponta, na vertiginosa corrida do trem, uma grande repreza de aguas e uma usina fornecedora de electricidade.

— Então a cidade da Victoria...

— É illuminada a luz electrica. Devemos tambem esse melhoramento ao Govêrno actual. E vai ver que boa luz!

— Antes, havia gaz?

— Não; havia lampiões de kerozene e lanternas. Quem se aventurasse a saïr á noite teria de levar luz consigo . . . Passar-se do petroleo e da vela á lampada electrica é caminhar aos saltos!

Era já noite quando o trem parou na sua estação terminal, em Argolas, em face da cidade da Victoria. A *gare* estava coberta de povo, sendo grande parte delle constituido por senhoras, elegantemente trajadas. A estação tem o character provisorio; é feia e de madeira. Espera naturalmente o lançamento da ponte para se mudar definitivamente para a outra margem. Mas não ha tempo de olhar para isso, já as lanchas estão atracadas á espera dos passageiros, e temos todos de saltar para ellas sem perda de um minuto.

Ainda não rompeu o luar, mas no céo de velludo azul ferrete brilham os astros com um esplendor diamantino. Nas aguas escuras tremeluzem reflexos de ouro e de escarlate de varias luzes, as lanchas partem, e em poucos minutos pizavamos o sólo da Victoria, desembarcando no Eden-parque. A cidade tinha uma feição alegre e tumultuosa, a que não me referirei por ser anormal; sómente posso assegurar que ao adormecer, tarde, nessa noite no hotel, eu me sentia abalada pela doce impressão de uma agradavel sorpreza.

II

Cidade de granito e de mangue — O estylo da cidade — Maria Ortiz e os Hollandezes — Casas commerciaes — Uma esperança — Uma crysalide que rompe o casulo abandonado — Villa Moscoso — Um parque e duas avenidas — O quartel de Policia — Lodaçaes e mangues que desapparecem — O hospital novo — Habitações populares — A cidade acorda de um lethargo — O Bairro do Rubim ou a cidade de palha — Os telhados — A agua — Os filtros — Elementos de salubridade — O astro saudoso encarregado do policiamento da cidade — A luz electrica — Aguas servidas — Os exgotos — Quando as familias dos opposicionistas devem discordar dos seus chefes — O futuro Mercado — O futuro hotel — O papel desempenhado pelos frascos de Phenol e de essencias — Serviço de limpeza publica e domiciliaria — Em duas horas de passeio — O Suá — A capella do Rosario — O palacio presidencial; o cáes do Imperador; o jardim da Esplanada — Velhos conventos — Maravilhosa transparencia da atmosphera — Os astros — Partida para Villa Velha.

Victoria, si não é, como a Lisbôa cantada pelo poeta, uma cidade de marmore e de granito, é uma cidade de granito e de mangue.

A casaria apertada, no estylo das velhas cidades minhotas, encarrapita-se pelo morro acima formando ladeiras e vielas que fazem, a quem as veja pela primeira vez, pensar nas aventuras dos romances de capa e espada.

Aqui uma rua estreita descendo em successivos lances de escadas entre predios altos, de janellas á antiga, de uma das quaes Maria Ortiz despejou agua a ferver sôbre os Hollandezes invasores; acolá a sinuosidade de um caminho beirando as paredes de um convento ou de um collegio fundados pelos Jesuitas nos tempos coloniaes e, de repente, um córte de terreno, de onde se descortina o azul do mar ou do dorso verde das collinas da outra banda, isto é, do continente.

Na linha plana, em baixo, as ruas commerciaes têm muito maior movimento do que eu poderia suppôr, á vista do que me

diziam no Rio da apathia do povo e do atrazo do logar. Nessa parte da cidade as casas, já com fachada á moderna, infundem, muitas dellas, a idéa da abastança e da prosperidade.

Ha cousas que não se vêem nem se explicam — sentem-se. O ambiente de um logar tem a sua voz que, embora intraduzivel, nos assegura si nelle se vive com esperança ou desespero. E tudo, neste torrãozinho pittoresco que é a velha cidade de Victoria, me falla do futuro, porque, todo elle é uma esperança que lateja, uma crysalide que rompe o tosco casulo abandonado para espanejar á luz as azas multicôres.

Basta olhar, de qualquer ponto em que se descortine uma área consideravel, para se observar o seu esforço de transformação. Os mangues, a que alludi, começam a desapparecer sob as camadas do atêrro. Na parte baixa da cidade, em uma planicie conquistada a um antigo e extenso lodaçal, Villa Moscoso, vi o debuxo de duas avenidas e um parque já com o leito do seu lago prompto e já combinadas as suas futuras sombras pelo agrupamento das plantas, indicadas nos relvados nascentes.

Em frente a esse campo, agora todo drenado e enxuto, onde em vez de caranguejos patinhando em lama correrão em breve as crianças por sob a galharia das arvores beneficas, o Quartel de Policia, livre agora das humidades geradoras do beri-beri, que se infiltravam nas suas paredes precipitando a ruina do edificio e a morte dos soldados, firma-se em terra sêcca e mostra internamente condições de hygiene, que não sei si serão communs em outros quarteis. No alojamento das praças, por exemplo, vi camas com lastros de arame revestido de sola. Essas camas são moveis, ficando durante o dia suspensas, para que toda a sala livre e nua possa ser lavada sem estôrvo. O officio rude do soldado é adoçado assim na sua hora de repouso. Não tive tempo de visitar as aulas de leitura e de Musica no curso policial, porque a minha visita a esse estabelecimento foi apenas uma visita de passagem, matinal e apressada.

Não longe desse lodaçal desapparecido, está desapparecendo tambem um mangue, engulido pelo atêrro do hospital novo. Esse hospital é edificado em pavilhões separados, quasi concluidos, olhando do alto de uma collina para a cidade e para o mar. Si

bem entendi o meu cicerone, para construirem esses pavilhões em terreno nivelado fizeram um *plateau* no alto da collina, e é com a terra tirada para esse effeito que aterram o mangue proximo, saneando o local e prolongando uma das ruas mais bonitas da Victoria, que é a Avenida Schmidt.

Foi num curto passeio matinal que tive occasião de observar estas cousas, que desejaria descrever com absoluta clareza, porque tenho a convicção que serviriam de estimulo a muitas actividades ainda adormecidas...

Realmente a impressão, que tive naquelle curto passeio, foi uma alegre impressão de trabalho.

Enquanto as carroças cobriam o lodo salgado com a terra sêcca do morro; enquanto os trolhas e os pintores davam a ultima de mão a uma grande serie de habitações populares hygienicas e baratas, feitas por iniciativa do Govêrno de accôrdo com um poderoso capitalista do logar, com quem contractou a edificação de duzentas casas sob varias condições de preço, de typo e de tamanho, prestando com isso grande beneficio á população crescente da Victoria, enquanto as paredes do Hospital novo cresciam para refugio de futuros padecimentos, cá em baixo na estrada os engenheiros electricistas se apressavam mandando a turma dos seus empregados abrir covas no chão para os postes dos bondes electricos.

A cidade acorda de um letargo de seculos e quer ganhar tempo aos saltos.

Foi no bairro Rubim, antigamente cidade de palha, que eu vi as obras, que acabo de citar. Essa visita não figurava no programma estabelecido para os seis dias da minha demora na Victoria.

Para ver a cidade de palha não roubei nada ao meu programma, mas roubei ao meu somno algumas horas, que só no Rio recuperei. Pelo menos isto indica que a Victoria tem que ver!

Que é a cidade de palha? Uma villa de operarios, uma especie do nosso Morro de Sancto Antonio, mas sem lixo, com alegria, com asseio, com agua. Até ao alto do mais alto barranco, onde se

aninha um casebrė, ahi vereis uma torneira jorrando agua com abundancia.

Antigamente todas as cobertas das habitações desse bairro eram trançadas com folhas de palmeira ou com sapê.

Era o canto da pobreza, bem significativo e bem pittoresco, entretanto.

Numa collina, em frente ao canal que divide a ilha do continente, esse bairro polychromo e modesto dá a impressão de um quadro curioso, uma grande tela coberta de borrõesinhos de tintas disseminadas sem ordem, ao salpicar dos pinceis, pela mão phantasiosa de um paizagista risonho.

Hoje as casas têm paredes caiadas, e a maioria dellas é coberta de telhas. Póde-se ainda assim, conforme observou o illustre medico que me accompanhava, presidente do Congresso espirito-sanctense sr. dr. Julio Leite, a cujo espirito e a cuja amabilidade seria ingratidão muito feia não fazer eu aqui uma referencia, estudar nesses telhados da Villa Rubim, alinhados em varios planos como nas camadas geologicas, as differentes epochas da sua historia.

Ao lado de um ou outro tecto de palha ainda refractario, vê-se um de zinco com a sua côr natural, para logo adeante apparecerem outros tambem de zinco, mas já pintados de vermelhão ou de verde, até aos outros, de telha commum. Não será preciso esperar muito para surgirem entre elles alguns de terraço, com as competentes balaustradas e tinas para flores...

Mas a principal alegria para os habitantes do Rubim, como para os de toda a cidade, é a agua. Si para os ricos e os remediados a agua era ainda ha tres annos na Victroia um liquido quasi tão precioso como o Champagne, imagine-se o que seria para os operarios, que a não podiam comprar com a mesma facilidade, por que na estação estival cada lata (das de keroneze) cheia de agua custava 200 réis, 500 réis e, quando a sêcca apertava, dez tostões e por muito favor! Então ella era colhida dos mananciaes escassos da ilha, distribuida em quatro chafarizes da cidade, fóra alguns poços para serventia publica. Parece impossivel que um tal estado de cousas pudesse durar perto de um seculo, para só agora ser remediado, mas felizmente remediado de um modo

absoluto e definitivo. Disseram-me haver na Victoria agua pura para uma cidade de dez vezes maior população, e que haverá em breve para uma cidade de cem vezes maior população, porque está sendo atacada com vigor uma nova obra para abastecimento de agua aos arrabaldes do continente, bem como outra muito importante — que é a construcção dos filtros. A agua saïrá já filtrada das torneiras, e não em pranto gottejado como outr'ora, mas em torrentes copiosas.

Tanto este elemento de alegria e de salubridade como o da luz electrica, que substituiu as lampadas belgas akerozeneque allumiavam as ruas, com excepção das noites de luar, em que, de boa ou de má vontade, o astro saudoso ficava encarregado do policiamento da cidade; tanto esses dous melhoramentos como ainda o dos exgottos, inaugurado no anno passado, deram tamanha popularidade na Victoria ao actual Govêrno do Espirito Sancto, que não se póde deixar de fallar num, e com justo louvor, sempre que se tenha de fallar da outra.

Até ha bem pouco tempo era um problema saber-se nessa cidade, em que a maioria das casas não tem quintaes, onde atirar-se um pouco de agua servida, visto que nem sempre póde ser considerada obra meritoria vasar-se de uma varanda qualquer taxada de barrella a ferver sôbre a cabeça de quem passe, seja hollandeza ou cabocla, pacifica ou bellicosa.

Mas foi sobretudo o abastecimento da agua, primeira commodidade estabelecida pelo sr. Jeronymo Monteiro na capital do Espirito Sancto, que lhe grangeou a sympathia da cidade, e muito especialmente a de todas as donas de casa. As proprias familias dos opposicionistas discordam com certeza dos seus chefes sempre que abrem as torneiras dos seus banheiros ou das suas cozinhas.

A par das obras que observei nessa excursão matinal, citam-me outras já contractadas e com protecção do Govêrno, como por exemplo o mercado. O de agora será substituido por um outro de ferro e de vidro, com aquario para peixes e camaras frigorificas para carnes e fructas. Fallam-me tambem na construcção de um hotel com cêrca de oitenta quartos e todos os rigores da Hygiene e do confôrto moderno, preoccupação que não póde

ser adiada, porque já é consideravel o número de forasteiros nessa cidade. E esse número crescerá em pouco tempo enormemente, sem a menor dúvida.

Volto para o meu hotel com a cabeça cheia de sorprezas. Realmente, será esta a gente apathica, de que me fallavam, e esta a cidade fétida atapetada de lixo? Para certificar-me ainda, chego á janella do meu quarto. Em frente, a ladeira da Matriz sóbe apertada entre casaria de paredes brancas; em baixo, ondeia outra rua edificada em estylo mais moderno. Olhei: tanto uma como outra estavam limpas. Inclinei-me da sacada, dilatei as narinas no esfôrço de perceber a qualidade do cheiro dessa cidade maritima. Não senti nada. Si nas varandas não havia rosas, tambem nas portas não havia lixo. Lembrei-me então dos meus vidros de phenol e de essencias, ainda arrolhados, e não pude deixar de sorrir.

Contando eu isto a algumas pessoas nesse mesmo dia, retrucaram-me que na verdade até pouco tempo o leito das ruas da Victoria permanecia por longas horas enfeitado por pequenos monticulos de retalhos e de detritos de toda a especie. O actual Govêrno estabeleceu o serviço de limpeza e de Hygiene pública e domiciliaria, de modo a fazer cessar por completo essa vergonhosa exhibição de immundicies.

Em duas horas de passeio, feito ora de bond, ora a pé, tive assim nessa manhã ensejo de observar, colhendo-a a bem dizer, em flagrante, a ancia de progresso que se está desenvolvendo na capital do Espirito Sancto, essa pequena cidade, hoje de tão originaes aspectos e tão alegres coloridos e destinada a ser em futuro não remoto um grande emporio maritimo; assim lhe succedam a este actual outros governos egualmente patrioticos e activos.

Em contraposição ao bairro dos operarios, a antiga cidade de palha, ha o bairro elegante da praia do Suá, preferido por toda a gente que póde hoje na Victoria construir um chalet ou um palacete. Fica um pouco distante do centro. Corresponde em ponto muito mais pequeno e em relação á cidade á nossa Copacabana. Demais a mais, é a melhor, si não unica praia de banhos da Victoria, e parece que muito concorrida, pela facilidade de

conducção, indo o bond até á praia em viagens amiudadas. O bond atravessa grandes extensões ainda por edificar, ora em linhas rectas, ora em estradas curvas marginando golfos e mangues. Mas esses mangues estarão em breve cobertos de bosques de eucalyptos e essas collinas alegradas pelos talhões das hortas e dos jardins.

O seu destino está escripto pelo progresso da cidade que desperta, guardada á vista pelo penhasco magestoso do Penedo, que desempenha na bahia da Victoria, com mais austeridade, o mesmo papel ornamental do nosso Pão de Assucar.

Conquanto a cidade seja constituida num terreno rochoso, ha nella em varios pontos alguns tufos de vegetação forte de um verde intenso, como um, do qual se destaca o palacete do coronel Guaraná, e o outro que serve de fundo á capella do Rosario, que se vê de longe com a sua branca escadaria de pedra e o seu adro cingido de pilastras e de gradis.

Como em toda a parte do mundo por onde andem, os Jesuitas souberam escolher na Victoria os pontos mais culminantes e melhores para as suas edificações. Dá disso testimunho o proprio Palacio presidencial, que é um antigo convento construido na parte alta da cidade, e dominando por uma das suas faces lateraes uma larga escadaria de pedra que vai até a baixo, o caes do Imperador. Em frente á sua fachada principal ha um novo jardim, de esplanada, sustentado por muralhas, e onde duas vezes por semana tocam as bandas locaes para alegrar o povo. Juncto ao palacio, tem a egreja de S. Thiago, que não visitei, como não visitei tambem o velho convento de S. Francisco, o que lamento, porque deve haver dentro delles algum assumpto antigo e artistico digno de attenção. Nem ousei fallar nisso, porque havia um programma a cumprir, e eu começava a perceber que a pequena e tão singular cidade da Victoria não se mostrava toda em poucos dias a ninguem.

O que notei alli desde o primeiro dia até ao ultimo, foi uma admiravel transparencia na atmosphera, uma claridade purissima que envolvia as cousas, fazendo-as realçar com todos os seus detalhes.

Essa nitidez que deleitava os meus olhos deve fazer o de-

sespero dos pintores que tentem passar para a tela as encantadoras paizagens espirito-sanctenses. Aguas, troncos, pedras, galharias de arvores, telhados de casas ou barrancos de estradas, não se dissimulam nem se fazem adivinhar sob nenhum véo de névoa que os idealize; mostram-se cruamente, nuamente, em todas as minucias da sua côr e da sua contextura. O céo tem por isso tintas de um fulgor delicioso, manhãs de turqueza liquida, crepusculos côr de rosa que tingem de vermelho as aguas fundas do mar. Mas é sobretudo á noite, que na sua transparencia e profundidade o firmamento mais se embelleza pelo clarão lucilante dos seus astros.

Mas não nos detenhamos a olhar para as estrellas feiticeiras, porque é tempo de tomar a lancha e partirmos para Villa Velha.

III

A bahia da Victoria — Um canteiro ambulante de papoulas — Villa Velha — O fim destes artigos — Um periodo de transformação — A sociedade — Pedro Palacios — O Convento da Penha — Um quadro de Vellasquez — Effeitos da fé — A construcção do Convento no alto da Penha — Rivalidade de Villa Velha e da Victoria — A Diamantina e seus prodigios futuros — Ladeira mais facil de subir que descer — Promessas — Hospedagem fidalga — Escholas — Governo Municipal de Villa Velha — Fortaleza de Piratininga — Belleza do local — Ordem do estabelecimento — Gymnastica sueca — «Five ó clock tea» — Doçura ambiente — Volta á Victoria.

Eram oito horas da manhã, quando «Santa Cruz» zarpou da Victoria com rumo á cidade do Espirito Santo.

Ora, até que em fim, ia eu ver essa poetica bahia tão recommendada pelos poetas e pelos navegantes. Propensa ás contemplações da natureza, desviei a attenção das pessoas que me rodeavam, o que posso garantir não ser cousa facil, visto que a sociedade da Victoria tem na singeleza do seu tracto seducções imperiosas, e abri bem os olhos para as maravilhas dessa porção de mar em que a «Santa Cruz» ia extendendo o lençol do seu rasto escumoso.

A quem já conhece a bahia Guanabara parece impossivel poder encontrar motivo de admiração em outra bahia, demais a mais do mesmo paiz, o que quer dizer da mesma natureza e a pequena distancia, relativamente. E, todavia, encontra-o. A da Victoria tem surprezas. Toda ella é feiticeira, toda ella é um mixto de poema e de graça, de transparencias lucidas e de recortes airosos. Porque eu levasse talvez nos olhos a impressão magestosa da bahia do Rio, tudo nessa do Espirito Sancto me parecia de proporções reduzidas e tendo nisso mesmo um encanto muito peculiar e muito interessante. As montanhas que a rodeiam não assombram ninguem; guardam proporções perfeitamente comprehensiveis e de uma normalidade de fórmas quasi inquietante.

Em certos pontos, quem está dentro della póde julgar-se em um lago, tanto a conformação das terras que a cingem parece isola-la do grande Atlantico.

Alguem, dentro da lancha, chama a minha attenção para os pontos mais pittorescos: aqui uma ilhota; acolá uma linha branca de praia, ou a habitação de um inglez, de bom gôsto, numa collina solitaria e verde, ou um bosque á beira da agua. No cimo de tal montanha azul, cujo nome a minha triste memoria exqueceu, descrevem-me uma cavidade natural, para onde os indios atiravam os seus mortos.

Ficava assim o seu alto cemiterio de facil communicação com o céo.

Reconheço de longe a graciosa praia do Suá com as suas barracas brancas ainda armadas para os banhistas; e perto o forte de S. João, Penedo, e o contôrno de terras vistas na vespera. O mar está de um azul vehemente. Cruzamos com outra lancha, em que escholares de vestidos escarlates, uniforme dos collegios, fazem lembrar a floração de papoulas num canteiro ambulante.

Sacodem-se lenços, mas já alguem me faz voltar a cabeça para a Pedra dos Ovos, ilhota que lembra as da vizinhança de Paquetá.

Seria estulticie tentar siquer descrever com esta minha penna rombuda e tropega o encanto das terras, que circundam a bahia da Victoria. De resto, o fim destes artigos não é fazer litteratura, mas dar, com a possivel clareza, idéa do movimento de um dos nossos Estados de menores recursos e em um periodo que é para elle, positivamente, de transformação.

Foi a verificação deste facto que me impulsionou a escrever estas linhas, com a esperança de que ellas possam servir de alento a outros Estados de mais frouxa iniciativa.

Fique, pois, entendido que a bahia da Victoria não desmentiu, antes confirmou absolutamente todo o bem, que della me itnham dicto, e que foi com os olhos cheios da sua belleza que aportei a Villa Velha, primeiro pouso desse desventurado bohemio Vasco Fernandes Coutinho, a quem por mercê de D. João III foi doada a capitania do Espirito Sancto.

Rodeada, alli como na Victoria, por uma sociedade fina e carinhosa, emprehendi corajosamente a subida do convento da Penha, proeza de que me sinto ainda agora um pouquito espantada. Não sei a quantos metros de altura fica esse templo, mas posso assegurar que jámais pisei rampas mais resvaladiças nem mais ingremes do que as da Penha, em que elle está assente.

Antes de subir, para que eu tomasse folego, levaram-me a vêr, perto do portão da entrada, uma pequena gruta natural, onde um frade, frei Pedro Palacios, salvo de um naufragio, se acolheu, ou antes se escondeu, talvez com medo dos indios, guardando consigo um registo a oleo da Senhora da Penha, que attribuem a Velasquez, não sei porque, e que tambem não sei como poude escapar são e perfeito do naufragio alludido. Mas lendas não são assumptos de commentario neste genero de artigos meramente descriptivos, não se podendo gastar com elles sinão o tempo da referencia. Não sei quantos dias viveu frei Palacios agachado no seu obscuro buraco, sob uma lapa suspensa e humida.

O caso espantoso não é esse; o caso espantoso é que todas as noites o quadro a oleo da Senhora da Penha, com o seu bendicto filho nos braços, via na gruta da planicie adormecer o frade em sancta paz, para, ao romper da aurora, apparecer bem do alto da alta penha, em que vive agora definitivamente! O poder do milagre fez os seus effeitos. Indios e colonos, tocados por elle, consentiram em carregar á cabeça as pedras, as madeiras, todos os materiaes, enfim, com que lá em cima se construiu o grande convento, com a sua torre quadrangular, a sua capella, em que a obra de talha conserva a côr natural da madeira em que é feita, as suas grandes cisternas, porque não havendo fontes no morro seria preciso prevenirem-se para conservar as aguas da chuva; as suas cellas e corredores e as suas escadarias e terraços. Bem como as pedras, foi carregada á cabeça a agua com que se argamassou o barro e a areia para edificação de tantas e tão grossas paredes!

O caso espanta o « touriste », mesmo o menos impressionavel, o que ainda arquejante dá por bem empregado o esfalfamento da subida, quando lá em cima espalha a vista pelo pano-

rama em redor e vê de um lado o mar, de que emergem aqui e além dorsos de rochas ou pontas de serras de varios cambiantes, extendendo-se depois azul e largo até ao infinito horizonte. Em baixo, a grande planicie de Villa Velha, verde-clara e branca, toda ella coberta de gramineas curtas e de areaes, com os seus grupos de casas aqui e além, ruas bem alinhadas e campos cortados de esteiros, que lampejam ao sol e que alli estão á espera da futura cidade, que os ha de aproveitar como elemento de graça, margeando-os de arvores, cobrindo-os de longe em longe por pontes elegantes.

Parece-me perceber uma certa rivalidade entre Villa Velha e Victoria, mas essa rabugice ingenua desapparecerá logo que as duas cidades formem uma só, ligada que seja a ilha ao continente pela ponte movel da Leopoldina. Si as distancias hoje são grandes entre si, tambem grande será o incremento dado á capital do Espirito Sancto pela Estrada de Ferro da Leopoldina, destinada a transformar o porto da Victoria num dos portos mais activos do Brasil.

Calculam-se já as toneladas de ferro bruto, que os comboios dessa estrada trarão diariamente de Minas e dos confins do proprio Estado do Espirito Sancto, para despejarem nos porões dos transatlanticos extrangeiros á sua espera na Victoria, e o numero dessas toneladas attinge a uma somma enorme. Mas, voltemos a fallar do convento.

Como a ladeira do fado portuguez, que é mais facil de subir que de descer, porque ao subi-la levava o namorado a esperança de ver lá em cima a sua amada, e descendo-a já vinha carregado de saudades suas — assim, mas por outras razões, está claro, é a do Convento da Penha de Villa Velha.

Para cima, o peito arfa, mas os pés não escorregam; para baixo, é necessario vir-se executando prodigios de equilibrio para não se caïr redondamente sôbre os duros calhãos denegridos e lustrosos, que revestem o solo. E ao pisa-los pensa a gente com espanto na resistencia de certas creaturas, que sobem aquellas rampas de rastos por promessa, chegando a cima quasi exanimes, ensanguentadas, mas, enfim, ainda vivas!

Parece que hoje não são permittidos taes excessos e que

mesmo as offertas de cêra, de cabellos, de trabalhos a missanga e de quadrinhos ingenuos e grotescos, que alli, como em todos os templos milagrosos, cobrem as paredes das sacristias, vão ser pouco a pouco substituidas por pequenas placas de marmore com o voto do offertante.

Creio bem que a imaginação do povo relucte em acceitar essa substituição, não encontrando na pedra fria o symbolo correspondente ao ardor da sua fé.

Chegámos a baixo com os joelhos tremulos, mas com os pulmões revigorados por um grande hausto de ar puro e livre, e trazendo para sempre reflectida nos olhos a visão maravilhosa dessas terras e rochedos, desse immenso mar, e desse immenso céo todo azul e ouro.

Depois de algumas horas de repouso numa hospedagem fidalga, de uma visita ao Govêrno municipal de Villa Velha e outras visitas aos collegios publicos do logar, cujas aulas estavam repletas de crianças robustas e alegres, seguimos por uma linda estrada para a Fortaleza de Piratininga, Eschola de Aprendizes Marinheiros.

Tinha de notavel essa estrada, perfeitamente construida, ter sido feita pelos aprendizes da Eschola, sob a direcção de um dos seus officiaes. E eis ahi uma iniciativa, que deve ter lisongeado a Municipalidade de Villa Velha, por facilitar a communicação do povo da terra com a pittoresca e velha fortaleza. Ahi, ao transpor o portão da entrada, não tive a impressão de penetrar numa praça militar, mas num bello e vasto parque de castello europeu, com as suas largas alfombras veludosas e as suas alleas de bellas perspectivas.

O local é amplo, todo numa curva de terra beijada pelo mar. No pateo do edificio, de fórma convexa, tocava a banda dos aprendizes com muito garbo e afinação, embora constituida havia poucos mezes.

O director da Eschola, commandante Mauricio Pirajá, official distincto e que allia ás suas qualidades de militar severo as de um perfeito *gentleman*, teve a delicadeza de percorrer comnosco todo o estabelecimento: enfermaria, pharmacia, alojamentos,

aulas, refeitorio, cozinha, lavanderia e paiol, fazendo notar em tudo o maior asseio e a ordem mais absoluta.

Sôbre uma das portas da fortaleza, hoje remoçada e até florida, vê-se ainda, como documento historico, uma pedra gravada com dizeres no portuguez do tempo relativos á sua fundação.

Depois de ter percorrido todo o interior do edificio saï, a ver no parque os exercicios de gymnastica sueca executados com precisão admiravel pelos menores.

De cima de um terraço eu dominava o grande tapete relvado onde os aprendizes, dirigidos por um companheiro, faziam ao mesmo tempo que elle todos os movimentos disciplinares, do mais suave ao mais torturado, como si os musculos de todos elles obedecessem a um só machinismo e a uma só vontade.

A tarde estava de um encanto inexquecivel. Numa parte do jardim lateral do edificio, uma grande quantidade de pequeninas mesas brancas e floridas para o *five ó clock*, e dispostas com arte de modo a poderem os que estavam em uma dellas ver os que estavam em outras, traziam á lembrança naquelle scenario de macias relvas, de praias claras, em que o murmurio das ondas si casava ao ramalhar das arvores e ao som da musica ao ar livre, scenas de outros logares distantes, talvez Nice, talvez Cannes...

E até sol-posto foi um rumor alegre de vozes naquelle jardim, e um correr de meninos pelos gramados, tachonando-os com as côres alegres dos seus vestidos e dos seus chapeus floridos.

E si o mar não promettesse máo embarque, alli ficariamos até ao romper do luar, para navegarmos depois em mar de prata e gozarmos por mais tempo as doçuras daquelle ambiente delicioso...

IV

Ora, pois, abro um parenthese na série destes artigos descriptivos, para me referir a um facto, que nos impressionou a todos no Rio de Janeiro, porque teve na imprensa carioca uma horrivel repercussão. Não é preciso uma extraordinaria perspicacia para se adivinhar qual elle seja; já o leitor percebeu que alludo ao contracto feito pelo Governo do Estado do Espirito Sancto com a firma Lichtenfels & C.ª para exploração de mattas do Estado e desenvolvimento da sua immigração.

Quando parti para a cidade da Victoria levava o espirito apoquentado por esse assumpto e vou dizer por que, para que não pareça exaggerada a minha sensibilidade. É o caso que desde que peguei na penna, resolvida a escrever para o público, me arvorei, por minha conta propria, em advogada das nossas arvores urbanas e florestaes.

Corajosamente, sem medo de crear com a minha insistencia fama de monotona a proposito de tudo, e manda a boa verdade dizer que muitas vezes fóra de proposito, procurei sempre fazer entre nós a propaganda da árvore e da flôr, e, si a minha vaidade, ou velleidade, já se tem consolado com alguns triumphos nesse sentido, confesso que ainda estou bem longe de ver confirmados todos os meus propositos. Tendo em artigos de jornaes, em conferencias, em livros, clamado sempre contra a devastação inutil das nossas mattas e a favor do plantio e replantio do arvoredo benefico, é facil de imaginar qual seria a minha opinião em face desse famoso contracto, destinado, segundo diziam, a desnudar por uma miseria a linda terra espirito-sanctense!

E, por isso mesmo, porque esse assumpto me interessasse vivamente, ardia em curiosidade de indagar de alguem bem informado todos os seus detalhes e circunstancias, não ousando faze-lo, com receio de ferir susceptibilidades e melindres, tanto o caso me parecia monstruoso.

Em face, porém, dos progressos que via realizados na Victo-

ria e que me attestavam a boa orientação do Govêrno do Espirito Sancto, comecei a duvidar do meu criterio anterior, e, sem poder sopitar curiosidades, pedi a alguem, cujo espirito me pareceu imparcial e justo, que me demonstrasse o verdadeiro espirito da questão.

A nossa palestra, no pacato recanto do velho salão do hotel, foi rapida e concisa. O meu illustre informante affirmou, com espanto para mim, considerar o contracto, em volta do qual se levantou tanta celeuma, de magnificos resultados para o Estado, accrescentando:

« Minha senhora, não se podem abrir estradas em mattarias; fazer villas em pontos disseminados dos sertões para colonias agrarias; cultivar terras até hoje inexploradas, sem que muitas árvores das florestas gemam sob os golpes do machado derrubador. O progresso tambem faz as suas victimas, e parece-me de boa politica aproveitar-lhes os corpos inermes, não para aquecer locomotivas das estradas de ferro, como se faz em alguns logares, mas para converte-las em dinheiro para os magros cofres do Estado. Já que se interessa pelo assumpto, eu lhe arranjarei algumas notas positivas a seu respeito. Os meus vagares de aposentado permittem-me esse trabalho.»

A palavra foi cumprida. As notas vieram, e é sobre ellas que eu escrevo estas linhas.

Entre os problemas nacionaes, que mais nos preoccupam, existe um que no conceito geral merece a primazia:

« Attrahir immigrantes e localiza-los definitivamente no paiz.»

Não ha sacrificios a que não nos tenhamos submettido para conseguir similhante resultado, e ainda a esta hora até humilhações recebemos mesmo das nações de 2.ª ordem em troca deste triste papel de mendigos de colonos que representamos, batendo ás portas de quem abertamente nos repelle e injuría.

Espalhar agentes pelo mundo civilizado, subvencionar a imprensa, banquetear auctoridades, derramar folhetos e mappas em todas as linguas, pagar passagens em linhas terrestres e maritimas, fazer gastos com alojamentos, alimentação, assistencia de toda a ordem, despender com transportes, salarios, adeantamentos, ferramentas, sementes, casas e até com caprichos, eis o que

nos custa o agenciamento de meia duzia de colonos, que, não raro, mezes depois nos abandonam em busca da Argentina, ou se transformam em mascates drenadores de nossas economias para o Oriente.

Mas não é tudo: — Os nucleos exigem direcção, fiscaes, interpretes, instructores, escholas, bôas estradas, cercados seguros, mercados garantidos, centros industriaes e outros complementos, representando no conjuncto avultado dispendio, arriscado e aleatorio. Tomemos no Brasil os ultimos quatro annos; sommemos as quantias todas empregadas com a introducção e manutenção de immigrantes, computadas as despesas acima enumeradas, e dividamo-las pelo numero de familias realmente localizadas.

— Qual o resultado? Nem com dous contos de réis conseguiremos representar a quota de cada uma!

A colonia Affonso Penna custára ao Estado do Espirito Sancto mais de 120 contos de réis ao ser transferida á União e, no entanto, não recebêra ainda um só colono. Rios de dinheiro tem custado ao Governo o nucleo Itatiaia; e quaes as suas actuaes condições? Que produz? Que importancia representa para attrahir immigrantes?

De agora em deante a immigração vai-se tornar cada vez mais difficil e dispendiosa, porque pouco a pouco nos estão fechando os portos as nações, onde nos habituaramos a abastecernos. Mas não levemos em conta essa circunstancia e digamos que cada familia introduzida e localizada em nosso paiz, de bons immigrantes, vale sómente por dous contos de réis. É essa quantia que em plena consciencia e acertadamente está buscando applicar a União para povoar alguns dos nossos Estados, entre outros o Paraná, Minas e mesmo (em escala reduzida) o Espirito Sancto.

Este Estado que, todo elle com uma superficie superior varias vezes á da Belgica, não conta sinão duzentos mil habitantes, isto é a quinta parte, tão sómente, da população do Rio de Janeiro, precisa antes de tudo cuidar de povoar o seu territorio, coberto em grande parte de mattas e montanhas.

Preoccupação constante de alguns dos seus governos, não tardou que se lhes apresentasse como insoluvel o problema, em

face da renda exigua do Thesouro, difficilmente mantida, ainda assim, por uma população pobre e desapparelhada.

Foi em uma situação de tal ordem que, ao actual presidente do Estado, se apresentou a casa Lichtenfels & C.ª pretendendo extrahir madeiras do Estado, allegando dispor de facilidades excepcionaes para lhe colonizar o territorio. Era a solução que se offerecia, afinal, tão anxiosamente buscada: por isso, após acurado estudo, tendente a harmonizar os reciprocos interesses, o accôrdo se estabeleceu, traduzido em um contracto que é uma gloria para o Govêrno, a despeito dos repetidos mas infundados ataques, de que tem sido alvo até por quem confessa nunca ter lido as clausulas que firmaram a transacção.

A casa contractante viu deante de si terras abundantes, cobertas de cerradas mattas virgens, e muito naturalmente acreditou que mediante um bem estudado plano de exploração, apoiado em um conjuncto de medidas que mutuamente se auxiliassem, poderia gerar para os capitaes, com que contava, uma razoavel fonte de renda. Sabia onde encontrar colonos, que acudissem ao seu chamado e viessem occupar as terras offerecidas, não sómente sem lhe exigir as despesas, a que jámais se podem furtar os govêrnos no pagamento e collocação de immigrantes, como dos mesmos colonos recebendo até, e muito justamente, uma certa somma pelo patrimonio recem-adquirido.

Para tornar accessiveis os nucleos projectados seria necessario construir centenas de kilometros de estradas de rodagem, mediante uma despesa inevitavel e sem duvida no valor de muitas centenas de contos de réis, mas era possivel attenua-la utilizando essas novas vias de communicação com o transporte de madeiras até os rios navegaveis ou as linhas ferreas em tráfego.

Esse plano intelligente, govêrno algum poderia utiliza-lo, porque si existe trabalho fóra do alcance dos meios officiaes, esse trabalho é sem duvida o de explorar madeiras. Assim, áquillo que seria ruinoso e inexequivel para o Govêrno, tornava-se nas mãos de um particular arguto uma medida complementar de alto valor economico.

Cumpre accentuar que a exploração de madeiras, no Brasil,

sómente póde ser lucrativa si aquelle que as quizer extrahir dispuzer de abundantes capitaes e estiver seguro de lhe não faltarem avultadas reservas de mattas, que assegurem compensações pelas despesas a fazer com a abertura de estradas e com a indispensavel e dispendiosa organização commercial, que o abrigue contra o ruinoso monopolio exercido por meia duzia de casas da praça do Rio. Não fôra a necessidade de taes reservas e certamente a casa contractante preferiria comprar madeiras em mattas particulares á razão de um ou dous mil réis o metro cubico — como é corrente no interior do Estado — a paga-las a 5$000 em regiões desprovidas de meios de transporte e de população. Só os que não conhecem o assumpto acreditarão que 800.000 metros cubicos de madeiras nas brenhas de um Estado despovoado podem fornecer 20 a 30 mil contos de lucros aos que se abalançaram a extrahi-las. Basta reflectir que é 9$000 a differença apontada entre os onus fiscaes que gravam os actuaes possuidores de mattas e os que vão pesar sôbre o novo contractante, para, feitos os calculos, verificar-se que o lucro, si o houvesse, seria no maximo de 9$000 vezes 800.000, isto é, 7.200 contos, tão sómente.

Esse lucro, conforme deixamos dicto, só se verificaria si o contractante não fosse onerado de outros encargos e si obtivesse as suas madeiras ao longo das estradas ou dos rios navegaveis, como acontece com os terrenos particulares. No entanto, nada disso acontece; muito ao contrario. Assim, pois, o contractante só poderá ter lucros (e é muito justo que os tenha), nas seguintes condições:

1.º, si dispuzer de grandes capitaes;

2.º, si puder, sem despesas, attrahir colonos para o Estado, colonos que tenham recursos e sejam realmente agricultores;

3.º, si tiver tino commercial para bem collocar as madeiras que extrahir;

4.º, si desenvolver qualidades administrativas para, de modo economico, extrahir e transportar as madeiras contidas nas mattas devolutas, que lhe forem concedidas.

Acceitando elle o contracto, é de presumir que possua esses requisitos: será para o Espirito Sancto uma felicidade, que assim seja!

E o Govêrno sob que moveis agiu?

O seu pensamento fundamental foi colonizar o Estado. Como consegui-lo? Sendo dispendioso e difficil realizar tão legitima aspiração, um caminho sómente se offerecia a quem não dispunha de dinheiro: ceder terras e o que nellas se contivesse, em troca dos braços que deverão cultiva-las, para enriquecimento do Estado. Ceder gratuitamente terras devolutas a colonos. Que é que fazem os Estados, ás claras, doando-as ou, veladamente, vendendo-as a preços irrisorios, sem juros, a prazos que sempre se prorogam e mediante pagamento proveniente de salarios elevados, pagos por compromissos formaes e expressos pelos cofres officiaes? Milhares de hectares recebeu do Estado a União a titulo gratuito, quando lhe foi transferida a Colonia Affonso Penna, mediante menos ainda da quantia, que em benfeitorias despendera o Govêrno que a fundara. Por que motivo não investiram contra ambos? O complemento da paga ao contractante forneceu-o o Govêrno dispensando de impostos a madeira das terras cedidas. Examinemos, para fulmina-lo, o acto perdulario. A madeira em causa é das terras devolutas. Esta, si não fosse dispensada do imposto, não seria evidentemente exportada, porque outras, ao longo das linhas de transporte, existem que se vendem por menos de cinco mil réis, preço cobrado pelo Govêrno no contracto. E nesse caso, que sorte teriam taes madeiras?

Seriam queimadas sem proveito para ninguem.

Com effeito, sendo impossivel colonizar terras sem lhes derrubar as mattas e transforma-las em culturas, claro é que em breve estariam reduzidas a cinzas as suas madeiras. E é isso mesmo que se tem feito em toda a parte, a despeito de estereis clamores da imprensa e das vãs promessas interventoras das administrações. Assim, o Govêrno dispensou de impostos aquillo que jámais poderia ser taxado, porque estava condemnado a ser devorado nas queimadas.

Vendendo árvores por 4 mil contos, o Govêrno salvou para o Estado essa grande somma. Foi habil e tornou-se um benemerito.

Cem contos, que as mattas produzissem, já seria uma bella conquista ao incendio. Quando, porém, não militassem tão justos motivos para a transacção, é facil demonstrar que o preço de

5$000 por metro cubico de madeira em pé, nos sertões do Espirito Sancto, não é um preço baixo. Informem-se dos preços vigentes em regiões mais accessiveis, e verão que ninguem vende por mais, nem por tanto. Proximo á linha da Leopoldina, na Serra do Frade, em Macahé, as madeiras escolhidas podem ser e são compradas a 2 e 3 mil réis o metro, si não menos. E ainda mais perto, á margem da Central, a 3 leguas apenas de distancia, paga-se 3 a 4 mil réis, sómente, pela mesma unidade de madeira de 1.ª classe em árvore. Si levantam os preços, afastam-se os compradores e não tarda então que o fogo realize a sua obra...

Eis ahi os factos esmagadores, que não receiam contestação.

Mas, na realidade, por quanto foram vendidos os 80.000 metros cubicos de madeira que figuram no contracto? Vejamos:

		Contos de réis
1.º	Em dinheiro................................	4.000
2.º	Como renda dessa quantia, por ter sido fornecida adeantada. Sendo de 10 annos o prazo concedido, tomemos metade desse prazo para média do tempo, em que devem ser contados os juros, que supporemos de 7,5 % ao anno Teremos: 4.000 contos, a 7,5 % ao anno, em 5 annos......	1.500
3.º	Custo de introducção e localização de 3.500 familias a 1 conto de réis sómente (em logar de 2 contos)................................	3.500
	Total de.................	9.000

Eis o que directamente vai receber o Estado pelos 800.000 metros cubicos de madeira, em árvore, nos sertões do Espirito Sancto.

Em árvores disputadas ao fogo! Mas de modo menos expresso, mas não menos categorico, são bem maiores os serviços e vantagens auferidos pelo Estado no contracto. Em primeiro logar ha a obrigação de introduzir mais 300 familias para a lavoura,

e isso não vale menos de 200 a 300 contos de réis. Em segundo logar, em virtude da clausula 35.ª combinada com a clausula 3.ª, obrigou-se o contractante a introduzir mais 1.400 familias, sob pena de reverterem ao dominio do Govêrno os lotes a ellas destinados. Eis ahi mais uma verba de mil contos, pelo menos. Em resumo: as vantagens do Govêrno, traduzidas em dinheiro, não sommam menos de 10 a 11 mil contos de réis.

As consequencias de outra ordem são extraordinarias para o Estado:

1.º — O numero de immigrantes, que nelle se deverão localizar, será de cêrca de 20.000. Ora, sendo de 200.000 apenas o numero total de habitantes do Estado, conclue-se que a sua população vai ser de prompto augmentada em 10 %.

E esse colossal resultado se fará sem onus ou incommodos de qualquer natureza para o Govêrno Federal.

2.º — Sendo, no presente momento, de cêrca de 40.000 contos de réis o valor da producção do Estado, é licito admittir que essa producção será em breve elevada de 10 %, isto é, a 44.000 contos, só por influencia do contracto.

3.º — A renda fiscal do Estado, avaliada no corrente anno em cinco mil contos, poderá em breve, sob aquella mesma influencia, elevar-se a 5.500 contos.

Si se quizesse aprofundar o estudo dos resultados da introducção e localização de 3.500 familias nas terras devolutas do Estado do Espirito Sancto, a abertura de estradas, dahi decorrentes, a movimentação do interior actualmente despovoado, a repercussão no paiz de origem dos colonos, e innumeros outros effeitos evidentes, não haveria louvores bastantes para galardoar o acto de quem assignou o novo contracto. Si este se realizar, como tudo faz prever, acontecerá com este caso o mesmo que se passou com outros na apreciação dos actos administrativos do actual Govêrno: as mais acerbas críticas e os mais sombrios vaticinios seguidos dos mais retumbantes successos. Arguiu-se de ruinosa loucura a execução das obras que deram agua, luz e exgottos á Capital. — « Despender 3.000 contos era empobrecer o Estado, porque, si a obra se fizesse, não daria sinão prejuizos » — eis o que de todos os lados se ouvia.

Pois bem! Fizeram-se as obras. Não são passados sinão mezes, e aquillo que custou 2.500 contos está vendido por mais de 5.000. O Govêrno fez construir casas na Capital, e não faltou quem condemnasse a resolução. Resultado: as casas estão sendo disputadas e não bastam para as necessidades da população accrescida. O mesmo acontecerá ao contracto das madeiras e a quantos actos administrativos practicar o Govêrno, inspirado pela confiança nas condições naturaes daquelle sólo privilegiado, na energia de seus filhos e no futuro brilhante, que aguarda o Estado do Espirito Sancto.

A estas informações, que aqui ficam expostas, vieram junctar-se ainda, a meu pedido: um schema representativo da superficie do Estado do Espirito Sancto, contendo os terrenos occupados, os devolutos e a área sufficiente para a extracção de 800.000 metros cubicos de madeiras, e mais as seguintes ponderações sôbre o mesmo assumpto:

Si considerarmos um hectare de terras cobertas por matta virgem, podemos representar esta área por um quadrado que tem 100 metros de lado.

Si suppozermos que haja apenas uma árvore de 20 em 20 metros, teremos que em um hectare existirão 5 × 5, ou 25 árvores. Tendo cada uma dessas árvores, em média, tres metros cubicos, teremos 75 metros cubicos de madeira em um hectare, e, portanto, em 10.667 hectares encontraremos 800.025 metros cubicos de madeira.

A área 10.667 hectares é equivalente á de um rectangulo cujos lados são: 10.667 e 10.000 metros. Neste rectangulo não ha lado que attinja siquer a duas leguas, pois o maior lado tem uma legua, tres quartos e uma pequena fracção, e o menor tem exactamente uma legua e tres quartos.

O Estado tem cêrca de 6.000.000 de hectares de terras devolutas, e ha proprietarios no Espirito Sancto de duas e meia sesmarias cobertas de mattas virgens ou de 2.222,5 alqueires, área esta que representa $^1/_{282}$ aproximados dos 3.000.000 de hectares. Esses proprietarios poderiam, pois, extrahir e exportar os 800.000 metros cubicos de madeiras.

*
* *

O contracto para extracção dos 800.000 metros cubicos de madeira estabelece a obrigação da fundação de ***sete nucleos coloniaes*** por parte da firma concessionaria. Será feita para cada uma das « 500 familias » de colonos, que compõem cada nucleo, uma derribada de 5 hectares.

Já vimos acima que cada hectare contém 75 metros cubicos de madeira e, portanto, cada lote colonial fornecerá na derribada dos 5 hectares 375 metros, e cada nucleo 187.500 metros cubicos. Fundados os 7 nucleos coloniaes, a firma concessionaria terá feito a derribada de árvores, cujo volume é de 1.312.500 metros.

SCHEMA

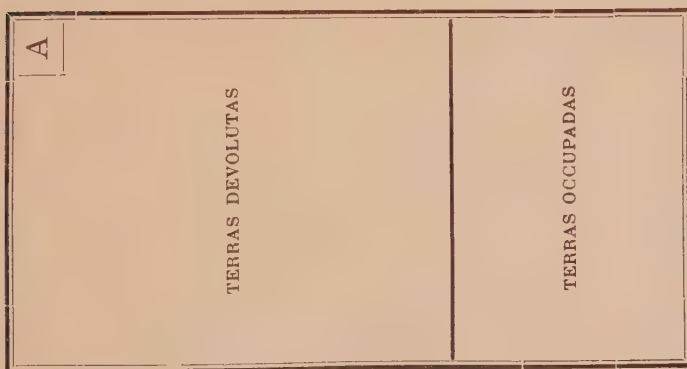
representativo da superficie do Estado do Espirito-Sancto, contendo os terrenos occupados, os devolutos e nestes a área sufficiente para a extracção de 800.000 metros cubicos de madeiras, representada pelo quadrado que tem o signal A.

	Kilom. ^{2}
Superficie do Estado	44.800
Superficie das terras devolutas	30.000
Área para a extracção dos 800.000 metros cubicos de madeira	106.67

Escala: $0^{m2},01 = 20\ k^{2}$.

A

TERRAS DEVOLUTAS

TERRAS OCCUPADAS

E depois deste eloquente quadro, que mostra de modo práctico e evidente quão exigua é a área, não já do Estado, mas das «terras devolutas», barbaras e incultas do Estado, compromettidas no malsinado contracto, e que deu azo á accusação phantasiosa e mirabolante, de que o presidente do Espirito Sancto vendera o seu Estado ao concessionario, só me resta esperar a publicação deste artigo para entregar ao *Jornal* o 5.º e ultimo das « Scenas e paizagens do Espirito Sancto ».

V

Comparação de aspectos — Partida pela Diamantina — O que será dentro em pouco tempo essa via ferrea — Fazenda Modelo da Sapucaia — Terras do Sul e terras do Norte — Pastor e arado — Primeira condição de agrado da Fazenda Modelo; exemplos admiraveis que devem ser seguidos pelos governos de intenções sinceras — A segunda condição de agrado; simplicidade, rusticidade; como se deve ensinar os pobres; a casa; a hospedagem; passes gratuitos — Premios; seu estimulo — Machinas — Ceifadeira de arroz; quadro de José Malhôa; as moças no arrozal; os discipulos; o mestre; cereaes; producções; diversas installações; substituição de jacarés por feijão; capitaes que hão de correr por seus pés — Vias de communicação; construcções de estradas; colonias; fabricas e ainda mais nucleos coloniaes e ainda fabricas — O maior beneficio prestado pelo sr. Jeronymo Monteiro — O ensino publico — A alma da Victoria — O enthusiasmo do estudo — Instituto de Pintura — As creanças do Espirito Sancto — A frequencia dos collegios—Asylo do Coração de Jesus — Nem uma batina nas ruas nem habitos de frade — A impressão da viagem — Saudade e agradecimento.

« Só os factos louvam sem mentira ».

RUY BARBOSA.

Porque o aspecto da capital do Espirito Sancto me tivesse impressionado, não só pela sua feição original e pittoresca, como pelo seu fremito de progresso, desejei conhecer tambem o de seus campos de lavoura.

Para isso, partimos por uma lindissima manhã pelo trem da Diamantina, estrada que será muito breve a grande arteria propulsora de progresso e de fortuna desse esperançoso Estado, para a Fazenda Modelo da Sapucaia, a poucos kilometros da Victoria.

As terras cortadas pela Diamantina fazem já promessas differentes das outras atravessadas pela Leopoldina. Deram-me estas a impressão de terem nascido para a fartura dos rebanhos e as lidas do pastor; e aquellas, mais coloridas, mais exuberantes, para os sulcos do arado e a gloria das sementeiras.

A primeira condição de agrado que me proporcionou a « Fazenda Modelo Sapucaia », creada pelo dr. Jeronymo Monteiro, e

inaugurada em 4 de Dezembro do anno passado, foi a de ser organizada mesmo ás margens da estrada de ferro, que a corta pelo meio. Assim, e ha nisso uma tactica muito intelligente, quem passar no trem, verá forçosamente por qualquer dos lados do comboio por que olhe, os talhões das differentes culturas da fazenda extendendo-se, como mostradores em exposição permanente, pelos campos e alegrando a paizagem aqui com um tapete dourado de trigo maduro ou de arroz sêcco, alli com um azul, de linho em flôr; acolá com um outro verde de um feijoal novo ou de um cannavial. O exemplo offerecido assim a prevenidos e desprevenidos é de consequencias admiraveis e deve ser seguido, sempre que fôr possivel, pelos organizadores de escholas dessa natureza; porque enterrar taes estabelecimentos em logares de conducção difficil e longe da vista das populações, quasi sempre preguiçosas e indifferentes, é gastar dinheiro sem pena e perder grande parte de trabalhos e de exemplos, que ficam desaproveitados.

Ha cousas que parecem insignificantes e que têm, entretanto, um grande alcance administrativo. Esta pareceu-me uma dellas. Na realidade, a um povo sem educação é preciso metter-lhe pelos olhos dentro tudo que possa cooperar para a sua felicidade e que a sua inercia não descobrirá de outro modo. Um apeadeiro na propria fazenda facilita a visita dos curiosos.

A segunda condição de agrado, que me proporcionou aquella propriedade agricola, creada para educar agricultores pobres, foi a sua simplicidade, mais do que simplicidade: a sua rusticidade.

Alli, tudo o que póde ser feito com materiaes fornecidos pela propria fazenda: madeira, barro ou pedra bruta, é — o de preferencia a ser executado em metaes mais ou menos caros, madeiras envernizadas ou pedras britadas a capricho. Em face daquelle exemplo o lavrador pobre não levantará os hombros desdenhosamente com a convicção de que objectos de preço só podem servir nas propriedades dos ricos, ou do Govêrno, e nunca nas suas propriedades modestissimas. Ao contrario, observando os processos postos alli em práctica, aprenderá a fazer obras de utilidade agricola aproveitando com acêrto em seu beneficio os elementos naturaes offerecidos pela terra em que trabalha.

O muchôcho, com que o caipira olha sempre para tudo que está fóra da sua comprehensão ou das suas posses, é assim substituido por um olhar de curiosidade, de sorpresa e de estudo. Porque o que elle vê deante de si é um modelo que não lhe será impossivel imitar. Certamente que aquella fazenda não foi feita para ser mostrada á gente pomposa das cidades, mas só para servir de eschola a populações pobres e sem engenho.

Quantos infelizes desesperam por não saber tirar partido de recursos que têm muitas vezes mesmo embaixo das mãos! É essa faculdade e essa independencia, que a «Fazenda Modelo Sapucaia» estimula e suggere com o seu exemplo, visando facilitar assim a applicação das theorias que difunde.

A casa, no mesmo estylo singelo, verdadeiramente roceiro, tem accommodações para hospedagem gratuita, até o prazo de trinta dias, para os agricultores que desejarem demorar-se nella, estudando os processos agronomicos modernos. Para facilitar tanto quanto possivel a frequencia dessas visitas, o Estado fornece, tambem gratuitamente, passes da Estrada de Ferro a todos os agricultores que os solicitarem. Procura desse modo animar a lavoura, que vinha de longe arrastando uma crise pesada, de desesperança.

Foi tambem com o intuito de fazer vibrar os animos dos lavradores que o mesmo Governo estabeleceu uma lei, em 1908, creando 241 premios em dinheiro para os agricultores, que mais se distinguissem em producção, qualidade e exportação de culturas agricolas, alêm de outros premios, representados por um reproductor de raça, já acclimado no paiz, para o criador que no Estado criasse mais de duzentas cabeças de gado lanigero, vaccum, muar ou cavallar.

Essa lei, traduzida em allemão e em italiano, que são os idiomas da maioria dos colonos do Espirito Sancto, foi publicada, assim como em portuguez, em folhetos, largamente distribuidos pelos principaes centros agricolas do Estado.

O fructo dessa sementeira não tardou a apparecer. Tanto o nosso povo rural carece de estimulo! Já no anno seguinte foram distribuidos varios premios e, desde então, a roda nunca mais parou, fazendo, na sua rotação, salpicar premios para um lado

ou para outro, sob varios pretextos: a este industrial, porque mantem uma usina; áquelle criador, porque exportou tantos mil kilos de toucinho, de fructa em conserva, ou uma quantidade consideravel de saccos de arroz beneficiado, etc.

Não é nada? É como um punhado de milho louro, espalhado para o alvoroço e a alegria de pintos, que, já na contenda de apanharem os grãos mais gordos, encontram meio de satisfacção e de actividade. Eu aprecio essas cousas, achando nellas assumpto de interesse especial, porque representam gestos independentes, livres de peias, com que a politica costuma embaraçar os Govêrnos dos Estados, e, muito principalmente, os Estados de poucos recursos.

Assim, ora acoroçoando lavradores e industriaes agricolas com certas sommas de dinheiro, ora criadores com exemplares de reproductores de raça, o Govêrno do Espirito Sancto tractou pari-passu de combater os processos rotineiros, ainda empregados na lavoura do Estado, estabelecendo um campo de demonstração, (fazenda-modelo da Sapucaia), onde o lavrador póde fazer practicamente a sua aprendizagem, manejando instrumentos agrarios que o estabelecimento lhe fornece pelo preço do custo, mediante pagamento em prestações, préviamente combinadas.

Quando o lavrador não se quizer sujeitar a isso, o Govêrno mandará, a seu requerimento, montar as machinas e ensinar a maneja-las, gratuitamente, á sua propriedade. Tudo isso me pareceu muito bem determinado e muito digno de divulgação.

Na manhã em que visitei a « Fazenda » fazia-se nella a experiencia de uma nova machina de ceifar e de enfeixar arroz. E a essa experiencia cabiam perfeitamente as palavras da chapa: estava sendo coroada de magnifico exito.

O arrozal maduro lourejava ao sol.

Lembrava um quadro pintado por José Malhôa, e varias vezes as alegres tonalidades desse artista exuberante e rural me acudiram á memoria naquella transparente e luminosa manhã de Maio.

A *Ceifadeira* mergulhava na onda loura o seu pesado corpo de ferro, atirando o arroz, já em feixes atados rapidamente por ella mesma com um solido nó, de embira, para o campo devas-

tado, onde ficavam apenas pequenas touceiras do arrozal, rentes ao chão. Aos lavradores que dirigiam a machina e a outros lavradores que acompanhavam para observa-la de perto, reuniu-se um grupo de senhoras, curiosas, cujas *toilettes* claras e sombrinhas de côr junctaram ao bucolismo do quadro uma nota risonha, que o completava. Dentro de poucos minutos não havia alli chapéo nem cinto que não estivesse enfeitado com um pennacho de arroz.

Do lado opposto da estrada, em outros campos da mesma propriedade, empregavam-se alguns discipulos na aprendizagem dos processos aratorios, preparando o terreno para novas plantações. Sorprendi assim a fazenda numa hora de actividade, e de applicação dos modernos processos de trabalho. O mestre de culturas, sr. Agostinho de Oliveira, que se me afigurou sinceramente apaixonado pela sua profissão, informou-me, mostrando-me uma vitrina, em que estavam varios punhados de cereaes, que já se têm feito alli experiencia de 57 variedades de plantas forraginosas, alimenticias, texteis, oleaginosas, etc. Dando a aveia na razão de 46 hectolitros por hectare; alfafa, 10 córtes por anno; trigo, 12 hectolitros por hectare; linho, 80 centimetros de altura; algodão, 0,^{m}60 de extensão de fibra; sorgho, 700 alqueires por alqueire de semente, etc.

Embora as terras, em que está organizada a fazenda, não sejam das melhores do Estado, tendo sido escolhidas pela sua situação, a cujas vantagens alludi, e pela sua facilidade de communicação, ainda assim o quadro comparativo da sua producção de trigo, por exemplo, com a de outros paizes, é-lhes extremamente lisongeiro.

Enquanto Portugal colheu 9 hectolitros por hectare, a Argentina 11, a Australia 10, os Estados Unidos 7, — o Espirito Sancto colheu 12, o que já constitue uma differença razoavel, guardando as mesmas proporções nas differentes qualidades de trigo que cultivou como experiencia e demonstração, tendo egualmente obtido magnificos resultados de plantas extrangeiras, ainda não conhecidas no Brasil, ao mesmo tempo que, provado as vantagens das plantas conhecidas quando tractadas pelos processos mechanicos que augmentam, melhoram e barateiam a sua producção.

As installações da fazenda para os seus animaes estão ainda de accôrdo com o seu typo modesto. São modelos de facil imitação e em que, na sua rudeza, estão previstas todas as condições de hygiene.

Entretanto, fallava-se na construcção de novas baias, de um posto zootechnico e não me lembra mais o quê. Em todo caso, os carneiros *Lincoln*, os touros *Gersey*, ou as gallinhas *Plymouth* encontram condições de vida farta nos campos da fazenda da Sapucaia, para onde têm sido remettidos alguns exemplares delles, e que sempre serão mais proveitosos que os terriveis jacarés que alli habitavam um charco, hoje transformado, pelo atêrro, num vistoso e fertil feijoal!

Ainda com o sentido de animar a lavoura, tendo sido fundado o Banco de Credito Agricola e Hypothecario, o jornal official da Victoria começou a imprimir uma secção diaria, de typo gordo e entrelinhado, com explicações e conselhos sôbre agricultura. Este ardil facilita a leitura, pelo menos desse trecho do jornal, ás pessoas de vista cançada, ou que saibam apenas soletrar.

É alguma cousa: é o interesse levado a toda gente, em dóses de facil assimilação, pelo mais portentoso assumpto do paiz.

Observando esses pequenos nadas, penso com alegria que o nosso vicio de politicagem começa a transformar-se em séria actividade administrativa... Mas quem me dirá si nos outros Estados se faz o mesmo?

Nós os Brasileiros gostamos pouco de viajar em nosso paiz; desde que se não possa ir para o extrangeiro preferimos a tudo ficar em casa; dahi a ignorancia de muitos aspectos curiosos e de muitos factos interessantes de nossa terra e da nossa gente. Quando porém, por qualquer circunstancia inesperada, visitamos um ou outro dos nossos Estados, dizemos não trazer delles impressões que valham a pena de ser communicadas a ninguem! É um mal e um êrro, porque da nossa critica ou do nosso louvor podem resultar beneficios imprevistos para o paiz.

Por minha parte confesso que tive intenso prazer sorprendendo no Estado do Espirito Sancto, tão acoimado de pobre e de rotineiro, um tão grande movimento de progresso e de transformação, e que julgo cumprir um dever de patriotismo affirmando

a convicção que nutro de que essas terras, dentro em pouco tempo, attrahirão só por si capitaes importantes que para ellas irão espontaneamente, na certeza de optimas recompensas. Já não é um Estado rotineiro; é um Estado progressista.

Ao mesmo tempo que o Govêrno dava á cidade principal agua, luz, exgottos, serviço de hygiene publica e domiciliaria, escholas, habitações populares e um novo e moderno hospital; ao mesmo tempo transformava os seus lodaçaes em parques seccos e drenados, contractava diversas vias de communicação: linhas de bonds electricos, construcções de estradas para carros e automoveis; navegação a vapor pelos rios Doce e Itapemirim, construcções de estradas de ferro que atravessam regiões feracissimas; e tudo em varios pontos do Estado, simultaneamente. Não contente com isso, o Govêrno põe outros serviços em execução, contractando com particulares construcções de outras estradas e a fundação de colonias, de fabricas, de serrarias, de usinas, do plantio do cacáo, de exploração de mattas e desenvolvimento da immigração com a fundação de 7 nucleos coloniaes de 500 familias cada um; e ainda de mais estradas e ainda de mais immigrantes, e ainda de mais fabricas e de mais usinas electricas!

Mas sobrepujando a todos, o grande beneficio prestado pelo dr. Jeronymo Monteiro ao seu Estado natal está na reforma do seu ensino publico. Hoje a alma da Victoria é a collegial. Ella dá á cidade, provinciana e socegada, uma nota de alegria vibrante pelo seu ar decidido e enthusiasmado e pelo seu traje encarnado ou azul, segundo o grupo escolar a que pertence. A certas horas, quem chegar ás janellas ou andar pelas ruas, verá surgir em varios pontos essas manchas luminosas e inconfundiveis, que fazem pensar que tambem as hortensias e as papoulas andam!

Não são só as pequenas, tambem as mocinhas vestem com orgulho os seus uniformes de normalistas. Toda a mocidade da Victoria estuda e fa-lo com um enthusiasmo como jámais observei em parte alguma; o seu Instituto de pintura é frequentado com immenso interesse por muitos moços e moças da sua melhor sociedade.

Mas o seu maior encanto está sobretudo nas escholas publicas

refundidas pelo modelo das de S. Paulo, que são as mais afamadas do paiz. Em geral as crianças no Espirito Sancto são fortes e desembaraçadas, o que duplica o encanto das salas escholares, que estão bem organizadas, com apparelhos e mobilias modernas. A prova do grande interesse que ha na Victoria pelo estudo está bem expressa pelas suas estatisticas escholares.

No mez de Maio, em que visitei essa cidade, foram as suas escholas publicas frequentadas por mil e oitenta e sete crianças, o que representa uma somma respeitavel numa cidade de pequena população, tanto mais quanto nella não ha só escholas publicas, mas tambem particulares de grande frequencia. Eu mesmo visitei uma, « Asylo Coração de Jesus », em que era muito grande o numero de discipulas, áparte as orphãs pobres do Estado, alli recolhidas, si me não engano, em numero de 200, e por cuja manutenção o Governo subvenciona esse estabelecimento com uma determinada quantia.

E o engraçado é que foi preciso entrar num edificio religioso para eu ver a primeira touca de religiosa no catholico Estado do Espirito Sancto ! Foi só então que me ocorreu á lembrança o que me tinham affirmado no Rio, isto é, que eu iria esbarrar com batinas de padres e habitos de monges por todos os angulos e curvas da Victoria, quando a verdade é que, em cinco dias, eu ainda não vira nem uma só batina, nem um só habito de freira ou de frade, nas ruas da Victoria nem nas estações do caminho de ferro do Estado do Espirito Sancto!

Isso não acontece em S. Paulo nem em Minas, nem aqui, verdadeiro refugio de religiosos exilados da Europa.

Ora pois, até nisso aquella terra era differente do que me tinham affirmado antes da minha partida.

De facto, em vez de uma sociedade fanatica, tristonha, desconfiada, achei-me no centro de uma sociedade carinhosa, risonha, desembaraçada e vivaz, de que guardarei sempre saudades.

E porque de tudo trouxe uma impressão de agrado, de esperança, ou de sorpresa, quiz fixa-la nestas linhas, em que escondi quanto pude a gratidão pelo excepcional acolhimento que devo a esse Estado, para só deixar transparecer a verdade nua dos fa-

ctos que nelle observei, sem véos de phantasia, nem parcialidade de sentimento.

E, tambem, para isso, não escrevi precipitadamente. Esperei ; dei tempo a que as minhas idéas amadurecessem antes de rever as notas feitas no tropel das horas movimentadas, que passei na Victoria e que tão imperfeitamente descrevi. Sinto-me, porém, satisfeita de poder affirmar a todos os Brasileiros, mesmo aos mais indifferentes, que esse pedaço da Patria achou quem o despertasse do somno lethargico que ha tanto tempo o entorpecia e que, agora, despertado e fortalecido, caminhará activamente, alegremente, para um futuro nobre e feliz.

ACTAS

DAS

SESSÕES REALIZADAS NO ANNO DE 1912

ACTAS

ASSEMBLÉA GERAL EXTRAORDINARIA, EM 17 DE FEVEREIRO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO.

Ás duas horas da tarde, na séde social, abre-se a sessão de assembléa geral com a presença dos seguintes socios:

Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, commendador Arthur Guimarães, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, coronel Ernesto Senna, conde de Leopoldina, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Gastão Ruch, dr. Clovis Bevilaqua, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, coronel Jesuino da Silva Mello, dr. Nelson de Senna, contra-almirante Arthur Indio do Brasil, dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, dr. João Coelho Gomes Ribeiro, dr. Norival Soares de Freitas, dr. José Americo dos Santos, dr. Alfredo Rocha, conde de Affonso Celso e padre dr. Julio Maria.

O SR. DR. RAMIZ GALVÃO declara assumir a presidencia da Assembléa nos termos dos Estatutos, por não estarem presentes os vice-presidentes do Instituto.

O SR. PRESIDENTE DA ASSEMBLÉA declara que a presente sessão da assembléa geral foi convocada em virtude dos seguintes officios, que lê:

« Petropolis, 11 de Fevereiro de 1912. — Ex.^{mo} Sr. Dr. Max

Fleiuss, M. D. 1.º Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Por determinação de meu Pai, o Visconde de Ouro Preto, 1.º Vice-Presidente desse Instituto, tenho a honra de communicar a V. Ex.ª o seguinte:

« Tendo occorrido hontem o fallecimento de S. Ex.ª o Sr. Barão do Rio-Branco, illustre Presidente Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, cumpre que essa instituição preste ao preclaro morto todas as homenagens de que elle é merecedor, pelo que determina o mesmo Sr. 1.º Vice-Presidente sejam por V. Ex.ª tomadas as necessarias providencias, para que o Instituto tenha representação condigna.

« Por outro lado, e segundo o precedente creado pelo fallecimento do 1.º Presidente Perpetuo do Instituto — Visconde de S. Leopoldo — determina mais o alludido Sr. 1.º Vice-Presidente que seja convocada uma assembléa geral para o dia 17 do corrente, afim de proceder-se á eleição para preenchimento da vaga.

Por ultimo, e como o seu estado de saude lhe não permitta ir ao Rio de Janeiro, pede a V. Ex.ª communicar ao Ex.mo Sr. 2.º Vice-Presidente — Barão Homem de Mello — ou a quem suas vezes fizer, a mencionada convocação da Assembléa Geral, solicitando de S. Ex.ª que haja por bem substitui-lo na presidencia da assembléa convocada.

« Sou com a maxima consideração de V. Ex.ª admirador e amigo — *Dr. Vicente de Toledo de Ouro Preto.*»

— « Petropolis, 16 de Fevereiro de 1912. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Max Fleiuss, M. D. Secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Em nome e por ordem de meu Pai, o Visconde de Ouro Preto, 1.º Vice-Presidente desse Instituto, tenho a honra de communicar a V. Ex.ª o seguinte :

« O alludido Sr. 1.º Vice-Presidente approva as medidas tomadas por V. Ex.ª para que o Instituto désse as provas públicas do pezar que a todos os seus consocios causou o infausto fallecimento do Ex.mo Barão do Rio-Branco.

« Confirma, outrosim, a convocação da assembléa geral para

preenchimento da vaga de Presidente, para o dia 17 do corrente, ás duas horas da tarde.

«É o que occorre ao mencionado Sr. 1.º Vice-Presidente responder ao officio de V. Ex.ª communicando as providencias tomadas.

«Sou com a maxima consideração de V. Ex.ª admirador e amigo — *Dr. Vicente de Toledo de Ouro Preto*.»

Diz mais o Sr. Presidente que a presente convocação foi devidamente annunciada no *Jornal do Commercio*.

O Sr. Max Fleiuss (*1.º Secretario Perpetuo*), lê uma indicação concebida nestes termos: «Propomos que em homenagem á grande e saudosissima memoria do insigne Presidente Perpetuo do Instituto Sr. Barão do Rio-Branco, nada mais se faça na presente assembléa geral sinão decidir se insira na acta um voto de profunda magua pelo passamento do glorioso Brasileiro, levantando-se logo em seguida a sessão. — Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1912. — *Conde de Affonso Celso, Max Fleiuss.*»

O Sr. Dr. Ramiz Galvão, na qualidade de Presidente, submettendo á consideração da assembléa a proposta dos Srs. Conde de Affonso Celso e Max Fleiuss, significa em breves palavras que acha justissima esta manifestação de apreço á memoria do illustre Sr. Barão do Rio-Branco. Põe, entretanto, a proposta em discussão.

O Sr. Dr. Viveiros de Castro combate a indicação, manifestando-se pela eleição immediata, legalmente convocada por quem de direito.

«Lembra as provas de apreço que reiteradamente receberam elle e seu saudoso pai, o conselheiro Gomes de Castro, do barão do Rio-Branco, mas entende que a directoria do Instituto deve sem demora ser integralizada, mesmo para se poder providenciar sôbre as homenagens que devem ser prestadas á memoria do grande morto. Pensa que a simples suspensão da sessão não traduz o sentimento que domina o Instituto, que por outras fórmas manifestará por certo o tributo de sua veneração ao insigne Brasileiro que foi seu Presidente Perpetuo.

O Padre Dr. Julio Maria declara-se tambem contrario ao adiamento, fazendo a respeito varias considerações e concor-

dando com o Sr. Dr. Viveiros de Castro sôbre as providencias que se devem tomar para as homenagens ao grande morto.

Posta a votos a proposta dos srs. conde de Affonso Celso e Max Fleiuss, é rejeitada.

Os srs. coronel Ernesto Senna, conselheiro Lampreia e almirante Indio do Brasil fizeram declarações de haverem votado pelo adiamento.

Á vista desse resultado, retiraram-se do recinto os srs. Ernesto Senna e conde de Affonso Celso.

O Sr. Dr. Ramiz Galvão manda, então, proceder á eleição.

Feita esta, são recolhidas 22 cedulas.

O Sr. Dr. Ramiz Galvão nomea escrutinadores os srs. coronel Jesuino de Mello e capitão-tenente Radler de Aquino.

Apuradas as cedulas, ha o seguinte resultado: Conde de Affonso Celso, 20 votos; visconde de Ouro Preto, 2 votos.

O Sr. Dr. Ramiz Galvão, na qualidade de presidente da assembléa geral, proclama presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. conde de Affonso Celso.

O Sr. Conselheiro Camelo Lampreia lê a seguinte proposta:

« A assembléa geral, no exercicio da sua auctoridade soberana, desejando dar uma publica e solennissima demonstração de apreço ao muito illustre e respeitado 1.º vice-presidente do Instituto, sr. visconde de Ouro Preto, resolve elegê-lo Presidente Honorario. Sala das sessões, 17 de Fevereiro de 1912. — *Ramiz Galvão, J. de Sá Camelo Lampreia, Manuel Cicero, Clovis Bevilaqua, Gastão Ruch, A. Indio do Brasil, Viveiros de Castro, Miguel J. R. de Carvalho, Padre Julio Maria, Radler Aquino, Jesuino da Silva Mello, Nelson de Senna, José Americo dos Santos, Arthur Guimarães, Tobias L. Figueira de Mello, Norival Soares de Freitas, João Coelho Gomes Ribeiro, Antonio Coutinho Gomes Pereira, Conde de Leopoldina, Max Fleiuss.* »

O Sr. Dr. Ramiz Galvão diz que tendo se retirado alguns socios e não havendo numero para a votação, fica a proposta sôbre a mesa para ser votada na primeira assembléa, que se realizar.

O Conde de Leopoldina propõe, como homenagem ao ba-

rão do Rio Branco, que se dê á sala das sessões do Instituto o nome de Sala *Rio Branco,* não só no edificio actual, como no que se projecta construir.

Esta proposta fica tambem sôbre a mesa, para deliberação ulterior.

Levanta-se a sessão ás 3 horas e 30 minutos da tarde.

Jesuino da Silva Mello, Radler de Aquino.

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 23 DE ABRIL DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 8 horas da noite, na séde social, presentes os srs. conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, drs. José Americo dos Santos, Norival Soares de Freitas, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, monsenhor Vicente Ferreira Lustosa de Lima e Carlos Lix Klett, abre-se a sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente)* convida o sr. capitão-tenente Radler de Aquino para occupar o logar de 2.º secretario, na falta do effectivo. O sr. Radler de Aquino occupa o logar de 2.º secretario.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz o seguinte :

« Cabendo-me hoje, pela primeira vez, a honra de, no character de presidente effectivo, dirigir em sessão os nossos trabalhos, devo, antes de tudo, agradecer a generosidade que inspi-

rou a minha eleição, com a qual quizestes sem dúvida, meus dignos consocios, galardoar magnanimamente vinte annos de devotamento ao Instituto e a boa vontade de continuar a servi-lo, até ao derradeiro esfôrço.

Captivastes de modo irredimivel o meu reconhecimento; ultrapassastes os meus meios de expréssão para vo-lo patentear.

Occupar eu a cadeira vaga pela perda incommensuravel de Rio-Branco, só se póde explicar pelo phenomeno dos contrastes, tão commum na natureza e na historia.

A Alexandre Magno, o extraordinario dilatador de sua patria, succedeu, no throno da Macedonia, — sabeis-lo, — o obscuro e infeliz Arrhideu.

Acolhei a sincera oblação do meu profundo reconhecimento. Acolhei-a, talvez ainda maior, pelas demonstrações de acatamento e saudade que tributastes á memoria do visconde de Ouro Preto, a quem, por numerosos motivos, houvera competido a distincção a mim conferida.

Conto com a vossa collaboração, com o vosso conselho, com a vossa censura amigavel, com vosso leal apoio, no desempenho da minha tarefa; e, ao iniciá-la perante vós, invoco Aquelle, sem cujo assenso não se fazem nem as pequenas nem as grandes cousas, para que Elle, em sua infinita liberalidade (e eis ahi a minha confiança) sempre me ampare e esclareça. » (*Palmas; muito bem*).

O SR. PRESIDENTE diz que no intervallo das suas sessões perdeu o Instituto os seguintes consocios : dr. Duarte Murtinho, socio honorario; dr. Tristão de Alencar Araripe Junior, socio effectivo; marquez de Paranaguá e barão do Rio-Branco, socios benemeritos; visconde de Ouro Preto, socio honorario, e commendador Manuel José da Fonseca, socio benfeitor.

São nomes vantajosamente conhecidos e sôbre elles dirá, na sessão propria, o eximio orador do Instituto sr. dr. Benjamin Flanklin Ramiz Galvão.

Na fórma do art. 64 dos estatutos, na acta da sessão de hoje se insere um voto de pezar pela perda destes conspicuos consocios.

Diz mais o sr. presidente que, por alma dos srs. barão do

Rio-Branco, marquez de Paranaguá e visconde de Ouro Preto, foram celebradas solennes exequias, em nome do Instituto, na egreja da Candelaria e na Cathedral.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) justifica a ausencia dos consocios dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho e Eduardo Marques Peixoto.

O mesmo sr. secretario lê o expediente:

— Aviso do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, n.º 459, de 29 de Janeiro de 1912, declarando ter sido approvada a applicação dada á subvenção entregue no anno de 1911, estando certos todos os documentos.

— Officios da Commissão Fiscal de Desobstrucção dos rios da Baixada do Rio de Janeiro, datados de 7 de Março e 15 de Abril ultimos, accompanhados da planta da bacia da Estrella e seis vistas da Baixada Fluminense.

— Carta do sr. Julio de Medeiros, offerecendo os objectos que encontrou nas suas excursões nos subterraneos do morro do Castello.

— Telegrammas do Instituto Historico de Alagoas, do Instituto do Ceará, do Instituto da Parahiba, do Instituto do Rio Grande do Norte, dos consocios drs. Viveiros de Castro, Affonso Arinos, José Salgado, barão de Alencar, Luiz Gualberto, bispo de Campinas, do Instituto Historico da Bahia, do Instituto Historico de Minas, da Liga Maritima Brasileira de Pernambuco, da Associação Central Brasileira dos Dentistas, dando pezames pela morte do marquez de Paranaguá, barão do Rio-Branco e visconde de Ouro Preto.

— Officio do sr. barão de Werther relativamente aos manuscriptos historicos deixados pelo sr. barão do Rio-Branco.

Tendo o sr. conde de Affonso Celso communicado ao Govêrno, aos chefes das repartições publicas, ás diversas associações e a todos os consocios, nacionaes e extrangeiros, a sua eleição e posse do cargo de presidente do Instituto, recebeu até hoje as seguintes respostas: do ministro da Justiça e Negocios Interiores, do ministro da Fazenda, do ministro da Agricultura, do ministro da Guerra, do ministro da Marinha, do ministro da Viação e Obras Publicas, do prefeito do Districto Federal, do

director geral da Bibliotheca Nacional, do director do Archivo Nacional, do chefe de policia do Districto Federal, do chefe do Estado maior da Armada, do chefe do grande Estado maior do Exercito, do commandante do Corpo de Bombeiros, do commandante da Brigada policial do Districto Federal, do director da Bibliotheca do Exercito, do director geral da Imprensa Nacional, do director geral de Saude Publica, do presidente do Tribunal de Contas, do presidente do Estado do Rio de Janeiro, do presidente do Estado de Minas Geraes, do presidente do Estado do Rio Grande do Sul, do secretario do Interior e Justiça do Estado de Sancta Catharina, do presidente do Estado do Rio Grande do Norte, do presidente do Estado do Paraná, do presidente do Estado do Espirito Sancto, do presidente do Estado do Ceará, do secretario do interior do Estado do Pará, do presidente do Estado do Amazonas, do presidente do Club Naval, do presidente do Club Militar, do director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, do inspector da Caixa da Amortização, do director do Museu Nacional, do director geral dos Telegraphos, do director da Eschola Polytechnica, do director interino do Jardim Botanico, do ajudante do director da Bibliotheca de Marinha, do director geral interino dos Correios, do presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro, do 1.º secretario da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, do secretario geral do Instituto Polytechnico Brasileiro, do secretario do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, e dos consocios, todos applaudindo a escolha, dr. Viveiros de Castro, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, barão dr. Brazilio Machado, dr. Luiz Gualberto, dr. J. J. Seabra, barão de Alencar, dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, dr. José Americo dos Santos, dr. Amaro Cavalcanti, dr. Rocha Pombo, dr. Rodrigo Octavio, dr. Sabino Barroso Junior, dr. Epitacio da Silva Pessoa, dr. Norival Soares de Freitas, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Alcibiades Furtado, cardeal J. Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, dr. André Werneck, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, padre Rafael Maria Ga-

lanti, conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira, dr. José Carlos Rodrigues, dr. José Verissimo, dr. Adolfo Augusto Pinto, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. João Coelho Gomes Ribeiro, D. Joaquim Silverio de Sousa (arcebispo de Diamantina), dr. Lassance Cunha, dr. J. M. Cardoso de Oliveira, dr. Augusto de Siqueira Cardoso, dr. Pedro Souto Maior, dr. Alipio Gama, desembargador Thomaz Garcez de Paranhos Montenegro, D. João Baptista Corrêa Nery (bispo de Campinas), dr. Nelson Coelho de Senna, desembargador Agostinho Ermelino de Leão, dr. Sebastião Paraná, dr. Augusto Tavares de Lyra, dr. Manuel de Mello Cardoso Barata, dr. Alfredo de Toledo, coronel Raimundo Cyriaco Alves da Cunha, dr. Manuel de Oliveira Lima, dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, dr. José Salgado e dr. Ramón J. Cárcano.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) diz que o eminente consocio dr. Theodoro Sampaio veio hoje ao Instituto para o fim especial de offerecer uma monographia, que acaba de elaborar sobre os «KRAÓS DO RIO PRETO».

É um trabalho que parece do maior interesse, ornado de seis figuras Kraós, tendo a primeira parte descriptiva e historica, um vocabulario portuguez-kraó e terminando por uma carta ethnographica dos povos da familia Gê ou Cran.

O SR. PRESIDENTE diz que o Instituto agradece a valiosissima offerta que constitue nova demonstração do amor, que á Ethnographia brasileira dedica de ha muito o dr. Theodoro Sampaio; manda que a monographia seja enviada ao illustrado director da *Revista* para a devida publicação.

O mesmo sr. secretario perpetuo apresenta ao Instituto um manuscripto offerecido pelo distincto consocio dr. Martim Francisco, intitulado: «*Politica Brazilica» dirigida aos venturosos indios da villa de Lavradio, por Feliciano Joaquim de Souza.*»

Segundo informações do sr. dr. José Vieira Fazenda, provecto bibliothecario do Instituto, esse manuscripto deve ser de 1777, e de Feliciano de Sousa Gomes Neves existe no archivo do Instituto uma biographia escripta pelo dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

O SR. PRESIDENTE diz que o Instituto agradece penhorado a interessante offerta feita pelo presado consocio dr. Martim Francisco desse manuscripto, que será recolhido ao archivo e devidamente catalogado.

O SR. DR. MANUEL CICERO (*1.º vice-presidente do Instituto*) diz prevalecer-se da occasião para muito reconhecidamente agradecer ao sr. presidente do Instituto a nomeação que fez da sua pessoa, nos termos do art. 26, § 4.º dos Estatutos, para occupar, no corrente anno, o cargo de 1.º vice-presidente do Instituto.

Considera tal distincção muito superior aos meritos, que possa ter, e diz que a acceitou não por vaidade, mas cumprindo um dever de disciplina e respeito, de que todos os socios devem cercar as resoluções do illustre presidente. Conta com as luzes e o auxilio da benevolencia dos seus collegas.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que escolheu os srs. drs. Manuel Cicero e Ramiz Galvão para primeiro vice-presidente e orador, attendendo aos impulsos da mais rigorosa justiça e felicita-se por ver a sua escolha ratificada pelo applauso do Instituto. Diz mais que em virtude da delegação escripta, que todos os membros da Commissão de estatutos e redacção fizeram ao sr. dr. Ramiz Galvão, quanto á redacção da *Revista*, nomeou o mesmo dr. Ramiz Galvão director da nossa respeitada publicação, que tudo terá a lucrar. Communica ainda ter nomeado para representarem o Instituto no Congresso de Americanistas de Londres, a reunir-se em fins de Maio, os consocios dr. Affonso Arinos de Mello Franco e Fernando A. Georlette, e para o Congresso de Anthropologia e Archeologia Prehistoricas a celebrar-se em Genève, o consocio Fernando A. Georlette. Diz mais o sr. presidente que, em virtude das vagas existentes, nomeou os consocios dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão para membro da Commissão de Estatutos e Redacção, o conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia para a Commissão de Fundos e Orçamento, os drs. Augusto Olympio Viveiros de Castro e Clovis Bevilaqua para a Commissão de Historia, o capitão-tenente Francisco Radler de Aquino para a Commissão de Geographia, e o dr. Antonio Olintho dos Santos Pires para a Commissão de Admissão de Socios.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê o seguinte parecer da Commissão de Fundos e Orçamento:

« Tendo examinado as contas do exercicio do anno social de 1911, a Commissão de Fundos e Orçamento é de parecer que sejam approvadas, e mais uma vez aproveita o ensejo para louvar o zêlo inexcedivel do nosso digno thesoureiro, o consocio Arthur Machado Guimarães, credor da gratidão do Instituto, pelo que em seu beneficio tem abnegadamente feito.

Rio de Janeiro, 4 de Março de 1912. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *João de Oliveira Sá Camelo Lampreia* — *Jesuino da Silva Mello.* »

O SR. PRESIDENTE põe em discussão o parecer.

Ninguem pedindo a palavra é o mesmo approvado unanimemente.

O mesmo sr. secretario lê os seguintes pareceres da Commissão de Historia:

« *Cousas do passado* » é o titulo de um extenso trabalho do sr. dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, já estampado nas paginas da nossa *Revista* (tomo 71.º, p. II, 1909) e hoje offerecido como titulo para a sua admissão ao gremio deste Instituto.

Nelle se acham escriptos de varia natureza:

1.º, « Artistas de outro tempo » — uma serie de monographias de grandes vultos artisticos, que se exhibiram com brilho no palco fluminense;

2.º, « O Theatro na Exposição », estudos retrospectivos;

3.º, « Notas de historia financeira »;

4.º, « Figura do passado ».

Entre os artistas de outro tempo figuram Segismundo Thalberg (1855) — Rosina Stoltz, Henrique Tamberlick e Juliana Dejean (1856) — Rosina Laborde (1859) — Emilio Wrobleski (1860) — Gottschalk (1869) — Adelaide Ristori (1869-1874) — Carlota Patti, Ritter e Sarasate (1870) — Julião Gayarre (1876) — Domingos Santinelli (1879) e Eleonora Duse (1885-1907).

Os *Estudos retrospectivos*, a proposito do Theatro na recente Exposição de 1908, referem-se ás primeiras exhibições d'*Os Irmãos das Almas* e d'*O Noviço,* comedias de Martins Penna (1844 e 1845); d'*As Doutoras,* de França Junior (1889); do *Deus*

e a Natureza, de Arthur Rocha; das *Azas de um anjo,* de José de Alencar (1858), e da *Historia de uma moça rica*, de Pinheiro Guimarães (1861).

Nas *Notas de historia financeira*, o auctor delinea o perfil politico e parlamentar de Sousa Franco e Salles Torres Homem.

A *Figura do passado,* finalmente, é Manuel Marques de Sousa conde de Porto-Alegre, o inclito batalhador de Monte-Caseros, Curuzú, Curupaiti e Tujuti.

Daqui se infere que sob o titulo geral «Cousas do passado», o sr. dr. Escragnolle Doria nos offerece quadros de historia da Arte e de historia parlamentar brasileira, alêm da biographia de um grande general rio-grandense.

Em assumptos de genero tão diverso o auctor, illustrado professor de Historia, revela distinctos predicados de escriptor e critico: aqui, dando-nos um suggestivo quadro dos costumes e da sociedade fluminense da ultima metade do seculo passado; alli, pondo em relêvo o valor intellectual e moral dos politicos notaveis que compuzeram a brilhante phalange do segundo reinado; acolá, celebrando feitos heroicos de um galhardo chefe que personificou a bravura e a correcção militar nos nossos campos de batalha, desde as luctas coloniaes, em 1818, até ao tremendo combate de Tuiuti em 1867.

A penna do escriptor é aparada; seu grande amor ás cousas da Patria transpira em todas as paginas da memoria; seu criterio de historiador promette ao Instituto um amestrado cultor da verdade.

Somos, pois, de parecer que o sr. dr. Escragnolle Doria fez jus a inscrever-se nas nossas fileiras, onde será recebido com jubilo.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 10 de Outubro de 1911. — Dr. *B. F. Ramiz Galvão*, relator. — *B. T. de Moraes Leite Velho.* — *Antonio Jansen do Paço.* — *Pedro Lessa*».

É approvado e vai á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. dr. Manuel Cicero:

« — Nos volumes VIII e IX (1903-1904) da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, occorrem as duas me-

morias do sr. dr. Washington Luiz Pereira de Sousa, intituladas : « Contribuição para a Historia da Capitania de S. Paulo (Govêrno de Rodrigo Cesar de Menezes) » e « Antonio Raposo », que são apresentadas como titulos á admissão de seu auctor no gremio do nosso Instituto.

São ambas importantes, e fructos de accurada investigação.

A primeira preenche um claro na nossa Historia, offerecendo-nos o quadro até certo ponto palpitante da situação da Capitania de S. Paulo, no periodo de 1720 a 1729, a feição moral do seu primeiro governador Rodrigo de Menezes, seus meios de govêrno e as entradas dos bandeirantes paulistas para os lados de Goiaz e Matto Grosso, expostas com minudencia á luz de bons documentos.

É um estudo de real valor no seu conjuncto e nos pormenores. O episodio dos ermãos Leme (João e Lourenço), sacrificados pela ambição do matreiro reinol Sebastião Fernandes do Rego, é um quadro typico da sociedade anomala daquella epocha de povoamento e exploração do nosso paiz, em que fervilhavam o interesse, a corrupção de costumes, o desmando dos potentados e o arbitrio dos governantes, ao lado de uma ousadia de emprehendimentos e uma coragem individual, que realizaram prodigios — ainda hoje motivo de assombro.

Do estudo meticuloso do illustrado sr. dr. Washington Luiz, saïu um retrato do primeiro governador da capitania de S. Paulo, que se não póde qualificar de lisonjeiro. O fidalgo, ainda aparentado com a Casa Real Portugueza, ermão mais moço do 1.º conde de Sabugoza, vice-rei do Brasil, e brigadeiro da côrte de d. João v, foi primeiro um dissimulado, depois um violento, que deixou ensopados em sangue os corações dos bravos Paulistas e a capitania em transes de miseria. Felizmente havia naquelle bello torrão brasileiro grandes elementos de vida e prosperidade, que não desappareceram nem podiam desapparecer; melhores tempos tinham de sobrevir; alli mesmo se levantaria um seculo depois o grito generoso da independencia nacional, e á sombra della a familia paulista se poderia preparar livremente, com a sua pujante energia, para a conquista do futuro e para

assumir mais tarde os primeiros postos na vanguarda da Republica Brasileira.

A segunda memoria do sr. dr. Washington Luiz é de menos valor sociologico, mas traduz ainda o seu espirito investigador e critico.

Tem ella por objecto discriminar o que realmente devemos attribuir a cada um dos individuos conhecidos nas velhas chronicas coloniaes pelo nome de *Antonio Raposo.*

Entre as façanhas mencionadas um tanto confusamente pelos historiadores e attribuidas a um desses Raposos figura a famosa bandeira, que, em meiados do seculo XVII, descendo o Paranapanema e entrando no Paranã subiu o Ivinheima, foi ter ao Paraguai, ganhou o Guaporé e o Madeira para ir pelo Amazonas até Gurupá.

O auctor, argumentando com criterio, conclue por dar a gloria desse feito a Antonio Raposo Tavares, — o mesmo que annos antes chefiára expedições contra os estabelecimentos da Companhia de Jesus no chamado territorio das Missões.

Os dous referidos trabalhos historicos do sr. dr. Washington Luiz, dignos de ponderação e grande estima, são pois documentos da sua competencia e indubitavelmente lhe dão direito á entrada no nosso gremio. Oxalá accolhido aqui entre ermãos de lettras com justo desvanecimento, se não demore o distincto cultor da Historia patria em opulentar as paginas da nossa *Revista* com algum novo trabalho valioso. Sobram-lhe predicados para este mister.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 20 de Março de 1912. — *Dr. B. F. Ramiz Galvão*, relator. —*Clovis Bevilaqua.* — *Dr. Viveiros de Castro.* — *Antonio Jansen do Paço.* »

É approvado e vai á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. dr. Miguel Carvalho :

O SR. RADLER DE AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê o seguinte parecer do sr. dr. Viveiros de Castro, relativamente á proposta do consocio dr. Alberto de Seixas Martins Torres :

« Nomeado por despacho do sr. presidente, de 4 do corrente, para emittir parecer sôbre a proposta do consocio honorario dr.

Alberto de Seixas Martins Torres, sôbre a creação de uma associação que funccionará com o titulo de *Universidade Brasileira*, venho desempenhar o honroso mandato, rendendo desde logo o testimunho da minha admiração pelos elevados intuitos da mesma proposta e pela opportunidade, com que ella põe em fóco problemas que visceralmente interessam a nossa civilização e progresso.

Si eu examinasse a proposta por todas as suas faces, teria de escrever um tractado, tão importantes são as questões que suggere.

Effectivamente, sem saïr do assumpto, teriamos de dissertar:

Sôbre a acção do Estado quanto ás necessidades culturaes da sociedade;

Sôbre a utilidade do regime universitario, estabelecendo comparações entre o rigido systema allemão e o inglez, mais utilitario e práctico, e sôbre a possibilidade de se acclimar entre nós uma instituição egual ao *University Extension Movement*, que promovesse o ensino publico por meio de conferencias systematicamente organizadas;

Reconhecida a impossibilidade de ser a Universidade Brasileira mantida exclusivamente com os recursos fornecidos pelos particulares, teriamos a examinar, si ella deveria pesar sôbre todos os contribuintes, ou unicamente sôbre os intellectuaes, creando o legislador uma taxa especial *betterments taxes* ou *special assessments*, como os Inglezes e os Americanos denominam as contribuições que teem por objecto fazer face ás despesas de certas obras publicas ou melhoramentos, que redundam em vantagem de uma classe determinada de pessoas.

Em um paiz em que a leitura, excepção feita dos jornaes e das revistas apimentadas, ainda é objecto de luxo, não seria uma gravissima imprudencia incluir os livros na esphera taxativa dos impostos de consumo?

Seria facil enumerar muitos outros problemas fundamentaes contidos na proposta; bastam, porém, os citados para mostrar que o respectivo exame exigiria demorados estudos de gabinete, ficando assim o Instituto privado por muito tempo do prazer de tomar conhecimento de um assumpto tão interessante.

Conseguintemente, o meu parecer terá por objecto duas unicas questões:

1.ª É util a creação da Universidade Brasileira, com os intuitos consignados na proposta?

2.ª Deve o Instituto tomar a iniciativa de promover a referida creação?

Quanto á primeira questão, não hesito em responder affirmativamente.

Nenhum povo civilizado contesta hoje as vantagens da instrucção, nem desconhece a legitimidade do predominio dos competentes; tem havido apenas duvidas sôbre o alcance práctico do ensino.

Durante longos annos vivemos a repetir, sem mais detido exame, a celebre phrase de Victor Hugo — *abrir escholas é fechar cadeias*; mas a sciencia penal já pulverizou esses devaneios.

O homem, o mais illustrado, conserva em estado latente a selvajaria primitiva, que irrompe violenta ao tumultuar das paixões, assim como esses vulcões, que suppunhamos extinctos, abrem de subito as hediondas crateras, espalhando pelas cercanias a destruição e a morte.

A meu ver, as vantagens da instrucção são principalmente *politicas e economicas*.

Nenhum govêrno livre, seja qual fôr o rotulo sob o qual se apresente, póde prescindir dos tres seguintes requisitos:

1.º, *voto consciente;*

2.º, *eleições livres;*

3.º, *apuração e reconhecimento, em moldes estrictamente judiciarios, afastadas absolutamente as preoccupações partidarias.*

A arte de governar (e todos os cidadãos a exercitam, quer como depositarios da soberania nacional, quer como elementos componentes da *opinião publica*), não póde dispensar o preparo technico, a aptidão profissional.

Estou convencido de que o êrro fundamental da chamada eschola liberal, na qual militei por muito tempo, convencido de que era a ultima expressão da sabedoria politica, foi ter consi-

derado o *voto* um direito, que devia ser liberalizado, quando é realmente uma *funcção publica* que não póde ser exercida sinão pelos que são capazes de comprehender a sua importancia.

Nem esse modo de comprehender o exercicio do voto constitue propriamente uma *novidade*.

Expondo as idéas politicas de Royer-Collard, (que desempenhou tão saliente papel na Restauração, apezar de ter sido chefe do partido doutrinario de tal fórma reduzido que na phrase ironica de Beugnot — *il aurait tenu sur un canapé* —) assim se expressa Nesmes Desmaret :

« C'était un fait a peu près généralement admis en 1815, que l'électorat était une fonction et non un droit. Les liberaux, eux mêmes, ne paraissent pas avoir soutenu bien vivement la théorie du droit personnel de suffrage ; presque tous et Benjamin Constant tout le premier, étaient opposés au droit de vote accordé aux non propriétaires. Ce n'était donc pas pour eux un droit naturel, et cette idée du suffrage universel ne devait paraître que plus tard, quand le proletariat, qui n'était rien en droit public, deviendra une force, en 1848. »

Quanto ao suffragio universal, eu subscrevo inteiramente o juizo de Angelo Fani, o eminente publicista italiano que tão profundamente estudou as bases juridicas da liberdade moderna, considerando-o *una delle maggiori illusioni che abbiano funestato il mondo.*

Considerando o voto uma *funcção publica*, é claro que ha a maior vantagem *politica* no desenvolvimento da instrucção publica, porque irá sempre em augmento o número de cidadãos capazes de exercer a alludida funcção.

Não são menos intuitivas as vantagens economicas da instrucção, porque actualmente as populações não são mais consideradas sob o ponto de vista da efficiencia militar; o homem é principalmente um instrumento de producção, e a capacidade productiva augmenta na proporção que se exclarece a intelligencia, que dirige o braço que trabalha.

Felizmente já são muito raras as manifestações da actividade humana, em que não prepondera o elemento intellectual; o *homem-braço* vai cedendo logar ao *homem-cerebro*.

Segundo observa o professor Ponsiglioni, até em um bello fructo, que á primeira vista parecia produzido unicamente pela fertilidade do terreno, nós encontramos a intervenção da sciencia, porque são devidos ás investigações dos sabios os novos processos agrarios, os methodos de adubamento que restituem aos terrenos exgottados a fôrça productora.

Além de ser um propulsor de primeira ordem do nosso progresso, a projectada Universidade será como que o expoente da intellectualidade brasileira, o ponto de convergencia dos exforços dos que acreditam na influencia creadora e saneadora da Sciencia, o campo neutro onde na phrase feliz do illustrado auctor do projecto, se reunam os espiritos em tôrno de um programma conciliador de todas as doutrinas e opiniões sôbre as bases amplas da liberdade e da ordem.

É portanto utilissima a idéa da creação da Universidade Brasileira com os intuitos consagrados na proposta.

Quanto á segunda questão, porém, não respondo pela affirmativa, pensando pelo contrario que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro não deve tomar uma iniciativa, que momentaneamente o afastaria da esphera habitual da sua actividade.

Da mesma fórma que a *divisão do trabalho* é um axioma da sciencia economica, a especialização é hoje a directriz de todo o movimento intellectual.

Na primeira das magnificas conferencias realizadas nesta Capital, affirmou G. Ferrero que a crescente especialização scientifica só em parte constitue um phenomeno de progresso, determinado pela necessidade de dividir o trabalho da pesquiza da verdade; mas em parte depende de uma debilitação do pensamento, impotente para abraçar as relações entre ordens de phenomenos um pouco distantes e longinquos.

Apezar de ser um admirador do estylo colorido do illustre apostolo do culto de Roma, não estou convencido dessa *debolezza* da intelligencia humana.

A especialização tem por intuito fazer convergir para um campo limitado todo o exforço de uma intelligencia creadora, habilitando-a assim a aprofundar cada vez mais o conhecimento de um ramo da arvore da sciencia; obedece a essa fôrça pro-

pulsora, que Ferrero tambem assignalou na segunda conferencia e que reside na necessidade, que sentem as gerações novas de, partindo do ponto em que as gerações precedentes deixaram as investigações scientificas, irem ainda mais longe: conhecer, gosar, avançar sempre e sempre.

Ora, nesse accumular incessante de conquistas scientificas, não é de admirar que a mais portentosa intelligencia humana se declare incapaz de dominar o conjuncto dos factos, que não haja mais um Pico de la Mirandola, cuja divisa era — *de omni re scibili*.

Seja qual fôr, porém, a explicação do phenomeno, indique realmente uma fraqueza da intelligencia, ou seja apenas um methodo de trabalho, é incontestavel a tendencia manifestada pelos trabalhadores intellectuaes a circumscreverem o campo da sua actividade.

Ora, o nosso Instituto tem como objectivo o estudo dos problemas historicos, geographicos e ethnographicos, principalmente relativos ao Brasil, e as pesquizas de documentos da nossa Historia que, apezar de algumas monographias de valor, ainda não atravessou o periodo lendario; e ninguem dirá que estejamos tão adeantados na tarefa que emprehendemos, que seja possivel distraïr exforços tomando a iniciativa de uma idéa tão grandiosa como é a da creação da Universidade Brasileira.

Modesta embora, sem enscenações deslumbrantes que provocam facilmente o enthusiasmo das massas, creando a granel os sabios e os heróes, a missão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, digo (com a consciencia serena de quem proclama uma verdade indiscutivel) é proveitosa, é utilissima, é benemerita.

Prosigamos calmamente nos nossos trabalhos deixando que um outro instituto melhor apparelhado colha os louros da creação da Universidade.

Sujeito ao voto do Instituto a seguinte conclusão:

«O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, applaudindo com enthusiasmo a idéa da creação da Universidade Brasileira e os seus elevados intuitos, felicita cordialmente o seu illustre consocio honorario dr. Alberto de Seixas Martins Torres, e la-

menta que a natureza especial dos seus trabalhos não lhe permitta tomar a iniciativa da creação da alludida Universidade.

Sala das commissões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 28 de Março de 1912. — *Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro.* »

É approvado unanimemente o parecer.

O sr. Fleiuss (*1.º secretario perpetuo*) lê as seguintes propostas:

« Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o illustre sr. dr. Julio Fernandez, ministro da Republica Argentina no Brasil, e que no exercicio do seu elevado cargo tem dado sobejas provas de estima ao nosso paiz, procurando assim consubstanciar o ideal de todos nós, a confraternidade sincera das nações americanas.

Advogado de nome em seu paiz, tendo patenteado notaveis conhecimentos nos diversos ramos do saber humano, o sr. Julio Fernandez é em tudo digno da distincção para que o indicamos.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.* — *Benjamin Franklin Ramiz Galvão.* — *Radler de Aquino.* — *José Americo dos Santos.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *Monsenhor Vicente Lustosa* — *Figueira de Mello.* — *Norival Soares de Freitas.* »

Vai á Commissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Antonio Olyntho.

— « Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o ex.^{mo} sr. dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, actual ministro da Justiça e Negocios Interiores.

Advogado notavel, parlamentar illustre, auctor da Reforma do Ensino Publico, onde ha idéas pelas quaes s. ex.^{a} sempre se bateu, o sr. dr. Rivadavia da Cunha Corrêa tem prestado ao Instituto notaveis serviços, que o recommendam á nossa gratidão.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.*

Vai á Commissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Antonio Olyntho.

— « Propomos para socio honorario do Instituto Historico e

Geographico Brasileiro o sr. dr. Lauro Severiano Müller, actual ministro das Relações Exteriores, homem cujo valor intellectual, patenteado em diversos ramos da intelligencia, mesmo naquelles que constituem o nosso escopo, e em factos de incontestavel e applaudida notoriedade, o erige num dos nossos mais apreciados estadistas contemporaneos.

Além disto, como muito bem salientou o nosso insigne bibliothecario, dr. José Vieira Fazenda, nos seus *Subsidios* para a historia do Instituto, esta Associação já deve ao sr. dr. Lauro Müller notaveis serviços.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Manuel Cicero.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Commissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.

— « Propomos nos termos rigorosos da letra *b* do art. 9.º dos Estatutos que seja elevado a socio honorario o dr. Manuel de Oliveira Lima, socio correspondente desde 11 de Agosto de 1895.

Os trabalhos admiraveis do nosso eminente companheiro dispensam quaesquer considerações para justificar esta proposta.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Manuel Cicero.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Commissão de Admissão de Socios; relator, o sr. almirante Indio do Brasil.

« Propomos seja elevado a socio honorario o correspondente barão de Studart, nos termos dos Estatutos e attendendo aos relevantes serviços prestados ao Instituto desde 25 de Maio de 1892.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.*»

Vai á Commissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Manuel Cicero.

— « Propomos seja elevado a socio honorario o effectivo dr. Amaro Cavalcanti, nos termos dos Estatutos, admittido em 1897, considerando os seus altos meritos e os serviços que tem prestado ao Instituto.

Sala das sessões, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Commissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Manuel Cicero.

— « Propomos seja elevado a socio honorario o effectivo dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, nos termos dos Estatutos, attendendo aos relevantes serviços prestados ao Instituto, no exercicio da Commissão de Historia e nosso consocio desde 23 de Agosto de 1901.

Sala das sessões, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.*— *Carlos Lix Klett* ».

Vai á Commissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Miguel de Carvalho.

— « Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. desembargador João da Costa Lima Drummond.

A simples citação deste nome laureado nas lettras juridicas e historicas dispensa outras indicações para comprovar o acêrto desta proposta, que estamos certos será recebida com os maiores applausos.

O dr. João da Costa Lima Drummond apresenta uma serie de interessantissimos trabalhos historicos desde o seu discurso como orador da Commissão do Collegio Pedro II no Congresso Academico em homenagem ao marquez de Pombal, proferido em 1882 até os de mais recente data.

Reunimos os seguintes: « Conferencia sôbre a Conjuração Mineira », proferida em Septembro de 1883; « Discurso sôbre Victor Hugo », proferido em Julho de 1885; « Memoria historica dos acontecimentos mais notaveis da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes », publicada em 1894; « Discurso official », proferido em 7 de Septembro de 1894 na sessão solenne do quinquagesimo anniversario da installação do Instituto dos Advogados; « Discurso », proferido no Club Academico em 18 de Janeiro de 1903 em homenagem ao barão do Rio Branco; « Discurso », proferido na commemoração da data do anniversario do Collegio Pedro II; « Prelecções sôbre o direito criminal », publicadas em 1908; « Discurso », pronunciado na collação de grau

aos bachareis em sciencias e lettras de 1910, no Externato Sancto Ignacio», «Patronato official dos liberados ou egressos definitivos da prisão», publicado em 1911.

Além disso, o sr. dr. Lima Drummond é justamente tido em nosso meio social como possuidor das mais insignes qualidades moraes, que o tornam alvo de profundo respeito e geral admiração.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Manuel Cicero.* — *Carlos Lix Klett.* — *Norival Soares de Freitas.* — *Figueira de Mello.*»

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Viveiros de Castro.

— «Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Afranio de Mello Franco, auctor da brilhante monographia intitulada — «Barão do Rio Branco».

O dr. Afranio de Mello Franco, com o dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, já nosso consocio, tem sido um dos maiores propugnadores de todas as medidas acceitas pelo Parlamento em beneficio do Instituto Historico.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.*»

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Clovis Bevilaqua.

— «Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Alfredo Valladão, illustre representante do ministerio publico juncto ao Tribunal de Contas, servindo de base a esta proposta o seu trabalho historico, offerecido ao Instituto, denominado «Campanha da Princeza», relativo ao conhecido municipio do Estado de Minas Geraes.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.*»

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Viveiros de Castro.

— «Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Helio Lobo,

auctor dos seguintes trabalhos por elle offerecidos ao Instituto: « O Tribunal Arbitral Brasileiro Boliviano », 1910, e « Diplomacia Imperial no Rio da Prata » — (Contribuição para um estudo definitivo da historia diplomatica da guerra do Paraguay).

O sr. dr. Helio Lobo, funccionario superior do Ministerio das Relações Exteriores, é um dos nossos mais jovens e distinctos investigadores de assumptos de historia patria.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — ***Max Fleiuss. — Manuel Cicero. — Arthur Guimarães. — Carlos Lix Klett.***»

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Jansen do Paço.

— « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, bacharel em direito, natural do Rio de Janeiro, residente em Pariz, servindo de base desta proposta o seu trabalho denominado « Os Deputados brasileiros nas côrtes geraes de 1821 », por elle offerecido ao Instituto com dedicatoria autographa.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — ***Max Fleiuss. — Manuel Cicero. — Arthur Guimarães. — Carlos Lix Klett.*** »

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Ramiz Galvão.

— « Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o illustre major Liberato Bittencourt, engenheiro militar, auctor de varios trabalhos historicos, servindo de base a esta proposta o denominado « Psychologia do barão do Rio-Branco », por elle offerecido ao Instituto e prestes a apparecer na parte I do tomo 75 da ***Revista.***

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — ***Max Fleiuss. — Manuel Cicero. — Arthur Guimarães. — Carlos Lix Klett.***»

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Ramiz Galvão.

— « Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Francisco Agenor Noronha Santos, servindo de base desta proposta, além de muitos outros, o seu trabalho « Chorographia do Districto Federal ».

O sr. Noronha Santos tem collaborado nos seguintes jornaes: « Kosmos », « Renascença », « Brasil Moderno », « Brasil Revista »,

«O Mez», «Jornal do Brasil», «O Paiz», «Gazeta de Noticias», «Jornal do Commercio», «Diario do Commercio» e outros jornaes do Rio, Pernambuco e Minas, tractando de assumptos historico-geographicos.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.*»

Vai á Commissão de Geographia; relator, o sr. capitão-tenente Radler de Aquino.

— «Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o dr. Alberto Rangel, auctor do trabalho denominado «Inferno Verde — Scenas e scenarios do Amazonas — » já por elle offerecido ao Instituto.

De Alberto Rangel disse o nosso extraordinario Euclides da Cunha no preambulo do «Inferno Verde»:

«Sente-se que o escriptor está entre homens e cousas, uns e outras dubios, mal afflorando ás vistas pela primeira vez laivados de mysterios. O pensamento faz-se-lhe adrede, vibratil, ou incompleto, a diffundir-se de improviso no vago das reticencias, por não se desviar demasiado das verdades positivas que se adivinham. As imagens substituem as fórmulas. Realmente, fôra impossivel subordinar a regras prefixas, effeitos de longos esforços culturaes, as impressões que nos despertam a terra e as gentes que mal se descortinam agora aos primeiros lampejos da civilização.

«Além disto, Alberto Rangel é um assombrado deante daquellas scenas e scenarios; num impeto ensofregado de sinceridade, não quiz reprimir os seus espantos ou rectificar com a mechanica frieza dos escreventes profissionaes a sua vertigem e as rebeldias da sua tristeza exasperada.

«Fez bem; e fez um grande livro.»

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Norival Soares de Freitas.* — *José Americo dos Santos.*»

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Clovis Bevilaqua.

— «Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Ataulfo Napoles de Paiva, bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela

Faculdade de S. Paulo, tendo sido até esta data advogado nos auditorios da cidade de Barra Mansa, juiz municipal da comarca de Pindamonhangaba, juiz da 10.ª pretoria do Districto Federal, juiz do Tribunal Civil e Criminal, sendo actualmente desembargador da Côrte de Appellação do Districto Federal e presidente desse tribunal.

O sr. desembargador Ataulfo de Paiva foi vice-presidente honorario do Congresso de Direito Comparado, em Pariz, em 1900; delegado do govêrno do Brasil no Congresso de Assistencia Publica e Privada de Milão, em 1906; vice-presidente honorario desse mesmo Congresso; commissario especial do govêrno do Brasil para preparar o projecto de organização dos serviços de Assistencia Publica e Privada do Brasil.

Servem de base desta proposta os seus seguintes trabalhos: « L'Assistance Publique au Brésil », « Congrès International d'Assistance Publique et Privée de Milan, 23 à 27 Mai, 1906 »; « O Brasil no Congresso de Milão, 1906 », primeiras noticias; « Discurso proferido pelo relator da 1.ª these », no Congresso Nacional de Assistencia Publica e Privada do Rio de Janeiro, de 1908; « Assistencia Publica e Privada do Rio de Janeiro », 1.ª these.

Rio de Janneiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Pedro Lessa.

— « Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o dr. Alberto Lamego, advogado, estudioso de assumptos historicos, notavel pesquizador de archivos e colleccionador de manuscriptos, que acaba de fornecer á *Revista* do Instituto importantes documentos sôbre João Fernandes Vieira e á *Revista da Academia de Lettras* interessantissimos papeis sôbre Claudio Manuel da Costa, tendo quasi concluido um extenso e meritorio trabalho, baseado sôbre documentos ineditos, relativo á Capitania da Parahiba do Sul.

Bruxellas, 19 de Março de 1912. — *M. de Oliveira Lima* ».

Subscrevemos a proposta acima. Rio, 23 — IV — 912. — *Manuel Cicero.* — *Max Fleiuss.*

Vai á Commissão de Historia; relator, dr. Ramiz Galvão.

O SR. FLEIUSS (1.º *secretario perpetuo*) diz que achando-se

na secretaria o novo socio, sr. dr. Pedro Souto Maior, pede ao sr. presidente que designe uma commissão para introduzi-lo no recincto.

O sr. presidente nomeia para tal fim os srs. 1.º e 2.º secretarios.

Dá entrada no recincto o sr. dr. Pedro Souto Maior, a quem o sr. presidente dirige as saudações do estylo.

Pede a palavra o sr. dr. Pedro Souto Maior, que profere o seguinte discurso:

« Ex.^{mo} sr. presidente e illustres consocios. — Como succede aos que alcançam a almejada meta, a emoção tolhe-me as expressões do jubilo que me invade ao penetrar neste recincto, e da gratidão para com esta excelsa sociedade pelo immerecido galardão do meu devotamento aos estudos historicos.

Considerando que com tal acto de benevolencia quizestes apenas me animar a proseguir na longa jornada da sciencia, sinto-me reconfortado e protesto obedecer á vossa indicação, marchando sempre avante na condição de modesto obreiro em busca da verdade historica.

Venho agora prestar conta da missão, de que fui incumbido por especial designação do nosso grande chanceller barão do Rio-Branco, para representar este Instituto ante a Sociedade de Geographia de Lisbôa.

O accôrdo luso-brasileiro concebido pelo inolvidavel Consiglieri Pedroso, o sympathico ideal da maxima approximação intellectual dos dous povos ermãos, é quasi desnecessario firmar-se no papel, pois já se acha feito e sellado, ha muito tempo, na consciencia de ambos os povos.

Quanto á sua approximação social ou politica, parece ter degenerado em fusão.

Havendo-se tornado o Brasil, durante a estada de d. João VI no Rio de Janeiro, por assim dizer, a metropole de Portugal, e graças á nossa incruenta independencia, os dous povos, unidos por tanto tempo e separados sómente quando a colonia alcançou a maior-edade, nunca nutriam rancor entre si, sendo esse talvez um facto unico na historia das relações dos paizes americanos com as suas antigas metropoles.

Tem havido projectos de ligas politicas entre povos da mesma raça ; ingleza, hispanhola, etc.; quanto á portugueza, sabemos que nunca deixou de existir.

São essas as impressões da minha visita a Lisboa, tendo sido recebido não como o delegado de uma associação extrangeira, mas como um ermão, havia tempos ausente.

A epocha da minha missão não foi aliás muito opportuna, devido ás conturbações politicas do paiz.

A republicana Lisboa vibrava de patriotismo ; convinha a todo o transe impedir a invasão, que se annunciava.

Formaram-se innumeros batalhões de voluntarios, que marchavam para as fronteiras, acclamados por toda parte com estrepitosas ovações.

Apezar do fervor patriotico, a directoria da Sociedade de Geographia se reuniu em sessão solenne para me receber.

A reunião foi presidida pelo dr. Bernardino Machado, ministro de extrangeiros, que recordou o facto de haver nascido no Rio de Janeiro, assim como outros dous socios presentes, e devido á communidade de raça e berço acolhia-me como um seu compatriota.

Fallou com extrema consideração do notavel estadista que foi o barão do Rio-Branco.

Fez depois algumas referencias ao projectado accôrdo e cedeu-me a palavra.

Por minha parte ponderei ter sido uma coincidencia feliz estarem á testa das duas associações os dous illustres estadistas ministros do Exterior; asseverei a nossa sympathia pelos ermãos de além mar, observando que no Brasil o Portuguez não é considerado extrangeiro e conclui tractando de alguns pontos do accôrdo.

Outros usaram da palavra, dando-me as boas vindas e discutindo o assumpto, por fim o secretario perpetuo da Sociedade, o conselheiro Augusto de Vasconcellos, que com muito methodo expoz a situação do projecto e mostrou a conveniencia daquella Sociedade discutir e formular as propostas das bases do accôrdo para serem apresentadas mais tarde ao Instituto Historico ou ao seu representante.

Convém declarar que além de outras gentilezas usadas por aquella illustre sociedade para commigo, ainda lhe devo agradecer a de me haverem distinguido com o diploma de socio.

Tive a melhor das impressões ao visitar o riquissimo museu.

Desobrigado da missão, parti da bella Lisboa com destino á Hollanda em principios de Julho.

Confesso que ia muito preoccupado e duvidoso sôbre o resultado das pesquizas, que tencionava fazer nos archivos daquelle paiz.

Que poderia eu lá encontrar, tendo já sido o principal, o de Haya, visitado por Joaquim Caetano da Silva, Netscher e José Hygino?

No dia 14 de Julho pela manhã, tocámos em Boulogne-sur-mer, d'ahi a umas tres horas em Dower e durante a tarde fomos navegando no mar do Norte á vista das costas, todas baixas, da Hollanda e pudemos lobrigar algumas povoações e entre ellas a da afamada praia de banhos de *Scheveningen*, que só cede a palma á Brighton, na Inglaterra.

Ás seis horas entravamos no portosinho de Ijmuidem.

Tudo é surpreza para quem, pela primeira vez, visita esse paiz.

O nome de Hollanda (terra cava) indica bem a propriedade characteristica do seu aspecto physico, pois, metade do paiz a occidental, é quasi toda mais baixa do que o nivel do mar, impedido de inunda-la pela estreita nesga de terra que fórma a costa.

É tal a preoccupação nesse paiz pelos serviços de portos, canaes e diques, que, dos nove ministerios em que está dividido o seu govêrno, um dos mais importantes, é o *Waterstaat.*

Esta palavra intraduzivel em qualquer lingua comprehende todos os cuidados consagrados pela auctoridade aos interesses hydrographicos do paiz e mesmo os serviços technicos e administrativos, incumbidos de zelar esses interesses.

Diz o sr. Sandyck:

«Os Paizes Baixos tem vivido ha seculos em constante lucta com a agua e, para doma-la e subjuga-la, foi preciso aos habitan-

tes empregar toda a intelligencia, energia e principalmente perseverança.

Mas, ao mesmo tempo, tem-se mostrado sua amiga, pois foi, graças a ella, que se desenvolveu a navegação, origem da sua grandeza, e foi graças a ella ainda, que se puderam desenvolver nos Paizes Baixos as condições necessarias para fazer prosperar a Agricultura, e Pecuaria, as pescarias e a industria em um territorio que, abandonado a si mesmo, não teria jámais podido manter uma densa população.

Si, agindo como inimiga, tem assolado os Paizes Baixos por invasões, cujas consequencias nem sempre teem podido ser annulladas, em compensação, permittindo-lhes amigavelmente restringir o seu dominio, ella lhes tem fornecido a occasião de operar uma expansão consideravel do seu territorio e de practicar durante seculos e sôbre vasta escala, uma politica de conquista pacifica sem saïr de suas fronteiras naturaes. »

O porto artificial de *Ijmuiden* é formado por dous diques, partindo da costa e avançando para o mar.

D'ahi começa um canal maritimo de 24 kilometros de extensão, atravessando o chamado isthmo de Hollanda e ligando Amsterdam, situada no Zuiderzée ao mar do Norte.

Percebe-se logo, que se está no paiz dos canaes e da Hydraulica.

Para entrar na primeira secção do canal, é preciso utilizar-se das « eclusas », alli existentes, baixando então o navio ao nivel da secção interior.

Perde-se nesse serviço meia hora que, sendo junta a tres horas de viagem no canal, prefazem tres e meia horas. Quantas mais não se perderiam pela navegação do Zuiderzée ?

O espirito ahi fica distraïdo com as obras colossaes d'arte.

O vapor principia a marcha com a velocidade de umas quatro ou cinco milhas por hora. Do convez, domina-se com o olhar todo o horizonte.

Patenteia-se-nos então vasto e encantador panorama de uma paizagem toda original : as casas de estylo flamengo, côr de chocolate, e os tectos de um vermelho muito vivo, onde parece habitarem a paz e o conforto : os moinhos de vento, com suas

longas azas; os campos todos divididos em quadrados, quaes taboleiros de verdura, por canaletes ou grandes fossos que servem ao tempo de barreiras e demarcação ás propriedades dos terrenos.

Alguns desses quadrados estão plantados de feno, trigo, cevada, centeio, aveia, etc.; outros estão servindo de pastagem a rezes, principal riqueza do paiz dos lacticinios.

Em todo o curso desse canal maritimo só existem duas pontes gyratorias, que servem de traço de união entre as suas riquezas.

Uma estrada serpenteia pelo campo e algumas vezes se approxima do canal.

Corre por ella grande numero de cyclistas, de ambos os sexos. Mais tarde soube que nenhum povo excede ao hollandez nesse genero de *sport*.

Não só a paizagem me deleitava pela sua originalidade, como o olfato tambem se sentia acariciado pelos effluvios emanados daquellas plantações odoriferas.

Devo recordar que estavamos no mez de Julho.

O crepusculo dura então até depois das 8 horas.

Ás 9 $^1/_2$ chegámos a Amsterdam. O ar era subtil e, desmentindo a fama de constantes nevoeiros de que gosa o paiz, brilhava esplendido luar.

A Veneza hollandeza resplandecia de luz electrica, que se multiplicava reflectindo-se no Dam. Era simplesmente feerico.

Sentia-me tão bem impressionado por tudo quanto via, que já me achava pago da viagem.

No dia seguinte, pela manhã, tomei o trem para Haya, lá chegando após uma hora de viagem.

Todo extrangeiro crê ser essa a capital do paiz, mas ao enunciar o seu pensamento recebe logo a seguinte advertencia dos nacionaes:

A verdadeira capital é Amsterdam, onde o monarcha deve passar uma semana, no vasto e sombrio palacio ***Koninglijck Palast,*** correndo as despesas dessa ephemera visita por conta dos cofres da municipalidade.

Haya é apenas a cidade, onde mais se demora s. m. a rainha Guilhermina e é chamada a *Residenz*.

Lá tambem se reunem os Estados Geraes no *Binnenhof*.

A residencia favorita da actual rainha é o palacio campestre de Loo.

Muito poderia eu dizer sôbre Haya, sôbre a ordem, o requintado asseio, a hygiene, a instrucção publica e abastecimento de agua nessa cidade, mas para tanto não me sobra tempo.

É aqui o momento opportuno de manifestar minha gratidão ao ex.mo sr. dr. Eduardo Lisboa, nosso ministro em Haya, e aos demais membros da legação, pelos serviços prestados a bem da minha missão e tambem pelo affavel acolhimento e agradavel convivio, quo ainda mais amena tornaram minha residencia naquella cidade.

Tractemos agora do «Archivo do Reino».

O investigador que desejar colher dados sôbre a historia das terras conquistadas pela Companhia das Indias, Oriental e Occidental, é a esse archivo que se deve dirigir, pois todos os papeis das duas companhias lá estão depositados.

O *Rijks Archief* acha-se em um bello edificio de construcção á prova de fogo e situado na rua Bleyenburg.

Façamos um summario historico dos archivos das companhias Oriental e Occidental.

Elles se achavam junctos em um mesmo depósito em Amsterdam até 1821.

Segundo as informações de empregados do Ministerio das Colonias, parte desses archivos, e especialmente do seculo XVII, achava-se muito damnificada por insectos, pela humidade e frequentes remoções, por cujo motivo o ministro os mandou vender naquelle mesmo anno, sendo incluidos na venda todos os manuscriptos da Companhia das Indias Occidentaes do seculo XV, escapando apenas um pequeno numero de registos.

Estavam, portanto, perdidos todos os documentos, que poderiam elucidar aquelle periodo da nossa historia.

Houve, entretanto, uma feliz circunstancia que evitou tamanho desastre.

A assembléa dos XIX, a verdadeira directoria da Companhia

das Indias Occidentaes devia, por fôrça da clausula 21 do seu privilegio, reunir-se alternadamente em Amsterdam e em Middelburg.

Ora os archivos da Zelandia estavam intactos na sua capital, Middelburg.

Em 1851 foram transportados para Amsterdam.

Em 1856 todos os archivos das antigas directorias coloniaes foram reunidos aos archivos do Reino em Haya.

Confrontemos aqui algumas datas.

A obra de Netscher foi dada á luz em 1853.

As investigações de Joaquim Caetano tiveram logar de 1850 a 1854.

Portanto quer Netscher, quer Joaquim Caetano quasi só conheceram as actas dos Estados Geraes.

Varnhagen, que consultou apenas as cópias de Joaquim Caetano, achava-se no mesmo caso.

O arauto da boa nova para o Brasil, da existencia de preciosos documentos para a nossa historia no archivo de Haya, foi o nosso illustrado consocio e ex.^{mo} sr. barão de Ramiz Galvão.

A publicação do seu relatorio em 1874, após sua viagem á Europa, decidiu a missão do dr. José Hygino a Haya.

Foi aquelle notavel Pernambucano quem o declarou :

« Alem disso uma razão peremptoria houve que dicidiu este Instituto (o Pernambucano) levar a effeito o seu intento de mandar visitar o archivo de Haya. É a seguinte:

« O illustrado sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, tendo sido encarregado pelo govêrno imperial de visitar as principaes bibliothecas da Europa, apresentou o seu relatorio ao ministro do Imperio em 29 de Maio de 1874 e ahi fez menção de algumas collecções de documentos do seculo XVII acerca do Brasil; as quaes, conquanto parecessem ter o mais alto valor historico, eram completamente desconhecidas. Nem Netscher nem o visconde de Porto Seguro a ellas se referiram ».

« Foi especialmente para consultar esses documentos que esta associação me incumbiu de ir á Hollanda ».

Teve o dr. José Hygino a primazia de consultar os precio-

sos archivos, e dessa vantagem resultou trazer innumeras cópias de documentos interessantes.

Affirmou elle que, além das cópias incluidas na lista do seu relatorio, deixára encommendadas muitas outras e, realmente, verifiquei em todas as principaes collecções do archivo signaes a lapis — uma cruz á esquerda para começar e outra á direita indicando os limites da cópia. Algumas vezes encontrei indicações escriptas egualmente a lapis.

Si tudo que elle pediu que copiassem chegou de facto ao Instituto Pernambucano, não é quasi necessario ir-se ao Archivo de Haya: temos a sua duplicata no Recife, quanto á parte mais interessante ao Brasil.

No dia seguinte á minha chegada fiz a primeira visita ao Archivo.

A sala de leitura é de tamanho regular e contém seis vastas carteiras com grande espaço para dous consultantes de cada lado.

Indicaram-me um logar na primeira e occupei-o durante cinco mezes e meio, de 11 horas da manhã ás 4 da tarde, nos dias uteis, bem se vê.

Durante todo o tempo da minha estada em Haya houve dous dias feriados: o anniversario da rainha mãe e o da rainha Guilhermina.

Repotreado numa boa e solida cadeira de braços, manifestei desejo de consultar os manuscriptos da Companhia das Indias Occidentaes, relativos ao anno de 1630.

Dahi a pouco estava satisfeito o meu pedido: trouxeram-me um volumoso *in-folio,* contendo centenaraes de folhas de papel de linho cobertas de mysteriosos riscos.

Não foi surpreza para mim a difficuldade, que me antesurgiu no caminho.

Perdi, entretanto, 20 dias para me familiarizar com os characteres hollandezes daquella epocha.

O dr. José Hygino confessou haver gasto dous mezes para conseguir o mesmo fim.

Eu já conhecia os characteres gothicos da lingua allemã, mas no seculo XVII não escreviam algumas lettras como hoje; além

disso havia abreviações para certos prefixos e terminações de palavras, floreados para a conjuncção *ende*, etc.

Logo que pude ler correntemente, comecei a escolher e copiar documentos, que achava mais interessantes, e como os ia encontrando em grande abundancia, tive de occupar dous copistas.

Não são muitos, mesmo na Hollanda, os que conhecem o hollandez antigo e a sua escripta. Algumas senhoritas se dedicam a esse mister.

Eram seis as que frequentavam o Archivo, sendo tres minhas companheiras de carteira.

Não tendo levado commigo o numero da *Revista* do Instituto Pernambucano, em que vem publicado o relatorio do dr. José Hygino, com uma lista das cópias por elle extrahidas desse archivo, não podia saber quaes os documentos já existentes no Recife.

Tambem senti a falta da lista dos manuscriptos hollandezes mandados copiar pelo dr. Joaquim Caetano da Silva e que se acham neste Instituto.

Felizmente quando já aprendêra a ler os escriptos que no primeiro momento me pareceram hyeroglyphos, fui apresentado a um dos principaes funccionarios do Archivo, que estivera no goso de férias.

Sou extremamente grato áquelle cavalheiro pelo muito que me auxiliou nas minhas investigações. Refiro-me ao dr. Julius de Hullu.

Elle tambem se dedica á historia, e já tem publicado alguns trabalhos desse genero.

É formado pela Universidade de Leyden, occupou um cargo importante na Bibliotheca de Utrecht e actualmente se acha no Archivo de Haya.

Graças a elle tive a fortuna de pesquizar tudo que ha naquelle estabelecimento de interessante para a nossa historia.

Entre os livros que constituem a sua pequena, mas selecta, bibliotheca encontra-se o relatorio do dr. José Hygino.

Mostrou-me, bem guardada num armario do seu gabinete, uma collecção de aguarellas de Post.

Manifestou sempre grande interesse pelos trabalhos, indo frequentemente á sala de consultas ver o progresso, que eu nelles fazia, e muitas vezes lembrar uma idéa feliz, fornecer-me um livro, etc.

E elle tem prestado egualmente grandes serviços aos investigadores norte-americanos, que vão quasi todos os annos fazer investigações na Hollanda para a historia de Nova-York.

Vi o seu nome citado mais de uma vez no livro « Narratives of New Netherland, 1609-1614». General Editor, J. Franklin Jameson, Ph. D. LL. D. Director of the Department of Historical Research in the Carnegie Institution of Washington.

É de lastimar que o nosso Govêrno não imite o americano, auxiliando os nossos institutos historicos nas investigações dos archivos europeos, onde se poderiam colligir dados importantes, como pará nós seriam os de Lisboa, Madrid, Pariz, Londres e Hollanda.

Sôbre isso ha ainda a considerar que nos Estados Unidos o bafejo official não é tão necessario, pois lá os millionarios porfiam na protecção aos instiiutos scientificos.

Os documentos do Archivo estão incluidos nas seguintes collecções.

Brieven en Papieren uit Brasilie, 1630 - 1654.

Compõe-se de 19 *in-folios,* contendo cada um delles centenas de peças, e além de officios e missivas do Supremo Conselho, documentos, processos judiciarios e cartas particulares.

Dagelyke Notulen van den hoogem en secreten raad in Brasilíe (Actas ou notulos diarios do Conselho Supremo e Secreto do Brasil, 1635 e 1654).

Compõe-se tal collecção de oito *in-folios.*

Secreten notulen. Esta collecção começa em 1642 e vai a 1654, faltam-lhe muitos cadernos e fórma um unico *in-folio.*

Secreten Notulen van de vergaderinge van de Negentien. Registo das resoluções secretas da Assembléa dos 19, 1629 - 1645.

Regísto em tres volumes. Série completa dos officios, que os directores das companhias dirigiram ao govêrno colonial do Brasil e ás auctoridades civis e militares da costa da Africa 1639 - 1653.

Volume dos relatorios. Desses o mais importante é o de Van der Dussen.

Band met stukken merendeel betreffende Brasilie. Tem uma carta de Gaspar Dias Ferreira ao rei de Portugal e o jornal de viagem ao Brasil do vice-almirante de Witt.

Um registo de Amsterdam e outro da *Zelandia.*

Criminele Papieren, do Tribunal provincial da Hollanda.

Archivo dos Estados Geraes.

Placaet Boeck. Contém regulamentos do govêrno das conqùistas da Companhia.

Parece que me posso ufanar de não ter sido de todo improficua a minha ida á Hollanda: trouxe noticias de successos até então ignorados pelos nossos historiadores, completei o conhecimento de outros com o fornecimento de novos dados e dissipei algumas duvidas.

Havendo sido o segundo a fazer investigações naquelle archivo, naturalmente tive de encetar minhas pesquizas sôbre certos factos, do ponto em que as declarara deixar o meu illustrado antecessor no seu relatorio.

Mas tambem descobri terreno inexplorado.

Perguntar-me-hão: como póde isso ser, si declarastes ter elle devassado todo o archivo?

É facil a explicação. Mandar copiar por se perceber, pelo titulo ou primeiras linhas de um longo manuscripto, a conveniencia em faze-lo, não quer dizer que se fique inteirado de seu assumpto.

Está claro que mais tarde o investigador faz selecção no material, quanto ao que deve traduzir e divulgar.

Nem de outra fórma se póde proceder no curto espaço de alguns mezes.

Depois do seu regresso á patria, o meu incansavel antecessor, além da noticia sôbre a assembléa de 1640 em Mauricia e outras publicações nos jornaes, ainda traduziu a descripção da Parahiba por Elias Herckman e a do Norte do Brasil e alguns folhetos, ficando ainda, porém, ignorado o conteudo da maior parte dos documentos existentes no Instituto Pernambucano.

Durante meus estudos na Hollanda, recordei-me constantemente do conselho do insigne Brasileiro, o visconde de Ouro Preto.

Por varias vezes disse-me elle que os nossos indios mereciam maior estudo dos nossos escriptores, sendo este um assumpto pouco explorado.

Creio ter satisfeito, pelo menos em parte, o seu desejo, visto haver lançado alguma luz sôbre aquelles que entraram nas luctas dos Hollandezes em Pernambuco.

Por já haver publicado uma série de artigos sôbre esses indios no *Jornal do Commercio:* — « Assembléa, correspondencia em tupi, dous indios notaveis, etc. » — e devendo tudo isso apparecer brevemente na *Revista* deste Instituto, nada mais direi sôbre essa questão.

O Archivo de Haya fez acquisição de documentos e de papeis particulares que pertenceram aos directores da Companhia, alguns, talvez, provenientes da venda em Amsterdam no anno de 1821.

Vejamos as acquisições do anno de 1896.

Tive a vantagem de manusear um longo diario do director Haecx; darei delle algumas noticias no trabalho, que offereço á nossa *Revista*.

Copiei tambem das acquisições daquelle anno o inquerito sôbre o assassinato de Jacob Rabbi, judeu allemão casado com uma india.

Ficou provado por esse inquerito ter sido o mandante do crime o tenente-coronel Garsman e ter sido o seu fim o roubo.

A morte de Rabbi foi muito sentida pelos indios, entre os quaes gosava de grande prestigio, e, não tendo sido satisfeito o seu pedido para que lhes entregassem Garsman afim de o justiçarem, — muitos romperam em hostilidades contra os Hollandezes.

Garsman esteve preso a bordo de um navio e depois em um forte do Recife, e mais tarde teve aquella cidade por menagem.

O cacique Jandowi ficou muito indignado com os Hollandezes quando soube do crime, sendo preciso mandarem-lhe Roelof Baro como embaixador, accompanhado de valiosos presentes.

Tambem fazem parte das dictas acquisições e foram por mim copiadas as explorações feitas por Persyn e outro perito nas minas do Rio Grande.

Sôbre essa questão de minas no Rio Grande e Ceará, trouxe muitos documentos, sobresaindo entre elles o diario de Beck, por dar bastantes noticias sôbre os indios no Ceará.

Copiei egualmente o resultado de uma analyse feita por um ourives na Hollanda sôbre mineraes daquellas capitanias, em que elle affirmava existir grande quantidade de prata.

Um tal João de Albuquerque, prisioneiro no Recife, informou aos seus detentores saber de uma mina descoberta por Soares Moreno, que a não pôde explorar, por ter sobrevindo a invasão dos Hollandezes.

Sôbre o padre Manuel de Moraes, colhi varias noticias; a sua concessão para cortar páo brasil e varias reclamações suas sôbre aquelle serviço.

O padre tornou-se suspeito aos pastores protestantes, pois na 5.ª sessão do Synodo no Recife, em 1644, um delles perguntou si deviam permittir que Manuel de Moraes, ex-padre jesuita, estivesse procurando corromper os bons protestantes, chamando-os para a práctica da idolatria dos catholicos.

Quanto á sua Historia do Brasil, elle recebeu, da camara de Amsterdam, por ella e por um vocabulario tupi, algum dinheiro, uns 300 florins, para fazer frente ás despesas do seu casamento.

Pedira elle muito mais, de sorte que não parece ter vendido aquella obra.

É mais provavel a hypothese aventada por J. de Laet, de que o padre a trouxera para o Brasil.

Por intermedio do dr. de Hullu obtive de um seu amigo da Universidade de Leyden um estudo sôbre a descendencia daquelle padre, alcançando até o anno de 1889 e parecendo haver-se extincto naquella epocha a linha masculina.

Figuram nessa arvore genealogica medicos, advogados, notarios e militares.

Quiz fazer o mesmo com a descendencia de Gysbert de Witt,

*

conselheiro politico em Pernambuco, terceiro marido de Anna Paes, e a de Doncker, casado com uma india.

O primeiro reclamou do govêrno portuguez, em 24 de Fevereiro de 1663, a quantia de 144.315 florins, sendo pela propriedade de um engenho de assucar (a Casa Forte ou casa de d. Anna Paes) 89.960 florins.

Os seus descendentes receberam 33.000 florins em 28 de Novembro de 1692.

Os de Doncker receberam em 27 de Novembro de 1692 a quantia de 16.000 florins.

Essas noticias procedem das actas dos Estados Geraes. Nada mais pude colher a respeito desses personagens.

Trouxe cópia do seguinte notulo sôbre o cruzamento das duas raças, hollandeza e portugueza, que reza o seguinte :

« O escultelo e escabinos do Rio Grande communicam-nos que muitos Neerlandezes casam-se com viuvas de Portuguezes e depois sustentam que os bens daquelles lhes pertencem e por conseguinte procuram apoderar-se delles.

« Os soldados e indios, que estão de posse de muitos animaes e negros incluidos naquelles bens, julgam, pelo contrario, que são sua presa e que lhes pertencem de direito.

« Não sendo possivel arrancar delles taes presas sem causar grande desgôsto, os escabinos pedem-nos que resolvamos a respeito.

« Tendo sido consultado o Conselho da Justiça para ver o que convinha fazer, ficou resolvido communicar ao esculteto e escabinos que tudo que fôr adquirido na guerra, no primeiro ataque, pelos soldados e homens livres, como sejam os indios, devem ser deixados com esses e que elles devem fazer o possivel para que as outras partes se acommodem ; quanto aos bens de que ainda ninguem se apossou e ficaram fóra da presa, devem ser arrolados em nome da Companhia, e si os que se casaram com as dictas viuvas os quizerem resgatar teem de os comprar á Companhia ».

Os notulos do Supremo Conselho fornecem variadas noticias sôbre a vida no Recife e na Mauricia.

Alguns estabelecem os preços do pão, da carne e de outros generos alimenticios, etc.

Um delles refere que, havendo exaggêro nas quantias exigidas para os funeraes, dalli em deante vigoraria a tabella nelle indicada. Em seguida veem os preços do vehiculo funerario, grande manta para o cobrir, grinaldas, cirios e sepultura nas egrejas ou cemeterios.

O Supremo Conselho concedia a um numero limitado de pessoas o direito da venda de pão e carne.

Havia casas de bebidas, algumas destas feitas com mel, aguardente e agua.

Em uma occasião succedeu morrerem varios individuos depois de haver feito uso dessas bebidas, por cujo motivo o Conselho mandou analysa-las.

Encontram-se pedidos de moradores para que as ruas sejam calçadas, concertadas ou limpas.

Fica-se sabendo da empreitada para construcção da ponte de Afogados e da renda annual do pedagio das outras.

Depois da revolta dos Pernambucanos em 1645 tornou-se franco ao publico o transito das pontes.

Alguns tractam do descanso obrigatorio aos domingos, mesmo para os escravos. Esta medida se referia aos Judeus, que não queriam obedecer ao preceito.

Muitas vezes o Conselho se reunia duas vezes ao dia, quando o serviço assim o exigia.

Póde-se, apenas pela leitura dos notulos, ficar inteirado de todos os successos da revolta, desde a batalha de Tabocas e a rendição da Casa Forte até as batalhas de Guararapes.

Por elles vê-se a consternação, que causaram essas derrotas ao govêrno do Recife.

Varios notulos tractam da captura do navio em que vinha Francisco Barreto de Meneses, nomeado pelo rei de Portugal commandante em chefe do exercito pernambucano, e da sua prisão no Recife.

A versão hollandeza sôbre esse facto é differente da dos nossos historiadores.

Foi por varias vezes transferido de uma prisão para outra

até ser entregue á custodia de Jacques Brae, donde fugiu auxiliado pelo filho deste.

Darei noticias mais desenvolvidas sôbre esse assumpto no trabalho, que offereço á nossa *Revista*.

Extrahi dos diarios de De With, Haex e le Maire subsidios interessantes, que lançam muita luz sôbre os ultimos tempos da occupação hollandeza em Pernambuco.

Tenho ainda a mencionar que obtive cópias photographicas de algumas cartas e plantas existentes no gabinete do dr. De Hullu, assim como de tres cartas em tupi da serie de seis, traduzidas por J. Edwards.

Creio ter dado conta dos meus trabalhos no Archivo.

Passemos á Bibliotheca Real de Haya.

Ahi existe uma secção assás importante para os que desejarem indagar sôbre a historia das conquistas das Companhias Occidental e Oriental; é a dos folhetos.

São em numero de 20 e tantos mil e foram catalogados pelo dr. Knuttel; os referentes ao Brasil não excedem muito a 200.

Encontra-se o seu catalogo em a nossa Bibliotheca Nacional.

Manuseei na Bibliotheca de Haya alguns desses folhetos e copiei dous, que tanto tem de raros como de interessantes.

O primeiro é o diario da viagem de um capitão do exercito hollandez, o qual descreve a primeira batalha de Guararapes.

Aproveitei dahi algumas noticias para o trabalho, que dedico á *Revista* deste Instituto.

O segundo consiste de duas memorias apresentadas por Antonio Paraupaba, que foi enviado a Haya em 1654 pelos indios fieis aos Hollandezes para asseverar a sua constancia como subditos dos Estados e pedir-lhes auxilios.

A primeira memoria foi datada de 1654 e a segunda de 1656.

O auctor dessas memorias era um indio notavel não só pelo seu valor como por possuir bastante instrucção.

Educado na Hollanda, tinha grande affeição por aquelle paiz e era fervoroso adepto da religião reformada.

Foi capitão-mór dos indios do Rio Grande, desde a sua eleição para aquelle cargo na assembléa dos indios em 1645 até 1654.

Na sua segunda memoria faz um historico das relações dos indios com os Hollandezes e conta que aquelles foram empregados até em expedições na Africa.

Refere como Pedro Poti foi martyrizado pelos Portuguezes por não querer abjurar o calvinismo.

O nosso illustrado consocio, o dr. José Carlos Rodrigues, possuiu um exemplar, que actualmente se acha na Bibliotheca Nacional.

Traduzi grandes trechos desse folheto para um artigo meu no *Jornal do Commercio*, e para a *Revista* do Instituto.

O professor B. J. Stokvis, presidente do Congresso Internacional de Medicos das Colonias, proferiu um discurso na abertura daquelle Congresso, em 1883, em que muito se occupou do célebre medico Piso de Leyde, que esteve em Pernambuco, a serviço de Mauricio de Nassau, e auctor de uma Historia natural, etc.

Na sua apologia áquelle homem illustre da sciencia faz referencia ao casamento do principe Mauricio com a filha do grande eleitor de Brandemburgo, seu amigo e protector.

Mostrei esse discurso ao professor Kramer, distincto director do Archivo da casa real, que considerou inexacta a noticia.

Não liquidei esta dúvida por falta de tempo, mas poder-se-ha resolvê-la consultando a arvore genealogica da casa de Brandemburgo.

Disse o dr. José Hygino no seu relatorio: «Na nota 502 da obra de Dermont sôbre a egreja reformada das Provincias-Unidas (Geschiedenis der Nederlandsche Hervormde Kerk) o auctor faz menção de um Catecismo Brasiliense (Brasiliansche Katechismus) composto para os indios e publicado em Enkuisen».

Aquelle investigador acreditou na existencia desse livro e lamentou não ter tido tempo para o procurar.

Tractei de indagar sôbre o assumpto, encontrando a solução.

O Synodo do Recife mandou realmente imprimir em Enkuisen um catecismo em tupi, para o uso dos indios, cujo titulo em hollandez era — *Corte onderwysinge der Christelycke religie*, e communicou a sua iniciativa ao Synodo da metropole.

A resposta do Synodo da Hollanda foi negando á *classe* de

Pernambuco o direito de resolver sôbre taes assumptos, sem a sua auctorização e prohibindo expressamente a impressão do livro.

Encontra-se essa noticia na pagina 402, Artic. 12 da obra:

Acta
der
Particuliere Synoden
Van Zuid-Holland
1621-1700
Uitgegeven door
Dr. W. P. C. Knuttel
S. Gravenhage
Martinus Nyhoff
1909.

A mesma noticia da prohibição do Catecismo vem na pagina 13, art. 9 do volume II da obra.

Archief
voor de
Geschiedenis
der
Oude Hollandsche Zending
Utrecht
C. Van Bentum
1884.

Sôbre á religião protestante no Brasil trouxe um volume da Chronica do Instituto Historico de Utrecht no anno de 1874, que contém as *Classicale Acta van Brasilie* — Actas das *Classes* do Brasil.

Classis é uma especie de divisão da Egreja Neerlandeza, um centro que encerra varios cantões (ou reuniões) chamadas *ring* — circulo.

Esse synodo da colonia do Brasil deliberava sôbre as questões ecclesiasticas, costumes, instrucção primaria, catechese dos indios, etc.

Pela leitura dessas actas fica-se sabendo o numero de egrejas, de pastores, o grau de moralidade dos colonos, o desenvolvimento da instrucção e a civilização dos indios.

Os Hollandezes mostraram-se extraordinariamente liberaes quanto á distribuição da instrucção; não só facultaram escholas para os brancos e indios, como mesmo para os negros.

A egreja da metropole angariava donativos para os ministros distribuirem entre os selvicolas.

O padre Antonio Vieira pôde apreciar em Ibiapaba o resultado dessa intelligente propaganda e descreveu em poucas palavras a situação:

« Ibiapaba era uma outra Genebra ».

Outro livro interessante sôbre a religião protestante em Pernambuco é o *Algemeen Nederlandsch — Familie Blad,* onder leiding van A. A. Vorsterman van Oyen en G. J. Honig.

Nelle se encontra a noticia de curiosos registos de baptizados em Pernambuco.

Passemos agora ás publicações do Historisch Genootschap van Utrecht (Instituto Historico de Utrecht).

Esta importante sociedade tem publicado, entre outros documentos pertencentes ao Archivo Hilten em Utrecht, muitos manuscriptos que dizem respeito ao Brasil. Trouxe todos esses numeros.

Convinha-me saber si havia ainda alguns manuscriptos não publicados, para o que achei melhor ir eu mesmo áquella cidade.

Indaguei sôbre a minha dúvida naquella repartição; não me puderam informar, mas forneceram-me um catalogo do dicto Archivo, que, por signal, ainda se acha em manuscripto.

Tomei nota de todas as peças, que se referem ao Brasil, e verifiquei, pelos numeros da *Revista* do Instituto, já estarem todos publicados.

Participei o resultado da minha busca ao Archivo.

Só me resta fallar sôbre a descoberta de alguns quadros do célebre pintor Franz Post, cujo pincel se dedicou exclusivamente ás paizagens do Brasil.

Tendo encontrado no archivo particular da rainha uma correspondencia particular de Mauricio de Nassau com os ministros

e com o proprio rei de França, Luiz XIV, em que tractava de uns quadros de assumpto brasileiro e de que elle fez presente áquelle monarcha, fui a Paris investigar a respeito.

Não, sem algum exforço, fiz apparecerem no Louvre cinco telas de Post, havendo esperança de se encontrarem mais algumas.

Sôbre esse assumpto escrevi um artigo no *Jornal do Commercio.*

Conclúo a exposição dos meus trabalhos, esperando ter prestado algum serviço á sciencia, á qual se consagra este Instituto, colligindo no curto espaço de seis mezes e meio bastantes dados, que poderão ser melhor aproveitados pelos nossos historiadores.

Tenho concluido.

(Palmas. O orador é muito cumprimentado).

Responde ao sr. dr. Souto Maior o orador do Instituto, sr. dr. Ramiz Galvão, nos seguintes termos:

« Tenho a honra e o prazer de saudar em nome do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Pedro Souto Maior, novo e distincto collega que vem trazer-nos o concurso de suas preciosas investigações historicas e um bello exemplo de pertinacia nas lides, que fazem o objecto dos nossos trabalhos.

« É justo, é indispensavel que novos elementos de prosperidade se aggreguem ao nosso corpo social, tão dolorosamente golpeado pelos decretos da Providencia Divina. Aos grandes batalhadores, que se vão partindo da arena — folhas preciosas desta arvore symbolica —, é mister que succedam luctadores exforçados. A cadeia náo póde nem deve romper-se; o facho sagrado tem de passar de mão em mão; e o vasto campo que lavramos pede sempre trabalhadores, para se desentranhar em fructos de benção.

« Temos uma curta historia de 400 annos, mas ainda incompleta, aqui e acolá inçada de dúvidas, á falta de documentos seguros, nem todos ainda reunidos e dados á luz para que nelles se exerça a bôa crítica. Nos nossos proprios archivos, mais recentemente organizados, dormem talvez papeis de valor capazes de elucidar questões litigiosas; nos de Portugal, Hispanha e

Hollanda, embora perlustrados por investigadores de alto valor como Joaquim Caetano da Silva, Gonçalves Dias e Varnhagen, para não citar outros de mais recente data, nesses velhos e opulentos repositorios ainda não foi tudo revolvido e esquadrinhado. Ha nessas minas veeiros occultos ou exquecidos, por onde não passou ainda o alvião do operario. Cumpre que se explorem cuidadosa, meticulosamente, até colhermos o ultimo grão de ouro.

«A melhor prova deste asserto temo-la hoje na pessoa do illustre consocio recem-vindo ás nossas fileiras.

«O sr. dr. Souto Maior teve a feliz inspiração de procurar nos archivos hollandezes documentos novos para a historia desse periodo memoravel dos nossos annaes, que vae de 1630 a 1654. Netscher tambem os havia sondado para escrever o seu livro; ha bem poucos annos o illustre e saudoso dr. José Hygino Duarte Pereira, egualmente apaixonado por este genero de investigações, examinára-os com carinho e muita cousa colhêra de bom e aproveitavel.

«O sr. dr. Souto Maior, em sua ultima viagem á Europa, voltou á mina preciosa e, como acabaes de ouvir, teve a boa fortuna de encontrar valores desconhecidos. Tenaz, persistente e illuminado por um sentimento patriotico digno de todo o louvor, cavou como bom mineiro e trouxe-nos informações estimaveis, que os estudiosos da patria Historia poderão apreciar dentro em pouco na nossa *Revista,* e de que já tivemos amostra nos curiosissimos artigos publicados no *Jornal do Commercio* sôbre Pedro Poti e Antonio Paraupaba.

«Não satisfeito com estes descobrimentos, que elucidam pormenores da Historia do tempo e dos costumes da epocha, o nosso illustre consocio deu-nos a grata nova de haver encontrado no museu do Louvre, graças a uma pesquiza habil e pacientemente dirigida, cinco telas do célebre Francisco Post — pintor distincto, que veio ao Brasil com o principe Mauricio de Nassau, e que gravou interessantes aguas fortes para a obra de Barloeus. Serão os originaes, cuja reproducção conheciamos por este livro, ou serão trabalhos totalmente novos? O nosso illustre collega di-lo-ha em tempo, porque teve a precaução de os

mandar photographar. Sejam porém ou não totalmente novos, é sempre grande o merito de os haver desentranhado da poeira secular dos depositos, e o incidente poderá despertar o achado de outras telas do mesmo artista, todas relativas a assumptos brasileiros, que Nassau offereceu a Luiz XIV.

«Bem se vê, srs. consocios, que o diligente investigador, cuja entrada festejamos nesta hora, assenta-se ao nosso lado com uma fé de officio muito honrosa e promissora. O Instituto recebe-o com jubilo, applaude a sua faina patriotica, e aguarda do experimentado combatente novos fructos de labor, que illustrem sempre o seu nome os fastos desta casa de trabalho.

«Sêde bem vindo, sr. dr. Souto Maior!»

(Palmas, muito bem).

O SR. PRESIDENTE disse que á ultima hora foi informado de que o emerito orador, que o Instituto acaba de applaudir, recebeu a nomeação de director geral da instrucção publica do Districto Federal.

É o caso de se felicitar a importantissima repartição da capital do paiz. O sr. presidente julga que o Instituto homologará de bom grado a proposta de mandar inserir na acta da sessão de hoje uma nota de regosijo pela merecida distincção confiada a um dos mais antigos, prestantes e queridos consocios de nosso Instituto.

A indicação do sr. presidente é recebida com demonstrações de applauso e unanimemente approvada.

Disse ainda o sr. presidente que a proxima sessão se realizará a 13 de Maio, em commemoração á grande data da promulgação da lei conhecida pelo nome de *Aurea,* fazendo uma allocução o eminente consocio dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, e sendo nessa occasião inaugurados, na sala da directoria, os retratos da princeza d. Isabel, *a Redemptora,* de Joaquim Nabuco e do sr. conselheiro João Alfredo.

Levanta-se a sessão ás 10 horas da noite.

Radler de Aquino, servindo de 2.º secretario.

1.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 4 DE MAIO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 3 horas da tarde, na séde social, abriu-se a sessão, com a presença dos seguintes socios :

Conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero, Max Fleiuss, commendador Arthur Guimarães, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, capitão-tenente Radler de Aquino, Carlos Lix Klett, drs. Miguel de Carvalho, Augusto Olympio Viveiros de Castro, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, drs. Pedro Souto Maior, Sebastião de Vasconcellos Galvão, José Americo dos Santos, Antonio Olyntho dos Santos Pires, commendador Tobias Lauriano Figueira de Mello, Eduardo Marques Peixoto e dr. Rodrigo Octavio.

Tendo faltado o 2.º secretario, dr. Gastão Ruch, o sr. presidente convidou o capitão-tenente Radler de Aquino para occupar este cargo.

O SR. RADLER DE AQUINO *(servindo de 2.º secretario)* lê a acta da primeira sessão ordinaria, realizada a 23 de Abril, a qual foi approvada sem discussão.

O SR. PRESIDENTE diz ter convocado a presente sessão extraordinaria para o fim de serem lidos varios pareceres da Commissão de admissão de socios e da Commissão de Historia.

Havendo, entre os primeiros, um que se refere ao sr. dr. Julio Fernandez, ministro argentino, que em breve se retirará para a sua patria, consulta o Instituto si, a exemplo dos precedentes, convirá ou não seguir-se á sessão extraordinaria uma especial para as respectivas votações.

O Instituto, por unanimidade, respondeu pela affirmativa.

O SR. FLEIUSS (1.º *secretario perpetuo*) lê o seguinte expediente :

— Telegramma do consocio almirante Indio do Brasil, communicando que por motivo de fôrça maior não comparece á sessão.

— Carta do consocio dr. Pedro Souto Maior, communicando que o sr. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, digno director geral da Bibliotheca Nacional, fez acquisição, para aquelle estabelecimento, dos seguintes livros, photographias e manuscriptos trazidos da Hollanda pelo mesmo dr. Souto Maior:

Livros:

Van Haren. Obras poeticas, 3 vs.

Van Kampen. A Biographia de Hollandezes celebres, 2 vs.

Historisch Genootschap, 3 vs.

Diccionario hollandez-francez, 1624 — 1 v.

Biographia de Artichofski, em polaco — 2 vs.

Photographias:

5 photographias dos quadros de Franz Post, descobertos no Louvre pelo dr. Souto Maior.

1 planta do forte projectado por Mathias de Albuquerque em 1629.

1 retrato de Joannes de Laet.

3 cartas em tupi.

Manuscriptos:

Notulos do Brasil:

1 — Saturni den 23 December 1645. Tracta de muitos Hollandezes, que se casaram com viuvas de Portuguezes, e a quem devem pertencer os bens destes, quando forem conquistados na guerra.

2 — Jovis den 28 December 1645. Tracta da falta de refrescos em Fernando de Noronha naquella occasião.

3 — Veneris den 29 December 1645. Tracta da inconveniencia de mandar os negros trazidos pelo navio *Tamandaré* para Fernando de Noronha por haver lá falta de refrescos.

4 — Mercury den 5 Juny 1647. Tracta dos tostões portuguezes, que foram encontrados com menos do valor conhecido.

5 — Saturni den Juny 1647. Dúvida sôbre o numero de escabinos portuguezes e hollandezes no Recife e Maurits stadt.

6 — Lunæ den 3 Juny 1647. Escolha pelo Conselho para escabinos por lista triplice.

7 — Saturni den 3 Augusti 1647. Tracta dos navios de Banckert, que estão comidos pelos vermes.

8 — Saturni den 5 Octobris 1647. Roclof Baro queixa-se que Pedro Poti não lhe deu indios para a sua expedição.

9 — Lunæ den 7 Octobris 1647. Boas condições de Fernando de Noronha.

10 — Lunæ den 14 Octobris 1647. Tracta da troca dos prisioneiros padre Matheus e padre João da Costa pelo capitão Ghyseling e o predicante Astetten.

11 — Martis den 11 April 1645. Tracta de uma assembléa de indios em Tapicirica.

12 — Mercury den 12 April 1645. Tracta de vantagens concedidas na occasião da despedida aos indios, que vieram apresentar os projectos de lei em sua assembléa.

13 — Jovis den 7 December 1645. Resolvem vender em leilão os negros trazidos da Africa por varios navios.

14 — Domenica den 31 December 1645. Dá noticias de Roclof Baro no Ceará e refere uma carta de Linge, dizendo estar informado por um negro vindo de Sancto André (onde estava o inimigo) que preparavam duas grandes barcas para levar 300 homens cada uma e irem atacar Pedro Poti no seu acampamento.

15 — Martis den 2 January 1646. Tracta da conveniencia de se deixar o judeu Miguel Cardoso advogar.

16 — Veneris den 15 Juny 1646. Tracta da competencia da convocação dos eleitores: si deve ser feita pelo conselho ou pelos escultetos.

17 — Veneris den 30 Marty 1646. Tracta da farinha de trigo e do pão, da venda deste ultimo e por quem deve ser vendido.

18 — Saturni den 16 Juny 1646. Tracta da eleição de escabinos no Recife. Tracta egualmente dos abusos commettidos por guarda-livros de navios, removendo na escripturação homens de um navio para outro.

19 — Mercury den 19 December 1646. Tracta de apressar o processo do tenente-coronel Gartsman.

20 — Lunæ den 27 Augusti 1646. Manda Gartsman desembarcar do *Swaen* e ficar preso em terra.

21 — Saturni den 29 April 1645. Gisbertus de With declara haver casado com d. Anna Paes, viuva de Tourlon, e que continua da mesma fórma a prestar seus serviços a bem da patria.

22 — Veneris den eersten April 1644. Tracta-se de saber si se póde pagar os direitos com assucar em vez de dinheiro.

23 — Lunæ den 21 Marty 1644. Os judeus protestam contra o pagamento do direito de *recognitie* na metropole.

24 — Martis den 22 Marty 1644. Responde ao protesto dos judeus contra o *recognitie* e manda que se dirijam aos XIX.

25 — Lunæ den 29 Augusti 1650. Uma missiva de Becx.

26 — Saturni den 14 Marty 1648. Chega o yacht *Argyn* de Fernando de Noronha, com 2.000 mãos de milho.

27 — Veneris den Novembris 1647. Missiva de Gillis Venant, de Fernando de Noronha.

28 — Martis den 12 November 1647. Manda remover o mestre de campo general, o seu tenente e tambem o almirante para a casa de Jacques de Brae.

29 — Jovis den 7 November 1647. Os revoltosos começam a atirar contra o Recife.

30 — Mercury den 16 Octobris 1647. Fernão de Valle tracta de seus negocios.

31 — Mercury den 16 December 1647. Cornelis Adriaensen e Dirck Jansen van Noren, capitão e piloto da barca *Jonge Arcke Noë*, dizem ter descoberto uma ilhota no Equador, etc.

32 — Martis den 17 September 1647. Simão Alvares da Penha pede para ser removido da prisão em que se acha.

33 — Mercury den 25 September 1647. Chega o yacht *Sterre* de Fernando de Noronha.

34 — Mercury den 2 Octobris 1647. Gillis Venant, commandante de Fernando de Noronha.

35 — Martis, den 2 Februari 1649. Tracta de minas, uma dellas indicada por Gaspar Paraupaba.

45 — Tracta da *ração* dos indios. Tracta mais do processo de investigação sôbre o assassinato de Jacob Rabbi.

Brieven en Papieren uit Brasilië.

36 — Anno de 1646 — Carta-manifesto de Camarão aos indios alliados dos Hollandezes.

37 — Traducção do tupi de seis cartas dos indios alliados dos Portuguezes para os patricios, que se achavam com os Hollandézes, por Johannes Edwards.

38 — Informação ou calculo do rendimento da mina do Ceará, segundo a declaração do sr. Antonio Grill.

39 — Carta de J. van Heussen a respeito do calculo de Grill e do Ceará.

40 — Exposição do commissario Ham, recenchegado do monte Itarema. Anno de 1649.

41 — Carta de M. Beck, datada da ilha Barbadas, em 8 de Outubro de 1654.

42 — Uma carta a respeito de um tal Laresse e referindo-se ao mineral do Ceará.

43 — Exame do ourives Jonas Laurent em um mineral do Ceará, em que se encontrou prata.

44 — Carta de 21 de Junho de 1649. Tracta do mineral do Ceará.

46 — Diario de Mathias Beck no Ceará, de 20 de Março de 1649 a 3 de Maio do mesmo anno.

47 — Continuação do diario de Mathias Beck até Julho de 1649.

48 — Carta em tupi sob o n. 1.

49 — Carta em tupi sob o n. 2.

50 — Carta em tupi sob o n. 3.

51 — Carta em tupi sob o n. 4.

52 — Carta em tupi sob o n. 5.

53 — Carta em tupi sob o n. 6.

54 — Uma carta do Recife a respeito de uma mina de prata, que João de Albuquerque diz conhecer.

62 — Carta de Telles da Silva a s. m. o rei de Portugal.

63 — Circular de Francisco Barreto convidando os soldados a serviço dos Hollandezes a se passarem ao seu serviço.

64 — Carta de Jodocus Stetten.

68 — Declaração de João de Albuquerque sôbre minas.

75 — Petição dos moradores da cidade Mauricia que querem pagar as despesas de Mauricio.

69 — Carta de Poti a Camarão.

DIVERSOS

55 — Um extracto do Staten Generael sôbre a reclamação de De With.

56 — Defesa de Sigismundo Schopp em Haya em 1654. (Criminellen Papieren).

57 — Edital contra os soldádos e officiaes que estiveram na Bahia. (Estados Geraes).

58 — Inquerito sôbre a morte de Jacob Rabbi. (Acquisição de 1906).

59 — Journael van de Reyse naer de Silver myne, etc. (Acquisição de 1906).

60 — Journael van de Reyse na de mina, etc. (Acquisição de 1906).

61 — Carta de Luiz XIV a Mauricio de Nassau (t'Huys Archief).

65 — Carta de Bento Henriques (t'Huys Archief).

66 — Sôbre a reclamação de De With. (Staten Generael).

67 — Processo de Haecx em 1655. (Criminellen Papieren).

70 — Motivos apresentados pelos officiaes para rendição de 1654. (Staten Generael).

71 — Estado e situação do Rio de Janeiro em 1655.

72 — Instrucções secretas dadas a Henrique Loncq para serem abertas em S. Vicente.

73 — Sôbre a reclamação de De With em latim. (Estados Geraes).

74 — Sôbre a reclamação De With em hollandez. (Estados Geraes).

76 — Journael van de Vlote nyt de Verenighde Nederlanden na Brasiliё (copia de um folheto do catalogo do dr. Knuttel).

O Instituto fica inteirado.

— Carta do consocio dr. Affonso Arinos, datada de Athenas, a 7 de Abril ultimo, nos seguintes termos:

« Meu caro Max Fleiuss. — O nosso Instituto perdeu de uma feita os seus vultos mais notaveis, aquelles que representavam mais characteristicamente o Brasil nas diversas phases do seu

desenvolvimento e exprimiam por assim dizer o conjuncto da nossa Historia — Rio-Branco, Ouro Preto, Paranaguá. Nesta enumeração, eu devêra começar logicamente pelo último, que era dos tres o mais velho na edade e quanto ao periodo historico encarnado na sua pessoa, das mais sympathicas e expressivas. Eduardo Prado, nos *Fastos da Dictadura Militar,* falando nas causas do quebrantamento da disciplina militar, apontára erros dos govêrnos monarchicos, mas indicava tambem esta: o desapparecimento dos velhos officiaes da antiga educação portugueza, aquelles que fizeram com gloria as asperas campanhas do Sul sem serem versados em livros de Philosophia, nem dados a obras de erudição, tendo, entretanto, a mais clara intuição do dever militar.

« Fóra da carreira das armas, na magistratura e na politica, tambem tivemos esse typo, que, si ainda não desappareceu, não apparece agora — o dos homens simples, sem o brilho nem as seducções do talento litterario, mas tendo a consciencia do dever e a força d'alma de praticá-lo sempre, singelamente, sem olhar a galeria nem pedir applauso. A physionomia do marquez de Paranaguá me evocava sempre a daquelles bons e incansaveis servidores, que trabalham silenciosamente e cujo trabalho *adeanta,* no dizer do povo, daquelles cultivadores que têm a mão feliz para deitarem o grão á terra. Chronologicamente, pertencia ao periodo da Independencia e á geração que fez algo de mais difficil do que tê-la proclamado: organizou o Brasil e manteve intacta durante o periodo convulsivo que succedeu á Independencia toda a herança portugueza da America.

« Dessa geração sadia, dada á acção e pouco inclinada ao pedantismo, Paranaguá tirou a sua não vulgar actividade e a sua exactidão. O seu commercio era encantador, tanto mais quanto sobrava nelle uma qualidade que vae rareando, sobretudo nos homens politicos — a educação esmerada, as boas maneiras e a correcção da linguagem.

« Lembra-me ter lido excellente artigo do velho Macedo Soares, o antigo ministro do Supremo Tribunal, sôbre o desconchavo da nossa linguagem legislativa, mostrando quanto, na redacção das leis, estamos longe da gente que redigiu o Codigo Criminal

*

de 1830. A concisão, a elegancia e a propriedade dos termos são essenciaes nos documentos legislativos destinados a vigorar para o futuro e a crear normas que afugentem toda a especie de dúvida.

« Mas, não pretendo traçar o perfil biographico do nosso eminente consocio, nem os de Ouro Preto e Rio Branco.

« Venho simplesmente pedir a intervenção do Instituto para que chegue a cada um dos filhos do marquez de Paranaguá a expressão do meu profundo pezar pelo passamento do nosso venerando companheiro. Ignorando o endereço dessas pessoas, não posso dirigir-me directamente a ellas, como o fiz quanto ás familias do visconde de Ouro Preto e do barão do Rio Branco. Espero que o meu caro amigo Affonso Celso e o sr. Raul do Rio Branco tenham recebido em tempo meus telegrammas.

« Estou aqui de passagem, assistindo ao jubileu da universidade de Athenas e visitando os monumentos da Grecia classica. Tendo já visitado os sitios mais notaveis da Attica, parto ámanhã, 8 de Abril, para o sanctuario de Delphos. De lá atravessarei o golfo de Corintho, antigo de Lepanto, para percorrer o Peloponeso. Para taes visitas, é preciso andar por mar e por terra; e por terra tem-se frequentemente de recorrer ao nosso processo nacional de locomoção — o lombo do burro. Adeus; um abraço do velho amigo *Affonso Arinos.* »

O SR. PRESIDENTE diz que, transcripta a carta do illustre consocio, satisfaz o Instituto os seus nobres desejos.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente)* diz que, para substituir nos justos impedimentos a qualquer dos membros da Commissão de admissão de socios, nomeou o sr. capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira.

O SR. FLEIUSS *(1.º secretario perpetuo)* lê os seguintes pareceres da Commissão de admissão de socios, os quaes, nos termos dos Estatutos, ficam sôbre a mesa para a votação na sessão especial:

— « A Commissão de admissão de socios julga que deve ser acceita a proposta do nome do sr. dr. Julio Fernandez, ministro da Republica Argentina no Brasil, para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Preenche aquelle digno representante da nação amiga todos os requisitos, que os nossos Estatutos exigem.

« Individualidade de grande destaque em seu paiz e convivendo comnosco ha muitos annos, tem tido a sociedade brasileira occasião de julgar por si das elevadas qualidades intellectuaes e moraes, que tornam o sr. Julio Fernandez tão respeitado e querido no seio da sociedade argentina. Amigo sincero do Brasil, não tem elle perdido opportunidade de estreitar de mais e mais os laços de sympathia e de respeito mutuo que se tributam as duas grandes nações do continente sul-americano, contribuindo para tornar uma realidade, por actos de inequivoca sinceridade, o ideal de confraternização entre as nações do continente, seguro phanal que nos guia para os destinos que a Providencia nos reserva.

« No estudo dos tractados que fixam nossas fronteiras com as outras nações do continente tem o illustre ministro da Argentina adquirido conhecimento amplo do sertão brasileiro; e no seu interesse pelas cousas do Brasil tem levado suas pesquizas, tanto geographicas como historicas, tão longe como os que mais desejam conhecer o nosso paiz.

« São titulos que aconselham e justificam a sua admissão como socio do nosso Instituto na categoria para que foi proposto.

Rio, 2 de Maio de 1912. — *Antonio Olyntho dos Santos Pires*, relator. — *A. Indio do Brasil.* — *Miguel J. R. de Carvalho.* »

— « Tomando conhecimento da proposta do nome do sr. dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, actual ministro da Justiça e Negocios Interiores, para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a commissão de admissão de socios é de parecer que deve ser acceita a proposta, visto preencher o sr. dr. Rivadavia Corrêa os requisitos que os nossos Estatutos exigem para inscripção naquella categoria de socios.

« Como bem assignala a proposta, tracta-se de um advogado que conquistou, pelo estudo e pela palavra, logar de destaque no fôro desta Capital — de um parlamentar que soube impôr a sua personalidade nas discussões, em que frequentemente se envolveu no Congresso Nacional, e a quem o nosso Instituto deve

já notaveis serviços — provas inequivocas da sympathia e do interesse com que accompanha os nossos trabalhos.

« Certamente esse passado é garantia segura de que o Instituto terá na pessoa do sr. dr. Rivadavia Corrêa um exforçado collaborador para os seus elevados fins.

Rio, 2 de Maio de 1912. — *Antonio Olyntho dos Santos Pires*, relator. — *A. Indio do Brasil.* — *Miguel J. R. de Carvalho.*»

— « A proposta do nome do sr. dr. Lauro Severiano Muller, actual ministro das Relações Exteriores, para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro está em condições de ser acceita. O proposto preenche os requisitos dos nossos Estatutos e occupará com realce o logar, que lhe é assignalado na proposta.

« O sr. dr. Lauro Severiano Muller é uma individualidade que se vem destacando desde sua entrada na vida pública, balisando com pontos luminosos a sua trajectoria na politica e na administração do paiz. Depois de um brilhante curso nas escholas Militar e Superior de Guerra, conquistou seu logar no corpo de engenheiros militares, onde tem galgado, em successivas promoções, os postos da carreira até o de coronel, em que foi ultimamente provido.

« Muito moço, viu-se forçado pelos acontecimentos de então a tomar parte na politica nacional, occupando o cargo de governador de Sancta Catharina, seu Estado natal, após a transformação por que passaram as instituições politicas do Brasil. Dalli passou para a Constituinte, onde tomou parte activa na discussão e votação da Constituição de 24 de Fevereiro; e, sem interrupção, tem occupado dahi em deante os mais elevados postos da politica nacional. Deputado em legislaturas seguidas, foi por vezes o relator do orçamento da viação e obras publicas e o inspirador de grande número de serviços, intimamente relacionados com o desenvolvimento da viação ferrea, fluvial e costeira, da colonização e povoamento dos sertões brasileiros e das communicações postaes e telegraphicas. Chamado depois para collaborar no govêrno, sob a presidencia Rodrigues Alves, onde occupou o cargo de ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, póde o sr. dr. Lauro Muller executar o programma de

melhoramentos materiaes do paiz e principalmente da cidade do Rio de Janeiro, que vinha, de longe, architectando pelo estudo dos differentes ramos de serviço publico, a que se entregára quando teve de tomar parte nas discussões parlamentares. Foi, assim, o iniciador da construcção dos portos do Rio de Janeiro, Bahia, Pará e Victoria, dos melhoramentos que transformaram por completo a capital brasileira; e bem assim de sua iniciativa surgiram as linhas ferreas, que mais fundamente penetraram pelos sertões dos Estados centraes, em demanda das fronteiras dos paizes limitrophes, aos quaes já algumas attingiram. Sua passagem pelo govêrno ficou, em summa, assignalada por numerosos melhoramentos, já executados ou em via de execução, em quasi todos os Estados do Brasil.

« Eleito depois senador por Sancta Catharina, continuou no parlamento a sua obra de govêrno; e dalli acaba de ser novamente retirado pela confiança do sr. presidente da Republica para vir occupar a pasta das Relações Exteriores em uma hora angustiosa para o Brasil, quando o fallecimento do grande chanceller, nosso inclito ex-presidente, o sr. barão do Rio Branco, havia mergulhado no lucto a patria brasileira e cercado de apprehensões todos os que se interessam por seus destinos.

« Em traços largos, é essa a individualidade proposta para occupar o logar de socio honorario do nosso Instituto.

« A cultura do espirito do sr. dr. Lauro Muller, o seu conhecimento pessoal de grande porção do territorio brasileiro, principalmente dos Estados do Sul, por elle percorridos em execução de commissões que lhe teem sido confiadas, sua vasta erudição sôbre cousas do Brasil, adquirida no estudo dos obras planejadas e executadas sob sua superior direcção, são outros tantos titulos, capazes, cada qual de bem justificar a sua entrada para o Instituto Historico, que terá na sua pessoa um collaborador honesto e um investigador infatigavel e consciencioso para os elevados fins a que se propõe.

« A Commissão de admissão de socios é, pois, de parecer que póde ser admittido na categoria de socio honorario o sr. dr. Lauro Severiano Muller.

« Rio, 2 de Maio de 1912. — *Antonio Olyntho dos Santos*

Pires, relator. — *A. Indio do Brasil.* — *Miguel J. R. de Carvalho.* »

— « A Commissão de admissão de socios nada tem a oppôr á proposta para ser elevado a honorario o socio effectivo dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, merecido premio a seus relevantes serviços ao Instituto Historico.

« Rio, 2 de Maio de 1912. — *Miguel J. R. de Carvalho*, relator. — *Antonio Olyntho.* — *A. C. Gomes Pereira.*»

— « A Commissão de admissão de socios, á qual foi apresentada a proposta para ser elevado a socio honorario o effectivo dr. Amaro Cavalcanti, é de parecer que deve ella ser acceita pelo Instituto, que por esse modo prestará homenagem aos notaveis dotes intellectuaes e á vasta cultura de um dos mais conspicuos de seus membros e mais uma vez dará publica demonstração de que tem na devida conta os serviços que lhe são prestados.

« Rio, 29 de Abril de 1912. — *Manuel Cicero*, relator. — *Antonio Olyntho.* — *Miguel J. de Carvalho.* — *A. Indio do Brasil.* »

— « A Commissão da admissão de socios, tendo examinado a proposta para ser considerado como socio honorario o correspondente barão de Studart, emitte o seu parecer no sentido de ser approvada a mesma proposta, com o que não fará o Instituto sinão rigorosa justiça, attendendo á relevancia dos serviços que lhe vem prestando o barão de Studart desde a sua admissão como socio correspondente.

« Rio, 29 de Abril de 1912. — *Manuel Cicero*, relator. — *Antonio Olyntho.* — *A. Indio do Brasil.* — *Miguel J. de Carvalho.* »

— « A Commissão de admissão de socios, á qual foi apresentada a proposta para ser elevado a socio honorario o correspondente dr. Manuel de Oliveira Lima, é de parecer que deve ella ser acceita pelo Instituto, que por esse modo renderá homenagem aos notaveis trabalhos litterarios e á vasta cultura de um dos mais illustres de seus membros, e ainda uma vez dará publica demonstração de que tem na devida conta os serviços que lhe são prestados.

« Rio de Janeiro, 1 de Maio de 1912. — *A. Indio do Brasil*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *Miguel J. de Carvalho*. — *A. C. Gomes Pereira*. »

— « A Commissão de admissão de socios nada tem a syndicar quanto á individualidade, condições de idoneidade e conveniencia da admissão do dr. Washington Luiz Pereira de Sousa, tão vantajosamente conhecida é a personalidade que virá abrilhantar o quadro dos membros do nosso Instituto. Com prazer, pois, opina por sua admissão.

« Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1912. — *Miguel J. R. de Carvalho*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *A. C. Gomes Pereira*. »

— « A Commissão de admissão de socios examinou a proposta apresentada ao Instituto para ser admittido como socio correspondente o dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, e é de opinião que tal proposta está perfeitamente nas condições de ser acceita, pois a Commissão folga de reconhecer que na pessoa do dr. Escragnolle Doria se reunem qualidades que o recommendam como um socio, que honrará o Instituto e lhe poderá ser muito util.

« Rio, 20 de Abril de 1912. — *Manuel Cicero*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *A. Indio do Brasil*. — *Miguel J. de Carvalho*.»

O SR. RADLER DE AQUINO *(servindo de 2.º secretario)* lê os seguintes pareceres da Commissão de Historia :

« O desembargador João da Costa Lima Drummond é um egregio representante da moderna magistratura brasileira, que, honrando galhardamente as gloriosas tradições da antiga, revela, contudo, mais largo descortino, menos apêgo pela lettra da lei, procurando de preferencia inspirar-se no seu espirito, e mostrando profundo conhecimento da legislação comparada.

« Mas não se limita a sua actividade ás arduas e sacrosanctas funcções de julgar: professor de direito, se impõe á estima e consideração dos seus alumnos pelos arroubos da sua eloquencia, que tornam mais facil a comprehensão da doutrina ; escriptor, enriquece a litteratura juridica com trabalhos, aos quaes os competentes sempre recorrem com proveito.

« É, portanto, um insigne cultor da *ars boni et æqui*.

« Bastava este predicado para assegurar-lhe o direito a ser

admittido como socio deste Instituto, porque, sem ser versado em Philosophia e em Historia, não ha propriamente um jurisconsulto *nisi leguleius,* na phrase de Cicero, *quidem cantus, et acutus prœco actionum, cantor formularum, anceps syllabarum.*

« Esta necessidade de ser o jurista tambem sabedor profundo da Historia tem sido geralmente reconhecida, já em epochas remotas, affirmando Blakstone que desde o tempo das conquistas (1066) a memoria dos acontecimentos passados *prœteritorum memoria eventorum,* era considerada uma das primeiras qualidades que deviam distinguir os que pretendiam ser *legibus patriœ optime instituti.*

« Si o grande Montesquieu conhecesse melhor a historia de Inglaterra, si tivesse accompanhado a lenta elaboração dessa admiravel constituição que tanto o impressionou, não teria commettido o êrro de apreciação, que o levou a conceber a sua celebre theoria da divisão dos poderes rigidamente mechanica, funccionando automaticamente, quando ella não passa de uma applicação da lei economica da divisão do trabalho.

« O que é essencial nos regimens livres é a discriminação das *funcções* e não a impracticada e impracticavel *separação absoluta dos poderes.*

« Cada vez mais se apura o conceito da Historia, que não é mais considerada como a fria expositora de factos e datas, e sim como a mestra inegualavel, que na licção do passado perscruta as leis do futuro.

« Accentuando esse conceito da Historia em uma das suas conferencias magistraes sôbre a civilização nos cinco primeiros seculos do Christianismo, Emilio Castelar pronunciou as seguintes palavras, dignas de meditado estudo, e que não commetterei a profanação de traduzir :

« Señores, la historia que en otro tiempo era una arte, sin « más objeto que narrar los hechos, hoy es una ciencia, una filo- « sofia en que los hechos vienen a ser la forma de las ideas ; y « el encadenamiento de los hechos una logica viva e real, un « sistema de leys incontestables. El que ejerce el ministerio su- « blime de historiador, ministerio que tiene algo de santo, de « divino, puez juzga el secreto impenetrable de los sepulcros, el

«alma de las geraciones pasadas, se ve obligado a congregar
«las geraciones presentes, y con toda la superioridad de un juez
«enseñarles los grandes castigos, los grandes escarmientos que
«guardan siempre á los poderes que violan la justicia, á los
«pueblos que desconocen sus derechos; enseñanza provechosi-
«sima que sobre todos los tiempos entrañan estos primeros
«cinco siglos del Cristianismo, en que el Imperio romano y su
«decadencia enseña á las naciones todos los horrores que caen
«sobre ellas *cuando se entrega á la voluntad de un solo hom-
«bre;* y la muerte de la aristocracia romana enseña á los suber-
«bios que el privilegio se clava como un puñal en el corazon de
«los privilegiados; *y el predominio de los pretorianos enseña á
«los fuertes que en toda sociedad quando manda el ejercito,
«destinado siempre á obedecer, viene la guerra social y tras
«la guerra social la dictadura, la organizacion del despotis-
«mo «el envilecimento, la muerte; y la corrupcion de las mu-
«chedumbres romanas, tan felices, tan bien alimentadas y sos-
«tenidas, tan agasajadas por el poder, tan ociosas, enseña á
«los pueblos que su redencion social esta en el trabajo, que no
«les basta tener assegurado por la sociedad el pan de cada dia
«sino la liberdad, que el orden supremo, el derecho, la ley
«eterna de nuestra naturaleza.*»

«Comprehendendo desde os mais verdes annos que um jurisconsulto não póde deixar de ser ao mesmo tempo um philosopho e um historiador, o desembargador Lima Drummond, no collegio Pedro II, aprofundou o estudo da Philosophia e da Historia de tal fórma que, quando se bacharelou em 1882, foi approvado com distincção e louvor em ambas as disciplinas, sendo essas, aliás, as duas unicas distincções com louvor concedidas naquelle anno.

«Como orador da commissão, que representou o Collegio Pedro II no Congresso Academico em homenagem ao marquez de Pombal, pronunciou um discurso no qual, na opinião do *Diario Illustrado,* de Lisboa, revelou dotes de notavel orador, havendo trechos de inspiração e eloquencia, que só um orador consummado e de talento os póde ter.

«Em 1883 realizou no Lyceu de Artes e Officios a quinta

conferencia academica, tomando por thema a *Conjuração Mineira,* mostrando conhecer perfeitamente o mais interessante episodio da nossa historia no regimen colonial, e estereotypando a sua alma de moço, ardente e sonhadora, na seguinte phrase: «onde vicejam os lyrios da esperança, crestam-se os cyprestes da descrença.»

« Na sua muito erudita obra — *Direito Criminal* — (resumo de prelecções) fez no capitulo IV o historico do direito penal patrio e extrangeiro; e em outro trabalho seu — *Estudos de Direito Criminal,* encontramos proficientemente explanada a formação historica do Direito Nacional.

« Dentre muitos outros trabalhos historicos, do desembargador Lima Drummond, de incontestavel merecimento, destacarei os seguintes: *Discurso proferido na sessão solenne do Congresso Academico,* 5 de Julho de 1885; *Elogios historicos* (pronunciados como orador do Instituto dos Bachareis em Lettras), de uma longa série de consocios illustres, dentre os quaes destacarei o sancto bispo de Marianna — d. Antonio Maria Corrêa de Sá e Benevides; *Memoria historica da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes,* 1895; e o discurso pronunciado no Club Academico, na sessão realizada em 13 de Janeiro de 1903, em homenagem ao nosso inexquecivel, e por tantos titulos eminente, presidente, o sr. barão do Rio Branco, discurso que é uma verdadeira joia litteraria.

« A Commissão de Historia, portanto, é de parecer que o desembargador João da Costa Lima Drummond tem, de sobejo, titulos que justificam a sua inclusão entre os socios effectivos do nosso Instituto, accrescentando que será muito proveitosa aos nossos trabalhos a collaboração de um espirito tão lucido e tão superiormente cultivado.

« Sala das commissões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 1 de Maio de 1912. — *Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro,* relator. — *Clovis Bevilaqua. — Benjamin Franklin Ramiz Galvão.* »

Approvado unanimemente. Vae á commissão de admissão de socios; relator, o sr. dr. Antonio Olyntho.

— « O sr. major dr. Liberato Bittencourt dedica ao Instituto

e offerece como titulo de sua admissão ao nosso quadro social a memoria intitulada *Psychologia do Barão do Rio Branco,* que foi escripta, segundo informa o auctor, nos septe dias que decorreram de 15 a 22 de Fevereiro do corrente anno.

« Pesava ainda sôbre a Patria a intensa magua pela perda do nosso eminente e glorioso presidente.

« Sob a pressão desse lucto nacional quiz « prestar sincera « e duradoura homenagem ao forte espirito que nestes ultimos « tempos mais amou as classes armadas do paiz. »

« Para isso estuda-o em sua origem (*Genealogia*), na sua formação (*Organização physica*) e em seu desenvolvimento através do tempo (*Biographia*). Depois, em um largo capitulo intitulado *Idéas finalisticas* aprecia o sr. major Bittencourt os eminentes predicados de espirito e de character, que fizeram de Rio Branco « um vulto verdadeiramente magestatico e um dos maiores Brasileiros do seu tempo », segundo a propria expressão do biographo.

« Temos por justissima esta homenagem prestada ao grande vencedor de Missões e Amapá, e, si o methodo original do escriptor póde soffrer talvez algum reparo quanto a minudencias, nem por isso o trabalho desmerece da magnitude do assumpto.

« A memoria do sr. major L. Bittencourt é producto de um espirito notavelmente culto, além de inspirada no mais acendrado patriotismo e em um grande amor á verdade. A phrase de Wilson, que lhe serve de epigraphe, foi sem duvida o seu norte : « I write simply the truth of history. »

« O auctor merece entrar para a phalange dos nossos bons cultores da verdade historica.

« Sala das sessões do Instituto Historico, 28 de Abril de 1912. — *B. F. Ramiz Galvão,* relator. — *Clovis Bevilaqua.* — *Viveiros de Castro.*»

Approvado unanimemente. Vae á Commissão de admissão de socios ; relator, o sr. dr. Miguel de Carvalho.

— « O dr. Afranio de Mello Franco é um espirito affeiçoado aos estudos da Historia e do Direito, conscio de que esses dous ramos do saber andam, hoje, indissoluvelmente unidos, por isso que não se comprehende bem a funcção de um instituto, a es-

phera exacta de sua acção sem lhe ter, primeiramente, examinado a origem, sob a pressão das necessidades do momento e a evolução determinada pelas influencias divergentes ou harmonicas dos outros phenomenos sociaes, que o modificaram ou desenvolveram.

« Na monographia *Homenagem ao barão do Rio Branco,* o dr. Mello Franco deixou claramente ver que um estudo reflectido da Historia patria lhe deu a intuição verdadeira dos graves problemas de politica internacional, que o Brasil teve de resolver desde que se lançaram as primeiras sementes de sua nacionalidade, até que, na posse plena da soberania, teve de enfrentar interesses extranhos, que era preciso combater, affastar ou respeitar em sua marcha para o futuro, ao impulso do patriotismo dos seus filhos e sob a egide sagrada da justiça, que tem sido a nossa fôrça nas contendas travadas perante o elevado pretorio, onde os povos cultos se reunem para ouvir a voz do Direito.

« Esses mesmos estudos historicos esclareceram-lhe a intelligencia bem formada, para comprehender o valor excepcional do homem que foi, no seu tempo, a mais bella e mais forte expressão da alma collectiva do povo brasileiro, o egregio barão do Rio Branco, em cuja mente poderosa se equilibravam a fôrça consideravel da tradição, que representa as ufanias do passado, e a energia propulsiva das aspirações de grandeza e de cultura.

« Sobram, pois, titulos ao dr. Afranio de Mello Franco para vir collaborar comnosco, para que esperemos delle preciosos fructos colhidos no labor, que emprehendemos em commum. E o Instituto admittindo-o no seu seio, ao mesmo tempo em que faz justiça aos merecimentos do distincto Brasileiro, colhe uma excellente opportunidade para dar arrhas de seu reconhecimento a quem, de coração, já era nosso confrade, pelo muito que, no Congresso, se exforçou em beneficio do Instituto.

« Sala das commissões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 2 de Maio de 1912. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *B. F. Ramiz Galvão.* — *Viveiros de Castro.* »

Approvado unanimemente. Vae á Commissão de admissão de socios ; relator, o sr. capitão de mar e guerra Gomes Pereira.

— « *Subsidios para a Historia do Brasil — Os Deputados*

brasileiros nas côrtes geraes de 1821, por M. E. Gomes de Carvalho. Porto. Livraria Chardron, 1912, in-8.º, de 426 pags., 4 fls. (0,m143×0,m080).

«É a valiosa publicação em que se compendiam os importantes successos da nossa Historia, de 1821 a 1822, e particularmente o papel que representaram os deputados do Brasil nas côrtes reunidas em Lisboa, em 1821, para a discussão e votação da nova lei constitucional da monarchia portugueza.

«Pela primeira vez se acha reunida em volume e ponderadamente criticada essa discussão vehemente e lucida travada entre os delegados brasileiros, que pugnavam pelos direitos da Patria, e a cohorte numerosa dos representantes da metropole, que sonhavam reduzir o Brasil á antiga condição subalterna de colonia. Peleja memoravel aquella, em que Lino Coutinho, Cypriano Barata, Antonio Carlos, Villela Barbosa, Vergueiro, Araujo Lima, Moniz Tavares e outros contrastaram o saber e a argucia de Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Moura, Castello Branco, Trigoso e seus companheiros.

«É sabido que a valorosa cohorte brasileira não conseguiu alli romper o quadrado da maioria portugueza, que aliás contribuiu inconscientemente para apressar a nossa emancipação politica; interessantissimo é, porém, o quadro desses bellos talentos em defesa de principios antagonicos, cuja conciliação era já impossivel conseguir depois dos acontecimentos que se seguiram á vinda da familia real para o Brasil em 1808. Este grande acontecimento decidiu effectivamente da sorte da colonia americana, antecipando talvez de meio seculo a independencia e abrindo-nos francamente as portas do futuro.

«O interessante livro do sr. Gomes de Carvalho é todo baseado em documentos fidedignos e mórmente no *Diario das Côrtes Geraes,* do qual se póde dizer um extracto luminoso e excellentemente commentado.

«Não temos duvida, portanto, em o proclamar titulo sufficiente e muito honroso para a admissão de seu auctor ao gremio do Instituto.

«Sala das commissões, 28 de Abril de 1912. — *B. F. Ramiz Galvão,* relator. — *Viveiros de Castro.* — *Clovis Bevilaqua.* »

Approvado unanimemente. Vae á Commissão de admissão de socios; relator, o sr. commandante Gomes Pereira.

O mesmo sr. secretario lê a seguinte proposta: «Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Nocolas Débanné, secretario do consulado brasileiro em Alexandria, servindo de titulo á sua admissão a conferencia feita no Instituto Egypcio sôbre a individualidade do sr. d. Pedro II, imperador do Brasil.

«Sala das sessões, 4 de Maio de 1812. — ***Radler de Aquino.*** — *José Americo dos Santos.* — *Dr. Pedro Souto Maior.* — ***Max Fleiuss.*** »

Vae á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Viveiros de Castro.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, estando concluidos os trabalhos da sessão extraordinaria, vae declara-la encerrada e, conforme a deliberação do Instituto, abrir a sessão especial para votação dos pareceres da Commissão de admissão de socios.

Levanta-se a sessão extraordinaria ás 4 e 15 da tarde.

SESSÃO ESPECIAL

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Presentes os mesmos socios que compareceram á sessão extraordinaria, abre-se a sessão especial.

São submettidos á votação, por escrutinio secreto, os pareceres da Commissão de admissão de socios relativos aos srs. drs. Julio Fernandez, Rivadavia da Cunha Corrêa, Lauro Severiano Muller, Pedro Augusto Carneiro Lessa, Amaro Cavalcanti, Manuel de Oliveira Lima, barão de Studart, Washington Luiz Pereira de Sousa e Luiz Gastão d'Escragnolle Doria.

Todos esses pareceres são approvados por unanimidade.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) proclama: socios honorarios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

os srs. drs. Julio Fernandez, Rivadavia da Cunha Corrêa e Lauro Severiano Muller; elevados a socios honorarios, os antigos socios effectivos drs. Pedro Augusto Carneiro Lessa e Amaro Cavalcanti; elevados a socios honorarios, os antigos correspondentes dr. Manuel de Oliveira Lima e barão de Studart; socios correspondentes, os srs. drs. Washington Luiz Pereira de Sousa e Luiz Gastão d'Escragnolle Doria.

Determina o sr. presidente que o sr. 1.º secretario perpetuo faça as devidas communicações.

Nada mais havendo a tractar, o SR. PRESIDENTE diz que vae levantar a sessão; antes, porém, de o fazer previne os illustres consocios de que a 2.ª sessão ordinaria será, nos termos dos Estatutos, celebrada em a noite de 13 do corrente. Nessa sessão, para a qual pede a maior assistencia possivel, tomará posse, segundo está informado, o novo e distincto consocio honorario sr. dr. Julio Fernandez, digno ministro da Republica Argentina, e fará sua allocução sôbre a grande data de 13 de Maio o eminente consocio sr. dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa. Seguir-se-ha, na sala da Directoria, a inauguração dos retratos de s. a. a princeza Isabel, a *Redemptora,* de Joaquim Nabuco e sr. conselheiro João Alfredo, revestindo-se, por isso mesmo, da maior solennidade ambas as ceremonias.

Levanta-se a sessão ás 5 horas da tarde.

Radler de Aquino, servindo de 2.º secretario.

SEGUNDA SESSÃO ORDINARIA, EM 13 DE MAIO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 8 horas da noite, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, capitão tenente Francisco Radler de Aquino,

commendador Arthur Guimarães, dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, cardeal d. Joaquim Arcoverde, barão de Alencar, dr. Amaro Cavalcanti, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, dr. José Americo dos Santos, Eduardo Marques Peixoto, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. Pedro Souto Maior, dr. Norival Soares de Freitas, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lamprêa, José Verissimo, dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, Carlos Liz Klett, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, coronel Jesuino da Silva Mello, dr. Alfredo Rocha, Tobias Laureano Figueira de Mello e conde de Leopoldina.

O SR. RADLER DE AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem discussão.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê o seguinte expediente:

Officios:

« Gabinete do Ministro da Justiça e Negocios Interiores, Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1912. Ex.^mo^ sr. 1.º secretario perpetuo do Instituto Historico Geographico Brasileiro. — Accusando recebido o officio de 6 do corrente, em que me communica ter sido eleito, por suffragio unanime, socio honorario de tão douta corporação, peço transmittir aos illustres membros do Instituto meus cordeaes agradecimentos pela insigne honra, com que fui distinguido. Subscrevo-me com apreço — *Rivadavia Corrêa.* » — Inteirado.

—« Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1912. Ex.^mo^ sr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — Tenho a honra de accusar a sua communicação de que, por suffragio unanime dessa honrosa corporação, fui elevado á classe de seus socios honorarios na sessão especial de 4 do corrente mez; e inteirado do que me communica, cumpro o gratissimo dever de manifestar a v. ex.ª e aos demais membros do Instituto o meu sincero reconhecimento por tão elevada honra, que, bem sei, devo á generosidade dos consocios e não ao meu proprio merito e serviços. Creia-me sempre com a maior consideração e apreço. — *Amaro Cavalcanti.* » — Inteirado.

— « Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1912. — Ex.^{mo} sr. presidente e membros do Instituto Historico Geographico Brasileiro. — Tendo recebido o officio de 6 de Maio do corrente anno, em que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, por intermedio do seu secretario perpetuo, me communica ter-me conferido a honra de me elevar da classe dos socios effectivos á dos honorarios, venho muito penhorado, agradecer a v.^{as} ex.^{as} a bondade que tiveram para commigo, outorgando-me tão grande e immerecida distincção, e prometter o que em mim cabe, que é sempre cumprir as ordens do Instituto e exforçar-me, posto que inefficazmente, pelo progresso de tão util e patriotica associação. Queiram v.^{as} ex.^{as} acceitar os protestos de minha profunda consideração. — O socio honorario, *Pedro Lessa.* » — Inteirado.

— « S. Paulo, 11 de Maio de 1912 — Ex.^{mo} sr. dr. Max Fleiuss, dignissimo secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — Tenho a satisfacção de accusar o recebimento do officio, em que v. ex.^{a} me communica que em sessão especial realizada a 4 do corrente o Instituto Historico e Geographico Brasileiro me concedeu a honra de me admittir no seu seio como socio correspondente. Avaliando bem a insigne honra, affirmo a v. ex.^{a} que me exforçarei para della tornar-me digno. Queira v. ex.^{a} acceitar a expressão de minha profunda gratidão e de a tornar conhecida dos sabios e patriotas, que compõem a digna associação. Aproveito a opportunidade para apresentar a v.^{a} ex.^{a} os protestos de minha alta consideração e estima. — *Washington Luiz Pereira de Sousa.*» — Inteirado.

Telegrammas :

« Rio, 13 — Peço a v. ex.^{a} fazer constar da acta que deixo de comparecer á sessão por incommodo de saúde. Saudações. — *Indio do Brasil* » — Inteirado.

« Petropolis, 12 — Penhorada agradeço o amavel telegramma de v. ex.^{a} Caso me seja impossivel descer, meu filho irá por mim. — *Evelina Nabuco.* » — Inteirado.

« Recife, 9 — A Camara dos Deputados, por proposta do deputado dr. Arthur Muniz, manifesta seus agradecimentos em nome do povo pernambucano pela collocação do retrato do notavel patricio Joaquim Nabuco na galeria de honra dessa associa-

*

ção illustre. — *Alexandrino da Rocha*, presidente. — *Arthur Muniz*, 1.º secretario. — *Pedro Velho*, 2.º secretario. » — Inteirado.

« Rio, 13 — Apresento a v. ex.ª na memoravel data de hoje minhas excusas por não poder comparecer á sessão solenne dessa respeitavel instituição em boa hora confiada á reconhecida illustração e patriotismo de v. ex.ª Saudações cordiaes. — Coronel *Alexandre Barreto*. » — Inteirado.

« Rio, 13 — Penhorado com o honroso convite, felicito ao eminente amigo pelo brilho, que vae dando á direcção do Instituto, em boa hora entregue a seu talento e patriotismo — *Aloysio de Castro*. » — Inteirado.

O mesmo SR. SECRETARIO lê os seguintes pareceres da commissão de admissão de socios, os quaes, nos termos dos Estatutos, ficam para ser votados na proxima sessão :

« A commissão de admissão de socios julga que a proposta do nome do sr. desembargador João da Costa Lima Drummond para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro está nas condições de ser acceita, por preencher as exigencias dos nossos Estatutos. O sr. desembargador Lima Drummond tem uma reputação feita como laborioso cultor das lettras e da Historia patria, como bem accentuou a commissão de Historia de nosso Instituto ; e este terá no novo socio um collaborador exforçado para os fins a que se propõe.

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1912. — *Antonio Olyntho*, relator. — *Barão de Alencar*. — *A. C. Gomes. Pereira*. »

— « A commissão de admissão de socios reconhece no sr. major dr. Liberato Bittencourt todos os predicados, que o recommendam á geral consideração de que gosa. Assim, é de parecer que a proposta que o indicou para socio correspondente deve ser approvada pelo Instituto.

Rio de Janeiro, 11 de Maio de 1912. — *Miguel J. R. de Carvalho*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *Barão de Alencar*. »

— « A commisão de admissão de socios examinou a proposta apresentada ao Instituto para ser admittido como socio correspondente o dr. Afranio de Mello Franco, e é de parecer que esta proposta está perfeitamente nas condições de ser aç-

ceita, por isso que ao dr. Mello Franco sobram titulos não só para vir collaborar comnosco, como tambem ao nosso reconhecimento, pelo muito que se exforçou no Congresso em beneficio deste Instituto.

Rio de Janeiro, 11 de Maio de 1912. — *A. C. Gomes Pereira*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *Barão de Alencar*. »

— « A commissão de admissão de socios nada tem a oppor á eleição do sr. dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, na classe dos correspondentes. Pensa, pois, que a proposta que apresentou póde ser approvada pelo Instituto.

Rio de Janeiro, 11 de Maio de 1912. — *A. C. Gomes Pereira*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *Barão de Alencar*. »

O mesmo SR. 1.° SECRETARIO PERPETUO lê o parecer abaixo:

— « A' commissão de Geographia, em sessão de 23 de Abril do corrente anno, foi apresentada a proposta relativa ao sr. Francisco Agenor de Noronha Santos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, servindo de base, além de muitos outros, o seu trabalho *Chorographia do Districto Federal* (*Cidade do Rio de Janeiro*). Um simples exame deste interessante quão util trabalho, revelando quanto o seu operoso auctor se tem dedicado ao estudo da nossa Geographia e da nossa Historia, especialmente do Districto Federal, si não fosse por de mais conhecida e apreciada a sua variada collaboração no *Kosmos*, *Renascença*, *Brasil Moderno*, *Brasil Revista*, *O Mez*, *Jornal do Brasíl*, *O Paiz*, *Gazeta de Noticias*, *Jornal do Commercio*, *Diario do Commercio* e outros jornaes do Rio de Janeiro, Pernambuco e Minas Geraes. A approvação e adopção da sua *Chorographia* pelo Conselho Superior de Instrucção é prova evidente do valor desta obra e da competencia do seu auctor.

«A commissão de Geographia está certa de que a admissão do sr. Noronha Santos como socio correspondente ou effectivo representará uma esplendida acquisição para o Instituto.

Sala das commissões, 10 de Maio de 1912. — *Radler de Aquino*, relator. — *A. C. Gomes Pereira*. — *Norival Soares de Freitas*.»

Approvado unanimemente.

Vae á Commissão de admissão de socios, relator o sr. barão de Alencar.

O sr. Fleiuss (*1.º secretario perpetuo*) communica que se acha na sala da directoria o novo socio honorario sr. dr. Julio Fernandez, muito digno ministro da Republica Argentina, o qual vem tomar posse; pede ao sr. Presidente nomeie uma commissão para introduzi-lo no recincto.

O sr. conde de Affonso Celso (*presidente*) nomeia para essa commissão os srs. 1.º e 2.º secretarios e thesoureiro.

Dá entrada no recinto o sr. dr. Julio Fernandez.

O sr. conde de Affonso Celso (*presidente*) dirige-lhe a seguinte allocução.

«Sr. dr. Julio Fernandez — A satisfacção produzida no Instituto pelo vosso ingresso vae breve exprimi-la, em termos condignos, o nosso provecto orador. Importa, porém, assignalar, desde já, uma circunstancia: é a de que entrais para o nosso gremio num dia de festa civica, uma das nossas mais bellas festas civicas, e cuja relevancia dentro em pouco tambem a accentuará uma voz prestigiosa.

«Ha 24 annos, por occasião do acontecimento determinante de tal festa, desfilou imponente em Buenos Aires, acclamando o Brasil, enorme prestito popular, chefiado por dous preclaros expresidentes da Republica — Mitre e Sarmiento. Apraz, sem dúvida, a todos nós recorda-lo, no instante em que esta nossa antiga associação, tabernaculo das tradições nacionaes, acolhe jubilosa, em seu seio, outro eminente Argentino, digno representante de sua nobre Patria.

«Ambas as nações commungam nos mesmos ideaes de liberdade e justiça; ermana-as, em muitas outras cousas, indissoluvel solidariedade.

«Conquistastes, sr. dr. Julio Fernandez, a estima, o apreço, a confiança dos Brasileiros, porque soubestes practicar entre nós a diplomacia, que o Brasil ama e costuma practicar: a diplomacia da lisura e da lealdade, a diplomacia do coração.

«Tendes a palavra, novo consocio, prezadissimo amigo.» (*Palmas*).

O SR. DR. JULIO FERNANDEZ pronunciou então o seguinte discurso :

« Pasé por ves primera los umbrales de esta casa histórica, guiado por el baron de Rio-Branco, cuya memoria en ella, asi como en el corazón de los que fuimos sus amigos, será imperecedora.

« Aquella noche, despojado, al parecer, de mas serias preocupaciones, hacia gala el barón de sus gustos de erudito admirador de los hombres y de las cosas que fueron, y dando rienda á zu espiritu de fino mundano, atico y bondadoso al mismo tiempo, iba señalando á mi atención los tesoros de saber y de esperiencia, los mil recuerdos caros al Brasil, que encierran estes severos salones del Instituto.

« Cuando, despues de esa revista atraves del pasado, llegamos á este lugar en que ahora nos encontramos, la sugestión de los recuerdos se habia apoderado por completo de mi espiritu. Sentiame embargado por respetuosa emocion, em medio de aquelles varones ejemplares que habian tenido asiento merecido en esta sala y cuyos nobles esfuerzos en pro de la verdad, de la ciencia y del bienestar de sus conciudadanos, acababa el barón de hacer desfilar ante mis ojos, en instructivo y encantador caleidoscopio.

« Veialos reproducidos y vivos, em mi ilustre guia y en los venerandos ancianos marqués de Paranaguá y barón Homem de Mello ; en el noble visconde de Ouro Preto ; en el infatigable benedictino Vieira Fazenda ; en el tribuno y poeta conde Affonso Celso y en tantos, cuyos nombres creo escusado declinar, pues mejor que yo los conoceis vosotros.

« Y en aquel instante, me fue fácil comprender el real valor del Instituto Histórico y Geográfico Brasilero y los inegables servicios que tiene prestado al Brasil.

« El Instituto ha congregado en su seno durante casi tres geraciones, ofréciendoles un ambiente elevado y propicio á sus diversas aspiraciones y labores, á todos los próceres y hombres ilustres del Brasil y á muchos del estrangero.

« Sus anales, en lo que se refiere á la Historia y a la Geografia del Brasil, son al presente el mejor y mas completo archivo,

á que los estudiosos pueden recurrir y contienen ademas numerosas obras preciadisimas, sobre todos los ramos del saber humano y realmente utiles para la civilización y el progreso del Continente. Fueron pues proféticas las palabras de loor dirigidas á los iniciadores Cunha Mattos y Cunha Barbosa, en el acta de la assembléa que acordó la creación del Instituto « del cual grandes vantajes deberán esperarse en provecho de la patria y para la gloria de sus miembros.

« Muy lejos estava yo de sospechar que la gentil benevolencia del Instituto pudiera un dia concederme, graciosamente, tan honrosa y tan ambicionada distinción; pues, sin falsa modestia, confiso que me siento destituido de méritos personales para merecerla por mis letras, por mi ciencia, ó por mis artes.

« La acepto sin embargo, como la mas alta y valiosa presea que llevo de mi permanencia entre vosotros.

« La acepto como prueba de que reconoceis sincera mi amistad, y de que participais de creencias en mi arraigadas y que recientes sucesos han demonstrado ser patrimonio no solo de los hombres dirigentes, si que tambien de las masas de ambos pueblos, — esclarecidas en el caso por ese sentido comun de todo el mundo — siempre avisado y en lo cierto.

« Y cuando llegado á mi pais enseñe á mis amigos y conciudadanos el titulo de consocio que me habeis acordado y les relate las causales á que fue debido, el será la demonstración palmaria e indubitable de que — aqui como alli — en el sentimiento y en la mente de los hombres mas esclarecidos y representativos, tienen hondas raices los ideales de concordia y confraternidad, que han de permitir que la Argentina y el Brasil, aunando confiada y sinceramiente sus esfuerzos, laboren en comun por su progreso, y con el ejemplo por la paz y la civilización del Continente y por el bienestar de los hombres de trabajo y buena voluntad que arriben á sus playas.

« La inagotable gentileza de la directoria me ha proporcionado la opportunidad de incorporarme al Instituto en la grata compañia de brillantes y conspicuos consocios; y como si esto no fuera bastante en un dia memorable para la humanidad, dia en que el pueblo brasileño subo mostrar todo el caudal de

desinterés y de justicia que constituyen la base de su caracter.

« Al noble pueblo amigo tributo mi loor sincero y entusiata.

« A la Directoria mis agradecimientos; por que esta fecha será para mi por siempre inolvidable. » (*Palmas.*)

Seguiu-se com a palavra o sr. dr. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO (*orador do Instituto*), que pronunciou o seguinte discurso:

« Sr. dr. Julio Fernandez — Orgão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tenho por gratissima tarefa o dever de saudar-vos por occasião da vossa entrada na nossa tenda do trabalho, onde vos vindes sentar, dando-nos muita honra e júbilo sem par.

« Para quem, como eu, tem tambem nas veias uma parcella do nobre sangue argentino, esta missão é duplamente grata; como Brasileiro tenho o prazer de saudar-vos em nome de minha Patria, e como descendente dos Ramirez e Esquiros abraço um illustre compatriota de meus avós.

« Sr. dr. Julio Fernandez. Campeiam deste lado do Atlantico, bafejadas pelas mesmas auras, duas nações amigas, oriundas do mesmo sangue latino, das quaes disse o vosso preclaro presidente Saenz Peña aquella bella phrase inspirada: « Tudo nos liga, nada nos separa ».

« De facto assim é. Pouco depois de Cabral aportar ás nossas plagas, Dias Solis perlustrou as aguas do vosso bello estuario do Prata. Por tres seculos vivemos ambos sob o dominio de sceptros europeus, desbravando esta gloriosa terra americana, á qual certo a Providencia destina esplendido futuro.

« Ao despontar do seculo XIX, cansados do jugo extranho e conscios da propria fôrça, levantámos ambos o labaro da independencia: o povo argentino, declarando-a solennemente a 9 de Julho de 1816, no Congresso de Tucuman; o Brasil seis annos mais tarde, a 7 de Septembro de 1822, á beira do Ipiranga, pela voz do proprio principe d. Pedro, cuja alma fogosa accudiu aos reclamos de um grupo de immortaes patriotas.

« Senhores, alfim, dos nossos destinos rompemos caminho na Historia, luctando com a inexperiencia e com as paixões irrequie-

tas da juventude, mas inflammados de um mesmo sancto amor da liberdade e de uma ancia irreprimivel de progresso : a vossa patria, sr. dr. Julio Fernandez, menos tranquilla talvez do que a nossa no inicio de sua vida autonoma, porque lhe faltou a acção ponderada de um magnanimo Pedro II — typo venerando de honestidade, de desinteresse e de patriotismo ; a nossa, perturbada nos primeiros annos por agitações locaes, mas obediente por fim á voz da razão, que nos deu um largo periodo de paz interna devotada ás grandes obras do desenvolvimento material e moral do paiz.

« Neste percurso de quasi um seculo tivemos uma hora solenne de confraternização mais estreita, quando lado a lado, alliando energias e sacrificios, tivemos de luctar pela liberdade de um valente povo ermão inutilmente victimado pela cegueira de um despota. Nesses campos, e batendo aquellas formidaveis fortalezas, o sangue argentino se derramou de mixtura com o sangue brasileiro, gemeram unisonas as nossas almas, choraram na mesma hora as nossas mães.

« De então por deante, de 40 annos a esta parte, o voto constante dos nossos govêrnos, o phanal sacrosancto dos nossos mais illustres diplomatas na Monarchia e na Republica foi a consolidação fructuosa da harmonia e da paz. Para esta obra bendicta e lucida, ambicionada pelos dous povos, ninguem ignora que relevante e extraordinario serviço prestou o immortal Rio-Branco—o grande chanceller — cuja memoria dissestes com toda a razão « será immorredoura nesta casa como no coração dos amigos », e, permitti-me que accrescente, immorredoura tambem nos annaes da Historia Americana.

« Pois bem. Nesta obra de confraternização teve parte o vosso nome, illustrado consocio, como interprete fiel e exclarecido dos sentimentos do govêrno argentino, como conquistador das nossas sympathias pelos vossos altos meritos intellectuaes e moraes. A sociedade brasileira já vos acolhia como dilecto amigo e ermão. O Instituto Historico e Geographico Brasileiro não fez, pois, sinão ratificar o consenso geral, collocando-vos na galeria illuminada pelos nomes de Sarmiento, Bartolomeu Mitre, Julio Roca, Ramón Cárcano e Roque Saenz Peña. Ao lado destes proceres da men-

talidade e da politica argentina, que vivem nos nossos corações fraternos com admiração e affecto, o vosso nome não será jámais exquecido.

« Ides, sr. dr. Julio Fernandez, tornar ao seio da patria, que, certo, vos receberá com jubilo e desvanecida dos optimos serviços diplomaticos aqui prestados. Dizei a vossos dignos compatriotas que na terra brasileira ha uma aspiração e um desejo vehemente: é que os dous povos ermãos cada vez mais se liguem pelos laços de uma sympathia duradoura, á cuja sombra prosperem para maior gloria do continente sul-americano. Dizei-lhes que, na voz cantante dos nossos rios, as aguas rumorosas ou placidas do Paraná e do Uruguai vão sempre levar-lhes applauso pelos seus triumphos ou doces confidencias de amizade sincera. Com taes triumphos nos envaidamos; com essa amizade seremos fortes para as incruentas conquistas da civilização.

« Galernos bonançosos vos conduzam, sr. dr. Julio Fernandez, ao seio dessa opulenta capital platina, que é um dos mais bellos florões da nossa raça.

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, orgulhoso de contar-vos entre seus membros, tambem espera confiadamente que o não exqueçaes. « Tudo nos liga, nada nos separa ! » (*Palmas.*)

Em seguida o Sr. PRESIDENTE dá a palavra ao sr. dr. Pedro Lessa, que proferiu uma allocução sôbre a data de *Treze de Maio*, fazendo synthetico estudo da historia da escravidão no Brasil, das leis de repressão do trafico, sôbre a intervenção da Inglaterra, e quanto á marcha dos acontecimentos que deram em resultado as leis de 1871, 1885 e 1888, referindo-se aos auctores e propagandistas dos grandes movimentos. (*O orador foi muito applaudido.*)

Após esse discurso o SR. PRESIDENTE, agradecendo a presença do sr. coronel Luiz Barbedo, representante de s. ex.a o sr. presidente da Republica, e dos demais representantes dos membros do govêrno, a do sr. general de divisão dr. Antonio Geraldo de Sousa Aguiar, inspector da 9.a região militar, senhoras e cavalheiros, convidou o auditorio a assistir, na sala da directoria,

á inauguração dos retratos de s. a. a princeza Izabel, a *Redemptora*, de Joaquim Nabuco e do sr. Conselheiro João Alfredo.

Disse mais o SR. PRESIDENTE que a proxima sessão ordinaria se realizará no dia 11 de Junho proximo, fazendo o distincto consocio sr. almirante barão de Teffé um discurso sôbre a gloriosa data da nossa marinha de guerra e inaugurando-se depois, na sala da directoria, o retrato desse illustre consocio. Nada mais havendo a tractar, levantou-se a sessão ás 9 $^{1}/_{2}$ da noite.

Radler de Aquino, servindo do 2.° secretario.

2.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 27 DE MAIO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 3 horas da tarde, presentes os srs. conde de Affonso Celso, Max Fleiuss, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, drs. Julio Fernandez, Augusto Olympio Viveiros de Castro, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, comendador Tobias Laureano Figueira de Mello, drs. José Americo dos Santos, Norival Soares de Freitas, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Pedro Souto Maior e Eduardo Marques Peixoto, abre-se a sessão.

O SR. RADLER DE AQUINO (*servindo de 2.° secretario*) lê a acta da sessão anterior, a qual é sem discussão approvada.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) declara ter mandado convocar a presente sessão extraordinaria para o fim de se proceder á votação de quatro pareceres da commissão de admissão de socios, lidos na sessão passada, e para serem tambem lidos outros pareceres.

(*Comparecem mais os srs. drs. Gastão Ruch e Antonio Jansen do Paço. O sr. dr. Gastão Ruch assume, a convite do sr. presidente, o seu logar de 2.° secretario effectivo*).

O SR. FLEIUSS (*1.° secretario perpetuo*) communica a ausencia

do sr. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 1.º vice-presidente, que por justo motivo deixa de comparecer.

O mesmo sr. 1.º secretario perpetuo lê o seguinte expediente:

Officio do dr. Flavio Marojo, presidente do Instituto Historico Parahibano, agradecendo a communicação do sr. conde de Affonso Celso de haver assumido a presidencia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — Inteirado.

— Officio do consocio dr. Affonso Arinos de Mello Franco, datado de Paris, no mesmo sentido. — Inteirado.

— Officio do mesmo consocio dr. Affonso Arinos, acceitando a incumbencia de representar o Instituto no Congresso de Americanistas de Londres. — Inteirado, agradeça-se.

— Ex.mo sr. dr. Presidente do Instituto Historico. Entre as victimas da catastrophe do *Titanic* conta-se o notabilissimo homem de lettras e jornalista W. T. Stead, director da *Review of Reviews*, uma das mais preciosas da lingua ingleza.

« Tenho alguns numeros truncados de diversos annos da *Review* de Stead, que offereço ao Instituto, em que brilham tantos cultores de sciencias e lettras, que não limitam os seus estudos ao que se refere ao Brasil.

« Offereço egualmente o exemplar de um numero do *Cristmas annual* da *Illustrated London News*, onde se lê magnifica biographia do grande Nelson.

« Espero ainda merecer de v. ex.ª e de outros consocios recordações saudosas da amistosa convivencia, com que fui honrado enquanto pude frequentar essa casa.

« Tenho a satisfacção de assignar-me. De v. ex.ª collega, obrigado, *Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho* — Rio, 26-5-912. »

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) declara que a offerta do sr. dr. Leite Velho é recebida com grande satisfacção e reconhecimento, e lamenta que o digno offertante se ache impossibilitado de comparecer assiduamente ás sessões do Instituto, onde conta tantos amigos e apreciadores.

O mesmo SR. 1.º SECRETARIO lê ainda os seguintes officios:

« Gabinete do Ministro das Relações Exteriores — Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1912. — Ill.mo sr. Max Fleiuss, primeiro se-

cretário perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Muito me penhorou a honra que me conferiu o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, elegendo-me por suffragio unanime seu socio honorario, conforme v. s. teve a benevolencia de me communicar em officio de 6 do corrente. Assegurando a essa benemerita instituição, com os meus mais sinceros agradecimentos, a minha admiração pelos seus grandes serviços ao Brasil e o minguado contingente do meu exforço pessoal no que respeito lhe disser, aproveito a opportunidade para renovar a v. s. os protestos da minha mui distincta consideração. — *Lauro Müller.* » — Inteirado.

— « Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1912.

« Tenho a subida honra de accusar o grato recebimento do officio de v. ex.ª de 6 de Maio corrente, no qual se digna scientificar-me que, por suffragio unanime, em sessão especial de 4 de Maio tambem corrente, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em sua generosa sabedoria, entendeu eleger-me seu socio correspondente.

« Penhoradissimo, agradeço ao Instituto a sua prova de benevolencia. Torna-me um élo da cadeia de trabalhos e de trabalhadores, que recommendam tão illustre e quasi secular companhia á gratidão do Brasil e da Historia patria.

« Envidarei exforços para corresponder ás distincções dispensadas pela bondade do Instituto, associação na qual tiveram assento varios antepassados meus e á qual, no tracto do estudo e na constancia das pesquizas historicas, me habituei a tributar profundo respeito, hoje mesclado de intenso reconhecimento.

« Deus guarde a v. ex.ª — Ill.mo ex.mo sr. Max Fleiuss, m .d. 1.º secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — LUIZ GASTÃO D'ESCRAGNOLLE DORIA. » — Inteirado.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) requer que seja incluido, como annexo, na acta da presente sessão o brilhantissimo discurso pronunciado pelo sr. presidente do Instituto no dia 13 de Maio ultimo, quando, na sala da directoria, inaugurou os retratos de sua alteza a princeza Izabel, de Joaquim Nabuco e do sr. conselheiro João Alfredo.

O Instituto, por unanimidade, approva o requerimento do sr. Fleiuss.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) agradece não só a proposta como a bondade do Instituto acceitando-a.

O mesmo sr. secretario lê depois os seguintes pereceres da commissão de Historia:

«O livro do sr. dr. Helio Lobo sôbre o *Tribunal Arbitral Brasileiro-Boliviano*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910-1911, in-8.º, de VII—171 pags. num. já foi julgado, pois serviu para admissão do seu auctor como membro effectivo do Instituto de Direito Comparado de Bruxellas, mediante proposta do nosso consocio sr. dr. Manuel de Oliveira Lima. Assim consagrado no extrangeiro pelo lado juridico, basta salientar aqui o methodo rigoroso com que foi concebido e escripto e o auxilio que prestará mais tarde ao historiador, quando tiver de estudar o modo, pela qual foram resolvidas as gravissimas questões decorrentes da posse effectiva do territorio do Acre pelos nossos conterraneos e da sua reacquisição pelo Brasil, em virtude do tractado de Petropolis de 17 de Novembro de 1903, um dos grandes e inestimaveis serviços prestados á patria pelo benemerito e saudoso integrador das suas fronteiras. E' pena que não tivesse emprehendido estudo similhante sôbre o tribunal arbitral brasileiro-peruano.

« Sob o titulo — *A Diplomacia Imparcial no Rio da Prata*, tem o sr. dr. Helio Lobo publicado seis capitulos, que constituem valiosissima contribuição para um estudo definitivo da historia diplomatica da guerra do Paraguai. São os seguintes:

« I. O Uruguay — A situação interna. As complicações com os visinhos. (No *Jornal do Commercio* de 20 de Dezembro de 1911).

« II. O Brasil — A situação interior — As relações internacionaes — (No *Jornal do Commercio* de 27 de Janeiro de 1912).

« III. A Camara em 1864. A agitação liberal. O impulso para a intervenção no Sul. (No *Revista Americana* de Janeiro de 1912).

« IV. O Senado — A opinião conservadora. O paiz pela voz da imprensa. (*Jornal do Commercio* de 3 de Março de 1912).

« V. O emissario brasileiro — José Antonio Saraiva. As ins-

trucções do govêrno imperial. (Na *Revista Americana* de Fevereiro de 1912.)

« VI. Montevidéo — A chegada da missão. O Brasil, réo do crime de conquista. (No *Jornal do Commercio* de 6 de Abril de 1912.)

« A intenção do auctor, ao emprehender esse estudo, era examinar a diplomacia imperial no Rio da Prata antes, durante e depois da guerra do Paraguai. E' sua intenção tambem ampliar mais tarde, em volume, esse trabalho, por elle modestamente considerado simples esbôço provisorio.

« A commissão faz votos para que ambas as promessas sejam cumpridas. O simples esbôço provisorio, tal como tem sido delineado e exposto, merece ser concluido. A importancia capital do assumpto na nossa Historia nacional reclama e exige o estudo definitivo ampliado em volume. Em todo caso, para que se não perca o que já corre publicado, esparso em quatro numeros do *Jornal do Commercio* e em dous da *Revista Americana*, a commissão propõe ao Instituto que esse estudo seja reproduzido nas paginas da nossa *Revista*, onde figurarão condignamente, ao lado de outras monographias especiaes.

« O Instituto póde considerar essa proposta da commissão como a affirmação categorica de que o sr. dr. Helio Lobo merece ser acolhido no nosso gremio. E' um apaixonado investigador da Historia nacional, que se tem especializado no estudo da nossa Historia diplomatica, ainda tão pouco conhecida. O relator dá testimunho pessoal das pacientes e minuciosas investigações constantemente emprehendidas pelo recipiendario antes de escrever os seus trabalhos.

« Embora não tenham sido apresentados como titulo de sua admissão no Instituto, convém declarar que o sr. dr. Helio Lobo escreveu ainda mais seis ensaios de Historia diplomatica do continente americano, já publicados esparsamente, agora reunidos em volume, em via de conclusão, já quasi impresso.

« São os seguintes :

« — *Entre George Canning e James Monroe* (1823).

— *A assembléa do Isthmo de Panamá* (1826).

— *A primeira Conferencia de Lima* (1847).

— *A Assembléa de Buenos Aires* (1910).

— *Tentativas de uma codificação* (1826-1912).

— *A America Latina e a Diplomacia do Imperio* (1822-1912).

« Esses ensaios foram publicados no *Jornal do Commercio*, nos numeros de 24 e 30 de Dezembro de 1910; 10 e 13 de Janeiro de 1911; 8 e 9 de Março de 1911; 20 de Abril de 1911; e ainda na *Revista Americana*, nos numeros de Outubro de 1909, Maio de 1910 e Abril de 1911. — Rio de Janeiro, 26 de Maio de 1912.

— *Antonio Jansen do Paço*, relator.— *Viveiros de Castro.— Ramiz Galvão.* — *Clovis Bevilaqua.* »

« — P. S. Já estava escripto este parecer, quando verifiquei que no mez corrente, no *Jornal do Commercio* do dia 9, foi publicado mais um capitulo d'A *diplomacia imperial no Rio da Prata*; o que prova que o sr. dr. Helio Lobo continúa a occupar-se do assumpto.

« Eis o titulo do referido capitulo:

« VII.— *Preliminares.* — *O inicio das negociações.* — *Saraiva deixa de parte as instrucções imperiaes.*

« Sou, finalmente, informado de que outros dous estão promptos, devendo ser publicados dentro em breve.

« *Era ut supra.* — *Antonio Jansen do Paço*, relator. »

Approvado unanimemente, vae á Commissão de admissão de socios, relator o sr. dr. Miguel de Carvalho.

— « O *Inferno Verde*, do dr. Alberto Rangel, não é, meramente, um livro de ficção, em que tenhamos de apreciar, sómente, as audacias da concepção, os primores da fórma, que neste livro são realmente notaveis, e a originalidade com que são traduzidas, em phrases de uma tonalidade propria, as emoções de uma alma de artista deante de um mundo em formação, no qual o homem se sente ainda mesquinho deante das forças formidaveis da natureza, que o apertam no circulo de suas exigencias e o esmagam sob o pêzo de sua grandeza.

« Artista é, sem duvida, Alberto Rangel, mas, no *Inferno Verde*, a sua arte é filha da observação, os seus quadros são pinturas da natureza amazonense, e o entrecho das suas narrativas, com o jogo das paixões, os torvos soffrimentos, as mágoas que

abatem os animos e mudam a feição da vida, é a representação das scenas reaes, que o auctor viu desdobrar-se, deante de seus olhos, numa sociedade incipiente, que vae avançando na conquista das terras, num combate asperrimo, em que tombam os corpos e succumbem os sentimentos da benevolencia, deixando, em desagradavel nudez, o egoïsmo implacavel.

« A Historia não é, simplesmente, a exposição dos acontecimentos politicos, feita abstracção do meio physico e do estado de cultura dos espiritos. Como observação dos phenomenos sociaes, ella tem que attender a todas as condições, que os tornam possiveis, e aos elementos de que se compõem. E quem estudar a Historia do Brasil e, em particular, a Historia regional da Amazonia, neste periodo de desbravamento do solo, para bem comprehender a transformação social das mattas amazonenses, pelo heroïsmo obscuro do seringueiro, remontando o curso sinuoso e incerto dos rios, ha de encontrar, nesses desenhos vigorosos de Alberto Rangel, um subsidio inestimavel.

« As qualidades superiores de observação dos phenomenos sociaes, que o dr. Alberto Rangel revelou nesse livro commovedor, que titulou de *Inferno Verde*, hão de lhe assignalar um logar distincto entre os historiadores patrios, e o Instituto muito lucrará abrindo as suas portas a tão emerito patricio.

Rio de Janeiro, 25 de Maio de 1912. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *Viveiros de Castro*. — *Antonio Jansen do Paço*. — *Dr. Ramiz Galvão*. »

Approvado unanimemente, vae á commissão de admissão de socios, relator o sr. dr. Antonio Olyntho.

— « Ex.^{mos} srs. presidente e membros do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — A commissão incumbida de examinar a proposta da eleição do desembargador Ataulfo Napoles de Paiva para socio effectivo, ou correspondente do Instituto, vem apresentar o seu parecer.

« Junctamente com a proposta foram enviados á Commissão varios trabalhos do desembargador Ataulfo sôbre a Assistencia Publica, trabalhos que tanto hão destacado o auctor como incansavel paladino do moderno conceito da organização juridica da assistencia pelo Estado, ou, o que é expressão equivalente, da

assistencia considerada como uma obrigação correspondente a um direito do individuo. Em meio da renhida lucta, sustentada pelos propugnadores da idéa, com os individualistas philanthropos, que negam o direito de assistencia, por limitarem a acção do Estado á manutenção da ordem juridica e á defesa da sociedade de quaesquer aggressões externas, e pelo temor ás consequencias perigosas que descobrem no reconhecimento desse direito, constantes perturbações da ordem, conflictos e revoluções, e com os darwinistas, que tudo esperam da lucta pela vida como meio de produzir a selecção dos melhores typos da especie humana, não convindo a assistencia, que faz baixar o nivel das sociedades, sob o aspecto physico, pela conservação artificial dos seus membros mais fracos, e sob o aspecto moral, pela conservação artificial dos seus membros menos aptos para cuidar de si proprios, o desembargador Ataulfo de Paiva defende a causa da sciencia e do bem, peleja exforçadamente o bom combate, e no nosso paiz é um generoso iniciador de um grande movimento social, já adeantado em outras nações civilizadas.

« Esse é o seu merito, além do de illustrado cultor do Direito, e não é pequeno. E, como o Instituto tem suas portas abertas a todos os Brasileiros illustres, que trabalham pelo engrandecimento da Patria, á commissão só é dado applaudir a proposta do desembargador Ataulfo Napoles de Paiva para membro do Instituto.

Saia das commissões, 17 de Maio de 1902. —*Pedro Lessa*, relator. — *Dr. B. F. Ramiz Galvão.* — *Clovis Bevilaqua.* »

Approvado unanimemente, vae á commissão de admissão de socios, relator o sr. barão de Alencar.

Lê ainda o mesmo sr. secretario o seguinte parecer da commissão de admissão de socios:

« A commissão de admissão de socios examinou a proposta relativa ao sr. Francisco Agenor de Noronha Santos e só tem motivos para applaudi-la O sr. Noronha Santos é um conhecido estudioso das cousas historicas, tendo publicado trabalhos que muito o recommendam; é além disso zeloso funccionario publico e digno em tudo da entrada para o Instituto.

Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1912. — *Barão de Alencar*, relator. — *Antonio Olyntho* — *Miguel J. R. de Carvalho.* »

*

Fica, nos termos dos Estatutos, para ser votado na primeira sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, estando concluida a leitura do expediente e dos pareceres vae-se proceder á votação dos pareceres da commissão de admissão de socios, que ficaram sobre a mesa da ultima sessão e relativos aos srs. desembargador João da Costa Lima Drummond, dr. Afranio de Mello Franco, major dr. Liberato Bittencourt e dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho.

Corrido o escrutinio secreto, foram todos esses pareceres approvados por unanimidade e, acto continuo, o sr. presidente proclamou: socio effectivo do Instituto, o sr. desembargador dr. João da Costa Lima Drummond; socios correspondentes, os srs. dr. Afranio de Mello Franco, major dr. Liberato Bittencourt e dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) pede a nomeação de uma commissão para representar o Instituto no embarque do illustre consocio honorario dr. Julio Fernandez, digno ministro da Republica Argentina.

O SR. DR. JULIO FERNANDEZ agradece muito desvanecido esta nova prova de consideração do Instituto, mas pede que não a levem a effeito, por isso que os dignos consocios são homens muito atarefados e poderiam soffrer qualquer constrangimento com essa incumbencia.

O SR. PRESIDENTE põe a votos a proposta do sr. Fleiuss, que é unanimemente approvada, e, acto continuo, nomeia para representarem o Instituto no embarque do dr. Julio Fernandez, os srs. Max Fleiuss, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro e capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira.

Nada mais havendo a tractar, o sr. presidente suspende a sessão, prevenindo os dignos consocios de que a proxima sessão se realizará a 11 de Junho, ás 7,30 horas da noite precisamente, usando da palavra o eminente consocio o sr. almirante barão de Teffé, unico commandante sobrevivente dos que tomaram parte na gloriosa jornada de 11 de Junho de 1865, e que com tanto

lustre pertence ao Instituto, como socio effectivo, desde 27 de Outubro de 1882.

Levanta-se a sessão ás 4,30 da tarde.

Gastão Ruch, 2.º secretario.

ANNEXO

ISABEL A REDEMPTORA, JOAQUIM NABUCO E JOÃO ALFREDO

(Discurso do conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a 13 de Maio, por occasião de se inaugurarem, na sala da directoria do mesmo Instituto, os retratos destes eminentes personagens da abolição)

Eminentissimo sr. cardeal arcebispo, dignissimos representantes da auctoridade, ex.^{mas} senhoras e senhores:

Da guerra hollandeza, sustentada pela perseverança e pelo heroïsmo do Brasil colonial, desajudado da metropole, contra o poderoso neerlandez invasor, disse um notavel espirito: « Não ha exemplo, nos archivos da lembrança humana, de outra lucta travada em analogas condições e com similhante felicidade conseguida. Essa lucta por si só nobilitaria a historia de um povo. »

Mercê de Deus, não é a lucta hollandeza a unica que ennobrece os nossos annaes.

A campanha abolicionista, por exemplo, bem póde ser comparada á Iliade pernambucana.

Na realidade, durou mais tempo do que esta: apresentou difficuldades, crises, perigos equivalentes aos da primeira; acirrou egualmente intensas paixões e feriu valiosos interesses; teve tambem combates renhidos, feitos legendarios, vultos grandiosos, credores de perenne gratidão nacional.

As quatro bellas conquistas de 1831, abolição do trafico; 1871, emancipação dos filhos da mulher escrava; 1885, libertação dos captivos sexagenarios, e 1888, declaração de que extincta se achava a escravidão no Brasil correspondem a victorias como as de Tejucopapo, Casa Forte, Tabocas, ou a repulsa do assalto á Bahia, commandado pelo proprio insigne principe Mauricio de Nassau.

Entre os heroes da guerra hollandeza, a Vidal de Negreiros, galhardo, valoroso, altivo, póde-se contrapôr, na campanha abolicionista, o vulto apollineo de Joaquim Nabuco; ao intrepido negro Henrique Dias, José Patrocinio; a d. Clara Camarão, que batalhava ao lado do intemerato esposo, ou a d. Maria de Sousa, que, já havendo perdido em combate dous filhos e um genro, ao saber caïdo tambem aos golpes do inimigo um terceiro filho, chamou os dous restantes, um de 14, outro de 13 annos, entregou-lhes armas, depois de annunciar-lhes a morte do ermão, e os mandou pelejar, — Isabel a Redemptora, para quem pesou mais o direito de uma raça opprimida do que a posse do throno; ao inclyto Mathias de Albuquerque, o visconde do Rio-Branco; e, finalmente, a Barreto de Meneses, o commandante das nossas tropas nas duas decisivas acções de Guararapes, o conselheiro João Alfredo, que triumphalmente dirigiu as fôrças abolicionistas em ambas as peremptorias consagrações legaes de 1871 e 1888.

Na lembrança e na gratidão do paiz rutilam os serviços e beneficios de Isabel a Redemptora, Joaquim Nabuco e João Alfredo, cuja estatua ideal já foi fundida com os grilhões partidos de tres milhões de escravos.

De Joaquim Nabuco resoam ainda nesta casa as vibrações da voz tribunicia e prophetica.

Delle, como de Rio-Branco, licito é asseverar-se: não morreu; deixou apenas de ser mortal!

No tocante de Isabel a Redemptora, nenhum Brasileiro de consciencia e coração, sejam quaes forem as suas opiniões politicas, ousará desconhecer que sua alteza é uma das mais eminentes mulheres ainda nascidas no Brasil e na America, uma das mais bellas e puras individualidades da Historia contemporanea.

Sempre, e em tudo, digna de sua mãe e do seu magnanimo pae, bem como do augusto esposo, o abnegado commandante em chefe de nossas forças, durante a parte talvez mais ardua da guerra contra Lopez, tres vezes occupou a então joven princeza o posto supremo na administração do imperio, em 1871, 1876 e 1887, sendo que na primeira vez contava sómente 25 annos de edade.

Notabilizaram-se esses tres periodos regenciaes por actos relevantissimos, reveladores, por parte da princeza, de um descortino, uma iniciativa, uma energia, um patriotismo verdadeiramente admiraveis.

Ahi estão como documentos irrefutaveis de tudo isto as nossas collecções de leis.

Bastavam as duas reformas de 1871 e 1888 para aureolar de imperecivel gloria a promulgadora e efficaz promotora de ambas, conferindo-lhe logar de destaque entre as figuras dominadoras, não já dos fastos brasileiros, porém dos universaes.

Com a sr.ª d. Isabel serviram, no character de ministros, summidades como Caxias, Cotegipe, visconde do Rio-Branco, Belisario, Antonio Prado, Ferreira Vianna, Thomaz Coelho, todos os quaes attestaram as altas virtudes civicas e domesticas daquella, a quem Leão XIII distinguiu com a *Rosa de Ouro* e a Republica Franceza tributou excepcionaes homenagens, por occasião da morte de s. m. o sr. d. Pedro II.

O estadista, porém, que por mais tempo e mais efficazmente collaborou com a Redemptora, o que tambem durante o imperio maior numero de annos exerceu o cargo de ministro de Estado, ficando apenas, sob a Republica, a quem do barão do Rio-Branco, foi o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, em cuja larga e fecunda gestão dos negocios publicos se registam, além dos laureis evolucionistas, memoraveis medidas e melhoramentos, quaes, por exemplo, creação da Repartição de Estatistica, fundação de numerosas escholas primarias, reforma do ensino secundario e superior, primeiro recenseamento regular da população do paiz, inicio da remodelação e embellezamento da nossa capital.

Deputado, ministro, presidente de provincia, director da Faculdade do Recife, senador, conselheiro de Estado, presidente do conselho, constantemente, em qualquer posto e occasião, re-

velou-se s. ex.ª um honesto, diligente, um inspirado semeador do progresso e do bem.

E' hoje o venerando superstite dessa geração de pro-homens, que tanto exalçaram o Brasil, no interior e no exterior, alcançando-se para a moeda e para o renome cotação acima do par.

Ao citar a trindade magnifica — Isabel a Redemptora, Joaquim Nabuco e João Alfredo, occorre-me a lembrança das tres formosas estrellas que junctas, no centro da magestosa constellação do Orion, formando o intitulado — Talabarte ou Broquel de Orion, — tanta vez, em mares revoltos, norteiam o nauta para a segurança e o repouso.

Elles, pelos seus exemplos, em agitadas crises, actuaram, de modo analogamente luminoso e orientador, sôbre a alma nacional.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro cumpre, pois, um dever de justiça e corresponde aos intuitos do seu programma collocando nesta sala, que representa o seu modestissimo Pantheon, as imagens dessas tres glorias do Brasil.

No Pantheon da cidade luz, lê-se o célebre distico: « Aos grandes homens a Patria reconhecida ».

Em nossa galeria, vae figurar uma grande mulher.

A despeito da sua exiguidade e singeleza, dessa galeria é licito asseverar-se:

Eis aqui a effigie de alguns benfeitores da Humanidade, — que o são, de certo, entre outros vultos, Isabel a Redemptora, Joaquim Nabuco e João Alfredo, perante cujas effigies nos curvamos e curvaremos todos, com sympathia carinhosa, patriotico orgulho, reconhecimento, veneração. (*Colorosos applausos*).

Tenho a honra de convidar a ex.ma esposa do sr. ministro argentino e o digno representante do ex.mo sr. marechal presidente da Republica a desvendarem os retratos. (*Novos e prolongados applausos*).

3.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 6 DE JUNHO DE 1912

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso

Ás 3 1/2 da tarde, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleuiss, Gastão Ruch, commandante Francisco Radler de Aquino, drs. Norival Soares de Freitas, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Pedro Souto Maior, José Americo dos Santos e commendador Tobias Laureano Figueira de Mello.

O sr. Fleiuss (*1.º secretario perpetuo*) lê a acta da sessão anterior, a qual é, sem debate, approvada.

O mesmo sr. secretario lê o expediente, que consta de uma offerta, do consocio coronel Raimundo Ciriaco Alves da Cunha, de uma lithographia representando a cidade do Pará em 1881.

Chama depois o sr. secretario a attenção do Instituto para a *Noticia Documental* apresentada á Academia das Sciencias de Lisboa pelo consocio Victor Ribeiro, commissario geral do Instituto em Portugal, sôbre «*A fundadora da Igreja do Collegio de Santo Antão (da Companhia de Jesus) e a sua sepultura.*» Nesse trabalho o auctor, um dos mais cultos espiritos do Portugal moderno, refere-se á missão desempenhada em Lisboa no anno de 1907 pelo então auxiliar da secretaria do Instituto, hoje prezado consocio, dr. Norival Soares de Freitas, transcrevendo o sr. Ribeiro a lista dos documentos do Cartorio dos Jesuitas, existentes no Archivo Nacional da Torre do Tombo, referentes a Mem de Sá e sua herança, lista incluida no relatorio do dr. Norival e que se lê na parte 2.ª do tomo LXX da *Revista do Instituto*.

O sr. conde de Affonso Celso (*presidente*) diz que o Instituto muito agradece as offertas, accentuando que a referencia ao nome do dr. Norival Soares de Freitas é tambem sobremodo lisonjeira ao Instituto.

O mesmo sr. presidente diz que mandou convocar a presente sessão extraordinaria para o fim de se proceder á votação do parecer da commissão de admissão de socios, lido na ultima sessão e bem assim para se tomar conhecimento de outros pareceres.

O sr. Gastão Ruch (*2.º secretario*) lê o seguinte parecer da Commissão de Historia, o qual é unanimemente approvado e remettido á Commissão de admissão de socios, sendo relator o sr. dr. Manuel Cicero :

« Deseja pertencer ao gremio do nosso Instituto Historico o sr. Antonio Gomes do Carmo.

« Apresenta o candidato como titulo de admissão o seu interessante trabalho — *O Problema Nacional da Producção do Trigo no Brasil*, verdadeira monographia de 324 paginas completa sôbre o assumpto, e na qual occorrem além de retratos várias illustrações, mappas e quadros estatisticos.

« Tal trabalho por sua opportunidade merece com razão elogios de quantos se interessem pelo progresso da lavoura e das industrias do Brasil.

« Formado em Agronomia, antigo agricultor e hoje funccionario de alta categoria no Ministerio da agricultura, o sr. Carmo tem firmado a sua competencia, dando á imprensa muitas outras memorias de aturado estudo e observação, recommendaveis pelo cunho práctico por que são estudados varios problemas relativos ás differentes zonas deste vasto e uberrimo paiz.

« Da monographia apresentada á commissão infra inscripta, destaca-se minuciosa parte historica sôbre o trigo do Brasil, sua cultura, florescimento e decadencia.

« Baseado em documentos, uns impressos e outros ineditos, o sr. Carmo mostra grande erudição e muito gôsto pelos estudos da Historia, principal objectivo de nossas locubrações.

« Bastaria essa primeira parte para que o auctor da *Producção Nacional do Trigo* pudesse, com justo direito, vir fazer parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Na segunda parte da sua memoria estuda o sr. Carmo a questão de saber porque a cultura do trigo, florescente nos tempos coloniaes, maxime no Rio Grande do Sul, caïu em plena decadencia de 1811 em deante.

« Será possivel dar-lhe novo incremento, fazê-la renovar com proveito e utilidade ?

« Sim, responde o sr. Carmo. Basta debellar o mal chamado a *ferrugem*. Para tão proficuo commettimento estuda o sr. Carmo

as qualidades dos terrenos aptos para o plantio da util e preciosa graminea, bem como os meios possiveis de debellar aquelle mal, quando venha a apparecer. De tudo conclue a commissão: o candidato, além do seu espirito de combatividade patriotica, é operoso cooperador de nosso progresso.

« Está, pois, o sr. Carmo no caso de ser bem recebido no meio de nossos confrades, em cujas fileiras mostrará dedicação e empregará proveitosos exforços em pról do Instituto Historico.

Rio, 28 de Novembro de 1911. — *Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho*, relator. — *Ramiz Galvão.* — *A. Jansen do Paço.* »

O mesmo sr. 2.º secretario lê os seguintes pareceres da Commissão de admissão de socios:

—« A Commissão de admissão de socios examinou a proposta relativa ao sr. dr. Helio Lobo, sôbre a qual a digna commissão de Historia emittiu brilhante parecer, já approvado pelo Instituto. Nos termos do art. 39 dos Estatutos cabe á commissão de admissão de socios syndicar da individualidade do candidato, de suas condições de idoneidade e conveniencia de sua admissão. Ora, o sr. dr. Helio Lobo, funccionario superior do Ministerio das Relações Exteriores, reune vantajosamente todos os predicados necessarios para fazer parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e, por isso, a commissão manifesta o seu juizo, opinando pela approvação da referida proposta. — Rio de Janeiro, 30 de Maio de 1912. — *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho,* relator. — *Antonio Olyntho* — *A. C. Gomes Pereira.* »

Fica para ser votada na primeira sessão.

— « Pensa a Commissão de admissão de socios que o sr. dr. Alberto Rangel póde muito justamente ser admittido como membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Tracta-se de um engenheiro distincto, auctor de varios trabalhos da sua profissão e de outros de character litterario e historico, um dos quaes a Commissão de Historia julgou digno de applausos.

« Chamando ao seu gremio o sr. dr. Alberto Rangel, o Instituto adquirirá mais um dedicado trabalhador das nobres tarefas que lhe constituem o escopo.

Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1912. — *Antonio Olyntho*, relator. — *Manuel Cicero*. — *Miguel J. R. de Carvalho*. »

Fica para ser votado na primeira sessão.

— « A Commissão de admissão de socios entende que deve ser approvada a proposta que indica o sr. desembargador Ataulfo Napoles de Paiva para socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. O sr. desembargador Ataulfo de Paiva é o presidente da Côrte de Appellação, o mais elevado posto na magistratura local, e goza merecidamente de geraes sympathias. A commissão está certa de que ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. desembargador Ataulfo prestará os melhores serviços.

Rio, 1 de Junho de 1912. — *Barão de Alencar*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *Miguel J. R. de Carvalho*.

Fica para ser votado na primeira sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, estando concluido o expediente e a leitura dos pareceres, vae mandar proceder á votação do parecer da commissão de admissão de socios relativo ao sr. Francisco Agenor de Noronha Santos e lido na ultima sessão.

Corrido o escrutino secreto, é o parecer approvado por unanimidade de votos e o sr. presidente proclama, á vista disso, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Francisco Agenor de Noronha Santos.

O mesmo sr. presidente diz que o Instituto recebeu no dia 4 do corrente a honrosa visita do sr. dr. Rivadavia Corrêa, ministro da Justiça, que tudo examinou com o maior interesse, promettendo coadjuvar, no que fôr possivel, a construcção do novo edificio social. S. ex.ª declarou tambem que breve tomará posse de sua cadeira de socio honorario do Instituto.

O SR. FLEIUSS (1.º *secretario perpetuo*) communica que a commissão nomeada pelo sr. presidente do Instituto, e composta dos srs. dr. Manuel Cicero, 1.º vice-presidente interino, dos socios effectivos dr. Pedro Souto Maior e capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, do bibliothecario dr. José Vieira Fazenda e delle secretario perpetuo, para convidar o ex.mo sr. marechal presidente da Republica para as sessões dos dias 11 e 16 do cor-

rente, cumpriu o seu grato dever, tendo sido cavalheirosamente acolhida pelo sr. presidente da Republica, que prometteu comparecer.

O mesmo sr. 1.º secretario perpetuo diz que, como o Instituto sabe, na proxima sessão do dia 11 de Junho tomará posse o novo e illustre socio effectivo sr. desembargador João da Costa Lima Drummond, usando tambem da palavra nessa sessão o eminente consocio sr. almirante barão de Teffé, que fará um discurso sôbre a gloriosa jornada de 11 de Junho de 1865. Tendo s. ex.ª o sr. presidente da Republica promettido comparecer e precisando s. ex.ª assistir tambem na mesma noute, á sessão solenne do Club Naval, na sessão do Instituto não poderá haver votações de pareceres e, assim, requer urgencia para serem hoje votados os tres pareceres da commissão de admissão de socios, ha pouco lidos.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) acha razoavel as ponderações do sr. secretario perpetuo, mas diz que, si o Instituto conceder a urgencia pedida, equivalerá a uma sessão especial.

Consultado o Instituto, foi approvado por unanimidade o pedido do sr. Fleiuss.

A' vista disso, o sr. presidente manda proceder á votação dos pareceres da commissão de admissão de socios relativos aos srs. drs. Helio Lobo e Alberto Rangel e ao desembargador Ataulfo Napoles de Paiva.

Corrido o escrutinio secreto, são approvados por unanimidade de votos os dous primeiros pareceres e por maioria o último.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) proclama socios correspondentes do Instituto os srs. drs. Helio Lobo, Alberto Rangel e desembargador Ataulfo Napoles de Paiva.

Nada mais havendo a tractar, levanta-se sessão ás 4 ½ da tarde.

Gastão Ruch, 2.º secretario.

3.ª SESSÃO ORDINARIA EM 11 DE JUNHO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 7 e 15 da noite, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, presidente da Republica e presidente honorario do Instituto, conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, barão de Teffé, dr. Norival Soares de Freitas, Carlos Lix Klett, padre Julio Maria, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, dr. Manuel Alvaro de Souza Sá Vianna, almirante Arthur Indio do Brasil, dr. Augusto de Lima, dr. Pedro Souto Maior, coronel Honorio Lima, dr. Alfredo Rocha, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, dr. Antonio Jansen de Paço e conde de Leopoldina.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê a acta da sessão extraordinaria realizada em 6 do corrente, a qual é approvada sem discussão.

O SR. RADLER AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê o seguinte expediente:

— Officio do consocio barão de Studart, agradecendo a sua elevação a socio honorario. — Inteirado.

— Officio do sr. Francisco Agenor Noronha Santos, agradecendo a sua eleição de socio correspondente. — Inteirado.

— Telegramma do sr. desembargador Ataulfo Napoles de Paiva, agradecendo a sua eleição de socio correspondente. — Inteirado.

— Officio do sr. dr. Helio Lobo, agradecendo a sua eleição de socio correspondente. — Inteirado.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) justifica a ausencia

dos consocios drs. Gastão Rüch, José Americo dos Santos, Sebastião Galvão e commendador Arthur Guimarães.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz o seguinte :

« Effectuando hoje uma sessão solenne, colimou o Instituto Historico o objectivo de condignamente assignalar a grande data de 11 de Junho que, si não é a de uma das nossas festas nacionaes, é das que mais sympathicos e vibrantes echos accordam no coração dos Brasileiros.

« Ha presentemente uma corrente de opinião contrária á commemoração dos feitos militares, acoimando-as de retrogradas, acirradoras de odios e infensas á fraternidade humana.

« Considero erronea e perigosa esta maneira de pensar.

« As commemorações de altos feitos militares julgo-as oblações ao exfôrço, á energia, ao patriotismo.

« Em todas as sociedades cultas, as glorias militares, intimamente ligadas aos destinos da Patria, occupam logar de primazia no sentimento publico. Consagram-nas, diz um pensador, os cantos dos poetas, as legendas populares, o favor das mulheres; significam o preço do sangue, pois é natural e legitimo que aquelles cujo officio consiste em arriscar e sacrificar a vida pelo bem estar, fortuna e honra dos seus compatricios, preponderem no coração destes: a verdadeira medida da grandeza humana não é a intelligencia, mas o sacrificio.

« Existiu um paiz que, sob pretexto de supremacia civil, riscou até dos compendios escholares os nomes de guerreiros e qualquer allusão a batalhas, relegando os soldados ao derradeiro nivel. Foi a China.

« Mas tal desprêzo de ideologos, não raro cumplices inconscientes do estrangeiro, pelos homens de acção, tal horror do mandarinato pelas armas, reduziu durante seculos o Celeste Imperio a estado de mumia e contra isso actualmente reagem as fôrças vivas do paiz.

« A Inglaterra não cessa de solennizar Waterloo; a Allemanha tem o Sedantag, dia de grande gala de Sedan; a França festeja sempre Marengo, Iena, Austerlitz; a Russia, não obstante sua alliança com a Republica Franceza, prepara-se para, no cor-

rente anno, magnificamente relembrar a campanha de 1812, da qual resultou a queda de Napoleão.

« Imitando tamanhos exemplos, dados desde a mais remota antiguidade até á civilização contemporanea, devemos dignificar o 24 de Maio e o 11 de Junho, triumphos tão bellos e galhardamente alcançados como os de que mais se orgulham os outros povos.

« Ha quatro annos, na data de hoje, realizou o Instituto uma sessão memoravel.

« Perante immenso e preclaro auditorio, fez o visconde de Ouro Preto, de queridissima memoria, magistral conferencia sôbre Riachuelo.

« O barão do Rio-Branco proferiu, desta cadeira, palavras que largamente repercutiram no exterior.

« A presente sessão não é somenos a essa, de ha quatro annos.

« Accedendo cavalheirosamente ao nosso convite, vai fallar o almirante barão de Teffé, unico sobrevivente dos nove commandantes que venceram em Riachuelo.

« Vamos ter a fortuna de ouvir, ainda, mercê de Deus, forte e prestigiosa (e que Elle assim a conserve por dilatados annos) a voz que, ha 47 annos, na *Araguari*, sob um chuveiro de balas, deu ordens conducentes aos esplendidos laureis colhidos pelo Brasil.

« Acolheremos, de certo, essa voz veneranda com respeito e commoção patriotica, similhantes aos dos marinheiros que, naquelle momento heroico, lhe obedeceram e a acclamaram.

« Tem a palavra s. ex.ª o sr. almirante barão de Teffé (*Applausos prolongados*).

O SR. BARÃO DE TEFFÉ profere o seguinte discurso:

« Ex.^mo sr. presidente da Republica — Sr. presidente do Instituto Historico — Minhas senhoras e meus senhores.

« Começo por pedir toda a vossa indulgencia.

« Não sou orador, e, como a minha dicção é lenta e pezada, vejo-me forçado a lêr esta singela allocução sôbre o feito de armas, cujo anniversario celebramos hoje.

« Mas, o meu primeiro dever é confessar em público a minha gratidão eterna, imperecivel para com a nobre e generosa dire-

ctoria actuál deste Instituto, pelo acto de puro e raro altruismo que acaba de practicar, indo, *sponte sua*, arrancar da obscuridade, da sombra em que vegeta, ha largos annos, o unico commandante, sobrevivente, dos nove que se bateram em Riachuelo, para traze-lo aqui, a este centro de luz, hoje 47.° anniversario daquella batalha, afim de cumula-lo de honras e distincções !...

« Egualmente é um rigoroso dever meu manifestar a minha gratidão a s. ex.ª o sr. marechal Hermes da Fonseca, eminente e muito amado presidente da Republica, por ter se dignado honrar com sua presença esta sessão commemorativa de um dos feitos da nossa velha Marinha.

« Finalmente, tenho ainda como um agradavel dever o de expressar os meus sinceros agradecimentos ao illustrado, distincto e altamente elegante auditorio, que hoje orna e dá brilho a este salão, ordinariamente triste e severo, pela gentileza do seu comparecimento a uma cerimonia em que me cabe representar os meus bravos companheiros dessa sangrenta jornada, já desapparecidos da face da terra.

« É de praxe, bem o sei, meus senhores, que em condições identicas a esta em que ora me acho, o manifestado agradeça, por um discurso, as provas de apreço com que é honrado.

« Quem não o fizer incorrerá em justa censura.

« Pois bem, entre a censura e o fiasco, prefiro incorrer em censura.

« Como vêdes, não é, pois, intuito meu produzir um discurso, mesmo escripto, e, muito principalmente, um discurso academico, capaz de responder ás phrases benevolas, amaveis, mas ao mesmo tempo vibrantes de enthusiasmo patriotico, que acabais de ouvir do grande orador que me precedeu.

« Tal pretenção da minha parte seria rematada loucura.

« Demais, este illustrado auditorio, ao ser informado do programma desta noite, já devia ter o espirito prevenido de que não podia esperar rasgos de eloquencia, nem flores de rhetorica, de um velho marinheiro, um almirante dos tempos idos, de um veterano da esquecida Marinha de outrora, alheio completamente ao culto das lettras e ao cultivo das bellezas oratorias.

« Além disto, a idade avançada, como sabeis, é um serio em-

pecilho á elevação das idéas, e, no meu caso especial, se durante a mocidade, no verdor da juventude, as minhas idéas rastejaram sempre terra a terra, como poderiam hoje, meus senhores, aos 75 annos de idade, elevar-se a grandes alturas, sem o risco imminente da vertigem ?

« Como poderia a minha cançada imaginação remontar até ás regiões ethereas, em busca de inspirações, lá, no mysterioso reino da fantazia, onde só teem ingresso poetas e oradores de larga envergadura ?

« O meu constrangimento, direi mesmo, o meu acanhamento em exhibir-me nesta sessão solenne é tanto mais natural quanto não posso ignorar que, nesta luzida assembléa, existe uma verdadeira pleiade de oradores privilegiados, desses, tocados pela scentelha divina, entre os quaes se destaca o erudito presidente do Instituto Historico, que, naturalmente, me observará neste mar procelloso, « por mares nunca dantes navegados » ; ou de ver-me encalhar ou esbarrar, inopinadamente sôbre algum formidavel « ice-berg », desses que os criticos denominam espirituosamente : « une gaffe litteraire ».

« Mas, confesso-vos, com franqueza, o que me excita não é « na vida o ar livre », a furia de um mar procelloso, nem o bramido das vagas, nem o rugido do furacão ; o que me atemoriza é esta calmaria, prenuncio de temporal de outro genero ; é este pavoroso silencio em um recincto povoado de principes da palavra ; o que me intimida é o riso ironico da onda humana, e, mais que tudo, é a consciencia da minha critica situação neste momento, ao ter de fazer-me ouvir quasi que simultaneamente, com os applaudidos litteratos e scientistas Lima Drummond, Ramiz Galvão e Affonso Celso, este brilhante e fluente orador, poeta mavioso e espirito scintillante de *verve*, dessa *verve* inexgottavel e seductora que de ha muito lhe conquistou na fina sociedade brasileira o bem merecido e expressivo appellido de — Charmeur — das nossas conferencias litterarias.

« Assim deslocado, como me sinto neste meio intellectual, bem comprehendeis as razões que me inhibem de aventurar-me a esboçar uma peça oratoria digna deste elevado auditorio.

« Considero, pois, uma medida de alta prudencia resumir o mais possivel o que me propunha contar-vos.

« Temo, com razão, que a impiedosa critica litteraria, empunhando o seu acerado escalpello, « escarne » aqui mesmo este arremêdo de discurso e amanhã pela imprensa disseque em publico a minha nullidade.

« Passarei, portanto, á leitura destas tiras, escriptas, bem a contragosto, e sómente em obediencia ás determinações deste Instituto. Mas, não vos assusteis; tenho ainda bem viva na memoria a recommendação de Barroso, aos commandantes da sua esquadra, depois de cada combate.

« Dizia-nos elle, no seu tom brusco do costume:

« Mande-me com urgencia a parte do que « succedeu no seu navio, porém, nada « de circunloquios », curta e breve!»

« Minhas senhoras, abster-me-hei de « circunloquios », serei breve!...

« Minhas senhoras. — É a vós, gentilissimas senhoras e senhorinhas, que tomo a liberdade de dirigir-me agora nestas primeiras linhas.

« Neste seculo de vida intensiva e vertiginosa, e, sobretudo em uma capital movimentada como o nosso Rio de Janeiro, onde as distracções de todo o genero succedem-se rapidas como o desenrolar das fitas nas bobinas cinematographicas, pretender occupar, mesmo por breves minutos, a attenção de um grupo das soberanas dos nossos mais elegantes salões com a narrativa de successos passados da moda, de factos que já perderam o sabôr da novidade: é, confesso-o, uma aberração dos habitos da boa sociedade, uma transgressão ás regras do « savoir-vivre », é, enfim, o cúmulo da ingenuidade, sinão uma prova de inconsciente ousadia...

« Mas não me accuseis por mais este peccado, que não é meu.

« Si por abuso da vossa boa fé aqui viestes, sacrificando o vosso tão precioso tempo, a responsabilidade cabe inteira a esta egregia associação.

« Na verdade dou-vos razão, porquanto, para a geração moderna e particularmente para o sexo fragil, destinado pelo Creador a deliciar a sociedade por sua graça natural, pelo encanto

da formosura e pelos dotes do seu espirito leve e vivaz — fallar na victoria do « Riachuelo » é o mesmo que recordar alguma façanha da « edade média ».

« Sem ironia o digo : esse successo é de uma data tão remota que o nome — Riachuelo —, evocado uma vez por anno, deve soar aos ouvidos da mocidade como o echo apagado de uma voz longinqua ; deve apparecer aos olhos da sua imaginação como uma lenda brumosa das guerras medievaes.

« Prevejo, pois, o que me vai succeder.

« Ao tractar nesta sessão da jornada do « Riachuelo », que teve logar ha quasi meio seculo, vou ser assimilado á tetrica apparição de algum balestreiro de Themistocles, que surgindo de subito do bôjo destas vetustas muralhas pretendesse impingir-vos a narrativa da batalha de Salamina!...

« Mas, enfim, minhas senhoras, saïreis daqui compenetradas desta triste verdade : a vida é cheia de decepções !

« Entro em materia.

« Ha 47 annos justos feriu-se nas torvas aguas do rio Paraná a mais renhida e sanguinolenta batalha naval, de que ha memoria nas tradições militares da America Meridional.

« Contra a espectativa do — El Supremo — o arrogante Solano Lopez, nem Buenos Aires, nem Montevideu nem os portos da nossa patria foram ultrajados com a humilhação das imposições de guerra, nem soffreram vendo fluctuar em suas aguas os vasos brasileiros ostentando o pavilhão, cuja divisa é « Paz y Justicia » mas cujo escopo « era então — guerra e pilhagem ! »

« Mas quem provocou essa cruenta guerra ?... perguntareis :

« Responderei por uma parabola :

« O pacifico gigante sul-americano, que, deitado sôbre o dôrso e de membros distendidos, banha a cabeça no Oiapock e os pés no Paraguai, repousando tranquillo entre os Andes e o Atlantico, dormia em paz o somno do justo, quando um dia despertou sorpreso ao sentir-se picado em um dos artelhos por uma vibora traiçoeira, que á sua sombra crescera e afiara as presas para o projectado bote.

« Conscio da sua fôrça, o colosso olhou em torno, viu de onde partira e aggressão e, erguendo-se de um salto, pousou

sôbre a vibora enfurecida a larga planta do seu herculeo pé, e esmagou-a até triturar as suas últimas vertebras.

« Depois, calmo e despreoccupado, voltou ao seu leito, onde repousa tranquillo.

« Eis o que foi a guerra do Paraguai.

« E Riachuelo?

« Em 11 de Junho de 1865 a esquadra brasileira anniquilou, em uma ingente pugna de vida e de morte, todo o poder naval adquirido e organizado em « 10 » annos de febril actividade pelos mais rancorosos inimigos do Brasil, os despotas paraguaios Carlos e Solano Lopez.

« O feito de Riachuelo abriu de par em par as portas do « Templo da Victoria » ás armas brasileiras.

« Figuremos, por hypothese, que o punhado de combatentes que compunha a esquadra de Barroso... fraqueasse; que a esquadra brasileira fosse esmagada e aprisionada pelo inimigo, cujas fôrças de mar e terra colligadas decuplavam as nossas...

« Lopez victorioso em Riachuelo engrossaria a sua esquadra com as prezas adquiridas e, descendo rapido, bombardearia de sorpresa Buenos Aires e Montevideu e realizaria o seu sonho de conquistador, vindo bloquear a capital do Brasil!

« Crêde que não ha hyperbole na hypothese que figuro.

« A Republica Argentina só pussuia um velho navio armado em guerra, o obsoleto *Camilla* chrismado em *Guardia Nacional.*

« A Republica Oriental do Uruguai nunca pensara em armar-se, a não ser com as velhas caronadas do forte de S. José, de archaica memoria.

« Sancta Catharina e as cidades maritimas da costa sul serviriam de base de operações a esse novo « flagello de Deus », o « Attila Guarani »!

« Eis, em poucas palavras, a consequencia da nossa derrota!

« Mas, mercê de Deus, vencemos... e a victoria do Riachuelo foi o « porte bonheur » do Brasil na campanha do Paraguai.

« A esta interrogação accudirei trasladando para estas tiras a synthese que fiz da batalha do Riachuelo á pagina 147 do 1.º volume das minhas memorias:

« Uma pequena esquadra brasileira composta de « nove » navios de madeira — lançada a centenas de leguas da patria para operar em um rio crivado de escolhos perigosos e dominado pelo inimigo — bateu-se de sol a sol e derrotou por completo a esquadra inimiga, composta de quatorze unidades, protegida por uma formidavel bateria de trinta canhões assestados sôbre a barranca e secundada por dezenas de estativas de foguetões a congrève, e por alguns milhares de atiradores occultos pelo espesso arvoredo...

« Ao escurecer cessou o combate, por falta de inimigos a combater !

« Nessa gloriosa jornada o Brasil perdeu um navio, encalhado a tiro de pistola da bateria da margem, e teve trezentos homens fóra de combate; mas o Paraguai ficou sem uma bella esquadra e perdeu cêrca de « dous » mil homens ».

« A victoria de 11 de Junho de 1865 pertence á marinha nacional, porque foi alcançada pelos vasos de guerra da nossa Armada, mas, eu já o disse algures e tenho immenso prazer em repeti-lo: as guarnições propriamente dos nossos navios haviam sido, antes da partida de Buenos Aires, reforçadas por forças do exercito e mesmo do corpo policial.

« Assim, pois, combateram, lado a lado, no estreito ambito de cada um dos vapores da divisão avançada, marinheiros e soldados, fraternizando no perigo e contribuindo egualmente para a gloria da nossa patria.

« Em Riachuelo não houve heroes, nem covardes.

« Todos se mostraram dignos de uma adorada patria.

« Termino assegurando a este respeitavel auditorio que, si o Brasil conta até esta data sómente com um « Riachuelo » a commemorar, é porque, felizmente, depois de 11 de Junho de 1865, a nossa marinha de guerra não teve mais esquadras inimigas a derrotar : e asseguro-vos ainda que Barroso, em Riachuelo, não conhecia, antes da acção, o valor dos seus subordinados, quando fez içar no tope da sua capitanea o signal do nosso velho regimento. — « O Brasil espera que cada um cumpra o « seu dever ».

« Ociosa recommendação, meus senhores, pois que a coragem, a bravura, a temeridade, a abnegação da vida em meio do perigo,

e, mais que tudo, a dignidade propria e o extremado patriotismo são qualidades natas do povo brasileiro, nunca vencido! »

(*Calorosos e prolongados applausos. O sr. marechal Hermes da Fonseca dirige-se ao sr. barão de Teffé e abraça-o effusivamente*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*). Creia v. ex.ª, sr. barão de Teffé, que o applauso do chefe do Estado reflecte o da Nação Brasileira! (*Calorosos applausos*).

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) diz que se achando na sala da directoria o novo socio effectivo sr. desembargador dr. João da Costa Lima Drummond, pede ao sr. presidente que nomeie uma commissão para introduzi-lo no recincto.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) nomeia os srs. 1.º e 2.º secretarios para introduzirem no recincto o novo socio.

(*Dá entrada no recincto, debaixo de applausos, o sr. Lima Drummond, que toma posse*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz o seguinte:

« Seria irrogar injustiça a esta egregia assembléa procurar fazer-lhe a apresentação do nosso novo consocio, pois todo o Brasil o conhece, respeita e admira, como uma das suas summidades.

« Na alta magistratura, no ensino superior, nas letras juridicas, nas bellas letras, na imprensa, na tribuna, onde quer que nobremente se exerça a actividade intellectual e moral, encontrareis o nome de Lima Drummond insculpido com radiante destaque.

« O nosso emerito orador dirá o júbilo do Instituto ao recebe-lo.

«Quanto a vós, senhoras e senhores, ides ter uma demonstração immediata de um dos aspectos de seus multiplos e peregrinos talentos.

« Ides ouvi-lo.

« Tem a palavra o sr. desembargador João da Costa Lima Drummond ». (*Applausos*).

O SR. DESEMBARGADOR LIMA DRUMMOND lê o seguinte discurso:

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro inspirou-me sempre admiração sincera. Para consagrar-lhe o valor, sempre se

me afigurou sufficiente o poderoso incentivo por elle deparado no estudo imparcial da Historia, de cujas paginas irradiam, com tamanho esplendor, as grandes licções da experiencia humana, no culto do passado.

« Isso não importa, entretanto, no encomio do espirito de rotina: porque o vinculo, que pela tradição affeiçôa os povos, como os individuos, ao atavismo, não impede a instabilidade dos elementos progressivos, na evolução da vida nacional, como na evolução da existencia individual. Os verdadeiros homens do progresso — escreveu Rénan — são os que teem o respeito do passado.

« Mas para respeitar o passado, aproveitando a licção da experiencia, é mister conhecê-lo exactamente — o que, muitas vezes, depende de uma reconstrucção paciente, mesmo no estudo das obras dos grandes historiadores, afim de separarem-se as verdades historicas das affirmações lendarias, que se desvanecem á pertinacia de novas e austeras investigações. Na obra de Tito Livio assim procedeu o genio moderno de Niebuhr que, como o immortal historiador romano, sentia-se venturoso na convivencia com os homens do passado.

« E' preciso, porém, se evitem cuidadosamente nessas investigações os exaggeros de uma critica temeraria. Proscreva-se a superficialidade nas indagações scientificas — e assim se characterizam a valia e o preconicio da critica moderna; mas não se comprometta, com a demasia do particularismo inquiridor, a perspectiva do conjuncto, em prejuizo da realidade. Sem duvida, como recorda Leclerc em suas licções na Faculdade de Letras de Paris, a sciencia moderna, qualquer que seja o objecto de suas pesquizas, procura a verdade até no infinitamente pequeno; podendo-se dizer, de certo modo, que o microscopio se tornou o instrumento universal. Mas cumpre neutralizar no fanatismo scientifico a temeridade da investigação para evitar, na licção de Taine, o defeito dominante do grande pensador allemão, que corrigiu a obra de Tito Livio.

« Assim, não entrarão na Historia, onde não merecem ficar, verosimilhanças injustificaveis, induzidas de observações que se não podem conscienciosamente repetir. E não se ouvirá mais o

clamor de não bastar a vida de um homem para o conhecimento pleno de factos minuciosamente verificados e para a successiva apreciação desses factos, em synthese, de modo a escrever-se a Historia como a Historia deve ser escripta, acautelando-se na voragem dos acontecimentos o espirito de uma epocha.

« Para que, entretanto, se não privem os vindouros da contraprova, tão almejada, quando a dúvida atormenta a intelligencia humana, é mister archivar, em abundancia, documentos authenticos dos factos do presente e ahi está outra funcção nobilissima deste Instituto.

« Na verdade, não podem os homens explicar sempre os factos, de que são contemporaneos : o áfastamento no tempo, dos successos da vida das nações é, muitas vezes, indispensavel para vislumbrar-se a unidade magestosa, que os coordena e os explica. Mas os homens vêem bem esses factos, si a rectidão do character os ennobrece, em um ambiente sereno e calmo, no qual domina o sentimento de justiça e não medra, por isso, o flagello das paixões, que tudo obscurecem e tudo anarchizam. Cabe, portanto, ao Instituto a tarefa meritoria de conservar e accrescer o inestimavel patrimonio de documentos e monumentos fidedignos, que attestam aos vindouros os factos notaveis de nossa epocha, sem as dúvidas e as controversias dos interesses contrariados no proposito de illudir a posteridade. Outra não foi a orientação com que se admittiu, nesta casa, a *arca de sigillo*, por proposta de Freire Allemão, em 1847. Do respectivo parecer da commissão especial se deprehende não poder a *arca de sigillo* deixar de ser o depósito da consciencia e vontade de muitos escriptores, que não levarão á sepultura verdades essenciaes á Historia do nosso paiz, revelando, opportunamente, factos cujo desconhecimento tornaria obscura a Historia, porque tacteariam os historiadores no mundo das conjecturas e das probabilidades, sôbre os que illudiram aos contemporaneos. E essa verificação benfazeja e opportuna, que é tributaria da justiça da Historia, é o trabalho da critica, associado ao da erudição : authentiquem-se os documentos que comprovam os factos reaes, archivando-se-os em seguida, para que a Philosophia os explique no futuro. Em vantagem da nota dominante dos acontecimentos de cada periodo, isto é, da synthese

complexa, em que se accentua o desenvolvimento geral de um povo ou da humanidade abstrahindo-se e generalizando-se, é, portanto, necessario promover com sagacidade e perseverança a subsistencia dos factos particulares, mesmo daquelles que Bacon appellidaria *factos do crepusculo*, porque nelles, apenas, se esboçam os rudimentos da natureza, como se delineam os da vida social, dominada ainda por antagonismos e perplexidades tradicionaes. E' sufficiente algumas vezes authenticar o facto concreto, sem abstracções ou explicações impossiveis — *the matter of fact*. São preciosissimos mesmo os trabalhos dos meros chronistas, quando constituem repositorios imparciaes dos acontecimentos e, no Brasil, teem os chronistas um grande titulo de gloria: — elles foram os primeiros cultores da prosa.

« Demais, ha uma grande utilidade de ordem moral nas investigações historicas imparcialmente orientadas: é a de reverenciar a verdade, no brilho da intelligencia e na pureza do affecto, com a intensidade do heroismo, até si a violencia de sentimentos pessoaes, antagonicos, se submette nobremente aos dictames da justiça, com que se não transige.

« O culto da verdade, em que peze a E. Faguet, é tão util quanto bello: não deixam de ser nocivas as mentiras por serem convencionaes. Carecem, por exemplo, de utilidade as memorias de Grammont, si, por ellas, se busca conhecer, em toda a hediondez da corrupção de costumes, a côrte de Carlos II, na Inglaterra. A phantasia delicada e convencional de Hamilton obscurece a realidade grosseira do govêrno desse principe frivolo e libertino, auctoritario e violento, com o qual aliás, por um movimento nacional que o odio da tyrannia militar provocára, realizou-se, na Inglaterra, a restauração dos Stuarts.

« Accumulem-se, portanto, com imparcialidade os materiaes para a reconstrucção porvindoura do momento historico, em que vivemos. A solidez desse trabalho de reconstrucção ou elaboração racional estará na razão directa da resistencia dos materiaes accumulados. Dest'arte se restringirão as lacunas, com que hão de luctar os historiadores futuros. Por causa da penuria de documentos authenticos, insiste o alludido professor Leclerc, a Historia do

imperio romano simelha ainda uma vasta região mal arroteada e inculta.

« E pouco importa passe o tempo sôbre os resultados dos patrioticos e humanitarios esforços, prejudicando-os. Alguma cousa ha de ficar para que os posteros contemplem a nossa epocha na systematização dos seus aspectos, recompondo o drama da nossa vida, com as idéas e os sentimentos que animaram os factos por nós certificados.

« E ainda mesmo que a amargura do insuccesso malbaratasse aquelles esforços, por completo, conviria recomeça-los em proveito da patria.

« No dia seguinte — como na vespera das derrotas — Demosthenes repetia que o dever do cidadão é combater pela patria. E si é certo que na batalha de Cheronéa, Philippe submetteu a Grecia, convertendo-a em simples provincia do dominio macedonico e que, arrazando Thebas, Alexandre impoz a Athenas a súpplica da paz, é certo tambem que a palavra de Demosthenes deslumbra ainda a posteridade como a expressão incomparavel e unica, naquelle momento, do culto da liberdade e da justiça. Eram os esforços supremos do genio hellenico em prol da patria livre. Demosthenes cumpria com tenacidade legendaria o dever de cidadão.

« A exhortação com que Barroso, o barão do Amazonas, estimulou a bravura dos seus commandados na batalha naval de Riachuelo, precisamente na data hoje aqui tão brilhantemente commemorada — é proficua na guerra como na paz. O Brasil espera sempre que cada um cumpra o seu dever. Pois bem, para cumprir o meu, com as vossas licções, eminentes consocios, neste Instituto obedeço á vossa ordem, que tanto me exalta e tanto me penhora; proclamando a benemerencia com que haveis mantido a tradição dos homens illustres, que, por aqui passaram e, ainda hoje, o fazeis, nesta evocação sublime de um momento glorioso de nossa Historia, perante um dos bravos do heroico feito. Aos heróes da batalha naval do Riachuelo — na pessoa do sr. almirante barão de Teffé — iniciem-se, portanto, desde já, as homenagens do Instituto, em nome da justiça da Historia, preoccupada com a directriz da civilização — sob a lei de Deus, atravez das

peripecias da guerra e do seu doloroso mas inevitavel desenlace. » (*Palmas ; applausos*).

O SR. DR. RAMIZ GALVÃO (*orador do Instituto*) responde nos seguintes termos :

« Sr. dr. Lima Drummond — Si vos causa desvanecimento entrar para a nossa phalange, não é menor o regosijo do Instituto vendo alistado em suas fileiras um dos bellos talentos da geração actual, um patricio illustre que desde os bancos escholares até á alta posição de magistrado, não colheu sinão louros, demonstrações effusivas e justissimas de grande estima e admiração.

« Aos nomes gloriosos de Bom Retiro, Olegario, Candido Mendes, Araripe, Ouro Preto e outros notaveis cultores do Direito, vem junctar-se agora o vosso, que é aqui recebido com applausos e fundadas esperanças.

« A especialidade a que haveis dedicado a melhor das vossas energias e na qual conquistastes o respeito dos vossos contemporaneos pela solidez do saber e pela integridade soberana do character, esse estudo profundo das sciencias juridicas não vos alheiou das cogitações historicas e ao contrario preparou o vosso espirito para juizos mais seguros e apreciação mais perfeita do passado, que é o principal esforço da nossa missão.

« As sociedades regulares não se organizam sinão á sombra do Direito, e ai daquellas que se não amoldam ás licções e aos preceitos da lei. O Direito é o fundamento da Justiça, e esta é o único alicerce em que póde repousar com segurança o edificio social. Si não existisse o Direito, o dever seria uma palavra sem sentido, disse-o alguem com muito acêrto ; e onde não impera o dever do cidadão, pergunto eu, que é licito esperar dos destinos da familia, da sociedade e do Estado ?

« Os vossos estudos concatenam-se, pois, naturalmente com os dominios da Historia, que tambem analysa, inquire e julga como um soberano magistrado. A vulgarissima expressão — *O tribunal da Historia* — representa de facto uma verdade.

« Perante esse tribunal passam as gerações humanas com suas virtudes ou suas máculas.

« Os despotas que abusaram do poder e jugularam a liberdade ; os heroes que se offereceram em holocausto á victoria de

uma doutrina ou de uma idéa; os reis que não acharam diques ao seu arbitrio, assim como os bons imperantes — verdadeiros pastores dos povos — na phrase de Homero, que só consultaram o bem, o progresso e o engrandecimento da sua patria; os Washingtons, que desceram ao tumulo cobertos de bençãos, assim como os Solano Lopez, que victimaram nações valorosas, sacrificando tudo ao seu desmarcado orgulho — todos, todos elles, benemeritos ou reprobos, passam por esse tribunal aos olhos da posteridade. A Historia distribue-lhes impassivel a gloria ou a condemnação.

« A vossa entrada, illustre consocio, no gremio do nosso Instituto, coincide felizmente com um tributo de homenagem agradecida que pagamos aos heroes de uma grande jornada, em que se jogaram os destinos do Brasil e em que foi parte brilhante um dos nossos mais distinctos companheiros — o galhardo commandante da *Araguari,* hoje barão de Teffé.

« Falla, pois, a justiça da Historia no dia em que temos a fortuna de receber-vos, e recebemos um eminente sacerdote da Justiça no dia em que a Historia celebra um dos grandes feitos da patria brasileira. A Justiça e a Historia abraçam-se, pois, como irmãs dilectas e inseparaveis, filhas legitimas da Verdade. Sêde benvindo, preclaro consocio!

« A empresa deste dia, ha 47 annos, no famoso combate de Riachuelo, foi, como bem recordastes: « *O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever* ».

« Hoonholtz, Abreu, Elisiario Barbosa e tantos outros commandantes denodados, obedecendo religiosamente naquella jornada ao signal do grande Barroso; o imperterrito Greenhalg, morrendo abraçado á nossa bandeira; o heroico marinheiro Marcilio Dias, defendendo como um leão o seu rodizio raiado contra um punhado de inimigos que o salteou; todos, todos cumpriram o seu dever e bem mereceram a gratidão da patria.

« Para nós, soldados de outra milicia, o signal de combate é todavia aquelle mesmo: « cumpra cada qual o seu dever ». Elle vai ser aqui a vossa divisa, illustre consocio, como tem sido em toda vossa carreira publica de juiz e mestre. No Instituto vireis ajudar-nos com as luzes de vosso talento para a construcção do

magno edificio da «mestra da vida e testimunha do tempo». E é por isso que em nome da laboriosa cohorte do mesmo Instituto eu folgo de repetir-vos: Sêde benvindo, preclaro consocio.

(*Applausos prolongados*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) agradece em nome do Instituto o comparecimento de s. ex.ª o chefe da nação, de seus ministros e mais representantes das auctoridades, das senhoras e cavalheiros que tanto abrilhantaram a sessão, e declarando-a encerrada, convida-os para na sala da directoria assistirem á inauguração do retrato do venerando consocio effectivo sr. almirante barão de Teffé.

Levanta-se a sessão ás 9 horas da noite.

Radler de Aquino, servindo de 2.º secretario.

4.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 16 DE JUNHO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

Ás 3 horas da tarde, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, commendador Arthur Guimarães, cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, barão de Teffé, dr. Augusto de Lima, dr. Pedro Souto Maior, dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, dr. Norival Soares de Freitas, José Americo dos Santos, Alfredo Rocha, desembargador João da Costa Lima Drummond, dr. Antonio Jansen do Paço, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello e conde de Leopoldina.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem discussão.

O SR. RADLER DE AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê o seguinte:

Telegramma do consocio almirante Indio do Brasil declarando que, com muito pezar, deixa de comparecer á sessão e á justa homenagem que o Instituto vae prestar ao preclaro brasileiro barão de Ramiz Galvão. — Inteirado.

Carta do capitão-tenente Dario Paes Leme de Castro, informando que o sr. ministro da marinha, por motivo de enfermidade, não póde acceitar o convite para assistir á presente sessão. — Inteirado.

Carta do consocio dr. Manuel de Oliveira Lima, datada de Bruxellas de 23 de Maio ultimo e assim concebida: — « Ill.mo sr. Max Fleiuss, 1.º secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Acabo de receber o officio de 6 do corrente, pelo qual v. ex.a tem a amabilidade de communicar-me que, por suffragio unanime, o que em extremo me desvanece, dos nossos consocios, fui elevado pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro á categoria de seu socio honorario. Agradeço cordialmente a v. s. essa participação e peço-lhe queira ser, na sessão que se seguir á recepção dessa resposta, o interprete do meu sincero reconhecimento pela distincção valiosa de que fui alvo.

Dentro da medida de minha capacidade e das minhas fôrças, continuarei a prestar a esse benemerito Instituto o concurso da minha melhor actividade e da minha melhor dedicação. Rogo em particular a v. s. queira apresentar as minhas homenagens ao illustre presidente do Instituto e acceitar as expressões da minha subida estima e consideração. — *M. de Oliveira Lima*. — Inteirado.

Carta da senhora viscondessa de Cavalcanti, datada de Paris, de 21 de Maio do corrente anno. Apresenta as suas felicitações ao sr. conde de Affonso Celso pela sua eleição para presidente do Instituto, e, querendo manifestar o seu regosijo de modo tangivel, offerece ao Instituto, por intermedio de seu presidente, uma gravura, considerada rara pelo sr. barão do Rio Branco. É o retrato de Constantino l'Empereur, um dos secretarios ou conselheiros de Mauricio de Nassau. — Inteirado e agradece-se.

O mesmo sr. 2.º secretario dá conta da offerta pelo sr. dr. Alberto Lamego de cinco reproducções em *fac-simile* de originaes de Claudio Manuel da Costa. — Muito se agradece.

O SR. DR. VIVEIROS DE CASTRO, pedindo a palavra, lê o seguinte parecer, como relator da Commissão de Historia, relativamente ao trabalho apresentado pelo dr. Alfredo Valladão:

«Quando, em 1905, foi nomeado representante do Ministerio Publico no Tribunal de Contas e transferiu a sua residencia para esta Capital, procurando mais largos horizontes para expandir o seu privilegiado talento, que é um diamante carinhosamente lapidado, desprendendo raios a flux pelas suas multiplas facetas, o dr. Alfredo Valladão já era uma figura em destaque entre os mais abalisados cultores do Direito.

«Precedera-o a fama dos tres brilhantes concursos, a que em menos de um anno (1901-1902) se submettera na Faculdade de Direito de S. Paulo, e sôbre os quaes tive occasião de ouvir as mais honrosas e as mais enthusiastas referencias feitas por auctoridade de indiscutido valor — o meu inexquecivel amigo dr. João Pedro da Veiga Filho, que então era um dos luminares na alludida Faculdade.

«Os competentes apreciavam devidamente a substanciosa monographia que, em 1902, publicou em S. Paulo sôbre *O Direito Commercial em face do Projecto do Codigo Civil* —, na qual sustentou a *unificação do Direito Privado*, idéa genialmente preconizada pelo grande Teixeira de Freitas, e refutou as objecções apresentadas contra a doutrina por um mestre tão acatado, como incontestavelmente é o nosso preclaro consocio, dr. Clovis Bevilaqua.

«Todos sabiam que, reunindo-se em 1903 em Bello Horizonte o Congresso Industrial, Commercial e Agricola de Minas Geraes, o dr. Alfredo Valladão foi encarregado pelo presidente do Congresso, o dr. João Pinheiro, (de saudosissima memoria) que então saïa do seu retiro de Caeté, voltando á actividade politica, de escrever sôbre o objecto politico e economico do mesmo Congresso, e se desempenhara brilhantemente dessa honrosa missão, apresentando um magnifico trabalho sob o titulo *Politica Economica*.

« Em 1904, ainda em Bello Horizonte, escreveu uma exhaustiva monographia sôbre *Rios Publicos e Particulares*, primeira obra juridica publicada no Brasil sôbre o regimen das aguas: e com grande vantagem substituira a obra classica de Lobão, porquanto o assumpto foi magistralmente estudado, não somente sob o aspecto do Direito Civil como tambem do Direito Constitucional, sendo a sua doutrina sanccionada pela jurisprudencia dos nossos tribunaes.

« Nesse mesmo anno, foi nomeado lente da Faculdade Livre de Direito de Bello Horizonte por proposta do seu então director conselheiro Affonso Augusto Moreira Penna, de honrada memoria.

« Nesta capital, o dr. Alfredo Valladão continuou a ser um trabalhador indefesso, insigne cultor das lettras juridicas.

São testimunhos irrecusaveis da sua operosidade e competencia como representante do Ministerio Publico no Tribunal de Contas, os seus eruditos pareceres e promoções, muitos dos quaes teem sido publicados no *Jornal do Commercio*, e a bem elaborada monographia, que publicou sôbre o mesmo Tribunal, demonstrou á saciedade a necessidade de uma reforma, que o Congresso Nacional iniciou o anno passado.

« Em 1907 foi encarregado pelo govêrno federal de organizar o Codigo das Aguas da Republica, ora sujeito ao estudo do Senado Federal, e bastaria este importantissimo trabalho para firmar os seus creditos de jurisconsulto de alto valor.

« Em 1908 tomou parte nos trabalhos do Congresso Juridico Brasileiro, salientando-se na discussão das theses das secções de Direito Civil, Direito Commercial e do Processo.

« Dentre as muitas monographias juridicas que tem publicado, destacarei, pela novidade do assumpto, a intitulada *Abuso de Direito,* na qual sustentou brilhantemente a theoria moderna de que mesmo usando do seu direito um individuo póde practicar um acto illicito, si a sua intenção tiver sido unicamente causar um damno a outrem.

« O dr. Alfredo Valladão é socio effectivo do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros onde, ha pouco tempo, pronunciou um magnifico discurso, estudando a vida, tão cheia de rele-

vantissimos serviços á Patria, do nosso eminente presidente honorario, o sr. visconde de Ouro Preto, cuja memoria terá sempre entre nós o culto da mais imperecivel saudade. (*Applausos*).

« Bastariam estas credenciaes para abrir ao dr. Alfredo Valladão as portas do nosso Instituto; mas, por um requinte de delicadeza, elle quiz dedicar-nos um trabalho original, exclusivamente historico, e escreveu a *Campanha da Princeza*, monographia interessantissima porque nos descreve um dos periodos dessas memoraveis emprezas, em que a *auri sacra fames* impellia os nossos antepassados á conquista do deserto.

« Com a serena impassiblidade do historiador começa o dr. Alfredo Valladão o seu trabalho refutando a lenda que attribue o nome « Campanha » a uma lucta heroica, que se travára outr'ora entre criminosos foragidos e escravos fugitivos, lenda manifestamente inspirada na de Romulo e Remo, os pretensos fundadores da *Cidade Eterna*.

« O nome não advem de uma batalha, e sim dos *Campos* ou *Campinas* do Rio Verde, sendo que a palavra *Campanha* é empregada nesta accepção, apezar da incontestada auctoridade de frei Francisco de S. Luiz, que a considera um *francezismo*.

« Historía proficientemente a missão confidencial de Martinho de Mendonça, a quem a carta regia de 1799 encarregára de vir ao Brasil fiscalizar as minas, e tomar as providencias necessarias para augmentar o seu rendimento; e as entradas em Minas e os primeiros descobrimentos de ouro.

« Como Alvarenga Peixoto foi um dos primeiros moradores da Campanha, o dr. Alfredo Valladão estudou carinhosamente este vulto homerico da nossa Historia colonial, salientando o seu papel predominante na *Inconfidencia*, e demonstra de fórma irrecusavel ter sido elle o precursor entre nós, não só das idéas da *Independencia*, como tambem da emancipação dos escravos. apezar de possui-los em numero de duzentos, e não poder dispensar os seus serviços nos trabalhos de mineração.

« Alvarenga Peixoto foi o primeiro abolicionista brasileiro, foi o primeiro a conceder a esmola da sua sympathia a

«Esses homens de varios accidentes,
Pardos, pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes
Aos penosos serviços costumados.

Elles mudam dos rios as correntes,
Rasgam serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.»

« E nos conciliabulos de Villa Rica defendeu tenazmente a abolição da escravidão, combatendo os argumentos de Maciel.

« O seu *Canto Genethliaco* é um hymno patriotico, no qual as seducções da poesia mal encobrem o pensamento revolucionario; e as suas *Cartas Chilenas* formam, na phrase feliz de Sylvio Romero, o *libello do povo* daquella epocha.

« A satyra castiga com rigor o desastrado govêrno de Cunha Meneses, o *fanfarrão mineiro.*

« Calorosamente nos descreve o dr. Alfredo Valladão a vida de familia de Alvarenga Peixoto, não occultando a sua admiração pela esposa do poeta, d. Barbara Heliodora, que Joaquim Norberto immortalizou, e cuja figura na conjuração mineira sobreleva a do proprio Tiradentes; e deixa expandir toda a ternura de um coração paterno, referindo-se a Maria Iphigenia, á idolatrada filha desse casal feliz, cognominada — *A princeza do Brasil.*

« Esta digressão pela *Inconfidencia* não desviou o dr. Alfredo Valladão do rumo que traçára ao seu trabalho.

« Com a sobriedade dum historiador, que conhece perfeitamente o seu assumpto, descreve a expedição do ouvidor da Camara do Rio das Mortes, Cypriano José da Rocha, o fundador do *Arraial de S. Cypriano*, mais tarde convertido na *Freguezia de Sancto Antonio do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde*, que o alvará de 20 de Outubro de 1798 elevou a villa sob a denominação de *Campanha da Princeza,* em homenagem á princeza da Beira.

« A comarca de S. João d'El-Rei não occultou o seu despeito pela creação da nova villa, cuja pretenção de traçar os seus limi-

tes pelo leito do rio Capivari, affluente do rio Grande, considerou estulta e audaciosa.

« Certa dessa má vontade, a nova Camara se preparou para a lucta, recorrendo a um ardil que prova que á proverbial boa fé dos Mineiros se allia a finura diplomatica : — resolveu offerecer a terça parte da contribuição voluntaria destinada ás obras públicas, *para os alfinetes da princeza da Beira.*

« E, assim resolvido, exaggerou ainda mais as suas pretenções, traçou os seus limites não mais pelo Capivari e sim pelo proprio rio Grande, constituindo assim uma comarca que era um verdadeiro Estado, pela sua extensão territorial e pela sua população.

« E o principe regente, attendendo aos seus desejos, approvou os limites propostos, daclarando com real sobranceria « que « o generoso offerecimento que essa comarca fez da terça parte « de suas rendas merecia uma justa e particular contemplação « da parte do principe regente. »

« Ainda uma vez os factos confirmaram a veracidade do proverbio — *quem á boa arvore se chega, boa sombra o cobre;* á comarca de S. João nem ao menos valeu ser d'El-Rei.

« Termina o dr. Alfredo Valladão o seu trabalho com as seguintes palavras que com muita satisfacção transcrevo, para deixar registada a grata promessa que encerram :

« Mas, na Historia de Minas, em relação á Campanha, se « observa o mesmo phenomeno das *estradas.*

« A Campanha ficou á margem.

« A avalanche dos historiadores se encaminhou para Villa « Rica ; poucos desgarraram para a Campanha.

« E é por este motivo que eu me proponho escrever a histo- « ria da Campanha, de que este trabalho é um inicio. »

« A Commissão de Historia faz votos pela prompta realização dessa promessa e, opinando que o merecimento do dr. Alfredo Valladão torna incontestavel o seu direito a ser incluido entre os socios deste Instituto, ao qual virá prestar relevantissimos serviços, propõe a publicação na nossa *Revista* da monographia que tão gentilmente nos offereceu.

« Sala das commissões do Instituto Historico e Geographico

Brasileiro, 10 de Junho de 1912. — Dr. *Viveiros de Castro*, relator. — *Antonio Jansen do Paço*. — Dr. *B. F. Ramiz Galvão.* »

O parecer é approvado unanimemente e com a proposta vai á Commissão de admissão de socios, relator o sr. dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) pede licença para requerer á casa que, como annexo á acta da presente sessão, seja publicado o brilhante discurso pronunciado pelo emerito presidente do Instituto, quando na noite de 11 do corrente inaugurou o retrato do venerando consocio effectivo sr. almirante barão de Teffé.

O Instituto approva por unanimidade.

O mesmo sr. 1.º secretario perpetuo communica achar-se na sala da directoria o novo socio sr. dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, que vem tomar posse; pede por isso ao sr. presidente a nomeação de uma commissão para introduzi-lo no recincto.

O SR. PRESIDENTE designa para esse fim os srs. 1.º e 2.º secretarios.

(Dá entrada no recincto, debaixo de applausos, o sr. dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, que toma posse e occupa o seu logar).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz:

« Sr. dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, pelo vosso nome, pelas vossas tradições, pelos vossos talentos, pelos vossos estudos, de ha muito espiritualmente pertenceis á nossa companhia, que breve vai ser ainda enriquecida com a entrada de outro, como vós, digno representante dos illustres Escragnolles e Taunays, o dr. Affonso Escragnolle Taunay.

« Congratulo-me convosco e com o Instituto por occupardes hoje o vosso logar; e, dando-vos a palavra para o vosso discurso inaugural, antecipo-vos, bem como ao Instituto, sinceros parabens, pois estou certo de que esse discurso vai ser o inicio de uma serie de valiosos trabalhos nesta nossa, nesta vossa casa». (*Applausos*).

« Tem a palavra o sr. dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria ».

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA pronuncia o seguinte discurso:

« Baseio o debil edificio deste discurso no alicerce profundo e sólido da gratidão.

« No limiar desta casa illustre devo confessar-me penhorado pela summa delicadeza do convite para collaborador obscuro da obra do Instituto, obra quasi secular, de benedictinos leigos, de enthesouramento util, justificador da avareza, de trabalho vivo sôbre a materia morta do passado.

« Honra-me sobremaneira o modo pelo qual se me dá ingresso nesta douta companhia, ennobrecida pelo duplo prestigio do saber e do tempo, pois nascendo em 1838, ao crescer de nossa nacionalidade, foi criada no berço della e caminha agora, a passos largos e desempenados, para glorioso centenario.

« No desempenho de uma commissão do Ministerio do exterior, por ordem do barão do Rio Branco, outr'ora cabeça conspicua do corpo desta sociedade, eu me achava pesquizando em archivos e bibliothecas na Europa, tão longe, tudo quanto de perto pudesse interessar á Historia do Brasil.

« Encontrava-me fóra da patria. Busquei servi-la entre alheios, já realizando conferencias em centros intellectuaes de boa nota, já procurando honrar a minha missão official pela seriedade e constancia no labôr, já obtendo o convivio de espiritos de eleição como, entre muitos: Levasseur, Frederico Masson, Henry Roujon, os ermãos Margueritte, Léon Dierx, cuja perda ora deploro, de Gubernatis, de monsenhor Duchesne, de Göran Bjkorman, do conde de Arnoso e de Julio Dantas.

« Distante da terra natal, aformoseada tanto aos olhos do ausente, me julguei exquecido, na sombra, no resguardo ironico do proverbio hispanhol: *A muertos y a idos no hay amigos.*

« A generosidade do Instituto entendeu desmenti-lo e premiar-me, acolhendo-me como seu socio, na ausencia, com a maior espontaneidade.

« Avalio e prézo a extensão de tal recompensa assim concedida.

« O Instituto é a magnifica sala de honra da tradição no monumento da Historia do Brasil.

« Entro nesta sala. Por ella passaram, passam e hão de passar os vultos mais distinctos da nossa terra. Ahi encontro, em

telas de saudade, emmolduradas de lembrança, as imagens de alguns dos meus.

« Assim, em vetusto castello herdado, chega joven fidalgo e, nos largos corredores da casa antiga, entre o alvoroto da curiosidade e os rebates da memoria, divisa quadros onde o pincel immortalizou os seus avoengos.

« Qual se perfila sob armadura do guerreiro medievo, trajando de aço e de coragens, qual sob as vestes cardinalicias, symbolo do sangue e do martyrio, qual sob a toga negra do magistrado, parecendo vestir a côr dos crimes.

« No Instituto, como o fidalgo no castello herdado, passo em revista com os olhos e faço alto com o coração deante de alguns dos meus antepassados. Deram a este gremio nacional a semente do seu exforço, a flôr de sua dedicação ao Brasil, o fructo de sua experiencia summarento do desejo de acertar.

« Num lado encontro o marechal Daniel Pedro Muller, meu bisavô paterno, socio do Instituto de 1839 a 1841, o militar ao qual S. Paulo deve os seus melhores monumentos antigos, o militar que mentiu benemeritamente á missão das armas, construindo mais do que destruindo.

« De outro lado vejo o mestre da minha infancia, o zelador affectuoso della, meu avô materno, o barão de Taunay, socio desde a fundação do Instituto, de 1838 a 1881, durante quarenta e tres annos.

« Alem está Theodoro Taunay, socio do Instituto de 1839 a 1880, quarenta e um annos, merecendo depois o cognome official de São Vicente de Paulo dos Consolados, pois por sua inexgottavel philanthropia, fluindo sem bulha das nascentes da caridade, durante quatro decennios soccorreu biblicamente a pobreza do Rio de Janeiro.

« Mais alem, lobrigo o visconde de Taunay, socio do Instituto de 1869 a 1889, batalhador da penna depois de o haver sido da espada.

« Todas essas sombras estremecidas me incitam a cumprir o dever de membro do Instituto, tão generoso na sua accolhida de hoje, do Instituto, a magestosa associação, a qual do imperador, que tantas vezes a presidiu, parece ter herdado a magestade. A

elle pertenceram os melhores cultivadores do campo fecundo da Historia do Brasil, o visconde de S. Leopoldo, Porto Seguro, João Francisco Lisboa, Joaquim Caetano e Rio Branco, para respigar rapidamente só entre os mortos mais célebres.

« E si do passado, ora descripto, entre emoção e alegria, me reporto ao presente, vejo, com prazer, me concederem agasalho nesta casa, como altos representantes officiaes della, o conde de Affonso Celso, nome de escól nos fastos da intelligencia, das lettras e do civismo; o barão de Ramiz Galvão, orador hellenista e hellenico, laconico no modo de dizer, attico na maneira de exprimir; Max Fleiuss, o joven secretario perpetuo, o resuscitador do Instituto e delle amigo estrenuo; Gastão Ruch, companheiro de magisterio no collegio Pedro II, tão versado nas cousas de Historia, quanto Arthur Guimarães nas cousas economicas.

« Dizem-me todos, como expoentes officiaes da cultura desta douta companhia, que cumpre estudar e amar a Historia do Brasil, a qual, como desamparado cofre de ignotas gemmas, encerra episodios interessantes, dignos de emparelhar com os maiores feitos da Historia Universal.

« Basta recordar, de passagem, a retirada da Laguna, superior á dos Dez Mil, que, si fosse européa, seria admirada pelo mundo em pêzo.

« Quem, por exemplo, se lembra de nossa Historia para as creações plasticas da Pintura e da Esculptura? Melhor é pintar ou esculpir o julgamento de Páris ou a seducção de Leda, do que escolher nas paginas da Historia patria factos vivos, pittorescos e reaes como esses, que serviam de assumpto ás telas de Almeida Junior.

« São sinceras estas idéas. Quantas vezes as formulei intimamente na Europa, visitando museus e pinacothecas, vendo quanto os pintores, esculptores e gravadores aproveitam os episodios minimos da Historia dos seus paizes.

« Foi tambem no extrangeiro, sobretudo em Portugal, paiz a quem desejo os dias felizes que ora não tem, por estima-lo e lhe ser agradecido, que melhor repassei a Historia do Brasil, folheando-a nas saudades.

« Não vos seria talvez desagradavel relembra-la commigo, em traços larguissimos, neste recincto, onde arde o seu culto.

« Sabeis que famulentos de ouro, sequiosos de escravidão, os Portuguezes, nos seculos XV e XVI, atiraram o rumo das aventuras para a Africa, o continente mysterioso, attrahente e promissor.

« No afan de todos os seus patricios, Bartholomeu Dias defrontou com o cabo das Tormentas, de nome temeroso qual o baixar prematuro das tardes de trovoada, opulentas de nuvens e malbaratadoras de raios.

« A cubiça de chegar á India pelo meio dia o arrastava. Vasco da Gama a sentiu, acre e possante, ao seguir o mesmo rumo na esteira das caravellas, nas ardentias da conquista, nas espumas fluctuantes da illusão e da gloria. E quasi o Gama juncta o descobrimento do Brasil, por florão, á sua corôa de navegações.

« O descobrimento não devia, porém, tardar. Num vasto gesto de apprehensão duas immensas tenazes, do seculo XV ao XVI, andavam a buscar terra. Uma foi empunhada pelos navegadores de Oéste, a outra pelos navegadores do Sul. A tenaz lusitana conseguiu morder o Brasil, pelo qual roçou a tenaz hispanhola.

« Conhecido e participado o nascimento da terra de Sancta Cruz á Europa por d. Manuel, a nossa patria se tornou carniça, appetecivel e appetecida.

« Aves de rapina internacional, os aventureiros affluiram. Ás bicadas de audacia, arredando os Indios, Francezes e Hispanhóes procuraram ás pressas arrancar as melhores partes da presa emquanto o rosto da côrte lusitana se voltava todo para as miragens da India e para a Malaca.

« Mas a fascinação do Oriente descora aos poucos. O Brasil se apresenta então deante do throno portuguez, levando-lhe o enigma do monstro do caminho de Thebas: ou me decifras, isto é, me colonizas; ou morres, isto é, me perdes.

« D. Manuel acordou do opiado sonho oriental. Deu principio á colonização, devagar, chelonicamente, revestindo-a de feição de defesa.

« As primeiras cidades se alcandoraram na fortaleza dos morros, na trincheira natural das rochas, longe da planicie, fugindo

do mar, desconfiadas do rio, de todo o caminho grato ao inimigo e ao corsario.

« Olinda, a Bahia e o Rio de Janeiro ficaram nas montanhas como ahi postas por um grande gesto régio de paternal solicitude.

« Em breve a colonização se alastrou. Surgem as capitanias, feudos tropicaes sem fidalgos. Dentro dellas tumultuam as raças, com as suas qualidades e defeitos. Ennovellam-se o branco, o indio e o negro, parcellas heterogeneas que a brutalidade do tempo queria sommar á força. A par do branco oppressor, do indio oppresso e do negro gemente, as capitanias degeneravam e morriam.

« Enorme tronco apodrecido, se cobria de cogumelos ethnicos, de typos novos e cruzados : o mameluco, fructo do branco e do indio, producto do branco e do negro, e o cafuso, gerados dos vermelhos e dos negros.

« Enquanto isso, ia declinando o movimento social que puzera a correr pelos campos liquidos a « cavallaria do oceano ». No Brasil colonizado surgiu a legião dos missionarios, a infantaria da Fé, dizendo ao branco a misericordia, redizendo ao negro e ao indio a esperança de uma vida de paz, reversa da terrena, e por fim bendizendo todas as raças no apêrto dos braços de Deus.

« Mas não bastava a palavra de protesto do jesuita contra o desmembramento da terra de Sancta Cruz pela frouxidão do donatario, pelo esfarellar das capitanias. Outro protesto mais forte se ergueu, o da Corôa, creando o governo geral, triturando as capitanias e argamassando-lhes o pó no bolo de uma nova unidade administrativa.

« Quão difficil a tarefa dos primeiros governadores geraes, mesmo dos da envergadura de um Thomé de Sousa e de um Mem de Sá ! Cercavam-n'os patricios suspeitos, sinão tarados, fidalgos, plebeus e degredados, poucos delles bons, mulheres « erradas », massa social posta a ebulir no fogo de um clima ardente, onde todos os peccados, todas as culpas, se evaporavam á força de descuradas.

« É classico o desespêro dos demonios authenticos na frescura de uma pia de agua benta.

« Essa frescura a sentiam os colonos, endemoninhados verdugos das raças inferiores, ao avistarem a Companhia de Jesus.

« Essa Companhia era um verdadeiro planalto moral acimado na cheia dos vicios e das degradações da colonia. Nessa epocha, no Brasil, os jesuitas distribuiam entre os opprimidos os melhores juros do capital divino : a tolerancia, a bondade e a misericordia. Era a voz do Christianismo que lhes saïa da boca deante de malvados e de maldades. E quem estuda imparcialmente a Historia, requeimado apenas pela sêde ardente da verdade, ha de saudar os jesuitas do tempo numa attitude de altivo respeito, á maneira dos valentes de Gedeão bebendo na fonte sem curvar o joelho.

« No meio da lucta entre os colonos ao serviço das paixões, e os jesuitas ao mando da humanidade, movendo-se a um gesto de Deus, o govêrno geral tracta de defender o paiz das audacias dos povos mais valentes e mais poderosos da terra.

« O Francez quer plantar no Brasil as sementes da França Antarctica e da Equinoxial, lembrado que um rei de França dizia ignorar qual a verba testamentaria de Adão legando o mundo a Hispanhóes e Portuguezes.

« Após os Francezes, os Batavos. Trouxe-os o grande inimigo delles na Europa, o mar, esse mar que dia e noite lhes saliva de vagas a pequena patria, defendida pela tactica hydraulica dos diques.

« Os Hollandezes se installaram no Brasil, de onde lhes deu ordem de despejo mais a inepcia dos proprios que a habilidade dos contrarios.

« Aninharam-se, annos mais tarde, em Pernambuco, onde resistiram bastante á repulsa da Hispanha, de Portugal e dos nacionaes, vencedores graças aos talentos e ás providencias de Nassau, este contudo desajudado da Companhia das Indias Occidentaes, a lembrar, em scenario mais restricto, os transes do genial Annibal, luctando com os inimigos naturaes e contra os dirigentes da Republica de Carthago.

« Atrás dos homens estão sempre os principios.

« Villegaignon, o grupo da França Equinoxial, e Nassau representavam as luctas do commercio livre contra o monopolio e na proporção daquelle commercio a incognita é o corsario, esse caixeiro viajante da pilhagem, em busca da riqueza alheia e do exforço extranho.

« Caïdo o panno sôbre o drama da lucta entre o monopolio e o commercio livre, de novo se reergue, para outro grandioso espectaculo, o da formação do Brasil.

« Toda a grande obra suppõe artifices magnos.

« Na feitura do Brasil do seculo XVII ao XVIII, intervieram como artifices : o jesuita, o sertanejo e o bandeirante, este desbravando, aquelle caminhando e o primeiro moralizando.

« É a epocha de Antonio Vieira a cinzelar a lingua portugueza, a buris de ironia, nos pulpitos brasileiros. É a quadra das subidas e descidas do sertanejo, a par das tomadas de posse de territorio pelo bandeirante, esse nome tão expressivo que parece desfraldar-se e trapejar ao vento no proprio idioma.

« Sertanejos e bandeirantes retalham a face do paiz a golpes de progresso, sem esperdiço de tempo, sem ociosidade, a grande mestra da malicia, no dizer classico.

« Ao redor dos marcos dos descobrimentos de sertanejos e bandeirantes se desenvolve toda a nossa historia local, flor sangrenta de conquista, promettendo o fructo amadurecido da expansão.

« Eis-nos no seculo XVIII. Que seculo tão sério para a humanidade, tão frivolo nos seus homens e nas suas mulheres !

« Que seculo tão imbuido de scepticismo e tão polvilhado de pó de arroz, no seu declinio tão sujo de sangue, com tanta lagrima a lavar o pó de arroz.

« Nesse seculo, no Brasil, o espirito da independencia se accende no corpo social.

« Num canto de Minas um grupo de sonhadores acordados imagina a autonomia, dá-lhe a fórma de uma republica pacifica, a julgar pela sua divisa — *Libertas quœ sera tamen* — pedida ás eglogas virgilianas. Conspiração a que não faltou a nota suave, o idylio de Marilia, medido a versos e rythmado a beijos.

« A conjura é atraiçoada. Tanto a delatam traidores quanto os membros della, loquazes e imprudentes.

« Descoberta, foi punida com severidade, muito áquem de quanto abuso commettem os govêrnos dos paizes mais civilizados do seculo XX. E como não ser assim ?

« O aperfeiçoamento da humanidade é a gotta d'agua que só

escarva a pedra a cabo de innumeros seculos. Sob a casaca irreprehensivel do cavalheiro que, nas salas, entre ademanes se entrega a adocicados *flirts*, ás vezes de amargos sabores, vive o que a *Imitação de Christo* chama o « velho homem », o troglodyta dynamizado pela cultura penosa das edades.

« Subjugada a Inconfidencia Mineira, o absolutismo não gosou a victoria por muito tempo. A autonomia era a causa vencedora nos ultimos dias da colonia quando o principe regente, saïndo de Lisboa, emprehendeu uma especie de Varennes maritimo, mais feliz que a fuga do desditoso Luiz XVI, o tyranno, como o chamavam os jacobinos da Revolução, mas em todo o caso o tyranno mais tyrannizado que tem conhecido a Historia.

« A transmigração da familia real portugueza trouxe aos materiaes accumulados da autonomia a fagulha atcadora de benefico e inevitavel incendio.

« No sequito de d. João veio um personagem incognito. Achou facil hospedagem no Rio de Janeiro, onde tanto custaram a alojar-se os fidalgos da comitiva régia, parasitas do tronco real, trazido pelas aguas do Atlantico, do Tejo á Guanabara.

« Esse personagem era a nossa liberdade.

« Napoleão, sem querer, nos prestou um favor, com a vinda desse principe, cujos serviços um dos nossos consocios, o sr. Oliveira Lima, descreveu com tanta sciencia quanta consciencia.

« Tivemos a autonomia como mr. Jourdain teve prosa, sem saber. E rapidamente no-la deu esse d. João, que do Brasil se separou com lagrimas, presagas de seu fim proximo.

« Na constancia da estadia do rei portuguez em nossa terra, entre dezenas de reformas uteis e immorredouras, o constitucionalismo começou a erguer na Europa o pé de vento das rebeldias anti-abolicionistas, a cujo sibilar se estorceram, da raiz á folhagem, os velhos robles dynasticos.

« O pé de vento transpoz o oceano. Veio varrer o Rio de Janeiro, ahi abriu as janellas dos paços regios. Pouco tempo depois d. João VI saïa do Brasil, e, na clarividencia de seu bom senso, ordenara ao filho que puzesse na cabeça a corôa brasileira antes de ver algum aventureiro lhe pôr as mãos.

« O conselho foi seguido á risca. D. Pedro com o ardor da

sua juventude, com os surtos de seu temperamento cavalheiresco, preside á nossa independencia, militar e dynasticamente, consoante o aviso paterno.

« Organizou o imperio, ao relampaguear das revoltas, caminhando entre duas ondas, de pé, por muito tempo, quaes as do mar Vermelho á passagem dos Hebreus — o lusitanismo e o nativismo.

« Essas ondas se encontraram, arrastando para fóra da barra Pedro I e o seu reinado, para cuja bacia politica haviam corrido, ou em curso lento e sinuoso, em arabescos de preguiça, ou em caudal, todas as correntes da democracia, retomando os seus leitos após o desvio delles em 1792, 1817 e em 1824.

« Como já observei que atraz dos homens estão os principios, o nativismo e a democracia se apresentaram no Campo da Acclamação em 7 de Abril de 1831.

« E passámos para a regencia, no fim da qual nasceu o Instituto, para esse periodo de sub-imperadores, de anarchia civil cavalgando a indisciplina militar, de padres dissolvendo exercitos.

« A par de todas as calamidades públicas, da lucta ás cegas entre os principios unitarios e federalistas atravez da floresta escura das guerras civis, havia, porém, patriotismo roborante. A sua figura representativa é Evaristo, a sua tribuna é a *Aurora Fluminense*, o jornal de nome gracioso e promissor, nuncio de claridades na espessura das trevas densas.

« A regencia comparece á barra da Historia, ante o juiz posteridade e o auditorio humanidade, invocando em desconto de erros e culpas, duas formidaveis attenuantes: a salvação do imperio pelo Acto Addicional e o exforço preservador da unidade da patria.

« Sôbre as solidas estratificações politicas da regencia, repousou o reinado de d. Pedro II.

« Rompeu na alvorada sanguinea das guerras intestinas, extinctas a jactos de clemencia pelo monarcha adolescente, e terminou no crepusculo de um exilio hoje dourado pela luz solar da Historia.

« Falar de d. Pedro II no Instituto Historico é reunir a fa-

milia para ouvir a narração da existencia do pae desvelado, da solicitude com que cuidou da progenitura durante a sua passagem pela terra, em transito para melhor vida.

« Durante annos e annos duas instituições mereceram os desvelos particulares do Imperador, o Instituto e o Collegio d. Pedro II, viveiros intellectuaes de onde se retiraram as mais bellas plantas para as exposições da nossa cultura.

« Cada novo membro do Instituto, como cada novo professor do Pedro II, tem o dever de honrar este morto, meditando o patriotismo delle, que durante cincoenta annos esteve de ronda na fronteira de amor ao Brasil, sentinella jámais rendida dos seus interesses vitaes.

« Ao Instituto deu d. Pedro II os mais bellos exemplos da assuidade no dever e da tolerancia, essa virtude dos superiores, dos super-homens, como no dia em que veio, bisneto de Maria I, a esta casa presidir á commemoração de Tiradentes e de seus companheiros.

« Nesse grande exemplo procurarei inspirar-me de longe para corresponder á honra por vós dispensada, a de eleger-me vosso consocio, por suffragio unanime. Antes de pertencer ao vosso gremio já vos havia dado arrhas da minha dedicação e do meu respeito, de envolta com o intenso affecto pela terra natal.

« Quantas vezes no só do extrangeiro, a relembrei carinhoso no amago da saudade. Quantas vezes nas salas tranquillas ou rumorosas dos archivos europeus, no British Museum, na Torre do Tombo, na Bibliotheca do Vaticano, nos archivos de Haya, na Bibliotheca de Stockolmo, em todos os logares onde transportei a minha sêde de sentir, revivi a Historia da patria folheando com meigo interesse os velhos documentos, onde estava em pedaços repartida.

« E, para amenizar este discurso, consenti que vos refira um facto curioso, prova de que nos archivos se póde encontrar a Historia viva.

« Uma vez, nos Archivos Nacionaes de Pariz, gastára o dia estudando o periodo da invasão de Duguay-Trouin no Rio de Janeiro, um desses assumptos em que é tão versado Vieira Fazenda,

doutor e douto, indice eloquente da muda riqueza bibliographica do Instituto.

« Era outomno e ventoso. Quando acabei de compulsar os documentos, a tarde vinha caïndo para o levantar da noite. Ao meu lado uma senhora edosa, distincta, manuseava tambem documentos, tomando notas num pequeno caderno. Erguemo-nos quasi ao mesmo tempo e inclinei-me respeitoso para deixa-la passar, delicadeza que me agradeceu com uma saudação altiva e melancholica.

« Eu acabava, sem saber, de encontrar a Historia viva depois de ter tractado com o passado adormecido. A minha vizinha èra a imperatriz Eugenia, a viuva de Napoleão III, a Eva exquecida do paraïso perdido do segundo imperio.

« Enquanto se afastava, guardando nas mãos o seu caderno de notas e na alma as suas saudades, eu descia, com as minhas reflexões e meus apontamentos, até á praça do Hotel de Ville, outr'ora praça da Grève, de tão sinistras recordações.

« Não posso folhear os documentos colhidos acerca da expedição franceza de 1711, sem me lembrar do dia, no qual os coordenei ao lado da representante de um dos mais rutilos e dos mais luctuosos periodos da Historia de França.

« Voltando agora ao sincero protesto da minha gratidão, eu vos prometto, senhores socios do Instituto Historico, um exforço humilde mas dedicado no seio de uma companhia honrada e honrosa.

« E, para terminar, peço venia para outra recordação de minhas peregrinações.

« No inverno de 1910, eu viajava de Milão para Lausanne, pelo Simplon. O dia estava muito feio.

« Grossas nuvens claras emmolduravam o horizonte.

« Uma sensibilidade friorenta a todos invadia. Enormes geleiras, gigantes endurecidos pelo vento, azulavam a poder de brancura. Flores de neve pareciam desabotoar nos galhos nús das arvores.

« Tudo angustiava, á força de tristeza e vasio, tudo trespassava o coração como uma lamina. Gottas de agua luziam nessa paizagem humida.

« A neblina estava tão baixa que punha capas nos telhados das aldeias perdidas na distancia. Ellas dormiam na alvura. A lua, muito minguada em pleno dia, desbotava-se no céo pallido como um olhar occulto sob as palpebras.

« A terra era uma toalha de neve. Sôbre esta, uma cousa vivia, o vestigio de frequentes passos humanos assignalando as estradas em longo sulco de exforço, coragem e paciencia.

«Taes passos, respingando a neve de manchazinhas sombrias e profundas, restituiam luz inteira á paizagem. A natureza queria annuviar-se, esparzir funebre mágoa, convidar ao pranto, mas o animo sentia-se commovido, forte, cheio de esperança. Aquelles vestigios attestavam a penosa Historia do homem sôbre a terra e ao mesmo tempo a ousadia de seus passos.

« As pègadazinhas sôbre a neve davam cunho de grandeza á paizagem deserta. Tinha-se vontade de descer do trem para ajoelhar juncto ao irregularissimo signal dos passos da fragil creatura humana, estalando de continuo ao pêzo da morte, quebradiça a todas as miserias, e desafiando a creação e os seus inexgottaveis reservatorios, o infinito e a eternidade.

« Como no caminho do Simplon, si ha logar em que o passo humano indo e vindo, hontem, hoje, incessantemente, infatigavelmente tenha deixado impresso o seu vestigio, esse logar é o Brasil, pois o progresso de nossa terra é funcção das suas explorações e de seus exploradores.

« Deante do Brasil dobro o joelho ao incorporar-me no gremio do Instituto Historico e da sua obra, cálida de patriotismo. » (*Calorosos e prolongados applausos*).

O SR. DR. RAMIZ GALVÃO (*orador do Instituto*) respondeu da seguinte fórma :

« Sr. dr. Escragnolle Doria.

« As palavras encantadoras, com que acabaes de estréar no Instituto Historico, e que todos ouvimos com summa attenção e real deleite, não fazem sinão attestar a justiça, com que esta companhia vos chamou ao seu gremio.

« Com o saudosissimo visconde de Taunay — o nosso glorioso Xenophonte da *Retirada de Laguna* — desappareceu dentre nós, não ha muito, um representante dessa familia privilegiada de ar-

tistas e benemeritos cidadãos, que, em hora para nós felicissima, o conde da Barca e o marquez de Marialva conseguiram attrahir ao Brasil no reinado do sempre lembrado d. João VI, a quem o nosso Brasil tanto deve.

« Prestastes com grande justiça, illustrado consocio, piedosa e commovente hamenagem filial a esse grupo distincto de velhos ornamentos do Instituto, varões eminentes, cuja recordação não é para nós menos cara do que para vós, herdeiro de nome, sangue, talento e virtude.

« Convosco reata-se, pois, a cadeia, que a mão da morte impiedosamente rompêra ; convosco teremos sempre a fortuna de relembrar aquelles nomes queridos, que o tempo não apaga dos nossos corações, como não poderá jámais riscar a Historia dos primeiros dias do Imperio.

« Tivestes entre outras uma phrase muito feliz, dizendo que no sequito do principe regente d. João, viera entre os fidalgos, parasitos do tronco real um personagem incognito : a nossa liberdade. Permitti que parodiando essas palavras traductoras de uma verdade historica inconstestavel, eu diga tambem : na famosa missão artistica de 1816, que acompanhou Lebreton ao Brasil, veio-nos egualmente o germe de uma pleiade brilhante de talentos que honram ainda hoje a nossa Patria, e dos quaes é licito esperar trabalhos de grande valia.

« Professor laureado e vergontea dessa estirpe, iniciaes aqui a série de vossas conferencias com um lucido resumo da nossa Historia, no qual brilha o vosso juizo critico apurado e magistral.

« O Instituto não foi, pois, generoso, abrindo-vos as portas ; foi ambicioso de glorias chamando para seu seio um trabalhador emerito, que o ha de honrar servindo ás letras nacionaes como honra a cathedra, em que se sentaram Tautpheus, Calogeras e Joaquim Manuel de Macedo.

« Com o delicado pincel de colorista, e revelando alma de poeta — dons tradicionaes da vossa raça — desenhastes aos nossos olhos aquelle panorama do Simplon, em que « sob a toalha de neve uma cousa vivia : o vestigio de passos humanos assignalando as estradas em longo sulco de exforço, coragem e paciencia », e

depois de haverdes pintado a singular paizagem, comparastes esse caminho assignalado pelo passo humano ao nosso Brasil, cujo progresso é funcção de seus exploradores.

« Não pretendo nem posso negar a belleza da imagem. Mas peço licença para contrapôr-vos outra, posto que me falleçam as tintas raras de vossa palheta.

« Ha seculos, um pavoroso cataclysmo sepultou tres cidades juncto áquella formosa Parthénope de tão poetica recordação. Torrentes de lava e cinzas cobriram-n'as, transformando habitações, templos, theatros, monumentos em ruinas, « cujo aspecto tambem trespassa o coração como uma lamina ». Quasi se perdêra a memoria da florescente e garrida Pompéa, até que os descobrimentos e os trabalhos da Archeologia moderna revelaram ao mundo um curiosissimo capitulo do livro da civilização.

« Assim mergulharam, na onda do tempo, os acontecimentos dos primeiros seculos da nossa Historia, as tradições e os dialectos do aborigene, as façanhas dos exploradores ousados, que devassaram o sertão com heroïsmo, as correntes do primitivo pavoamento, os prodigiosos sacrificios do catechista, que, com risco da vida, foi levar o nome de Christo ás tabas longinquas do tapuio.

« Tudo isso, meio sepultado no exquecimento ou na poeira dos archivos, vai a pouco e pouco resurgindo, voltando á luz pela investigação laboriosa do historiador e do ethnologo, que recompõem as scenas de costumes, o vocabulario multiforme do aborigene, a trilha gloriosa dos bandeirantes, a marcha lenta da civilização que se foi infiltrando pelo corpo deste collosso patrio, que tanto amamos.

« A obra não está concluida nem se concluirá tão cedo, porque reconstituir o periodo largo de quatro seculos de esfôrço e de lucta não é trabalho de uma geração.

« Vindes a tempo, illustre consocio, de ajudar-nos nesta magna tarefa; e, si dobraes o joelho deante do Brasil ao vos encorporardes no nosso gremio para esta « obra calida de patriotismo », nós, com a vossa prestimosa collaboração, tambem de joelhos deante da sagrada imagem da Patria, rendemos graças ao Céo, que retempera cada dia nossas fôrças com sangue rubro

e ardente de novos luctadores que vêm, felizmente, render a guarda dos veteranos no altar da Historia.

« O Instituto sauda-vos com verdadeiro júbilo. » (*Palmas. O orador é vivamente felicitado*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que nada mais havendo a tractar levantará a sessão; não o fará, porém, sem agradecer a presença do sr. ministro da Viação, dos representantes dos snrs. ministros do Interior e da Fazenda, do sr. general prefeito do Districto Federal, ex.mas senhoras e cavalheiros, que tanto realce deram á presente sessão.

Convida o escolhido auditorio para assistir na sala da directoria á inauguração do retrato do inclyto orador do Instituto, sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Levanta-se a sessão ás 5 horas da tarde.

Radler de Aquino (servindo de 2.º secretario).

ANNEXO

(Discurso do sr. conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pronunciado a 11 de Junho de 1912, por occasião de se inaugurar na sala da Directoria do mesmo Instituto o retrato do consocio effectivo, sr. almirante Barão de Teffé).

«Ex.mo sr. marechal Hermes da Fonseca, dignissimo chefe do Estado e presidente honorario do Instituto, eminentissimo sr. cardeal, minhas senhoras e meus senhores.

« A collocação, entre os dos proceres do Instituto, do retrato de s. ex.ª o sr. almirante barão de Teffé, que tão calorosamente acabais de applaudir, é um acto tão natural, tão legitimo, tão merecido, que extranhavel fôra tentar eu agora justifica-lo.

«Ha trinta annos, tem o Instituto a fortuna de incluir a s. ex.ª na lista de seus socios.

« Durante não curto periodo exerceu, com a correcção que sempre lhe assignala qualquer incumbencia, as funcções de nosso thesoureiro.

« Desempenhando elevadas commissões, no exercicio de altos cargos administrativos e diplomaticos, jámais cessou de mostrar interesse pela nossa casa que guarda, com carinhoso e reconhecido zêlo, muitas e preciosas demonstrações do cavalheirismo peculiar a s. ex.ª

« Em mais de uma cousa, o barão de Teffé está hoje no Brasil em egregia unidade.

« É o unico sobrevivente dos commandantes, que se aureolaram de gloria em Riachuelo; é o unico Brasileiro, talvez o unico americano, membro do Instituto de França, rarissima distincção esta, cuja honraria se reflecte sôbre todo o nosso paiz.

« Em 1889, delegado brasileiro no Congresso Internacional Aerostatico, reunido em Paris, reivindicou, na patria de Montgolfier, para o Brasil, na pessoa do padre Bartholomeu de Gusmão, a iniciativa da conquista desse elemento incoercivel e infinito, onde, com Julio Cesar, Augusto Severo e Santos Dumont, tanto se tem erguido, antes de quaesquer outros, o nome e o pavilhão de nossa patria.

« Homem de guerra, homem de lettras, homem de sciencia, homem de sociedade, administrador, diplomata, artista, o seu titulo, a sua patente, os seus livros, as medalhas e condecorações que lhe exornam o altivo peito, são documentos vivos de uma existencia cheia, fecunda, exemplar.

« Com a mesma elegante intrepidez e donairoso brio, de que deu mostras em Riachuelo, soube constantemente proceder na batalha da vida, seguindo sempre o lemma de Barroso naquella acção, isto é, correspondendo á espectação da consciencia publica, no cumprimento de todos os deveres domesticos e civicos.

« Ainda uma superioridade de s. ex.ª: educou descendentes continuadores dos seus talentos, virtudes, capacidade e serviços.

« Ha dias, o Rio de Janeiro intellectual está admirando as producções artisticas de uma digna filha e discipula de s. ex.ª, e em cujo encantador engenho se alliam ás mimosas graças femi-

ninas o intemerato ardimento, a afouta distincção que sagraram seu pai um dos nossos bravos.

« Adorna com a sua presença esta solennidade a eximia caricaturista *Rian.*

« Afim de dar á presente inauguração uma delicada nota de arte e torná-la mais agradavel e tocante ao heroe de Riachuelo e nosso heroe de hoje, tenho a honra de cònvidar a senhorita Nair de Teffé a commigo, que me prezo de tributar a seu pai uma veneração proxima da filial, desvendar a effigie do conspicuo socio do Instituto, o insigne Brasileiro almirante Antonio Luiz von Hoonholtz, barão de Teffé !

(*Palmas e applausos prolongados*).

ASSEMBLÉA GERAL EXTRAORDINARIA, EM 27 DE JUNHO DE 1912

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso.

Ás 4 horas da tarde, na séde social, abre-se a sessão da assembléa geral com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, dr. Gastão Ruch, barão de Teffé, dr. José Americo dos Santos, dr. Pedro Souto Maior, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, padre dr. Julio Maria, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Antonio Jansen do Paço, coronel Jesuino da Silva Mello, dr. Norival Soares de Freitas, dr. Sylvio Roméro, commendador Arthur Guimarães, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires e conselheiro João de Sá Camelo Lampreia.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente)* manda lêr a acta da sessão da assembleia geral extraordinaria, realizada a 17 de Fevereiro ultimo.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (*2.º secretario*) lê a referida acta, que é approvada unanimemente.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz ter mandado convocar a presente sessão de assembléa geral extraordinaria, de inteira conformidade com o que dispõe o art. 53 dos actuaes Estatutos, para se deliberar sôbre a proposta de alteração dos mesmos, apresentada na assembléa geral de 21 de Novembro do anno passado pela Commissão de Estatutos e Redacção, unanimemente, nos termos do art. 72 dos mesmos Estatutos.

Essa proposta foi lida na referida assembléa de 21 de Novembro, ficando para ser discutida e approvada na primeira sessão de assembléa geral que se reunisse, tendo sido publicada na íntegra no *Diario Official* de 3 de Dezembro de 1911.

A Commissão de Estatutos e Redacção, de accôrdo com elle presidente, resolveu fazer novas alterações e melhorar a respectiva redacção, como verão os illustres consocios do projecto distribuido em avulso e transcripto na presente acta.

Projecto de Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

CAPITULO I

Do Instituto, sua séde, seu fim e sua organização

Artigo 1.º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundado a 21 de Outubro de 1838 na cidade do Rio de Janeiro, sua séde social, tem por fim proceder a estudos e investigações concernentes á Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia, principalmente do Brasil.

Art. 2.º Para realização do fim, a que se propõe, o Instituto deverá:

a) colligir, conservar e classificar documentos, livros, car-

tas geographicas e outros objectos que lhe possam fornecer elementos de informação e devam constituir um Archivo, uma Bibliotheca e um Museu ;

b) publicar annualmente a *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro,* dividida em duas partes, em uma das quaes serão insertos trabalhos dos socios e documentos relativos ao Brasil, e em outra, além desses trabalhos, as actas das sessões, o relatorio do 1.º secretario, lido na sessão magna anniversaria, e a lista dos socios existentes, com as suas diversas categorias e data de admissão ;

c) estabelecer correspondencia com as sociedades nacionaes e extrangeiras de egual natureza.

Art. 3.º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro compor-se-ha de :

§ 1.º Socios benemeritos, em numero de 10.

§ 2.º Socios honorarios, em numero de 50.

§ 3.º Socios effectivos, em numero de 60.

§ 4.º Socios correspondentes, em numero de 80.

Art. 4.º Todos os negocios do Instituto serão administrados por uma directoria, não sendo responsaveis solidariamente os demais socios pelos actos, que esta praticar.

Art. 5.º Os membros da directoria serão :

a) um presidente ;

b) um 1.º secretario ;

c) um 2.º secretario ;

d) um orador ;

e) um thesoureiro.

§ 1.º Haverá tambem tres vice-presidentes que, na respectiva ordem, assumirão a presidencia no caso de vaga e notorio impedimento, ou quando o presidente effectivo passar, por escripto, o exercicio do cargo.

§ 2.º Fóra destes casos os vice-presidentes dirigirão apenas os trabalhos nas sessões e nas assembléas, a que deixar de comparecer o presidente.

Art. 6.º Haverá as seguintes commissões permanentes, cada uma composta de cinco membros :

§ 1.º Commissão de Fundos e Orçamento.

§ 2.º Commissão de Estatutos.
§ 3.º Commissão de Historia.
§ 4.º Commissão de Geographia.
§ 5.º Commissão de Ethnographia e Archeologia.
§ 6.º Commissão de Admissão de Socios.

CAPITULO II

Dos socios, sua admissão, seus direitos e deveres

Art. 7.º Para ser admittido como socio effectivo deverá o candidato residir no Rio de Janeiro e apresentar directamente, ou por algum socio em seu nome, trabalho proprio acêrca de Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia, quer esse trabalho seja inedito, quer já estampado, uma vez que abone a capacidade do auctor.

§ 1.º A proposta deve ser feita por escripto e conter o nome e appellidos do candidato, sua naturalidade, profissão, trabalhos e titulos que o recommendem.

§ 2.º Só serão acceitas pela Directoria propostas para socio effectivo quando accompanhadas de trabalhos do candidato, com offerecimento autographo ao Instituto.

§ 3.º Apresentada a proposta, assignada por tres ou mais socios, será ella remettida á Commissão de Historia, de Geographia ou de Ethnographia e Archeologia, conforme a natureza do trabalho ou dos trabalhos do candidato, e a Commissão submetterá á Directoria o resultado do seu exame.

§ 4.º Discutido e approvado em sessão este parecer, irá á Commissão de Admissão de Socios, a qual dará opinião sôbre a idoneidade do candidato e conveniencia de sua admissão.

§ 5.º O parecer da Commissão de Admissão de Socios será discutido em sessão e submettido á votação em escrutinio secreto.

§ 6.º Si na urna apparecer maioria de espheras brancas, considerar-se-ha acceito o candidato, e o presidente proclamá-lo-ha socio effectivo do Instituto.

§ 7.º Si, porém, houver maioria de espheras pretas, considerar-se-ha rejeitada a proposta.

§ 8.º Os membros das commissões, que assignarem propostas dependentes do parecer das commissões de que fizerem parte, serão substituidos, nesse caso especial, pelos socios que o presidente nomear.

Art. 8.º Para ser socio correspondente deverá o candidato preencher as condições exigidas no art. 7.º, menos a de residencia no Rio de Janeiro, feita a proposta da mesma fórma que para socio effectivo e observado identico processo.

Art. 9.º O socio correspondente que vier residir no Rio de Janeiro passará a effectivo quando houver vaga, e o effectivo que fixar definitivamente residencia fóra da capital da Republica será transferido na primeira occasião para a classe dos correspondentes.

Art. 10. Só poderão ser socios honorarios :

a) os socios effectivos que tiverem prestado serviços notaveis ao Instituto ou exercido, por mais de 10 annos consecutivos, cargos na Directoria ou nas Commissões Permanentes ;

b) os socios correspondentes, que por mais de 10 annos fizerem parte do Instituto e lhe houverem prestado serviços relevantes ;

c) as pessoas que se tiverem distinguido por seu consummado saber, manifestado especialmente no dominio da Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia.

Art. 11. As propostas para socios honorarios deverão conter no minimo seis assignaturas e serão enviadas á Commissão de Admissão de Socios ; o respectivo parecer será votado em escrutinio secreto.

Art. 12. Os socios honorarios pagarão sómente o diploma, sendo essa contribuição dispensada quando se tractar de pessoas nas condições da lettra *c* do art. 10.

Art. 13. Só poderão ser elevados á classe de socios benemeritos os honorarios, que tiverem no minimo 20 annos de notaveis serviços ao Instituto.

Art. 14. A eleição de socios benemeritos será feita em assembléa geral,

Art. 15. A qualidade excepcional de presidente honorario só poderá ser conferida em assembléa geral aos chefes de Estado ou aos membros do Instituto, que tiverem sido presidentes effectivos, mediante proposta de tres ou mais membros da Directoria e demais socios, perfazendo um total de vinte e uma assignaturas.

Paragrapho unico. A proposta assim apresentada considerar-se-ha approvada, e o presidente do Instituto communicará ao titular a distincção que lhe foi conferida, enviando-lhe o respectivo diploma.

Art. 16. A qualquer dos membros das commissões, que no espaço de dous mezes não apresentar o trabalho que lhe competir e não allegar excusa satisfactoria, dará o presidente um substituto.

Art. 17. Nenhum socio se negará, sem motivo justificado, aos trabalhos de que tiver sido incumbido.

Art. 18. O socio contribuinte, que por espaço de dous annos deixar de pagar as suas contribuições, havendo para isso recebido aviso do thesoureiro (expedido por meio de carta registada com recibo de volta), será considerado como tendo renunciado a sua qualidade de socio.

Art. 19. Para que possam os socios fazer parte da Directoria ou das commissões e ser transferidos de uma classe para outra, deverão ter em tempo satisfeito o que fôr devido aos cofres do Instituto, e bem assim ter tomado posse, de accôrdo com o art. 20. Sómente os socios nessas condições terão direito á *Revista*, de conformidade com o art. 26.

Art. 20. Quando algum socio quizer tomar posse, enviará ao presidente cópia do respectivo discurso, realizando-se a ceremonia dentro de trinta dias, contados da data da entrega da referida cópia.

§ 1.º Si o discurso contiver opiniões susceptiveis de perturbar a serenidade dos trabalhos do Instituto, o presidente submette-lo-ha á consideração da Directoria e, de accôrdo com o que se resolver na reunião, devolve-lo-ha ao recipiendario, convidando-o a fazer as alterações indispensaveis, sem o que não poderá realizar-se a posse.

§ 2.º Na occasião da posse o recipiendario prestará o seguinte compromisso: « Prometto promover, quanto em mim couber, o engrandecimento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e observar fielmente os seus Estatutos. » Em seguida o presidente declarará empossado o novo socio.

§ 3.º Depois da posse o presidente dará a palavra ao recipiendario, que lerá o seu discurso de admissão, e a quem responderá o orador.

§ 4.º Os discursos do recipiendario e do orador serão insertos na acta.

§ 5.º O socio eleito não tomará posse, nem será como tal inscripto no livro competente, sem que haja satisfeito as contribuições devidas e exhiba o seu diploma.

Art. 21. Os socios teem como distinctivo uma roseta de côr azul-celeste para ser usada nas reuniões e solennidades sociaes e naquellas em que representarem o Instituto.

Art. 22. Aos socios de todas as classes expedir-se-ha um diploma, que será assignado pelo presidente, pelo 1.º secretario e pelo thesoureiro.

Art. 23. Cada socio effectivo ou correspondente pagará como joia de admissão a quantia de 100$, além de 30$ do diploma, e concorrerá com a somma de 24$ annuaes, paga adeantadamente.

Paragrapho unico. Estão isentos de qualquer contribuição:

a) os benemeritos;

b) os honorarios, admittidos de accôrdo com a lettra *c* do art. 10;

c) os correspondentes que residirem fóra do territorio nacional.

Art. 24. Os socios, que se quizerem remir do pagamento de prestações annuaes, poderão fazê-lo pagando, além do diploma, a quantia de 200$000.

Art. 25. Os socios, que se acharem atrazados no pagamento das prestações annuaes, só poderão remir-se depois de solver as suas dividas.

Art. 26. Os socios, que satisfizerem as joias e as contribuições, terão direito a um exemplar da *Revista do Instituto*, desde

o dia da sua admissão em deante, pagando o porte do correio.

Art. 27. Aquelle que dever as prestações de dous annos perderá o direito a receber a *Revista*.

Art. 28. Nos enterros de membros do Instituto, far-se-ha este representar, sempre que lhe chegar a tempo a participação.

CAPITULO III

Das eleições e attribuições da Directoria e das Commissões Permanentes

Art. 29. O mandato da Directoria e das Commissões será de dous annos.

Art. 30. De dous em dous annos será convocada a assembléa geral para o dia 15 de Dezembro, ou sendo este impedido, para o dia seguinte, afim de eleger a nova Directoria e as novas Commissões, que tomarão posse no dia 7 de Janeiro do anno seguinte:

Art. 31. A eleição será feita por escrutinio secreto, observando-se o seguinte:

§ 1.º Cada socio presente lançará na urna duas cedulas, uma contendo o nome do presidente, dos vice-presidentes, do 1.º secretario [1], do 2.º secretario, do orador e do thesoureiro, e outra contendo o nome dos membros das diversas Commissões.

§ 2.º A apuração será feita separadamente, e, só depois de proclamados os membros da Directoria, se procederá á apuração quanto ás Commissões.

§ 3.º Só para o cargo de presidente se requer maioria absoluta; no caso de empate, correrá segundo escrutinio e, si ainda assim este não fôr decisivo, a sorte desempatará a eleição.

Art. 32. Os membros da Directoria podem ser reeleitos, bem como os das Commissões, mas a eleição só recaïrá em so-

---

1 A Assembléa geral de 9 de Março de 1907 conferiu ao 1.º secretario Max Fleiuss a perpetuidade nesse cargo.

cios effectivos ou em honorarios e benemeritos, residentes na séde do Instituto, podendo os membros da Directoria, excepto o presidente, fazer tambem parte de qualquer das Commissões.

Art. 33. As vagas, que durante o biennio occorrerem na Directoria ou nas Commissões Permanentes, serão preenchidas por nomeação do presidente, feita em portaria, que será registada em livro especial.

Art. 34. Sempre que o Instituto renovar biennalmente a sua direcção, communicá-lo-ha ao Govêrno Federal por officio assignado pelo presidente ou pelo 1.º secretario.

Art. 35. O presidente tomará posse e dirigirá, dentro das normas destes Estatutos, os trabalhos do Instituto pelo espaço de dous annos.

Art. 36. Ao presidente incumbe:

§ 1.º Presidir ás reuniões da Directoria, ás sessões ordinarias, extraordinarias e anniversarias, ás assembléas geraes e ás de eleição.

§ 2.º Representar o Instituto, por si ou por seu mandatario, em todos os negocios judiciaes ou extra-judiciaes.

§ 3.º Nomear quem sirva interinamente nas Commissões ou na Directoria, no caso de falta dos respectivos membros.

§ 4.º Nomear os relatores das Commissões.

§ 5.º Nomear, suspender e exonerar os funccionarios do Instituto.

§ 6.º Auctorizar todos os pagamentos.

§ 7.º Providenciar sôbre quaesquer negocios do Instituto, nos limites destes Estatutos.

Art. 37. O presidente poderá oppôr *veto* ás deliberações tomadas nas sessões ordinarias e extraordinarias, sendo a Assembléa geral a unica competente para confirmar ou rejeitar os *vetos*.

Art. 38. O 1.º secretario, que será o chefe da secretaria, terá a seu cargo todo o expediente e superintenderá o archivo, a bibliotheca e o museu. Compete-lhe:

§ 1.º Propôr ao presidente a nomeação ou exoneração do bibliothecario ou do director da *Revista*, cargos que poderão ser exercidos por socios do Instituto, e dos demais funccionarios.

§ 2.º Suspender, até 15 dias, qualquer desses funccionarios, dando sciencia ao presidente e designando o substituto interino.

§ 3.º Fazer inventariar os manuscriptos, livros e quaesquer outros objectos pertencentes ao archivo, bibliotheca e museu, e mandar imprimir os respectivos catalogos.

§ 4.º Mandar reformá-los de cinco em cinco annos, para serem impressos.

§ 5.º Determinar a compra de objectos necessarios ao expediente, attendendo á respectiva verba do orçamento, e providenciar sôbre todos os serviços da secretaria, archivo, bibliotheca e museu.

§ 6.º Processar a folha dos vencimentos dos funccionarios e rubricar os documentos de despesa.

§ 7.º Providenciar, na falta do presidente, a respeito de todos os negocios urgentes do Instituto, participando-lhe immediatamente as providencias que houver tomado.

§ 8.º Mandar organizar em livro proprio e sob sua immediata fiscalização e responsabilidade o cadastro de todos os socios do Instituto, com especificação da data de sua eleição, posse, transferencia de classe e tudo mais quanto possa ter relação com a qualidade de socio.

Art. 39. O 2.º secretario será o immediato auxiliar do 1.º secretario e seu substituto. Cabe-lhe especialmente:

Paragrapho unico. Redigir as actas das reuniões da Directoria, das sessões e das assembléas geraes, e expedir os respectivos avisos de convocação.

Art. 40. Compete ao thesoureiro:

§ 1.º Arrecadar e pôr em guarda os fundos do Instituto, depositando, em um banco de sua escolha e acceito pelo presidente, as quantias que não tiverem applicação immediata.

§ 2.º Pagar as despesas competentemente auctorizadas, de accôrdo com as disposições destes Estatutos, não devendo fazer pagamento sem auctorização escripta do presidente, quando esteja excedida a respectiva verba do orçamento.

§ 3.º Escolher um cobrador, extranho ao pessoal do Instituto, por quem se responsabilizará, e que perceberá pelo seu trabalho uma commissão fixada pelo presidente.

Art. 41. O thesoureiro dará contas annuaes da administração dos fundos a seu cargo.

§ 1.º Essas contas abrangerão a receita e despesa de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro e serão apresentadas ao presidente até o dia 15 de Fevereiro do anno seguinte.

§ 2.º Examinadas as contas pela Commissão de Fundos e Orçamento, serão apresentadas á Directoria accompanhadas de parecer, que na primeira sessão ordinaria será submettido a discussão e votação.

Art. 42. Ao orador compete:

§ 1.º Pronunciar o discurso de recepção dos novos socios.

§ 2.º Fazer o elogio historico dos socios fallecidos durante o anno social.

§ 3.º Usar da palavra, em nome do Instituto, quando este se fizer representar em alguma solennidade.

Art. 43. Pertence á Commissão de Fundos e Orçamento:

§ 1.º Examinar as contas, que lhe forem submettidas.

§ 2.º Dar parecer sôbre a proposta do orçamento annual de receita e despesa, que lhe será apresentado pelo 1.º secretario até 30 de Septembro.

§ 3.º Dar parecer sôbre assumpto de sua competencia, quando fôr consultada pelo presidente.

Art. 44. Pertence á Commissão de Estatutos:

§ 1.º Dar parecer sôbre dúvidas que occorrerem na interpretação destes Estatutos, bem como sôbre as emendas, reformas ou additamentos, que a estes forem necessarios.

§ 2.º Estabelecer o processo para a concessão dos premios, que tiverem de ser conferidos pelo Instituto.

Art. 45. Pertence ás Commissões de Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia:

Paragrapho unico. Dar parecer sôbre as memorias, documentos e publicações, que lhe forem remettidos pelo presidente.

Art. 46. Cabe á Commissão de Admissão de Socios:

§ 1.º Syndicar da individualidade do candidato, das suas condições de idoneidade e da conveniencia de sua admissão.

§ 2.º Verificar si as propostas para socios honorarios reunem as condições exigidas por estes Estatutos.

Art. 47. Os pareceres desta Commissão podem ser reservados, tendo o presidente a faculdade de os submetter á consideração do Instituto em sessão secreta.

Art. 48. Além das Commissões indispensaveis ao movimento do Instituto, poderá o presidente nomear outras para fins especiaes ou encarregar de algum trabalho aos socios, individualmente, quando assim julgar conveniente.

Art. 49. Os pareceres das Commissões serão lidos desde que tenham maioria de assignaturas. Os membros que os não tiverem assignado poderão pedir vista, restituindo-os dentro de quinze dias.

Art. 50. As votações realizar-se-hão por antiguidade rigorosa, contada da data do parecer da Commissão de Admissão de Socios.

Paragrapho unico. Havendo dous pareceres dessa Commissão com a mesma data, contar-se-ha a antiguidade, neste caso, da data da proposta.

Art. 51. Os relatores das diversas Commissões serão designados pelo presidente dentre os respectivos membros, de modo que o serviço se distribua com egualdade por todos.

CAPITULO IV

Das sessões e reuniões do Instituto e ordem dos seus trabalhos

Art. 52. As sessões do Instituto Historico serão: 1.º, ordinarias ou extraordinarias; 2.º, de assembléa geral; 3.º, anniversarias; 4.º; de eleição.

Art. 53. Ás sessões ordinarias e extraordinarias poderão assistir quaesquer pessoas, desde que se apresentem decentemente trajadas; quando, porém, por qualquer motivo, a sessão deva ser reservada, o 1.º secretario prohibirá o ingresso ás pessoas extranhas.

Art. 54. O Instituto celebrará solennemente o anniversario de sua installação no dia 21 de Outubro, e desde esse dia até

Abril ficarão suspensas as sessões com excepção da assembléa geral em anno de eleição.

Art. 55. Em todas as sessões do Instituto o presidente occupará o centro da mesa, tendo á direita o 1.º e 2.º secretarios, á esquerda o orador e o thesoureiro.

Art. 56. Nas assembléas e sessões, quando faltarem o presidente e os tres vice-presidentes, assumirá a direcção dos trabalhos o socio mais antigo dos presentes.

Art. 57. Na sessão magna de 21 de Outubro pronunciará o presidente o discurso de abertura; o 1.º secretario lerá o relatorio, em que dará conta dos trabalhos annuaes, e o orador recitará o elogio dos socios fallecidos durante o anno.

Art. 58. As sessões ordinarias effectuar-se-hão mensalmente, durante o dia ou á noite, a partir do mez de Abril até a sessão magna de 21 de Outubro. O presidente designará o dia da sessão, que poderá ser annunciado pela imprensa.

Art. 59. Nestas sessões serão tractados exclusivamente negocios litterarios do Instituto, bem como serão discutidos e votados os pareceres das commissões. Na primeira sessão ordinaria de cada anno, será discutido e votado o parecer da Commissão de Fundos e Orçamento.

Art. 60. Aberta a sessão, lida e submettida á approvação a acta da antecedente, será lido o expediente e resolver-se-ha sôbre qualquer materia sujeita ao conhecimento do Instituto, nos termos do artigo antecedente, excepto o que fôr da competencia exclusiva da assembléa geral ou da Directoria.

§ 1.º Para a leitura de trabalhos, o socio inscrever-se-ha ao começar a sessão, e o presidente dar-lhe-ha a palavra em occasião opportuna.

§ 2.º A leitura de qualquer trabalho não excederá de uma hora para cada leitor.

Art. 61. Havendo necessidade o presidente convocará sessão extraordinaria, para a qual se expedirão convites ou avisos assignados pelo 2.º secretario.

Art. 62. Para haver sessão ordinaria é necessario que se achem presentes o presidente, ou alguns dos seus substitutos, e mais nove socios, pelo menos.

Art. 63. Na primeira sessão, que se effectuar depois de conhecido o fallecimento de qualquer socio, lançar-se-ha na acta um voto de pezar, podendo qualquer membro presente á sessão referir-se ao finado em succintas palavras de condolencia e louvor.

Art. 64. O presidente poderá convocar a assembléa geral sempre que o julgar conveniente.

§ 1.º Todos os socios deverão assistir ás assembléas geraes, nas quaes terão direito de propor, discutir e votar.

§ 2.º Para haver assembléa geral é necessaria a presença de 21 socios pelo menos.

§ 3.º Não comparecendo esse numero, serão marcadas novas reuniões, nas quaes se deliberará com o numero que comparecer, nunca, porém, inferior a doze.

Art. 65. Será convocada a assembléa geral sempre que 21 socios a solicitarem por escripto ao presidente.

Art. 66. As reuniões da Directoria, das quaes se lavrará uma acta, serão effectuadas com a possivel frequencia e sob convocação do presidente.

Art. 67. Não se abrirá o Instituto no dia 5 de Dezembro, anniversario do fallecimento do seu inolvidavel protector, o sr. d. Pedro II.

Art. 68. Além dos premios constantes do § 5.º do art. 86, ficam creados dous premios annuaes sob as denominações *Premio Pedro II* e *Premio Conselheiro Olegario*. O primeiro, em signal de imperecivel gratidão e reconhecimento á memoria do grande protector do Instituto, servirá para recompensar a melhor monographia das que concorrerem ao mesmo, e constará de uma medalha de ouro. O segundo, em attenção aos assiduos e notaveis serviços prestados ao Instituto pelo presidente — conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro — será concedido á melhor memoria lida no anno anterior, em sessão do Instituto, e constará de uma medalha de prata.

*

CAPITULO V

Da Secretaria e serviços a seu cargo

Art. 69. Estarão a cargo da secretaria todo o expediente social, o archivo, a bibliotheca, o museu e a *Revista*.

Art. 70. Os officiaes da secretaria, em numero de tres, teem por obrigação comparecer diariamente, assignando o respectivo ponto, e cumprir as ordens do 1.° secretario.

Art. 71. Ao bibliothecario, como encarregado da conservação e guarda da bibliotheca, archivo e museu, compete :

1.o Organizar os catalogos, segundo o systema que estiver em uso nos estabelecimentos mais adeantados e de accôrdo com o 1.° secretario ;

2.° Communicar ao 1.° secretario as occurrencias que se derem no serviço a seu cargo ;

3.° Propor a compra de livros e objectos, que possam ser de interesse para o Instituto, procurando sempre completar as obras ou collecções existentes ;

4.° Empregar o maior cuidado no arrolamento, selecção, arranjo e conservação dos manuscriptos, cartas geographicas e outros objectos, que existam ou forem adquiridos pelo Instituto ;

5.° Apresentar annualmente até 15 de Outubro, ao 1.° secretario, um relatorio dos trabalhos realizados e do estado das obras e objectos existentes, indicando as providencias que julgar convenientes ;

6.° Organizar annualmente catalogos supplementares, que de cinco em cinco annos se fundirão nos catalogos geraes.

Art. 72. Haverá um auxiliar do bibliothecario, incumbido do serviço, que por este lhe fôr designado, e tambem da expedição das publicações do Instituto, fazendo toda a escripturação respectiva.

Art. 73. Os socios, bem como quaesquer pessôas que assignarem os boletins de consulta, obrigatorios para todos, terão a faculdade de lêr na bibliotheca do Instituto as obras,

quer impressas, quer manuscriptas, ahi existentes, e fazer os extractos de que precisarem.

Art. 74. Não é permittida a saïda de livros, mappas, manuscriptos e objectos do museu, podendo — unicamente — o director da *Revista* retirar, por algum tempo, os manuscriptos ou impressos necessarios para a publicação na *Revista.*

Art. 75. Compete ao director da *Revista:*

1.º Escolher toda a materia que deva ser publicada, podendo para isso requisitar, por escripto, do 1.º secretario os manuscriptos que entender, dos quaes passará recibo, que lhe será restituido quando os devolver;

2.º Redigir uma summula dos artigos que forem insertos, fazendo as observações criticas necessarias ao mesmo trabalho;

3.º Emittir juizo sôbre as publicações historicas, geographicas, archeologicas e ethnographicas, que forem offerecidas ao Instituto ou que se tornarem notaveis;

4.º Examinar, rubricando-as, as provas de pagina da *Revista*, tendo fiscalizado as revisões anteriores.

Art. 76. O Director da *Revista* terá plena autonomia, podendo recusar trabalhos de quem quer que seja, no intuito de manter o conceito, de que gosa a *Revista.*

Art. 77. O 1.º secretario, a cargo de quem fica a impressão da *Revista,* fornecerá ao director desta, para serem publicadas, as actas das sessões, bem como o cadastro social.

Art. 78.º O 1.º secretario fica incumbido da distribuição da *Revista* aos socios e a outras pessôas, residentes no Brasil e fóra delle.

Art. 79. Ao porteiro incumbe:

§ 1.º Guardar as chaves do edificio para o abrir e fechar diariamente, nas horas marcadas pelo presidente;

§ 2.º Velar pelo asseio da casa;

§ 3.º Cumprir as ordens do 1.º secretario.

Art. 80. Ao continuo compete:

§ 1.º Encarregar-se do asseio da casa;

§ 2.º Auxiliar o porteiro;

§ 3.º Cumprir as ordens do 1.º secretario e do bibliothecario.

Art. 81. O 1.º secretario poderá propôr ao presidente o não provimento de qualquer dos cargos, desde que isso seja conveniente ao Instituto.

Art. 82. O 1.º secretario, com approvação do presidente, poderá escolher até dous collaboradores para o serviço de cópias para a *Revista*, e auxilio da catalogação.

Art. 83. O bibliothecario perceberá 3:600$; o director da *Revista* 3:600$; os officiaes da secretaria, cada um 1:800$; o auxiliar do bibliothecario 1:440$; o porteiro 1:600$; o continuo 1:200$; os collaboradores 720$ cada um. Todos esses vencimentos são annuaes.

§ 1.º Os funccionarios e collaboradores perderão o direito aos vencimentos integraes correspondentes aos domingos e dias feriados, si faltarem nos dias immediatamente antecedentes e subsequentes.

§ 2.º O 1.º secretario poderá relevar por mez até duas faltas de comparecimento.

§ 3.º Os funccionarios do Instituto, que no anno anterior não tiverem gosado licença, nem dado mais de dez faltas justificadas, terão direito a dez dias de férias, com permissão do 1.º secretario. Taes férias, porém, não poderão passar de um anno para outro.

Art. 84. O Instituto terá uma arca especial de sigillo, em que guardará todos os manuscriptos secretos, que devam ser publicados em epocha determinada.

§ 1.º A chave da arca ficará em poder do 1.º secretario.

§ 2.º Os manuscriptos ahi depositados serão préviamente numerados e inventariados, segundo os titulos que trouxerem, com indicação do formato, qualidade do papel que os envolver e outros quaesquer signaes, que os possam bem characterizar.

§ 3.º Além do sello e precauções do auctor, o Instituto mandal-os-ha sellar de novo.

§ 4.º Lavrar-se-ha em livro proprio um termo de depósito, recolhendo-se na arca uma cópia do mesmo termo.

§ 5.º Qualquer memória ou documento enviado ao Instituto, para depósito temporario na arca de sigillo, deve ser lacrado e acompanhado de uma carta ao Instituto, assignada pelo auctor ou

por pessôa conhecida, com declaração do tempo em que deverá ser aberto e lido o mesmo documento.

§ 6.º Chegado esse tempo, o presidente do Instituto convocará uma reunião da Directoria para a abertura da arca de sigillo, e, depois de extrahido e verificado o manuscripto, segundo a carta que o tiver acompanhado, será aberto e lido, si não fôr muito longo; caso o seja, proseguirá a leitura nas reuniões seguintes.

§ 7.º Terminada a leitura da memoria ou documento, a Directoria, antes de lhe dar o conveniente destino, submettel-o-ha á apreciação da commissão respectiva, conforme o character do documento.

CAPITULO VI

Dos fundos do Instituto e sua applicação

Art. 85. Os fundos desta associação procedem:

§ 1.º Das joias de admissão de seus socios, dos emolumentos dos diplomas e da contribuição que cada socio deve pagar.

§ 2.º Do producto das remissões.

§ 3.º Dos donativos que se fizerem ao Instituto.

§ 4.º Da receita liquida da *Revista* e das obras avulsas que publicar.

§ 5.º Do subsidio concedido pelo Congresso Federal.

Art. 86. Os fundos do Instituto serão applicados:

§ 1.º Ao seu expediente, reparação e conservação do que lhe pertence.

§ 2.º Aos vencimentos dos funccionarios.

§ 3.º Á impressão dos seus trabalhos e publicações.

§ 4.º Á compra de livros, manuscriptos, mappas e objectos historicos, que devam ser depositados no archivo, bibliotheca e museu.

§ 5.º Ao pagamento de premios aos que mais se distinguirem no desempenho dos programmas distribuidos pelo Instituto ou na execução de trabalhos que, pelo seu transcendente merecimento, reconhecido pela respectiva commissão, forem conside-

rados dignos de similhante distincção, e bem assim aos premios constantes do art. 68.

Art. 87. Quando, feitas as despesas do Instituto, apparecerem sobras, empregar-se-hão estas na formação do patrimonio social, como fôr combinado entre o presidente e o thesoureiro.

§ 1.º O patrimonio social não poderá ser empregado no todo ou em parte sem auctorização da Assembléa geral.

§ 2.º Os rendimentos, porém, serão applicados ás despesas fixadas no orçamento e auctorizadas pelo presidente.

CAPITULO VII

Das disposições geraes e transitorias

Art. 88. Os actuaes socios correspondentes, que residirem fixamente na capital da Republica, passarão a socios effectivos, tendo todas as regalias e deveres.

Art. 89. Emquanto existir numero de socios effectivos e correspondentes excedente ao que fica acima fixado para cada classe, não haverá novas admissões.

Paragrapho unico. As propostas que forem offerecidas correrão seus tramites, mas a eleição só se realizará quando houver vaga, attendendo-se á antiguidade do parecer da Commissão de Admissão de Socios.

Art. 90. Os socios actuaes que passarem do referido numero, bem como os benfeitores, gozarão de todas as regalias como até aqui e estão sujeitos aos mesmos encargos.

Art. 91. A todos os socios em atraso de suas contribuições fica marcado o prazo de 90 dias para resolverem seus debitos.

§ 1.º Esse prazo será contado da data do officio ou circular, que o thesoureiro dirigir aos referidos socios sob registo do correio com recibo de volta.

§ 2.º A falta da resposta a esse officio-circular ou a recusa na satisfação dos debitos importará na applicação immediata da pena em que já tiverem incorrido, nos termos dos antigos Estatutos.

§ 3.º O socio eleito que dentro de tres mezes, sendo avisado, não satisfizer as contribuições dos Estatutos, e os residentes fóra da Republica que dentro de seis mezes não responderem ao officio da secretaria communicando a investidura, serão considerados como tendo renunciado ao titulo de socio.

Art. 92. A secretaria do Instituto organizará, annualmente, uma lista geral dos socios, de inteiro accôrdo com as disposições que ora ficam consignadas.

Art. 93. Estes Estatutos entrarão em execução tres dias depois de apparecerem no *Diario Official* e serão devidamente registados, distribuidos em avulso até 30 dias depois da sua publicação, sendo que, de accôrdo com o art. 22, a primeira eleição da nova Directoria deverá effectuar-se a 15 de Dezembro de 1913, perdurando até á posse da nova o mandato da actual.

Art. 94. Para ter logar a reforma dos Estatutos será necessario que os membros da Commissão de Estatutos ou vinte e um socios a reclamem por escripto e que a Assembléa geral a conceda, ouvindo préviamente a mesma Commissão, no caso de por esta não ter sido promovida.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) manda que o sr. 1.º secretario leia os artigos que foram alterados, findo o que põe em discussão o projecto de Estatutos.

O SR. DR. VIVEIROS DE CASTRO, pedindo a palavra, diz que tendo estudado os Estatutos actuaes e a proposta apresentada, acha que as alterações limitam-se a melhor redacção e pequenas mudanças de somenos importancia, mesmo quanto á prorogação do mandato da Directoria, que passará a ser de dous annos, e quanto á creação do logar de director da *Revista*. Sôbre estes dous pontos faz algumas considerações, declarando-se francamente favoravel aos mesmos. Pensa todavia que são necessarias as seguintes emendas que apresenta:

Ao art. 35. Supprima-se porquanto a materia já está prevista nos arts. 29 e 30.

Ao art. 58. Depois das palavras — *O presidente designará o dia* — accrescente-se — *e hora da sessão, que será annunciada pela imprensa.*

O SR. DR. MIGUEL DE CARVALHO, obtendo depois a palavra, faz diversas observações com relação aos arts. 6.º e 7.º da proposta, mandando á mesa as seguintes emendas :

Ao art. 6.º « Propõe que permaneça a Commissão de Manuscriptos, exercendo sua acção em commum com o director da *Revista* ».

Ao art. 7.º « § Tambem poderá ter logar a admissão de socios mediante proposta de algum consocio, fundamentada nos termos dos Estatutos.

§ Neste caso não será votada a admissão sem que o proposto declare concordar com ella ».

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA, pedindo por sua vez a palavra, apresenta as seguintes emendas :

Accrescente-se onde convier:

Art. « O socio deverá junctar á cópia do seu discurso de recepção minuciosa autobiographia com todos os esclarecimentos que julgar convenientes á apreciação de sua individualidade como membro do Instituto ».

Art. « Para se realizar a reforma dos Estatutos cumpre que os membros da Commissão de Estatutos ou vinte e um socios a reclamem por escripto, fundamentadamente.

Uma assembléa decidirá sôbre a proposta.

Caso a approve, convocar-se-ha nova assembléa geral para dahi a sessenta dias, e esta nova assembléa resolverá o assumpto de modo definitivo ».

Apresenta mais as seguintes emendas de redacção :

Ao art. 2.º Em vez de — a que se propõe —, diga-se — *do alludido fim.*

Á lettra *c* do mesmo artigo. Em vez de — egual natureza —, diga-se — *congeneres.*

Ao art. 4.º Em vez de — que esta practicar —, diga-se — *por ella practicados.*

Ao § 1.º do art. 7.º Em vez de — que o recommendem —, diga-se — *de recommendação social, scientifica ou litteraria.*

Ao § 8.º do mesmo artigo. Em vez de — que assignarem —, diga-se — *subscriptores de.*

No mesmo paragrapho. Em vez de — que o presidente designar —, diga-se — *designados pelo presidente.*

Ao art. 9.º Em vez de — que vier residir —, diga-se — *com residencia definitiva.*

Á lettra *a* do art. 10. Em vez de — que tiverem prestado —, diga-se — *contando.*

Á lettra *b* do art. 10. Em vez de — dez annos —, diga-se — *um decennio.*

Ao art. 13. Em vez de — que tiverem no minimo vinte annos de notaveis serviços ao Instituto —, diga-se — *com vinte annos, no minimo, de serviços relevantes ao Instituto.*

Ao art. 16. Redija-se da seguinte forma: «Qualquer dos membros das Commissões que, dentro de dous mezes, não apresentar os trabalhos dos quaes haja sido incumbido, terá substituto, designado pelo presidente, salvo caso de justificação motivada da demora».

Ao art. 19. Em vez de — deverão ter em tempo satisfeito o que fôr devido aos cofres do Instituto —, diga-se — *quando quites com os cofres do Instituto*, e em vez de — bem assim —, diga-se — *tambem.*

Ao § 1.º do art. 20. Em vez de — sem o que não poderá realizar-se a posse —, diga-se — *condição sine qua non para a posse.*

Ao § 3.º do mesmo artigo. Em vez de — e a quem responderá o —, diga-se — *respondido pelo.*

Á lettra *c* do paragrapho unico do art. 23. Em vez de — que residirem —, diga-se — *residentes.*

Ao art. 24. Redija-se da seguinte fórma: «É facultada aos socios a remissão das prestações annuaes, mediante o pagamento de duzentos mil réis, além da quota do diploma».

Ao art. 25. Em vez de — que se acharem atrazados no pagamento, — diga-se — *em debito.*

Ao art. 27. Em vez de — aquelle que dever as —, diga-se — *o socio devedor das.*

Ao art. 28. Em vez de — sempre que lhe chegar a tempo a

participação,— diga-se — *si a participação do obito alcançar as horas do expediente da secretaria do Instituto.*

Ao art. 29. Em vez de — será de dous annos —, diga-se — *será biennal.*

Ao art. 30. Em vez de — de dous em dous annos —, diga-se — *de biennio em biennio.*

Ao mesmo art. 30. Em vez de — que tomarão posse no dia 7 de Janeiro do anno seguinte —, diga-se — *cuja posse se realizará no dia 7 de Janeiro do anno seguinte.*

Ao § 2.º do art. 31. Em vez de — se procederá á apuração quanto ás commissões —, diga-se — *se procederá á apuração dos votos para as commissões.*

Ao art. 33. Em vez de — as vagas que durante o biennio occorrerem —, diga-se — *as vagas occurrentes no biennio*, e supprimam-se as palavras — que será.

Ao art. 38. Em vez de — terá, diga-se — *tendo*, e em vez de — superintenderá o Archivo, diga-se — *e superintendencia do Archivo*, supprimindo-se na primeira linha a palavra — que.

Ao § 1.º do art. 38. Em vez de — que poderão ser exercidos —, diga-se — *exercíveis.*

Ao § 1.º do art. 40. Em vez de — as quantias que não tiverem — diga-se — *as quantias sem.*

Ao § 2.º do art. 40. Em vez de — pagar — *satisfazer*; em vez de — verba do orçamento — *verba orçamentaria*, supprimindo-se a palavra *esteja*.

Ao § 3.º. Supprimam-se as palavras — pelo seu trabalho.

Ao § 2.º do art. 41. Redija-se—Accompanhadas de parecer e submettidas á discussão e votação na primeira sessão ordinaria.

Ao § 1.º do art. 43. Diga-se — examinadas as contas submettidas á sua verificação.

Ao § 2.º. Supprimam-se as palavras — que lhe será.

Ao § 1.º do art. 44. Redija-se — Dar parecer sôbre dúvidas occurrentes na interpretação destes Estatutos, bem como sôbre as emendas, reformas e additamentos necessarios.

Ao § 2.º do mesmo artigo. Redija-se — dos premios a conferir pelo Instituto.

Ao § 1.º do art. 45. Supprimam-se as palavras — que lhes forem.

Ao art. 49. Redija-se — Os pareceres das commissões serão lidos, obtida a maioria de assignaturas. Os membros que não os tiverem assignado poderão delles pedir vista, restituindo-os dentro de quinze dias.

Ao art. 51. Redija-se—de modo a haver egualdade de serviço.

Ao art. 53. Supprimam-se as palavras — desde que se apresentem.

Ao art. 56. Redija-se — assumirá a direcção dos trabalhos o mais antigo dos socios presentes.

Ao art. 57. Redija-se — com a resenha — em vez de — em que dará conta, e *pronunciará* em vez de — recitará.

Ao art. 60. Em vez de — excepto o que fôr —, *excepto sôbre materia.*

Ao § 5.º do art. 60. Diga-se — *orador* — em vez de — leitor.

Ao art. 62. Redija-se — Para haver sessão ordinaria é mister a presença do Presidente ou a de alguns de seus substitutos e a de mais nove socios no minimo.

Ao art. 63. Redija-se — Na primeira sessão seguinte ao fallecimento de qualquer socio, lançar-se-ha na acta um voto de pezar, podendo qualquer socio referir-se ao finado em succintas palavras de condolencias ou de louvor.

Ao § 2.º do art. 64. Em vez de — pelo menos — diga-se — *no minimo.*

Ao § 3.º do mesmo artigo. Em vez de — o numero que comparecer — diga-se — *o numero dos presentes,* e supprima-se a palavra — porém.

Ao art. 68. Em vez de — das que concorrem ao mesmo — diga-se — *das que versarem sôbre os assumptos, com os quaes se occupa o Instituto.*

Ao art. 70. Redija-se—e cumprir rigorosa e pontualmente as ordens do 1.º secretario.

Ao art. 71. Redija-se—§ 1.º Organizar os catalogos, segundo o systema em uso nas bibliothecas congeneres mais adeantadas.

Ao § 4.º — Em vez de — que existam ou forem — diga-se — *existentes ou adquiridos pelo Instituto.*

Ao § 5.º. Em vez de objectos existentes — diga-se — *objectos a seu cargo.*

Ao § 6.º. Em vez de — se fundirão — diga-se *fundidas.*

Ao art. 73. Em vez de — os extractos de que precisarem — diga-se — *os extractos necessarios.*

Ao § 1.º do art. 75. Redija-se — Escolher toda a materia publicavel, podendo para isso requisitar do 1.º secretario quaesquer manuscriptos, dos quaes passará recibo, restituido quando os devolver.

Ao art. 81. Em vez de — desde que isso seja conveniente — diga-se — *conforme a conveniencia do Instituto.*

Ao art. 84. Redija-se — O Instituto terá uma arca especial de sigillo, onde serão encerrados todos os manuscriptos secretos a publicar em epocha determinada.

Ao § 2.º do mesmo artigo. Redija-se — Os manuscriptos alli depositados serão previamente numerados e inventariados, segundo os seus titulos, com indicação de formato, qualidade do papel do envolucro e outros quaesquer signaes characteristicos.

Ao § 7.º. Em vez de — caso seja — diga-se — *na hypothese contraria.*

Ao § 1.º do art. 85. Diga-se — *e da contribuição paga por cada um dos socios.*

Ao § 1.º do art. 86. Redija-se — e conservação dos objectos da sua propriedade ou uso.

Ao art. 87. Redija-se — as sobras das despesas annuaes do Instituto empregar-se-hão em formar o patrimonio social, etc.

Ao art. 88. Redija-se — aos actuaes socios correspondentes, com residencia fixa na capital da Republica, etc.

Ao art. 90. Redija-se — aos socios actuaes excedentes, etc.

Ao § 1.º do art. 91. Redija-se — ou circular dirigida pelo thesoureiro aos referidos socios, etc.

—

Submettidas á votação são approvadas todas as emendas, menos a do sr. dr. Miguel de Carvalho, mandando permanecer a Commissão de Manuscriptos.

Submettidos depois á votação os Estatutos, são os mesmos approvados.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente)* nomeia os srs. drs. Viveiros de Castro, Miguel de Carvalho e Escragnolle Doria para com elle presidente fiscalizarem a impressão dos Estatutos no *Diario Official* e em avulso, assignando-os conjunctamente.

Unanimemente, a assembléa geral outorga plenos poderes a esta commissão para rever a redacção dos Estatutos.

O mesmo sr. presidente diz que, em virtude dos novos Estatutos, fica supprimido o logar de chefe da secretaria; propõe por isso um voto de louvor e agradecimento ao sr. Lafayette Silva, que sempre zelosamente exerceu aquelle cargo.

O Instituto approva por unanimidade.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) propõe que entrem desde já em vigor as disposições do art. 20 dos novos Estatutos, relativas á posse dos novos socios, sendo applicadas aos recipendiarios na proxima sessão de sabbado, 29 do corrente. É approvada por unanimidade.

Tambem unanimemente a assembléa ratifica e approva todos os actos praticados pelo actual presidente do Instituto.

O mesmo sr. secretario perpetuo propõe a nomeação de uma commissão, que acompanhe o illustre socio effectivo capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, no dia do seu embarque para os Estados Unidos. É approvado.

O sr. presidente nomeia para esta commissão os srs. Fleiuss, Gastão Ruch e Sebastião Galvão.

O mesmo sr. presidente, depois de agradecer o comparecimento dos illustres consocios, convida-os para a proxima sessão a se realizar no sabbado, 29 do corrente, ás 8 $^1/_2$ horas da noite, tomando posse os novos socios drs. Alberto Rangel, Helio Lobo e Liberato Bittencourt.

Levanta-se a sessão da assembléa geral ás 5 $^1/_2$ da tarde.

Gastão Ruch (2.º secretario).

5.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 29 DE JUNHO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 8 $^{1}/_{2}$ da noite, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, dr. Pedro Souto Maior, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, dr. Antonio Jansen do Paço, Carlos Lix Klett, padre dr. Julio Maria, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, barão de Teffé, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Augusto de Lima, dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada e dr. José Americo dos Santos.

O sr. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê a acta da sessão anterior, a qual é unanimemente approvada.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO, (*presidente*) diz que não tendo comparecido por justo motivo o sr. dr. Gastão Ruch, 2.º secretario, nomeia o sr. dr. Escragnolle Doria para occupar o logar de 2.º secretario.

(Occupa o logar de 2.º secretario o sr. dr. Escragnolle Doria).

O SR. SECRETARIO PERPETUO lê o seguinte expediente:

Telegrammas dos consocios drs. Norival Soares de Freitas e João da Costa Lima Drummond, justificando a sua ausencia por motivos imperiosos.

O mesmo SR. 1.º SECRETARIO PERPETUO lê os seguintes pareceres:

« A Commissão de Admissão de Socios cumpre um agradavel dever aconselhando a approvação da proposta que apresentou o nome do sr. dr. Alfredo Valladão para socio deste Instituto. Tracta-se, com effeito, de um moço que por seu elevado merecimento moral e intellectual se impõe á estima de todos, e com a sua

admissão o Instituto adquirirá mais um estrenuo obreiro dos seus nobres fins.

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1912. — *Dr. Antonio Olyntho*, relator. — *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*. — *Antonio Coutinho Gomes Pereira*.»

Fica nos termos dos Estatutos, para ser votado na proxima sessão.

— Parecer da Commissão de Historia:

«Contrariando a affirmação da eschola positivista de que cada vez mais *os mortos governam os vivos*, nós não temos *o culto dos antepassados*.

«Por mais cheia de serviços que tenha sido a vida de um estadista, si elle não deixou um grupo de amigos que tomem a seu cargo a tarefa de alimentar o fogo sagrado do enthusiasmo, a sua memoria vai aos poucos diluindo-se, impersonalizando-se.

«Reagir contra essa indifferença, estimular a energia da geração actual pela recordação dos altos feitos dos nossos maiores é justamente a missão precipua deste Instituto; mas nenhuma memoria nos merece mais carinhoso culto do que a do magnanimo imperador, a cuja protecção devemos ter vencido as difficuldades inherentes á tentativa de implantar entre nós uma instituição scientifica, cujos arduos trabalhos sómente os competentes apreciam, e cujo alto espirito ha de sempre pairar nesta casa como uma divindade tutelar, inspirando-nos a qualidade que foi a directriz da sua vida pública — o illimitado devotamento pelo Brasil.

«Para adquirir, portanto, direitos á nossa mais cordial sympathia, bastaria ao sr. Nicolas J. Debbané o simples facto de ter feito uma conferencia sôbre d. Pedro II no «Instituto Egypcio», nesse Egypto que foi um dos pharoes do mundo antigo, e cujos hieroglyphos vão revelando, graças á tenacidade e competencia dos Masperos, Champolions, Mariettes, Brughs e Lepsius, todos os segredos da mais requintada civilização.

«Mas o conferencista tem outros titulos de recommendação: — o *criterio* com que escolheu as *fontes* e a *superioridade* com que tractou o assumpto.

«Da leitura da conferencia resalta a sinceridade do desejo que o sr. Debbané manifesta de concorrer tambem com a sua

pedra para a *estatua immaterial* do Imperador *homem de sciencias,* como o chamava o seu grande amigo Pasteur, o *principe philosopho,* como o cognominava Lamartine, *o neto de Marco Aurelio,* como o chamava Victor Hugo.

« Externando, quanto ao último qualificativo, uma opinião inteiramente pessoal, que absolutamente não envolve a responsabilidade da Commissão de Historia, eu quizera ver definitivamente *archivada* a paradoxal comparação de Victor Hugo.

« Porque neto de Marco Aurelio?

« É exacto que o illustre imperador romano se dedicou a estudos philosophicos, se mostrou discipulo docil de Appolonius e de Epitecto; e que, durante o seu reinado, promulgou algumas leis liberaes, e tornou menos cruel a situação dos escravos.

« Esse imperador philosopho associou ao seu govêrno o seu ermão Lucius Verus, pobre de espirito, sem uma única qualidade que o recommendasse, o qual passava os dias á mesa e as noites na mais immunda crapula.

« Esse imperador philosopho era no intimo um *supersticioso* que multiplicou por tal forma os *sacrificios,* que circulou pela Italia uma engraçada petição dos *bois brancos,* as victimas predilectas da devoção imperial.

« Esse imperador philosopho, para lisongear os baixos instinctos da plebe, fez applicar rigorosamente as leis existentes contra os christãos, enriquecendo o martyrologio da fé com os massacres de Lyon e da Africa, dando assim uma prova não sómente de cobardia moral como tambem da mais negra ingratidão, porquanto, cercado pelos Marcomanos, em frente da antiga Strigonia, na alta Hungria, foi brilhantemente defendido pela *legião militina,* composta de christãos de Militene da Armenia, e na carta que escreveu ao Senado romano, « confessou com a circunspecção reclamada pelo tempo, que devia a sua victoria aos christãos ».

« Esse imperador philosopho, finalmente, era um marido por tal fórma condescendente que nomeava para os mais altos cargos os *favoritos* da imperatriz Faustina; e quando os seus amigos, revoltados com a libertinagem da dissoluta imperatriz, lhe aconselhavam o repudio permittido pelas leis romanas, elle allegava

cynicamente a impossibilidade em que estava de repudiar Faustina, porque *seria preciso que eu restituisse o dote della, isto é, o imperio que eu recebi de seu pae*».

«Tenho Marco Aurelio como um personagem pouco digno de estima, e acredito que o papel tão saliente, em que a Historia o collocou, foi devido ao prestigio da *eschola estoica* e á circunstancia de ter tido como successor o infame Commodo, de quem, segundo se diz, elle não teve o infortunio de ser *realmente* pae, embora o fosse pela lei.

«Fechado o parenthesis, prosigamos na leitura da conferencia.

«Observa Debbané que o «Jornal da viagem de d. Pedro ao Alto Egypto» não é uma simples narração cheia de episodios da jornada, está repleto de notas, que traduzem impressões pessoaes e observações relativas ás mais altas questões de Egyptologia.

«Mas no Egypto não era d. Pedro unicamente um sabio que investiga problemas scientificos, era o imperador sempre preoccupado com o desenvolvimento das fôrças productivas do seu paiz, accompanhando com o mais vivo interesse as interessantes communicações do dr. Gratinel sôbre a cultura racional do café, do fumo e do algodão, e annotando cuidadosamente a producção do engenho de assucar do Khediva.

«Lembra o conferencista ter sido devido ao vibrante protesto de d. Pedro contra a criminosa negligencia dos que deixavam os monumentos egypcios inteiramente expostos ao *vandalismo dos viajantes*, protesto lido em sessão do Instituto Egypcio de 13 de Janeiro de 1877 e transcripto no seu «Livro de Ouro», que foram tomadas as providencias destinadas a conservar os alludidos monumentos.

«Corrigindo a phrase de Herodoto de que — *o Egypto é um presente do Nilo* — o imperador observa que foram os sabios que tornaram realmente util esse presente, porquanto, sem os importantes trabalhos de irrigação realizados no tempo dos Pharaós, e completados pelos engenheiros modernos, os effeitos das inundações do Nilo seriam desastrosos.

«Muito originaes são as considerações adduzidas pelo sr.

Debbané para provar a influencia indirecta, que Napoleão Bonaparte exerceu sôbre o progresso do Brasil.

« Si o corso genial, argumenta elle, não tivesse mandado invadir Portugal, o principe regente não teria necessidade de procurar um refugio no Brasil, nunca pensaria em eleva-lo a Reino, não decretaria esta série de medidas utilissimas, que tanto o recommendam á gratidão nacional e que inutil seria detalhar depois do exhaustivo trabalho do nosso eminente consocio, meu prezadissimo amigo, dr. Oliveira Lima.

« Creio, porém, que, sem ser taxado de ingrato, nós podemos deixar de levar ao activo de Napoleão Bonaparte esse pretenso serviço indirecto, porquanto a fuga de d. João não entrára absolutamente nas suas previsões, desnorteando-lhe, ao contrario, os planos já consagrados pelos successos da Hispanha.

« Conseguintemente, a estadia da familia real no Brasil, si bem que provocada por um acto de Napoleão, entra no número dos acontecimentos inesperados, escaparam em absoluto ás previsões do auctor.

« Incidentemente se referiu o sr. Debbané ao nosso progresso economico, apresentando dados interessantes sôbre a população, immigração, importação e exportação, principalmente quanto á borracha e ao café, movimento de navegação e orçamento; e salientou que o nosso progresso intellectual não é menos assombroso, citando os nomes dos nossos astronomos, medicos e engenheiros mais notaveis, observando com orgulho que nas discussões do Club de Engenharia do Rio de Janeiro são frequentemente citados os nomes de Maugel e Linant de Bellefonds, Willcocks e do major Brown.

« Si fosse um pouco mais desenvolvida esta parte da conferencia em que se occupa da intellectualidade brasileira, o sr. Debbané teria mostrado que nós estamos perfeitamente a par de todo o movimento scientifico e litterario, principalmente europeu, prestando assim ás *celebridades mundiaes*, que nos honram com as suas visitas e aqui fazem conferencias no piedoso intuito de esclarecer as nossas intelligencias ávidas de saber, o grande serviço de forrá-las do trabalho de nos vir dizer como *novidades* verdades, que se tornaram sediças á fôrça de lidas e

repetidas, e de fazer citações classicas que seriam muito interessantes, si não estivessemos accostumados a ouvi-las nas discussões das sociedades litterarias dos nossos tempos de estudante.

«A profissão de conferencista no Brasil exige uma *bagagem* mais cuidadosamente provida; o *plaqué* já não passa entre nós como *ouro de lei.*

«No final da sua conferencia, commetteu o sr. Debbané um equivoco que convém rectificar, porque se tracta de um facto da nossa historia contemporanea, sendo assim inadmissiveis as lendas.

«Como prova da grande veneração, que todos continuaram a tributar entre nós ao imperador, affirmou o conferencista: «*c'est les larmes aux yeux, que le premier président de la jeune République accompagnait l'ancien empereur à bord du vaisseau qui le transportait à l'éxil.*»

«Este encontro do imperador exilado com o general victorioso seria de um effeito seguro em um *melodrama,* e com certeza os espectadores teriam *les larmes aux yeux;* mas não seria *fashionable* na vida real, e, assim pensando, o chefe do govêrno provisorio, porque neste tempo a joven Republica ainda não tinha presidente, se absteve, muito criteriosamente, de accompanhar a bordo o sr. d. Pedro II.

«Resumindo as suas impressões, pensa a Commissão de Historia que a conferencia do sr. Debbané é muito instructiva e interessante, revela admiração sincera pelo nosso magnanimo patrono, e justifica perfeitamente a sua admissão como socio correspondente do nosso Instituto.

«Sala das Commissões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 17 de Junho de 1912. — *Dr. Viveiros de Castro,* relator. — *Dr. Ramiz Galvão.* — *Dr. Escragnolle Doria.* — *Dr. Clovis Bevilaqua.* Ainda que de inteiro accôrdo quanto á conclusão, faço algumas restricções a certas proposições do douto e estimado relator.»

É approvado o parecer. Vai á Commissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Manuel Cicero.

O SR. 1.° SECRETARIO PERPETUO requer e o Instituto approva

unanimemente que, como annexos á presente acta, sejam incluidos o brilhante e justissimo discurso pronunciado pelo sr. presidente do Instituto ao inaugurar-se o retrato do sr. dr. Ramiz Galvão, orador do Instituto, no dia 16 do corrente, e a bellissima resposta do mesmo ao sr. presidente.

O mesmo SR. 1.° SECRETARIO PERPETUO pede que se nomeie uma commissão para representar o Instituto no desembarque de s. ex.ª o sr. general Julio Roca, presidente honorario do Instituto desde 7 de Julho de 1899.

O Instituto approva por unanimidade, e o sr. presidente nomeia a seguinte commissão: almirante barão de Teffé, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Augusto de Lima, dr. Antonio Jansen do Paço e Max Fleiuss.

O SR. 1.° SECRETARIO PERPETUO communica ainda que se acham na sala da Directoria os novos socios drs. Alberto Rangel, Helio Lobo e major Liberato Bittencourt, que vêm tomar posse.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) designa os secretarios e o thesoureiro para introduzir no recincto os novos socios.

(Dão entrada no recincto e lêem o compromisso estabelecido no art. 20 § 2.° dos novos Estatutos, os srs. drs. Alberto Rangel, Helio Lobo e major dr. Liberato Bittencourt, que são declarados empossados pelo sr. presidente).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente)* dá a palavra ao sr. dr. Alberto Rangel, que pronuncía o seguinte discurso:

« Excellentissimos senhores do Instituto Historico e Geographico Brasileiro:

« Quando, preoccupados pelas innovações e turbulencias do liberalismo inexperiente de nação, arriscavamos deixar ao léo os documentos de nossos fastos, alguns espiritos, cuja videncia maravilha e cujo patriotismo commove, fundaram a sociedade em que á vossa benigna attenção devo as honras de ser, no momento, um recipiendario.

« Natural é que na soleira, ao transpôr o portico do edificio que o acolhe, o primeiro movimento do recenvindo seja o de inclinar-se perante os hospedes da casa, em prova de respeito e

admiração que lhes tributa, o que ora deliberadamente faço, balbuciando, na confusão de uma estréa, palavras que expliquem a presença do insignificante engenheiro e sertanista em plena sessão deste areopago.

« De facto, e modestia á parte, elle aqui não se sente mal: este tecto abriga tradições e um pugilo de invocadores e interpretes do passado. Por uma educação philosophica bebida numa eschola de observação e de experiencia, que chumbou eternamente o methodo da filiação á Historia, e por naturaes inclinações venerativas que ardem nas heranças do sangue, a minha alma dilata-se em regosijo nas trilhas que rompeis, na atmosphera que aviventaes....

« Mal sabia eu que, depois de lêr certa passagem de Stendhal, na qual se allude a umas minas de sal gemma na Austria, cavernas alvas de concreções, onde se castigam condemnados a olhar perpetuamente para esta materia branca, a revolvê-la, a carregá-la, o inferno branco de Beyle suggeriria a denominação de « Inferno Verde » a umas páginas mediocres, mas vívidas, que haviam de servir um dia de credenciaes perante a vossa eminente companhia.

« Na grande terra apaúlada do Equador brasileiro, a floresta é uma allucinação, como o ergastulo alvinitente do sal de rocha. Verde mar, verde amaranto, verde cré e verde gaio — é uma gamma ininterrupta da côr, que apaixona ou inspira horror, que abriga ou repelle, assassina ou faz viver, na massa de azinhavres que lá nos cerca, muro de nossa casa, sébe de nosso quintal, horizonte de nossa visão, enchendo a terra em volta até impedir o pé e emparedar o cerebro do invasor.

« Comprehendestes, senhores do Instituto, a serventia das paizagens copiadas ao fundo de meia duzia de dramas desesperados, sentindo que nesse trabalho de emoção se poderiam colher elementos prestadios ao conhecimento de mais um theatro de lucta humana; graças ao que não repudiastes, como mereceria, essa historia de troglodytas, toda em espasmos, rugidos e aspectos de selva, prolegomenos mal alinhavados de nossa civilização, romance incompleto de desvalidos e de naufragos, memorias grosseiras de Calibans e de Robinsons, quasi prehistoria,

palpitando ainda nos tempos ultra-modernos das ondas hertzianas e dos mysterios da radio-actividade.

«Esse livro, que vos aprouve acceitar como um passaporte a esta associação, resgatou-se na meia indifferença pública, e encontrou, num cenaculo de historiographos, um tribunal supremo para os elevados sentimentos que o dictaram, e cuja sentença ratifica e abona os intuitos e a consciencia do escriptor humilde. O grande envaidecimento do réo dá a medida da magnanimidade dos juizes que o absolveram.

«Desde que tomámos pé, desembarcando naquelle trecho da margem esquerda do Amazonas, conhecido por S. José do Amatari, á qual a vasante do rio dava alturas e o desenvolvimento de uma cortina entre velhos e longinquos baluartes, opprimiu-nos um grande pêzo, tal é a sensação da alma de quem se acerca da miseria e do abandono de uma terra.

«Não nos valia para distrahir-nos a curiosidade de uns caboclos e colonos, vigiando os nossos passos de medidores e pilotos, nem tampouco os incidentes vulgares na marcha do serviço technico, para que nos haviam delegado.

«As noites abrandavam o bochorno, mas os dias reaccendiam os brazeiros semi-extinctos na orvalhada. Era Septembro, o rio em plena estiagem, e nas terras esturradas o caminhamento proseguia, visada uma recta intencional pelo eriçado das capoeiras, pela férvida clareira dos roçados, pelo abafado labyrintho da floresta. Um trabalho de galés a triangularem o ambito de uma fornalha...

«Certa noite, aguardavamos a passagem de uma estrella. Poupo-vos a descripção dessa entrevista, na matta, entre uns pobres vermes terrestres, armados de uma luneta e de um relogio, interessados por um brilhante de primeira agua, encrustado no céo, escolhido por acaso dentre o resto da pedraria celeste. Alguem, que não se viu, puxou a horas dadas uma grossa coberta de sombras e atabafou o astro, que já se avizinhava do reticulo, desapontando os observadores attentos e tresnoitados. Recolhemo-nos então, avalie-se com que humor, sob o toldo de palha das barracas. A buscar o somno, prolongámos o serão.

«Exgottados os assumptos invariaveis, rebentaram as blas-

phemias e os escarmentos fataes, no desconfôrto e isolamento da missão, que não conseguira calejar as fibras sensiveis dos seus serventuarios.

« Morria no ar um conceito, que ferreteava o paramo que photographavamos, quando se ouviu um outro, murmurando de uma rêde ao nosso lado: « Terra que nem tem historia! » Proferia-o um auxiliar dos trabalhos, resumindo os males e as queixas, vociferando a derradeira sentença epigraphica do solo inçado de espinhos e de formigas, sôbre o qual pisava, revoltado, medindo angulos e esticando e encolhendo uma trena aborrecida.

« Nunca tive uma sensação de vacuo, como a dessa noite, atirado nas terras diluviosas do extremo Norte, vendo-me adormecer embutido na treva e num bosque fechado, ao receber tal phrase de rancor e negação. Sem que lhe pezasse a injustiça, sem que lhe avaliasse a falsidade, recebia num calefrio, como um echo de esmagadora nihilidade, que nos fosse envolver para sempre na situação já de si propicia a taes impressões, a de quem vai dormir ao vozear dos bugios, mergulhado na mattaria espessa de um sertão.

« *Terra que nem tem historia!* » O Amatari fica em uma orla extrema da Mundurucania: — extenso campo de paz agricola e piscatoria e ao mesmo tempo um plaino historico de armas dessa raça de Muras, que vêem seus filhos arpoando nos lagos dos arredores, em troca da cachaça com que os inconscientes devotos desse liquido saudam o exterminio de si mesmos.

« Provavelmente, pelos restos de vasilhame de barro e utensilios de pedra que resistiam á fincagem das estacas da demarcação, e os quaes se encontravam mettidos na terra negra de detritos organicos, que mancham felizmente o solo argiloso da região, data de seculos a occupação do Amatari pelas tribus, cujos descendentes teriam visto passar as pirogas de Orellana e as do capitão Pedro Teixeira...

« A proximidade dos lagos do Autaz, em face, fartos de pescado, e a situação de insubmersivel ás maiores alagações do diluvio annual amazonico, assignalaram evidentemente enormes vantagens para o estabelecimento inicial da gente primitiva, na zona transcripta nas nossas cadernetas.

«Depois veria decorrendo a vida egual e anonyma do «marisco» e das aventuras de nemorivagos, perdendo-se na memoria dos velhos pagés as lembranças obscuras das desgraças, dos combates e dos prodigios, até que, nos primeiros annos do seculo XVIII, um dominicano, reatando a tradição pre-pombalina, conseguiu fixar nesse barranco do Amatari a maloca de que fez principal um certo indio, Juma de nação, e cujo nome de baptismo se guardou.

«Achou-o frei José das Chagas mais ladino que os outros, e portanto com as mais valiosas faculdades de mando e de govêrno. Um psychologo, esse frade, instituindo os fundamentos de uma sociedade organizada por um branco no mundo dos Tapuios. Ainda se encontram vestigios da egreja e cemeterio que o missionario fez construir para a colonia dos nomades vermelhos. As convulsões civis de 1821, de 1832, de 1835 assustaram e debandaram os aldeiados. Organizado em 1845 o serviço official de catechese, a burocracia nacional ornou-se de mais um tentaculo e de uma fita, sem que lhe assistissem fôrças para sobresaltar a degringolada do sonho do povoador. Succederam-se os funccionarios, modificou-se a legislação, sangrou-se o erario, floresceram os abusos e a decadencia veio imprescriptivel e apparentemente inexplicavel.

«Na rasoira do destino, que fez uma parochia regressar a um «porto de lenha» entristecendo-se de mais uma ruina o coração de um paiz novo, ha um rosario de factos a citar, prenhes de ensinamentos para as horas que vão soando, si não comprehendessemos a massada que vos imporia, desfiando-vos ponto por ponto a chronica de um logarejo descambado e viuvo de um gentio.

«Nada, porém, mais natural do que imaginar que esse canto do Amazonas, todo em grenhas e sem quasi traço de humanidade, não tivesse antecedentes, simples e peco relêvo de limos acamados na fortuna das enchentes continentaes de um determinado periodo geologico.

« Terra que nem tem historia». Vêde, entretanto, quão longe estava da realidade o desabafo amargo do companheiro. Assim foi para umas terras perdidas num rio de soledade e de morte.

Assim para toda a amplidão restante do paiz. De infinitos recantos, ou de suas remotas regiões, apenas não se sabe a história. E por não se saber, seria ousado affirmar que não a tem.

« Palmilhados que sejam todos os recantos, em todas as epocas e logares, quanto Brasil a descobrir e a historiar? Lembremo-nos que ao longo de nossos rios mais consignados na cabotagem, mais batidos pela industria, do lacrimal de origem ao estuario, uma dezena de kilometros no sentido transversal pede um Livingstone ou a raça, a reproduzir-se, dos nossos Lacerda e Almeida ou Ricardo Franco... E ainda teremos que avivar os termos, recaminhar nas velhas estradas e perlustrar as paragens reconhecidas de ha tempos ou da vespera, para vê-las por novas luzes e novos prismas; quanta verdade a recompôr!

«Com o intuito de aproveitar vagares torpidos e disposições de sacudi-los, ando agora a me occupar da figura proeminente da marqueza de Santos, desfavorecida pela maioria dos chronistas de rancido liberal. De Vasconcellos Drummond aos derradeiros plumitivos chove mas pedras, numa lapidação em regra. Ora, parece que a bonissima senhora não foi victima de um amor, foi victima de uma jacobinagem. Si o coração que palpitou pela gentil paulista, de 1822 a 1829, não morasse num peito imperial, a politica não encontraria lamas para o enxovalho, porque disso não precisaria um partido para, attentando contra a pessoa de um soberano constitucionalmente inviolavel e sagrado, demolir um homem que soube ser um forte.

« Sempre fomos uns timidos ou uns exacerbados. De sorte que quem mais grita é quem mais tem razão. A paixão politica, montada em preconceitos, exaggerou e torceu os factos; conviria não deixá-la de tal fórma desvirtuando a memoria perdoavel de uma dama, a quem se augmentaram consideravelmente os erros e pouco se attendeu ás qualidades cardeaes numa mulher.

« Não será facil corrigir daltonismos voluntarios, mas será uma honrosa tarefa. Tomei-a sôbre os meus hombros; denuncio-o ao respeitavel Instituto, penitenciando-me já das insufficiencias e desacertos de que virão inçadas, a pezar meu, essas linhas em preparo.

« Os meus desasos e vehemencias de novato e sangue-na-

guelra fazem-me esquerdear os rumos que levava. Sopitemo-nos. Neste austero recincto estuam ainda as versões penetrantes e incontrastaveis de Varnhagen, e paira a applicação estudiosa de Gonçalves Dias, folgando os arroubos de sua lyrica.

« O Instituto é um continuador de exforços. Trememos nesta responsabilidade: acalente-nos, porém, a solidariedade e continuidade que elle impõe, dobrando a fôrça de seus membros, sustentando-as e registando-as. Não foi debalde que elle veio a seu tempo, num empenho, cuja dignidade deve ser o nosso constante orgulho.

« Os tempos passam e se proclamam cada vez mais férvidos, nesse delirio de deixar o que vai atraz pelo que se mostra adeante. As conquistas scientificas, que se annunciam, já não nos estancam a sêde de futuro. Prometheu desacorrentou-se para ser um insatisfeito dolorido...

« Á beira das correntes atormentadas, que redemoinham desde 1838, sereno e inflexivel no seu programma, o Instituto é um monumento que o amor da Patria tem cimentado por entre os azares, glorias e infortunios de mais de dùas gerações. Á sua sombra os mais scepticos teem ganho fé, os mais inertes grangeado zêlo, os mais fracos adquirido ânimo; saudando-vos, arrolo-me nos candidatos a essas virtudes de que sois, afinal, um nucleo de carga potencial, um fóco solenne de inspiração e prestigio. Tenho dicto.»

(*Palmas prolongadas*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente)* dá a palavra ao sr. dr. HELIO LOBO, que pronuncia este discurso:

« Esquivando-me, vai para tres mezes, á iniciativa dos que, mau grado o meu nada, ensaiaram minha admissão no seio desta illustre assembléa, eu disse minguar-me, para a merecer, a auctoridade dos cabellos brancos. Recanto de serena deliberação, o Instituto só deve povoar-se de sabedores e competentes.

« A bondade desta casa não esteve, porém, pela minha defesa. E aqui me acho entre vós, sob o pêzo de vossa generosidade, attonito ante a grandeza de uma investidura com cujos motivos, por mais que lide, não chego a atinar.

« Não lhe dá por certo ingresso o pouco que deixei escripto,

em jornaes e revistas, sôbre historia diplomatica americana. Ensaios ligeiros estão a trahir, na leveza da mão que os compoz, o dessaber prodigo de estouvamentos, em que os velhos folgam de encontrar por vezes a mais bella estação da vida. Escrevi um pouco de historia, porque a ideei em edade descuidosa; e na voz de certos lettrados essa é a que sobrevive, ao cabo. Sôa ainda aos vossos ouvidos a ironia derradeira daquelle erudito amavel, para quem a historia, após vigilias aturadas na decifração de pergaminhos, passou a resumir-se numa fórma de arte, que só vinga pela fôrça da imaginação.

« Mas Sylvestre Bonnard não ha mister de tomar assento aqui convosco, para justificar, olhos no céo, o advento de quem hoje vos bate á porta. Sirva para vossa excusa esta, de que o novo discipulo traz, no seu feitio scismativo, a melhor garantia para a serenidade deste recincto. De seu natural foi sempre comedido e discreto; e no trecho obscuro de vida, que já leva cursado, jámais lhe vibrou na alma recolhida uma dessas alleluias de primavera, capazes de prolongar, tal o seu divino resôo, um crepusculo humano.

« Juventude inquietadora é aquella que se « abstem de opiniões extremas », disse na França convulsa um espirito de tradição. Não o disse para este paiz de immensa luz, onde moços de alma precocemente triste desdenham de phantasias, debruçando-se sôbre a poeira dos archivos para delles colher, á maneira de occupação confortadora, o leve perfume das cousas idas.

« Crêde que vai fundo em mim o amor do passado. É tão lindo o aspecto das cidades mortas! Na convivencia de quem, neste gremio e fóra delle, foi um dos maiores cimos da nossa cultura historica e diplomatica, eu aprendi a querer no Brasil de hoje o Brasil de hontem. Abençoado o nome de Rio-Branco, bastante grande para inspirar á mocidade, que bemquiz, o culto perenne da Historia brasileira.

« É esse culto que desejarei continuar zelando aqui, sob o favor dos vossos conselhos. Si o homem póde alguma cousa na terra, deve-o á licção do que existiu. Só o passado é fecundo e grande. Nelle está a fôrça magestosa de vossa attitude, em meio do atropêlo continuo dos successos terrenos.

«Para o neophyto de hoje guardai, pois, um pouco de vossa indulgencia. Elle vo-la agradecerá no empenho, com que entra, de bem merecer desta alta companhia». (*Applausos*).

O sr. conde de Affonso Celso (*presidente*), dá depois a palavra ao sr. major dr. Liberato Bittencourt, que pronuncia o seguinte discurso:

«Ex.mo sr. presidente — Carissimos confrades — Á nimia gentileza dos valentes lidadores, que ha longo tempo aqui mourejam abnegadamente, com os olhos em Deus, que é grande, e com o pensamento na patria Historia, que precisa de ser cuidadosamente architectada, eu devo a honra excepcional, alimentada ha dous decennios, de me tornar hoje o mais humilde obreiro no grandioso commettimento scientifico, ha septenta e tres annos planejado, com elevação e com patriotismo, em prol da gerações a vir.

«Desvanecido e orgulhoso acceito a posição, difficil mas ennobrecedora, que benevolamente se me assignala, nesta casa de honestidade e de perseverança, onde, longe dos bulicios do mundo com as suas violentas paixões e desencantos, apenas se conserva e gloriosamente o passado, com as armas purissimas da justiça, da verdade e do bom senso. E acceito por tres grandes motivos, qual mais valeroso e convincente:

«1.º, porque, desde os verdes annos, me sinto com a precisa vocação, alheio á qual, no labutar collectivo, haver não pode especialidade digna de conta e valimento;

«2.º, porque, ante sincero exame de consciencia, me julgo com a necessaria capacidade productiva, sem a qual nada de util se poderá prestar ás patrias lettras;

«3.º, finalmente, porque tenho ha muito um historico programma em elaboração, sem que até hoje me fosse facultada a sua práctica realização.

«Que se me permitta descer um pouco ao amago da these apresentada, com esses diversos motivos de acceitação do espinhoso e scientifico encargo.

«Passam-nos ao alcance dous vultos circunspectos, cujo olhar encapellado e firme como que a trahir está, em cada um delles, o pensador ou o philosopho. O primeiro entra satisfeito

em vistoso palacio, para lhe admirar minuciosamente a concepção artistica, uma a uma lhe examinando todas as bellezas architectonicas. O outro passa indifferente pela construcção magestosa, preferindo além vasto mas singelo salão, pleno de pó e de velharias cheio, onde se encontram, meticulosamente enfileirados, indicios varios da passagem do homem pela terra.

«Por que tão oppostos sentimentos, em organizações tão escrupulosamente lapidadas?

«Sem esfôrço de monta descobre o analysta: alli o architecto, o homem de genio, capaz de transformar o mundo mineral, sem fórma definida, na mais perfeita obra de arte imaginavel; aqui o archeologo, o historiador, o homem de sciencia, que anhela escrever um dia, magistralmente orientado, a historia inteira da obra humana através dos seculos.

«Eu, meus nobres confrades, nutro por este ultimo especial predilecção: á gloria embriagadora e crescente do artista, do creador genial, prefiro sem vacillações nem entraves a posição modesta do operario que, occulto quasi sob o pó dos tempos, entre alfarrabios e hieroglyphos, conversa serenamente o passado em seguro beneficio do porvir. Á grandeza indiscutivel do auctor do *Lusiadas,* eu prefiro a superioridade incontestavel do agigantado feitor da *Historia de Portugal.* Para mim Herodoto é maior que Pythagoras; Wilson, mais valeroso que Longfellow; Guizot, mais digno de admiração que Lavoisier.

«Desde tenra edade que sinto uma attracção irresistivel pelas cousas antigas.

«Nasci no Estado de Santa Catharina, na ilha que traz esse mesmo nome. Alli, á infancia, eu ouvia contar a historia das grandes riquezas, pelos jesuitas depositadas secretamente na ilha do Arvoredo, e tinha já então um ardente desejo, não de haver a fortuna, que o ouro me não tinha ainda attractivos, mas de examinar palmo a palmo, centimetro a centimetro, a inteira historia daquella acção usuraria, que devia tambem ter sido homerica.

«Na adolescencia, no gymnasio, velho edificio solidamente alevantado por padres da Companhia de Jesus, eu gastava as horas de recreio, não nos folgares proprios da edade, mas em

demorado exame áquelles vastos salões malferidos pelo tempo, sem assoalho uns, sem portas ou janellas outros, quasi todos sem cobertura, criminosamente abandonados pela civilização, e onde, tranquillos, moravam ás centenas, os passaros da noite.

« Aos dezesepte annos, quando o vento da desgraça me batia rijo ás portas do lar, já limpo dos progenitores ambos, de quem consciencia não tive de oscular a dextra benfazeja e nobre, fiz-me soldado ao envés de medico; e o museu de armas da Praia Vermelha havia para mim um encanto especial. A lança e o cavallo de Osorio, lá então depositados, de tanto os observar, guardo-os em mente por toda a parte. Osorio era o mais popular dos nossos generaes. Não sei hoje onde demoram essas preciosas reliquias, porque o furacão do progresso, que nada poupa, deu por terra com o velho museu de armas e trophéos, ganhados heroicamente em campanha, pelos nossos avoengos. Mas aqui mesmo, neste historico recincto, ao fechar dos olhos, vejo nitidos no espirito, ainda não embotado pelo soffrer, o vulto do ginete brioso e a poderosa arma de carga do gaucho lendario.

« Fiz-me homem. E a minha verdadeira estréa nas lettras, com a qual o premio terceiro alcancei em um dos concursos litterarios do *Jornal do Brasil*, foi a fiel descripção de um feito heroico. Os jagunços, que conheciam quanto temiam o toque de carga, assaltam um dia corajosos o contrario acampamento. A refrega é tremenda, com sensivel vantagem para os assaltantes. Chega a noticia ao hospital de sangue, que se alvoroça inteiro. E um bravo corneteiro, filho do Norte, cujo braço direito horas antes lhe havia sido amputado, com a sinistra noticia presto toma a corneta, fazendo ouvir nitido o toque de carga, acto continuo repetido por todo o acampamento. Depois tomba exangue no leito da morte. Mas a columna estava salva.

« Quando a picareta inconsciente do progresso poz abaixo a Praia Vermelha saudosissima para ahi fazer alevantar palacios gigantescos, de accôrdo com a grandiosa Exposição Nacional projectada para o anno seguinte, eu caï seriamente enfermo. Mezes passados cobrei animo, e quiz ver a obra, para mim deshumana, da civilização. Mas voltei desanimado do Hospital de Alienados, cujas longas grades me habituara a ver desde criança. Por fim,

em um dia de grande coragem, consegui transpor o Portão monumental, mas com o coração despedaçado, como si me furtado houvessem objecto de rara valia estimativa. Tomei insensivelmente o rumo da Praia, onde por vezes várias me banhara aos dezoito annos; de areia, daquella areia original que só alli tem existencia, enchi os bolsos sem bem saber o que fazia; e voltei para casa cabisbaixo, vencido, sem uma só palavra a dar a quem quer que fosse, sem ao menos demorar a vista por sôbre um pavilhão, uma janella, um portico, uma simples cornija siquer. Assentei-me á minha banca de trabalho, escrevi para a *Imprensa*, da qual era collaborador assiduo, a «Chronica da Saudade», pregada logo depois pela mocidade do Exercito á porta dos alojamentos da Eschola de Guerra, e gentilmente transcripta por quasi toda a imprensa do Sul do paiz.

« Ha poucos dias, da Ilha das Cobras, quartel do 55.º batalhão de caçadores, assistindo á pomposa inauguração marcial da photographia de quatro heróes militares, eu pedia com insistencia ao general prefeito, presente á solennidade, para se estudar *in loco* onde vae ter a funda galeria que alli se encontra, e da qual cincoenta e tantos degraus foram já avidamente descidos pelo tenente Dermeval Peixoto, joven escriptor e joven official daquella brilhante unidade do nosso exercito. Suppunha e supponho que ella é a porta da entrada á via subterranea, que vai da Ilha ao Mosteiro de S. Bento, e porventura ao morro do Castello e ao de Sancto Antonio. Quem fez o aqueducto de Sancta Tereza bem pudera haver feito essa passagem recondita e ainda desconhecida dos contemporaneos.

« Taes factos despretenciosamente referidos, demonstram á evidencia aos membros eruditos desta casa, sem réplica possivel, a mais elevada do Brasil scientifico, a minha natural affeição, desde a meninice, ás cousas attrahentes do passado. « E *les premières impressions font souvent les inclinations dernières* », sustenta um grande critico francez, Taine, em seu excellente ensaio sôbre Tito Livio. « *Dans l'enfant on découvre l'homme, et l'on est toujoures ce que l'on a d'abord été* », adeanta o mesmo afamado escriptor contemporaneo.

« Tenho, quero crer, com algum desenvolvimento a bossa do

narrador. E quanto á capacidade productiva, ahi está, para saïr no primeiro número da mais antiga e quiçá mais estimada das publicações scientificas do paiz, a *Revista do Instituto,* a « Psychologia do barão do Rio-Branco », saudoso presidente perpetuo desta casa, trabalho de critica historica inteiramente original, e escripto apenas em septe dias de longo e assiduo trabalhar.

« Não fujo, pois, á vocação, nem tão pouco á actividade, acceitando desvanecido e orgulhoso a posição honrosa, que aqui hoje se me assignala benevolamente.

« E, feita com franqueza e com sinceridade a profissão de fé moral, fóra de proposito certo não virá a profissão de fé intellectual.

« No estado hodierno de cultura e de desenvolvimento dos povos, como encarar conscientemente a Geographia e Historia, capital escopo das prolongadas lucubrações scientificas e philosophicas do Instituto ?

« Que seja facultado o responder, com a sinceridade inteira do historiographo apaixonado e convencido, ao mais moderno e tambem mais incompetente dos obreiros desta homerica officina.

« Em todo e qualquer labor humano, scientifico ou artistico, philosophico ou práctico, ha sempre um trabalho preliminar, rigorosamente fundamental ao fim que se tem em vista attingir ; o carpinteiro escolhe cuidadosamente a sua ferramenta e utensilios, para desempenhar com pericia o que mais tarde ou mais cedo se lhe vai exigir — a feitura dos assoalhos e tectos, das portas e janellas ; o alfaiate segura o metro e a tesoura, o giz e os moldes, para tirar de uma peça de casimira, inteiramente plana, a vestimenta que tem de cobrir as fórmas curvilinèas do gentil homem ; o astronomo monta primeiro o seu observatorio, para depois prever, com admiravel precisão, a realização deste ou daquelle outro phenomeno astronomico ; o constructor estuda o terreno, observa as construcções vizinhas, indaga, esmiuça e experimenta, para depois alevantar com estabilidade a obra de arte projectada pelo architecto ; o general estudar busca a região, em que vae operar o seu exercito, as guerras anteriores que ahi se deram, o moral das suas e das tropas inimigas, para então traçar calculadamente as minucias todas do seu plano de cam-

panha; e o poeta, enfim, inspira-se na Geographia e na Historia do seu paiz, no character e indole do seu povo, para escrever convencido a obra de arte, que o tem de levar á posteridade.

« Pois bem: a ferramenta do carpinteiro e os utensilios do alfaiate, o observatorio do astronomo e as explorações do engenheiro, as cogitações do general em chefe e as poeticas inspirações do homem de genio constituem a parte propedeutica, o fundamento do trabalho mais ou menos grandioso, que elles teem em mira emprehender.

« Com a sciencia, cogitação humana, deve-se dar fatalmente o mesmo facto logico.

« Ella consta assim de duas partes: a que se destina ao estudo consciencioso da terra e do homem, alvo especial a ferir na lucta pela existencia, e aquella que lhe tem de servir de base racional e indispensavel. Dahi então a natural divisão do complexo conjuncto scientifico em duas partes distinctas — a *propedeutica* e a *finalistica*. Aquella, eminentemente geral, de pura theoria, estabelecendo leis, principios, ensinamentos que vão servir de base á comprehensão da última, cujo seguro conhecimento racionalmente não poderá de outro modo ser practicado e conseguido.

« As sciencias que fazem parte do grupo propedeutico teem grande importancia logica, ao passo que as constituintes do segundo grupo, as verdadeiras sciencias, são as que vão ser uteis ao homem na vida práctica, fornecendo-lhe meios capazes á tranquillidade e bem-estar.

« Cumpre agora estabelecer quaes as sciencias do primeiro e quaes as do segundo grupo.

« Serei conciso e presto no esclarecer.

« Ninguem estuda com a ancia futil de ser erudito, simplesmente visando a acquisição de largos conhecimentos.

« Por isso mesmo o homem, que se dedicar exclusivamente á mathematica ou á chimica geral, não terá em rigor valimento scientifico real. Faz lembrar um operario, que se apresentasse ao diurno labutar repleto de material e ferramentas, mas sem a precisa coragem de atacar a obra, receiando não vence-la á vontade e gôsto dos interessados.

*

«Similhantemente o espirito que só se dedicasse aos ramos varios da Physica.

«Por mais vasto e nobre que lhe pareça o campo, a antiga sciencia da natureza será eternamente impotente para garantir ao homem o papel que elle tem a representar na terra, o seu verdadeiro destino social. O nosso fim, o fim dos que estudam, deve ser o perfeito conhecimento de tudo o que nos cerca, para podermos cumprir escrupulosamente a nossa terrenal missão. E o conhecimento aprofundado das sciencias physicas não basta para tanto.

«As sciencias mathematicas e as sciencias physicas, pois, devem fazer parte do primeiro grupo, do grupo propedeutico precedentemente analysado. E são as unicas a constitui-lo, como bem se póde ver do respectivo campo de indagações de cada uma dellas.

«A Mathematica estabelece leis geraes, relativas ao número, á fórma e ao movimento dos corpos, tanto terrestres como celestes. As sciencias physicas instituem preceitos relativos ás propriedades geraes ou particulares da materia bruta e bem assim aos phenomenos que nella se passam, alterando-lhe ou não a existencia molecular.

«A primeira comporta, como as últimas, uma necessaria subdivisão: *Calculo, Geometria, Mecanica* e *Astronomia* no dominio mathematico; *Physica, Chimica* e *Electrologia*, no dominio physico.

«O Calculo occupa-se com as questões de número; a Geometria, com as questões de fórma; a Mecanica, com as de movimento; e a Astronomia, a sciencia dos astros, vai participar da Geometria e da Mecanica: da Geometria, porque se encarrega das questões de fórma, que lhes fizerem merecer o nome de *Geometria celeste*; da Mecânica, porque se vai occupar com problemas de movimento, que lhe fizeram receber o nome de *Mecanica celeste*.

«A *Physica* tracta das propriedades geraes da materia e dos phenomenos que nella se passam, sem que lhe fique alterada a intima constituição; a *Chimica*, ao contrario, analysa as propriedades particulares dos corpos e bem assim os phenomenos que

nelles se observam, alterando-lhes definitivamente a constituição molecular; e a *Electrologia*, que pela sua extensão e desenvolvimento deve constituir uma sciencia á parte, toma a si os phenomenos magneticos e electricos, cuja distincção e independencia ainda não lograram ser claramente accentuadas por nenhum espirito superior, taes e tão íntimas as relações de similhança e dependencia nelles observadas. Carecendo das leis geraes da Physica e bem assim das luzes que fornece a Chimica, a Electrologia tem por fôrça que succeder a ambas, sôbre as quaes vai repousar definitivamente.

« Vejamos agora o grupo finalistico.

« Como as propedeuticas, as sciencias da segunda categoria, que tão de perto chamam a attenção aqui no Instituto, devem comprehender dous grandes agrupamentos: um referindo-se ao estudo da natureza, ao gradual conhecimento da Terra, e outro ao estudo especial do homem, como um ser superior e independente. A primeira subdivisão constituida pelas sciencias naturaes, antes pela *Geographia*; a segunda, pelas sciencias sociaes, antes pela *Sociologia*.

« A *Geographia* deve ser considerada, não como o é presentemente pelas academias e escholas, completo repositorio de cousas sem nexo, sem a mais ligeira dependencia ou ligação, que a mocidade as mais das vezes decora inconscientemente, sinão, como pensa e practíca o Instituto, integral estudo da natureza, consciente e methodicamente feito á luz das sciencias fundamentaes, que a ella se tem de ligar fortemente, como élos enormes de cadeia possante.

« Para isso o estudo da Terra comprehender deve tres partes distinctas: a *astronomica*, a *physica* e a *politica*.

« A primeira parte, tambem chamada *Geodesia*, abrangendo o estudo mathematico da Terra em pequenas extensões, — *Topographia*, em grandes porções, — *Geomorphia* ou *Geodesia propriamente dicta*, e em observatorio variavel — *Hydrographia*. A segunda parte occupando-se com os tres reinos da natureza — *Mineralogia, Botanica* e *Zoologia*, e ainda com o estudo da origem da Terra — *Geologia*. A terceira parte, finalmente, a Geographia politica, procurando de um lado tornar realidade o estudo

racional dos povos — *Ethnologia*, e de outro, buscando fazer o estudo consciencioso das nações — *Nacionologia*, cousa até hoje ainda não tentada por nenhum philosopho ou pensador emerito.

« A segunda grande subdivisão do grupo finalistico comprehende o estudo do *direito*, o da *Economia politica* e o da *Historia*. O *direito*, ainda em constituição, regulando sabiamente as existencias individuaes e collectivas, permittindo assim a vida em sociedade ou em conjuncto.

« A *Economia politica*, o vertice da hierarchia scientifica, estabelecendo leis geraes e precisas para o desenvolvimento economico das collectividades e para o bem estar dos individuos, é a sciencia que liga a riqueza ao trabalho, a terra ao homem. Finalmente, a *Historia*, a verdadeira sciencia social, ou a Sociologia propriamente dicta, estabelecendo bons e salutares ensinamentos ao completo desenvolver da humanidade, á sua evolução e progredir, em todos os dominios da actividade intellectual e práctica.

« É a mais vasta e tambem a mais interessante das conquistas intellectuaes do homem. Philosophia, sciencia, lettras, artes, religião, industria, politica e moral, tudo, em summa, o que directa ou indirectamente affectar possa a nossa actividade ahi deve ser judiciosamente considerado.

« As seguintes palavras de Taine são altamente significativas:

« L'histoire embrasse maintenant plusieurs ordres de faits que jusqu'alors elle avait laissés hors de soi: les arts mécaniques, l'industrie, le commerce, méprisés par les anciens comme serviles, aujourd'hui réhabilités parce qu'ils sont exercés par des hommes libres; les mœurs domestiques oubliées autrefois pour les événements politiques, aujourd'hui étudiées parce que la famille intéresse l'homme autant que l'État; les religions, les sciences, les lettres, les arts, qui alors semblaient l'œuvre de quelques hommes et qui aujourd'hui semblent l'œuvre de toute la nation. L'histoire agrandie a reçu enfin dans son enceinte la nature humaine tout entière. » [1]

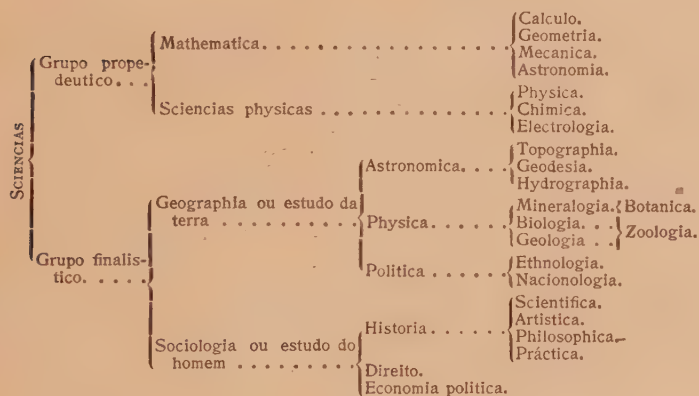
« O historiador é um typo caprichoso e completo: nelle se

---

1. Taine, « Essai sur Tite Live », 7.ma éd. pag. 334.

deve descobrir sem trabalho o critico que verifica os factos, o erudito que os destaca limpamente, o philosopho que os explica e ainda o escriptor que os pinta e eterniza.

« Para ser um bom historiador, mister se torna ser um grande escriptor. Alexandre Herculano, o maior dos Portuguezes artistas da palavra escripta, é um luminoso exemplo.

« Syntheticamente, o seguinte e suggestivo quadro explicativo do assumpto explorado:

« Eis a meu julgar o campo vastissimo, que se nos depara a todos. Seu completo amanho absolutamente impracticavel, embora mesmo centuplicado nos fosse o número dos annos e as circunvoluções do cerebro. Obrigatoria se nos impõe então a especialização, natural consequencia da organização psychologica de cada um.

« Tal justamente o que se tem observado e seguido á risca no Instituto, desde a éra feliz de sua fundação, em 1839.

« A sua obra gigantesca, que só universal cataclysmo poderia fazer desapparecer, ahi está para ser julgada em consciencia pelas gerações a vir.

« A *Revista*, cujo 75.º vol. começa de apparecer, prova á

Mathematica, ao critico historico mais exigente, a real validade da mais gloriosa e porventura mais util instituição scientifica do paiz.

« Nessa publicação, verdadeiramente monumental, vasta bibliotheca de patria Geographia e de patria Historia, sem questão a maior e mais rica do Brasil inteiro, o analysta consciencioso e competente provas solidas encontra da intensidade do viver honesto, e da bendicta perseverança com que, em trabalho de formiga, aqui se ha buscado erguer estavel o grandioso edificio da brasilica nacionalidade.

« Tudo ahi abunda com fartura desusada respeito á nossa Historia politica e diplomatica, commercial e financeira, artistica e scientifica, militar e theologica, industrial e philosophica, litteraria e práctica. Memorias, roteiros, viagens, cartas particulares e officiaes, documentos, pareceres, leis, biographias, notas, noticias, circulares, correspondencias, etc. etc., sôbre guerras, levantes, revoluções, propagandas, religião, territorio, índios, escravidão, independencia, sôbre a feitura em summa da nossa nacionalidade, desde 1822 até aos nossos dias, tudo ahi se encontra meticulosamente architectado, com uma opulencia e uma fartura, que não podem deixar de causar verdadeiro consôlo e verdadeiro enthusiasmo a todos os Brasileiros patriotas.

« Aqui entrando, á sombra benfazeja desse gigantesco *baobab* de producção historica, traçado hei já o rumo a seguir. Dedicar-me-hei de corpo e alma á vida dos grandes servidores da Patria, maiormente daquelles que saliente posição occuparam na construcção da obra herculea, cujo esbôço acabo de fazer ligeiramente. « The History of the world is but the Biography of great men. » [1]

« Pelos feitos dos heróes melhor se chega a incutir no espirito varonil da mocidade, que se alevanta garrida e forte, amor á lucta e respeito á Patria.

« Falando de Virgilio adeanta Taine, á pagina 23 do seu *Tito Livio:*

---

1 Carlyle, pag. 34, de « On Heroes ».

« Ni lui, ni Horace, encore moins Ovide, Tibulle ou Properce n'ont dessiné d'une main ferme ces portraits nets et frappants de peuples ou d'hommes que nous exigeons de l'historien et qui sont la meilleure partie de l'histoire.»

« Carlyle sustenta as mesmas idéas. Para elle, « A Universal History, the history of what man has accomplished in this world is at bottom the History of the great Men who have worked here.»

« Não escreverei a biographia desses lidadores, que feita já lhes está por mão de mestre. Tentarei trabalho que se me antolha muito mais serio e suggestivo. No estado actual da sciencia e da Philosophia, tolerar não mais se póde uma biographia, que teve sua epocha, como porventura o romance, o drama e a tragedia.

« Em que pese aos nossos mais provectos litteratos, e aqui por felicidade nossa bom número contamos delles, o romance tende fatalmente ao desapparecimento. De hoje a cem annos, menos talvez, ninguem mais lerá os romances de Balzac e os de Zola, os de Alencar e os de Eça, todos vantajosamente substituidos por themas mais proveitosos, mais interessantes e mesmo mais *humanos*, por questões scientificas, artisticas, philosophicas e prácticas, por indagações chimicas, biologicas, economicas, industriaes, criticas, historicas, geographicas, psychologicas.

« Tempo houve em que G. Ohnet era o escriptor mais lido em França, como o grande Camillo o era em Portugal, e Macedo no Brasil. O enredo era então a pedra de toque do romance, a sua vida, a sua alma. E quanto mais mysteriosos e tragicos, mais á Ponson elles se revelavam, mais apressadas lhes iam as edições,

« Era uma verdadeira loucura humana.

« Mas a propaganda se fez methodica no terreno da sciencia, da Philosophia, da Esthetica e da Moral, e aquelles impossiveis tão em moda foram sendo gradualmente substituidos pela realidade das cousas. A G. Ohnet succedeu Zola; a Camillo, Eça; a Macedo, Aluizio.

« Ficarão agora assim os homens por toda eternidade?

« Póde-se affirmar categoricamente que não: porque a propaganda continúa, cada vez mais accentuada e mais firme, a ganhar adeptos, a constituir doutrina, a tomar vulto.

« Bastante reduzido é já o número de romances que apparecem annualmente á França, á Allemanha, á Inglaterra, á Italia e aos Estados Unidos.

« Os estudos historicos, os geographicos, os economicos e industriaes, assim como as multiplas questões scientificas, artisticas, philosophicas e prácticas cada vez mais a preoccupar estão os povos esclarecidos e cultos do velho e do novo continente.

« Eis justamente o que a succeder está, com esse ramo outr'ora suggestivo da Historia, a que se dá o nome de *Biographia.*

« Como obra intellectual, antes como ensinamento historico, ellas tiveram e ainda teem sua relativa significação e influencia; não raro servem para mostrar ás gerações futuras um lidador de valimento e merito, ao mesmo passo que os contemporaneos um escriptor de pêzo e vulto.

« Tal o que se dá, para exemplificar, com a *Vida de Caxías*, do padre Pinto de Campos, com o *Esboço Biographico do Serro Largo,* do barão do Rio-Branco, e com todos os biographos de prestigio pelas partes cultas da terra.

« Mas os methodos de observação e de estudo, como era natural, se foram desenvolvendo e apurando com as sciencias e com a Logica, e as biographias, começando de fugir ás insulsas citações antigas, chronologicamente architectadas, começaram tambem de soffrer a influencia benfazeja da analyse, da Philosophia, da Critica e da Psychologia experimental sobretudo.

« Naquelles dous brasilicos exemplos que citei, como em o *James Hill,* de Bain, ou no *On Heroes,* de Carlyle, já se faz sentir essa grande verdade litteraria. E o facto de tal modo se vai alastrando e impondo em nosso meio intellectual, que hoje difficilmente ler-se-ha, pelo menos com prazer, um trabalho biographico, por muito cuidada que lhe seja a linguagem e maneiroso e attrahente o estylo, quando ás suas paginas, ao envez do critico, do apreciador ou do philosopho, se logra apenas descobrir o mero citador de factos, sem a coragem da comparação e da analyse, sem individualidade critica, sem erudição philosophica, em summa.

« A Psychologia destinada está a prestar á Historia um serviço de valor inestimavel. No dia em que os seus processos sobremodo

suggestivos, e empregados puderem sèr com facilidade e maestria, nesse dia, que praza aos céos longe não esteja, as biographias serão uma cousa do passado, na crescente evolução da Historia do pensamento.

« Preciso é applicar á Psychologia o methodo das sciencias physicas, diziam escossezes eruditos no começo do seculo passado. Necessario lhe é applicar o methodo das sciencias naturaes, adeantava Alexandre Bain, no fim do mesmo seculo. E A. Bain, o celebre professor de Logica da Universidade de Aberdeen, é um dos mais lucidos espiritos do seu tempo, superior a H. Spencer, elle que se colloca ao lado de A. Comte, porventura, sem paixão philosophica, a maior cerebração franceza dos ultimos decennios.

« Pois no dia em que nos fôr possivel a todos nós a práctica applicação lembrada por Bain, isto, é, *classificar e descrever*, como o naturalista, ter-se-ha descido suavemente das leis geraes da natureza humana para as diversas variantes individuaes. E ter-se-ha assim conseguido a mais bella applicação scientifica da Psychologia — a *Ethologia*, ou a sciencia do character estudada como deve ser no triplice ponto de vista physico ou da actividade, intellectual ou da intelligencia, e moral ou do sentimento.

« São de Herbert Spencer as seguintes e expressivas affirmações: « Jusqu' à ces derniers temps, la psychologie a été cultivée comme la physique l'était par les anciens : en tirant des conclusions non d'observations et d'expériences, mais d'hypothèses et *à priori*. Ce procédé abandonné depuis longtemps pour l'une avec un grand succès, on est en train de l'abandonner peu à peu pour l'autre, et cette manière de traiter la psychologie comme une division de l'histoire naturelle montre que l'abandon sera bientòt complet. » [1]

« Tal justamente a minha intellectual aspiração, meus eruditos e generosos confrades : arrastar logicamente a Psychologia a um dos ramos da historia da natureza, conseguintemente have-la parte integrante das nossas lucubrações e trabalhos aqui no Instituto.

---

1 Th. Ribot. «La Psychologie Anglaise», pag. 325.

« Não ha velleidade na pretensão, sinão funda razão scientifica e philosophica.

« Leia-se o mais suggestivo e original de todos os prefacios conhecidos. É de Taine, o rei da Critica como se sabe :

« L'homme, dit Spinosa, n'est pas dans la nature « comme un « empire dans un empire », mais comme une partie dans un tout ; « et les mouvements de l'automate spirituel qui est notre être « sont aussi réglés que ce du monde matèriel où il est compris.

« Spinosa a-t-il raison ? Peut-on employer dans la critique des « méthodes exactes ? un talent sera-t-il exprimé par une formule ? « Les facultés d'un homme, comme les organes d'une plante, de« pendent-elles les unes des autres ? Sont-elles mesurées et pro« duites par une loi unique ? Cette loi donnée, peut-on prévoir leur « énergie et calculer d'avançe leurs bons et leurs mauvais effects ? « Peut-on les reconstruire, comme les naturalistes reconstruisent « un animal fossile ? Y a-t-il en nous une faculté maitresse, dont « l'action uniforme se communique différemment à nos différents « rouages, et imprime à notre machine un système nécessaire de « mouvements prévus ?

« J'essaye de répondre oui, et par un exemple » [1]

« Sciencias ha que são exactas, outras que não poderão ser tão cedo.

« A Geometria foi e é uma sciencia exacta. A Astronomia tambem o é ; mas só o foi depois que explicar poude, não só a direcção do movimento dos planetas, como tambem as diversas perturbações desse mesmo movimento. A Hydrographia, apezar do seu character francamente mathematico, não foi nem será jámais sciencia exacta ; basta-lhe examinar com algum cuidado a theoria interessante das marés. Levando em conta as causas principaes, attracção do sol e da lua, tudo o que della depende, explicado o predicto póde ser com inteiro rigor astronomico, mesmo para uma parte desconhecida da superficie da Terra. Mas, ha tambem causas secundarias que influem poderosamente sôbre a hora e a altura da maré, como, por exemplo, direcção e velo-

---

1 Taine. « Essai sur Tite Live », preface, pags. VII et VIII.

cidade do vento, profundidade do oceano, configuração local, e que jámais poderão ser predictas ou calculadas.

« Apezar de tanto, a Hydrographia continua a ser uma sciencia, não exacta, é verdade, mas utilissima, no ponto de vista práctico.

« Tal justamente o que se observa com a Ethologia, a sciencia da natureza humana. Certo, bem longe ella ainda está do rigor geometrico ou da exactidão astronomica. Mas razão séria não encontra a critica philosophica, para que não possa ser ella desde já uma sciencia, como o é a Hydrographia, ou como o era a Astronomia até certo tempo.

« A sciencia ethologica por objecto tem as acções, pensamentos e sentimentos humanos. Houvera sem duvida attingido o seu ideal scientifico, si pudesse predizer com segurança como um individuo pensaria, sentiria ou obraria, em certo momento da sua vida. Para tanto mistér fôra que nós pudessemos desde já adquirir com certeza os differentes dados e as multiplas circunstancias, que actuam sôbre esse mesmo individuo.

« Não nos é ainda permittida a fiel acquisição de todos esses dados; mas á luz da Psychologia actual, desde já conhecemos sufficientemente as leis primitivas dos phenomenos mentaes, para lhes podermos predizer a conducta num grande número de casos.

« Theoricamente é perfeita a solução da questão: póde-se calcular um character, como calcular se póde o volume de um cone ou a quadratura de um circulo. Practicamente, porém, a questão muda muito de figura; não nos é possivel a acquisição de todos os attributos necessarios, como impossivel quasi nos é tambem a posse de dados exactamente similhantes, nos differentes casos a estudar, de modo a nos conduzir fielmente á formula de proposições geraes.

« As generalizações approximativas, porém, não podem deixar de accusar sufficiente exactidão para as necessidades da vida práctica.

« Eminentemente suggestiva para o estudo individual, a Ethologia se me apresenta irrefutavel para a conducta das collectividades.

« Gustave Le Bon, o genial publicista francez, com as suas últimas publicações psychologicas, prova exuberantemente que não estou aqui a exaggerar.

« Ha alguns annos já que, em fragil batel, navego esperançado nesse mar ainda encapellado e procelloso. E si os meus primeiros ensaios, modestos e pallidos, de nada serviram até hoje, nutro a esperança eminentemente consoladora de aqui, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em competente e fidalga companhia, poder largar um pouco a vela ao vento, em busca da terra sonhada da promissão.

« Aos eminentes confrades, o meu fraternal abraço de posse. »

Em resposta fallou o dr. Ramiz Galvão, orador, que saudou nestes termos os novos socios :

Sr. presidente. — Dignos confrades. — Illustres srs. major Liberato Bittencourt, drs. Helio Lobo e Alberto Rangel. — O Instituto Historico Brasileiro tem a grande ventura de saudar, neste dia, tres brilhantes batalhadores, que vêm engrossar as suas fileiras, trazendo-lhe copioso manancial de talento e de amor ás cousas patrias, o que significa uma auspiciosa promessa de trabalho fecundo.

« É muito para alegrar-nos este valioso contingente de reforços : muito é tambem para nos desvanecer o afan, com que Brasileiros illustres procuram esta casa, onde se não distribuem graças nem favores. Aqui cada qual, no seu posto, é um simples operario da magna officina, em que se compõe o sagrado livro da Historia brasileira.

« Hoje iniciam a tarefa tres artifices, qual mais operoso, qual mais distincto : o paizagista do *Inferno Verde*, o escriptor de interessantes páginas diplomaticas, o biographo analysta do nosso grande Rio-Branco, cujos discursos inauguraes acabamos de applaudir com justiça e calor.

« Trouxestes-nos, sr. Alberto Rangel, um livro que é um quadro vivo, impressionador e candente, como aquelle *Juizo Final* da Capella Sixtina, onde o genio de Buonarotti pintou com masculo pincel as agonias de outro Inferno.

« Vosso livro é a revelação de um artista. No *Tapará*, esse lago « que dá a idéa de um Asphaltite », — na *Decana dos Muras*,

aquelle «abjecto detrito de uma raça aviltada», nesse capitulo final em que condensastes todo o vigor das tintas para pintar-nos a «gehenna de torturas» em que se abraçou o Souto, — em todas as páginas de vosso livro brilha o talento de um fino observador.

« Posto que vos confesseis com grande modestia «insignificante engenheiro e sertanista», é certissimo que á sombra da nossa laboriosa companhia não vindes como «um sceptico para ganhar fé», como «um inerte para grangear zêlo», nem como «um fraco para adquirir ânimo».

« Sois um forte, um cinzelador amestrado como vosso saudoso mestre, um crente, que virá ajudar-nos para que outro desanimado não repita aquella phrase amarga de despeito e falha de verdade : «Terra que nem tem historia».

« O digno filho do honradissimo dr. Fernando Lobo não transpõe os humbraes desta sala com menos direito á nossa estima, nem é portador de menos esperanças. Como elle proprio disse, «amante do passado», aprendeu com um grande e immortal patriota a querer no Brasil de hoje o Brasil de hontem, aprendeu a ter pela Historia brasileira um culto vivaz e perenne.

« A ordem natural de seus estudos levou-o a brindar-nos com excellentes trabalhos sôbre a Diplomacia americana, reflexos de uma orientação de escol no tracto destes assumptos por sua natureza delicados e melindrosos.

«O vosso recentissimo livro — *De Monroe a Rio-Branco,* em que se acham reunidos alguns desses luminosos artigos, é certamente o precursor de várias outras joias, com que haveis de brindar as lettras nacionaes, e em particular a Historia diplomatica brasileira, — esso precioso campo, que pede lavradores habeis para se desabotoar em fructos de benção.

« Dissestes que «scismativo por indole offereceis a melhor garantia para a serenidade deste recincto». De facto, aqui não medra nem entra o tumulto das paixões, e só uma nos senhoreia : a paixão pela verdade; esta sim, alimentada pelo intenso amor da Patria, é e deverá ser eternamente o nosso guia, o Vergilio dos nossos Dantes na peregrinação investigadora pelos circulos do passado.

«Vinde, caro discipulo de um grande Brasileiro, vinde, pois, debruçar-vos sôbre a poeira dos nossos archivos para nelles «colher, á maneira de occupação confortadora, esse leve perfume das cousas idas»; continuae o culto e as tradições do grande mestre, e nós só teremos palmas e louros para a vossa obra.

«Deixei-vos, sr. major Liberato Bittencourt, para remate desta saudação singela, não só porque sois um mestre laureado, como ainda porque tivestes a fortuna de bater ás portas do nosso Instituto com uma credencial, que por varios titulos nos é carissima: o perfil biographico do nosso muito amado e muito saudoso Rio Branco, essa figura olympica, que por dez annos illuminou a vida diplomatica do Brasil e do Novo Mundo.

«Conquistastes em septe dias de afanoso trabalhar nessa opulenta memoria um titulo especial á nossa gratidão; nesse breve prazo ganhastes tambem o premio ambicionado por espaço de vinte annos, tamanho era o vosso preparo para esta batalha campal.

«Illustre official do Exercito e illustrado professor, apresentais uma fé de officio scientifica, que vos poderia encher de ufania, si acaso tivesseis essa fraqueza; mas ha para nós, em vossas proprias declarações, um titulo ainda mais recommendavel: é essa affeição profunda ás cousas do passado, é esse culto que confessais á Historia, «a mais vasta e tambem a mais interessante das conquistas intellectuaes».

«Tenho apenas dúvida em accompanhar-vos no pequeno apreço dado á obra litteraria do romancista. Dissestes que daqui a cem annos ninguem mais lerá Balzac, Zola, Alencar e Eça de Queiroz. Penso que não tendes razão: ler-se-hão todos elles, e ainda os nossos queridos J. M. de Macedo, Franklin Tavora, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, e outros, porque nelles se achará a pintura fiel dos sentimentos, dos costumes, da vida intima da sociedade do seu tempo, do seu meio, e tudo isto si não é Historia porque não reflecte a verdade inteira dos factos reaes, é pelo menos a descripção de um scenario, que auxilia poderosamente os julgamentos severos da mesma Historia. Alexandre Herculano o magno escriptor da «Historia de Portugal», esse luminoso espirito que foi uma das glorias portuguezas no seculo que findou,

Herculano não se dedignou de escrever o « Eurico » e o « Monge de Cister », que são obras buriladas por mão de mestre e que estou certo serão eternamente lidas como resurreição pittoresca de tempos idos. E porque não dizer o mesmo do grande Walter Scott, de Fenimore Cooper e de tantos outros, que, fugindo da phantasia vulgar, burilaram typos immortaes, copiados da natureza com esmero de arte purissima?

« Tenho para mim, distincto confrade, que ha na Litteratura de todos os povos logar de honra para esse genero de composições, que o vosso feitio profundamente scientifico pretende condemnar ao exquecimento, como ha e haverá sempre louros para coroar as biographias dos grandes servidores da Patria, que nos prometteis.

« No terreno da ficção, como no das sciencias positivas, deve haver e ha muitas vezes um intuito moral e social, que bem merece o applauso dos espiritos lucidos como o vosso. Sophocles é tão grande como Aristoteles, o auctor da « Divina Comedia » corre parelhas com Galileu.

« Do vosso talento e da vossa cultura, sr. major Liberato Bittencourt, o Instituto aguarda confiante não só esses trabalhos biographicos, que em bôa hora lhe prometteis, mas outros, muitos outros, em que se demonstre o vosso acendrado patriotismo e o intenso amor ao trabalho, que na vida pública haveis revelado.

« Aqui nesta laboriosa companhia, por onde passaram tantos Brasileiros venerandos, á luz benefica das licções fructuosas do passado, « em busca da terra sonhada da promissão », todos contamos que se realize a vossa fagueira esperança de « largar a vela ao vento » para maior gloria do Instituto e maior lustre da nossa Patria bem amada, essa que defendeis com a espada valorosa de soldado e que honrareis decerto com a penna de illustre pensador. »

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, nada mais havendo a tractar, levantará a sessão; não o fará, porém, sem agradecer a distincta presença do sr. representante de sua ex.ª o sr. marechal Hermes da Fonseca, chefe do Estado e presidente honorario do Instituto; a do dr. John Moore, illustre dele-

gado dos Estados Unidos da America do Norte no Congresso de Jurisconsultos, dos representantes das diversas auctoridades, excellentissimas senhoras e cavalheiros.

Levanta-se a sessão ás 10 $^1/_2$.

Escragnolle Doria, servindo de 2.º secretario.

ANNEXOS

(Discurso do sr. conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a 16 de Junho de 1912, por occasião de inaugurar-se o retrato do orador do mesmo Instituto, sr. barão de Ramiz Galvão).

« Eminentissimo sr. cardeal arcebispo, ex.mos srs. representantes da auctoridade, minhas senhoras, senhores :

« Quarenta annos de permanencia na lista de nossos consocios, de que conquistou o mais bello e raro titulo, o de benemerito ; — diuturno exercicio nas mais importantes commissões desta casa ; preciosos trabalhos, que opulentam as páginas da nossa *Revista;* pareceres magnificos sôbre variados assumptos ; discursos, em que a pureza e a elegancia da fórma correm parelhas com a eloquencia, o saber e a elevação dos conceitos ; um zêlo, um interesse, uma dedicação inexcediveis em prol do bom nome e prosperidade de nossa aggremiação ; uma lhaneza e benevolencia de tracto, junctas á mais fina fidalguia de maneiras, engendrando affectuoso respeito por parte de todos quantos delle se approximam — eis algumas das muitas razões que determinaram a collocação do retrato do dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, barão de Ramiz Galvão, (titulo attestador de egregios serviços á causa pública), nesta nessa galeria de honra.

« Esteve elle bastante tempo affastado do nosso convivio, mas foi como Achilles, recolhido á sua tenda, de onde saïu, em occasião propria, para alcançar novas victorias, porventura superes ás antigas.

« Ás indicadas parcellas, accrescentae estas outras: o desempenho do alto magisterio; a direcção de notaveis estabelecimentos de caridade e instrucção; a auctoria de livros magistraes de sciencia e de arte, onde o nome do Brasil apparece sempre exalçado; a iniciativa de elevados commettimentos; largo tirocinio na imprensa; e tereis, como somma, uma existencia tão nobremente operosa, que cada um de seus aspectos forneceria materia para invejavel biographia.

« *Non recuso laborem* — parece haver sido a sua divisa, trabalho, sem um só deslise, feito com esclarecido escrupulo.

« E, ainda uma vez, aqui se verifica a virtude miraculosa do trabalho, a sua efficaz acção salutar, pois o dr. Ramiz Galvão completa hoje 66 annos (não ha indiscreção em relembra-lo, porque todos conhecemos as datas da sua carreira), e, como vêdes, é um moço, pela energia, confiança, coragem, excellente equilibrio de todas as suas peregrinas capacidades, um moço que dá aos moços os melhores exemplos e licções.

« O trabalho lhe tem sido o elixir de Fausto, a fonte de permanente juventude.

« O Instituto faz votos para que aos extremos limites humanos se prolongue tão formosa jornada na terra, e, escolhendo para a presente inauguração uma data de familia, quiz mostrar que o dr. Ramiz Galvão é em nosso gremio uma figura tão veneranda e querida como aquellas que, em nosso lar domestico, mais presas a nós se acham pelos laços do sangue e do coração.

« Tenho a honra de rogar a ex.ma esposa do sr. ministro da Viação e á dignissima filha do illustre Brasileiro, a quem óra aclamamos, a gentileza de descobrirem a sympathica effigie do ex.mo sr. barão de Ramiz Galvão. » (*Palmas e applausos repetidos*).

O SR. DR. RAMIZ GALVÃO, em resposta a esse discurso, disse o seguinte:

« Ex.mo sr. presidente do Instituto Historico.

« Meus prezadissimos collegas.

« Não sei como agradecer a gentileza suprema de v. ex.a e dos meus illustres confrades, ao receber o testimunho de um apreço que excede a tudo quanto eu pudera e devera imaginar.

« Só á velhice me cabe attribuir tamanha distincção. Ha, de

*

facto, 40 annos que tive a honra de entrar para estas fileiras gloriosas, quando os proceres do Instituto se chamavam — Sapucahi, Bom Retiro, Porto-Alegre, Macedo, Joaquim Norberto, Beaurepaire Rohan, Candido Mendes, Capanema, — uma pleiade luminosa de trabalhadores, alguns já no declinio da vida, todos hoje pertencentes á Historia e sagrados immortaes na politica, nas sciencias e nas lettras brasileiras.

« Nesse convivio, e sob o impulso do nosso magnanimo presidente — o imperador d. Pedro II, muita cousa aprendi; uma, porém, mais do que todas as outras: o intenso amor da Patria, desta Patria por cuja gloria labutavam todos á uma sem distincção de partidos e sem paixão doutrinaria, obedientes áquella tradicção augusta, que vinha dos tempos de Cunha Mattos e Barbosa, e que mercê de Deus persevera intacta no seio do Instituto como um labaro sancto, como um reducto sagrado, a que se acolhem todas as crenças politicas dominadas pelo soberano culto da verdade.

« Áquella geração de 1870 succedeu outra, que está no seu fastigio e vai sustentando galhardamente o brilho desta companhia, sem se arredar uma linha do terreno conquistado e fazendo jus á gratidão da posteridade. É aos sentimentos benevolos destes distinctos collegas, que eu devo a grande honra com que me acabrunham neste dia ; a v. ex.ª, sr. presidente, confesso o mais profundo reconhecimento pelas palavras gentis, que acabo de ouvir e que não exquecerei.

« Ao lado dos veteranos, mas soldado sempre fiel á bandeira, neste resto de existencia que já não poderá ser longo, exforçar-me-hei por não desmentir e passado, que foi uma vida de rude trabalho, e por não desmerecer da honra altissima, que hoje me confere o Instituto Historico Brasileiro.

« Quando no futuro o estudioso das cousas patrias visitar estas salas e percorrer esta galeria, depois de contemplar com veneração e amor os tres grandes heroes da redempção dos escravos, o immortal chanceller que encheu de luz as primeiras paginas da Republica, o venerando Ouro Preto, que preparou as victorias da campanha do Paraguai e honrou as paginas do nosso parlamento, o benemerito Paranaguá que aos 90 annos tra-

balhava com ardor patriotico, — depois da contemplação destes e de outros muito dignos, ao passar pelo retrato que hoje se inaugura, só poderá dizer: — Este não deixou monumentos, nem organizou victorias, nem dilatou os limites da Patria, — mas amou-a muito, amou-a com enthusiasmo, e ainda no occaso da vida tentou servi-la, quando lhe reclamaram o fructo da experiencia pondo-lhe aos hombros uma cruz pezadissima.

« Tenho certeza de que outros meritos fallecem ao vosso velho companheiro, mas daquelle me ufano sem modestia, porque, amando a Patria, não faço sinão cumprir um sacratissimo dever de cidadão.

« Lê-se nos historiadores romanos que, ao celebrarem a ceremonia pomposa do triumpho, com que eram galardoados os grandes generaes victoriosos, obrigavam-nos a levar no dedo um annel de ferro, á guisa dos escravos, como aviso para que se não ensoberbecessem.

« Perdoae-me, si não trago o signal da humildade; basta-me o brado da consciencia. Crêde na sinceridade destas palavras, que sobem do coração aos labios: não sou o vencedor, sou o vencido pela vossa incomparavel generosidade; o triumpho é vosso, eu sou o captivo. »

(*Calorosos applausos. — O sr. dr. Ramiz Galvão é affectuosamente abraçado pelo presidente do Instituto, ministro da Viação e demais pessoas presentes*).

4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 19 DE JULHO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 4 horas da tarde, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, tenente-general d. Julio Roca (presidente honorario), Max Fleiuss, drs. Gastão Ruch, B. F. Ramiz Galvão, Martim Francisco Ribeiro de

Andrada, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Pedro Souto Maior, Augusto de Lima, Alberto Rangel, Escragnolle Doria, Augusto Olympio Viveiros de Castro, Miguel de Carvalho, José Americo dos Santos, desembargador Lima Drummond, Carlos Lix Klett, Eduardo Marques Peixoto, major Liberato Bittencourt, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira e commendador Tobias Laureano Figueira de Mello.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê a acta da sessão anterior, a qual é sem discussão approvada.

Lê depois o mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO uma communicação do consocio effectivo sr. general de divisão dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, em que diz não poder, por motivo de força maior, comparecer á sessão.

Justifica o mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO a ausencia dos srs. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 1.º vice-presidente, e commendador Arthur Guimarães, thesoureiro.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (*2.º secretario*) lê os seguintes pareceres da Commissão de Admissão de Socios, os quaes, nos termos dos Estatutos, ficam para ser votados na primeira sessão a realizar-se:

« A Commissão de Admissão de Socios só tem palavras para approvar a proposta que indicou o sr. Nicolas J. Debbané para socio correspondente do Instituto.

« As demonstrações de sympathia pelo Brasil dadas pelo sr. Debbané em trabalhos importantes muito o recommendam á nossa consideração.

« Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1912. — *Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva*, relator; *Dr. Miguel J. R. de Carvalho, A. C. Gomes Pereira.* »

— « A Commissão de Admissão de Socios nada tem a oppôr quanto á approvação da proposta, que indica o sr. dr. Gomes Carmo para socio do Instituto. É um nome conhecido pelos trabalhos, que tem publicado, e que por certo contribuirá para o maior engrandecimento da nossa associação.

« Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1912. — *Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva*, relator; *Dr. Miguel J. R. de Carvalho, A. C. Gomes Pereira.* »

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA pede depois a palavra e lê o o seguinte parecer, que emittiu como membro da Commissão de Historia :

« O sr. Raul Tavares, capitão-tenente da Armada Nacional, ora servindo na Bibliotheca da Marinha, signal de boa nota litteraria em um militar, desejando ser eleito socio do Instituto Historico e Gepgraphico Brasileiro, apresentou-lhe ao exame, parecer e suffragio, dous opusculos de lavra propria : *De Cavite a Santiago de Cuba* e *Commentarios da Guerra Russo Japoneza*, além de outras obras fóra da esphera de estudos do Instituto, mas testimunhos de pertinacia, de vontade de investigar, qualidades indispensaveis num membro do mesmo Instituto.

« Li, com o respeito por mim devido ao exforço alheio, as monographias *De Cavite a Santiago de Cuba* e *Commentarios da Guerra Russo Japoneza*. A primeira resume os factos essenciaes da guerra hispano-americana ; a segunda condensa os acontecimentos mais notaveis na pugna russo-japoneza.

« Qualquer dos opusculos revela no auctor intensa estima por sua nobre profissão, o desejo profissional de seguir com o espirito as peripecias daquelles dous tumultuosos capitulos da Historia universal, a par do desejo do estudioso de verificar o estado da sociedade e da politica dos belligerantes, as circunstancias e o character das guerras, o valor moral dos combatentes e, sobretudo, o de seus chefes.

« Sôbre profissional distincto e estudioso digno de animação, o sr. Raul Tavares se revela um patriota.

« Nas suas monographias se encontra uma preoccupação sagrada e credora dos applausos do Instituto, fóco de amor patrio, a preoccupação constante de bem conhecer as causas dos revezes extranhos para desviar o Brasil dos perigos bellicos, que o podem saltear. Assim os escriptos do sr. Raul Tavares encerram conselhos uteis, advertencias salutares que, desprezados, podem transformar os parállelos do auctor de interessantes em luctuosissimos.

« Mostra o sr. Raul Tavares o desmantêlo das forças navaes da Hispanha, a balburdia das da Russia, nas vesperas da lucta com os Estados Unidos e com o Japão. Estes paizes, contudo,

nella se empenhavam com a quasi certeza de vencer. Porque? Permitta-se-me a triste expressão: graças á sinistra macieza, á lugubre e arrepiadora docilidade de funccionamento de formidaveis apparelhos navaes.

« Percorrendo, attento, as paginas das monographias do sr. Raul Tavares, onde evoca a desorganização das organizações navaes hispano-russas na imminencia de um conflicto sério com povos plethoricos de imperialismo, louvei a censura com que o auctor fulmina a imprevidencia dos govêrnos, a criminosa indifferença delles em relação á defesa da patria, que não póde ser emprehendida, á ultima hora, por crises de coragem.

« A analyse da guerra hispano-americana feita pelo sr. Raul Tavares indica, sobretudo, a futilidade nas causas da lucta. Em todos os tempos odios e rixas resultaram de questiunculas. No seculo XVI, por exemplo, parte da Irlanda foi ensanguentada por partidos de aldeias, que tractavam de solver, a ferro e fogo, o problema de saber ao certo a edade de um touro vendido em uma feira provinciana. Considerando scenario mais vasto, Rosback é devido ao afan de responder a um epigramma de Frederico o Grande sôbre a marqueza de Pompadour; e si Napoleão, com prejuizo da paz européa, rompeu a paz de Amiens, isso se deve em parte ao agastamento produzido no corso genial, senhor do mundo, pelas simples pilherias dos jornaes inglezes, que lhe azedaram o sangue e o induziram a derramar o alheio.

« Na guerra hispano-americana, segundo se deprehende dos escriptos do sr. Raul Tavares, mais uma vez se verificou a verdade do proverbio: pretextos futeis, causas profundas. Só uma cousa não disseram os *yankees* declarando guerra á Hispanha: é que a declararam para dar realidade ao designio secreto de expellir as nações européas dos seus ultimos reductos economicos na America.

« Todo o cruel desenvolvimento da guerra hispano-americana é muito bem explicado pelo sr. Raul Tavares, que a enxerga com olhos de marinheiro e a destrinça como intellectual, amante de sua profissão. Nas aguas de suas reflexões se divisa sempre a sombra de seus queridos navios.

« Demonstra quanto comprehende o preço desse *Sea power*

magnificado por Mahan, e pelo qual a terra ingleza tem feito tantos sacrificios.

« A marinha é o eixo da politica moderna. A Allemanha expande-se mercê da sua frota, massa de ferro e aço a proteger, na molé immensa dos mares, as idas e vindas da sua marinha mercante e das suas mercadorias. A França mantem-se na linha das grandes potencias graças á valia de sua força naval, como a Italia, politicamente nascida hontem, cresce com o augmento de sua frota, agora posta, em prova. Os Estados Unidos conseguiram sentar-se nos congressos das nações fortes, e para que ninguem os obrigue a erguer-se e retirar-se delles, reformam e melhoram de continuo a sua respeitada e respeitavel marinha.

« As nações, ás quaes felizmente não incumbe a penosa obrigação de representar papeis de vulto na scena mundial, carecem imitar de longe as nações chamadas de primeira ordem. Todos, nações ou individuos, podem alliar-se na necessidade de exercer o direito de legitima defesa.

« Ha um conselho proveitoso para os povos, como o nosso, pouco militares, militaristas sem enthusiasmo e militarizados á força; é o conselho de Cromwell aos seus soldados: « tende confiança em Deus e conservae a polvora bem sêcca ».

« As narrativas do sr. Raul Tavares podem ter por epigraphe o aviso do homem que tanto tractou com os similhantes e os maltractou muitas vezes. Servem de eloquente commentario ao temeroso problema da guerra, uma dessas questões magnas que, como a do seu destino, trabalham os mortaes do principio ao fim da vida, do ventre á sepultura, consoante o dizer biblico.

« Os amigos e os inimigos da guerra constituem dous immensos partidos no genero humano, exercito a pelejar sem sangue na batalha diaria da existencia. Ha quem exalte apenas as virtudes guerreiras, não raro tão heroicamente exemplificadas, porém os adeptos da paz perguntam, si a energia dos cabos de guerra mais conspicuos foi acaso mais rude, mais perseverante, mais util á collectividade do que, por exemplo, a energia de Bernardo de Palissy, o ceramista precursor dos geologos modernos.

« Guerra: doloroso problema, do qual ninguem talvez saiba a solução. A humanidade não subiu ainda o primeiro degrau da es-

cada daquella benevolencia universal, de que falla Augusto Comte na *Philosophia Positiva*.

« Por conseguinte, no estado moderno das idéas, cumpre acolher com sympathia quantos, como o sr. Raul Tavares, se esforçam por prezar e servir a sua profissão, nella prezando e servindo a Historia.

« Homens de tal tempera tem tido o Instituto, o qual conta e contou no seu illustre gremio numerosos e distinctos officiaes da nossa marinha de guerra. Haja vista, em tempos idos, Villela Barbosa, marquez de Paranaguá, Mello e Alvim, o visconde de Jurumirim, o visconde de Inhauma, o barão de Melgaço, Jacintho Roque de Senna Pereira, Calheiros da Graça, Philippe José Pereira Leal, Antonio Mariano de Azevedo, João Carlos Pereira Pinto, o Barão do Ladario e Garcez Palha. Todos esses membros do Instituto encontraram emulos em extrangeiros, delle socios; assim o principe de Joinville, naturalizado Brasileiro pelo amor conjugal; Mouchez, naturalizado pela nossa Hydrographia e Augusto de Castilho, nosso pela gratidão.

« Modernamente o Instituto tem a honra e o prazer de contar entre seus socios os seguintes officiaes de marinha: almirantes Barão de Teffé, Guillobel e Indio do Brasil, commandantes Antonio Coutinho Gomes Pereira, Oliveira Freitas e Radler de Aquino.

« A esse grupo selecto da multidão eminente do Instituto deseja junctar-se o sr. capitão-tenente Raul Tavares, desejo ora sanccionado pela modestia do meu juizo, favoravel á admissão desse candidato, em cujos escriptos se encontram amor ao estudo, á pesquiza e ao Brasil, dotes imprescindiveis em um bom socio de nossa companhia.

« Tal o meu voto. Resta-me submettê-lo ao prévio exame dos meus pares da Commissão de Historia e ao plenario do Instituto, obediente como sou e serei aos reparos cortezes da experiencia e ás ordens da sabedoria de todos os meus dignos collegas de associação.

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1912. — *Luiz Gastão d'Escragnolle Doria*, relator; *Dr. Viveiros de Castro, Clovis Bevilaqua*.

É approvado unanimemente e vai, com a proposta, á Com-

missão de Admissão de Socios; relator o sr. dr. Manuel Cicero.

Em seguida procede-se á votação do parecer da Commissão de Admissão de Socios, lido na ultima sessão e relativo ao sr. dr. Alfredo Valladão.

O parecer é approvado por unanimidade de suffragios.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) proclama socio effectivo do Instituto o sr. dr. Alfredo Valladão.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) communica achar-se na sala da Directoria o novo socio sr. Francisco Agenor de Noronha Santos; pede, por isso, que o sr. presidente nomeie uma commissão para introduzi-lo no recincto.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) nomeia para esse fim os srs. 1.º secretario perpetuo e 2.º secretario.

(Dá entrada no recincto e presta o compromisso dos Estatutos o sr. Francisco Agenor de Noronha Santos).

O sr. Noronha Santos profere o seguinte discurso:

«Sr. presidente. — Srs. do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — Chego aqui gratissimo á vossa bondade.

«Aqui tudo me falla do passado: em cada recanto desta casa a imaginação evoca os grandes dias da Patria, e o olhar contemplativo como que se distende através do inventario da nossa Historia a revêr o Brasil antigo, no que elle possuia de bom, nas manifestações de sua actividade e na grandeza de suas aspirações de trabalho e ordem.

«O Instituto indo buscar-me no retiro, onde vivo a cuidar de velhos papeis que no rendado de suas laudas dizem muito de outros tempos, quiz certamente animar o humilde obreiro, que, no limitadissimo campo de sua visão intellectual, tem contribuido, embora parcamente, para o conhecimento detalhado da historia dessa formosa terra de Guanabara.

«Eu obedeço, senhores, á generosa iniciativa desse acto, que me dá estimulo para redobrar de dedicação ao estudo.

«Fallar do Instituto Historico e Geographico Brasileiro é synthetizar todo o passado do Brasil, de 1838 até a nossa epocha.

«Esta casa é a herdeira gloriosa das mais nobres tradições de operosidade, dos que deixaram uma riqueza inexgotavel de

intelligencia nos dous povos, que fallam a encantadora lingua portugueza. A tarefa benfazeja que o Instituto tem exercitado, alheiando-se das rusgas de partidos e dos corrilhos litterarios, recommenda-o cada vez mais ao apreço de todos os que vivem nas lides da Intelligencia e do Sentimento.

« É uma obra serena de estudo, que se reflecte como diagramma luminoso em todas as conquistas do Brasil de outr'ora e do Brasil de hoje. Basta a valiosa contribuição trazida pelo Instituto á cultura brasileira com a Revista trimensal — para se delinear aquella obra, que vale pela evolução do Brasil — todos os passos da nossa vida de povo, vivamente sentidos nas paginas da utilissima publicação.

« Desenhando os grandes acontecimentos da Historia nacional, o Instituto vai, dia a dia, julgando os factores que entraram na formação espiritual do uso brasileiro, os elementos economicos que se ajustaram no conflicto das raças, os productos principaes e, ao mesmo tempo, diz-nos das nossas terras e do seu desbravamento — o que importa dizer a geographia physica e politica, historica e economica do Brasil grandioso!

« Tudo isso vós o sabeis, o Instituto tem em sua Revista concatenado, narrado, esmiuçado, commentado e exclarecido com depoimentos de chronistas, exploradores, historiographos e cartographos.

« É, como se vê, uma obra riquissima e vastissima de informações. É uma bibliotheca bem catalogada de tudo quanto no nosso paiz e no extrangeiro se tem escripto sôbre a linda terra brasileira.

« Dentro da alma forte e sacrificada dos grandes obreiros, que ergueram o monumento de trabalho — que é o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, havia a communhão de esforços para levar avante essa tarefa dificillima.

« Graças ao ensinamento deixado nesta casa por nossos maiores, a Historia do Brasil já se vai libertando da inconfiavel tradição oral e demarca outros horizontes ao investigador.

« Novos processos de critica historica refazem a descripção de faustosos dias, em que a febre e a ganancia do ouro crearam emprezas ousadas e formaram pequenos nucleos de população,

nos quaes, ainda hoje, ha vestigios da opulencia arrogante dos conquistadores, de envolta com a excelsa bondade da nossa terra e da nossa gente.

« Sob os mesmos moldes se nos apresenta a Historia do Brasil independente, na doçura de suas crenças ou nas victorias intellectuaes, que tanto dignificam e ennobrecem o nosso povo.

« E o Instituto, que é o guia seguro e exacto desse passado, deve sentir legitimo orgulho de haver reunido à riqueza documental sôbre a nossa Historia e de a ter commentado deixando-nos ver o caminho percorrido e mostrando-nos o roteiro a seguir. (*Palmas*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) dá depois a palavra ao orador do Instituto, sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, que pronuncia o seguinte discurso:

« Sr. presidente: ex.^{mas} senhoras; dignos collegas; meus senhores:

« Permitta o nosso caro consocio recem-vindo que as minhas primeiras palavras sejam de saudação cordialissima e agradecida ao illustre representante da Nação amiga, que se dignou honrar esta ceremonia com a sua presença, dando-lhe especial realce e enchendo de justo desvanecimento os seus confrades.

« O nobre sr. general Julio Roca, nosso presidente honorario desde 1899, merecia por muitos titulos a maior estima deste Instituto, como vulto dos mais distinctos na historia contemporanea da America, graças ao brilho singular com que dirigiu os destinos do seu paiz, contribuindo para o desenvolvimento e progresso delle, e collaborando galhardamente na obra de fraternidade sul-americana, que ha mais de meio seculo é tambem o generoso escopo da nossa politica internacional.

« Espirito lucido e ponderado, s. ex.^{a} foi dos proceres argentinos um dos que mais cordialmente trabalharam pela consolidação destes laços felizes, e ainda agora, nesta recentissima emergencia, não duvidou acudir ao reclamo de seu govêrno para corresponder á leal e eloquente demonstração, que o Brasil quiz offerecer á gentil e prospera Republica Platina.

« S. ex.^{a}, lá fóra, em meio da multidão que o acclamou enthusiasta, já teve a prova inconcussa do muito que o povo brasi-

leiro o preza e admira, como preza e admira a Nação nobilissima, que batalhou ao nosso lado mixturando o seu sangue com o nosso em memoraveis pelejas.

« Aqui neste recincto sereno, dedicado ao estudo e á cultura das sciencias historicas, queira o illustre ministro da Republica Argentina receber eguaes homenagens de admiração e alto apreço; ellas não são nem podem ser ruidosas como as da praça publica, mas posso assegurar-lhe que são egualmente sinceras e calorosas. (*Palmas*).

« — Paga com abundancia de coração esta dívida ao benemerito estadista, que nos honra com a sua presença, cabe-me agora o dever de saudar-vos, illustre consocio sr. Noronha Santos, que vindes abrilhantar e reforçar as nossas fileiras.

« Vossos trabalhos geographicos, dignos de muita estima, deram-vos entrada na tenda modesta, em que ha mais de 70 annos se congregam e affeiçoam materiaes para a Historia, Geographia e Etnographia da nossa Patria. Mereceis entrar para ella, que vos recebe fraternalmente, e onde podereis continuar a obra de Beaurepaire Rohan, Candido Mendes, Homem de Mello, Moreira Pinto e outros, que cultivaram este departamento scientifico com particular esmêro.

« Ninguem ignora a vastidão do nosso territorio e quanto ha ainda de incerto e mal explorado em grande parte delle. A Geographia dos nossos sertões offerece problemas a resolver, e não ha viajantes exclarecidos que não nos tragam dados novos e curiosos para rectificar os nossos mappas do interior; ainda não ha muito a commissão do benemerito coronel Rondon teve opportunidade de nos prestar este optimo serviço.

« Não sinto vexame em dizê-lo, porque somos um paiz novo, e nos noventa annos de regime autonomo do Brasil, a nossa attenção tem sido desviada para um sem numero de questões de vária natureza, reclamadas pelo nosso progresso scientifico, litterario, artistico e industrial. A metropole portugueza, é certo, não havia descurado estes assumptos de alta valia, mas o seu exforço se volvera naturalmente para a limitação das fronteiras, e o campo a desbravar era enorme.

« Muito portanto, nos deixou, como trabalho de investigações

futuras. Esta herança ficou para a geração laboriosa, que nos precedeu e apenas poude encetar a gloriosa tarefa.

« É para vós e outros cultores das sciencias geographicas, digno consocio, é para vós que a Patria appella confiadamente, esperando valiosas contribuições, que enriqueçam e completem a obra do passado.

« Cada um de nós traz a sua pedra para o monumento; este assenta os alicerces, aquelle ergue as paredes, aquelle outro adorna-as com o fructo de seu engenho, e ainda outros levantarão a soberba cupula, que ha-de affrontar os rigores do tempo. Mas o exforço patriotico dos obreiros é egualmente digno de applauso dos contemporaneos e da posteridade; vós participareis sem duvida deste applauso, illustre confrade, porque vos sobram competencia e amor ás cousas da Patria. Sêde bem vindo! » (*Palmas, muito bem, muito bem*).

O sr. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) — « Não havendo quem peça a palavra, vou levantar a sessão. Antes, porém, de fazê-lo, confirmando as expressões tão carinhosas quão sinceras do nosso provecto orador, relativamente ao ex.^{mo} sr. tenente general d. Julio Roca, agradeço em nome do Instituto a gentil e honrosa visita de s. ex., que aliás aqui se acha em sua casa, já porque é nosso digno presidente honorario, já porque todos os consocios nos prezamos de o estimar, respeitar e admirar, formulando calorosos votos para que em tudo cabalmente feliz seja a estada de s. ex. no Brasil, e contribua para fortalecer a amizade fraternal entre este e a Republica Argentina, a nobre nação que tão altos exemplos tem dado e está dando ás outras nações. (*Vivos applausos*).

Levanta-se a sessão ás 5 horas da tarde.

Gastão Ruch, 2.º secretario.

5.ª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE AGOSTO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

Ás 8 e 45 da noite, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, dr. Norival Soares de Freitas, commendador Arthur Guimarães, padre dr. Julio Maria, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, dr. Antonio Augusto de Lima, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, dr. Alberto Rangel, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, major dr. Liberato Bittencourt, José Verissimo, dr. José Americo dos Santos, Francisco Agenor de Noronha Santos, dr. Pedro Souto Maior e Carlos Lix Klett.

O SR. DR. NORIVAL SOARES DE FREITAS (*servindo de 2.º secretario*) lê a acta da sessão antecedente, a qual é, sem discussão, approvada.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) diz que o ex.mo sr. tenente general d. Julio A. Roca, digno presidente honorario do Instituto Historico, deixa de comparecer por motivo de ligeira indisposição de saúde. Justifica tambem a ausencia dos consocios dr. Gastão Ruch, 2.º secretario, general de divisão dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, conselheiro Camelo Lamprea e dr. João Coelho Gomes Ribeiro.

O mesmo sr. 1.º secretario perpetuo lê o seguinte parecer da Commissão de Admissão de Socios:

«A Commissão de Admissão de Socios só encontra motivos para applaudir a proposta, que indicou o sr. capitão tenente Raul Tavares para socio do Instituto. É, pois, de parecer que a mesma proposta seja approvada.

Rio, 8 de Agosto de 1912. — *Dr. Manuel Cicero*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *A. C. Gomes Pereira*.»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, devendo

se realizar uma recepção, fica adiada a votação desse parecer, bem como os relativos aos srs. dr. A. Gomes do Carmo e Nicolas J. Debbané para uma sessão, que convoca para a proxima semana.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê o relatorio apresentado pelo consocio correspondente, sr. F. A. Georlette, que representou o Instituto no Congresso de Americanistas, reunido ultimamente em Londres.

O sr. presidente diz que o Instituto louva e agradece os serviços do consocio sr. Georlette.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, por seu intermedio, o provecto consocio do Instituto sr. barão de Paranapiacaba, fez ao mesmo Instituto uma preciosa dadiva. É o original da traducção em prosa *Prometheu Encadeado,* de Eschylo, traducção effectuada pelo saudosissimo presidente perpetuo do Instituto, S. M. o imperador d. Pedro II.

« O inestimavel manuscripto está acompanhado de outro, devido tambem áquella augusta mão: uma versão, do hebraico para o latim, de alguns capitulos do livro do *Ruth.*

« Informa ainda o sr. presidente, que a referida traducção imperial de Eschylo foi cotejada com o texto grego pelo orador do Instituto, barão de Ramiz Galvão, que a muitos meritos reune o de eximio hellenista, e s. ex.ª a achou fidelissima.

« Consta até que o barão de Ramiz Galvão, sôbre esta traducção em prosa, elaborára uma em verso, a exemplo do illustre barão de Paranapiacaba.

« O Instituto muito estimará que mais esse attestado dos merecimentos do seu orador venha a publico. (*Applausos*).

« Excusa accrescentar que o donativo do sr. barão de Paranapiacaba é recebido com maximo regosijo e reconhecimento. (*Applausos*).

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) communica achar-se na sala da Directoria o socio correspondente sr. dr. Affonso Escragnolle Taunay, que vem tomar posse, tendo satisfeito todas as exigencias dos Estatutos.

O sr. presidente designa os srs. secretarios e thesoureiro para introduzirem no recincto o novo socio.

(Dá entrada no recincto, presta o compromisso dos Estatutos

e toma posse de sua cadeira de socio correspondente o sr. dr. Affònso d'Escragnolle Taunay).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente)* dá a palavra ao sr. dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, que pronuncia o seguinte discurso:

« Sr. presidente, minhas senhoras, meus senhores, illustres consocios:

« Verdadeira infelicidade a que me impediu antecipar de alguns mezes, como me fôra possivel, esta occasião em que, pela primeira vez me reuno a vós, meus illustres consocios!

« Á recepção que me fazeis pudera então junctar o acolhimento affectuoso de tres grandes Brasileiros, de tres consocios, preclaros entre os preclaros, que o extenso necrologio de 1912 arrebatou ao Instituto e á Patria.

« Si como Brasileiro, a minha divida de reconhecimento para com estes magestosos vultos reclama a maior admiração pela sua obra, motivos pessoaes accrescem para que sobremaneira lhes sinta a irreparavel ausencia a esta ceremonia.

« É que, desde a infancia, me habituára a lhes venerar o nome: eram amigos de meu pai e dos meus. Assim, pois, o barão do Rio-Branco, parece-me, neste momento, ve-lo na nossa casa das Laranjeiras, numa roda em que diviso André Rebouças, Joaquim Nabuco, Francisco Belisario, Joaquim Serra, Carlos Gomes, Azevedo Castro, Manuel Euphrasio Corrêa, Thomaz Alves e tantos mais! Joven, cheio de vida e alegria, esbelto e elegante, a conversar e a rir, espirituoso como poucos.

« Bem longe estavam os tempos, em que aquelle moço jovial e despreoccupado viria a ser o conquistador dos territorios contestados ao Brasil, o grande ministro que encheu o mundo com seu nome glorioso.

« Era então o simples e modesto consul de Liverpool...

« Com que carinho se tractavam meu pai e elle!

« Não haviam, contudo, sido amigos de infancia; creára esta affeição o grande visconde de Rio-Branco.

« Desde a missão especial de 1869, no Paraguai, chamára a si o libertador de 28 de Septembro a Alfredo d'Escragnolle Taunay.

« Extendendo-lhe mão firme e generosa, encaminhára-lhe os

primeiros passos na senda da vida politica, fazendo-o em 1872 deputado por Goiaz.

« Os povos goianos, dizia então Joaquim Serra, a gracejar com o amigo, « pedem ao sr. presidente do conselho que ao menos mande traduzir em portuguez o nome de seu futuro deputado. »

« A este affecto paternal correspondeu Taunay com todas as veras da alma; tal impressão conservou do convivio com aquelle pro-homem, que a elle jamais se referia sem que o fizesse em termos repassados de infinito respeito e saudade.

« Accompanhou-lhe os ultimos dias com verdadeira angustia filial, e exprimiu esta commoção em palavras tão sinceras e intensas, que o filho, o nosso grande presidente para sempre ausente, as mandou gravar em uma placa de ouro, que trazia sôbre a sua mesa de trabalho.

« Ao lado desta forte amizade outra surgiu, que o longo exilio do barão do Rio-Branco não enfraqueceu.

« Conhecedor, como raros, do segredo das demonstrações delicadas, das que attingem o recesso dos corações, constantemente se fazia Rio-Branco lembrado ao amigo, enviando-lhe de tempos a tempos os mais gentis presentes. Assim, por exemplo, no meio das graves preoccupações e do labor formidavel da questão das Missões, lhe mandava bella e rara estampa de Descourtilz, pertinazmente procurada; bem sabia quanto aquella dadiva iria penhorar o obsequiado: era a reproducção de um quadro de Nicolau Antonio Taunay, a que accompanhava laconico bilhete: « Trabalha-se a valer, velho amigo, mas nem por isso ficas exquecido. »

« Como esta muitas vezes...

« Ao pensar no visconde de Ouro Preto, quanto me é grato recordar que a elle egualmente me prendem sentimentos dictados pela piedade filial! Quanto me commove lembrar que no afan de reunir em tôrno do throno vacillante de Pedro II os elementos de defesa desunidos e gastos por sessenta annos de politicagem, não hesitou o chefe da resistencia monarchica em chamar para o gabinete de 7 de Junho alguem, que não pertencia ao seu partido, mas em cuja lealdade, firmeza e intrepidez confiava!

*

« Não permittiram os escrupulos de coherencia partidaria que tão honroso convite pudesse ser acceito, muito embora soubesse Taunay quanto lhe seria legitimo a elle annuir, naquelle momento, em que o futuro se antolhava pejado das mais graves ameaças contra as instituições imperiaes.

« A Ouro Preto não podia a recusa magoar; ninguem mais do que elle tinha motivos para aquilatar a inflexibilidade do character; logo depois entendia dar nova mostra de apreço ao esquivo collega do Senado; propunha á corôa que o agraciasse com o titulo de visconde de Taunay.

« Pouco antes de deixar, para sempre, o recincto do Senado, collaboraram ambos em uma obra de gratidão nacional: tractava-se de amparar alguns dos descendentes de um grande estadista, expostos a duras privações; as instancias do senador por Sancta Catharina e a solicitude do presidente do conselho valeram ás desvalidas creanças o auxilio que muito e muito lhes era devido, em lembrança do illustre avô.

« Taes factos, meus senhores, bem avaliaes quanto me dizem ao coração.

« É com o maior pezar que nesta assembléa illustre não percebo o vulto imponente do primeiro Affonso Celso, os seus traços de homem superior, os ardentes olhos, reflexos duma intelligencia de aguia, a serenidade olympica da physionomia, o porte do dominador audaz, todo aquelle aspecto de onde se desprendia, tão forte, a impressão de contacto com uma prodigiosa fonte de energia humana.

« Soberba figura a deste homem, que não conheceu o desfallecimento, a do indomito vencido de 15 de Novembro que, numa madrugada, despertado em sobresalto, e ameaçado de caïr, dahi a pouco, sob a salva de um pelotão, contentava-se em lembrar, desdenhosamente, aos vencedores, que os inimigos generosos costumavam conceder aos vencidos, sentenciados ao supplicio, algumas horas de preparação á morte!

« Ao marquez de Paranaguá um affecto de longos decennios prendia os meus: era um amigo de todos os tempos, de meus avós.

« Não o surprehendêra ver um dia entrar no Senado vitalicio

aquelle a quem, ministro da guerra, dera os singelos galões de tenente de artilharia; accompanhára com interesse a carreira do moço, que conhecia desde a meninice, e effusivamente o recebeu.

«A Paranaguá sabemos todos quanto deve o Brasil a exemplificação de dilatada existencia, cheia de ensinamentos alevantados.

«Apresenta a sua vida publica uma série das mais bellas demonstrações de civismo; era a 15 de Novembro quasi septuagenario, podia aspirar a um nobre repouso, ao ver extincta a longa e fecunda carreira politica; ao envez disto, jamais quiz descansar, ardentemente trabalhou pelo Brasil, até os dias derradeiros da admiravel ancianidade, lucida e robusta, e sobretudo patriotica.

«O nosso Instituto e a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro foram as grandes preoccupações dos ultimos annos de tão notavel personalidade; não ha entre nós quem se não commova ao relembrar o ardor, com que o nonagenario homem de Estado trabalhava pelo engrandecimento da nossa companhia, ainda semanas antes do seu desapparecimento.

«A este preito de veneração a tres memorias preclaras, permitti, senhores, que reuna outro; permitti que recorde a generosidade, com que me elegestes vosso consocio.

«Á deficiencia dos meritos do candidato contrapuzestes os dictames da amizade, da benevolencia, da saudade daquelle que durante longos annos foi dedicado socio e orador do Instituto.

«Nem outros foram os factores da minha eleição, e disto me certifica neste momento a presença aqui de tantas physionomias amigas: o nosso caro e illustre presidente, em quem revive para o Brasil e para nós, a personalidade de Ouro Preto; Max Fleiuss, o incomparavel servidor do Instituto, o amigo que não mede sacrificios, na ancia de servir a quem se affeiçoa; o barão de Ramiz Galvão, gloria das lettras brasileiras, extendendo a mim um pouco do grande carinho, que o levou a verter, para um portuguez impeccavel, a *Retirada da Laguna;* o dr. Manuel Cicero, nosso querido vice-presidente, o inexcedivel guarda de um dos mais preciosos thesouros brasileiros, herdeiro legitimo dessa tradição illustre que, de Diogo Barbosa Machado aos dias de

hoje, se prende á historia da nossa grande bibliotheca, através de tantos nomes celebres; os drs. André Wernek e Eduardo Marques Peixoto, que á sciencia adquirida na perscrutação dos archivos e na acurada meditação dos nossos problemas historicos, alliam a maior indulgencia em julgar alheios meritos; o nosso dedicado thesoureiro, conhecedor profundo das questões economicas nacionaes, robusto manejador da lingua; o sr. capitão de mar e guerra Gomes Pereira, o bello marinheiro, cujo nome representa uma fé de officio gloriosa e augura um generalato cheio dos serviços mais relevantes á Armada Nacional, além de tantos outros.

« Foram os primeiros os meus padrinhos; a todos inspirou a amizade, si não a benevolencia.

« Além do nosso cadastro social, mas no circulo daquelles que nesta casa me affeiçoam, ainda enxergo quem, pertencendo intimamente ao Instituto, no entanto não quiz, até hoje, por exaggêro de modestia, entrar para os nossos quadros, o nosso querido bibliothecario, o nosso eminente consultor, de quem tanto nos orgulhamos, como historiador, como typo completo do homem de sciencia e de character, como inexcedivel amigo.

«Não quiz o plenario do Instituto discutir uma proposta assignada por varios dos seus benemeritos; votou o pedido, que lhe fôra endereçado, attendendo ao prestigio dos apresentadores e á enorme somma de serviços que seus nomes representam.

« Tal é, senhores, a psychologia da minha admissão ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Por um requinte de gentileza, desses que as palavras de reconhecimento não conseguem traduzir, quizestes, senhores, que coincidissem as ceremonias de minha posse e da inauguração do retrato de meu pai, nobre mostra de quanto, nesta casa, imperam os sentimentos mais dignificadores.

« É que, collocando a effigie do seu extincto orador, na galeria dos seus maximos associados, homenagea o Instituto um dissidente; falleceu o visconde de Taunay affastado do gremio a que, durante mais de vinte annos, servira dedicadamente.

« Causára tal rompimento uma imposição da coherencia de idéas, e, sobretudo irreprimivel movimento de desgôsto e revolta,

provocado por certo incidente, em que enxergára uma ingratidão suprema para com d. Pedro II.

« Arroubado admirador do monarcha deposto, parecia-lhe que o Instituto — tão ufano sempre do dístico *auspice Petro Secundo* — devia ser o zelador intransigente da gloria do seu magnanimo protector, agora infeliz e exilado, não podendo fazer a minima attenuação a este exclusivismo, sob o ponto de vista conciliador, em relação aos victoriosos de 15 de Novembro.

« Tal não se podia dar; retirou-se, pois, da associação o irreductivel orador.

« Reflectida calma mostrou-lhe mais tarde que tanto não me-
« recia te-lo conduzido o incidente a que deu vulto o seu dema-
« siado zelo, sobremodo disposto a taes susceptibilidades pelas
« circunstancias de então, observava o dr. Alfredo Nascimento
« Silva, na sessão magna de 1889.

« Nobre e leal, como sempre fôra, acercou-se novamente do
« Instituto, deixando mesmo sentir, por ultimo, que se não recu-
« saria de voltar ao seu gremio, si para isto se offerecesse ensejo.
« Si este não se apresentou em vida de tão illustre consocio,
« depois da sua morte, reconquistou o Instituto, como de direito,
« o nome do preclaro Brasileiro.

« Confirmando estes conceitos generosos quizestes acabar, para sempre, com a lembrança de tal dissidencia; de hoje em deante nenhum vestigio della remanece; reintegraes Alfredo d'Escragnolle Taunay nos quadros do Instituto.

« Coroando tão completa reconciliação com um morto, desejaveis ainda proporcionar a um filho a ceremonia glorificadora de seu pai.

« Obrigado, senhores, de tão carinhosa lembrança; consenti, pois, que neste meu modesto discurso venha cumprir a desobrigação de piedade filial, a que me compellistes de modo tão delicado, impondo-me por isso mesmo difficilima tarefa.

« Como me hei de manter nos limites de um justo meio termo de conceitos, quando tenciono fallar de meu pai? Como fugir ao perigo das exaggerações espontaneas, irreprimiveis as mais das vezes, e no entanto tão naturaes, inspiradas pela affeição, pela

saudade, pela admiração? Como ao mesmo tempo escapar ás diminuições, que o temor das phrases demasiadas provoca?

«Si indulgencia houve quando me abristes as portas deste cenaculo, maior benevolencia de vós reclamo, neste momento, para as phrases incolores do meu discurso, a que sobremaneira perturba a natureza do argumento que me commetti.

«Querendo recordar os feitos da *Retirada da Laguna,* este prodigioso padrão do heroismo brasileiro, pedistes ao bello pintor que é Eduardo de Sá, que retratasse o homenageado de hoje, revestido do uniforme de engenheiro militar.

«Aos que o avistam evoca logo o retrato excellente a longa e sinistra jornada de Matto Grosso.

«Curvado sôbre a sella da montaria tropega puxa o guia Lopez, atraz de si, «por sertões que só Deus e elle conheciam» a dizimada columna brasileira. Mortos ou a morrer, deitados uns sôbre os outros, atulham cholericos, carretas e carros manchegos; inadiavel fatalidade breve os entregará ao mais cruel fadario; terão os ermãos de armas de abandona-los ao fuzil paraguaio...

«Em torno dos lobregos vehiculos, soldados e officiaes arrastam-se, semi-nus e descalços, famintos e exhaustos, por sôbre a campina intermina, que o incendio da macega esbrazêa e o sol calcina...

«Esqualidos e miseraveis bois a grande custo vão tirando os canhões sôbre o terreno inconsistente...

«De vez em quando caem por terra, extorcendo-se nas convulsões do cholera ou exgotados de fadiga, os miseros e pacientes soldados, a custo se agarram alguns a uma carreta; a maioria deixa-se estirada, sôbre o solo requeimado, resignada á espera das lanças paraguaias ou do rostro dos corvos. Formam a moldura do quadro os multiplos e compactos esquadrões de cavallaria inimiga, os regimentos de *camisas vermelhas*, degoladores ferozes de extraviados e retardatarios, inexoraveis espingardeadores de infermos e moribundos, a cavalgar possantes corceis, tres ou quatro vezes mais numerosos do que os perseguidos, a quem *pastoreiam*, na chacota incisiva do orgão official de Lopez.

«Nos centros dos quadrados brasileiros fluctua, sempre ere-

cto porém, o symbolo auri-verde; sustenta e reconforta aquelles homens assaltados por inexprimiveis calamidades simultaneas.

«Hão de se salvar as bandeiras e os canhões, ou ninguem sobreviverá ao desastre!

«E tal se dá: apezar da investida furiosa do inimigo terrivel, exasperado pela resistencia, anciado de possuir tropheos tão tenazmente disputados.

«Ao findarem os transes terriveis da *Retirada,* ainda é para os symbolos da Patria que se voltam os primeiros cuidados e carinhos dos escapos da catastrophe: «*Soldados,* diz a ordem do dia do coronel José Thomaz Gonçalves, *honrai-vos da vossa constancia que ao Imperio conservou os nossos canhões e estandartes.*»

«Não é só a expedição de Matto Grosso o que nos lembra aquella sobria farda, tão elegante e cheia de distincção; ainda nos falla da ultima phase de nossa grande guerra, a campanha das Cordilheiras.

«Assiste o narrador da *Retirada da Laguna* aos ultimos e ainda violentos estortegos do tyranno, por quem se suicida a nação paraguaia, na mais absurda e heroica das solidariedades.

«Acossado de quebrada em quebrada consome o monstro megalomano as ultimas forças do seu desgraçado povo; nem por isto, porém, é este final de campanha a expedição facil, que Caxias desdenhára; ahi estão a attestá-lo as terriveis refregas de Perebebui e Campo Grande, as difficuldades e soffrimentos sem conta dos ultimos mezes de guerra, na região inhospita das Cordilheiras.

«Aos principaes feitos de armas desta phase assiste Taunay; incumbe-lhe redigir o *Diario do Exercito,* e o seu cargo juncto ao general chefe das forças alliadas dá-lhe o ensejo de se informar de todos os pormenores importantes, occorridos nas operações da guerra, registando-os cuidadosamente.

«Ao partir do Rio de Janeiro, fôra esta a sua firme intenção, e intenção á risca seguida: observar tudo o que lhe fosse materialmente possivel, as cousas da guerra, os homens e os costumes, a natureza e a paizagem, tudo o que lhe parecesse digno de nota; documentar-se abundantemente para depois descrever o que vira

e ouvira; obedecia á impulsão irresistivel do seu temperamento de escriptor, ao *Est deus in nobis...* do poeta.

« Assim, pois, desde os primeiros dias de marcha, encheu os seus cadernos de innumeras notas e os albuns de desenhos e esboços.

« Tinha na memoria docil e pujante instrumento de retentiva; não lhe escapavam os incidentes, minimos que fossem, nem os nomes dos protagonistas, assim como o não perturbava a coordenação chronologica dos acontecimentos, quasi dia a dia, por mais distantes que já estivessem.

« Não era só a historia que o prendia; curiosamente o attrahiam os costumes do Brasil central; apaixonado da creação deixou-se embeber no intenso gôso de contemplar a nossa natureza magnificente, á alma sedenta do Bello, arrebatando o espectaculo magestoso dos grandes caudaes, das estupendas campinas goianas das margens edenicas dos rios matto-grossenses.

« Eram estas as reminiscencias, que lhe haveriam de dictar as paginas de *Céos e Terras do Brasil:* aquelles quadros de uma exactidão sobremaneira impressionadora e um realismo offuscante de colorido, com que nos faz, ora contemplar a grandiosidade melancholica do crepusculo nas solidões e a inquietação da natureza receiosa da treva, ora assistir á vinda da noite, com o desdobrar do firmamento recamado de estrellas, ao borborinho extranho da floresta que se vai gradualmente acalentando até o silencio absoluto e o repouso da meia noite, ora ainda ao bulicio que recomeça com o lusco-fusco matutino, cada vez mais forte até o irromper do hymno á luz, com que a Creação desoppressa saúda o Sol afugentador da escuridão.

« A calma bochornal do meio dia, que prostra a natureza offegante, e precede a trovoada benfazeja, portadora da chuva á terra sequiosa, a infinda serenidade da tarde, cheia de esplendorosos jogos de luz, o desmaio das cores, o esbatimento causado pelo occaso, tudo se lhe fixou tão fortemente na retina, que facil lhe foi reproduzir o estupendo scenario, em que tão intensamente lhe vibrára a alma.

« O mesmo cuidado, com que estudara a natureza, levou-o a observar os homens e os costumes; dalli o perfeito conhecimento

das cousas do sertão, que em *Innocencia* transparece e só o prolongado contacto com os sertanejos poderia incutir.

« Além das impressões traduzidas em seus livros, outras muitas, de natureza intima, precisou reservar para uma publicação posthuma, para as suas *Memorias*.

« As campanhas de Matto-Grosso e do Paraguai fizeram-no conhecer milhares de homens de todas as categorias, envolver-se numa série de acontecimentos pertencentes á historia do Brasil e da America do Sul; frequentar muitos dos nossos maiores cabos de guerra, como o grande Osorio, o épico João Manuel, o estrategista illustre e general acabado que é o conde d'Eu, o disciplinador famoso que era Polydoro, e tantos outros, além de centenares de heroes menos em destaque, ou mais humildes, como os cavallarianos rio-grandenses, commandantes dos prodigiosos *piás*, os soffredores e inabalaveis infantes do Norte, os velhos tarimeiros, veteranos da Independencia e da guerra cisplatina, ignorantes quanto possivel em geral, mas intrepidos, robustos, infatigaveis, a todos alegrando com a sua bonhomia e ingenuas calinadas.

« Do convivio longo com estes homens tão diversos, que de todos os pontos do Brasil haviam corrido a desaffrontar o pavilhão verde e amarello das tresvariadas injurias do tyranno paraguaio, recolheu Taunay avultada seara de impressões e documentos humanos.

« Os que lhe lerem as *Memorias* hão de assistir á resurreição do espirito, que no Paraguai animava o soldado brasileiro, através de um sem numero de episodios interessantes, referentes aos mais altos titulares da jerarchia militar como a muitos dos simples subordinados dos primeiros postos.

« Faltára á missão do historiador e ao firme proposito que escolhera si, ao reproduzir os aspectos pittorescos dos acampamentos, não fizesse a critica severa dos homens e das cousas de guerra, dos chefes e dos commandados.

« Eis porque, para poder fallar desassombradamente, obedecendo ás instigações da verdade, sem contudo temer ferir as susceptibilidades dos superiores, companheiros de armas e contem-

poraneos, precisou marcar um prazo de quasi meio seculo para a divulgação das suas *Memorias*.

« Como attribuir, por exemplo, ao general X..., authenticando-as agora, as phrases que todo o exercito, aliás, conhecia e repetia, como a celebre communicação dictada a certo secretario: « Não se exqueça, sr. tenente, de dizer que os Paraguaios debandaram possuidos de um terror *pandego* », ou como a expressão arrancada ao valente militar por longa e penosa marcha: « Ah! meus amigos, trago os pés *intransitaveis!* »

« Difficil egualmente lembrar a tão conhecida e contínua injuncção do brigadeiro Z..., aos seus ajudantes de ordens: « Se« nhores, *falicitem-me* tudo, não me posterguem as operações », ou as suas observações sôbre uma casa *arithmeticamente* fechada, sôbre o luxo verdadeiramente *asinatico* da formosa *china* do coronel Sicrano, etc., etc.

« Além das calinadas destes emulos do famoso coronel Ramollot, o velho *grognard* que em uma allocução ao seu regimento lhe rememorava uma das mais celebres ordens do dia de Napoleão: « *Soldados, contemplai as pyramides durante quarenta seculos!* » Quanto dicto de espirito recolhido nos acampamentos pelo annotador incansavel, quanta malicia e brejeirice soldadesca ao lado de profundas ingenuidades, propria das almas sem rebuços, quanto desabafo rude e ao mesmo tempo engraçado!

« — Coronel, perguntava un dia a certo cavallariano rio-grandense, rude e heroico, um dos nossos generaes chefes, e isto em presença de grande estado-maior, quantos filhos tem o senhor?

« — Nenhum; minha mulher é como a de v. ex.ª: *machorra*.

« — Que vem a ser machorra? arguiu o interpellante distrahida e imprudentemente.

« — Egua que não dá cria, explicou o rio-grandense, com a maxima singeleza, enquanto o general corava muito e sorria contrafeito.

« Entre os capellães militares um havia, sacerdote exemplarissimo, verdadeiro soldado de Christo, mas deploravel prégador, embora apaixonado do pulpito. No mais, homem da têmpera do inexcedivel frei Fidelis Maria de Avola, o capuchinho heroico.

que nos dias de batalha apparecia em todos os logares de maior perigo, para exercer o seu sancto ministerio, o infermeiro incansavel dos hospitaes de sangue, tão preoccupado em reconciliar as almas quanto em salvar os corpos.

« Certo Domingo, durante a missa, assim começou a sua práctica o nosso capellão : « Reinava em França dom Manuel III...»

« Ao terminar a ceremonia interpellou-o em tom de chacota e superioridade insupportaveis um official summamente mordaz e antipathizado, que vivia a atormenta-lo com os seus remoques insolentes : « — Padre, como é isto ? si em França nunca houve « d. Manuel I, como é que o senhor descobriu este d. Manuel III ?»

« Exasperou-se o capellão, já mal disposto pelas contínuas provocações e grosserias, e respondeu-lhe logo, com uma vehemencia de phrases, cujos termos soldadescos sou obrigado a attenuar :

« — Olhe, quer saber de uma cousa ? Si não era d. Manuel III, « era d. José ou d. Antonio ; ou dom vá plantar batatas, ou dom « vá para o diabo que o carregue ! »

« Inutil é contar-vos que as mais gostosas gargalhadas e vivas demonstrações de applauso ponctuaram as valentes expressões do clerigo.

« Ás vesperas do assalto de Perebebui, presentes o generalissimo conde d'Eu e numerosos officiaes generaes dos exercitos alliados, observou um dos nossos tarimeiros, veterano da Cisplatina, ao bravo coronel argentino d. Luiz Maria de Campos, official da maior capacidade e bizarria, além de homem de fina cultura e perfeita distincção de maneiras : — « Coronel, si eu fôra o senhor « não me fiára absolutamente no regimento de cavallaria correntina; é gente muito covarde, que não presta para nada, foge « como um gamo e por qualquer cousa.

« — Como assim? protestou o Argentino, enrubescendo muito no meio do constrangimento geral, provocado por tão inconveniente e injusta apreciação — « quando foi que v. ex.ª viu isto ?

« — Em Ituzaingo, respondeu o nosso brigadeiro com o maior desazo, dispararam os taes Correntinos, que era um gosto ve-los galopar.

« Ah, bem! concordou o coronel Campos, todo desfeito num

« sorriso malicioso; *picavam* o inimigo debandado. Agora com-
« prehendo porque delles conserva v. ex.ª tão desagradavel lem-
« brança.

« — *Bien tapé!* Não pôde o principe deixar de pronunciar, a meia voz, de si para si.

« Na vasta galeria dos typos, que passam pelas paginas das *Memorias* de Taunay, cabe naturalmente notavel logar aos nossos grandes paladinos, a quem com a maior attenção observou. Assim, por exemplo, a impressão fundissima, que Osorio lhe deixára :

« Ouçamo-lo, porém :

« Ninguem como este notavel cabo de guerra tinha o dom de
« grangear a estima, o enthusiasmo de officiaes e soldados e del-
« les saber alcançar tudo quanto quizesse, nos momentos mais
« difficeis e arriscados ; ninguem mais sympathico e attrahente,
« sempre e sempre. Nunca de mau humor e cara fechada, a me-
« nos que não entrasse em choleras medonhas ; e então tudo tre-
« mia deante delle e dos seus impetos.

« E quanto espirito natural, que engraçadas reflexões e piadas
« impagaveis, a par de conceitos profundos, syntheticos, assigna-
« lados por muito bom senso e propriedade.

« Tão precioso no conselho, como no campo de batalha, ahi é
« que se tornava superior a todos; era general eminentemente
« tactico, de posse de admiravel sangue frio, no meio dos maiores
« perigos.

« — Si uma bomba arrebentar na ponta do nariz de Osorio,
« diziam os Rio-grandenses, elle nem siquer espirra. »

« Ganhára a batalha de 24 de Maio a poder da bravura pes-
« soal levada ao ultimo extremo, infundindo em todas as fôrças,
« que nesse dia decisivo commandava, a scentelha que em seu
« indomavel peito ardia.

« Lembro-me, cheio de pasmo, da facilidade com que, ainda
« com o queixo partido pela bala de Avahi, propunha ao conde
« d'Eu tomar de assalto as fortes trincheiras de Sapucahi, pode-
« rosamente artilhadas.

« — É um instante, vossa alteza verá.

« — Mas isto é o que se chama atacar o touro pelas aspas,
« ponderava o principe.

« — Qual touro, já foi touro, agora não passa de uma vacca
« velha!

« Indo eu um dia visitá-lo, á noitinha, encontrei-o deitado,
« com um livro na mão.

« — Tu que és bacharel, disse-me, tens obrigação de saber
« tudo. Põe-me em portuguez este *english* de uma figa.

« Comecei com effeito a leitura, traduzindo, confesso, com
« certa difficuldade o trecho apontado.

« Osorio immediatamente poz-se a dormir; retirei-me, pois,
« sem fazer barulho.

« No dia seguinte, encontrando-se commigo, interpellou-me
« alegremente — Assim é que fizeste o que te pedi, *seu* vagabundo?

« — Mas v. ex.ª começou logo a resonar, repliquei-lhe.

« — É verdade, só por isto quero bem áquelle livro. Sonhei
« toda noite que sabia muitissimo mais inglez que tu ».

« Consenti, senhores, que vos cite ainda um trecho das
Memorias, referente a Osorio, agora em Perebebui.

« Assisti, por sob um sol resplandecente, prepararem-se as
« columnas de ataque no alto dos outeiros vizinhos.

« Era o espectaculo positivamente deslumbrante, a anciedade
« geral.

« Terminára o bombardeio de maneira que a fumaça accumu-
« lada na baixada, como impenetravel e denso véu, de todos os
« lados subia, adelgaçando-se cada vez mais, tangida por frigida
« e esperta brisa.

« Ahi se destacou, á frente de todos, um homem só, montado
« em um grande cavallo branco, cujo pello brilhava á luz do dia
« como si fôra um animal todo de prata. Começou elle a descer
« o declive com a maior calma e magestade, embora se tornasse
« logo o alvo de nutrida fuzilaria e até tiros de peças.

« — Quem é aquelle cavalleiro? perguntei cheio de assombro.

« — É o general Osorio, responderam-me varias vozes offe-
« gantes.

« A estas simples palavras, tal fremito de enthusiasmo de
« mim se apoderou, que eu quizera estar ao seu lado, ante os
« olhos de todo o exercito brasileiro.

« São actos desses que arrebatam os homens, os mais frios e

« scepticos, e os levam á morte, affrontando extraordinarios,
« quasi inacreditaveis perigos.

« Em outras circumstancias, e de certo ahi, em scenario
« mais grandioso, repetia o paladino a admiravel façanha da pas-
« sagem do Paraná, no Passo da Patria, elle á frente de todos,
« sempre elle, jogando a vida com a maior serenidade, ou antes,
« com a maior simplicidade, como si o mais obscuro e insignifi-
« cante soldado fôra, cuja perda pouco importaria ao exercito e á
« patria.

« Acredito que todos nós, todos sem excepção, experimentá-
« mos naquelle momento o immenso choque electrico, que me fez
« fuzilar, pela espinha dorsal, o frio das grandes commoções.

« Correu logo a emparelhar com o heroe o general João Ma-
« nuel Menna Barreto; mas minutos depois, vi tombar, varado
« por duas balas de fusil, este bello e bravo guerreiro, de perfil
« admiravel, esplendida figura, tão elegante quanto marcial ».

« Grande incursão, senhores, fiz em vossos dominios: per-
tence-vos, até 1943, a guarda das *Memorias* de Taunay, prote-
gida em sua redacção definitiva pelo recincto inviolavel da *Arca
de Sigillo.*

« Entendi, porém, que me não increparieis si ás minhas pa-
lavras ajunctasse excerptos dos rascunhos que o auctor deixou, de
um ou outro capitulo, e, certo, conto que me perdoareis a indis-
creção, porquanto a ella me levou um sentimento de amor filial;
quiz ler-vos, neste dia em que se celebra uma ceremonia dedi-
cada á memoria do soldado da Laguna, alguns dos seus ineditos,
como respeitosa homenagem de reconhecimento prestada ao Ins-
tituto.

« Rude como poucas lhe correu a vida militar, naquelles an-
nos passados em Matto-Grosso e no Paraguai, logo ao saïr da
adolescencia; mas destes tempos penosos é que provieram as
mais solidas bases da sua carreira politica e litteraria.

« Á *Retirada da Laguna* e á *Innocencia* deveu os mais legi-
timos titulos de ufania, as mais puras alegrias, as maiores conso-
lações nos dias de tristeza e de ostracismo; ainda nas vesperas
da morte quanto o não envaideciam as successivas traducções da
novella sertaneja!

« Pelo lado das sympathias e amizades, das reaes e inabalaveis affeições angariadas entre os companheiros de armas, muitas compensações tambem lhe trouxe a permanencia no exercito.

« A algumas dellas romperam os elos, como succedeu com Marques da Cruz, Polydoro e Ferreira e tantos mais, os sinistros do campo da batalha.

« Muitas outras houve, porém, que se mantiveram constantes até os ultimos dias do primeiro dos amigos, arrebatado pela morte ao outro amigo.

« Entre estes: Tiburcio — o bravo dos bravos, Catão Roxo, Cantuaria, Napoleão Freire, denodados companheiros da Laguna, Manuel Luiz da Rocha Osorio — o bizarro sobrinho do grande Osorio, Miguel Maria Girard, o brilhante official general que ha pouco se reformou, e muitos outros...

« Acima de todas estas amizades estava, porém, a de Antonio Florencio Pereira do Lago, indomito soldado a quem em grande parte deveu a columna expedicionaria de Matto Grosso haver escapado do desastre absoluto; o recruta do Rio Grande do Norte que, á força de energia, trabalho e intelligencia, estudára, como praça de pret, os preparatorios e afinal conseguira, com brilhantes approvações, concluir o curso de engenharia militar.

« Ferreo character o deste homem, que « por si só conseguiu o que foi, sem jámais se desviar do caminho da honra e do dever ».

« Desde os primeiros dias da campanha, a Taunay se affeiçoára como a um filho, talvez a isto levado pelos 18 annos, que entre as suas edades medeavam.

« Quando o commando geral das forças acampadas no Coxim, e alli morrendo litteralmente de fome, commetteu a dous engenheiros a exploração dos terriveis pantanaes desconhecidos do Sul, que o corpo de exercito devia forçosamente atravessar para fugir á situação tremenda em que se achava, tão grave foi julgada a commissão, que se decidiu entregar á sorte a designação dos dous officiaes requisitados.

« Pediu Lago aos camaradas que da urna excluissem o nome do amigo, que estivera, pouco antes, sériamente enfermo: sobretudo, era tão moço ainda!

« A isto annuiram todos generosamente; repelliu, porém, o

favorecido, e de modo formal, esta demonstração de affecto, e cousa curiosa, foi o seu nome o primeiro a saïr sorteado, accompanhando-o logo depois o de Pereira do Lago.

« Encetaram os dous a terrivel viagem sob sinistros presagios: durante trinta dias vaguearam na immensa planicie inundada e sujeita a enormes e subitas enchentes, insulados frequentemente de um momento para o outro, desconfiados da lealdade dos guias e camaradas, devorados por myriades de mosquitos, receiosos das patrulhas paraguaias, extraviados muitas vezes, dias e dias a fio; encharcados por tormentas diluviaes, sem terem litteralmente o que comer, passando uma semana inteira a chupar a massa gosmenta, glutinosa e nauseante do miolo da macahuba; momento houve em que os salvou o encontro dos restos semi-putrefactos de um garrote, abandonado por um tigre providencial.

« No meio de todos estes transes indescriptiveis manteve Lago inalteravel serenidade, fazendo praça do maior estoicismo.

« — Que pode acontecer de peor? dizia rudemente aos com-
« panheiros de privações. Morrer? Para que nos paga o Estado?
« Não é exactamente para ter o direito de dispor das nossas vi-
« das? O melhor é morrermos de cara alegre, quando chegar a
« occasião. O que ha a temer é unicamente caïrmos vivos em
« mãos dos Paraguaios. Para isto, porém, ainda remedio existe:
« é vendermos cara a vida a estes bandidos. »

« Mais tarde, nos mais cruciantes episodios da *Retirada da Laguna*, identicas phrases levantavam a todo o momento o animo dos desfallecidos camaradas, acoroçoando-os a baterem-se até o ultimo alento, em defesa da bandeira.

« Simples capitão, diz o biographo, patenteou nestes crudelis-
« simos e inexqueciveis dias, qualidades e temperamento de le-
« gitimo e prestigioso general, dependendo, em não poucas occa-
« siões, a salvação geral da sua pertinaz e inquebrantavel calma ».

« Foi com verdadeiro apêrto de coração que Taunay delle se separou, em Junho de 1867, para, por ordem do coronel José Thomaz Gonçalves, levar ao imperador e ao governo noticias e partes officiaes relativas á columna de Matto Grosso, que todo o Brasil julgava totalmente anniquilada.

« Ao abandonar as selvaticas terras centraes, onde tanto e tanto soffrêra, não pôde Taunay deixar de sentir a saudade encher-lhe o peito, saudade mesmo daquillo que por nada no mundo quizera tornar a ver e experimentar.

« É que tão intensamente vivêra naquelle immenso e formoso Matto Grosso, cheio de mysterio!

« Na viagem de regresso, de pouso em pouso, de fazenda em fazenda, foi conhecendo os typos e os characteres — agora estudados tão vagarosa quanto attentamente — que cinco annos mais tarde transportaria para as paginas de *Innocencia,* modificando-os mais ou menos, reforçando-lhes as faces individualizadoras ou concentrando, em uma só figura, os traços originaes de duas ou tres personalidades frouxas.

« Assim é que encontrou successivamente o curandeiro Cyrino, algum tanto charlatão, vaidoso da sua pseudo-sciencia, mas no fundo coração bem formado; o velho e bom mineiro Pereira, tão leal e hospitaleiro quanto violento e desconfiado, ciosissimo da reputação da claustrada familia, encarnação dos preconceitos invenciveis, reinantes nas nossas populações sertanejas, ácêrca da fragilidade feminil; o anão Tico, o mudo agil e arguto; o tropeiro Manecão, herculeo e brutal, feroz, inexoravel no desforço das injurias; o *empalamado* Coelho e o morphetico Garcia, os doentes das diversas affecções do sertão, cujos nomes são tão pittorescos, os mexeriqueiros habitantes da villa de Sancta Anna do Paranahiba e o seu petulante e munchausiano manda-chuva, o major Taques.

« Afinal, em pleno sertão bruto de Camapuan, se lhe deparou o typo da heroïna do romance, aquella *Innocencia,* de uma belleza sem par, em circunstancias realmente capazes de impressionar a mais fria e insensivel das creaturas.

« Após longa e penosa marcha de um dia inteiro, sob causticante sol, vinha o futuro romancista, ao caïr da noite, meio esfomeado, e incerto do logar onde se abrigasse, no meio daquelle ermo immenso.

« De repente divisou uma luzinha a duas ou tres centenas de metros da estrada e afoutamente caminhou em sua direcção, indo ter 'a uma grande casa terrea com um aspecto de certo

*

confôrto, raro naquellas solidões, pois era caiada e tinha janellas de postigos pintados.

« Demos-lhe, porém, a palavra :

« Num commodo distingui então um homem de cabellos « brancos sentado a uma mesa, a comer qualquer cousa que me « pareceu deliciosa ao meu olfato de jejuador forçado.

« — Patricio, perguntei-lhe affavelmente, não se convida um « viajante que vem por este *escurão* varado de fome ?

« — Com todo o prazer, respondeu-me alegremente o dono « da casa. É só *desapear*, entrar sem *ceremonias* e *botar-se* logo « a *manducar*.

« Foi o que incontinente fiz, atirando-me ao tal prato, sabo- « roso refogado de carne de porco, que achei excellente e repeti « abundantemente, mixturando-o com hervas á mineira e farinha « de milho.

« Acalmado o primeiro impeto de voracidade, interpellou-me « o homem, entre admirado e ironico :

« — Patricio, *mecê* certamente nunca andou por estes *fun-* « *dões*. Não teve escrupulos de parar aqui e sentar-se á minha « mesa ?

« — Não, de certo, affirmei. E porque, com quem me tractou « tão generosamente ?

« Houve certa pausa.

« — É, explicou afinal a custo e enleado o desconhecido « amphytrião, é... que isto aqui... é casa de morphetico.

« Recebi, certamente, muito desagradavel abalo, mas não « dei a percebê-lo. Demais não havia como recuar.

« Encarei fixamente o meu interlocutor, e, com os olhos já « habituados á penumbra, reinante no commodo, pude então « perceber a hedionda devastação causada pelo inexoravel mal « no rosto do misero, leproso em último grau.

« Approximára-se de mim, após certa hesitação, estacando a « uns dous metros, humilde e silencioso.

« Entendi dever reconfortá-lo ; o modo por que dei a com- « prehender que não receiava o contagio, tão temido em todo o « sertão, agradou-lhe muito.

« — Neste caso acceita ainda uma chicara de café ?

« — Boa dúvida. Esteja bem quente, é o principal.

« Accendeu o lazaro uma lampada de luz vivaz e gritou para « dentro :

« — Jacintha, traga duas chicaras de café.

« Dalli a pouco penetrava na saleta uma moça, na primeira « flôr dos annos, e tão formosa, tão resplandecente de belleza, « que fiquei attonito, enleiado, positivamente assombrado.

« Affigurou-se-me que um ente sobrenatural havia feito a « sua apparição, e lembrei-me das palavras do grande Goethe « quando descreve a impressão, que causára a entrada de Doro- « théa em uma sala : « parecia que aquelle ambiente acanhado « se tornára immenso e se transformava em um espaço enorme ».

« Tão clara foi a minha surpreza e a admiração, que o velho « se poz a rir.

« — Então acha bonita a minha neta ?

« Com effeito ! foi o que pude responder a esta pergunta tão « singular, tão rara e digna de reparo naquelles remotos e selva- « gens paramos, e, com olhos embellezados, segui todos os ges- « tos daquella excepcional sertaneja, que se não mostrava lá « muito acanhada. Os seus encantos revestiam aquelle quarti- « nho, de chão batido e paredes núas, de indizivel e estupendo « prestigio.

« — Daqui a tres semanas, declarou-me o avô, casa ella com « um primo. Mas o senhor quer ver que desgraça ? A pobrezinha « da innocente já está com o *mal*.

« E levantando um punhado de esplendidos cabellos negros « mostrou-me o lobulo da orelha direita, tumefacto e roxeado.

« Toda essa radiosa e extraordinaria formosura estava con- « demnada a ser pasto da horrivel lepra !

« Aquella physionomia doce, suave, angelica, aquella extra- « ordinaria cutis, assetinada e alva, os olhos avelludados, gran- « des e scintillantes, o nariz de inexcedivel correcção quer de « frente, quer de perfil, os labios purpurinos a deixarem entre- « ver deslumbrantes dentes, aquelle admiravel conjuncto, minu- « tos apenas contemplado, para sempre se me gravou na memo- « ria.

« Deu Jacintha nascimento a *Innocencia*. Do avô tirei o typo

« do desconsolado leproso repellido do rancho de Pereira, o mi-
« neiro.

....

« Muito ha, meus senhores, que da vossa attenção abuso; extendi-me muito mais do que deveria fazê-lo e insensivelmente o fiz.

« Ao fallar de um ente querido, ao lhe evocar a memoria deante de vós, foram para mim os minutos escoados neste recincto a revivescencia de já longinquo passado, saudoso, dolorosamente saudoso.

« É tempo que me cale, porém.

« Antes de voltar ao silencio quero, novamente, em meu nome e no de todos os meus, sobretudo no de minha mãe que ausente do Brasil não póde concorrer a esta ceremonia, para ella mais do que a ninguem, alta e duplamente tocante; quero exprimir-vos quão profundo é o reconhecimento que nos enche o coração, quanto nos penhora e sensibiliza a tão delicada, a tão generosa, a tão elevada demonstração de affecto do Instituto Historico e Geographico Brasileiro á memoria de Alfredo d'Escragnolle Taunay.

« É sob o imperio dos mais suaves sentimentos e impressões que entre vós me sento, senhores, no vosso areopago quasi secular.

« A vós devo poder orgulhar-me de pertencer á associação gloriosa que, desde 1838, convoca todos os Brasileiros, os eminentes pelo talento e pelo saber e os simples trabalhadores de boa vontade para a sua obra de patriotismo immenso; desde os dias de S. Leopoldo, Cunha Mattos e Januario se constituiu poderoso vinculo de confraternização universal, cujos diplomas de aggremiação, hoje como sempre, são tidos á conta dos mais desvanecedores titulos para aquelles que, nos dous mundos, representam o pontificado do pensamento.

« No breve periodo que Deus marcou á vida humana sôbre a terra, foge o passado vertiginosamente, impellido pela incoercivel fôrça que até aos elementos cosmicos reduz e gasta.

« Não se resigna o homem, porém, ao desapparecimento completo dos dias vividos na felicidade ou na amargura; quanto

mais se approxima a inevitavel voragem, de que nos falla a comparação famosa do principe da oratoria sacra franceza, mais elle se apega a esse passado, que parece inapprehensivel com toda a energia de que dispõe a memoria.

« É ella quem contra o tempo lucta e quem o vence; são os exforços simultaneos das reminiscencias das gerações os creadores da lenda e da tradição, mais antigos do que os mais velhos padrões da existencia humana, latentes ás vezes nos mais mysteriosos recessos dos cerebros, precursores do documento e da Historia.

« Assim se fundiram os primeiros elos da indestructivel cadeia que une a humanidade vivente á humanidade dos tumulos, assim se accendeu o fanal perquiridor das Edades, quatro ou cinco vezes millenario, cujo poder illuminativo augmenta prodigiosamente com o decorrer dos seculos.

« Sempre e sempre mais avidos de curiosidade queremos hoje perscrutar os mysterios, que a densa escuridão ancestral encobre: já não basta a exploração da messe immensa de provas attestadoras da existencia de cem gerações de homens da nossa raça, durante duas e meia dezenas de seculos: queremos ir muito além, conhecer a treva, avaliar-lhe a profundeza, penetrar no intimo das mais rudimentares civilizações primevas; insaciaveis que somos, não nos satisfazem as descobertas da Egyptologia e dos assyriologos, prodigiosos triumphos da intelligencia, e a Prehistoria nos apaixona ao ultimo ponto.

« Que é isto, porém, sinão a mais vigorosa demonstração da solidariedade humana, através de periodos que para a nossa existencia ephemera representam valores comparaveis ás contagens sideraes?

« Nenhuma das camadas que nos precedeu deixou de experimentar estes mesmos sentimentos em relação áquelles de quem recebera o facho da vida. A muitas não permittiu a evolução civilizadora as manifestações solicitas hoje tão intensas para com as gerações extinctas.

« Nem por isto, porém, rompeu alguma dellas os vinculos com o passado, repudiando as reminiscencias avoengas, por mais recta que tenha sido a sua passagem sôbre esta ou aquella zona

do planeta. E na tarefa de reformar estes laços, de geração em geração, se avolumou a Historia, maravilhosamente...

« Em nossa patria, senhores, sois vós, através aquelles que nesta casa vos precederam, os mais antigos representantes deste grandioso aspecto da humanidade.

« Das nossas fileiras se levantam dezenas, centenas de homens immortaes : os dos vossos maiores ; apontam-vos a via gloriosa, que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro trilhará, amparado pelo trabalho e pelo saber daquelles que consubstanciam a alevantada feição dos seus grandes antecessores.

« O espirito communicado a esta companhia pelos fundadores de 1838, ardente, cada vez mais ardente, subordina-se inteiro á causa da Verdade e da Patria.

« Arautos da Historia, sois os serventuarios da justiça de Deus, na solenne imagem de Pedro II.

« É a esta seara de glorias que me convocaes, a exemplo do segador biblico, que no seu trigal acceitava todos os obreiros de boa vontade, embora fossem elles debeis ou inexperientes ainda.

« Obrigado, meus senhores e meus generosos consocios, obrigado de tamanha honra ! » (*Applausos prolongados*).

Respondeu o SR. DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO, orador do Instituto, nos seguintes termos :

« Sr. presidente, prezados collegas, sr. dr. Affonso Taunay, illustre confrade — Ao concluirdes a vossa bella oração, com a grande modestia, propria dos que teem merito real, vos confessastes debil e inexperto. Valoroso combatente, direi eu, e já provado em pugnas que o applauso coroou !

« Quem traçou os formosos quadros da « Chronica do tempo dos Filipes » e escreveu essa notavel memoria intitulada « A Missão artistica de 1816 », que já fulgura nas paginas da nossa *Revista*, é, de certo, um laborioso e habil escriptor, que ama as investigações historicas, sabe dar-lhes corpo e colorido, e merece portanto ser incorporado a esta phalange, que desde 1838 vem servindo á Patria e ás lettras com ardor indefesso.

« Herdeiro de um nome celebre e querido, sr. dr. Taunay, sois um novo e acabado exemplo de que os homens superiores se prolongam ás vezes em seus descendentes com brilho vivaz.

« Como Pitt, o moço, que no Parlamento inglez continuou a luminosa carreira aberta pelo famoso conde de Chatam ; como o nosso eminente Joaquim Nabuco, que honrou o nome paterno já festejado nos Conselhos da Corôa e nas lides do Direito ; como o nosso saudosissimo Rio-Branco — o glorioso chanceller da paz — que dilatou a fama e o nome do grande iniciador da redempção dos captivos ; — como esses dilectos filhos de paes illustres, vós vindes trazer-nos, sr. dr. Taunay, ao lado de reminiscencias que nos são carissimas por todos os titulos, uma esperança segura de notaveis triumphos na campanha de que somos soldados.

« Ha em toda a vossa brilhante oração uma nota emocionante e que echoa fundo nos nossos corações ; é esse culto fervoroso á memoria paterna, que vos levou a dar-nos um antegoso das suas *Memorias*, a proporcionar-nos a genese da admiravel *Innocencia,* com que Silvio Dinarte firmou a sua reputação no romance nacional, — a antecipar-nos curiosos episodios das campanhas de Matto Grosso e do Paraguai, em que o joven Alfredo Taunay revelou desde cedo os notabilissimos dotes de um grande Brasileiro, insigne manejando a espada na batalha de Campo Grande, insigne manejando a penna nessa *Retirada da Laguna*, em que o nosso patricio emerito, a um tempo soldado, pintor, historiador e moralista, foi maior que o Xenophonte da classica e vetusta Grecia.

« Agradeço-vos, caro collega, em nome do Instituto, essas reminiscencias de uma gloria, que tambem reputamos nossa. Por mais esta razão a vossa entrada para a nossa companhia assignala um dia de intenso júbilo. Vindes com o merito proprio, vindes com trophéos conquistados pelo vosso talento, mas trazeis-nos tambem a mais doce das recordações, a desse amado visconde de Taunay, que deixou traço luminoso e duradouro nos annaes do Instituto e da Patria.

« Continuae aqui os trabalhos com que já ganhastes a nossa estima e a dos contemporaneos, e temos firme esperança de que o Brasil um dia vos deva serviços eguaes aos de vosso progenitor, que foi um de nossos ermãos mais justamente queridos e um dos Brasileiros que mais dignificaram a Patria na ultima metade do seculo que findou.

« E alegremo-nos, consocios. Ao astro de primeira grandeza, que se sumiu no oceano, succede uma nova estrella para brilho do nosso firmamento.

« Conta-se que na Camara de Inglaterra, ao ouvir William Pitt — o moço — com a sua dicção nitida, a dialectica cerrada, a voz harmoniosa e clara, o gesto elegante e nobre, triumphando com rara eloquencia, Burke dissera : « *Elle não é um galho do velho roble, é o proprio « roble !* »

« Pois bem. Parodiando a celebre phrase, creio que podereis dizer um dia deante dos triumphos deste novo luctador : « Elle não é um simples filho do glorioso Taunay ; é o proprio Taunay que revive com a sua nobre alma e com o seu bello talento! » (*Applausos prolongados*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, nada mais havendo a tractar, vai levantar a sessão ; antes, porém, agradece em nome do Instituto a presença dos representantes das auctoridades, ex.mas senhoras e cavalheiros que tanto abrilhantaram a presente sessão, e convida-os para assistir na sala da Directoria á inauguração do retrato do saudosissimo visconde de Taunay.

Levanta-se a sessão ás dez horas da noite.

Norival Soares de Freitas, servindo de 2.º secretario.

ANNEXO

Estatutos approvados pela Assembléa Geral extraordinaria de 27 de Junho de 1912

CAPITULO I

Do Instituto, sua séde, seu fim e sua organização

Artigo 1.º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundado a 21 de Outubro de 1838, na cidade do Rio de Janeiro,

sua séde social, tem por fim proceder a estudos e investigações concernentes á Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia, principalmente do Brasil.

Art. 2.º Para realização do alludido fim o Instituto :

a) colligirá, conservará e classificará documentos, livros, cartas geographicas e outros objectos que lhe possam fornecer elementos de informação e devam constituir um Archivo, uma Bibliotheca e um Museu ;

b) publicará annualmente a *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, dividida em duas partes, em uma das quaes serão insertos trabalhos dos socios e documentos relativos ao Brasil e em outra, além desses trabalhos, as actas das sessões, o relatorio do 1.º secretario, lido na sessão magna anniversaria, e a lista dos socios existentes, com as diversas categorias e data de admissão ;

c) estabelecerá correspondencia com as sociedades nacionaes e extrangeiras congeneres.

Art. 3.º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, compor-se-ha de :

§ 1.º Socios benemeritos, em numero de 10.

§ 2.º Socios honorarios, em numero de 50.

§ 3.º Socios effectivos, em numero de 60.

§ 4.º Socios correspondentes, em numero de 80.

Art. 4.º Todos os negocios do Instituto serão administrados por sua Directoria, não sendo responsaveis subsidiariamente os demais socios pelos actos por ella practicados.

Art. 5.º Os membros da Directoria serão :

a) um presidente ;

b) um 1.º secretario ;

c) um 2.º secretario ;

d) um orador ;

e) um thesoureiro.

§ 1.º Haverá tambem tres vice-presidentes, que, na respectiva ordem, assumirão a presidencia no caso de vaga e notorio impedimento, ou quando o presidente effectivo passar, por escripto, o exercicio do cargo.

§ 2.º Fóra destes casos os vice-presidentes dirigirão apenas

os trabalhos nas sessões e nas assembléas, a que deixar de comparecer o presidente.

Art. 6.º Haverá as seguintes commissões permanentes, compostas de cinco membros:

§ 1.º Commissão de Fundos e Orçamento;

§ 2.º Commissão de Estatutos;

§ 3.º Commissão de Historia;

§ 4.º Commissão de Geographia;

§ 5.º Commissão de Ethnographia e Archeologia:

§ 6.º Commissão de Admissão de Socios.

CAPITULO II

Dos socios, sua admissão, seus direitos e deveres

Art. 7.º Para ser admittido como socio effectivo, deverá o candidato residir no Rio de Janeiro e apresentar, directamente, ou por algum socio em seu nome, trabalho proprio ácêrca de Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia, quer esse trabalho seja inédito, quer já estampado, que prove a capacidade do auctor.

§ 1.º A proposta deve ser feita por escripto e conter o nome e sobrenome do candidato, sua naturalidade, profissão, trabalhos e titulos de recommendação social, scientifica ou litteraria.

§ 2.º Só serão acceitas pela directoria propostas para socio effectivo quando accompanhadas de trabalhos do candidato, com offerecimento autographo ao Instituto.

§ 3.º Tambem poderá ter logar a admissão de socios mediante proposta de tres consocios, fundamentada nos termos dos Estatutos.

§ 4.º Neste caso não será votada a admissão sem que o proposto declare concordar com ella.

§ 5.º Apresentada a proposta, assignada por tres ou mais socios, será remettida á Commissão de Historia, de Geographia ou de Ethnographia e Archeologia, conforme a natureza do tra-

balho ou trabalhos do candidato, e a commissão deverá submetter á directoria o resultado do exame.

§ 6.º Discutido e approvado em sessão, o parecer será remettido á Commissão de Admissão de Socios, a qual dará opinião sôbre a idoneidade do candidato e conveniencia de sua admissão.

§ 7.º O parecer da Commissão de Admissão de Socios será discutido em sessão e submettido á votação em escrutinio secreto.

§ 8.º Si apparecer maioria de espheras brancas, considerar-se-ha acceito o candidato, e o presidente proclama-lo-ha socio effectivo do Instituto.

§ 9.º Si, porém, houver maioria de espheras pretas, considerar-se-ha rejeitada a proposta.

§ 10. Os membros das commissões, subscriptores de propostas dependentes do parecer das commissões de que fizerem parte, serão substituidos nesse caso especial pelos socios designados pelo presidente.

§ 8.º Para ser socio correspondente deverá o candidato ou proposto preencher as condições exigidas no art. 7.º, menos a de residencia no Rio de Janeiro, feita a proposta da mesma fórma que para socio effectivo e observado identico processo.

Art. 9.º O socio correspondente com residencia definitiva no Rio de Janeiro passará a effectivo quando houver vaga. O effectivo, que fixar definitivamente residencia fóra do Rio de Janeiro, será transferido na primeira occasião para a classe dos correspondentes.

Art. 10. Só poderão ser socios honorarios:

a) os socios effectivos com serviços notaveis ao Instituto ou tendo exercido, por mais de 10 annos consecutivos, cargos na directoria ou nas commissões permanentes;

b) os socios correspondentes, que por mais de um decennio fizerem parte do Instituto e lhe houverem prestado serviços relevantes;

c) as pessoas que se tiverem distinguido, por seu consummado saber, especialmente no dominio da Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia.

Art. 11. As propostas para socios honorarios deverão conter,

no minimo, seis assignaturas. Enviadas á Commissão de Admissão de Socios, o respectivo parecer será votado em escrutinio secreto.

Art. 12. Os socios honorarios pagarão sómente o diploma, sendo tal contribuição dispensada quando se tractar de pessoas nas condições da letra *c* do art. 10.

Art. 13. Só poderão ser elevados á classe do socios benemeritos os honorarios e com 20 annos, no minimo, de serviços relevantes ao Instituto.

Art. 14. A eleição de socios benemeritos será feita em assembléa geral.

Art. 15. A qualidade excepcional de presidente honorario só poderá ser conferida, em assembléa geral, aos chefes de Estado ou aos membros do Instituto, seus ex-presidentes effectivos, mediante proposta de tres ou mais membros da Directoria e socios, perfazendo ao todo vinte e um no minimo.

Paragrapho unico. A proposta assim apresentada considerar-se-ha approvada, e o presidente do Instituto communicará ao titular a distincção conferida, enviando-lhe o respectivo diploma.

Art. 16. Qualquer dos membros de commissões, que dentro de dous mezes não apresentar os trabalhos dos quaes haja sido incumbido, terá substituto, designado pelo presidente, salvo caso de justificação motivada na demora.

Art. 17. Nenhum socio se negará, sem motivo justificado, aos trabalhos necessarios ao Instituto.

Art. 18. O socio contribuinte, que por espaço de um biennio não pagar as suas contribuições, havendo, para saldar o debito, recebido o aviso do thesoureiro (em carta registada com recibo de volta), será considerado como renunciante á sua qualidade de socio.

Art. 19. Os socios farão parte da directoria ou das commissões e serão transferidos de uma classe para outra, quando quites com os cofres do Instituto, tendo tambem tomado posse, de accôrdo com o art. 29 § 5.º. Sómente os socios nessas condições terão direito á *Revista*, de conformidade com o art. 27.

Art. 20. Quando algum socio tiver de tomar posse, enviará ao presidente cópia do respectivo discurso, realizando-se a cere-

monia dentro de trinta dias, contados da data da entrega da referida cópia.

§ 1.º Si o discurso contiver opiniões susceptiveis de perturbar a serenidade dos trabalhos do Instituto, o presidente deverá submettê-lo á consideração da Directoria e, de accôrdo com o resolvido na reunião, devolve-lo-ha ao recipiendario convidando-o a fazer as alterações indispensaveis, condição *sine qua non* para a posse.

§ 2.º Na occasião da posse o recipiendario prestará o seguinte compromisso : « Prometto promover, quanto em mim couber, o engrandecimento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e observar fielmente os seus Estatutos. » Em seguida o presidente declarará empossado o novo socio.

§ 3.º Depois da posse, o presidente dará a palavra ao recipiendario, que lerá o seu discurso de admissão, respondendo o orador.

§ 4.º Os discursos do recipiendario e do orador serão insertos na acta.

§ 5.º O socio eleito não tomará posse, nem será como tal inscripto no livro competente, sem ter satisfeito as contribuições devidas e exhibido o seu diploma.

Artigo 21. O socio deverá junctar á cópia do discurso de recepção minuciosa autobiographia com os esclarecimentos que julgar convenientes á apreciação de sua individualidade como membro do Instituto.

Art. 22. Os socios teem como distinctivo uma roseta azul-celeste para ser usada nas reuniões e solennidades sociaes, ou quando representarem o Instituto.

Art. 23. Aos socios de todas as classes expedir-se-ha diploma assignado pelo presidente, 1.º secretario e thesoureiro.

Art. 24. O socio effectivo ou correspondente pagará 100$ de joia de admissão, 30$ de diploma e 24$ annuaes, adeantadamente.

Paragrapho unico. Estão isentos de qualquer contribuição:

a) os benemeritos ;

b) os honorarios, admittidos de accôrdo com a lettra *c* do art. 10 ;

c) os correspondentes domiciliados fóra do territorio nacional.

Art. 25. E' facultada aos socios a remissão das prestações annuaes mediante o pagamento de 200$, além da quota do diploma.

Art. 26. Os socios em debito das prestações annuaes só poderão remir-se depois de solver as suas dividas.

Art. 27. Os socios, satisfeitas as joias e as contribuições, terão direito a receber um exemplar da *Revista* do Instituto, desde a sua admissão, pagando o porte do Correio.

Art. 28. O socio devedor das prestações de um biennio perderá o direito de receber a *Revista*.

Art. 29. No enterro de seus socios, o Instituto far-se-ha representar, si a participação do obito alcançar as horas do expediente.

CAPITULO III

Das eleições e attribuições da Directoria e das Commissões Permanentes

Art. 30. O mandato da directoria e das commissões será biennal.

Art. 31. Com antecedencia conveniente, será convocada a assembléa geral para o dia 15 de Dezembro do respectivo anno, ou, sendo tal dia impedido, para o dia seguinte, afim de eleger a nova directoria e as novas commissões, cuja posse se realizará no dia 7 de Janeiro do anno seguinte.

Art. 32. A eleição será feita por escrutinio secreto, observando-se o seguinte:

§ 1.º Cada socio votará em duas cedulas, uma contendo o nome do presidente, dos vice-presidentes, do 1.º secretario, do 2.º secretario, do orador e do thesoureiro, exceptuados os cargos que tiverem effectividade perpetua, e outra cedula contendo os nomes dos membros das diversas commissões.

§ 2.º A apuração será feita separadamente, e só depois de proclamados os membros da directoria, deverá proceder-se á apuração dos votos para as commissões.

§ 3.º Só para o cargo de presidente se requer maioria absoluta; no caso de empate, correrá segundo escrutinio, e, si este não fôr decisivo, a sorte desempatará a eleição.

Art. 33. Os membros da directoria pódem ser reeleitos, bem como os das commissões, mas a eleição só recaïrá em socios effectivos ou em honorarios e benemeritos, residentes no Rio de Janeiro, podendo os membros da directoria, excepto o presidente, fazer tambem parte de qualquer commissão.

Art. 34. As vagas occurrentes na directoria ou nas commissões permanentes serão preenchidas por nomeação do presidente, feita em portaria registada em livro especial.

Art. 35. Sempre que o Instituto eleger a sua directoria, communical-o-ha ao Governo Federal por officio assignado pelo presidente ou pelo 1.º secretario.

Art. 36. Ao presidente incumbe:

§ 1.º Presidir ás reuniões da directoria, ás sessões ordinarias, extraordinarias e anniversarias, ás assembléas geraes e ás de eleição;

§ 2.º Representar o Instituto, por si ou por mandatario seu, em todos os negocios judiciaes ou extra-judiciaes;

§ 3.º Nomear os relatores das commissões.

§ 4.º Nomear, suspender e exonerar os funccionarios do Instituto;

§ 5.º Auctorizar todos os pagamentos;

§ 6.º Providenciar sôbre quaesquer negocios do Instituto, nos limites destes Estatutos;

Art. 37. O presidente poderá oppôr *veto* ás deliberações tomadas nas sessões ordinarias e extraordinarias, sendo a assembléa geral a única competente para confirmar ou rejeitar taes *vetos*.

Art. 38. O 1.º secretario será o chefe da secretaria, tendo a seu cargo todo o expediente e superintenderá o Archivo, a Bibliotheca e o Museu. Compete-lhe:

§ 1.º Propôr ao presidente a nomeação ou exoneração do bibliothecario e do director da *Revista*, cargos que poderão ser exercidos por socios, e dos demais funccionarios;

§ 2.º Suspender, até 15 dias, qualquer desses funccionarios, dando sciencia ao presidente e designando o substituto interino;

§ 3.º Fazer inventariar os manuscriptos, livros e quaesquer outros objectos pertencentes ao Archivo, Bibliotheca e Museu e mandar imprimir os respectivos catalogos;

§ 4.º Mandar rever os catalogos de cinco em cinco annos, para serem impressas as alterações;

§ 5.º Determinar a compra dos objectos necessarios ao expediente, attendendo á respectiva verba do orçamento.

§ 6.º Processar a folha dos vencimentos dos funccionarios, rubricar os documentos de despeza e apresentar o orçamento annual;

§ 7.º Providenciar, na falta do presidente, a respeito de todos os negocios urgentes do Instituto, participando-lhe immediatamente as providencias tomadas;

§ 8.º Mandar organizar, em livro proprio e sob sua immediata fiscalização e responsabilidade, o cadastro de todos os socios do Instituto, com especificação da data de eleição, posse, transferencia de classe e quanto possa ter relação com o socio.

Art. 39. O 2.º secretario será o immediato auxiliar do 1.º secretario e seu substituto. Cabe-lhe especialmente:

Paragrapho único. Redigir as actas das reuniões da directoria, das sessões e das assembléas geraes e expedir os respectivos avisos de convocação.

Art. 40. Compete ao thesoureiro:

§ 1.º Arrecadar e guardar os fundos do Instituto, depositando em um banco, de sua escolha e acceito pelo presidente, as quantias sem applicação immediata;

§ 2.º Satisfazer as despezas competentemente auctorizadas, de accôrdo com as disposições destes Estatutos, não devendo fazer pagamento sem auctorização escripta do presidente, quando excedida a respectiva verba do orçamento;

§ 3.º Escolher um cobrador, extranho ao pessoal do Instituto, por quem se responsabilizará, e que perceberá pelo seu trabalho uma commissão fixada pelo presidente.

Art. 41. O thesoureiro dará contas annuaes da applicação dos fundos a seu cargo.

§ 1.º As contas abrangerão a receita e despeza, de 1 de

Janeiro a 31 de Dezembro, e serão apresentadas ao presidente até o dia 15 de Fevereiro do anno seguinte;

§ 2.º Examinadas as contas pela Commissão de Fundos e Orçamento, serão apresentadas á Directoria, acompanhadas de parecer, que na primeira sessão ordinaria será submettido a discussão e votação.

Art. 42. Ao orador compete:

§ 1.º Pronunciar o discurso de recepção dos novos socios;

§ 2.º Fazer o elogio historico dos socios fallecidos durante o anno;

§ 3.º Usar da palavra, em nome do Instituto, quando este se fizer representar em alguma solennidade.

Art. 43. Pertence á Commissão de Fundos e Orçamento:

§ 1.º Examinar as contas submettidas á sua verificação;

§ 2.º Dar parecer sôbre a proposta do orçamento annual de receita e despesa, apresentada pelo 1.º secretario até 30 de Septembro;

§ 3.º Dar parecer quando consultada pelo presidente.

Art. 44. Pertence á Commissão de Estatutos:

§ 1.º Dar parecer sôbre duvidas na interpretação destes Estatutos, bem como sôbre as emendas, reformas ou additamentos;

§ 2.º Estabelecer o processo para a concessão dos premios, que o Instituto houver de conferir.

Art. 45. Pertence ás Commissões de Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia:

Paragrapho unico. Dar parecer sôbre as medidas, documentos e publicações remettidos pelo presidente.

Art. 46. Cabe á Commissão de Admissão de Socios:

§ 1.º Syndicar da individualidade do candidato, das suas condições de idoneidade e da conveniencia de sua admissão;

§ 2.º Verificar si as propostas para socios honorarios reunem as condições exigidas por estes Estatutos.

Art. 47. Os pareceres desta Commissão podem ser reservados, tendo o presidente a faculdade de submettc-los á consideração do Instituto em sessão secreta.

Art. 48. Além dessas commissões poderá o presidente no-

*

mear outras para fins especiaes ou encarregar de algum trabalho aos socios, individualmente, quando assim julgar conveniente.

Art. 49. Os pareceres das commissões serão lidos, obtida maioria de assignaturas. Os membros que não tiverem assignado poderão delles pedir vista, restituindo-os dentro de quinze dias.

Art. 50. As votações realizar-se-hão por antiguidade rigorosa, contada da data do parecer da Commissão de Admissão de Socios.

Paragrapho unico. Havendo dous pareceres dessa commissão com a mesma data, contar-se-ha a antiguidade, segundo a data da proposta.

Art. 51. Os relatores das diversas commissões serão designados pelo presidente dentre os respectivos membros, de modo a haver egualdade no serviço.

CAPITULO IV

Das sessões e reuniões do Instituto e ordem dos seus trabalhos

Art. 52. As sessões do Instituto Historico serão: 1.º, ordinarias ou extraordinarias; 2.º, de assembléa geral; 3.º, anniversarias; 4.º, de eleição.

Art. 53. Ás sessões ordinarias e extraordinarias poderão assistir quaesquer pessoas, decentemente trajadas; quando, porém, por qualquer motivo, a sessão deva ser secreta, o 1.º secretario prohibirá o ingresso ás pessoas extranhas.

Art. 54. O Instituto celebrará solennemente o anniversario de sua installação no dia 21 de Outubro, e desde esse dia até Abril ficarão suspensas as sessões, com excepção das de assembléa geral em anno de eleição.

Art. 55. Em todas as sessões do Instituto o presidente occupará o centro da mesa, tendo á direita o 1.º e 2.º secretarios e á esquerda o orador e o thesoureiro.

Art. 56. Nas assembléas e sessões, quando faltarem o presidente e os vice-presidentes, assumirá a direcção dos trabalhos o mais antigo dos socios presentes.

Art. 57. Na sessão magna de 21 de Outubro pronunciará o presidente o discurso de abertura ; o 1.º secretario lerá o relatorio com a resenha dos trabalhos annuaes, e o orador fará o elogio dos socios fallecidos durante o anno.

Art. 58. As sessões ordinarias effectuar-se-hão mensalmente, durante o dia ou á noite, a partir do mez de Abril até a sessão magna de 21 de Outubro. O presidente designará o dia e hora da sessão, que será annunciada pela imprensa.

Art. 59. Nestas sessões serão tractados exclusivamente negocios litterarios do Instituto, bem como serão discutidos e votados os pareceres das commissões. Na primeira sessão ordinaria de cada anno será discutido e votado o parecer da Commissão de Fundos e Orçamento.

Art. 60. Aberta a sessão, lida e submettida á approvação a acta antecedente, será lido o expediente, e resolver-se-ha sôbre qualquer materia sujeita ao conhecimento do Instituto, nos termos do artigo antecedente, excepto sôbre materia da competencia exclusiva da assembléa geral ou da directoria.

§ 1.º Para a leitura de trabalhos, o socio inscrever-se-ha ao começar a sessão, e o presidente dar-lhe-ha a palavra em occasião opportuna.

§ 2.º A leitura de qualquer trabalho não excederá de uma hora para cada orador.

Art. 61. Havendo necessidade, o presidente convocará sessão extraordinaria, para a qual se expedirão convites ou avisos assignados pelo 2.º secretario.

Art. 62. Para haver sessão ordinaria ou extraordinaria é mister a presença do presidente, ou a de algum dos seus substitutos, e a de mais nove socios, no minimo.

Art. 63. Na primeira sessão seguinte ao fallecimento de qualquer socio, lançar-se-ha na acta um voto de pezar, podendo qualquer socio referir-se ao finado em succintas palavras de condolencia ou louvor.

Art. 64. O presidente poderá convocar a assembléa geral sempre que julgar conveniente.

§ 1.º Todos os socios deverão assistir ás assembléas geraes, nas quaes terão direito de propôr, discutir e votar.

§ 2.º Para haver sessão de assembléa geral é necessaria a presença de vinte e um socios, no minimo.

§ 3.º Não comparecendo esse numero, será marcada nova reunião, na qual se deliberará com doze socios, no minimo.

Art. 65. Será convocada a assembléa geral quando vinte e um socios a solicitarem, por escripto, ao presidente.

Art. 66. As reuniões de directoria, das quaes se lavrará acta, serão effectuadas com a possivel frequencia e sob convocação do presidente.

Art. 67. Não se abrirá o Instituto no dia 5 de Dezembro, anniversario do fallecimento do seu inolvidavel protector, o sr. d. Pedro II.

Art. 68. Além dos premios constantes do § 5.º do art. 86, ficam creados dous premios annuaes sob as denominações *Premio Pedro II* e *Premio Conselheiro Olegario*. O primeiro, em signal de imperecivel gratidão e reconhecimento á memoria do grande protector do Instituto, servirá para recompensar a melhor monographia sôbre assumptos, com os quaes se occupa o Instituto, e constará de uma medalha de ouro. O segundo, em attenção aos assiduos e notaveis serviços prestados ao Instituto pelo presidente — conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro — será concedido á melhor memoria lida no anno anterior, em sessão do Instituto, e constará de uma medalha de prata.

CAPITULO V

Da secretaria e serviços a seu cargo

Art. 69. Estarão a cargo da secretaria todo o expediente social, o archivo, a bibliotheca, o museu e a *Revista*.

Art. 70. Os officiaes da secretaria, em numero de tres, teem por obrigação comparecer diariamente, assignando o respectivo ponto, e cumprir as ordens do 1.º secretario.

Art. 71. Ao bibliothecario, como encarregado da conservação e guarda da bibliotheca, archivo e museu, compete:

§ 1.º Organizar os catalogos, segundo o systema que estiver

em uso nas bibliothecas mais adeantadas, de accôrdo com o 1.º secretario;

§ 2.º Communicar ao 1.º secretario as occurrencias no serviço a seu cargo;

§ 3.º Propôr a compra de livros e objectos de interesse para o Instituto, procurando sempre completar as obras ou collecções existentes;

§ 4.º Empregar o maior cuidado no arrolamento, selecção, arranjo e conservação dos manuscriptos, cartas geographicas e outros objectos existentes ou adquiridos pelo Instituto;

§ 5.º Apresentar annualmente, até 15 de Outubro, ao 1.º secretario, um relatorio dos trabalhos realizados e do estado das obras e objectos a seu cargo, indicando as providencias convenientes;

§ 6.º Organizar annualmente catalogos supplementares, incorporados de cinco em cinco annos nos catalogos geraes.

Art. 72. Haverá um auxiliar do bibliothecario incumbido do serviço por este designado e tambem da expedição das publicações do Instituto, fazendo toda a escripturação respectiva.

Art. 73. Os socios, bem como quaesquer pessoas que assignarem os boletins de consulta, obrigatorios para todos, terão a faculdade de lêr, na bibliotheca do Instituto, as obras, quer impressas, quer manuscriptas, ahi existentes, e fazer os extractos necessarios.

Art. 74. Não é permittida a saïda de livros, mappas, manuscriptos e objectos do museu, podendo unicamente o director da *Revista* retirar, por algum tempo, os manuscriptos ou impressos necessarios para a publicação na *Revista*.

Art. 75. Compete ao director da *Revista:*

§ 1.º Escolher toda a materia publicavel, podendo para isso requisitar, por escripto, do 1.º secretario quaesquer manuscriptos, dos quaes passará recibo, que lhe será restituido quando os devolver;

§ 2.º Redigir uma summula dos artigos insertos, fazendo as observações convenientes;

§ 3.º Emittir juizo sôbre as publicações historicas, geographicas, archeologicas e ethnographicas offerecidas ao Instituto;

§ 4.º Fiscalizar a revisão da *Revista*.

Art. 76. O director da *Revista* terá plena autonomia, podendo recusar trabalhos de quem quer que seja, no intuito de manter o conceito da *Revista*.

Art. 77. O 1.º secretario, a cargo de quem fica a impressão da *Revista*, fornecerá ao director desta, para serem publicados, as actas das sessões e o cadastro social.

Art. 78. O 1.º secretario fica incumbido da distribuição da *Revista* aos socios e a outras pessoas, residentes no Brasil e fóra delle.

Art. 79. Ao porteiro incumbe:

§ 1.º Guardar as chaves do edificio para o abrir e fechar diariamente, nas horas marcadas pelo presidente;

§ 2.º Velar pelo asseio da casa;

§ 3.º Cumprir as ordens do 1.º secretario.

Art. 80. Ao continuo compete:

§ 1.º Encarregar-se do asseio da casa;

§ 2.º Auxiliar o porteiro;

§ 3.º Cumprir as ordens do 1.º secretario e do bibliothecario.

Art. 81. O 1.º secretario poderá propôr ao presidente o não provimento de qualquer dos cargos, conforme a conveniencia do Instituto.

Art. 82. O 1.º secretario, com approvação do presidente, poderá escolher até dous collaboradores para o serviço de cópias da *Revista* e auxilio da catalogação.

Art. 83. O bibliothecario perceberá 3:600$; o director da *Revista* 3:600$; os officiaes da secretaria, cada um 1:800$; o auxiliar do bibliothecario 1:440$; o porteiro 1:600$; o continuo 1:200$; os collaboradores 720$ cada um. Todos estes vencimentos são annuaes.

§ 1.º Os funccionarios e collaboradores perderão o direito aos vencimentos integraes correspondentes aos domingos e dias feriados, si faltarem nos dias immediatamente antecedentes e subsequentes.

§ 2.º O 1.º secretario poderá relevar, por mez, até duas faltas de comparecimento.

§ 3.º Os funccionarios do Instituto, si no anno anterior não

tiverem gosado licença, nem dado mais de dez faltas justificadas, terão direito a dez dias de férias, com permissão do 1.º secretario. Taes férias, porém, não poderão passar de um anno para outro.

Art. 84. O Instituto terá uma arca especial de sigillo, onde serão encerrados todos os manuscriptos secretos, a publicar em epocha determinada.

§ 1.º As chaves da arca, que serão differentes, ficarão em poder do presidente e do 1.º secretario.

§ 2.º Os manuscriptos ahi depositados serão préviamente numerados e inventariados, segundo os seus titulos, com indicação do formato, qualidade do papel do envolucro e outros signaes characteristicos.

§ 3.º Além do sêllo e precauções tomadas pelo auctor, o presidente manda-los-ha sellar de novo.

§ 4.º Em livro proprio, será lavrado pelo 2.º secretario o termo de deposito, assignado pelo presidente, depositante ou seu procurador e pelo dicto 2.º secretario.

§ 5.º Qualquer memoria ou documento enviado ao Instituto, para deposito temporario na arca de sigillo, deve ser lacrado e accompanhado de uma carta ao Instituto, assignada pelo auctor ou por pessoa conhecida, com declaração do tempo em que deverá ser aberto e lido.

§ 6.º Chegado esse tempo, o presidente do Instituto convocará uma reunião da directoria para a abertura da arca de sigillo e, depois de extrahido e verificado o manuscripto, segundo a carta que o tiver accompanhado, será aberto e lido em uma ou mais reuniões.

§ 7.º Terminada a leitura da memoria ou documento, a directoria, antes de dar-lhe o conveniente destino, deverá submettê-lo ao juizo da commissão respectiva, conforme o character do documento.

CAPITULO VI

Dos fundos do Instituto e sua applicação

Art. 85. Os fundos da associação procedem:

§ 1.º Das joias de admissão, dos emolumentos dos diplomas e da contribuição annual dos socios;

§ 2.º Do producto das remissões;

§ 3.º Dos donativos feitos ao Instituto;

§ 4.º Da receita liquida resultante da venda da *Revista* e das obras avulsas que publicar;

§ 5.º Do subsidio concedido pelo Congresso Federal.

Art. 86. Os fundos do Instituto serão applicados:

§ 1.º Ao seu expediente, reparação e conservação de objectos de sua propriedade ou uso;

§ 2.º Aos vencimentos dos funccionarios;

§ 3.º Á impressão dos seus trabalhos e publicações;

§ 4.º Á compra de livros, manusciptos, mappas e objectos historicos, a depositar no archivo, bibliotheca e museu;

§ 5.º Ao pagamento de premios, creados pelo Instituto, aos que mais se distinguirem no desempenho dos programmas por elle distribuidos ou na execução de trabalhos que, pelo seu transcendente merecimento, reconhecido pela respectiva commissão, forem considerados dignos de semelhante distincção, e bem assim aos premios constantes do art. 68.

Art. 87. As sobras da receita annual do Instituto serão para o patrimonio social, como fôr combinado entre o presidente e o thesoureiro.

§ 1.º O patrimonio social não poderá ser empregado no todo ou em parte, sem auctorização da assembléa geral.

§ 2.º Os rendimentos, porém, serão applicados ás despesas fixadas no orçamento e auctorizadas pelo presidente.

CAPITULO VII

Das disposições geraes e transitorias

Art. 88. Os actuaes socios correspondentes com residencia fixa no Rio de Janeiro, passarão a socios effectivos, tendo destes todas as regalias e deveres.

Art. 89. Enquanto existir numero de socios effectivos e correspondentes excedente ao fixado para cada classe, não haverá novas admissões.

Paragrapho unico. As propostas offerecidas correrão seus tramites, mas a eleição só se realizará quando houver vaga, attendendo-se á antiguidade do parecer da Commissão de Admissão de Socios.

Art. 90. Os socios actuaes excedentes do referido numero, bem como os benfeitores, gosarão de todas as regalias como até aqui e estão sujeitos aos mesmos encargos.

Art. 91. A todos os socios, em atrazo de suas contribuições, fica marcado o prazo de 90 dias para solverem os seus debitos.

§ 1.º Esse prazo será contado da data do officio ou circular dirigida pelo thesoureiro aos referidos socios sob registo postal com recibo de volta.

§ 2.º A falta de resposta a esse officio-circular ou recusa na satisfacção dos debitos, importará na applicação immediata da pena em que já tiverem incorrido.

§ 3.º O socio eleito que dentro de tres mezes, sendo avisado, não satisfizer as contribuições dos Estatutos, e os residentes fóra da Republica, que dentro de seis mezes não responderem ao officio da secretaria communicando a investidura, serão considerados como tendo renunciado ao titulo de socio.

Art. 92. A secretaria do Instituto organizará, annualmente, uma lista geral dos socios, de inteiro accôrdo com as disposições ora consignadas.

Art. 93. Estes Estatutos entrarão em execução tres dias depois de publicados no *Diario Official* e serão devidamente registados, distribuidos em avulso até 30 dias depois da sua publi-

cação, sendo que a primeira eleição da nova directoria deverá effectuar-se a 15 de Dezembro de 1913, perdurando até á posse da nova o mandato da actual.

Art. 94. Para se realizar a reforma dos Estatutos cumpre que os membros da Commissão de Estatutos ou vinte e um socios a reclamem por escripto e fundamentadamente.

Uma assembléa geral decidirá sôbre a proposta. Caso a approve, convocar-se-ha nova assembléa geral para dahi a sessenta dias, e esta nova assembléa resolverá o assumpto de modo definitivo.

Approvados estes Estatutos pela Assembléa Geral extraordinaria de 27 de Junho de 1912, a redacção geral delles foi confiada aos abaixo assignados.

Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1912. — *Conde de Affonso Celso, presidente do Instituto.* — *Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.* — *Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro.* — *Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria.*

Directoria actual — Presidente, conde de Affonso Celso;

Primeiro vice-presidente, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva;

Segundo vice-presidente, barão Homem de Mello;

Terceiro vice-presidente, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga;

Primeiro secretario perpetuo, Max Fleiuss;

Segundo Secretario, dr. Gastão Ruch Sturzneker;

Orador, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão (barão de Ramiz);

Thesoureiro, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães.

Commissões permanentes — *Fundos e Orçamento.* — Dr. Clovis Bevilaqua, coronel Jesuino da Silva Mello, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, coronel Ernesto Senna.

Estatutos — Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max

Fleiuss, dr. Gastão Ruch Sturzneker, dr. Alexandre José Barbosa Lima, dr. Norival Soares de Freitas.

Historia — Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Clovis Bevilaqua, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, dr. Antonio Jansen do Paço.

Geographia — Barão Homem de Mello, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, general dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, dr. Orville Adalbert Derby.

Archeologia e Ethnographia — Desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, dr. José Pereira Rego Filho, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, dr. Sylvio Roméro, dr. Amaro Cavalcanti.

Admissão de Socios — Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, barão de Alencar, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, almirante Arthur Indio do Brasil, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.

Bibliothecario do Instituto — Dr. José Vieira Fazenda.

Director da « Revista » — Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 15 de Agosto de 1912. — *Max Fleiuss*, primeiro secretario perpetuo.

5.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 23 DE AGOSTO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 3 $^1/_2$ horas da tarde, presentes os srs. conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, dr. Gastão Ruch, desembargador João da Costa Lima Drummond, major dr. Liberato Bittencourt, padre dr. Julio Maria, Eduardo Marques Peixoto, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro,

dr. Norival Soares de Freitas, commendador Tobias Lauriano Figueira de Mello, dr. Pedro Souto Maior e capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, abre-se a sessão.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (*2.º secretario*) lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) communica que o illustre consocio honorario dr. Manuel de Oliveira Lima acceitou a designação feita pelo sr. presidente para representar o Instituto no proximo Congresso de Sciencias Historicas a reunir-se em Londres.

Communica egualmente o sr. secretario perpetuo que o socio effectivo dr. Escragnolle Doria, com desinteresse louvavel e inexcedivel dedicação, tem auxiliado de maneira efficaz a catalogação dos manuscriptos pertencentes á collecção Ourem.

O SR. PRESIDENTE agradece, em nome do Instituto, a dedicação do illustre consocio e tambem os grandes serviços, que vai prestar o dr. Oliveira Lima no Congresso de Londres.

O SECRETARIO PERPETUO communica ainda que ha poucos dias esteve no edificio do Instituto o dr. Joaquim Luiz Osorio, illustre deputado federal, o qual ratificou a promessa de remetter ao Instituto o archivo de seu glorioso avô, apenas ultimada a publicação da biographia do inclito general Osorio.

O SR. PRESIDENTE renova os agradecimentos do Instituto pela valiosa offerta.

O DR. GASTÃO RUCH (*2.º secretario*) lê um officio no original francez, do sr. Nicoláo J. Debbané.

O SR. PRESIDENTE consulta a casa, e é approvado, que o referido officio figure na acta da presente sessão.

É este o officio:

« Alexandria, 20 de Junho de 1912 — Sr. secretario perpetuo — Devo antes do mais agradecer-lhe seu estimavel favor de 8 de Maio proximo findo; deixaram-me, é certo, assás captivo os sentimentos que v. s. teve a bondade de expressar-me e a honra que me conferiu v. s. com a apresentação, sob os auspicios de s. ex.ª o sr. dr. Oliveira Lima, de minha candidatura na qualidade de socio correspondente dessa illustrada companhia.

« Sensibilizou-me bastante a delicada attenção do mesmo

sr. dr. Oliveira Lima a meu respeito, e vejo que a sua benevolencia de tracto se nivela pela elevação do seu talento e admiraveis predicados.

«E, no caso de ter eu a honra de ser recebido em seu seio pela mais elevada corporação scientifica do nosso Brasil, como v. s. me dá o ensejo de esperar, prometto exforçar-me, tanto quanto possivel, por cooperar por minha vez, embora modestamente, em seus trabalhos sociaes, e em tudo o que de perto entende com as suas investigações scientificas, muito especialmente aqui em terras do Oriente, onde presumo ha grande numero de questões e assumptos de grande utilidade e de certo interesse para o nosso paiz. A civilização brasileira esteve em algum contacto, desde suas origens lusitana e latina, com o mundo oriental, de modo que este não lhe póde ser indifferente.

«De resto, sob variados pontos de vista, ha copiosos traços em commum, e dignos de ser conhecidos e estudados, entre o Brasil e determinadas regiões do Oriente e da Africa Septentrional. Accresce ainda que umas tantas zonas orientaes, como o Egypto, se nos deparam, a despeito de sua antiguidade, sob um certo aspecto, como si fossem paizes novos, prestes a evoluir para uma nova civilização, o que me faz suppor que esse phenomeno offerece certo interesse em ser conhecido e accompanhado pelo Brasil.

«E já que o nosso paiz entende quebrar o seu retrahimento, preferindo manter-se em contacto com todas as partes do globo, é de esperar que as relações scientificas que se possam estabelecer entre as grandes corporações de sabios brasileiros e as instituições similares no extrangeiro serão de valioso concurso para o alludido fim.

«Demais, sr. secretario perpetuo, a minha admissão como socio correspondente do Instituto Historico Brasileiro ser-me-ha de grande incentivo e me assegurará melhor ensejo de mais efficazmente ainda servir, longe della, os interesses de nossa patria, o que é para mim um dever, a que de ha muito já me hei consagrado.

«Lastimo não me ser possivel remetter immediatamente a v. s.ª um exemplar, por mim revisto, de minha obscura confe-

rencia sôbre «D. Pedro no Egypto», porquanto o *Boletim* do Instituto Egypcio só muito irregularmente vem a lume.

« Por agora, só me é dado enviar a v. s.ª um texto da mesma conferencia, publicado pela *Imprensa Egypcia*, eivado embora de uns tantos êrros de reproducção, que facilmente serão corrigidos em caso de ulterior transcripção.

« Peço, entretanto, a v. s.ª que releve a distribuição em capitulos feitos pela imprensa, mais attendendo ás conveniencias de impressão, do que ao proprio sentido do texto.

« Num artigo anterior por mim publicado, em 1909, no *Jornal do Commercio*, havia eu examinado já, si bem que sob ponto de vista diverso, a acção de d. Pedro no Oriente.

« Peço licença para lhe enviar o referido artigo, em que a obra do venerando imperador é estudada sob o ponto de vista practico.

« Tomo a liberdade de enviar-lhe, outrosim, alguns exemplares de uma conferencia por mim feita, no anno transacto, sôbre o Brasil e a Civilização Arabe, a qual acaba de ser publicada, em seu texto definitivo, no Boletim da Sociedade Khedival de Geographia, e se occupa especialmente das relações entre a Civilização Brasileira e as Civilizações Orientaes, a que fiz referencia, e a esse titulo poderá ser de interesse a esse Instituto.

« Muito grato lhe ficarei, sr. secretario perpetuo, si v. s.ª de minha parte apresentar os meus cumprimentos ao distincto official, sabio e illustre inventor, o sr. capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, agradecendo-lhe por mim a grata recordação que elle se dignou conservar de minha pessoa. Lamento a urgencia de tempo, que me não permittiu apreciar mais longamente a sua convivencia em Alexandria, quando, sob seu commando, o *Benjamin Constant* aqui veiu, por breve tempo infelizmente, trazer-nos a imagem da patria distante. Desejei bastante tornar a ver o sr. Gomes Pereira, quando estive no Rio, ha cerca de tres annos, mas quiz a sorte que elle então se achasse ausente.

« Peço egualmente a v. s.ª apresente ao sr. barão Homem de Mello a expressão da minha respeitosa estima.

« Reiterando-lhe, enfim, os meus agradecimentos, acceite,

sr. secretario perpetuo, as seguranças de meu devotamento e respeitosa consideração.

Nicoláo José Debbanné,

Addido á Agencia Diplomatica do Brasil no Egypto.

Corrido depois o escrutinio, para votação dos pareceres lidos na ultima sessão, foram approvados por unanimidade os relativos aos srs. capitão-tenente Raul Tavares e Nicoláo José Debbané, e por maioria o parecer relativo ao sr. Antonio Gomes Carmo.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*), á vista da votação, proclama socios effectivos do Instituto Historico os srs. capitão-tenente Raul Tavares e Antonio Gomes Carmo, e socio correspondente o sr. Nicoláo José Debbané.

O SR. 1.º SECRETARIO PERPETUO requer, e o Instituto approva, que como annexo á sessão, na presente acta, se inclua o discurso pronunciado pelo illustre sr. presidente por occasião da inauguração do retrato do saudosissimo visconde de Taunay, na noite de 15 do corrente.

O SR. 2.º SECRETARIO lê as seguintes propostas para socios correspondentes:

«*Proposta* — Tenho a honra de propôr para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o cidadão portuguez Pedro de Azevedo, paleographo e conservador do Archivo Nacional e membro da Academia das Sciencias.

«Julgo desnecessario encarecer nesta proposta os bem conhecidos e altos serviços por elle prestados ás sciencias historicas, aos estudiosos e investigadores e particularmente ao Instituto Historico Brasileiro.

«Pedro de Azevedo, formado com a carta do curso superior de bibliothecario archivista, conservador emerito da Torre do Tombo, professor de Geographia e academico, membro da commissão academica para o Centenario da Conquista de Ceuta, tem larga folha de relevantes serviços como paleographo, archivista e investigador, e no desempenho do seu cargo prestou coadjuvação efficaz ao commissionado do Instituto sr. dr. Norival de Freitas, nosso illustre consocio. Envio junto alguns exemplares de

obras do candidato, por elle, a meu pedido, offerecidas a titulo de candidatura, e uma nota biographica e bibliographica, a elle referente.

«Em meu entender o Instituto Historico muito se honrará admittindo no seu gremio este estudioso e dedicado cultor das sciencias historicas portuguezas.

Lisboa, 3 de Agosto de 1912. — O commissario geral do Instituto em Portugal, *Victor Ribeiro*, socio correspondente do Instituto.

« Confirmamos a proposta do nosso consocio Victor Ribeiro.

« Rio, 23 de Agosto de 1912. — *Augusto de Lima. — Max Fleiuss. — Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva.*»

Annexo — Pedro de Azevedo (Pedro Augusto de São Bartholomeu de Azevedo) nasceu em Santarem aos 24 de Agosto de 1869. É filho de Ventura de Faria de Azevedo, natural de Thomar e professor de um dos lyceus de Lisboa, e de sua legitima mulher Gertrudes da Piedade Fonseca. Em 24 de Novembro de 1890 foi-lhe passada a carta do curso superior de bibliothecario archivista. Em Janeiro de 1888 fôra nomeado practicamente amanuense da Inspecção Geral das Bibliothecas e Archivos, onde se conservou cerca de tres annos, até que ao cabo delles foi promovido a amanuense paleographo do Archivo Nacional da Torre de Tombo. Em 28 de Junho de 1902 foi despachado primeiro conservador desse estabelecimento, cargo que ainda exerce conjunctamente com o de professor de Paleographia. Pertence á Academia das Sciencias de Lisboa, onde é socio correspondente, á Associação dos Archeologos, á Sociedade de Geographia e á Sociedade Portugueza de Estudos Historicos. Tem publicado numerosos artigos na *Revista Lusitana*, *Archeologo Portuguez*, *Boletim de 2.ª classe da Academia*, *Tradição* (de Serpa), *Boletim das Bibliothecas e Archivos*, *Archivo Historico Portuguez*, *Revista de Historia*, etc. As suas publicações são as seguintes : *Alguns sellos antigos do concelho de Santarem; Nomes de pessoas e nomes de logares; Um inventario do sec. XIV; Dois frag. de uma vida de S. Nicolau; Docs. relativos aos Açores; As cartas do P. Antonio Vieira; Doença e morte de D. Pedo II; Documentos de Varrão; Os de Vasconcellos; Os escravos; Os antepassados do Marquez de Pom-*

bal; Livro dos bens de D. João de Portel, precedido de uma noticia historica por Braamcamp Freire. Estão exgottados *O territorio de Anesia; Os antepassados de Camillo.*»

Á Commissão de Historia, relator o sr. dr. Clovis Bevilaqua.

Proposta — «Tenho a honra de propor para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o cidadão portuguez David de Mello Lopes, professor e membro da Academia das Sciencias. Julgo excusado encarecer nesta proposta os altos serviços por elle prestados ás sciencias historicas e linguisticas da raça portugueza.

«Arabista notavel, formado no Curso Superior de Lettras, de Lisboa, e na École des Hautes Études, de Paris, actual professor de Litteratura franceza na Faculdade das Lettras de Lisboa, e membro das Commissões Academicas de Ortographia e Diccionario da Lingua e do Centenario de Ceuta e de Affonso de Albuquerque, David Lopes tem a sua biographia e bibliographia magistralmente feitas por Sousa Viterbo, no Instituto de Coimbra, vols. 52.º (1905) e 53.º (1906) a pag. 551 (do 1.º) e 241 (do 2.º)

«Delle remetto, como base da candidatura, exemplares de algumas obras que ao auctor foi possivel, a meu pedido, offertar á illustre corporação scientifica do Rio de Janeiro.

«Egualmente envio a nota juncta, biographica e bibliographica do candidato, entendendo que o Instituto Historico muito se honrará tendo por seu socio correspondente este estudioso, dedicado e proficiente servidor das lettras e das sciencias historicas e da linguistica da grande familia portugueza.

«Lisboa, 3 de Agosto de 1912. — O commissario geral do Instituto em Portugal, *Victor Ribeiro,* socio correspondente do Instituto.

«Confirmamos a proposta do nosso consocio Victor Ribeiro. Rio, 23 de Agosto de 1912. — *Max Fleiuss. — Augusto de Lima. — Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva.*

Bibliographia de David Lopes:

1892. *Extractos da Historia da conquista de Yoman.* — Congresso de Orientalistas. 1 vol.

1897. *Textos em aljamia portugueza.* Centenario da India. 1 vol.

*

1897. *Chronica dos reis de Bisnaga.* Centenario da India. 1 vol.

1898. *Historia dos Portuguezes no Malabar por Zinadim.* Centenario da India. 1 vol.

1900. *Alexandre Herculano, Antonio Caetano Pereira e a batalha de Ourique.* 1 broch.

1902. *Toponymia Arabe de Portugal*, uma broch.

1906. *Trois faits de phonétique historique arabico-hispanique.* 1 broch.

1911. *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano.* 1 vol.»

Á Commissão de Historia, relator o sr. dr. Escragnolle Doria.

Nada mais havendo a tractar, o sr. presidente declara encerrada a sessão, ás 4 $^1/_2$ da tarde.

Gastão Ruch, 2.° secretario.

ANNEXO

(Discurso pronunciado pelo sr. conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao inaugurar, na sala da Directoria, a 15 de Agosto de 1912, o retrato do visconde de Taunay)

O sr. Conde de Affonso Celso diz que si a inauguração do retrato do visconde de Taunay precisasse de justificação, esta houvera sido feita, da mais completa e eloquente maneira, nos dous admiraveis discursos que acabam de deliciar o Instituto, na sala das sessões.

« Nos tres quartos de seculo de existencia que conta o Instituto, numerosas vezes figura, com egregio relêvo em seus annaes, o nome de Escragnolle Taunay.

« Por occasião da posse do dr. Escragnolle Doria, referiu-se

elle, com legitimo e nobre desvanecimento, a varios parentes seus, membros prestantes do Instituto.

« Poderia ter alongado a extensa lista que apresentou, si além de nossos consocios quizesse recordar, oriundos da mesma estirpe, outros illustres operarios da grandeza brasileira, em todos os ramos da actividade social. A familia Taunay, em suas varias ramificações, é uma das que na Roma antiga se chamaria uma familia consular — uma familia genuinamente aristocratica, dando a este vocábulo a sua significação etymologica, da palavra grega *aristos* — o melhor.

« E da familia Taunay ninguem mais se destacou entre nós do que Alfredo d'Escragnolle Taunay, visconde de Taunay.

« Esmerou-se a natureza em congregar nelle os mais peregrinos predicados: varonil belleza, dom artistico, capacidade scientifica, qualidades de orador, escriptor, parlamentar, estadista, de par com uma juvenilidade de espirito e de coração muito acima do commum.

« Alfredo d'Escragnolle Taunay bateu-se denodado contra inimigos da patria, escreveu livros immortaes, compoz musicas deleitosas, leccionou numa eschola superior, administrou provincias, propugnou no parlamento e na imprensa os mais levantados e humanitarios ideaes, deixando uma obra tão vasta e variada, quão opulenta de valor litterario e moral.

« No Instituto exerceu, com a costumada distincção, elevados cargos; as paginas da ***Revista*** e a ***Arca de sigillo*** guardam preciosos documentos da sua competencia e idoneidade.

« De si proprio dizia elle, com verdade e justiça, que tinha duas azas para levar sua memoria ás gerações vindouras: ***Retirada da Laguna*** e ***Innocencia,*** esses dous lidimos primores que já receberam consagração universal.

« Rendendo especial homenagem ao visconde de Taunay, no dia em que o seu digno filho e continuador tomou assento no Instituto, quiz este tornar a ceremonia tocante e significativa, mostrando, ainda uma vez, quanto preza as tradições, a herança intellectual, os vultos notaveis do paiz.

« É um tributo de admiração, reconhecimento e saudade.

« Quem, como o presidente do Instituto, teve a fortuna de

conviver com o visconde de Taunay, attestará sempre que elle foi uma dessas individualidades de escól, que honram uma nação, uma epocha, uma raça.

« Convido, exclama o orador, a distinctissima nóra do extincto, a ex.ma esposa do sr. 1.º tenente da armada Raul de Taunay, a commigo desvendar a formosa effigie do visconde de Taunay, certo de que toda a avultada e preclara assistencia vai reverente inclinar-se ante a evocação de tão grande alma ! »

(*Applausos e vivas prolongados*).

6.ª SESSÃO ORDINARIA, EM 22 DE SEPTEMBRO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 3 horas da tarde, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, dr. Gastão Ruch, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, conselheiro João de Sá Camelo Lampreia, dr. Alberto Rangel, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, major dr. Liberato Bittencourt, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão e dr. Pedro Souto Maior.

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA (*2.º secretario interino*) lê a acta da sessão anterior, a qual é, sem discussão, unanimemente approvada.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (*1.º secretario interino*) lê o seguinte expediente, depois de haver declarado que o sr. Max Fleiuss, 1.º secretario perpetuo, deixa de comparecer á sessão, visto haver solicitado e obtido licença por tempo indeterminado :

— Cartas do dr. Henrique Cesidio Samico offerecendo ao Instituto, por intermedio do sr. conde de Affonso Celso, duas bengalas que pertenceram uma ao marquez de S. Vicente e outra ao barão de Loreto.

— Carta do socio correspondente dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, nos seguintes termos :

« France — Avenue des Vignes 2 — Coteaux de Saint-Cloud — Seine et Oise, 27 de Agosto de 1912. — Illustre consocio sr. Max Fleiuss. Tenho em meu poder sua carta de 8 do corrente.

« Sabia pelo nosso amigo dr. Affonso Taunay que eu ia ter a honra de ser proposto socio correspondente do Instituto, mas ignorava absolutamente que delle já fazia parte.

« Devo-lhe a noticia agradavel e muito lh'a agradeço.

« Corri ao consulado para buscar o officio annunciador e tomar conhecimento do parecer do dr. Ramiz Galvão. Um e outro empenho foram satisfeitos.

« Queira transmittir ao sabio relator o meu reconhecimento pelos conceitos altamente lisongeiros com que julgou os meus subsidios para o nosso passado.

« *Carta geographica.* — Não posso nada fazer de melhor do que expôr o parecer do sr. Gabriel Marcel, expresso nas sessões de 5 e 19 de Novembro de 1897 da Sociedade de Geographia, ácêrca da carta cuja photographia lhe mandei. O sr. G. Marcel é conservador da Bibliotheca Nacional de Paris e adquiriu a carta no leilão de um inglez. Entende que ella é anterior a 1517, porque si fôra posterior não deixaria de nomear o rio de Solis, aliás indicado, em razão dos descobrimentos deste navegante haverem sido assignalados por occasião da noticia do seu fim tragico, e não era licito a um cartographo ignora-los. E accrescenta que, em virtude de certas coincidencias, que desgraçadamente não menciona, suppõe ser a carta de 1514.

« Ch. de la Roncière, outro conservador da Bibliotheca Nacional de Paris, a reproduz em ponto pequeno com a seguinte indicação — *Le Brésil vers 1520,* no volume 111, pagina 280, da sua Histoire de la Marine Française 1906 — Librairie Plon, Paris).

« Nada sei de Cartographia, mas me parece fóra de dúvida que é anterior a 1538 por não designar o rio Maranhão e a ilha de S. Luiz, tornados celebres com o desfecho da donataria de Aires da Cunha, do feitor da casa da India e do thesoureiro-mór do reino. Noto que tambem ahi não figura a obra de Diogo Leite, visitada em 1531. Será a primeira carta do Brasil escripta em portuguez? Deixo a resposta aos eruditos.

« A carta é colorida, e Gabriel Marcel julga *veritable artiste celui qui a su si finement dessiner ces admirables miniatures.*

« Com os agradecimentos receba os protestos de sympathia do consocio ao seu dispôr.—*Manuel Emilio Gomes de Carvalho.* »

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente)* agradece, em nome do Instituto, as valiosas offertas dos drs. Samico e Gomes de Carvalho, lamentando, ao mesmo tempo, tambem em nome do Instituto, a ausencia do digno sr. secretario perpetuo.

O mesmo SR. 1.º SECRETARIO INTERINO, continuando a leitura do expediente, dá conta da remessa ao Instituto, por parte de s. a. r. o sr. conde d'Eu, presidente honorario do Instituto, de um livro da lavra de s. a. r. intitulado *Journal d'une Promenade autour du monde en 118 jours,* e bem assim da remessa dos livros de s. a. i. e r. o sr. d. Luiz de Orleans Bragança, socio honorario do Instituto, intitulados *Sous la Croix du Sud, Terre d'Afrique* e *A Travers L'Hindo-Rush.* — Inteirado, agradece-se.

Logo depois o mesmo sr. 1.º secretario interino lê a seguinte proposta de orçamento para o anno social de 1913, com o parecer favoravel da Commissão de Fundos e Orçamento :

« Rio de Janeiro, 15 de Septembro de 1912. — Ex.^mo^ sr. presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — De conformidade com o § 6.º do art. 38 dos Estatutos, tenho a honra de apresentar a v. ex.ª o projecto de orçamento para o anno de 1913, a fim de que v. ex.ª o mande submetter á Commissão de Fundos e Orçamento, que emittirá o seu respeitavel parecer, nos termos do § 2.º do art. 43.

PROJECTO DE ORÇAMENTO PARA O ANNO DE 1913

Receita

Subvenção do Congresso Nacional	20:000$000
Juros de apolices	6:400$000
Quotas beneficiarias da Companhia de Loterias Nacionaes (computando cada conto de réis em 409$000)	9:816$000
Annuidade de Socios	720$000
Venda de *Revistas*	—$—
Total	36:936$000

Despesa

Pessoal	18:280$000
Impressão da *Revista*	2:400$000
Acquisição de livros	2:400$000
Encadernação	2:400$000
Expediente (despesas miudas, sellos para o exterior, etc.)	1:800$000
Eventuaes (para pagamentos diversos, cópias e outros)	9:656$000
Total	36:936$000

O primeiro secretario interino, *Gastão Ruch*.

Á Commissão de Fundos e Orçamento, sendo relator o sr. dr. Clovis Bevilaqua. — 18 de Septembro de 1912.—*Conde de Affonso Celso*, presidente.

— A Commissão de Fundos e Orçamento nada tem a oppôr á proposta de orçamento apresentada pelo digno sr. primeiro secretario, ficando, desde já, abolidas quaesquer gratificações. — Rio de Janeiro, 12 de Septembro de 1912. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho*. — *Jesuino da Silva Mello*.

O SR. PRESIDENTE põe a votos o mesmo orçamento com o respectivo parecer, sendo ambos approvados unanimemente.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) communica ao Instituto que se acha sôbre a mesa uma interessante noticia ácerca do eclipse solar de 1864.

« Tal eclipse, nessa data, foi observado pelo então 1.º tenente da armada nacional A. von Hoonholtz, hoje almirante barão de Teffé.

« Os calculos do 1.º tenente Hoonholtz, em 1864, commandante da canhoneira *Araguary*, que um anno mais tarde devia conduzir á victoria em Riachuelo, foram plenamente corroborados pelo celebre hydrographista Mouchez, que, em 1864, a bordo

de um navio de guerra francez, procedia a estudos de sua especialidade, nas costas da provincia de Sancta Catharina.

O SR. PRESIDENTE congratula-se com a marinha nacional e com o Instituto pelas glorias scientificas do sr. barão de Teffé, reverdecidas com a observação do eclipse solar do mez proximo, a ser observado em Passa Quatro, pelos sabios do mundo inteiro.

O SR. 2.º SECRETARIO INTERINO procede á leitura da noticia a que se referiu o sr. presidente, como homenagem ao sr. barão de Teffé.

Em seguida o sr. 1.º SECRETARIO INTERINO communica achar-se na sala da directoria o novo socio sr. capitão-tenente Raul Tavares, que vem tomar posse do seu logar de socio effectivo.

Pede por isso ao sr. presidente a nomeação de uma commissão para o introduzir no recincto.

O SR. PRESIDENTE designa para tal fim os srs. 1.º e 2.º secretarios interinos.

(*Dá entrada no recincto, presta o compromisso dos Estatutos e toma posse de sua cadeira de socio effectivo o sr. capitão-tenente Raul Tavares*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) concede a palavra ao novo socio sr. capitão-tenente Raul Tavares, o qual pronuncía o seguinte discurso:

«Sr. presidente: minhas senhoras: meus senhores: — Entrando hoje neste recincto augusto, por onde tem passado uma pleiade de homens sãos e valerosos, deixai que vos diga, experimento uma sensação de pequenez e de incredulidade, por me achar, agora, entre vós, no sereno acconchego da vossa extrema bondade.

«Nada me commove mais, porque nada póde commover mais o homem do que sentir-se o eleito entre os homens que se agitam em uma esphera afastada da rudeza e da vaidade material do mundo. Ahi vão desabrochar todas as illusões, outr'ora estioladas pelo effeito de uma inopia de seiva e de um empobrecimento de fôrça.

«Sinto, ao vos abrir minh'alma, a sinceridade e a expressão verdadeiras do que penso e do que digo.

«Si a minha maior ventura, senhores, não foi essa de aqui

estar, esta, entretanto, foi das que mais me teem calado no animo, maximamente agora, que um vazio profundo eu sinto que se abriu aqui, e pelo qual estaes envoltos no crepe de uma saudade infinda, de uma saudade viva, pelo desapparecimento de homens da estatura moral do visconde de Ouro Preto e do barão do Rio Branco.

« Bem sei que homens como esses não nos pertencem, por pertencerem antes de tudo á Historia; mas o que nos consola é a certeza de que os ensinamentos, deixados nas suas paginas indeleveis, sempre nos hão de fortalecer, sempre nos hão de acalentar com os seus conselhos e os seus exemplos.

« Horas bem amargas, senhores, temos curtido nestes derradeiros mezes de infortunios e incertezas; e a lembrança daquelles vultos varonis é como um aculeo que nos penetra fundo, é como uma chaga a sangrar eternamente.

« Cada recordação é um punhado de flores olorosas, que vão enrubescendo pela nossa estrada, sob nossos pés.

« Resta-nos, porém, a esperança de que elles mais do que ninguem hão de nos governar, guiando os nossos passos incertos e duvidosos pelo roteiro seguro do seu magnifico e inapagavel exemplo.

« Nas suas campas devemos pôr a nossa Fé, a nossa Crença, o nosso Idéal.

« Lá, scintillam conselhos duradouros, que tão sómente elles nos poderiam fornecer. Mas, si nos mysterios do Além mergulharam, mais vivos estão os seus passos, mais vibrante se nos afigura a sua vida. Consolemo-nos, pois! Sim, senhores, porque homens, como o barão do Rio Branco e o visconde de Ouro Preto, não morrem! Sustentam impassiveis os embates e as procellas sempre erectos á posteridade; as suas memorias os salvam do esquecimento, e atravessam as ruinas impavidos e triumphantes como os heróes de Horacio: « *Ferient impavidum ruinae.* »

« Desculpae, si com mãos rudes quiz escalar tão altas regiões e tecer corôas de louros.

« Tenho consciencia, todavia, de que obrando dest'arte não desmereci de vós, nem da Historia, que eu amo, porque não fugi á Justiça.

« Grande, senhores, é ella quando sincera, embora sem atavios de Rhetorica; falha e pretenciosa, quando desleal, embora burilada e cheia de adornos litterarios.

« A luz que guiava o divino poeta da Renascença italiana, deante dos porticos sombrios do Inferno, illumina-me agora de sua sabedoria. E, por isso, torna-se-me necessario repetir-lhe o alto lemma:

« *Justizia mosse il mio alto fattore* ». Essa, senhores, consoante o asserto d'alguem que ainda não errou entre nós, deveria ser a fonte perenne de todos os principios da nossa Ethica, o bebedouro commum de todos os systemas, de todas as crenças, de todas as virtudes, pois que ser justo é ser, antes de tudo, elevadamente virtuoso.

« A Justiça é a maior e a mais profunda de todas as virtudes; Historia sem Justiça, é como um templo sem amor.

« Nella se deve calcar a Historia; della se deve impregnar até á medula a alma do historiador.

« Malaventurados aquelles que acreditam enganar a posteridade, faltando com a Justiça á Historia

« A Justiça é a Verdade, e esta é elemento tão essencial á Historia que alguem já escreveu: *para o philosopho, como para o poeta, a moral não deve prejudica-la.*

« Vêde, si no tempo da encanecida Rhetorica dos sophistas gregos havia Historia! E por que? porque faltava-lhes sinceridade, faltava-lhes a verdade, estatelada nos topos de uma collecção de imagens exoticas. Si, ao depois de mais reflexão e menos demagogia, pôde-se construir characteres destruindo-se lendas, foi porque, no dizer de Montanus, a Historia saïu das sombras para se mostrar ao sol.

« Na immortal Héllade, patria das artes e da sciencia no Occidente, a Historia corria parelha com os mais inacreditaveis mythos e as mais inverosimeis lendas.

« Vêde Hellena, que ora passeava de carne e osso entre as muralhas de Troia, entregue aos amores de Páris, ora era reconquistada por Meneláo em terras do Egypto. Ora o proprio Euripides morria dilacerado pela furia das mulheres, como outr'ora Orpheu pelas Bacchantes, ora fallecia lastimavelmente roïdo pelos

ções da Macedonia. E versões desta ordem corriam empanando e desmerecendo a verdade historica a ponto de a confundir com os mysterios de Eleusis e os sacrificios de Delphos. Entretanto, quando a idéa do justo se fez sentir, deixando as abstracções, fugindo aos dogmas e aos ritos, pôde-se affirmar como soberana verdade a Historia e como desprezivel mentira a Legenda. Já o grande espirito de Emanuel Kant exclamara: *com a morte do dogma começará a Moral.* E Galileu sôbre dizer o seu immortal *e pur si muove* houvera previsto que *a sciencia terá vida e força com a morte do dogma.*

« Na antiguidade, portanto, a Historia poderia ter sido escripta elegantemente, os factos narrados com summa eloquencia; mas, a Historia era parcial e não geral, narrativa e não profunda. Militarmente, escreveu-a Cesar; oratoriamente Tito Livio; politicamente Thucydides; descriptivamente Xenophonte; litterariamente Sallustio; Tacito moralmente. Só Polybio percebeu-a na miragem dos seus largos horizontes, mas infelizmente faltou-lhe o genio e a epocha para mostrar como deveria ser no futuro.

« Na edade média, apenas conhecemos chronistas, dentre elles Fernão Lopes, em Portugal. No seculo XVI, sendo o da reacção litteraria do classicismo, todos os estudos, todavia, convergiram para a Grecia e para Roma, dedicando-se os historiadores aos systemas e crenças religiosas. Entretanto, surgem vultos geniaes como Machiavelli, Gibbon, Hume, Vico e Bossuet, que se dedicaram á politica, á Philosophia, convergindo Vico para a divindade, Bossuet para o catholicismo.

« Todas essas historias teem o seu valor. Mas a verdadeira historia, senhores, pertence ao seculo XIX, seculo das luzes, de vastos horizontes, mixto de glorias e luctas immortaes, de idéas e principios eminentemente civilizadores; seculo que veiu usufruir das doutrinas semeadas no seculo XVIII, moraes e philosophicas de Voltaire, Montesquieu, Rousseau, tres astros no céo universal da França, o centro do systema evolutivo de onde irradiou a luz illuminando a intelligencia humana, com *os direitos do homem, o espirito das leis e o contracto social.* Contudo, senhores, espiritos ha, para os quaes o progresso faz o effeito do sol que illumina e deslumbra.

« Agassiz assim condensou o que repetem os misoneistas: « *Toutes les fois qu'un fait saisissant se produit dans la science, les gents disent d'abord ce n'est pas vrai, ensuite c'est contraire à la réligion et à la fin il y a longtemps que tout le monde le savait.* » É por isso que a missão delicada, em cuja observancia está a pureza do espirito historiador, é sobremodo contraria ao contacto das correntes polarizadoras das falsas historias e dos atavios da Rhetorica. E de toda a Historia, a que mais demanda esse afastamento sensivel e radical, quanto indispensavel e necessario, é, sem duvida, a historia militar.

« Imaginae, por instantes, si Thiers, escrevendo, emprestasse á Revolução Franceza os ademanes com que a entreteceu Carlyle! Com certeza claudicaria na palavra e na consciencia, e a *virtus dormitiva* de Sganarello faria em pouco tempo a obra do exquecimento. Do mesmo modo, si o artista do *Consulado e do Imperio* transplantasse na colheita dos factos a semente irresistivel do grande isonista dos — *Heroes* —, a posteridade já lhe houvera vestido as roupagens de Monchausen.

« Que seria, pois, do maior genio das pugnas terrestres? Desse Napoleão que fez surgir a miragem deslumbradora dos tempos de Annibal, a historia dos seculos, cheia de estimulos e de incitamentos, vitalizada pela resurreição de heroismos extinctos, transfundindo na alma de seus guerreiros, por entre aquella allocução concisa, simples e energica, repassada pelo brilhantismo pujante da eloquencia italiana e echoada nos monumentos sarcophagos dos Pharóes:

« *Do alto destas pyramides, quarenta seculos vos contemplam.* »

« Que dizer de Nelson, o genio das pugnas navaes, o vencedor de Aboukir, de Copenhaghen e de Trafalgar, o heroe de S. Vicente de Calvi e de Teneriffe? Que julgar de Togo, si a verdade historica não predominasse no espirito honesto de alguns historiadores que já se teem occupado da sua vida e das suas victorias inauditas, nessa guerra « ultra-napoleonica » a que acabamos ha pouco de assistir? Não teriamos, com certeza, um Napoleão *manqué*, um Nelson completamente cégo e um Togo de rabicho e *kimono*? Entretanto, historiar é imprimir no seio da verdade,

que se desnuda, a verdade que se adorna; e para adorna-la é mister que se não falseiem a austeridade e a singeleza; historiar é construir em bases solidas, é alevantar edificios firmes, providos de fixidade e não imaginar columnas doricas de capitel doirado, na fragilidade das architecturas de filigranas.

« Historiar, portanto, « é comprehender as bellezas naturaes « que os factos encerram, é desenhar os homens como elles fo- « ram, como elles são, amando-os de tal maneira que nada se lhes « deve accrescentar além da exacta reproducção delles, com a « perfeição da arte de os pintar, de os narrar, descrevendo-os « minuciosamente, em uma ordem intelligente e facil, nobre e « austera, pura e simples. » E isso porque a ***Historia é de todas as producções do espirito a mais pura, a mais casta, a mais severa e ao mesmo tempo a mais humilde.*** Não vos assevero, entretanto, que a Historia é uma sciencia, como queria Alexandre de Humboldt, mas o historiador deve ser um scientista.

« Para tanto se lhe faz mister uma somma encyclopedica de noções geraes, alliada a um conhecimento perfeito da arte. De posse desses principios, abeira-se da Philosophia que ao sabor dos Shopenhaueranos, não é tão somente o conhecimento de accôrdo com o principio da razão, mas um producto do mais alto grau das faculdades humanas. E, sobretudo, a Philosophia, a sciencia das sciencias, deve ser o pharol que tem de illuminar a Historia, como outr'ora os nautas tinham por único guia os brilhantes encastoados no céo, e com elles, a fé e a religião dominavam obstaculos e vinham em busca de novas terras. E enquanto a Philosophia atravessa orgulhosa estradas e estradas, seculos e seculos, em uma horizontal indefinida em busca de um fim, o outro elemento indispensavel na Historia, a Arte, despeja-se por sôbre ella como a luz do sol, sem tempestades, em mil turbilhões, placida, tranquilla, submissa. Goethe, no ***Espelho da Musa***, poz em destaque as revoluções da sciencia, representadas na caudal de um rio e a placidez da Arte gravada no quietismo de um lago.

« Desejosa de se enguirlandar, a Musa percorria, ao dealbar, « o curso de um rio, procurava o recanto mais calmo. Todavia, « buliçosa e espumarenta, a superficie fluctuante desfigurava, « incessantemente, a imagem incerta. Virou-se a deusa, irritada,

« Então, o rio entrou de ridiculariza-la, dizendo: « Sem duvida « tu não podes observar a Verdade, tal qual te mostra o meu es-« pelho na sua pureza. Entretanto, já estava longe a Musa, mi-« rando-se no lago, possuida de sua belleza e arranjando os seus « atavios. »

« Arte, não se comprehende esposada com artificios: delles se divorcia como o Hymalaia das dunas. O artista obra com elegancia, o artifice com opulencia burgueza. É como um dedo de homem cheio de anneis. Um recolhe mais tintas, côres suaves como as indica a Natureza; o outro carrega nos tons, avermelhando tudo, ennegrecendo tudo.

« Assim, o artista escreve, e o artifice escrevinha. Arte e sciencia, o que vale dizer — elegancia e verdade — são os elementos com que se exercita o historiador, para investigar os factos, colorir as epochas, pintando a austeridade das physionomias ou o ridiculo dos characteres.

« Graças, portanto, ao sublime amor pela Verdade, que tanto distinguiu e immortalizou Voltaire e Montesquieu, Bossuet, Renan, Taine, Michelet, Lamartine, Thiers, Henri Houssaye e tantos outros, podemos hoje aquilatar do verdadeiro valor dos grandes vultos que encheram os seculos de exemplos de abnegação, patriotismo e altivez, escrevendo com o heroismo e a intelligencia paginas e paginas da Historia da humanidade.

« A Historia do mundo, no pensar de Carlyle, é a biographia dos grandes homens. E todos nós sabemos quanto é difficil lhes conhecer profundamente o character. Mas, ahi é que o papel do psychologo finissimo e atilado se revela herculeo e soberano. E para nós, é na Historia Militar, onde mais essencial se faz o exercicio constante da Psychologia, para se poder pintar com verdade, entre as contingencias das batalhas, os homens que as batalharam.

« Além disso, o estudo da guerra no tempo e no espaço, ou, melhor, o estudo do phenomeno da guerra, requer um cultivo especial do espirito, um conhecimento bem amadurecido das sciencias abstractas, sobretudo da Sociologia — sciencia sem fronteiras — que, infelizmente, não são familiares a muitos dos nossos historiadores militares.

« Basta encarar a guerra sob o ponto de vista politico-social. Si não houver idéas bem assentadas, juizo formado e firme das escholas philosophico-sociaes que a explicam, que impressão, por exemplo, tereis dos philosophos theistas, mostrando-nos a guerra como um facto providencial, succedendo-se na terra pela divina vontade do Ente Supremo?

« Que impressão não tereis dos chamados *humanitarios*, tentando mostrar que a guerra é illicita, e que não procede da natureza humana, mas da malvadeza do homem?

« Como julgar os *panegyristas* da guerra, estudando-a com visos utilitarios, proclamarem, *que a guerra é a fonte de todo o progresso humano?*

« Que eschola seguireis, que partido abraçais, nessa controversia absoluta?

« Imaginae, portanto, o historiador sem esses conhecimentos superiores da Sociologia e, principalmente, da Psychologia. Teremos historia sim, mas historia que narra simples e puramente os factos, sem cogitar das epochas e dos homens que os produziram. Entretanto, senhores, os effeitos de um successo, principalmente do successo militar, são o resultado mathematico, immanente de causas todas moraes.

« Thomaz Carlyle, apezar de ser um dos maiores isonistas, era sem dúvida, como Nietzsch, profundo pensador. Na sua — *A Revolução Franceza* — elle já dizia que « os acontecimentos e os successos não são mais do que festas de costumes », como que affirmando não serem elles sinão consequencias immediatas, implicitas e inseparaveis do estado social que os produziram. Historiar, em ultima analyse, sem penetrar fundo no amago dos acontecimentos, estudando os homens e a atmosphera moral-social que respiram, será o que quizerem, menos historiar. E esse estudo é tanto mais essencial quanto se sabe que em guerra os tres quartos das probabilidades da victoria dependem das condições moraes, um quarto apenas das materiaes. Não é o fraco e humilde orador que isso assevera, mas o astro maior que illuminou a sciencia e a arte da guerra — Napoleão Bonaparte.

« Mas já o archiduque Carlos dizia : « que a guerra não é officio para ignorantes. » E tinha bem razão. Por isso, em todas

as epochas, a intelligencia e a moral, isto é, a mente e o character, foram os factores sem os quaes não ha victorias.

« Na historia das guerras, salvo como excepção de regra geral, encontrareis generaes mediocres vencendo batalhas. Occorre-me agora Watterloo, sôbre a qual Victor Hugo escreveu este epigramma celebre: *Uma batalha de primeira ordem ganha por um general de segunda.* Entretanto, não bastam generaes de primeira ordem para que se façam victoriosas as batalhas. É preciso que o espirito militar da nação em armas seja de facto muito elevado para que se não repita o epigramma de Victor Hugo.

« Dragomiroff, escriptor militar dos mais notaveis, no seu — *Manual para instrucção das tropas em combate* — faz a seguinte declaração: « Si o fim da arte da guerra é o conhecimento perfeito das propriedades dos elementos militares, si o mais importante entre elles é a energia moral do homem, resalta evidente quanto seja immensamente necessario procurar desenvolver energia, reforçando-a o mais profundamente possivel.» Accentuando mais o seu pensamento, diz ainda: « Si a elasticidade moral, no senso puramente militar, representa parte tão importante na formação do soldado, conclue-se que se devem empregar todos os exforços em tempo de paz para desenvolver no maximo gráo essa qualidade.

« Si, pois, senhores, o elemento moral tem tão elevado significado, elle mais se manifesta na guerra naval, onde intervallos de tempo se contam por segundos, dadas as grandes velocidades dos novos elementos de combate. O estado moral das guarnições a bordo, nos limites estreitos de um navio, onde o contacto ás vezes demasiado, a promiscuidade em certas occasiões, concorrem para crear attrictos prejudiciaes, depende grandemente da relação intima que deve existir entre todos os homens na esphera dos seus deveres militares.

« Cumpri os vossos sem vos immiscuirdes nos alheios deveres e tereis essa engrenagem psychologica, docil, difficil, maleavel, chamada marinha de guerra.

« Mas, senhores, o dever só fructifica, cria raizes e se exerce quando ha confiança no direito, certeza na justiça e amor á equi-

dade. Do contrario, em vez da iniciativa e do valor moral-militar, teremos a tibieza e até a falta de confiança em si proprio. E si observamos esta verdade em tempo de paz, a differença será fatal em guerra, onde tudo depende dos successos e das perdas. Na historia da marinha á vela encontrareis um facto que bem define que o maior factor do espirito militar é a justiça militar.

«A batalha de Toulon, em 1744, notavel pela coincidencia de terem respondido a conselho de guerra os dous chefes das esquadras belligerantes, franceza e ingleza, nos dá exemplo frisante do valor moral da justiça. O vice-almirante inglez Leztock, que commandava a retaguarda, foi accusado de não ter participado da batalha. Mas o conselho, ouvindo as suas desculpas, decidiu que, segundo as ordens recebidas, estava elle justificado por não ter obrigação alguma de deixar a sua posição sem que o signal — atacae o inimigo — lhe houvesse sido feito. O commandante supremo, almirante Mathews, accusado de haver rompido a linha de fila, deixando a sua posição, embora esta manobra fosse precisamente para atacar, foi julgado pelo conselho inhabil no commando e condemnado á degradação.

«A conducta, senhores, do vice-almirante Leztock, na batalha de Toulon, foi, ninguem o contesta, criminosa! Entretanto, foi absolvido pelo conselho, formado por seus pares, só porque se havia apegado á existencia de uma carta dando-lhe ordens. Por seu lado, o almirante francez De Court foi exonerado do mando. Clerk, grande escriptor e psychologo inglez, commentando esses factos, nos diz que a condemnação do almirante Mathews foi a origem de todos os desastres mais tarde soffridos pelas esquadras britannicas. E o acatado escriptor, na sua obra *Batalhas navaes da Inglaterra* escreve: «A sorte do almirante Mathews é sem duvida extremamente injusta e parece haver produzido tal impressão sôbre o desgraçado Byng que este se fez quasi pusilanime ao atacar mais tarde o inimigo, com receio de ficar separado da sua retaguarda». E um notavel commentador da obra de Clerk, com finissima ironia, accrescenta: «e para que um pouco mais de energia, verdadeiramente britannica, penetrasse no animo da marinha, achou-se necessario fuzila-lo, como o espirituoso Voltaire disse — *para encorajar os outros.*

*

« Alfredo Mahan, por seu turno, faz em nota as seguintes considerações:

« Não existe, na moderna Historia Naval, nenhum ensinamento mais salutar para os officiaes de marinha do que o resultante da batalha de Toulon. » No seu pensamento, a licção está no perigo de uma queda deshonrosa, a que estão sujeitos todos aquelles que se teem exquecido de se preparar na paz, não só sôbre os conhecimentos da sua profissão, como ainda sôbre as necessidades de um variado cultivo do espirito philosophico.

« A média dos homens não é covarde nem ignara, mas nenhum possue, dada pela natureza, a faculdade essencial de discernir o que se deve fazer de mais producente no momento critico.

« Ganha-se essa virtude sómente com a experiencia e a reflexão, funcções implicitas do desenvolvimento intellectual adquirido na practica incessante em manusear a historia dos grandes homens com amor e dedicação. Si esses dotes faltam, é irremediavel a indecisão, já porque se não sabe o que fazer, já por se não comprehender qual o sacrificio, que a nós proprios se nos impõe. De um dos commandantes condemnados após a batalha de Toulon se disse: « Nenhum outro teve reputação mais bella e honrosa antes da desgraça que manchou irreparavelmente o seu nome. Muitos dos seus contemporaneos, altamente collocados na estima publica, não puderam comprehender, antes dos factos bem estabelecidos, que um homem do valor do commandante Burrish houvesse podido se conduzir de um modo tão covarde. Elle contava 25 annos de importantes serviços á Patria, dos quaes 11 no mar como commandante de navio. Tambem Richard Norris, que desertára para não responder a conselho de guerra, tinha fama illibada. »

« Esses factos, senhores, levaram a marinha ingleza pelo caminho inevitavel das mais crueis provações. Em tempo, porém, a Inglaterra reconheceu o grave e damnoso processo de fazer justiça, de educar as suas fôrças navaes arbitrariamente, aterrorisadoramente, e procurou na confiança das leis, no amor á equidade, no respeito reciproco de officiaes e praças, e chefes e sub-chefes, esperar melhores resultados. Foi já sob o imperio da Justiça que lord Jervis pôde escapar da sorte, que o aguarda-

ria em outra epocha, quando, em 1 de Dezembro de 1796, tendo reunido no porto de Gibraltar 15 navios, em 6 do mesmo mez perdeu tres delles, arrojados em alto mar por effeito de um temporal, naufragando um e ficando outro completamente desarvorado.

«Pouco depois, ao se dirigir a Lisboa, lord Jervis perdeu dous outros e ainda ao deixar o Tejo teve de lamentar o naufragio de mais um.

«O Almirantado, porém, cujos processos de administrar haviam passado por uma transformação radical, em vez de manda-lo fuzilar por ter perdido um terço da sua esquadra, apressou-se em enviar-lhe mais navios. Em 14 de Fevereiro, poucos mezes depois, senhores, Jervis batia-se heroica e habilmente em S. Vicente, dando á Inglaterra uma victoria estrondosa.

«Não ha negar que muito depende a victoria do ardor, do sangue frio e dos talentos do commandante em chefe. E' notavel, a tal respeito, o facto que os marechaes de Napoleão, apezar de experimentados na guerra, combatiam melhor, desenvolviam mais energia nas batalhas em que Napoleão se achava presente. Comparae a campanha da Italia com a de Portugal ou a de Hespanha, dirigida por seus marechaes, e chegareis á conclusão de que o reflexo do chefe se projecta sempre intensamente sôbre a massa dos combatentes.

«Mas onde não ha justiça, onde não se respira o *Forum et Jus* que fez a grandeza de Roma, onde não se ouve a voz do povo que é a nação, onde, finalmente, impera a vontade soberana das facções, pisando leis, direito, justiça e merito, não ha, não haverá, senhores, nem chefes, nem officiaes, nem fôrça, nem victoria.

«Dahi a explicação para as derrotas russas na guerra contra o Japão; dahi a China suffocada e humilhada deante do Imperio do Sol Nascente; dahi o exterminio da Africa pela Inglaterra, pela Allemanha, pela França; dahi a Turquia vendo fugir a pouco e pouco o seu imperio colonial, arrebatado, como Cuba á Hespanha, em nome da civilização pela Italia forte e progressista de Vittorio Emmanuel III, o rei liberal que, ao assumir a direcção dos destinos italianos, soube exquecer partidos, luctas, formando

o ministerio Zanardelli, modelo patriotico de união inquebrantavel entre os grandes elementos dispersos outr'ora, mas que hoje se congregam em torno do imperio, em prol do engrandecimento da bella patria de Cavour e Mazzini.

«Não foi sinão pelos mesmos motivos de cohesão, tolerancia, grandeza moral e fôrça, que o imperio de d. Pedro II, e o Brasil livre e forte dos tempos do visconde do Rio Branco, Cotegipe, Ouro Preto, Dantas, Zacarias e outros, puderam unidos, ermanados pelos mesmos ideaes, esmagar a tyrannia abominavel de Lopez, livrando a civilização latino-americana do exemplo funesto e horripilante do caudilhismo militar implantado naquellas plagas dignas de melhor sorte.

«E' por isso que eu digo, as armas podem transformar-se e com ellas a tactica, mas as mãos que as manejam e os corações que as fazem vibrar, restam inevitavelmente os mesmos. E foi assim que em Trebia, Bragation approximando-se de Suvaroff, o louco afortunado como lhe chamavam, e notavel auctor da «Sciencia de vencer», pediu-lhe para retardar o ataque até que chegassem reforços, pois não havia mais que 40 homens em cada companhia.

« Suvaroff, immediatamente, respondeu-lhe :

«Mas, Macdonald não tem mais do que 20, atacae immediatamente pelo amor de Deus».

«Na guerra russo-japoneza facto identico passou-se com o general Oku. Já ia longa a peleja em Nan-Shan e a noite parecia querer envolver os combatentes, quando Oku recebeu do commandante de uma das divisões do seu exercito a noticia de que já não havia mais munição. Sem perder siquer um segundo, Oku ordenou que o general carregasse a bayoneta. Os regimentos seguiram na carga impetuosa, e a batalha pouco depois estava ganha.

«Porventura, senhores, no mar as coisas terão outra feição ? Vejamos como Nelson nos offerece a mais brilhante prova de que a energia moral, a verdadeira energia, é indomavel e irresistivel.

«Muitas vezes, senhores, na administração da marinha, se tem visto almirantes de incontestavel competencia para apreciar

as qualidades dos seus subordinados; mas tambem visto se tem, e frequentemente, que, ao serem empossados de tal administração, perdem a faculdade de percepção a tal ponto de se verem incapazes de distinguir o merito vulgar do merito excepcional. Foi por uma dessas desventuras que infelicitam uma classe inteira, e quiçá a propria Patria, que Nelson, apezar de haver demonstrado rara habilidade e energia em alguns combates nas Indias Occidentaes, se viu entregue ao ostracismo por ser, diziam, um violento, um agitado, um subversivo. Tinha elle 26 annos de edade, e por sua capacidade e bravura era o indicado pelos seus pares que não conheciam a inveja nem o despeito, como o mais capaz para commandar em chefe. Entretanto, escreve Jurien de la Gravière, Nelson era considerado como um espirito irrequieto, agitador, que levantava suspeitas á alta administração, perturbada na sua calma olympica, e esta foi a razão pela qual a alta administração naval ingleza julgou melhor não prestar nenhuma attenção aos talentos sobrenaturaes de Horacio Nelson.»

« Quando em 1788, desgostoso com o que elle chamava «a fadiga da inanição», pediu para embarcar, nem ao menos o pedido do principe Guilherme lhe valeu, porque Herbert, secretario do Almirantado, e o conde de Chatam se oppuzeram tenazmente ao seu pedido. Por fim, Nelson, perdidas as esperanças, procurou passar para a reserva. « Eu estou certo, dizia elle, de « haver sido sempre um official devotado ao serviço e de não ter « jámais commettido um só êrro com consciencia.»

« O Almirantado, senhores, estava convencido de que precisava de homens de energia e de talento para os commandos, mas ao mesmo tempo olhava Nelson como um agitador, como si fosse possivel exercer a energia sem incommodar a muitos! Por fim Nelson foi chamado, e no ataque de Copenhague bem sabeis como sómente devido á sua energia, fingindo não perceber o signal do seu chefe, pôde salvar a esquadra ingleza de um desastre inevitavel.

« São dessa estofa, senhores, que se fazem os homens capazes de se sentarem no vertice do mundo e transformá-lo do infimo ao supremo. Mas eu já tenho abusado muito da vossa bon-

dade. Antes de terminar, porém, permitti, sr. presidente, que mais uma vez eu agradeça do fundo de minha alma a vossa immerecida gentileza, recebendo um apoucado servidor da Patria no vosso placido e subido scenaculo. E esses agradecimentos tão humildes, mas profundamente sinceros, recaem, sobretudo, no dr. Escragnolle Doria, cuja bondade lhe levou a lêr os meus fraquissimos trabalhos, que me deram agasalho entre vós.

« Si delles resultou a honra indevida de estar hoje aqui, não posso atinar qual fosse o merito encontrado. Quer-me parecer, entretanto, que atravez das paginas empobrecidas pela minha inopia, o dr. Doria poude lobrigar que não os escrevi sómente para a Hespanha, mas principalmente para os Brasileiros.

« Foi em 1902, ha dez annos, quando mal o Brasil saïa da sua gravissima crise financeira e economica, que eu o redigi.

« Nas suas paginas transbordava o receio, o panico, a desconfiança, quasi a certeza de que mais não eramos do que mera projecção geographica, olhada pela cobiça da politica imperialista dominante entre as potencias. Eu via atravez o exemplo hespanhol, a derrota, a ruina, a deshonra, desde que o Brasil permanecia indefeso, suas costas escancaradas, seu exercito enfraquecido, sua marinha esphacelada em Campo Osorio.

« Meu ser se revoltava todo ao lembrar-se de que haviamos sido a quinta potencia do mundo, e por todas essas razões o meu patriotismo inspirou o *De Cavite a Santiago de Cuba*, que, si foi recompensado pela Hespanha com a Cruz do Merito Naval, com certeza, senhores, visou mais o Brasil, porque procurava dar o grito de alerta mostrando-lhe que a « oliveira é cultura ephemera nas costas de um paiz indefeso » ; que navios se adquirem, é só questão de mezes e de dinheiro ; mas que nenhum dinheiro póde substituir a historia e as tradições de uma marinha, nem cicatrizar as chagas de um aviltamento ; que navios se fazem construir do ultimo ao mais aperfeiçoado typo, mas se não fazem nem se fabricam homens para guarnece-los conscientemente, efficazmente ; que sómente dos seus sentimentos, das suas virtudes, do seu moral, sempre fortalecidos e retemperados pela justiça e pela intelligencia da administração, é que elles

attingirão o valor moral preciso para se transformarem em gigantes no dia sublime da victoria.

« Talvez fosse isso, isso só que o illustrado mestre de Historia poude descobrir como merito no meu tão imperfeito e insufficiente esfôrço. Mas, senhores, perdoae, si aqui não entrei como triumphador.

« Mas, me sinto bem entre vós! Sempre fui um apostolo do trabalho, um apaixonado dos livros, um fervoroso crente do papel educativo da Historia.

« Militar que sou, nunca pretendi destruir!

« Feliz, portanto, me sinto entre vós, cuja missão excelsa e essencial é construir.

« Convosco quero sómente conhecer as luctas do cerebro; neste remanso do altruismo e intellectualidade, quero tambem brandir a penna, vibrar a palavra; quero convosco folhear uma por uma as paginas grandiosas da Historia, para aprender a luctar sómente com o espirito e a idéa, com a razão e o pensamento, com a verdade e a justiça.

« Tenho concluido.» (*Applausos*).

Respondeu o sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, orador do Instituto, nos seguintes termos:

« Sr. presidente — Minhas senhoras e senhores — Illustre consocio, sr. capitão-tenente Raul Tavares — Representante esclarecido de uma nobre classe, na qual o Brasil tem contado servidores de altos predicados intellectuaes e moraes, e o nosso Instituto galhardos trabalhadores da ordem de Augusto Leverger, Costa Azevedo, Garcez Palha, Calheiros da Graça e outros ornamentos da marinha de guerra brasileira, que ainda felizmente illustram as nossas fileiras; apaixonado cultor das cousas da Patria, vindes, sr. capitão-tenente Raul Tavares, tomar parte neste cenaculo, que muito acertadamente intitulastes *placido e subido*. *Placido*, porque o tumulto das paixões, as dissenções politicas e partidarias aqui não encontram guarida no terreno neutro e sagrado da verdade; *subido*, porque servimos todos aqui com enthusiasmo e afan a um dos mais altos interesses da Patria.

« Ella não se engrandece apenas com estradas e avenidas,

com estatuas e monumentos, com progressos de industria. Tudo isto seria um apparato transitorio, si a grande « mestra da vida » se não incumbisse de gravar em seus annaes a historia do passado e do presente, a biographia dos Brasileiros illustres que deixaram á posteridade nobres modelos, os dados geographicos positivos em que se hão de basear os cidadãos de ámanhã para dilatar o campo de sua actividade e aproveitar os phenomenaes elementos de riqueza, que a Providencia nos concedeu.

« Acabais de dizer-nos, illustre confrade, que foi vosso patriotismo o inspirador dessa memoria *De Cavite a Santiago de Cuba*, com que, entre outras producções, vos apresentastes aos nossos suffragios.

« Fallando de Hispanha, tinheis os olhos no Brasil, e procurastes dar o grito de alerta mostrando-nos que « a oliveira é cultura ephemera nas costas de um paiz indefeso ». Vosso ardor patriotico, digno aliás do mais caloroso encomio, inspirou talvez uma phrase que não corresponde a esta outra nobilissima profissão de fé: « Militar que sou, nunca pretendi destruir ».

« Creio, quanto a mim, que a oliveira deverá ser em qualquer circunstancia a *cultura predilecta* da nossa terra americana, destinada a receber no futuro o grande legado da civilização mundial, sem que isso importe o desprêzo dos elementos preciosos de defesa acconselhados pela previdencia e pelas licções da propria Historia. Somos parcella da humanidade, e esta é contingente, sujeita ao dominio das ambições nefastas e condemnaveis.

« As precauções materiaes que nos ponham a salvo das lufadas do temporal são acconselhadas portanto como medidas de alta politica e de bom govêrno; não posso nem pretendo nega-lo. Mas todos nós, Brasileiros, amamos particularmente a paz, somos partidarios dos triumphos gloriosos da paz, e por esta senda florida queremos o engrandecimento da Patria.

« O Instituto Historico reconhece em vós, esclarecido confrade, um apostolo destes mesmos ideaes, e por mais esta razão vos recebe com jubilo, esperando o vosso concurso dedicado nestes nossos certames, onde não vibram outras armas sinão as da razão, onde não almejamos outras conquistas que não sejam as da Verdade e da Justiça.

« Entrae pois, sentae-vos neste cenaculo, e que o espirito da Verdade e da Justiça vos illumine sempre e a todos nós, para entregarmos aos posteros accrescida, aperfeiçoada, a obra meritoria que recebemos da mão de nossos brilhantes antecessores.

« São estes os votos do Instituto, que vos saúda.» (*Applausos*).

Em seguida pede a palavra o SR. 1.º SECRETARIO INTERINO e, em lingua franceza, dirige uma saudação, em nome do Instituto, ao professor padre Deiber, illustre egyptologo presente á sessão.

« Diz ter sido encarregado pelo sr. presidente de prestar uma homenagem ao professor Deiber, em nome da associação.

« Ignora si lhe sobrarão fôrças para exprimir o prazer e a satisfacção dos seus consocios ao accolherem o professor Deiber. Os estudos deste o fizeram subir o curso da Historia, conhecendo dest'arte as phases de evolução dos povos mais antigos da terra.

« Demorando-se nas margens do Nilo, o sr. Deiber logrou ensejo de entrar em contacto com o mysterioso Egypto, acerca do qual os seus sacerdotes observavam a Solon: « vós outros, ó Gregos, em confronto comnosco, sois umas crianças ».

« Accrescenta que o sr. Deiber, depois de haver subido a corrente da antiguidade classica, acaba de descer a corrente da civilização moderna, vindo ver-nos, estudar-nos e estimar-nos.

« Termina repetindo que, com muita satisfacção, cumprimenta em nome do Instituto o illustre egyptologo presente, honra da Ordem Dominicana.»

O professor Deiber, em rapidas e incisivas palavras, confessa-se profundamente agradecido ao Instituto pela sua homenagem, cordial e espontanea.

« Avalia e encarece o renome mundial do Instituto e agradece ao seu interprete, o sr. 1.º secretario interino, o modo fluente e elevado com que soube sauda-lo, rendendo preito á França.»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que nada mais havendo a tractar, nem desejando socio algum fazer uso da palavra, vai levantar a sessão.

« Antes, porém, de faze-lo, occorre-lhe o dever de agradecer, pelo Instituto, a presença, grata e honrosa, das ex.mas

senhoras e dos distinctos cavalheiros que deram realce á presente sessão.»

Levanta-se a sessão ás 4 1/2 da tarde.

Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, 2.° secretario interino.

7.ª SESSÃO ORDINARIA, EM 16 DE OUTUBRO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Ás 4 horas da tarde, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, dr. Gastão Ruch, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, major dr. Liberato Bittencourt, dr. José Pereira Rego Filho, dr. Eduardo Marques Peixoto, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, capitão-tenente Raul Tavares, dr. José Americo dos Santos, dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, dr. Leopoldo de Bulhões e dr. Pedro Souto Maior.

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA (*2.° secretario interino*) lê a acta da sessão anterior, a qual, sem discussão, é unanimemente approvada.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (*1.° secretario interino*) communica não haver nem expediente, nem pareceres.

Communica tambem que se acham, na sala da Directoria, os novos socios srs. drs. Alfredo Valladão e Eurico de Góes, que veem tomar posse de seus logares de socios effectivos.

Solicita do sr. presidente a nomeação de uma commissão para introduzi-los no recincto.

O SR. PRESIDENTE designa para tal fim os srs. 1.° e 2.° secretarios interinos e o sr. thesoureiro.

(*Dão entrada no recincto, prestam o compromisso dos Esta-*

tutos e tomam posse de suas cadeiras de socios effectivos os srs. drs. Alfredo Valladão e Eurico de Góes).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) concede a palavra ao novo socio sr. dr. Alfredo Valladão, o qual pronuncia o seguinte discurso:

« Ex.mo sr. presidente. Meus senhores:

« Entre os titulos que a vossa benevolencia encareceu, ao me admittir nesta companhia, figura o trabalho que produzi sôbre a *Campanha da Princeza*.

« E captiva-me, sobremodo, a deliberação que haveis tomado, de faze-lo publicar em vossa *Revista*.

« Da Campanha, posso dizer como o vate:

« Esta é a ditosa Patria minha amada! »

« Carinhoso estudei a sua historia. E, por isto, ao entrar neste recincto, não exclamarei como o doge de Veneza, quando se achou em Versailles — *o que mais me admira é eu estar aqui!*

« Certamente, ha muito que estou convosco. É que nos horizontes de minha cidade natal eu diviso, em sua maior parte, os grandes problemas da Historia Brasileira.

« Alli estiveram as heroicas *bandeiras*, que dilataram o nosso territorio.

« Alli resplandeceu este *ouro*, que attraïu, fixou e naturalizou populações, fazendo de Minas Geraes o berço de nossa nacionalidade!

« Alli residiu Alvarenga Peixoto, figura proeminente da Conjuração Mineira.

« E o espectaculo das minas da Campanha, onde trabalhavam os escravos,

« Aos penosos serviços costumados »

lhe inspirou este amor á causa da abolição, que elle deixou transparecer desde a bellissima oitava do *Canto Genethliaco*.

« Da Campanha, esperava Alvarenga Peixoto levar o mais forte contingente de pessoas para a obra da Conjuração.

« Alli viveu no fausto, e submergiu na loucura, Barbara Heliodora, a heroïna da Inconfidencia!

« Alli, Maria Iphigenia, a *princeza do Brasil,* brincava descuidosa, quando a sentença de infamia lhe caïu sôbre a loura cabeça, arrebatando-lhe a vida!

« Em minha cidade natal se acha, como vêdes, a pagina mais interessante da Inconfidencia!

« Certo, não foi o nome da *princeza do Brasil,* não foi o nome de Maria Iphigenia que se ligou á Campanha da Princeza: foi o nome da princeza da Beira.

« Mas, a escolha veiu da metropole; partiu de Maria I. Houvesse de escolher, a Campanha ter-se-hia pronunciado pelo nome da *princeza do Brasil.*

« E é bem verdade que se creou alli uma consignação voluntaria *para os alfinetes da princeza da Beira.*

« Mas, eu não preciso apanhar do chão o mobil deste acto!

« Erigida em villa sob os auspicios da princeza, havia a Campanha de agradecer esta honra; era um dever de cortezia.

« E explica-se o exaggêro com que o fez; foi um acto de *finura diplomatica,* como salientou o vosso eminente consocio, dr. Viveiros de Castro.

« Com o poder daquelles *alfinetes,* a Campanha venceu as hostilidades de S. João d'El-Rei e, como eu vos mostrei, conquistou para o seu termo o territorio de um Estado!

« Foi uma revelação do genio indigena. Transmudado para o scenario internacional, um expediente como este faria honra a Metternich.

« A Campanha jámais exqueceu a pagina que lhe pertence na historia da Inconfidencia!

« Culminaram, nesta pagina, o sentimento da honra e o amor da Patria: esta pagina, mais do que tudo, é a propria heroïna da Inconfidencia!

« O espirito de Barbara Heliodora presidiu, de facto, os destinos daquella terra!

« Viera-nos, com d. João VI, a independencia, pois outro effeito não podia ter a transplantação da côrte para o Brasil.

« E bem o comprehenderam os habitantes da Campanha.

« Dahi o enthusiasmo e a fidalguia, com que receberam a noticia da chegada de d. João VI.

« Enfeitam a villa; realizam festas publicas com a maior pompa.

« Attendendo a uma recommendação do governador da capitania, abastecem o Rio de Janeiro de gado e de víveres.

« As tropas descem para aqui a meudo.

« E tudo isto á custa do bolso particular; dispensam a contribuição que o governador offerecia.

« O capitão-mór da villa, João Manuel Pinto Coelho Coutinho, para mais accentuar o desinteresse da sua offerta, deixa em testamento seis mil cruzados a d. João VI.

« Era a propria independencia, que elles festejavam por esta fórma!

« Mas, não param ahi os seus cuidados pela causa nacional; accompanham-na em todas as suas phases.

« Em relação á permanencia de d. Pedro no Brasil, ao que pude lêr, são tardios os votos que alli se fazem: o *fico* já estava pronunciado.

« Entretanto, isto se deve á distancia em que a Campanha se achava, e á urgencia com que o emissario do Rio de Janeiro angariou as representações de Minas.

« Realmente, ainda nessa hora, Minas não falhou!

« Muitas villas representaram naquelle sentido, e a de Barbacena teve a primazia, em todo o paiz, como salientou José Clemente, na sessão da Camara dos Deputados em 1841.

« Em Junho de 1822, a Camara da Campanha pede uma Constituição brasileira.

« E já se achava neste proposito, accentuou então em patriotico discurso o coronel Mathias Gonçalves Moinhos de Vilhena, antes de se conhecer alli que o Senado do Rio de Janeiro havia feito egual pedido.

« Em 12 de Outubro, Pedro I é acclamado, na Campanha, imperador do Brasil, mas com a clausula de prévio juramento á Constituição que a Assembléa votasse.

« A clausula, porém, alarmou os cortezãos!

« E não tardou que os procuradores geraes das provincias

colligadas, por intermedio do marquez de Valença, lançassem o seu protesto, considerando-a *virulenta, intempestiva e nulla!*

« Entretanto, fundadas suspeitas dictaram aquella clausula!

« Já pela abertura da Constituinte, Pedro I dizia com ambiguidade, *esperar que se votasse uma Constituição digna delle e do Brasil, e que, sendo assim, a defenderia.*

« Andrade Lima e outros deputados protestam, pedem explicações!

« José Bonifacio procura acalma-los, extranhando que « do mel mais puro do discurso do imperador, haja quem queira distillar veneno. »

« Mas, em 12 de Novembro, Pedro I decretava que a Assembléa se dissolvesse, commandando em pessoa a execução desta ordem!

« E, como diz um illustre historiador, « nunca mais se atou o laço rompido da confiança nacional »!

« Certo, Pedro I offerece uma Constituição ao paiz; e fa-la approvar pelas Camaras Municipaes.

« Mas o Brasil estava alerta!

« Os patriotas se arregimentaram para o combate, que não tardou!

« E, entre os legionarios, a Campanha se orgulhava de ver um de seus mais illustres filhos, o padre José Bento Leite Ferreira de Mello.

« Era uma figura da vanguarda!

« Alguns tinham mais culto o espirito, mais sonóra a palavra, mais aparada a penna; José Bento não era um Vasconcellos, não era um Honorio, não era um Evaristo.

« Ninguem, entretanto, mais sincero do que elle, nem mais tenaz, nem mais destemido!

« E, por vezes, a sua intelligencia despediu clarões!

« Em 1810, parochiava o antigo povoado do Mandú, a que se dedicou em extremo, transformando-o na encantadora villa de Pouso Alegre.

« E se constituiu, desde aquella epocha, o prégoeiro da causa nacional no Sul de Minas.

« Destaca-se por tal fórma que, em 1821, faz parte do governo provisorio, que se installou em Ouro Preto.

«E, em 1826, entrava para a Assembléa Geral, onde teve assento em tres legislaturas consecutivas.

« Ahi, o seu papel estava indicado.

«*Só é Brasileiro quem é constitucional:* era o lemma dos patriotas!

« José Bento toma seu posto na lucta parlamentar, que vai renhida até o glorioso *7 de Abril.*

« Mas a causa nacional não se pleiteou, apenas, na Assembléa.

« Agitou-se, tambem, na imprensa, o seu maior sustentaculo.

« Foi na *Aurora Fluminense* que o vulto de Evaristo da Veiga culminou!

« Em 1830, José Bento funda, em Pouso Alegre, o *Pregoeiro Constitucional*, a primeira folha que appareceu no Sul de Minas, e que se havia de ligar, para sempre, á historia liberal do paiz!

« Era uma folha vibrante, o ferro em braza na chaga do absolutismo!

« E o *Pregoeiro Constitucional* repercute em Minas, como no Rio a *Aurora Fluminense.*

«Na *Aurora* estava o *principe da Imprensa:* não havia asperezas.

«E era o que convinha á causa nacional em um meio tão dividido, como o Rio de Janeiro.

« A *Aurora* começou *moderada.*

« Em José Bento, o jornalista era um accidente.

« Antes de tudo, elle era um liberal; e o *Pregoeiro* o seu instrumento.

« O *Pregoeiro* nasceu liberal; e o calor de sua linguagem ia bem naquelle meio.

« Em Minas, estava a alma da liberdade!

« Era pelo voto de Minas que a figura extraordinaria de Evaristo da Veiga occupava uma cadeira na Camara.

« Era de Minas o vulto proeminente de Honorio Hermeto.

«Era de Minas, e do então municipio da Campanha, José Custodio, que não deu um momento de socêgo ao absolutismo!

« Era de Minas o gigante parlamentar, que se chamou Bernardo de Vasconcellos!

« E por tal fórma vibrava naquella terra o espirito liberal que, do alto de suas montanhas, em solenne desafio, Bernardo de Vasconcellos annunciava a Pedro I a proxima derrota de seu ministro Silva Maia!

« Impressionado, Pedro I corre a Minas!

« Mas é recebido a dobre de sinos: o povo estava nos templos, orando por Libero Badaró, um martyr da Liberdade!

« E, alli mesmo, elle assiste á derrota do seu ministro!

« Foi Minas que convenceu a Pedro I de que a nação o repudiava.

« O *7 de Abril* é, em grande parte, uma obra de Minas.

« Mas esta obra iria por terra, si os patriotas não estivessem vigilantes.

« E José Bento foi o primeiro a dar o alarma! Mal se abria a Camara, e elle propunha se organizasse, com urgencia, a milicia civica, pois a segurança publica estava em perigo!

« E não tardou que a tempestade se desencadeasse: amotinam-se os *exaltados,* insurgem-se os militares.

« A anarchia vem para a rua!

« E o paiz ter-se-hia dissolvido, si não surgisse o pulso forte de Feijó, apoiado na guarda civica.

« Mas, em 1832, de novo os horizontes se carregavam.

« E, agora, o maior perigo não era a anarchia: era a restauração!

« Os *restauradores* alçam o collo.

« E o Senado, em que dominavam os amigos de Pedro I, oppõe-se tenazmente ás medidas liberaes que a Camara approvara, na reforma da Constituição.

« Combina-se um golpe de Estado!

« A Camara assumira funcções de Assembléa Nacional, votando uma Constituição que estava prompta.

« José Bento a trouxera de Pouso Alegre, impressa no *Pregoeiro Constitucional.*

« Esta Constituição tornava una a regencia; supprimia o poder moderador, passando as suas funcções para o executivo, salvo o direito de dissolver a Camara, que era revogado; retirava ao imperador o titulo de *defensor perpetuo do Brasil,* esta-

belecia a temporariedade do Senado, com o mandato de seis annos, renovando-se o terço de seus membros de dous em dous annos ; abolia o Conselho de Estado ; e, finalmente, creava Assembléas Provinciaes, com attribuições mais amplas do que as conferidas, posteriormente, pelo Acto Addicional.

« A medida era imposta por Feijó, como de salvação publica!

« Evaristo da Veiga accedeu. E, na memoravel sessão de 30 de Julho, seria aquella a Constituição do Brasil, si não fósse Honorio Hermeto.

« Entrou na Camara o officio, com que a regencia se demittia. E, alli mesmo, a commissão respectiva lavrou o seu parecer ; era pela urgencia do golpe de Estado.

« Não foram muitos os oradores a fallar, esta urgencia não permittia ; e, entre elles, se destacava José Bento, defendendo a causa liberal, em energico discurso.

« Estava imminente o golpe de Estado !

« Mas, sem que fosse esperado, Honorio Hermeto toma a palavra. Faz justiça ás intenções de seus collegas ; mas condemna a violencia do processo.

« A sua auctoridade, o inesperado de sua attitude, a brandura de sua impugnação, abalam a Camara ; muitos deputados se retratam.

« É sustado o golpe.

« Mas, a *Constituição de Pouso Alegre* ficou !

« Ficou, qual programma de um partido, como expressão que era do sentimento liberal do paiz. E desta Constituição, é impossivel separar, na Historia, a figura de José Bento !

« Em 30 de Junho era, principalmente, o odio aos Andradas que movia a Feijó ; era a consideração aos serviços de Feijó, que movia a Evaristo. Em José Bento fallava, de preferencia, a alma liberal.

« E com esta mesma alma, elle entraria para o Senado. Nelle o espirito liberal não teve solução de continuidade. Outros ficaram pelo caminho ; José Bento ia sempre para deante !

« Vasconcellos e Honorio passaram mesmo a chefiar a reacção conservadora.

« E a obra liberal começava a ser destruida !

*

« O Acto Addicional fôra soterrado, quasi, pela Lei de Interpretação. Com a reforma que se discutia, do Codigo do Processo, pairava uma ameaça sôbre as liberdades individuaes. Ia-se restabelecer o Conselho de Estado.

« E os liberaes appellam para o joven principe. Elles lhe haviam assegurado o throno, nas incertezas do 7 de Abril; com elle deviam contar.

« E José Bento é dos que mais se agitam! Assigna com cinco senadores o projecto da maioridade. Este projecto cái; mas elle, em tom energico, affirma ao Senado que a maioridade seria declarada *por fas ou por nefas!*

« Chegou afinal o dia 22 de Julho!

« E, « nesse pronunciamento metade parlamentar e imperial, metade popular », que fez a maioridade, José Bento é figura culminante!

« O decreto de adiamento explode na Camara como uma bomba; os liberaes ficam perplexos, aturdidos!

« Mas José Bento surge no recincto e os convida a seguirem para o Senado.

« A sua presença os reanima. E Antonio Carlos é o primeiro a acceder ao convite, exclamando por sua vez: « Quem fôr Brasileiro siga commigo para o Senado ».

« A onda popular cresce, tambem, para o Campo de Sanct'-Anna.

« E, no edificio do Senado, senadores e deputados deliberam em sessão tumultuosa, em que José Bento tem palavras de fogo!

« Segue uma commissão para o paço de S. Christovão. E, neste interim, de uma das janellas do Senado, abraçado com o busto do principe, elle exhorta o povo impaciente pela volta da commissão.

« Regressa, afinal, a commissão; e a Maioridade é proclamada.

« E elle é quem annuncia ae povo, congratulando-se com este. « Parece-me estar vendo ainda », dizia um escriptor da epocha, « aquella physionomia mobil e ardente, em que se reverberavam, como em um espelho, as nobres paixões de sua alma enthusiasta e patriota ».

« E, com d. Pedro II, os liberaes sobem ao poder.

« Curta, porém, foi a sua permanencia; pois não decorreu um anno e se organizou o ministerio de 23 de Março. A reacção conservadora continuou a sua obra; foi restabelecido o Conselho de Estado; foi promulgada a lei de 3 de Dezembro. E afinal, baixou o decreto de dissolução da Camara, medida de que apenas se fizera uso em 1823.

« Os liberaes appellam para a revolução, em S. Paulo e em Minas.

« E José Bento não foi extranho a este movimento, como elle proprio deixou vêr, em discurso que proferiu na sessão do Senado em 1843, ultima em que tomou parte, pois em Março de 1844 a morte arrebatou, de um modo trágico, o grande paladino da causa liberal.

« Mas a reacção conservadora ia-se accentuando em Minas.

« E da Campanha partiu o conselheiro Bernardo Jacintho da Veiga, para assumir o govêrno da Provincia, em tão delicado momento.

« Bernardo Jacintho, que pertenceu a esta casa, residiu desde moço naquella cidade, dedicando-se, como seu ermão, o inexquecivel Evaristo da Veiga, ao commercio de livros. E, da mesma forma, trabalhou alli pela causa nacional, tendo fundado em 1833 a *Opinião Campanhense*.

« As suas ligações com Bernardo de Vasconcellos, na Assembléa Provincial, o fizeram conservador: e, anteriormente, elle já havia exercido o govêrno de Minas, desde 1833, deixando esta posição com a victoria da Maioridade.

« E é justo salientar-se a coragem e energia com que se houve em 1842.

« Embora a revolução não se generalizasse pela provincia, contou elementos de valor, e em Santa Luzia, o duque de Caxias teria visto empallidecida a sua estrella, si o não soccorresse a columna de seu ermão, o visconde de Tocantins.

« E o heroïsmo dos rebeldes mais avulta, quando se considera que a revolução era de S. Paulo: Minas foi chamada apenas para effeito. E por motivos que não vêm ao caso examinar, Caxias não encontrou em S. Paulo difficuldades a vencer.

« A Campanha conservou-se legalista; não se levantou.

« Mas, nem por isto é apagada a sua figura naquelle momento.

« Declinava a revolução, principalmente ao Sul de Minas, na data em que se devia reunir a Assembléa Provincial em S. João d'El-Rei. A retirada de José Feliciano, o chefe dos rebeldes, de Queluz para esta cidade, fôra um desastre! Ouro Preto era a cabeça; para alli, todos o sentiam, devia ser dirigido o ataque. Por outro lado havia fracassado o movimento em S. Paulo.

« E foi em uma situação destas que os deputados se reuniram em S. João d'El-Rei, mas sem numero para a installação da Assembléa.

« Eram treze, apenas, inclusive Theophilo Ottoni. Muitos ainda não se haviam compromettido na revolução; e o momento era de desespêro! Apezar disto, elles enviam uma mensagem a José Feliciano, declarando-se identificados com o levante: assumem, com toda a nobreza, a responsabilidade de uma causa que sabiam perdida.

« E entre estes deputados se achavam dous filhos illustres da Campanha, o dr. Capistrano de Alckmin e o dr. Garção Stockler.

« Vencido o movimento, repetiu-se a historia de sempre: o furor da perseguição! Delle esteve immune Caxias, o soldado glorioso que jámais abusou da victoria. Caxias era clemente. Mas os esbirros da administração iam fazendo a sua obra...

E a propria Magistratura chegou a se enxovalhar! Devia-se instaurar na comarca da Campanha, pela vastidão do seu territorio, o processo do maior numero dos rebeldes do Sul de Minas. E para alli fôra enviado, como juiz municipal, um ex-subdito portuguez, que se naturalizára havia pouco! A sua missão era perseguir. Elle a desempenhou á risca, pronunciando réos innocentes, e impondo-lhes vexames de toda a especie!

« Felizmente, era juiz da comarca o dr. Tristão de Alvarenga, um filho illustre da Campanha. Era conservador, pertencia á causa victoriosa; mas, antes de tudo, era um juiz. E a sua toga amparou os perseguidos e desaggravou a Justiça! Tristão de Alvarenga despronuncia os réos, e pronuncia o juiz municipal como prevaricador.

«Esta audacia custou-lhe uma remoção. Mas ficou salva a honra de sua toga!

«E mais gloriosa do que a espada de Caxias foi, naquelle momento, a toga deste juiz! Caxias era a fôrça: premiaram-no. O juiz... foi castigado!

«Com o movimento de 1842, encerrou-se o cyclo revolucionario em Minas Geraes, como se havia de encerrar, no Brasil, com o movimento de 1848 em Pernambuco.

«E a reacção conservadora completou a sua obra no paiz.

«Chegou, agora, o momento da transacção. Forma-se o ministerio Paraná.

«E a sessão parlamentar de 1855, como diz Joaquim Nabuco, vai ser para o ministerio a sessão da *Lei dos Circulos.*

«Era esta a idéa fixa de Paraná. Elle queria «a representação do paiz real; que a eleição fosse uma verdade, a expressão das maiorias locaes, fosse quem fosse o deputado».

«O debate foi renhido; mas saïu victoriosa a causa liberal!

«E em 1856 executava-se a reforma.

«Entretanto, Paraná teve uma fraqueza, apresentando o nome de seu filho, o dr. Carneiro Leão, pelo circulo da Campanha.

«Cioso da verdade eleitoral, o proprio imperador fez-lhe sentir que não achava legitima a candidatura do *filho do presidente do conselho.* Mas, nem assim Paraná desiste do seu intento; e responde com aspereza ao imperador: «Eu, como Honorio Hermeto Carneiro Leão, não preciso do favor do presidente do conselho, para fazer um deputado por Minas».

«A Campanha, entretanto, não se submetteu; em um movimento de altivez, levantou a candidatura de seu querido filho, o conego Antonio Philippe de Araujo, a quem coube a victoria!

«Certo, Paraná havia fallecido antes da eleição. Mas o Ministerio continuou o mesmo, assumindo Caxias a presidencia do Conselho. O espirito de Paraná dirigiu as eleições.

«Seu filho, o dr. Carneiro Leão, passou a ser o candidato do ministerio; e o presidente de Minas annunciava a victoria desta candidatura.

«E por isto, como disse Joaquim Nabuco, a derrota foi um revez sensivel e suggestivo!

«O destaque em que este pleito collocou o conego Antonio Philippe, os seus talentos, o seu tracto captivante, o prestigio de que elle gosava em Minas, onde em dous biennios successivos presidiu a Assembléa Provincial, lhe teriam aberto brilhante carreira na politica do paiz, si a morte não o colhesse logo no primeiro anno do mandato!

«Uma nota interessante de seu character, era a calma com que elle encarava as situações.

«Naquelle pleito agitadissimo, o conego Antonio Philippe permanecêra até certa hora no collegio eleitoral, retirando-se para a sua residencia antes de apurado o escrutinio.

«E, quando os seus amigos correram a lhe annunciar a victoria, encontraram-no dormindo a somno solto!

«Muitos annos não se passaram, e surgia a *Questão Uruguaia*.

«Os Brasileiros eram trucidados no Estado Oriental pelo absolutismo dos *blancos*.

«Mas o nosso govêrno cruzava os braços!

«Certo, a politica internacional do Brasil foi sempre pela independencia do Uruguai; e dahi a preoccupação de nossos estadistas, em não se envolverem nos negocios internos daquelle paiz.

«Entretanto, esta politica não se deve sobrepôr ao dever fundamental do Estado, de garantir a vida e a propriedade de seus cidadãos, onde quer que elles estejam!

«Quarenta mil Brasileiros achavam-se no Uruguai sem estas garantias!

«E do patrocinio de sua causa se encarregou um filho da Campanha, o dr. Evaristo Ferreira da Veiga, então deputado, e, mais tarde, senador do Imperio, depois de repetidos e honrosos suffragios do povo mineiro.

«Memoravel a sessão da Camara no dia 5 de Abril de 1864.

«O deputado mineiro, com o mesmo ardor que, annos antes, seu tio, o primeiro Evaristo da Veiga, revelára pela causa nacional, profere eloquente e impressionante discurso, expondo a dolorosa situação daquelles Brasileiros, e exigindo do govêrno o cumprimento de seu dever de protecção para com elles.

« O discurso arrebatou a opinião !

« E foi uma victoria !

« O ministerio cedeu ; e immediatamente Saraiva era enviado para o Uruguai, em missão especial.

« Rompeu afinal a guerra ; Montevidéo capitulou. E, decaïdos os *blancos,* tivemos no presidente Flôres um alliado contra o Paraguai.

« Como bem salientou o illustre historiador mineiro Xavier da Veiga, « si tardasse aquelle rompimento » — e para elle o discurso de Evaristo foi o brado do Capitolio — a triplice alliança seria talvez « não do Brasil, Confederação Argentina e Estado Oriental contra Lopez, mas de Lopez e daquellas Republicas contra o Brasil ».

« Depois da guerra do Paraguai, o facto culminante de nossa Historia é a emancipação.

« E, ainda neste successo, tem grande destaque um filho da Campanha, o dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros. Foi elle o *general da idéa,* como se exprimiu o proprio conselheiro Theodoro Machado, ministro da Agricultura, no gabinete Rio Branco.

« Ao fechar o seu *Indice Chronologico,* publicado em 1850, Perdigão Malheiros formulára votos ardentes pela prosperidade do Brasil, *com todos os seus filhos livres.*

« E esta restricção, como escreveu o dr. Azevedo Castro ao traçar-lhe a biographia, foi um compromisso que elle tomou consigo mesmo, de que ergueria um dia a sua voz em prol dos escravos.

« Entregou-se a profundos estudos sôbre o assumpto, para tractá-lo com firmeza, e em 1863 dava o prólogo de seu trabalho, realizando no Instituto da Ordem dos Advogados, de que era presidente, uma conferencia relativa á *illegitimidade da propriedade constituida sôbre os escravos.*

« A esta conferencia seguiu-se em 1866-1867 a publicação de seu trabalho — *A Escravidão no Brasil.*

« E foi a grande obra sôbre a materia, embora elle, por modestia, a denominasse um ensaio. Deixava á distancia tudo quanto anteriormente se havia escripto ; era um trabalho com-

pleto, pelo seu aspecto juridico, historico e social. Custou-lhe vigilias! E foi, realmente, o alicerce em que assentou o edificio da emancipação!

« Breve, o assumpto seria affecto ao Conselho de Estado, e ahi nenhuma medida foi lembrada, que não figurasse na obra de Perdigão Malheiros! É o que declara Joaquim Nabuco, salientando que esta obra « é o livro mais fecundo e benfazejo que se tem publicado no Brasil » !

« Mas, não ficou no livro a acção de Perdigão Malheiros. Em 1870, elle apresenta á Camara quatro projectos sôbre a materia, em um dos quaes, pela primeira vez, se apregoava em nosso Parlamento : *No Brasil todos nascem livres e ingenuos.* Este projecto estancava, assim, a escravidão na sua fonte única!

« Entretanto, Perdigão Malheiros não foi contemplado na Commissão da Camara, que naquelle anno emittiu parecer sôbre a reforma ; não foi contemplado no gabinete São Vicente ; não foi contemplado no gabinete Rio Branco !

« Todas as opiniões, todos os projectos favoraveis á emancipação se apoiavam na sua obra.

« Mas, elle não devia ser ministro... Chegára a vez da gloria politica. Esta pertence sempre aos obreiros da occasião.

« E, afinal, a lei de 28 de Septembro não contou com o voto de Perdigão Malheiros!

« Certo, elle não transigiu com os principios ; dissentia do processo. Queria a liberdade immediata ao nascimento ; oppunha-se á escravidão de facto, que a lei instituia, com a servidão da geração nova até vinte e um annos.

« Entretanto, não podendo obter tudo, devia ter acceito o menos.

« A que se deve a sua attitude ?

« Seria a mágua legitima das preterições soffridas ? Seria o cansaço de sua obra ?

« Seria, como alvitra Joaquim Nabuco, « o ciúme do apaixonado solitario, quando viu, no dia da fortuna, o tropel da multidão banal e adventicia, que só corôa o successo ? »

« Não importa saber.

« Votando contra a lei de 28 de Septembro, bem o diz Joaquim Nabuco, « Perdigão Malheiros foi, apenas, um voto perdido; publicando a sua grande obra, elle fôra um iniciador, um creador, o auctor dum movimento que nada mais podia deter ».

« Esta gloria pertence-lhe; Perdigão Malheiros é o auctor do movimento da emancipação!

« Tambem, em 1867, o voto de Rio Branco, no Conselho de Estado, não foi pela reforma. Entretanto, ninguem lhe póde tirar, por isto, a sua gloria de 28 de Septembro.

« Com o *Manifesto de 1870,* iniciou-se entre nós a propaganda republicana.

« E, nesta acção, a Campanha havia de ter, ainda, um papel saliente. Foi alli que em 1873 se fundou um dos primeiros órgãos republicanos do paiz — *O Colombo.*

« Redigiam-no, ao principio, dous filhos daquella cidade, o dr. Francisco Honorio Ferreira Brandão e o tenente-coronel Manuel de Oliveira Andrade.

« E *O Colombo* abriria caminho para a importante formação republicana, que veiu se operar naquella zona.

« O anno politico de 1880 foi, para o paiz, o anno da *eleição directa.* Executava-se a lei Saraiva. Era a segunda tentativa de eleição livre no Brasil.

« O circulo da Campanha estava, novamente, á prova! E não desmentiu o seu passado de 1856: manteve os fóros de sua independencia, elegendo deputado ao dr. Olympio Valladão, candidato conservador e filho daquella cidade.

« Em 1883, fallecia em S. Paulo um filho illustre da Campanha, o conego João Vicente Valladão.

« Foi um dos politicos de maior popularidade naquella provincia; e achava-se filiado ao partido conservador.

« Durante trinta annos consecutivos, desde 1853 até a sua morte, fez parte da Assembléa Provincial como representante do primeiro districto.

« E tal o seu prestigio que, em muitos pleitos, levou de vencida os mais poderosos chefes politicos de S. Paulo.

« Eximio na tribuna parlamentar, desmontava, pela finura da satyra, os mais galhardos contendores.

«Bondade e desinteresse era, entretanto, a nota dominante de seu character:

«Das luctas em que se empenhava, não trazia odios; antes, aos proprios adversarios beneficiava.

«Com direito a mais elevadas posições, quiz sempre conservar-se na Assembléa Provincial.

«A independencia de seu espirito combativo o levou á dissidencia conservadora, chefiada pelo eminente dr. João Mendes de Almeida, de quem foi sempre um dedicado amigo.

«Em 1879, Lucio de Mendonça entrava para a redacção do *Colombo,* em que devia permanecer até 1885, auxiliado pelo infatigavel Manuel de Oliveira Andrade.

«E aproveitando-se do nome daquelle orgão, dava-lhe uma expressiva legenda, tirada dos versos de Fagundes Varella:

«Ha no seio da America
«Um *novo mundo* a descobrir ainda».

«Este *novo mundo* era a Republica!

«E foi no *Colombo* que o bello espirito de Lucio de Mendonça mais combateu por esta causa. Em seu livro *A Caminho* elle reuniu, mais tarde, os artigos *de polemica, de doutrinação e de agitação*, com que contribuiu para a victoria da Republica. E estes artigos, em sua quasi totalidade, são extrahidos do *Colombo.*

«A acção do *Colombo* foi brilhante e efficaz; levantou fôrças republicanas no circulo da Campanha.

«E, no anno de 1884, o dr. Alvaro Botelho conseguia eleger-se deputado, por aquelle circulo, á Assembléa Geral, ao mesmo tempo que Prudente de Moraes e Campos Salles se elegiam pelos circulos de S. Paulo. Foram os primeiros deputados republicanos, que tiveram ingresso na Camara. E aquelle acto ainda mais accelerou o movimento no circulo da Campanha.

«Crescia a propaganda e o partido se organizava.

«E, neste trabalho, se destacam o dr. Honorio Brandão, o coronel Saturnino de Oliveira, o dr. Leonel de Rezende Filho, o dr. Alexandre Stockler, o dr. Garção Stockler, o dr. João

Braulio Junior, filhos da Campanha, e, afinal, o dr. Leonel de Rezende Alvim, jurista de alto valor.

«Isto na Campanha, pois em S. Gonçalo, sobresaïam o dr. Americo Werneck, o coronel Francisco Bressane, actual deputado federal, e o dr. Thomaz Delphino, da mesma fórma deputado federal; em Lavras, o dr. Francisco Salles, actual ministro da Fazenda, e que tem grande destaque na politica nacional; o dr. Alvaro Botelho, actual deputado federal, e o dr. Francisco Martins de Andrade; em Tres Pontas, o dr. Josino de Brito, actual senador ao Congresso Mineiro; e, em Machado, o dr. Astolpho Pio, que foi vice-presidente da Constituinte Brasileira.

«Entre elles, o papel culminante pertenceu, naquelle momento, ao dr. Americo Werneck, publicista eminente. Suspensa a publicação do *Colombo*, com a retirada de Lucio de Mendonça para esta cidade em 1885, Americo Werneck fundou a *Gazeta Sul-Mineira*, com Thomaz Delphino e Francisco Bressane. E continuou, brilhantemente, a propaganda que Lucio de Mendonça sustentara no *Colombo*.

«Entretanto, Americo Werneck não se limitou á propaganda pela imprensa; foi o chefe da organização do partido naquelle circulo.

«E tão forte esta organização, que em 1887 se elegiam por alli os primeiros deputados republicanos á Assembléa Provincial, dr. Leonel de Rezende Filho e dr. Francisco Martins de Andrade.

«O que mais recommendava os republicanos da Campanha era a sinceridade de suas convicções.

«Quem faz historia deve dizer a verdade. Ora, é incontestavel que o movimento republicano no Brasil tinha origens diversas. Aqui, era a pureza dos sentimentos democraticos, que se irradiava, principalmente, das escholas civis e militares; alli, era o espirito de ascendencia militar, que nos veio do contacto de nossas fôrças com as Republicas vizinhas, durante a guerra do Paraguai; acolá, era o estremecimento dos grandes proprietarios agricolas com o throno, por causa da obra emancipadora iniciada em 1871.

«E só o primeiro destes motivos inspirava os republicanos da Campanha.

«Alli, não havia a influencia das fôrças armadas. Alli, não havia grandes fortunas dependentes do braço escravo. E a lei de 13 de Maio alli não encontrou mais, póde-se dizer, um só escravo a libertar!

«De sua antiga riqueza aurifera, explorada por aquelle braço, a Campanha apenas guardava, então, a lembrança despertada pelo cascalho denegrido, que se amontoou á margem de seus ribeiros, e pelas *catas* sem fim, em que o echo da voz humana parece retornar de além tumulo!

«A terra se achava retalhada; não havia *latifundios*. A lavoura era de productos varios, trabalhada, em grande parte, pelo braço livre. E do emporio em que se constituira, de diversos municipios daquella zona, vivia principalmente a Campanha.

«A prosperidade era geral; mas, não se contavam grandes fortunas. Alli, maior preoccupação havia em cultivar o espirito do que em accumular riqueza. Era a cidade classica das lettras em Minas.

«Outra nota interessante da propaganda republicana naquella terra, o espirito pacifico com que ella se desenvolvia: não se davam attritos, não havia commoções.

«E isto se deve não só á cultura da população, como ao chefe conservador da Campanha, commendador Manuel Ignacio Gomes Valladão, cuja influencia se extendia por todo o Sul de Minas, sendo uma das mais acatadas da provincia. Em sua longa vida politica, as victorias succediam-se; era um chefe quasi invencivel!

«Entretanto, profundo era o seu respeito pela opinião alheia. Debaixo de sua chefia, o voto foi sempre livre na Campanha!

«Além disto, a modestia de seus habitos, a dignidade de seu character e a austeridade de sua vida, em tal destaque o collocavam, que os mais eminentes chefes republicanos, como Lucio de Mendonça e Americo Werneck, o tractavam com as maiores deferencias, ainda nos dias de lucta!

«Tambem fóra da Campanha filhos illustres daquella cidade trabalhavam pela causa da Republica.

«Em Juiz de Fóra, o dr. Fernando Lobo; em Leopoldina, o dr. Americo Lobo e o dr. Francisco de Paula Ferreira Rezende;

em Cataguazes, o dr. Joaquim Lobo e, aqui no Rio, o dr. Alexandre Stockler.

«E, em 1889, quando o partido republicano mineiro resolveu pleitear uma cadeira no Senado do imperio, apresentou como candidato para a lista triplice um filho da Campanha, o dr. Honorio Brandão, junctamente com o dr. Felicio dos Santos e o dr. João Penido.

«Ainda em 1889, o circulo da Campanha confirmava as suas tradições de independencia, elegendo deputado o candidato conservador dr. Olympio Valladão, filho daquella cidade.

«O dr. Olympio Valladão já havia sido deputado á Assembléa Geral na legislatura de 1881 a 1884 e na de 1886 a 1889, em que fez parte da Commissão de Orçamento.

«Com a proclamação da Republica, não se haviam de apagar as tradições da Campanha, que possuïa titulos legitimos neste successo.

«Muitos de seus filhos entraram para a Constituinte Brasileira, e para a Constituinte Mineira.

«Para aquella, como senador, o dr. Americo Lobo, e, como deputados, o dr. Honorio Brandão, o dr. Leonel de Rezende Filho, o dr. Alexandre Stockler, o dr. Americo Luz e o dr. Francisco Veiga; e, para esta, como senadores, Xavier da Veiga, Manuel Valladão e o dr. Manuel Eustachio.

«Mais tarde, entraram ainda para o Congresso Federal, como senador, o dr. Fernando Lobo, e, como deputados, o dr. Estevão Lobo e o dr. Garção Stockler; e para o Congresso Mineiro, como senador, o dr. Gaspar Lopes, e, deputados, o dr. João Braulio Junior, que foi presidente da Camara; o dr. Honorio Brandão Filho, o dr. Gabriel Valladão e o dr. Odillon de Andrade; e, para o Congresso de São Paulo, como senador, o dr. Gabriel de Rezende, e, como deputado, o dr. João Pedro da Veiga Filho.

«Os chefes da politica mineira, Cesario Alvim e João Pinheiro, puzeram o maior cuidado na organização do Congresso Constituinte de seu Estado.

«Desfraldaram a bandeira da conciliação, e procuraram constitui-lo com os melhores elementos de Minas.

«Foi uma assembléa memoravel; e, entre as figuras de destaque, contavam-se dous filhos da Campanha, o senador Xavier da Veiga e o senador Valladão.

«Xavier da Veiga discute com brilho a organização municipal, revelando profundos conhecimentos sôbre o assumpto.

«Valladão discute com grande proficiencia a discriminação de rendas, quer pelo seu aspecto politico, quer pelo seu aspecto financeiro.

«Acceitando o convite de Cesario Alvim e de João Pinheiro, para collaborar na organização do Estado, elle serviu com lealdade esta causa, mas não transigiu com os seus principios conservadores.

«Affronta a opinião dominante naquelle momento; era pelo Estado contra os Municipios, como era pela União contra os Estados.

«E deixou patente que a União não podia viver sem as rendas que transferiu para os Estados, assim como o Estado não poderia viver sem as rendas que ia transferir para os Municipios.

«União e Estado breve teriam de procurar recursos novos, estabelecendo-se no paiz uma insupportavel situação tributaria.

«De um estylo simples, despretencioso, mas de argumentação incisiva, o seu discurso causou sensação no Congresso!

«E foi uma prophecia!

«Não tardou que a União appellasse para o imposto de consumo, e o Estado para o imposto territorial! O paiz vive suffocado pelos impostos!

«E, afinal, o Estado de Minas reforma a sua Constituição, para chamar a si parte das rendas que havia distribuido aos Municipios.

«A reorganização de Minas teve como complemento a mudança de sua capital. determinada pela propria Constituição.

«E o paladino desta causa foi um filho da Campanha, o dr. Alexandre Stockler. A mudança da capital, póde-se dizer, absorveu, durante algum tempo, toda a actividade do valente propagandista!

«Foi levada a cabo pelo eminente Brasileiro conselheiro

Affonso Penna; e Bello Horizonte é hoje um titulo legitimo de orgulho, não só para Minas, como para o Brasil.

«Com a ascenção do marechal Floriano Peixoto ao poder, viria ainda sobresaïr, na politica nacional, um filho illustre da Campanha, o dr. Fernando Lobo. Occupou, naquelle momento, a pasta do Interior.

«Fernando Lobo havia tomado parte activa na propaganda republicana, e conquistára um legitimo renome na profissão de advogado. Convencido de que a causa da Republica estava com Floriano Peixoto, elle foi um de seus mais dedicados auxiliares. E, como profissional que era, geriu aquella pasta com grande competencia. O que o collocou, porém, em maior destaque foi a inquebrantavel austeridade desta gestão.

«Floriano Peixoto ascendera ao poder com o contra-golpe de 23 de Novembro.

«Todos os governadores de Estado, com excepção unica de Lauro Sodré, no Pará, haviam adherido ao golpe de 3 de Novembro.

«E os partidarios de Floriano Peixoto, com apoio das guarnições federaes, foram depondo aquelles governadores, um por um!

«Em Minas, o problema era mais complexo. Cesario Alvim e João Pinheiro haviam organizado, com toda a sinceridade, a politica de conciliação. O Estado sentia-se prospero e feliz. E repugnava aos Mineiros, ciosos de suas tradições, o processo de intervenção federal, que se vinha empregando em todos os Estados da Republica.

«Cesario Alvim mantinha-se no govêrno, em que estava, prestando relevantes serviços á causa de Minas.

«Entretanto, os amigos do Governo Federal e adversarios extremados de Cesario Alvim, levantavam-se, afinal, na Viçosa e na Campanha.

«Chefiavam o movimento da Viçosa o dr. Vaz de Mello e o da Campanha, um filho illustre desta cidade, o dr. Martiniano Brandão.

«Na Campanha, traziam como programma a divisão de Minas, constituindo-se o Estado de Minas do Sul.

« Esta idéa vinha de longe; havia sido lançada no Imperio em diversos projectos apresentados á Assembléa Geral, com a assignatura de politicos eminentes do paiz. Mas, por aquelle processo, e naquella hora, não podia contar adhesões. Contra o movimento se pronunciaram, em sua quasi totalidade, os politicos de prestigio no Sul de Minas, inclusive o senador Valladão.

« Cesario Alvim, em um lance de patriotismo, renuncía o poder, passando o govêrno ao vice-presidente do Estado, dr. Gama Cerqueira.

« Com o sacrificio de sua posição, elle salva, desde logo, a autonomia de Minas, único Estado da Republica em que, naquelle momento, a successão foi legal, e em que se manteve a mesma Constituição, o mesmo Congresso, a mesma Magistratura!

« Em breve tempo havia de se extinguir, quasi por si mesmo, o movimento da Campanha! E o Govêrno Federal decretava uma amnistia, quasi immediata, para os revolucionarios.

« O grande prestigio de que gozava no Sul de Minas o senador Valladão, irradiando precisamente da Campanha, deu á sua attitude, naquelle momento, uma importancia capital.

« Ninguem teria maior interesse do que elle em que se constituisse o Estado de Minas do Sul, um Estado na zona de sua tradicional influencia: ninguem havia servido com mais dedicação, nem por mais tempo, aos interesses do Sul de Minas, e de sua cidade natal; e nenhuma adhesão seria mais importante do que a sua para o exito daquella causa!

« Entretanto, elle se pronunciou contra o movimento.

« Em seu character estava arraigado o sentimento da lealdade.

« Era solidario com Cesario Alvim e com João Pinheiro; e os revolucionarios da Campanha, adversarios extremados daquelles chefes.

« Era pela autonomia do Estado contra a intervenção federal, que se desencadeára naquelle momento em todos os Estados da Republica; e os revolucionarios da Campanha, partidarios dedicados do marechal Floriano Peixoto.

« Além disto, era um espirito profundamente conservador, avesso aos processos revolucionarios. Só acceitava as reformas

amadurecidas na opinião e só as admittia pelos processos regulares.

« Finalmente, parecia-lhe que o problema da divisão de Minas, lançado no Imperio, se modificára com a Republica. Em Minas, a Constituição havia assegurado o maximo de autonomia aos municipios. Deu-lhes exaggeradas franquias. Era um systema que se ia experimentar, e que bem podia satisfazer ás exigencias regionaes.

« E foi por estes motivos que elle tomou aquella attitude.

« Serviu, assim, com lealdade e desprendimento, a causa da autonomia e da integridade de Minas, em dias tão criticos para a vida constitucional do paiz!

« Cesario Alvim e João Pinheiro caïram!

« Elle nobremente os accompanhou; e nesta attitude se manteve até que falleceu, em 1899, depois de cincoenta annos de serviços á causa publica!

« Tamanho o vulto do senador Valladão, que o grande estadista republicano, João Pinheiro, assim se exprimia a seu respeito: « De todos os homens que nesta vida me teem passado deante dos olhos, ninguem me deixou melhores impressões do que elle! »

« Em 1897, scindia-se o partido republicano federal, constituindo-se o partido republicano, que apoiava o presidente da Republica, dr. Prudente de Moraes, e que apresentou como candidatos á successão deste, o dr. Campos Salles, para presidente, e o dr. Rosa e Silva, para vice-presidente.

« Os elementos que restavam áquelle partido levaram ás urnas os nomes, do dr. Lauro Sodré, para presidente, e o do dr. Fernando Lobo, para vice-presidente.

« O dr. Fernando Lobo occupava, naquella occasião, uma cadeira no Senado Federal, pelo voto de seu Estado.

« A situação dominante em Minas formára, porém, com o partido republicano, suffragando os seus candidatos.

« Derrotado em Minas, Fernando Lobo renunciou nobremente a cadeira de senador, voltando á sua banca de advogado.

« É uma attitude unica na Republica.

« Em 1906, Jóão Pinheiro saïa de seu retiro do Caeté, para

*

assumir a presidencia de Minas, iniciando essa administração modelar, que attrahiu as vistas do paiz inteiro.

« Em sua pessoa chegaram-se a depositar naquelle momento todas as esperanças do Brasil.

« E entre os seus auxiliares no govêrno de Minas, figurava um filho illustre da Campanha, o dr. João Braulio Junior, a quem elle entregou a pasta das Finanças.

« A fatalidade da morte impediu, porém, que João Braulio Junior prestasse á obra de João Pinheiro todos os serviços de que, pelo seu bello espirito, elle era capaz!

« Essa mesma fatalidade, que privou o Brasil de ser governado por João Pinheiro, a maior revelação de estadista na Republica!

« Com o barão do Rio Branco estiveram em evidencia as nossas fronteiras, onde a sua estupenda figura — já se disse — era a do deus Terminus!

« E estas fronteiras evocavam o nome de um filho illustre da Campanha, o engenheiro-militar dr. Francisco Xavier Lopes de Araujo, barão de Parima.

« Não foi um homem politico: não realizou negociações diplomaticas; não firmou tractados. Era apenas um technico; neste character, serviu nas fronteiras.

« E talvez no Imperio ninguem tivesse tido maior numero de commissões desta natureza.

« Percorreu a linha de nossas fronteiras em diversos de seus trechos.

« Como auxiliar do barão de Caçapava, a principio, e, depois, do general Pedro de Alcantara Bellegarde, tomou parte na commissão brasileira de limites com o Uruguai.

« E, mais tarde, como chefe das respectivas commissões mixtas, serviu na demarcação de nossos limites com o Paraguai, com a Bolivia e com a Venezuela.

« Extraordinarios os serviços que elle prestou ao nosso paiz, e que o Imperio havia de consagrar do modo mais solenne, conferindo-lhe um tituto originario do extremo norte de nossas fronteiras!

« Mas, não é só pelos successos politicos que a Campanha se destaca na Historia Brasileira.

« Legitimos, ainda, os seus titulos nas lettras e nas sciencias.

« Era tradicional o gôsto pelas lettras na Campanha.

« O ensino de humanidades era completo, e se diffundia por todas as classes sociaes; até pessoas de humilde condição sabiam a fundo a lingua latina!

« Dahi, o grande numero de filhos da Campanha, graduados pelos cursos superiores do paiz.

« Neste particular, supponho, nenhuma cidade do interior a excedeu, durante o Imperio!

« Já pela fundação da Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1827, dos quatro unicos estudantes Mineiros, que alli se matricularam, tres eram da Campanha, o dr. Tristão Antonio de Alvarenga, o dr. José Christiano Garção Stockler e o dr. Cyrino Antonio de Lemos.

« E cada vez mais os filhos da Campanha tiveram entrada nos cursos superiores!

« Espalharam-se por todos os ramos das profissões liberaes; e muitos haviam de conquistar legitimo renome, não só em Minas, como em outros pontos do paiz.

« Nas lettras, a figura culminante é o dr. Americo Lobo. Deixou esparsas diversas poesias lyricas e outros trabalhos litterarios de real merecimento. Traduziu as *Buccolicas* de Vergilio, o *Tartufo* de Molière e a *Evangelina* de Longfellow, sendo estas duas ultimas traducções verdadeiras obras primas.

« O dr. Simplicio de Salles, que infelizmente pouco sobreviveu á sua formatura, conquistou tão bella reputação litteraria, na Faculdade de S. Paulo, que Couto de Magalhães lhe fez a biographia com os maiores encomios.

« Xavier da Veiga pontificou na imprensa de Minas, onde redigiu a *Provincia;* e, nelle, o litterato se approximava do publicista.

« Deixou tambem alguns trabalhos poeticos.

« O dr. Honorio Brandão, o antigo redactor do *Colombo,* alliava a uma sólida cultura um estylo primoroso.

« No *Monitor Sul Mineiro* o dr. Evaristo da Veiga, de uma imaginação fecunda, deixou paginas que deleitam; e o dr. Saturnino da Veiga escrevia com elegancia.

«Na *Peleja* o dr. Garção Stockler e o dr. João Braulio Junior fizeram a sua obra litteraria. Garção Stockler tanto se revelou um polemista vibrante, como um fino *humorista;* em João Braulio Junior predominou a sua alma de poeta; encantava, sem vibrar.

«E, na geração nova, surge o dr. Veiga Miranda, com promissores trabalhos poeticos e litterarios.

«Nos estudos historicos, Xavier da Veiga tem a obra mais vasta: são essas *Ephemerides Mineiras,* em que elle consumiu as suas energias e em que se acham importantes fundações para a historia de Minas. Além disso, organizou o Archivo Publico Mineiro.

«O dr. Perdigão Malheiros escrevêra, em 1850, o apreciado trabalho, com que entrou para esta casa: *Indice chronologico dos factos mais notaveis da Historia do Brasil, desde o seu descobrimento em 1500 até 1849.*

«O dr. Ferreira de Rezende deu á publicidade interessantes estudos historicos, um dos quaes se intitulava — *O Brasil e o Acaso.*

«O commendador Bernardo Saturnino da Veiga, depois de uma longa excursão pela vasta zona do sul de Minas, escreveu o *Almanack Sul-Mineiro,* fonte de preciosas informações, e que lhe deu entrada para esta casa.

«O dr. Francisco Lobo tem diversos trabalhos de grande merecimento, como: *Em busca das esmeraldas; Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes; Documentos para nossa Historia* e o *Itinerario da expedição de Espinosa.*

«São trabalhos de muita investigação, e escriptos com o maior escrupulo.

«E Julio Bueno, operoso escriptor, redige o *Almanack da Campanha,* por incumbencia do infatigavel redactor do *Monitor Sul-Mineiro,* o sr. José Pedro da Costa.

«Nas sciencias juridicas e sociaes, a maior figura é o dr. Perdigão Malheiros. Além de ter sido o grande jurisconsulto da emancipação, era um dos maiores jurisconsultos do Brasil; presidiu, durante cinco annos, o Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, e foi afinal seu presidente honorario. É vasta a

sua obra de consulta; e produziu, ainda, o *Manual do Procurador dos Feitos da Fazenda*; o *Commentario á Lei de 2 de Septembro de 1847* e o *Repertorio da reforma hypothecaria e sôbre sociedades de credito real.*

« O dr. Ferreira de Rezende, que possuia variada cultura, publicou, no Imperio, um projecto de Constituição para o futuro Estado de Minas.

« O dr. Americo Lobo, em quem o tracto das musas não sacrificou a cultura do Direito, traduziu as *Decisões Constitucionaes* de Marshall.

« O dr. Francisco Veiga, professor da Faculdade de Direito de Minas Geraes e antigo redactor da *Resenha Juridica,* além de seu conhecido preparo em assumptos de Direito, é versado em materia de finanças, e a sua respeitavel figura presidiu, por muitos annos, a Commissão de Orçamento da Camara dos Deputados.

« O dr. João Pedro da Veiga Filho, professor da Faculdade de Direito e director da Eschola de Commercio de S. Paulo, publicou o *Manual da Sciencia das Finanças,* obra classica sôbre o assumpto. E escreveu, além disto, uma longa série de interessantes monographias sôbre assumptos economicos e financeiros. A sua elaboração foi vasta e incessante. Ninguem, em S. Paulo, produziu mais do que Veiga Filho. E a sua auctoridade sôbre estes assumptos era acatada em todo o paiz.

« O dr. Gabriel de Rezende é professor, e dos mais illustres, da Faculdade de Direito de S. Paulo: publicou recentemente o seu *Curso de Fallencias,* e tem diversos trabalhos esparsos.

« O dr. Estevão Lobo, professor da Faculdade de Direito de Minas Geraes, deixou uma legitima reputação de jurisconsulto. Era um cultor eximio do Direito e, na sua edade, ninguem produziu tanto, entre nós! Publicou a monographia sôbre a *Auctoria collectiva e cumplicidade*, e deixou esparsos, pelos jornaes e revistas, diversos outros trabalhos de valor, como a *Criminalidade Juvenil* e o *Jus sepulchri.* Onde, porém, a sua actividade culminou, foi na obra parlamentar; ahi se accentuaram, de vez, os seus creditos de jurisconsulto. Organizou um projecto de *Lei de Minas,* precedido de substanciosa exposição de motivos;

offereceu as bases para a remodelação do nosso *Direito Penal Militar;* emittindo parecer sôbre a intervenção federal em Goiaz, concluiu por apresentar um importante projecto sôbre a regulamentação do art. 6.º da Constituição, assumpto de que tractou ainda, mais tarde, com brilho, no Instituto dos Advogados; e formulou diversos outros pareceres interessantes sôbre o *regimen legal da pesca,* sôbre os *emprestimos estadoaes,* sôbre *immunidades parlamentares,* e sôbre o *delicto de imprensa.*

« O dr. Gabriel Valladão era, da geração nova, uma esperança fundada; a morte, porém, cortou-lhe o surto! Deputado ao Congresso Mineiro, apenas tomou parte em uma sessão; e foi quanto bastou para que revelasse seu preparo juridico, principalmente na discussão da Lei de minas.

« Nas sciencias medicas avultam o dr. Mathias Valladão, o dr. Vital Brasil, que descobriu o *serum* anti-ophidico, e dirige em S. Paulo o modelar Instituto de Butantan; o dr. Honorio Brandão e o dr. Mathias de Vilhena.

« Na Engenharia militar e civil se destacam o barão de Parima, que foi professor na Eschola Central e director do Observatorio Astronomico; o dr. Francisco Lobo, que foi director do prolongamento da Estrada de Ferro de d. Pedro II e chefe da Commissão de Compras na Europa; o dr. Müller de Campos, que foi professor da Eschola Militar, e é actualmente general chefe das Fortificações da Republica, e o dr. Martiniano Brandão, que foi director das Obras Publicas em Minas Geraes.

« Na carreira ecclesiastica distinguiram-se como prégadores o vigario João de Deus e o conego Theophilo de Vilhena; e, por seu saber e virtudes, chegaram ás altas dignidades da Egreja d. Francisco da Silva, bispo do Maranhão; d. João Ferrão, bispo da Campanha, e monsenhor Paulo de Vilhena, vigario geral desse bispado.

« Na Magistratura houve tres grandes figuras: o dr. Ferreira de Rezende, o dr. Americo Lobo e o dr. João Braulio Moinhos de Vilhena.

« Ferreira de Rezende teve assento no Supremo Tribunal Federal. Mas, ahi a sua figura não se revelou por completo; vi-

ram-no, apenas, na linha austera de seu character. Elle chegou enfermo e falleceu logo.

« Entretanto, nos profundos estudos a que se dedicou na sua vida de solitario, de onde o foram tirar, adquiriu taes conhecimentos, que elle podia dar brilho áquella magistratura da Republica, incumbida de guardar a Constituição.

« Americo Lobo chegára, tambem, ao Supremo Tribunal Federal.

« O seu perfil está feito por Lucio de Mendonça.

« Americo Lobo foi o nosso Magnaud.

« A lei, para elle, não podia ter a rigidez fria de uma regua: era recta, sim, « mas como um raio solar, que fere esclarecendo e consolando. »

« Em sua delicada consciencia, « entendia que a justiça humana devia ser humana, isto é, indulgente, porque é fallivel. »

« Esta, a sua grande alma de juiz!

« João Braulio ficou em Minas.

« Fez alli toda a sua carreira de magistrado, em que alcançou a suprema investidura.

« Não chegou ao Supremo Tribunal Federal.

« Entretanto, ninguem elevou mais alto a Justiça no paiz, quer pela lucidez, quer pela rectidão de suas sentenças!

« Dir-se-hia que João Braulio era a propria encarnação da Justiça!

« Serviu-a em todos os gráos; e, durante vinte e tres annos, em sua maior parte na cadeira da presidencia, teve assento no Supremo Tribunal do Estado de Minas, onde viu passar o seu jubileu de magistrado, ao qual havia de sobreviver, ainda, naquella mesma cadeira!

« E, nesse longo periodo, a sua figura foi sempre a mesma, lúcida, serena e impassivel.

« É de hontem a commemoração sem exemplo em nosso paiz, com que o Estado de Minas celebrou o jubileu do grande magistrado.

« E nessa commemoração, não sei o que mais admirar: si a figura de João Braulio, cujos cabellos eram brancos como a pro-

pria Justiça; si o amor á causa da Justiça assim expresso pelos Mineiros, e que é um dos characteristicos daquelle povo!

« Concluindo, direi: ahi tendes a figura de minha cidade natal na Historia Patria.

« Em vosso convivio, toma-la-hei por meu guia.

« Eu o prometto! »

(Palmas prolongadas).

Finda a allocução do dr. Alfredo Valladão, obteve a palavra o dr. Eurico de Góes, que pronunciou o seguinte discurso:

« Ex.^{mo} sr. presidente, illustres confrades do Instituto Historico o Geographico Brasileiro:

« O mundo não vive apenas de cruas e frivolas realidades. Vive tambem de sonhos e recordações; sonhos que prefiguram e anceiam o futuro, recordações que evocam e revivem o passado. O tempo, concebido como «um movimento da eternidade», transforma a vida social e a vida cosmica num eterno presente sem limites. Mas, finitos que somos, e debatendo-nos no limitado, foi-nos dado um torrão a que chamamos Patria — especie de lar engrandecido, ao qual consagramos o melhor dos nossos affectos e o melhor dos nossos ideaes, porque ahi viveram, e soffreram, e morreram os nossos patriarchaes antepassados, deixando-nos umas brumas de reminiscencia e de illusão...

« Foi levado por esses gratos e vivos pensamentos que, um dia (ha pouco mais de um lustro), me aprouve ir peregrinar ao morro do Castello, cujas envelhecidas construcções, em meio á cidade que se renovava, me produziram impressão comparavel á que experimentei deante da pobre casaria da *città vecchia* de San Remo, a contrastar com as suas modernas edificações entre palmeiras e as soberbas villas marfinadas. A essa nossa collina historica havia eu ido effectuar umas pesquisas, justamente para o livro que me serviu de credenciaes juncto ao vosso generoso, fidalgo e nobilitante accolhimento. Alli visitára eu o tumulo do fundador da cidade, exquecido, sob uma lapide gasta, á sombra do modestissimo recincto da melancholica e velha egreja de S. Sebastião. Alli examinára, com piedosa lembrança, o marco de cantaria deixado pelos Portuguezes, a um dos angulos exteriores do templo, com a valorosa cruz da ordem militar de Chris-

to e as celebradas quinas. Alli contempláras, mergulhado numa atmosphera de poesia e de saudade, as muralhas anachronicas de antigas baterias coloniaes, bem como uns grandiosos restos de convento jesuitico, datados de 1567.

« Eis sinão quando sobreveiu a tarde, a deslumbrar num desses crepusculos ensanguentados e phantasticos, que o pincel de Luiz Graner, ainda ha pouco, melhor do que ninguem, soube tão vivamente sentir e com tanto exito fixar na tela. Achava-me então á beira duma dessas ravinas do morro, que olham para os fundos da Eschola de Bellas Artes e da Bibliotheca Nacional, nessa occasião apenas arcabouçada com o seu gigantesco e faustoso esqueleto metallico. E, ao reparar nas transfigurações radicaes por que passava o Rio do Brasil-colonia, do Brasil-reino, do Brasil-imperio e mesmo do Brasil-republica; e, ao entrever a vida intensa e cosmopolita que, lá em baixo, fervilhava, no perpassar cinematographico dos vehiculos e dos habitantes, de mim para mim perguntei: aonde irá, finalmente, aninhar-se a alma heroica e memoravel da lendaria metropole brasileira?

« Dias depois, tinha eu categorica e eloquentissima resposta a essa intima interrogação. Precisando consultar o *facsimile* do celebre mappa conhecido pelo nome de mappa de Cantino, dirigi-me ao Instituto Historico, onde, logo ao transpor os humbraes, me despertaram a attenção as symbolicas effigies de Pallas e de Camões, isto é — a sabedoria olympica expressa pela sonorosa lingua lusitana. E, percorrendo a bibliotheca, o archivo, as salas em que esplende toda uma galeria de retratos e bustos de individualidades notaveis da nossa Historia, tive a sensação de que neste augusto ambito se asylava, se accolhia, se cultuava, não só a alma centenaria e veneravel da cidade, como a alma gloriosa e palpitante de todo o nosso povo. O Instituto Historico e Geographico Brasileiro não constitue, sómente, o *sancta sanctorum* das nossas tradições, nem, apenas, o mais luminoso e elevado cenaculo scientifico do paiz; elle encarna e exprime, através dos vultos que por aqui passaram e dos manes que ainda aqui habitam, o Pantheon verdadeiramente vivo do Brasil.

*

* *

« Entre outros generos de estudos, a Geographia e a Historia se revestiram sempre, para mim, dos mais amaveis e ferteis attractivos. Afim de amenizar o seu character didactico ou porventura monotono, idealizo a primeira como o romance da natureza e a segunda como o romance da civilização. Ellas são, respectivamente, a photographia e a reviviscencia dos aspectos physicos e sociaes do planeta. Reclus entende que o fim da Geographia consiste em « reanimar a natureza em volta de nós », e Michelet deixou esta phrase, que se acha gravada no seu jazigo: « A Historia é uma resurreição ». Conquanto ambas se desenvolvam simultaneamente no espaço e no tempo, e quasi que se identificam, o que suggere a idéa de Anthropogeographia de Frederico Ratzel, a Geographia apresenta uma feição mais restricta e material; é, de preferencia, uma catalogação e uma descripção; a Historia revela uma tendencia mais ampla e espiritual; é, sobretudo, uma Philosophia e uma Encyclopedia. Diz lucidamente o auctor das *Considerações inopportunas*: « Ninguem póde ser a um tempo um grande historiador, um grande artista e um espirito limitado. « A Historia, « palavra de oraculo », ha de exprimir verdade ou emoção, e todo historiador deve ser, forçosamente, um erudito, porque, segundo o entender de Lacombe, « sem erudição não ha Historia ».

« A Historia, bem considerada, certamente não é « a bajuladora das aventuras felizes, vil escrava do resultado », conforme o insultuoso conceito de Louis Jacolliot, mas deve ser a mais bella e esplendida coroa, entretecida de todas as artes e de todas as sciencias. Nos *Ensaios de critica e de historia*, escreveu Taine: « Na realidade, a Historia é uma arte mas tambem é « uma sciencia: ella requer do escriptor a inspiração, mas tam- « bem lhe exige a reflexão; si tem por artifice a imaginação « creadora, maneja o instrumento da critica prudente e da ge- « neralização circunspecta; convem que as suas pinturas sejam « tão vivas quanto as da Poesia, porém, é mistér seja o seu es-

«tylo tão exacto, suas divisões tão assignaladas, suas leis tão «demonstradas, suas inducções tão precisas quanto as da His-«toria Natural».

«Na antiguidade e na edade média, a Geographia e a Historia algo possuiam de maravilhoso ou impressionista. Homero figura a Cartographia do orbe no formidavel escudo de Achilles, imaginosamente forjado por Vulcano. Expedições como a dos Argonautas e os periplos primitivos afundavam-se na lenda. No imperio de Carlos Magno, o mundo conhecido, com as cidades romanas e byzantinas, era representado em magnificas taboas de prata. A Geographia arabe ostentava titulos de livros como estes: *Perola da natureza* ou *Praias de ouro e minas de pedras preciosas*. A Historia, essa era escripta em epopéas, como o *Ramayana*, a *Iliada*, a *Odysséa*, a *Eneida*.

«Nos banaes tempos que correm, teriam a Geographia e a Historia perdido o seu magico sabor antigo e o encanto das cousas suggestivas? Indubitavelmente que não. O campo foi apenas alargado e cultivado. A poesia da Terra palpita e irradia em todos os seus aspectos e em todos os seus elementos: nos reconditos mysteriosos das suas grutas mirificas; no vae-vem escachoante e espumoso dos seus mares; no macio rosicler das suas nuvens sonhadoras; no golfar candente dos seus vulcões, tantas vezes, no entanto, coroados pela neve. Essa poesia sublime da natureza ou essa vida pantheistica se espiritualiza e vibra nesses cháos graniticos e nesses abysmos hiantes; no torvelinho dos cyclones e no fremito dos cataclysmos; no despenhar das cascatas e no ruir das avalanchas; na impassivel alvura dos *icebergs* e no rendado alpestre e nivoso dos *fjords*; no deslumbramento das auroras polares e no phenomeno extranho das miragens; nos taciturnos santelmos viajores e nos aerolithos que tombam das alturas; na geometria caprichosa dos crystaes e na phantasmagoria horrifica dos monstros prehistoricos; na delicadeza ideal e vellutinea das rosas e na graça alada e multicolôr das borboletas...

«A Terra, como o homem, é um organismo vivo e tem a ossatura nas montanhas; os nervos nos filões metalliferos; as veias e as arterias, nos confluentes e nos grandes rios; a sys-

tole e a diastole, no fluxo e no refluxo do mar; a vigilia e o somno, no dia e na noite; as crises organicas, nos terremotos e nos diluvios; tem até o seu cerebro, com o seu pensamento, que é o pensamonto collectivo da humanidade.

«E a poesia da Historia? Essa brilha, correlativamente, na evolução do homem e nos grandes cyclos da civilização. De simples anthropoide falante, em que alguns o quizeram converter, esse representante do *reino hominal* de Fabre d'Olivet passou a ser o *Homo sapiens* de Linneu, e se dispõe para realizar o intrepido sonho do superhomem, idealizado por Nietzsche. Em um tempo ao homem bastaram as cavernas de troglodyta, os monumentos megalithicos, as choças nas florestas, as tendas nos desertos, as palafitas dos lagos. Mais tarde, elle se aggregou entre contornos amuralhados das cidades primitivas e medievaes. Agora, depois de reconhecer todo o globo, de Norte a Sul, de Léste a Oéste, nas viagens de circumnavegação, nas entradas pelos sertões, na conquista de ambos os polos, não se contenta com dominar a superficie e as profundezas da Terra, na sondagem dos seus mares e na exploração das suas minas: quer dominar ainda o espaço e aventurar-se ao infinito, com o telegrapho sem fios e os arrojados vôos dos aeroplanos...

« Sabe-se que o aspecto geographico da Terra não foi sempre o mesmo que ella apresenta hoje em dia. Dous immensos continentes, de que ha vestigios em innumeras ilhas, desappareceram da sua face, em consequencia de horridas catastrophes: a Lemuria, que se extendia no trecho actualmente occupado pelo Oceano Indico; e a Atlantide, que não é só descripta em dous dialogos differentes de Platão, mas que tem sido ultimamente estudada por diversos sabios. Esses cataclysmos periodicos relacionam-se, provavelmente, segundo alguns, com a mudança de inclinação do eixo terrestre, por effeito da precessão dos equinoxios. Quanto á fórma da Terra, conquanto a considerem, mais geralmente, um espheroide, outros a julgam um tetraedro, de accôrdo com a theoria de Green, ora em muita acceitação.

«Entre os massiços continentaes, é a America o único que se alonga de polo a polo. Ella possue todas as zonas, todos os climas, todos os recursos. São eguaes todos os seus systemas

de govêrno. Acha-se, por conseguinte, apta a resumir o mundo e a receber todas as raças. E, si existem uma consciencia, um direito e um ideal americanos, elles não poderão ser differentes da consciencia, do direito e do ideal da humanidade.

«Na configuração geral do globo, a America do Sul exhibe um facies todo particular. Tem a fórma original, não de misero presunto com que a comparou a voracidade de um estadista norte-americano, acconselhando a fisgassem; mas de um regular e pensativo perfil humano, voltado para o nascer do sol e a contemplar, eternamente, o infinito. O Brasil, mais que nenhum outro paiz, contribue para essa configuração. De um lado, a columna rachidiana ou o anteparo natural dos Andes — muralha cyclopica de neves eternas e de lavas revoltas. Do outro, as suaves ondulações da costa do Brasil — paiz que se deixa abraçar pelas vagas numa caricia...

« Para o sabio dinamarquez Lund, o solitario da lagoa Sancta, o Brasil, outr'ora extensa ilha, seria, com o seu planalto central, « o mais antigo continente do nosso planeta. » Por sua vez, a visão genial de Alexandre de Humboldt previu o deslocamento da futura civilização, em torno da plethora da vida e dos inexhauriveis recursos da prodigiosa aorta amazonica. « Terrenal paraiso descoberto », no dizer de Rocha Pitta, «jardim em frescura e bosques», para Anchieta, «paiz sem rival debaixo do céo», no juizo insuspeito do principe Mauricio de Nassau, enorme receptaculo de energias e vastissimo reservatorio de riquezas sem par, — o Brasil, está sem dúvida, fadado a grandiosos e proliferos destinos.

« Elle não possue, apenas, as qualidades com que solennemente o pretendeu synthetizar um membro de um congresso internacional de orientalistas, em Lisboa: « terreno fertilissimo, agua potavel, laranjas e hospitalidade ». É, sobretudo, a terra da luz e da esperança. Não foi sem razão, talvez, que o Destino lhe deu o ouro e o verde por distinctivos ou côres emblematicas. E' tambem, por isso mesmo, o paiz da vitalidade, da exuberancia, da perenne primavera, da confiança no futuro, assim como do vigor intellectual, da ancia de saber, da gloria, do ideal.

« A certos respeitos, é o Brasil uma região privilegiada. O

vosso presidente, o nosso presidente celebrou-lhe as grandezas num hymno patriotico, o *Porque me ufano do meu paiz*, e assignalou-lhe quatro maravilhas sem emulas no mundo : o Amazonas, que é, para o poeta da *Alma América*,

> «El gran Río, ese Río que fué un tiempo el Dorado,
> «más que el Ganjes fecundo, más que el Nilo sagrado»;

a floresta virgem, deante da qual declarou Darwin ser « o extase uma palavra «insufficiente para exprimir as sensações experimentadas pelo naturalista que nella perambula pela primeira vez» ; a cachoeira de Paulo Affonso, cantada por Castro Alves ; e a bahia do Rio de Janeiro, esse mais bello sonho da Natureza realizado na terra. O Brasil tem a prerogativa de possuir os mais esplendidos e preciosos diamantes do mundo, e, entre elles, tambem os diamantes pretos ou carbonados da Bahia, dos quaes o maior conhecido é de 3.148 quilates. No reino vegetal, ostenta desde as orchideas mais raras e garridas á extraordinaria Victoria régia amazonense. A sua Ornithologia, que vai dos lindissimos e adoraveis beija-flores ao *Falco destructor*, ou a nossa airosa aguia nacional, é tão rica e tão variada, que, numa lagoa da Amazonia, viu Agassiz mais aves (cêrca de 200 especies) do que a Europa toda contém.

« E, todavia, o povo brasileiro — amálgama de tres sub-raças em fusão — parece traduzir a funda melancholia de uma terra, que póde ser tudo e que anceia por ser mais do que, de facto, é. Falta-lhe ainda um sentimento de patria, perfeitamente characterizado, e uma cultura geral bem comprehendida, que se deve diffundir na massa amorpha da população. Sómente de posse desses elementos, poderemos realizar a nossa missão historica e o nosso proposito definido em Haya : contribuir efficazmente para o progresso humano, cooperando para a verdadeira páz internacional e affirmando a egualdade das nações perante o Direito. » (*Calorosos applausos*).

Por fim o SR. PRESIDENTE, CONDE DE AFFONSO CELSO, deu a palavra ao sr. dr. Ramiz Galvão, orador do Instituto. Este respondeu aos novos socios nos seguintes termos :

« São sempre datas de grande júbilo para nós os dias, em que temos a fortuna de receber o concurso de novos paladinos da sancta causa, que se pleitêa no Instituto.

« O bello discurso, sr. dr. Alfredo Valladão, que acabamos de ouvir com maximo interesse, seria a melhor justificação desse júbilo, se já não bastasse a preciosa memoria — *Campanha da Princeza* — que vos serviu de titulo de admissão no nosso gremio.

« Ha em ambos esses trabalhos historicos a revelação de um alto predicado que é para nós da maior valia, além de outros que recommendam a vossa individualidade.

« E' o enthusiasmo fervoroso pelo renome do berço natal e pelo glorioso Estado, que vos conta por filho.

« Fizestes, illustrado collega, uma relação extensa dos principaes vultos litterarios, scientificos e politicos da vossa querida Campanha, desde o célebre Alvarenga Peixoto, agora accrescido aos nossos olhos, até os mais recentes filhos desse illustre torrão mineiro, passando pelo ardoroso José Bento Leite, que já prégou e quasi adivinhou as conquistas mais liberaes de nossa Constituição; pelo grande Perdigão Malheiros — o benemerito advogado da emancipação dos captivos; pelos brilhantes redactores do *Colombo;* por esse trabalhador emerito da exploração de nossas fronteiras, que se chamou barão de Parima; pelo honradissimo e austero Fernando Lobo, que recorda algumas das venerandas figuras do Senado Romano; pelo operoso, illustrado e purissimo Americo Werneck, que poderia servir de modêlo aos melhores republicanos; por Vital Brasil, João Braulio e tantos outros nascidos naquelle glorioso recanto da terra brasileira.

« Tudo isso demonstra uma verdade, que já a Historia regista: Minas é um dos mais galhardos e bellos florões da nossa corôa civica. E' a terra dos diamantes, do ouro, das gemmas preciosas, do ferro, assim como é um viveiro de bellissimos talentos cultores da Poesia e da Liberdade. Alli fulguraram os épicos do periodo colonial, os grandes lyricos da eschola que com muito acerto teve o nome de *Mineira*: alli se architectou aquelle sonho de independencia politica, que acabou pelo sacrificio de um martyr e pelo destêrro do cantor de Marilia; alli abriram os

olhos á luz do Cruzeiro alguns dos maiores estadistas da nossa Patria ; alli as mais altas serranias, todos os climas e todas as producções da terra ; alli, as virtudes domesticas que consolidam a familia, e o profundo sentimento religioso, que é um dos mais firmes esteios da vida social.

« Uma nobre altivez sem jactancia, lealdade, economia e amor ao trabalho são virtudes proverbiaes em vosso torrão patrio, digno confrade.

« Muitos Brasileiros teem uma divida sagrada a pagar-vos. Quando o funesto vendaval da revolta de 1893 perturbou os animos, quando odios particulares, vindictas e perseguições aqui se desencadearam pondo em risco a segurança de cidadãos honrados e correctos, o vosso glorioso Estado, sr. dr. Alfredo Valladão, foi o baluarte a que se puderam accolher as victimas. Minas generosamente deu guarida aos fugitivos ermãos e teve a coragem de resistir ás ameaças, servindo aliás com fidelidade inquebrantavel ao Govêrno da União. Essas provas de alevantado civismo não se exquecem e podem junctar-se aos muitos meritos que ennobrecem a alma dos seus filhos, que os fazem amados e respeitados, e que lhes hão de dar em todo o tempo um logar distincto na Republica.

« Tendes, pois, fundamento para esse amor ao berço, para esse estudo peculiar da historia do vosso torrão, que já nos deu tão bellas paginas e que ainda outras promette felizmente.

«Os vossos excellentes trabalhos juridicos, que por auctoridade competente foram já aqui applaudidos, não vos distrahem, e ainda bem, dos estudos historicos, a que vos chama o acendrado patriotismo. Trazei-nos breve esta collaboração valiosissima, de que havemos mistér, para complemento da nossa obra vasta e meritoria.

« Conta-se que os Athenienses, ouvindo por occasião das Panatheneas a leitura de alguns fragmentos da celebre Historia de Herodoto, cobriram-n'o de palmas enthusiasticas e premiaram o laureado filho de Lyxes.

« Aqui estaremos nós egualmente attentos e sequiosos para ouvir e applaudir o talentoso historiador da Campanha.

« Refere-se tambem que Thucydides, o grande Thucydides,

ao ouvir aquella leitura quando tinha 15 annos, derramára lagrimas de emoção e pensára talvez na composição da obra primorosa, que mais tarde legou á posteridade. Aqui estão neste recincto (quem sabe?) outros Thucydides, que, animàdos pelo vosso exemplo e pelo brilho de vossas composições, venham illustrar os nossos annaes com obras de subido valor.

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sr. dr. Alfredo Valladão, recebe-vos com admiração e carinho.

— « *O mundo vive tambem de sonhos e recordações* », acaba de dizer-nos o sr. dr. Eurico de Góes, auctor daquella interessantissima e erudita monographia *Symbolos Nacionaes*, que aqui foi recebido com merecido applauso. Sim, vive tambem de recordações; é uma verdade que legitíma a funcção excelsa do historiador.

« As recordações constituem objecto do precioso livro do passado, em que bebemos fructuosa licção,—em que admiramos os modelos de virtudes e civismo capazes de servir á geração futura, — em que se conforta muitas vezes a nossa alma dilacerada pelos erros e desvarios do presente.

« O nosso illustre consocio, cuja profissão de fé revela um espirito de pensador, perguntou um dia a si proprio: « *onde se aninhará a alma heroica e memoravel da lendaria metropole brasileira?* » Encontrou a resposta, transpondo os humbraes desta casa de estudo e de paz, que elle intitulou « *luminoso e elevado cenaculo scientifico do paiz* »

« Em nome do Instituto vos agradeço.

« De facto, aqui está a arca das nossas tradições e das glorias brasileiras. Por aqui passou uma pleiade brilhantissima de talentos e cidadãos prestimosos que honraram o Brasil: Cunha Mattos, São Leopoldo e Januario da Cunha Barbosa, Varnhagen, Macedo e Joaquim Norberto, d. Romualdo e d. Antonio de Macedo Costa, Beaurepaire Rohan e Taunay, Gonçalves Dias, Magalhães e Porto Alegre, Capanema e Baptista Caetano, Alves Serrão, Saldanha e Ladislau Netto, Teixeira de Mello e cem outros que enriqueceram a litteratura nacional ou os annaes da sciencia com obras de apurado lavor.

« Foram todos levitas que alimentaram o fogo sagrado do

templo, e cuja sombra paira benefica e amiga sôbre as nossas cabeças, prégando-nos com seu exemplo o patriotismo, o amor ao trabalho e a justiça serena da Historia.

«Todos esses luctadores emeritos, que fazem a nossa galeria de honra, bem conheceram a expressão daquelle perfil humano, a que alludistes, que a orla do nosso continente representa como uma figura talhada pelas mãos do Creador. Ella contempla as planuras de Leste, de onde vem a luz, e tem o dorso voltado para a cordilheira colossal dos Andes, que fita o céo com seus olhos de fogo. Isto significa que o nosso Brasil olha cheio de esperança para o amplo horizonte do futuro, tendo já no passado uma cohorte de luzeiros que lhe illuminaram o caminho.

«Bem haja o illustre collega, estudioso da nossa bandeira e enthusiasta dos nossos trabalhos, que vem fortalecer a phalange dos que neste retiro estudam a Historia Brasileira.

«Ás portas da nossa metropole repousa outro symbolo, o *Gigante de pedra,* aquelle que o poeta dos Timbiras cantou :

> «E lá na montanha deitado, dormido,
> «Campeia o gigante, — nem póde acordar !
> «Cruzados os braços de ferro fundido,
> «A fronte nas nuvens, os pés sôbre o mar!»

«Este representa quiçá a segurança do genio da Patria no brilho dos destinos que a esperam. Está alli a sonhar com o progresso, com as conquistas da civilização, com o valor civico dos patriotas exforçados, que hão de illustrar o nome brasileiro.

«Sois um delles, prezadissimo confrade. Abraçado á bandeira que estudastes com desvelo e notavel saber, aggregae-vos de hoje em deante á nossa obra: vinde revigorar com a phalange dos novos o corpo do nosso Instituto e realizar com elles e com a experiencia dos velhos aquella missão historica, a que patrioticamente alludistes : «« *Contribuir para o progresso humano, cooperando para a verdadeira paz internacional e affirmando a egualdade das nações perante o Direito* ».

« Sêde benvindo.»

(*Palmas calorosas*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) annuncia ao

Instituto que, no dia 21 do corrente, ás 9 horas da noite, se realizará a sessão magna, para a qual deve ser convidado o chefe do Estado.

« Para effectuar tal convite nomeia uma commissão, composta dos srs. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada e major dr. Liberato Bittencourt.

« Em seguida diz que nada mais havendo a tractar, nem desejando socio algum fazer uso da palavra, vai levantar a sessão.

« Antes, porém, de fazê-lo, cabe-lhe agradecer em nome do Instituto a honrosa e agradavel presença das ex.mas senhoras e dos conspicuos cavalheiros que entenderam assistir á presente sessão, incluidos no numero de taes cavalheiros vários dos astronomos extrangeiros, que vieram ao Brasil observar o último eclipse solar. »

Levanta-se a sessão ás 5 $^1/_2$ da tarde.

Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, 2.º secretario interino.

SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO 74.º ANNIVERSARIO, EM 21 DE OUTUBRO DE 1912

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso.

Ás 9 horas da noite, na séde social, abre-se a sessão, com a presença do sr. marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, presidente da Republica e presidente honorario do Instituto, e dos seguintes consocios : conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, barão Homem de Mello, dr. Luiz Gastão de Escragnolle Doria, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, dr. Eduardo Marques Peixoto, dr. Alberto Rangel, dr. Alfredo Rocha, dr. He-

lio Lobo, capitão-tenente Raul Tavares, dr. Eurico de Góes, dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, padre dr. Julio Maria, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Pedro Souto Maior, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, almirante barão de Teffé, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Sabino Barroso, Carlos Lix Klett, conselheiro João de Oliveira Sá Camello Lampreia, almirante Arthur Indio do Brasil, dr. João Coelho Gomes Ribeiro, dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, desembargador João da Costa Lima Drummond, dr. Alfredo Valladão, coronel Jesuino da Silva Mello, dr. Francisco Agenor de Noronha Santos, conde de Leopoldina e dr. José Americo dos Santos.

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA *(2.º secretario interino, servindo de 1.º)*, communica a ausencia dos srs. Max Fleiuss, 1.º secretario perpetuo, por motivo de licença solicitada, e do sr. dr. Gastão Ruch, 1.º secretario interino, por um impedimento occasional.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente)* convida para servir de 2.º secretario, na presente sessão, o sr. dr. Eduardo Marques Peixoto, que, em seguida, toma assento na mesa.

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA *(2.º secretario interino, servindo de 1.º)*, procede á leitura do seguinte expediente relativo á sessão :

— Telegramma da ex.ma sr.a d. Antonietta Araripe, agradecendo, em nome de sua familia, as homenagens prestadas á memoria do dr. Araripe Junior, e incumbindo o dr. Escragnolle Doria de representar a familia Araripe na solennidade da sessão magna.

— Telegramma do barão de Werther, agradecendo o preito de apreço e saudade do Instituto ao barão do Rio Branco, seu antigo presidente perpetuo, e desculpando-se por não poder comparecer á sessão magna, devido a motivos de saude.

Finda a leitura do expediente, o SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*), pronunciou o seguinte discurso :

« Em tres quartos de seculo entra hoje a conspicua existencia do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

«Basta-lhe a ancianía para o investir de dignidade e o abonar perante o conceito publico.

«É prova de que, formado com esperançosos elementos de vitalidade, não os malbaratou, ou enfraqueceu, em tão extenso percurso.

«Firme e sereno, tem elle resistido a todas as vicissitudes. Commoveram-no, porém, não o abalaram, as convulsões que, naquelle periodo, combaliram o paiz. Nascido sob o govêrno do regente Araujo Lima, depois marquez de Olinda, o *Instituto*, durante a agitada terminação da phase regencial, no correr do magnanimo reinado de d. Pedro II, nestes vinte e tres annos de Republica, trabalhou sempre calmamente, assistindo a várias revoluções e guerras externas, á abolição do captiveiro, á mudança do regimen politico, aos tumultuosos successos das ultimas duas decadas, sem que nada o perturbasse na execução de seu programma de paz e concordia, todo entregue a cogitações exalçadoras do coração e do engenho humanos.

«Documentos deste ininterrupto, austero, proficuo labor registam-n'os á farta os 74 volumes de sua *Revista*, — o erario maximo de informações sôbre cousas nacionaes.

«Climaterico foi o anno de 1838. Continuava na Bahia, até ser suffocada em sangue, a Sabinada, revolta que, mais de quatro mezes, tyrannizou a capital da provincia. No Rio Grande do Sul, superiormente acaudilhados por Bento Gonçalves e Bento Manuel, propugnando, aliás, uma idéa que todo Brasileiro deve repudiar, a da desagregação do Brasil, infligiam serios revezes ás armas imperiaes os destemidos Farrapos. Surde no Maranhão o sangrento levante da Balaiada. No Piauhi, assolado pelo mesmo movimento subversivo, attentam contra a vida do presidente, barão de Parnahiba. Cae assassinado o presidente do Rio Grande do Norte, Silva Lisboa. Grave sedição domina Villa Franca, em S. Paulo. Morre José Bonifacio.

«Em compensação, effectua-se a pacifica eleição do regente, que havia um anno, após a renuncia de Feijó, governava interinamente em nome do imperador, e assignala-se a creação de tres estabelecimentos uteis: o Monte de soccorro, o Archivo publico e o *Instituto Historico*.

« Resgatam, nobilitam 1838 os notorios serviços e beneficios destas tres fundações.

« Commemorando hoje a sua installação, cumpre o *Instituto* o dever de tributar os preitos da gratidão e da reverencia aos seus fundadores, cujos nomes se orgulha de recordar, pois pertencem a eminentes compatricios.

« Ei-los:

« Marechal de campo Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim (visconde de Jerumirim), conselheiro José Feliciano Fernandes Pinheiro (visconde de S. Leopoldo), marechal de campo Raimundo José da Cunha Mattos, conego Januario da Cunha Barbosa, conselheiro Candido José de Araujo Vianna (marquez de Sapucahi), coronel dr. Conrado Jacob de Niemeyer, general Pedro de Alcantara Bellegarde, dr. Joaquim Caetano da Silva, dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, conselheiro José Antonio da Silva Maia, conselheiro Caetano Maria Lopes Gama (visconde de Maranguape), conselheiro José Clemente Pereira, conselheiro Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (visconde ne Sepetiba), desembargador Rodrigo de Sousa e Silva Pontes, conselheiro Francisco Gê de Acaiaba de Montezuma (visconde de Jequitinhonha), conselheiro Joaquim Francisco Vianna, conselheiro Bento da Silva Lisboa (barão de Cairú), conselheiro Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento, Ignacio Alves Pinto de Almeida, dr. João Fernandes Tavares (visconde de Ponte Ferreira), conselheiro José Antonio Lisboa, José Lino de Moura, dr. José Marcellino da Rocha Cabral, dr. Antonio Alves da Silva Pinto, José Silvestre Rebello e Thomé Maria da Fonseca.

« Inclina-se egualmente, repassado de reconhecimento e veneração, ante a imagem augusta de seu inexquecivel protector, s. m. o sr. d. Pedro II, que já, aos quinze annos de edade, em 1840, consagrava benevola e viva attenção aos trabalhos do *Instituto,* ao ponto de lhe offerecer uma sala do paço imperial para as sessões, ás quaes no decurso de 49 annos constantemente compareceu, distinguindo-nos ainda, depois de morto no exilio, com o donativo de importante parte de sua valiosissima bibliotheca.

« Gloria á imponente, modelar figura!

«Graças á dedicação de seus associados, á sympathia e concurso dos poderes publicos, ao favor da opinião esclarecida, proseguiu desassombrado em seu recto caminho o *Instituto,* no anno social hoje concluido.

«Ides ouvir, no relatorio do digno sr. secretario, substituto do perpetuo, cuja ausencia todos deploramos, a enumeração das occurrencias que ahi nos interessaram.

«Acabrunharam-nos, neste anno, pungentissimas perdas, quaes as do presidente perpetuo barão do Rio Branco, do ex-presidente marquez de Paranaguá, e do acclamado, em assembléa geral, presidente honorario visconde de Ouro Preto, meu queridissimo pae.

«Em nosso nome, sobre os jazigos, embebidos de saudoso pranto, destes e outros egregios consocios, vai depositar as laureas magnificas de seu saber e de sua eloquencia o nosso orador.

«Somos uma legião, a quem, no curto prazo de uma só peleja, houvesse a morte prostrado as mais elevadas patentes, os proceres, os consagrados heroes.

«Mas corajosa, disciplinada, insubjugavel, conscia dos seus deveres e energias, confiante no seu ideal, persiste a legião na sagrada lida, certa de que o immaculado vexillo erguido ha 74 annos, não se abaterá, como jámais se abateu.

«Sustentam-no as fecundas conquistas do passado; animam-no as bellas possibilidades de hoje e amanhã.

«A Historia, a Geographia, a Ethnographia e a Archeologia do Brasil convidam, concitam a infindaveis, luminosos estudos, escopo essencial do *Instituto.*

«Para emprehendê-los com ardor, effectuá-los com segurança, conclui-los com lustre, fallecem-lhe porventura requisitos?

«Sobejam-lhe os fundamentos: fé nas bondades de sua tarefa, culto da sciencia, patriotismo.

«Principalmente patriotismo, pois acima de tudo, nesta casa *«vereis amor da patria, não movido de premio vil, mas alto e quasi eterno.» (Palmas calorosas).*

Findo esse discurso, o sr. dr. Escragnolle Doria (*2.º secretario interino, servindo de 1.º*) leu o seguinte relatorio dos trabalhos annuaes do Instituto:

« Na fórma dos Estatutos e das tradições do Instituto, cabe ao 1.º secretario a resenha annual dos trabalhos sociaes. É o pregoeiro da acção, o balanceador do exfôrço da nobre companhia que desde 1838, todos os annos, no dia da sua sessão magna, se senta á beira do tempo para medir a distancia percorrida no labor, saudando os obreiros depois de ter avaliado a sua obra.

« Na ausencia do 1.º secretario perpetuo, dr. Max Fleiuss, licenceado a pedido, e no impedimento do 1.º secretario interino, dr. Gastão Ruch, privado de comparecer por circunstancia occasional, venho occupar a attenção do Instituto no desempenho do encargo que devia caber áquelles distinctos consocios.

« Peza-nos a ausencia do sr. 1.º secretario perpetuo, o reorganizador do Instituto, cuja vida se tornou gemea da desta associação, á qual tem dado provas de filial zêlo, cujo conhecimento seguro, prompto e certo das menores cousas da casa, annualmente vos fornece relatorios substanciaes e enthusiasticos, completos e interessantes. Antes de cumprir os deveres do meu cargo momentaneo, deixarei aos illustres consocios um momento de pausa para que se ermanem todos na saudade, que lhes inspira o afastamento involuntario do incansavel companheiro.

« Rendido este preito de estricta justiça, verificaremos que, no corrente anno, por varias vezes, o Instituto, ao imperioso convite da tristeza, se cobriu de lucto pezado, com a perda de notaveis membros seus, e, entre elles, o benemerito presidente perpetuo, o sr. barão do Rio Branco.

« Máo grado tão fundos e repetidos golpes, os trabalhos sociaes correram normaes e serenos, entre a dedicação da Directoria, a pontualidade e o exfôrço dos consocios, a presença dos funccionarios, sobrelevando-se entre elles o sr. dr. José Vieira Fazenda, cujos conhecimentos vastos e profundos daria realce a qualquer associação scientifica do mundo.

« É tempo agora de examinarmos junctos tudo quanto se passou, no decurso de 1912, no recincto das sessões do Instituto e nas suas dependencias.

« A 17 de Fevereiro realizou-se a assembléa geral extraordinaria para a eleição do presidente do Instituto, em substituição

ao eminente sr. barão do Rio Branco. Foi eleito, por quasi unanimidade de suffragios, o sr. conde de Affonso Celso, antigo e eloquentissimo orador do Instituto, que a elle pertence ha quasi vinte annos, tendo sempre prestado, ininterruptamente, os maiores serviços nas diversas commissões de que fez parte.

« Nessa assembléa geral, presidida pelo illustre sr. dr. Ramiz Galvão, por meio de uma proposta, assignada por vinte consocios, se conferiu ao saudoso sr. visconde de Ouro Preto a presidencia honoraria.

« A 23 de Abril effectuou-se a 1.ª sessão ordinaria do anno, na qual foi lido copioso expediente, pelo qual muitos consocios applaudiram a eleição do sr. conde de Affonso Celso.

« Na mesma sessão, o novo presidente do Instituto participou as nomeações por elle feitas, de conformidade com o art. 26 § 4.º dos antigos Estatutos, dos srs. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, para 1.º vice-presidente ; dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, para orador e para membro da Commissão de estatutos ; conselheiro Camello Lampreia, para a de Fundos e Orçamento ; drs. Augusto Olympio Viveiros de Castro e Clovis Buvilacqua, para a de Historia ; capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, para a de Geographia, e dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, para a de Admissão de socios.

« Foi tambem appróvado o parecer da Commissão de fundos e orçamento, relativo ás contas do exercicio social de 1911.

« Ainda nessa sessão tiveram leitura os pareceres da Commissão de Historia, relativos aos srs. drs. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria e Washington Luiz Pereira de Sousa e o do sr. dr. Viveiros de Castro, relativo á proposta do sr. dr. Alberto Torres.

« Na mesma sessão foram offerecidas propostas referentes aos srs. drs. Julio Fernandes, Rivadavia da Cunha Corrêa, Lauro Severiano Müller, Manuel de Oliveira Lima, barão de Studart, Amaro Cavalcanti, Pedro Lessa, desembargador Lima Drummond, Afranio de Mello Franco, Valladão, Helio Lobo, Manuel Emilio Gomes de Carvalho, major dr. Liberato Bittencourt, Francisco Agenor de Noronha Santos, Alberto Rangel, desembargador Ataulfo Napoles de Paiva e dr. Alberto Lamego. Tambem nessa sessão tomou posse o novo socio sr. dr. Pedro Souto Maior, pronun-

ciando interessante discurso sôbre trabalhos emprehendidos em Portugal, no desempenho de missão confiada pelo Instituto. O dr. Souto Maior, nos archivos e bibliothecas da Hollanda, com extraordinaria pertinacia e notavel senso critico, descobriu varios documentos de subido valor para a nossa Historia, continuando, assim, e de modo brilhante, os grandes trabalhos de Netscher, Joaquim Caetano, Ramiz Galvão, Varnhagen e José Hygino.

« Em 4 de Maio realizou-se a 1.ª sessão extraordinaria para a leitura de pareceres e da proposta relativa ao sr. Nicoláo José Debbané. Seguiu-se logo depois uma sessão especial, para votação dos mesmos pareceres, resultando desta a eleição dos srs drs. Julio Fernandez, Rivadavia da Cunha Corrêa e Lauro Müller como socios honorarios, a elevação a essa classe dos antigos consocios, srs. drs. Pedro Lessa, Amaro Cavalcanti, Manuel de Oliveira Lima e barão de Studart e a eleição, como socios correspondentes, dos srs. drs. Washington Luiz Pereira de Sousa e Luiz Gastão d'Escragnolle Doria.

« A 13 de Maio realizou-se a 2.ª sessão ordinaria, tomando posse o sr. dr. Julio Fernandez, então representante da Republica Argentina juncto ao Govêrno do Brasil. O discurso pronunciado pelo estimado diplomata foi mais uma demonstração do seu elevado espirito e da sinceridade com que procurou robustecer as sympathias entre os povos brasileiro e argentino.

« Nessa mesma sessão o eminente sr. dr. Pedro Lessa effectuou breve conferencia sôbre a data de 13 de Maio.

« A 27 do mesmo mez de Maio realizou-se a 2.ª sessão extraordinaria, lendo-se diversos pareceres e votando-se a admissão dos srs. desembargador Lima Drummond, drs. Afranio de Mello Franco, Liberato Bittencout e Manuel Emilio Gomes de Carvalho.

« A 6 de Junho realizou-se a 3.ª sessão extraordinaria para votações, sendo eleitos socios do Instituto os srs. drs. Helio Lobo, Alberto Rangel e desembargador Ataulfo Napoles de Paiva.

« A 3.ª sessão ordinaria realizou-se em 11 de Junho, effectuando o venerando consocio sr. barão de Teffé interessante conferencia sôbre a data de 11 de Junho de 1865 e tomando posse o sr. desembargador Lima Drummond, cujo discurso, notabilissimo pela fórma e pelos conceitos, mereceu os mais calorosos encomios.

« A 4.ª sessão extraordinaria realizou-se a 16 de Junho, lendo-se nessa occasião o parecer relativo ao sr. dr. Alfredo Valladão, e tomando posse quem neste momento occupa vossa attenção.

« A 27 de Junho effectuou-se a assembléa geral extraordinaria para discussão e approvação dos novos Estatutos, que hoje nos regem. Essa mesma assembléa ratificou todos os actos practicados pelo actual presidente do Instituto.

« A 5.ª sessão extraordinaria celebrou-se em 29 de Junho, lendo-se os pareceres relativos ao sr. Nicoláo José Debbané, no qual o illustre relator, sr. dr. Viveiros de Castro, com o alto criterio que tanto o distingue, expendeu algumas verdades, cada vez mais relevantes.

« Não deixaremos de transcrever os seguintes trechos dessa pagina de observação e justiça:

« Contrariando a affirmação da eschola positivista de que cada vez mais os mortos governam os vivos, nós não temos o culto dos antepassados. Por mais cheia de serviços que tenha sido a vida de um estadista, si elle não deixou um grupo de amigos que tomem a seu cargo a tarefa de alimentar o fogo sagrado do enthusiasmo, a sua memoria vai aos poucos diluindo-se, impersonalizando-se.

« Reagir contra essa indifferença, estimular a energia da geração actual pela recordação dos feitos dos nossos maiores, é justamente a missão precipua deste Instituto.»

« O conceito do nosso eminente companheiro é de uma realidade tão indiscutivel, que ocioso se torna commentá-lo.

« A missão principal, porém, deste Instituto não se deve cingir á recordação das obras dos nossos gloriosos predecessores; cumpre-lhe tambem cultivar o sentimento de gratidão, evitando que dedicações sinceras e proficuas a esta companhia não tenham por único premio o sorriso de mofa, ou o exquecimento immediato, quando não o repudio violento.

« Nessa sessão a 29 de Junho tomaram posse os drs. Alberto Rangel, Helio Lobo e Liberato Bittencourt. Está na memoria de todos o brilhantismo das suas orações academicas.

« A 4.ª sessão ordinaria realizou-se em 19 de Julho, tendo sido lido o parecer relativo ao sr. capitão-tenente Raul Tavares e to-

mando posse o sr. dr. Francisco Agenor de Noronha Santos, cujas palavras foram por todos merecidamente applaudidas.

« Nesta mesma sessão foi eleito socio o sr. dr. Alfredo Valladão.

« A 5.ª sessão ordinaria realizou-se em 15 de Agosto, nella tomando posse de sua cadeira de socio correspondente o sr. dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, o qual teve ingresso na nossa companhia pela publicação de um romance no difficil genero historico, romance cuja acção, cozida por assim dizer ao passado, lhe permittiu demonstrar intimo tracto com os assumptos da Historia patria. Continuando a collaborar activamente na *Revista*, nos lazeres do magisterio superior e secundario, o dr. Affonso Taunay tem buscado provar que sabe reconhecer a honra de ser membro do Instituto, já narrando, longa e decumentariamente, os acontecimentos que presidiram á formação e evolução do nucleo artistico francez de 1816, ao qual tanto deve a Arte no Brasil, já descrevendo a vida de probidade e de intelligencia do grande homem de bem, por nome conselheiro José Antonio de Azevedo Castro, funccionario publico que zelava a fortuna publica como defenderia um ente caro pelo sangue.

« A 6.ª sessão extraordinaria realizou-se no dia 23 de Agosto, para leitura de pareceres e votações relativos aos srs. capitão-tenente Raul Tavares e Nicoláo José Debbané.

« A 6.ª sessão ordinaria effectuou-se a 22 de Septembro, tendo sido approvado o orçamento para o anno vindouro e tomando posse o sr. capitão-tenente Raul Tavares, cujo discurso patenteou a proficiencia do joven marinheiro, tambem dedicado cultor das lettras historicas.

« Na sessão o 1.º secretario interino, a convite do presidente, usou da palavra para saudar o illustre egyptologo dr. Deiber.

« O modo correcto e a elegancia com que, de improviso, em lingua franceza, se exprimiu o sr. 1.º secretario interino, deixam patente o comprovado merito do nosso distincto collega.

« A 7.ª sessão ordinaria realizou-se a 16 deste mez, tomando posse os drs. Alfredo Valladão e Eurico de Góes.

« Ainda vibra nesta sala o grato echo dos discursos desses illustres recipiendarios.

« Dando conta do brilho das orações dos novos companheiros, quasi nada dissemos quanto ás respostas do nosso orador. E para que uma referencia a essas paginas de acabada perfeição, no duplo aspecto da linguagem e das idéas? Haverá porventura, entre nós, quem ignore o valor — o valor inexcedivel — de Benjamin Franklin Ramiz Galvão? Basta citar-lhe o nome para que todos avaliem ou se recordem o que foram esses discursos e os applausos unanimes e calorosos que despertaram.

« Além dessas sessões, o Instituto realizou este anno algumas solennidades dignas do maior applauso, que não lhe foi regateado. Queremos nos referir á inauguração dos retratos de s. a. a princeza Isabel — a Redemptora, — do grande e saudoso estadista Joaquim Nabuco, antigo orador e dos mais brilhantes da nossa companhia, do sr. conselheiro João Alfredo, do almirante barão de Teffé, do nosso inclyto orador sr. dr. Ramiz Galvão, do visconde de Taunay. Em todos esses actos usou da palavra o nosso illustre presidente.

« Brevemente o Instituto inaugurará tambem o retrato do sr. conselheiro Augusto Olympio Gomes de Castro, como respeitoso tributo á memoria desse consocio, que tanto renome conquistou no parlamento do Imperio e no da Republica.

« Os serviços de catalogação das collecções do nosso archivo e da bibliotheca foram realizados com afinco, estando muito adeantados, podendo eu affirmar por tê-los presidido.

« Muito resta ainda fazer para que o nosso archivo seja utilizavel e utilizado, na medida de suas riquezas. Para tanto é necessario que todos os papeis obedeçam á systematização agora adoptada.

« A nossa bibliotheca, sempre frequentada, prestou relevantes serviços, sob a chefia immediata do sr. dr. José Vieira Fazenda, a quem o Instituto deve a mais legitima gratidão pelo inexcedivel devotamento ao cargo, que, em boa hora, lhe foi confiado pelo inolvidavel conselheiro Aquino e Castro.

« A nossa *Revista* está em dia.

« Dentro de pouco tempo será distribuida a parte II do tomo 74, com 800 paginas de texto e composta de artigos devidos á competencia dos srs. drs. Sebastião de Vasconcellos Galvão, Pa-

dre Brasil, drs. Pereira da Silva, Vieira Fazenda e Affonso de Escragnolle Taunay.

« A parte I do tomo 75, já sob a direcção provecta do sr. dr. Ramiz Galvão, foi entregue ás officinas da Imprensa Nacional.

« Continuamos a manter as mais estreitas relações com as principaes bibliothecas das nações americanas. Actualmente podemos affirmar que, em todas as capitaes deste continente, e em muitas das cidades, figura a *Revista* do nosso Instituto, bem como as publicações por este editadas.

« E não só com relação ao nosso, mas tambem com os outros continentes temos mantido constantes communicações, recebendo de todos assiduas provas de consideração.

« É este, sem duvida, um dos grandes serviços prestados pelo Instituto ao nosso paiz.

« O estado economico do Instituto permittiu a desobriga de suas tarefas, graças á protecção sempre concedida pelo Congresso Nacional e pelo Govêrno da Republica. Sem ella fôra impossivel imprimir a indispensavel regularidade aos nossos trabalhos.

« O Instituto tornou-se, de ha muito, uma verdadeira bibliotheca publica e de natureza singular, pois os seus consultantes reclamam attenções especiaes.

« Não fosse, portanto, o amparo do Govêrno, e esta Associação por todos os titulos respeitavel e respeitada tornar-se-hia uma bella instituição extincta.

« No capitulo de nossa vida economica cumpre citar os desvelos do nosso integro thesoureiro, o sr. commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães.

« Ao Estado de S. Paulo deve tambem o Instituto os maiores agradecimentos pelo concurso, que lhe prestou.

« A construcção do nosso edificio social, para o qual o Congresso Nacional votou a necessaria verba, tendo sido aberto pelo Govêrno o credito e estando no Thesouro Nacional a respectiva quantia, deve ser em breve iniciada. A demora havida tem sua origem na difficuldade de achar-se um terreno em local apropriado.

« Tomou o Instituto parte em congressos realizados em Londres e em Genebra, sendo brilhantemente representado pelos seus consocios srs. drs. Affonso Arinos e Fernando A. Georlette.

« Para a realização do planejado accôrdo luso-brasileiro, ideado por Consiglieri Pedroso, de saudosa memoria, o Instituto delegou poderes ao dr. Pedro Souto Maior, que se occupou do assumpto quando na Europa.

« O Instituto designou uma commissão, para observar o eclipse do sol no dia 10 deste mez.

« A commissão, composta dos consocios : almirante barão de Teffé, Major dr. Liberato Bittencourt e capitão-tenente Raul Tavares, infelizmente nada poude fazer em prol da sciencia. O tempo chuvoso impediu por completo qualquer observação dos phenomenos a registar durante as phases do eclipse. O céu, completamente encoberto por grande quantidade de stractus, além da chuva constante e impertinente, não consentiu que se observassem as tres phases do eclipse, que, segundo os calculos, foram : 1.º contacto ext. $9^h06^m59^s9$. Phase maxima : $10^h27^m54^s7$. 2.º contacto ext. $11^h54^m39^s6$. Duração do phenomeno : $2_h47^m39^s7$.

« Entretanto, o relator do parecer da commissão, capitão-tenente Raul Tavares, tractará, em occasião opportuna, desse eclipse, que tantas preoccupações scientificas despertou e tantas desillusões trouxe aos observadores.

« Varias e importantes foram as offertas para o enriquecimento de nossas collecções, recebidas todas com o carinho dispensado pelo Instituto aos que o procuram e distinguem, e, felizmente, isso succede cada vez mais.

« Taes os successos do anno social de 1912, que a sessão de hoje encerra de vez.

« Chamado á ultima hora, a desempenhar o cargo de 1.º secretario, no impedimento do sr. dr. Gastão Ruch, si pude historiar fiel e rapidamente taes successos, foi devido ao trabalho que encontrei feito, pelo sr. Max Fleiuss, cujo interesse pelo Instituto continua a manifestar-se na promptidão e solicitude das respostas ás consultas dos collegas da Directoria. Recorrem ao seu perfeito conhecimento do mechanismo administrativo desta casa, pelo que aqui lhe deixam consignados geraes agradecimentos.

« A nota predominante do anno social foi, sem duvida, a perda de eminentes consocios, alguns dos quaes occuparam a culminancia na administração publica e na direcção desta casa.

« Sôbre todos dirá, daqui a instantes, o insigne homem de lettras que honra a cadeira de orador.

« O Instituto, na sua sessão magna de 1912, commemorativa do 74.º anniversario de sua fundação, recorda a dolorosa perda de taes consocios, esperando que as licções de civismo deixadas por elles e as provas de bondade sejam sempre dignificadas nesta companhia. Acima de quaesquer considerações, ella deve ser justa, honrando-se desse modo a si propria e mantendo illeso o vasto patrimonio moral de que é depositaria.

« Agora entrego a palavra ao orador do Instituto.

« Guiei-vos no edificio do trabalho, designando á vossa attenção os factos sociaes mais dignos della. Agora o nosso orador vai conduzir-nos entre cyprestes, em busca da tumba, dos serviços, da memoria de nossos finados consocios. Mas a sua palavra sempre colorida, trabalhada pela licção classica, não entoará um hymno de funebre desanimo, de luctuoso esmorecimento.

« Não. Os nossos grandes mortos ensinam, doutrinando pelo exemplo e robustecendo pela saudade, justificando a coragem, a resistencia, o progresso das gerações, as quaes, á luz perenne da vida, correm para o porvir, incitadas pelos proprios mortos que parecem exclamar: « por sôbre os tumulos, adeante ». As phrases do orador são flores. O Instituto vai colloca-las sôbre o tumulo dos seus, antes de continuar a gloriosa carreira ».

(*Muitos applausos*).

Tomou a palavra depois disso o sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, orador do Instituto, que fez o elogio dos socios fallecidos no correr de 1912, pronunciando o seguinte discurso:

« Ex.^{mos} srs. e dignos consocios:

« Em toda a larga existencia do Instituto, que já conta 74 annos de trabalho, nenhuma pagina houve talvez tão luctuosa nos seus *Annaes*, como a de 1911 a 1912. Não fallando de outros talentos que a morte nos roubou, perdemos vultos de primeira grandeza, cujo desapparecimento cobriu de crepe não só a nossa companhia, mas a Patria inteira.

« Infelizmente ainda para vós, recaïu em fracos hombros a pezada tarefa de rememorar dignamente os meritos de tão distinctos consocios. Ha 40 annos, quando vosso orador de hoje aqui

se desempenhou de missão similhante, tinha elle ao menos o fogo vivaz da mocidade, entrava cheio de esperanças no scenario da vida e, á falta de outros predicados, sobrava-lhe o enthusiasmo proprio da edade juvenil, que não sabe medir responsabilidades.

« Hoje, enfraquecido pelos annos e pelos embates da vida, como poderei corresponder ao brilho deste auditorio e ao magno assumpto que nos congrega? Imitando o conceito de um orador illustre, pedirei á fulgida memoria de cada um dos nossos mortos queridos um raio de luz, e, á claridade de sua alta benemerencia, estou que me seja possivel não desdourar a tribuna, em que scintillou entre outras a palavra brilhante de Porto Alegre, Macedo e Affonso Celso.

« Estaes certamente lembrados daquella pagina de Thucydides, em que elle nos resume o famoso elogio dos Athenienses mortos em defesa da patria, proferido pelo insigne Pericles nos funeraes celebrados no Ceramico, á custa do erario publico. Não seguirei seu exemplo, fazendo de preferencia o elogio da Patria e dos nossos antepassados que a illustraram; mais feliz neste passo do que o eloquente filho de Xantippo, tenho por assumpto, não a vida de uma cohorte de valentes soldados desconhecidos, mas a de uma pleiade luminosa de Brasileiros e ermãos benemeritos, que foram modelos de civismo, que se nobilitaram por altos serviços, que deixaram á posteridade exemplos raros de devotamento á causa publica. Rememorar estes nomes, delinear a traços largos o seu elevado merito, propô-los á admiração dos coevos e vindouros é acto de severa justiça, que importa em celebrar as grandezas da Patria, visto que ella se dignifica aos olhos do mundo com a virtude de seus filhos illustres.

« Dentre os consocios fallecidos no decurso deste anno social os dous unicos que não tiveram berço no Brasil foram Manuel José da Fonseca e o almirante Augusto de Castilho; permitti, porém, que os intitule de ermãos, por tal fórma captivaram a nossa estima com rasgos de magnanima dedicação aos filhos da terra em que nascemos.

—« Ambos Portuguezes. O primeiro, commerciante honradissimo e intelligente, que no Rio de Janeiro fez toda a sua carreira; o segundo, bravo e distincto militar, que, em lance angustioso e cri-

tico da nossa Historia, engrinaldou seu nome, fazendo jús á gratidão eterna dos Brasileiros.

« Espirito atilado e culto, tendo convivido sempre nas rodas selectas do Rio de Janeiro, Manuel José da Fonseca aqui fizera um largo circulo de amigos, que nelle apreciavam acima de tudo os nobilissimos predicados de coração.

« Nosso distinctissimo patricio, o dr. Carlos de Laet, em brilhante artigo que dedicou á sua memoria, narra este facto, que por si só bastaria para o recommendar á estima de todos os homens honrados. Proclamada a Republica em 1889, fôra preso e coagido a exilio o nobre visconde de Ouro Preto, chefe do ultimo gabinete ministerial da Monarchia. Nesta dolorosa conjunctura, quando muitos amigos acobardados tremeram e se esquivaram talvez, Fonseca procurou o ministro decaïdo e disse-lhe : « *Não acredito uma só palavra das infamias que se propalam sôbre sua fortuna ; sei que é pobre, honrado e agora ferido pela maior das injustiças politicas; eis a minha bolsa, tire della quanto quizer...*»

« O visconde abraçou o amigo, guardou o cheque, não se serviu delle, mas conservou n'alma, como todos nós conservariamos, para sempre gravada a mais profunda gratidão por aquelle acto de immenso cavalheirismo.

— « Augusto de Castilho, filho do grande e immortal Antonio Feliciano de Castilho, nascido a 10 de Outubro de 1841, abraçou aos 15 annos a carreira das armas. Guarda-marinha desde 1862 quando já contava serviços de guerra em Angola, official superior desde 1885, contra-almirante desde 1901, Augusto de Castilho foi na marinha de seu tempo um dos vultos mais brilhantes e um dos servidores da Patria de mais alto relêvo intellectual e moral. Já como bravo homem do mar, já como criterioso administrador no Govêrno Geral de Moçambique e em outras altas commissões, já como jornalista e escriptor, o nosso distincto consocio honrou sempre e por toda a parte o glorioso nome paterno e o não menos glorioso nome da Patria Portugueza.

« Em 1894 commandava elle, no porto do Rio de Janeiro, a corveta *Mindello*, (todos aqui o guardam de memoria) e assistia ao luctuoso espectaculo do duello, que se travára entre a

nossa esquadra revoltada e o Govêrno do marechal Floriano Peixoto.

« Essa lucta chegára ao momento critico do desenlace, depois de episodios varios e lugubres, que o nosso coração de patriota só póde e deve lastimar. A revolta, sem ter conseguido o almejado apoio, exhaurira seus recursos, enquanto o Govêrno, resistindo com pertinacia e amplos meios, conseguira collocar o adversario dentro de um circulo de fogo. Era chegada a hora tremenda, ou do sacrificio de todas as vidas, ou da rendição que certo acabaria por uma luctuosa hecatombe.

« Foi neste passo difficil e angustioso que o commandante Augusto de Castilho, cedendo a impulsos de humanidade e ao mais generoso dos sentimentos, prestou ao Brasil um desses heroicos serviços que immortalizam a memoria de um militar. Cedendo ao pedido do chefe da revolta deu asylo e recebeu a bordo dos navios portuguezes quantos officiaes e marujos brasileiros nelles se puderam abrigar, e saïu barra afóra, salvando centenas de vidas dum infallivel desastre, que enluctaria para sempre o nome da Republica.

« As paixões partidarias e super-excitadas do tempo não pouparam por isso o magnanimo Castilho, e o proprio Govêrno Portuguez julgou de seu dever processar o brioso commandante, como uma satisfacção dada á nação amiga; mas os tribunaes absolveram-n'o, a posteridade o admira e abençôa, a justiça da Historia o exaltará sempre como a um benemerito, que soube antepôr os deveres de humanidade aos reclamos do interesse particular.

« O vice-almirante Augusto de Castilho foi eleito socio honorario deste Instituto em 19 de Julho de 1896. Pediu sua reforma em 1910, e falleceu a 30 de Março de 1912, contando 71 annos de edade.

« A sua lapide merece esta epigraphe pouco banal, disse, e disse bem Escragnolle Doria : « Aqui jaz um Portuguez amigo e defensor dos perseguidos, que poupou á humanidade um jôrro de lagrimas e á face da civilização o opprobrio de um largo jacto de sangue ».

« — O commendador Luiz Alves da Silva Porto, que se finou ha 10 dias apenas, occupava no nosso quadro um logar de socio benfeitor desde 17 de Outubro de 1897.

« Esse illustre compatriota, nascido nesta capital aos 20 de Abril de 1830, foi na praça do Rio de Janeiro uma figura digna de veneração e cercada da mais respeitosa estima. Honradez a toda prova, austero cumprimento de deveres e grande competencia em assumptos bancarios deram-lhe ahi uma posição das mais salientes. No Banco do Brasil, como director desse estabelecimento de credito por mais de trinta annos, seus serviços foram realmente inestimaveis.

« Desempenhou-se com brilho e sagacidade de melindrosas commissões na Europa e no Rio da Prata.

« Só aos 80 annos de edade lhe foi dado como premio o repouso, — repouso aliás bem ganho, porque elle havia servido ao seu paiz com a maior dedicação. Silva Porto foi um desses homens utilissimos, que passam na vida publica sem apparato, sem fulgores, mas de facto legam a seus compatriotas uma somma avultadissima de beneficios, e a seus filhos um nome immaculado. Feliz herança, que os azares da sorte não dissipam, e que o tempo só consegue avultar !

« — O dr. Joaquim Xavier da Silveira, nosso consocio effectivo desde 4 de Dezembro de 1905, desappareceu da scena da vida a 4 de Março deste anno, deixando aqui e no seio da sociedade brasileira a saudosa lembrança de um bello talento ao serviço de um character de primeira agua.

« Natural de S. Paulo, onde nasceu em 1865, ali fez seus estudos e bacharelou-se na Faculdade de Direito. Desde os bancos academicos enthusiasta dos ideaes republicanos, fez-se delles propagandista e estrenuo defensor pela imprensa.

« Vindo para o Rio de Janeiro, salientou-se desde logo pela firmeza de convicções e outros elevadissimos predicados moraes, que não passaram despercebidos aos proceres do novo regime inaugurado em 1889. Delegado auxiliar de policia, governador do Rio Grande do Norte, chefe de policia do Districto Federal, intendente municipal e prefeito da Capital da Republica, em todas estas funcções demonstrou sempre ponderada competencia, zêlo e a mais illibada honradez. Integro e inflexivel sem dureza no tracto, modestissimo e avesso a ostentações não obstante o seu merito real, Xavier da Silveira teve occasião de prestar excellen-

tes serviços á causa de embellezamento desta cidade, podendo dizer-se que foi o iniciador das grandes obras aqui realizadas com exito por administrações posteriores.

« Posto que chefe politico de um partido, não logrou a victoria em eleição para senador; mas nem por isso perdeu o alto prestigio, de que sempre viu cercado o seu nome, porque o verdadeiro merecimento é superior a estes azares da lucta. Tambem o sol padece eclipses, mas resurge sempre luminoso, brilhante, fonte de calor, de luz e de vida.

« Na sua banca de advogado, para onde voltava das commissões administrativas e dos encargos politicos, era um esclarecido cultor do Direito. Seus pares do Instituto da Ordem dos Advogados, elevaram-n'o merecidamente á cadeira da presidencia, por onde passaram tantos vultos eminentes, de que a Patria se desvanece.

«—Tristão de Alencar Araripe Junior, filho do Ceará e descendente de uma illustre familia que ligou seu nome a grandes acontecimentos da Historia Patria, nasceu a 27 de Junho de 1848 e formou-se em Direito, na Faculdade de Recife, em 1869.

« Empregando seu talento desde verdes annos ao serviço publico, foi successivamente secretario da presidencia de Sancta Catharina, juiz municipal de Maranguape, deputado pela sua provincia, director geral da secretaria do Interior, e mais recentemente consultor geral da Republica. Em todos esses cargos prestou relevantes serviços, mas em nenhum talvez deixou traço mais fulgurante de sua passagem do que no ultimo, que foi a corôa de sua carreira publica, com pareceres eruditos, que serviram de norma a decisões da alta administração.

« Esse distincto Brasileiro, que era no lar um modêlo de correcção e carinho, foi tambem, póde dizer-se, um heróe do trabalho. Sabendo distribuir o tempo entre as penosas obrigações dos cargos officiaes, a vasta leitura, que era um dos encantos de sua vida, e a producção litteraria mais abundante, Araripe Junior deixou-nos uma obra vasta e digna de alto apreço como romancista e critico.

« Collaborou brilhantemente na « Gazeta da Tarde », na « Semana », na « Gazetinha », no « Jornal do Commercio » e na « Re-

vista Brasileira». Seus perfis litterarios constituem quiçá o que possuimos de mais acabado neste genero da Litteratura nacional. Agudeza de vistas, alto senso critico, conhecimento profundo da Esthetica characterizam a obra notavel do escriptor, cujo espirito aliás, pelas necessidades da vida, tinha de dispersar-se por assumptos e cogitações de tão diversa natureza.

« Quando se fundou nesta Capital a Academia Brasileira de Lettras, em 1894, chamaram-no para fazer parte dos 40 daquella aggremiação de intellectuaes, onde legitimamente se foi sentar ao lado de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Alberto de Oliveira, Affonso Celso, José Verissimo, Carlos de Laet, Joaquim Ribeiro e tantos outros beletristas brasileiros.

« Nesse mesmo anno o nosso Instituto teve a fortuna de o admittir em seu gremio como socio effectivo, e hoje, pela mão do mais obscuro de seus admiradores, desfolha sôbre o tumulo do illustre Cearense um punhado de flores.

« Agaripe Junior deu sua bella alma ao Creador em 29 de Outubro de 1911.

« — Eis-me chegado, senhores, á parte mais árdua da ingente missão, que me foi dada.

« Tive até aqui de celebrar grandes meritos: agora, porém, sinto a propria fraqueza deante de vultos mais que insignes, deante de extraordinarios Brasileiros, que mereciam o Pantheão, si o tivessemos, e ante cujos nomes a posteridade se ha de sempre curvar cheia de admiração, respeito e amor. São dous socios honorarios e dous benemeritos; não os ligam nem laços de sangue, nem affinidades politicas, nem homogeneidades de estudos. Ha todavia entre elles, tão singulares e tão diversos, um liame superior que os prende, que os eleva, que os dignifica soberanamente: é o amor intenso á Patria, — sentimento com que a serviram todos de modo excepcional e em postos da maior responsabilidade; refiro-me aos eminentes dr. Joaquim Murtinho, marquez de Paranaguá, visconde de Ouro Preto e barão do Rio Branco.

« A vida laboriosa e honrosissima de cada um destes consocios daria margem á composição de livros; mas aqui não me é licito mais do que rastrear-lhes de longe o elogio e tributar-lhes em synthese rapida as homenagens do nosso Instituto.

—« Joaquim Duarte Murtinho nasceu em Cuiabá a 7 de Dezembro de 1848. Vindo muito moço para o Rio de Janeiro, aqui fez seus estudos secundarios e em 1865 matriculou-se na Eschola Polytechnica. A Engenharia, entretanto, não o seduzia. Em 1868 iniciou « pari-passu » o curso medico, vindo a graduar-se em 1870 na primeira especialidade e em 1873 na segunda. Laureado em ambas, o dr. Murtinho era pouco depois lente, por concurso, da cadeira de Biologia na Eschola Polytechnica, e um dos clinicos de maior nomeada nesta Capital. Seu grande talento dava-lhe em tudo a primeira plana: na cathedra de professor era um encanto e uma illustração; á cabeceira dos enfermos, applicando com rara sagacidade a moderna medicina de Hannemann, era um penhor de esperanças e foi muitas vezes um salvador.

« Mas este largo circulo de triumpho não lhe bastou. Sociologo e politico, antigo adepto dos principios republicanos, não tardou a ser chamado a outras funcções logo que o novo regime se implantou em nosso paiz; nas primeiras eleições para o Senado da Republica seu nome appareceu victorioso entre os representantes de Matto-Grosso.

« Esta é a nova phase do homem superior; ao apostolo da sciencia vai succeder o estadista e, o que é mais, o estadista de larga envergadura. Da cadeira de senador ascende elle em 1897 ao Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, e no anno seguinte, como collaborador do presidente dr. Campos Salles, ao Ministerio da Fazenda. Neste alto posto, e na mais cruel das emergencias, coube ao preclaro dr. Joaquim Murtinho uma gloria immorredoura. Um dos seus biographos já o disse com grande acêrto, e eu folgo de louvar-me em seus conceitos:

« O Brasil, a começar o quatriennio Campos Salles, era o que
« se costumava chamar um caso perdido. A Republica sacrificá-
« ra-se financeiramente no exfôrço pela sua propria conservação
« e estabilidade. A guerra civil arruinára o Thesouro, e a presi-
« dencia Prudente de Moraes mal tivera tempo de attender á
« liquidação do honroso legado, assoberbada a cada instante pelos
« movimentos da demagogia, remanescente inquieto daquelle pe-
« riodo tragico. As emissões clandestinas confessadas, augmentan-
« do consideravelmente o volume de papel moeda em circulação,

« tinham aggravado sobremaneira a situação financeira. Só nos « restava uma saïda : a moratoria.

« Mas a moratoria outra cousa não era sinão a suspensão « temporaria da banca-rota imminente e da deshonra completa e « absoluta... Assignando em Londres o accôrdo do *funding*, o « dr. Campos Salles comprehendeu perfeitamente a responsabili- « dade que tomava sôbre os hombros. Uma vacillação qualquer « no cumprimento desse accôrdo seria a morte do Brasil. As obri- « gações assumidas para com os nossos credores forçavam- « nos a uma conducta de rigorosa economia, que precizava ser « por outro lado completada por uma série de medidas, que refor- « çassem a renda e diminuissem alguns encargos pezados que « oneravam o Thesouro. Tudo isso devia ser feito sem estancar o « progresso, contra o qual ninguem impunemente se insurge numa « nação nova. Era mister um homem que, na pasta das Finanças, « soubesse tomar resolutamente este rumo, cerrando ouvidos á « grita dos descontentes e abrindo mão da popularidade, que « nunca foi condição indispensavel para o exito dos bons govêr- « nos nos momentos imperiosos de salvação.

« O dr. Joaquim Murtinho assumiu nobremente esse papel « heroico e ingrato.

« Na sua rapida passagem pela pasta da Viação tivera o en- « sejo de rasgar um clarão na escura noite em que viviam mer- « gulhados os politicos da epocha, chamando a attenção de todos « para a necessidade urgente de se republicanizar a Republica, « afim de que o novo regime não mentisse ás esperanças de seus « propagandistas.

« Este appêllo patriotico enunciado na formosa introducção « ao relatorio daquella pasta, situára definitivamente o preclaro « medico entre os estadistas capazes da grande obra do resurgi- « mento. O dr. Campos Salles foi arranca-lo de seu consultorio e « da evidencia da sua cadeira no Senado para a culminancia da « pasta da Fazenda, onde devia ser o inspirador e o guia de uma « politica de ferro, que nos livrasse do opprobrio do cambio « a 6 e preparasse o advento de uma epocha melhor para o paiz.

« O dr. Joaquim Murtinho soube corresponder perfeitamente « a essa expectativa.

« Homem de solido preparo ; observador mais habituado a « reflectir por si do que a estudar nos livros ; espirito concentrado, « inimigo das vastas leituras, que dispersam a intelligencia e « criam a volubilidade da opinião, destruindo a firmeza da idéa « primordial, elle levou para o Govêrno o cabedal precioso de « sua vontade e acabou vencendo, com honra e lustre para seu « nome e com evidente lucro para o paiz.

« Lembramo-nos ainda da grita enorme levantada contra a « sua acção decisiva e energica na pasta da Fazenda. Os rhetori- « cos inconscientes, imbuidos de doutrinas negativistas e theorias « artificiaes chegavam a levantar as paixões subalternas da massa; « mas, apezar disso, a grande e patriotica tarefa poude ser levada a « bom termo. Creados os impostos de consumo e estabelecida em « moldes mais rigorosos a fiscalizacão de arrecadação, as rendas « subiram.

« As propostas orçamentarias soffreram amplos cortes para « reducção da despesa. Começou a queima do papel inconversivel « e fez-se o resgate e arrrendamento das estradas de ferro que « gozavam de garantias de juro. O *deficit* desappareceu, o cambio « subiu, o consumidor e o productor respiraram um pouco ; e já « no quatriennio seguinte poude o Govêrno cogitar do progresso « material da nação pela construcção de grandes obras, que con- « tinuam attrahindo capitaes e movimentando as correntes do « trabalho.

« Nada disso poderia ter sido conseguido si não fôra a bene- « merita conducta de Joaquim Murtinho na pasta da Fazenda. Re- « encetando os nossos pagamentos no extrangeiro antes do tempo « marcado pelo accôrdo *Funding*, obteve elle uma victoria es- « trondosa ».

« Este magno serviço nunca será exquecido pelos Brasileiros patriotas, que desejam a rehabilitação do credito do paiz. Só elle bastaria para immortalizar o grande ministro da Fazenda do quatriennio Campos Salles, que oxalá encontre sempre imitadores para se não repetirem os dias angustiosos de 1893 a 1898. Por maiores que sejam os recursos de um paiz novo e as riquezas naturaes deste sólo abençoado, que nos deu a Providencia, não estaremos livres de situações penosissimas, si a imprevidencia e

o desbarato financeiro voltarem a desfazer a obra meritoria, que com tanto sacrificio e tanto civismo se realizou.

« O dr. Murtinho veio honrar a lista dos nossos consocios em 1900. Na orbita commum dos trabalhos do Instituto não teve parte jámais; mas, como servidor da Patria, e dos mais illustres, tem nos nossos annaes um lugar conspicuo. A data de 19 de Novembro de 1911 foi portanto para esta companhia um dia de pezadissimo lucto.

« — João Lustosa da Cunha Paranaguá, — mais tarde marquez de Paranaguá, nasceu na provincia hoje Estado do Piauhi, a 21 de Agosto de 1821, tendo por progenitores o coronel José da Cunha Lustosa e d. Ignacia Antonia dos Reis Lustosa. Viu pois a luz do dia quando a nossa Patria ainda não conquistára a independencia; atravessou todo o largo periodo do primeiro e do segundo reinado, assistiu á transformação politica de 89 e accompanhou ainda por espaço de 22 annos a vida da nascente Republica. Fechando esta larga existencia, quasi secular, poderia repetir aquella palavra da Escriptura: tive uma vida cheia de dias — *vita plena dierum.*

« Estando na Bahia em 1840, a completar o seu preparo para a Faculdade Juridica, isto é, tendo apenas 19 annos de edade, começou a sua vida publica e essa longa série de serviços á Patria, que o sagraram benemerito; naquella data abandonou por um pouco os livros e foi enfrentar na provincia natal os desordeiros *Balaios* do Maranhão, que a haviam invadido. Academico de Direito em 1841, tomou em 1846 o gráo de bacharel na Faculdade do Recife.

« É longa, muito longa, a lista dos cargos e das posições em que desde então provou as suas nobilissimas qualidades de cidadão prestimoso. Foi delegado de policia na capital da Bahia, juiz municipal e de orphãos do termo da Cachoeira, na mesma provincia, juiz de direito de S. Gonçalo de Amarante no Piauhi, e por algum tempo chefe de policia na referida provincia, chefe de policia na do Rio de Janeiro, mais tarde juiz de direito na comarca de Petropolis, e aqui na Capital, juiz da 3.ª Vara Civel e da 1.ª Vara de Orphãos, — posto da magistratura em que se aposentou com as honras de desembargdor,

«Dirigiu com alto criterio em varias epochas as provincias do Maranhão, Pernambuco e Bahia.

«Como representante da Nação, foi membro da Assembléa Provincial da Bahia de 1848 a 1853; de 1853 a 1865, occupou uma cadeira na Camara dos Deputados; de 1865 até a quéda da Monarchia, isto é, durante 24 annos, teve assento no Senado, representando sua provincia natal.

«Chamado por vezes aos Conselhos da Corôa, foi ministro da Justiça em 1859 no gabinete Ferraz, da Justiça e da Guerra em 1866 no gabinete Zacharias, da Guerra e interinamente da Marinha em 1878 no gabinete Sinimbú, da Fazenda e Presidente do Conselho em 1882, e finalmente, ministro de Extrangeiros em 1885 no gabinete Saraiva.

«Desde 1878 fez parte do Conselho de Estado.

«Encerrado o periodo monarchico, em que ganhára com trabalho constante e illibada honradez os titulos honorificos de visconde e marquez de Paranaguá, o venerando Brasileiro encerrou tambem a sua carreira politica, recolhendo-se á vida privada. Si, porém, fechara o cyclo das honrosissimas e laboriosas funcções publicas, não se pense que desamparára os interesses da Patria. Manteve-se trabalhando por ella na presidencia da Sociedade de Geographia, em que pontificou 29 annos consecutivos até caïr fulminado pelo raio da morte; e no seio do nosso Instituto, como membro de commissões, no posto de vice-presidente (de 1904 a 1906) e por ultimo na cadeira da presidencia, de 1906 a 1907, prestou sempre o valioso concurso de seu esclarecido patriotismo.

«E não é tudo. Quando em 1898 um grupo de Brasileiros se reuniu para organizar a celebração do 4.º centenario do descobrimento do Brasil, nenhum foi mais enthusiasta do que o nosso querido octogenario, nenhum mais assiduo ao trabalho. Collocaram-no esses patriotas na presidencia do Conselho Deliberativo da Associação, como justa homenagem ao alto merito e ao provado civismo do batalhador. Pensais acaso que se recusou á fadiga das trabalhosas sessões, em que se organizou aquella grande festa civica? Não só acceitou galhardamente o encargo como delle se desempenhou com a assiduidade, com o vigor e

com o enthusiasmo dos moços, que o accompanhavam e a quem dirigia com o seu admiravel exemplo.

« Como todos vimos, incansavel no trabalho, moderado, conciliador, cortez, correctissimo, o nosso respeitavel Nestor, foi um desses typos raros que fazem o orgulho da Patria e ao mesmo tempo o encanto da familia e dos amigos; destes contava em todos os partidos e em todos os circulos sociaes; da familia, que Paranaguá formára pela sua união conjugal com uma filha do honradissimo e benemerito Pinheiro de Vasconcellos, — dessa, elle era o idolo justamente querido.

« Conquistára pelos seus merecimentos a estima particular do nosso venerando imperador d. Pedro II, que aliás não foi prodigo, todos sabem, de taes distincções em seu longo reinado; mas ainda ahi o saudoso marquez mostrou a sua superioridade moral; nunca fez alarde de similhante prerogativa, nem della pretendeu servir-se jámais para interesse proprio.

« Era um modêlo o fiel servidor da Monarchia; com suas convicções morreu abraçado; com sua grandeza moral e carregado de serviços desceu ao tumulo, benquisto, venerado por gregos e troyanos, sereno com a sua consciencia de justo ardoroso no culto de Deus e da Patria.

(*Palmas*).

« Foi a 9 de Fevereiro deste anno, que o perdemos, e ainda permanece viva na memoria de seus companheiros, amigos e admiradores a lembrança do conspicuo Brasileiro.

— « Sangrava ainda o coração da Patria, com o desapparecimento de Paranaguá, e doze dias depois outro patricio emerito deixava os laços desta vida para entrar na gloria da posteridade, choravamos a perda do visconde de Ouro Preto.

« Affonso Celso de Assis Figueiredo, nascido na velha e gloriosa capital da então provincia de Minas-Geraes a 21 de Fevereiro de 1837, foi nome que duas gerações inteiras admiraram e que ha de ficar na historia patria como um raro exemplar de talento e nobreza de character.

« Graduado em Direito aos 21 annos de edade e logo depois ligado pelo consorcio a uma das mais distinctas familias paulistas, entrou cedo na vida publica e nas lides da Politica, alistado

nas fileiras do partido liberal, em que militou quasi meio seculo, com excepcional galhardia.

«Depois do desempenho de cargos de confiança na administração da provincia natal, foi eleito deputado geral, e taes dotes revelou que antes de completar 30 annos era chamado aos conselhos da Corôa, na qualidade de ministro da Marinha do gabinete Zacharias, em 1866. Zacharias de Góes e Vasconcellos era um dos mais brilhantes talentos do Senado; quando chamou aquelle joven Mineiro ao desempenho de tão melindrosas funcções, em pleno periodo da guerra do Paraguai, e quando de alguma fórma periclitavam gravemente os destinos do Brasil, Zacharias sabia poder contar com um homem de valor, e não se illudiu.

«Haviamos ganho heroicamente a batalha de Riachuelo, e acabava o grande Osorio de invadir o territorio inimigo. Como proseguir, porém, na marcha victoriosa, si a tremenda Humaitá alli estava embargando o passo, e si á sombra da estupenda fortaleza habilmente estabelecida e apparelhada o corajoso exercito de Solano Lopez podia infligir-nos um pavoroso desastre?

«O concurso de uma esquadra de couraçados era a resolução do problema. O joven Affonso Celso com olhos de aguia tudo viu, e com cem braços de Briareu tudo preparou para a victoria. Fez rapidamente construir os monitores, de que a esquadra carecia, desenvolveu a mais pasmosa actividade e a mais criteriosa energia nesse periodo da campanha, — e o resultado faustoso, brilhante, foi aquelle feito de armas da passagem de Humaitá, que o mundo inteiro celebrou e a Historia da Marinha jámais exquecerá.

«Em 1879 os Mineiros deram ao distinctissimo Affonso Celso uma cadeira no Senado; em 1880, no gabinete Sinimbú, administrou a pasta da Fazenda, e interinamente a do Imperio, revelando naquella adeantados estudos de finanças e dotes notabilissimos de administrador; em 1882 foi nomeado conselheiro de Estado; em 1888 conferiu-lhe o Govêrno da princeza do nosso preclaro consocio Ouro Preto, e em 7 de Junho de 1889 accudiu elle ao convite da Corôa organizando o ministerio que veio a ser o ultimo da Monarchia.

«Não me é dado, neste rapido transumpto de vida tão rica

de serviços á Patria, enumerar siquer os actos notaveis da administração operosa e honestissima do nosso preclaro consocio. Ouro Preto era um estadista em toda a extensão da palavra; não lhe era extranho nenhum dos ramos do serviço publico, e seu vidente patriotismo sabia antecipar grandes melhoramentos, utilissimas reformas. Basta apontar, entre outros documentos de sua esclarecida gestão financeira, a decretação das obras do porto do Rio de Janeiro, — essa esplendida obra que, só annos mais tarde e sob outro regime, veio a ter brilhante execução no govêrno do benemerito presidente Rodrigues Alves, e que é um dos attestados do nosso progresso material.

« Mas, para maior gloria do visconde de Ouro Preto, é mister que eu não omitta os successos memoraveis de 89. Do grande Brasileiro póde repetir-se o que o nosso Magalhães disse, em sua bella poesia, do glorioso vencido de Waterloo:

« na quéda
« tão grande como em horas de triumpho. »

« Por causas multiplas havia soado a hora derradeira para a vida do Imperio, que déra aliás ao Brasil um largo periodo de paz interna, de cohesão politica e de notavel avanço no caminho da civilização.

« Na gravissima emergencia de 15 de Novembro, Ouro Preto, que só conhecia a linha recta no cumprimento do dever, integerrimo e altivo, não deslisou um instante siquer das normas de nobreza, a que sempre obedecêra. Succedeu o que a Historia regista. A revolução triumphou facilmente, porque aggremiára fôrças para vencer.

« O illustre visconde foi colhido pelos acontecimentos, e neste passo angustioso manteve a soberana attitude dos homens de extraordinaria envergadura moral. Cedeu á fôrça dos triumphadores; mas, honra lhe seja feita assim como áquelle venerando ancião que desceu do fastígio do throno para as amarguras do exilio, cedeu de fronte erguida e impavido, heróe na grandeza de alma, heróe na compostura e na dignidade.

« Coagido a deixar a Patria, longe della Ouro Preto manteve a mesma correcção de todos os tempos, e, quando o Govêrno da

Republica, obedecendo ás inspirações da justiça, lh'o permittiu, voltou elle ao seu caro Brasil, disposto a ama-lo e a servi-lo, posto que irreductivel nas suas convicções politicas e arredado de todas as posições officiaes.

« Mestre na cathedra, jurisconsulto provecto na sua banca de advogado, trabalhador illustre nesta casa, vimo-lo passar os ultimos 22 annos da preciosa existencia cercado do respeito, do amor e da veneração, a que tinha direito pelos seus meritos. Sentou-se aqui entre nós pela primeira vez na memoravel sessão de 7 de Dezembro de 1900, apresentando como credencial o seu bello livro *A Marinha de Outrora*; trabalhou brilhantemente na Commissão de Historia e na de Fundos e Orçamento; em 8 de Maio de 1903 foi o preclaro viscònde elevado á categoria de socio honorario, e de 1905 até morrer occupou a cadeira da vice-presidencia, tendo occasião de dirigir por vezes os nossos trabalhos.

« Chegou, porém, o dia marcado pela Providencia Divina, e o bravo luctador, o eximio estadista, o Brasileiro de escol baixou a fronte submissa á lei inexoravel, que põe termo á vida na terra para começar a vida nova dos immortaes no seio da posteridade. Esta já o acolheu entre hymnos de gloria. (*Palmas*).

— « Eis-me chegado ao derradeiro marco desta jornada, em que passei a desfolhar goivos e saudades sôbre tumulos queridos. Na extremidade da aléa já humedecida de pranto e tapizada de flores, ergue-se, porém altivo e majestoso um monumento, que innumeras corôas, palmas e grinaldas adornam em profusão surprendente.

« A quem pertence este despojo sagrado? Quem foi o eleito e privilegiado, que a multidão honrou com taes e tantas homenagens de admiração e amor?

« Que vejo ainda? Inclina-se sôbre a nivea lousa um archanjo, que se diria baixado do Empyreo; radiante e formoso, tem nas azas de esmeralda 21 estrellas de ouro que scintillam com fulgor intenso. Ah! já posso ler. Na palma deslumbrante que o rútilo archanjo deposita sôbre a lousa ha umas palavras escriptas em characteres de fogo. Mais perto... leio claramente:

« *A Rio-Branco, filho dilectissimo, a Patria eternamente agradecida* ».

« Quem elle foi, quasi não preciso dize-lo, consocios ; eu não repetiria, si m'o não impuzesse a missão que desempenho.

« José Maria da Silva Paranhos, filho do grande estadista que se chamou visconde do Rio-Branco, viu a luz do dia nesta Capital aos 20 de Abril de 1845. Feito aqui mesmo o seu curso de humanidades, estudou Direito nas Faculdades de S. Paulo e do Recife. Pouco depois de formado fez rapida viagem á Europa, e de volta aqui iniciou a sua carreira publica aos 22 annos de edade, como promotor em Friburgo. Ephemera passagem pela magistratura ; outros horizontes o attrahiam.

« Em 1869 accompanhou como secretario seu venerando pai na missão especial ao Rio da Prata. Eleito deputado por Matto-Grosso, exerceu o mandato até 1875, tomando parte activissima na campanha emancipadora dos nascituros, da qual se fez paladino pelas columnas da *Nação* em 1871, defendendo habil e ardorosamente o famoso ministerio Rio-Branco, que teve a gloria de iniciar a libertação dos captivos em nosso paiz.

« Mas não era ainda o Parlamento o seu verdadeiro logar.

« Em 1876 partiu para a Europa, no desempenho das funcções de consul brasileiro em Liverpool, — posto modesto que preferiu talvez para dar-lhe margem e espaço aos estudos historicos, que desde verdes annos faziam o seu encanto peculiar. Sabido é que desde 1867 fazia parte do nosso Instituto, graças á excellente *Biographia do barão de Serro Largo,* que lhe serviu de titulo de admissão. De facto, nesse periodo de sua vida não poucos trabalhos levou a cabo : annotou brilhantemente a *Historia da Guerra do Paraguai,* de Schneider, publicou ephemerides, notas biographicas, artigos de encyclopedia, a primorosa *Esquisse de l'Histoire du Brésil,* a notavel biographia do imperador d. Pedro II, que assignou com o pseudonymo *Mossé.*

« Quando em 1889 se inaugurou a Republica, Silva Paranhos, já então barão do Rio Branco, não se julgou dispensado de servir a Patria. O Govêrno provisorio, por sua parte, fez inteira justiça ao laborioso Brasileiro, desde logo aproveitado como superintendente geral da immigração na Europa. Sem compromissos na arena politica entendeu elle, e entendeu bem, que não devia recusar á Patria o concurso de suas aptidões. O caso de Rio

Branco era diverso do de outros grandes Brasileiros, que a logica dos acontecimentos e as leis do pundonor arredaram por tantos annos infelizmente do campo de acção. E aínda bem que assim procedeu.

«Em 1894, em substituição a Aguiar de Andrada, foi o nosso preclaro confrade incumbido de defender os direitos do Brasil na questão de limites com a Argentina, no secular litigio das Missões, submettido então ao arbitramento do presidente dos Estados Unidos.

«Abriram-se dest'arte a Rio Branco as portas da immortalidade. Seu notavel talento, sua erudição profunda nesse ramo de estudos, sua enorme e phenomenal capacidade de trabalho iam ter o campo mais adequado aos triumphos.

«Ninguem ignora a esplendida victoria que alcançou nesse pleito. A estupenda *Memoria Brasileira,* habilmente delineada e documentada, foi o braço herculeo que reivindicou para o territorio brasileiro mais de 30.000 kilometros quadrados. A famosa sentença de Cleveland deu-nos triumpho cabal e immarcescivel a 5 de Fevereiro de 1895, pondo em fóco perante o mundo inteiro a rara capacidade de Rio Branco, que nessa contenda se medira aliás com um adversario de reconhecido valor.

«Nossos limites ao Norte pendiam tambem de solução; cumpria firmar definitivamente a identidade do Oiapoc, isto é, a nossa fronteira com a Goiana franceza. O precioso livro de Joaquim Caetano da Silva não bastára para dirimir esse pleito. O Govêrno da Republica submetteu em 1897 a melindrosa questão ao arbitramento do Govêrno da Suissa, sendo chamado Rio-Branco para defender os direitos do Brasil, e para isso nomeado ministro plenipotenciario em missão especial junto ao Govêrno de Berne. Novo trabalho de Hercules, nova memoria magistral, novo triumpho tambem. A sentença de 1 de Dezembro de 1900 lavrada pelo arbitro deu-nos a posse incruenta de 260.000 kilometros quadrados, que a França disputara por espaço de dous seculos.

«Estas duas victorias bastariam para sagrar um benemerito e justificar as excepcionaes recompensas, que o Congresso brasileiro justamente lhe conferiu; mas Rio-Branco não era luctador que dormisse sôbre louros. Mal iniciara, aliás com direito a re-

*

pouso, as funcções de ministro plenipotenciario em Berlim, já em 1902 accedia a outros reclamos da Patria; a convite instante do dr. Rodrigues Alves, illustre presidente da Republica, veio o inclyto barão assumir o cargo de ministro das Relações Exteriores.

«Não me seria possivel apreciar aqui longamente todos os inestimaveis serviços prestados por esse grande Brasileiro na administração da pasta, que elle honrou por espaço de quasi dez annos, e onde não teve competidor desde que entrámos para o quadro das nações. Alguns serão bastantes para justificar a gratidão immorredoura do Brasil.

«As muitas convenções que levou a termo com paizes europeus e americanos; o famoso tractado de Petropolis que nos valeu a acquisição preciosissima do Acre; os tractados de limites com as Republicas vizinhas, e graças aos quaes se regularizou por fim esse problema da delimitação perfeita do nosso territorio; o sabio tractado de 30 de Outubro de 1909, em que modificámos a nossa fronteira com a Republica Oriental do Uruguai no trecho da Lagôa Mirim e o rio Jaguarão, dando ao mundo uma prova cabal da nossa generosa politica internacional; aquelle papel brilhante que fez o Brasil na conferencia de Haya, graças á orientação superior do grande ministro, secundada pelo talento peregrino de Ruy Barbosa; o atilamento patriotico com que obteve para o Brasil a distincção do primeiro cardinalato sul-americano; as intervenções conciliadoras com que, evitando conflictos, elevou o prestigio do nome brasileiro; o exito do Congresso Pan-Americano que, reunido nesta Capital, se abriu com aquelle discurso lapidar, obra prima de concisão e nobreza; — tudo, tudo isso inspirado pelo amor da Patria e pelo amor da paz, constitue um titulo de gloria tão legitimo e tão grande, que mal bastam palavras minhas para o dizer. Nem foi por outra razão que o illustrado senador bahiano, o intitulou *uma entidade a todos os respeitos singular*.

«O Instituto Historico, que Rio-Branco tanto amava, contou-o como socio desde 1867. Na sessão de 5 de Maio de 1895, elevou-o á categoria de honorario, e na de 21 de Novembro de 1906 fe-lo benemerito. Coube-nos a fortuna de ter o eximio Brasi-

leiro por nosso presidente desde 1907, e a 27 de Novembro de 1909 deu-lhe a nossa companhia a significação do mais alto apreço, conferindo-lhe a presidencia perpetua.

« Ás nossas reuniões só deixou de comparecer quando a saude compromettida por intensos trabalhos começou a faltar-lhe. A natureza apparentemente robusta não resistiu, porém, á gravidade da fatal molestia, e afinal o heróe caïu prostrado para não mais se erguer. A morte implacavel chegou a 10 de Fevereiro deste anno, arrancando ao seio da Patria um dos filhos, que mais a engrandeceram e nobilitaram.

« Em nossa curta historia de quatro seculos temos tido luminares nas sciencias, nas lettras, nas artes, na religião, na politica e nas armas; mas, póde dizer-se sem risco de êrro, poucos, mui poucos se approximaram desse astro de primeira grandeza, que mereceu não só a idolatria dos compatriotas como a admiração do mundo. De uma e de outra tivemos a prova por occasião desse luctuoso acontecimento que abalou dous mundos.

« Aqui a ceremonia do enterramento de Rio-Branco foi um grandioso e commovente espectaculo sem egual.

« Dir-se-hia que desapparecêra o nume tutelar da Patria. A onda popular temerosa e avassaladora, depois de accompanha-lo em prestito phenomenal, invadiu a vastissima necropole e correu desvairada a levar-lhe até juncto do tumulo as homenagens de seu amor. No auge da angustia e na sêde de glorificação preteriram-se lamentavelmente as formulas do protocollo. É que o povo brasileiro sentia a immensidade do golpe, e, onde imperava a tyrannia da dôr, desappareciam a propria compostura e a ordem. Perdoemos a esse povo o desvario, por amor do sentimento generoso, sincero, vivaz e irreprimivel que o gerou.

« O heróe, o magno sabedor das cousas patrias, o servidor incomparavel do Brasil, o nosso immortal presidente lá está dormindo o somno eterno, sumido na voragem de uma sepultura, que já nos era sagrada ; mas o que se não some, e que não póde nem ha de morrer, é a luz radiante da sua obra genial de estadista.

« Agora, que prestei o culto da justiça e da saudade aos nossos mortos illustres, deixai que eu reprima os impulsos da natu-

reza para não ver sinão aquella entidade superior, a cujo culto servimos como levitas devotados. *Sursum corda!* Permitti que eu proclame bem alto: feliz a Patria de taes cidadãos!

« Como cedros altivos que tombam na floresta, deixando progenie promissora, elles caïram deante da lei suprema da morte, legando á posteridade filhos illustres, discipulos de alto valor ou exemplos egregios que fructificam.

« Nos filhos preclaros a gloria dos pais revive; nos discipulos de real talento os mestres continuam a sua obra immortal; nos grandes exemplos ficam modelos preciosos, que as novas gerações tractarão de imitar para se não partir a cadeia magica dos benemeritos servidores da Patria Brasileira.

« Os que se foram desta vida contingente entraram no templo da immortalidade; suas obras ou os filhos de seu sangue ahi ficam na arena do combate para gloria do Brasil, para engrandece-ló e honra-lo.

« Salve, Patria querida, teu luminoso porvir é seguro! » (*Applausos calorosos e prolongados. O sr. dr. Ramiz Galvão é vivamente cumprimentado por todo o auditorio*).

O Sr. conde de Affonso Celso (*presidente*) agradeceu então a presença dos srs. presidente da Republica, ministros de Estado, altas auctoridades, consocios e convidados, levantando em seguida a sessão.

Levanta-se a sessão ás 10 e 45 da noite.

Eduardo Marques Peixoto (servindo de 2.º secretario).

ANNEXOS

CADASTRO DOS SOCIOS

CADASTRO DOS SOCIOS

Do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 21 de Outubro de 1913, organizado de inteira conformidade com os Estatutos de 27 de Junho de 1912.

PRESIDENTES HONORARIOS

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Conde d'Eu	16—Setembro—1864	França
2	Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves	30—Agosto—1896	S. Paulo
3	General Julio A. Roca	7—Julho—1899	Rep. Argentina
4	Dr. Nilo Peçanha	27—Novembro—1909	Rio de Janeiro
5	Dr. Roque Saenz Peña	21— » —1911	Rep. Argentina
6	Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca	» » »	Rio de Janeiro

SOCIOS BENEMERITOS (em numero de 10)

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Barão Homem de Mello	3—Junho—1859	Rio de Janeiro
2	Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão	16—Agosto—1872	» » »
3	Desemb.or Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	10—Maio—1878	Bahia
4	Barão de Alencar	13—Setembro—1889	Rio de Janeiro
5	—	—	—
6	—	—	—
7	—	—	—
8	—	—	—
9	—	—	—
10	—	—	—

SOCIOS HONORARIOS (em numero de 50) [1]

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira	19—Outubro—1887	Rio de Janeiro
2	João Capistrano de Abreu	» » »	» » »
3	D. Pedro Aug. de Saxe Coburgo	2—Agosto—1889	Austria
4	D. Enrique Moreno *	13—Setembro—1889	Montevidéo
5	Cons.ro José Francisco Diana	» » »	Rio Gr. do Sul
6	D. Norberto Quirno Costa *	17— » »	Rep. Argentina
7	Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello	12—Outubro—1890	Rio de Janeiro
8	Dr. Alfredo Nascimento Silva	12—Dezembro—1890	» » »
9	D. Guilherme A. Seoane *	22—Maio—1891	Perú
10	Barão de Studart	20—Maio—1892	Ceará
11	Conde de Affonso Celso	2—Dezembro—1892	Rio de Janeiro

1 Ha nesta classe uma vaga.

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
12	D. Carlos Luiz d'Amour.....	9—Dezembro—1892	Matto-Grosso
13	Cardeal D. Marino Rampolla del Tindaro *	7—Abril—1893	Italia
14	Dr. Manuel de Oliveira Lima	11—Agosto—1895	Rio de Janeiro
15	Dr. Jeronymo Thomé da Silva	25—Julho—1897	Bahia
16	D. Francisco do Rego Maia..	» » »	Italia
17	Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.	31—Outubro—1897	Rio de Janeiro
18	Dr. Amaro Cavalcanti.......	6—Dezembro—1897	» » »
19	Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia *....	15—Maio—1898	» » »
20	Cardeal D. Jeronymo Maria Gotti *	14—Outubro—1898	Italia
21	Dr. Jayme Constantino de Freitas Moniz *..........	10—Novembro—1899	Portugal
22	Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho...............	12—Dezembro—1899	Rio de Janeiro
23	D. Pedro de Orleans e Bragança	22—Junho—1900	França
24	Desemb.or Antonio Ferreira de Sousa Pitanga	3—Agosto—1900	Rio de Janeiro
25	Dr. Alfredo Eugenio de Almeida Maia	10—Agosto—1900	» » »
26	Dr. Emilio Augusto Gœldi *..	10—Dezembro—1900	Suissa
27	Eduardo Müller *..........	» » »	»
28	Dr. Epitacio da Silva Pessoa.	29—Março—1901	Rio de Janeiro
29	Dr. Manuel B. Otero *......	24—Maio—1901	Uruguay
30	Dr. Susviela Guarch *	» » »	»
31	Dr. Pedro Augusto C. Lessa .	23—Agosto—1901	Rio de Janeiro
32	Dr. Sabino Barroso Junior ..	2—Maio—1902	Minas Geraes
33	Dr. Anselmo Hévia Riquelme *	8—Agosto—1902	Chile
34	Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho *	24—Abril—1903	Rio de Janeiro
35	Alberto dos Santos Dumont..	11—Setembro—1903	França
36	Duque de Abruzzos *.......	28—Setembro—1903	Italia
37	D. Luiz de Orleans e Bragança	6—Novembro—1903	França
38	Dr. Manuel de Mello Cardoso Barata..................	20—Maio—1904	Pará
39	Barão de Muritiba..........	12—Agosto—1904	França
40	Dr. José Joaquim Seabra	28—Abril—1905	Bahia
41	Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim	28—Abril—1905	Rio de Janeiro
42	D. João Braga	21—Julho—1905	Paraná
43	D. Julio Tonti *	30—Abril—1906	Roma
44	D. José Joaquim Vieira......	6—Maio—1907	Ceará
45	Dr. Alberto de Seixas Martins Torres..................	3—Outubro—1910	Rio de Janeiro

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
46	Dr. Julio Fernandez *	4—Maio—1912	Rep. Argentina
47	Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa	» » »	Rio de Janeiro
48	Dr. Lauro Severiano Muller .	» » »	» » »
49	Coronel Theodoro Roosevelt .	6—Outubro—1913	Estados-Unidos
50	—	—	—

SOCIOS EFFECTIVOS (em numero de 60) [1]

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Barão de Teffé............	27—Outubro—1882	Rio de Janeiro
2	Alm.te José Candido Guillobel	24—Novembro—1882	» » »
3	José Verissimo de Mattos....	16—Novembro—1887	» » »
4	Contr'almirante Arthur Indio do Brasil................	31—Agosto—1888	» » »
5	Dr. Brazilio Augusto Machado de Oliveira............	12—Setembro—1890	» » »
6	Dr. Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque	23—Setembro—1892	» » »
7	Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires................	4—Maio—1894	» » »
8	Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro *	11—Agosto—1895	» » »
9	Dr. Paulino J. Soares de Sousa	10—Junho—1898	» » »
10	Padre Dr. Julio Maria.......	15—Setembro—1899	» » »
11	Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna	12—Outubro—1899	» » »
12	General Dr. Innocencio Serzedello Corrêa.............	8—Dezembro—1899	» » »
13	Dr. José Americo dos Santos	12—Dezembro—1899	» » »
14	José Francisco da Rocha Pombo	3—Agosto—1900	» » »
15	Max Fleiuss	» » »	» » »
16	General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo	17—Agosto—1900	» » »
17	Dr. Orville Adalbert Derby *	26—Outubro—1900	» » »
18	Dr. Rodrigo Octavio Langgard de Menezes	» » »	» » »
19	Dr. Sebastião de Vasc. Galvão	» » »	» » »
20	Dr. Sylvio Romero.........	23—Agosto—1901	» » »
21	Conselheiro Ruy Barbosa....	23—Maio—1902	» » »
22	Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque ..	13—Junho—1902	» » »
23	Monsenhor Vicente Ferreira Lustosa de Lima.........	19—Junho—1903	» » »
24	Dr. Alberto de Carvalho	18—Setembro—1903	» » »
25	Eduardo Marques Peixoto...	23—Outubro—1903	» » »

1 Ha nesta classe uma vaga.

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
26	Coronel Jesuino da Silva Mello	23—Outubro—1903	Rio de Janeiro
27	Cons.ro Candido Luiz Maria de Oliveira............	17—Junho—1904	» » »
28	Commend.or Arthur Ferreira Machado Guimarães......	9—Dezembro—1904	» » »
29	Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva...........	21—Julho—1905	» » »
30	Barão de Paranapiacaba	» » »	» » »
31	Dr. José Pereira Rego Filho .	25—Junho—1906	» » »
32	Dr. Clovis Bevilaqua	15—Outubro—1906	» » »
33	Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro............	20—Maio—1907	» » »
34	Dr. José Carlos Rodrigues...	10—Junho—1907	» » »
35	Paulo Barreto	29—Julho—1907	» » »
36	Dr. Gastão Ruch Sturzenecker	» » »	» » »
37	Dr. Antonio Jansen do Paço.	30—Setembro—1907	» » »
38	G.ral Emygdio Dantas Barreto	29—Agosto—1908	» » »
39	Dr. Alex.e José Barboza Lima	» » »	» » »
40	Dr. Alfredo Augusto da Rocha	» » »	» » »
41	Dr. Norival Soares de Freitas	5—Outubro—1908	» » »
42	Dr. João Coelho Gomes Ribeiro	20—Agosto—1909	» » »
43	José Felix Alves Pacheco ...	1— » —1910	» » »
44	Contr'almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira......	3—Outubro—1910	» » »
45	Dr. Eurico de Góes	» » »	» » »
46	Dr. Pedro Souto Maior......	15—Julho—1911	» » »
47	Dr. Aloysio de Castro.......	17 » »	» » »
48	Capitão de Corveta Francisco Radler de Aquino........	26—Agosto—1911	» » »
49	Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet.................	16—Outubro—1911	» » »
50	Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria....................	4—Maio—1912	» » »
51	Desembargador Dr. João da Costa Lima Drummond....	27 » »	» » »
52	Major Dr. Liberato Bittencourt	» » »	» » »
53	Dr. Helio Lobo	6—Junho—1912	» » »
54	Dr. Alberto Rangel.........	» » »	» » »
55	Desemb.or Dr. Ataulpho Napoles de Paiva.............	» » »	» » »
56	Francisco Agenor de Noronha Santos	» » »	» » »
57	Dr. Alfredo Valladão	19—Julho—1912	» » »
58	Capitão-tenente Raul Tavares	23—Agosto—1912	» » »
59	Dr. Edgard Roquete Pinto...	4— » —1913	» » »
60	—	—	—

SOCIOS CORRESPONDENTES (em numero de 80) [1]

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Pedro Wenceslau de Brito Aranha *	7—Agosto—1885	Portugal
2	Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa	9—Dezembro—1886	Pernambuco
3	Antonio Ribeiro de Macedo	19—Outubro—1887	Paraná
4	Dr. Virgilio Martins de Mello Franco	31—Agosto—1888	Minas Geraes
5	Dr. Rodolpho Marcos Theophilo	11—Julho—1890	Ceará
6	Dr. João Baptista Perdigão de Oliveira	19—Junho—1891	»
7	Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel	1—Junho—1894	Campinas
8	Christiano Frederico Seybold *	» » »	Allemanha
9	João Lucio de Azevedo	31—Março—1895	Portugal
10	Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga	25—Agosto—1895	S. Paulo
11	Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha	20—Outubro—1895	Pará
12	Dr. Henrique Americo de Santa Rosa	16—Agosto—1896	»
13	Padre Raphael Maria Galanti S. J. *	22—Novembro—1896	Rio de Janeiro
14	André Peixoto de Lacerda Verneck	13—Dezembro—1896	» » »
15	D. Joaquim Silverio de Sousa	19—Setembro—1897	Minas Geraes
16	Coronel Honorio Lima	10—Novembro—1899	Rio de Janeiro
17	Dr. Antonio Zeferino Candido *	24 » »	Portugal
18	Dr. Ermelino Agostinho de Leão	10—Dezembro—1900	Paraná
19	Dr. Antonio Augusto de Lima	9—Agosto—1901	Minas Geraes
20	Dr. João Mendes de Almeida Junior	23 » »	S. Paulo
21	Dr. Nelson de Senna	» » »	Minas Geraes
22	Dr. Sebastião Paraná de Sá Souto Maior	» » »	Paraná
23	Horacio de Carvalho	18—Outubro—1901	S. Paulo
24	Dr. José Vieira Couto de Magalhães	» » »	» »
25	Dr. Affonso Arinos de Mello Franco	6—Dezembro—1901	Paris
26	Dr. Alfredo de Toledo	» » »	S. Paulo

1 Ha nesta classe quatro vagas.

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
27	Carlos Lix Klett *..........	6—Dezembro—1901	Rio de Janeiro
28	Ernesto Quesada *..........	» » »	Rep. Argentina
29	Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada..............	24—Outubro—1902	S. Paulo
30	Dr. Theodoro Sampaio......	» » »	Bahia
31	Dr. Albino Alves Filho......	22—Maio—1903	Minas Geraes
32	Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira................	» » »	Mexico
33	Dr. Aug.to de Siqueira Cardoso	25—Junho—1903	S. Paulo
34	Dr. José Maria Per.ra de Lima *	11—Setembro—1903	Portugal
35	Victor Ribeiro *...........	» » »	»
36	José Feliciano de Oliveira...	19—Fevereiro—1904	Paris
37	Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araujo......	3—Junho—1904	Lisboa
38	Alberto Pimentel *.........	23—Junho—1905	Portugal
39	Dr. Alfredo Fer.ra de Carvalho	7—Julho—1905	Pernambuco
40	Dr. Luiz Gon.ga da Silva Leme	21—Julho—1905	S. Paulo
41	Dr. João Pandiá Calogeras...	18—Setembro—1905	Rio de Janeiro
42	Dr. Joaquim Nog.ra Paranaguá	4—Dezembro—1905	» » »
43	Dr. Diogo de Vasconcellos...	» » »	Minas Geraes
44	Dr. Bernardino Machado Guimarães *................	9—Julho—1906	Rio de Janeiro
45	D. Daniel Garcia Acevedo *..	3—Setembro—1906	Uruguay
46	Dr. Arthur Orlando da Silva.	8—Outubro—1906	Pernambuco
47	D. Gonçalo Quesada *......	» » »	Cuba
48	Dr. Adolpho Augusto Pinto..	20—Maio—1907	S. Paulo
49	Dr. Paulo von Ehrenreich *.	» » »	Allemanha
50	Dr. Augusto Tavares de Lyra	16—Setembro—1907	Rio de Janeiro
51	Dr. João Luiz Alves........	30—Setembro—1907	Minas Geraes
52	Charles Wiener *..........	29—Agosto—1908	Paris
53	Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto..............	» » »	S.ta Catharina
54	Fernando A. Georlette......	24—Maio—1909	Antuerpia
55	D. João Baptista Corrêa Nery	31—Agosto—1909	Campinas
56	Dr. Ernesto Antonio Lassance Cunha..................	12—Outubro—1909	Rio de Janeiro
57	Dr. Ramon J. Cárcano *.....	1—Agosto—1910	Buenos Aires
58	Dr. Rodolpho Schuller *....	22—Junho—1911	Rio de Janeiro
59	Dr. Justo Jansen Ferreira....	» » »	Maranhão
60	Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.................	» » »	Bahia
61	Henry L. Lang *...........	» » »	Estados Unidos
62	Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.................	15—Julho—1911	Minas Geraes
63	Dr. Alipio Gama...........	» » »	Manáos
64	Dr. Homero Baptista........	26—Agosto—1911	Rio de Janeiro

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
65	Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay	23—Setembro—1911	S. Paulo
66	Dr. José Salgado *	10—Outubro—1911	Montevidéo
67	Dr. Washington Luiz Pereira de Souza	4—Maio—1912	S. Paulo
68	Dr. Afranio de Mello Franco	27—Maio—1912	Rio de Janeiro
69	Dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho	» » »	Paris
70	Nicolau José Debbané	23—Agosto—1912	Egypto
71	Dr. John Gasper Branner *	30—Maio—1913	Estados-Unidos
72	Pedro de Azevedo *	» » »	Portugal
73	David de Mello Lopes *	» » »	»
74	Dr. Eugenio de Andrada Egas	28—Julho—1913	S. Paulo
75	Dr. Gentil de Assis Moura	» » »	»
76	Prof. Fidelino de Figueiredo *	» » »	Portugal
77	Dr. D. Adolfo P. Carranza *	30—Agosto—1913	Buenos Aires
78	Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada	26—Setembro—1913	Minas Geraes
79	—	—	—
80	—	—	—

SOCIOS BEMFEITORES (classe extincta)

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Domingos José Nogueira Jaguaribe	7—Dezembro—1883	
2	Conde de Figueiredo	1—Julho—1890	
3	Candido Gaffrée	26—Setembro—1890	
4	Antonio José Dias de Castro	28—Setembro—1890	
5	Conde de Leopoldina	5—Outubro—1890	
6	Luiz José Lecoq de Oliveira	» » »	
7	Barão de Quartim	6—Março—1891	
8	Barão de Mendes Tota	3—Abril—1891	
9	Visconde de Moraes *	» » »	
10	José Joaquim da França Junior	9—Outubro—1891	
11	Luiz Martins do Amaral	17—Outubro—1897	

O signal * indica que o socio é estrangeiro.

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 31 de Outubro de 1913.

Francisco Martins Guimarães, official.

CADASTRO SOCIAL

CADASTRO SOCIAL

Do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, organisado por ordem chronologica rigorosa

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
1	Barão Homem de Mello	3-6-1859	benemerito
2	Conde d'Eu.	16-9-1864	P. honorario
3	Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão	16-8-1872	Benemerito
4	Desemb.or Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	1-5-1878	Benemerito
5	Barão de Teffé	27-10-1882	S. effectivo
6	Almirante José Candido Guillobel. .	24-11-1882	S. effectivo
7	Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe	7-12-1883	Bemfeitor
8	Dr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha *	7-8-1885	S. corresp.
9	Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa	9-12-1886	S. corresp.
10	Cons.ro João Alfredo Corrêa de Oliveira	19-10-1887	S. honorario
11	João Capistrano de Abreu	19-10-1887	S. honorario
12	Antonio Ribeiro de Macedo . . .	19-10-1887	S. corresp.
13	José Verissimo de Mattos	16-11-1887	S. effectivo
14	Dr. Virgilio Martins de Mello Franco	31-8-1888	S. corresp.
15	Contr'almirante Arthur Indio do Brasil.	31-8-1888	S. effectivo
16	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo .	2-8-1889	S. honorario
17	Barão de Alencar	13-9-1889	Benemerito
18	D. Enrique Moreno *	13-9-1889	S. honorario
19	Conselheiro José Francisco Diana. .	13-9-1889	S. honorario
20	D. Norberto Quirno Costa * . . .	17-9-1889	S. honorario
21	Conde de Figueiredo	1-7-1890	Bemfeitor
22	Dr. Rodolpho Marcos Theophilo . .	11-7-1890	S. corresp.
23	Dr. Brasilio Augusto Machado de Oliveira	12-9-1890	S. effectivo
24	Candido Gaffrée.	26-9-1890	Bemfeitor
25	Antonio José Dias de Castro . . .	28-9-1890	Bemfeitor
26	Conde de Leopoldina	5-10-1890	Bemfeitor
27	Dr. Luiz José Lecoq de Oliveira . .	5-10-1890	Bemfeitor
28	Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello.	12-10-1890	S. honorario
29	Dr. Alfredo do Nascimento Silva. .	12-12-1890	S. honorario
30	Barão de Quartim	6-3-1891	Bemfeitor
31	Barão de Mendes Tota.	3-4-1891	Bemfeitor
32	Visconde de Moraes	3-4-1891	Bemfeitor
33	Dr. D. Guilherme Seoane	22-5-1891	S. honorario
34	Dr. João Baptista Perdigão de Oliveira	19-6-1891	S. corresp.
35	José Joaquim de França Junior . .	9-10-1891	Bemfeitor
36	Dr. Barão de Studart	25-5-1892	S. honorario

*

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
37	Dr. Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque	27-9-1892	S. effectivo
38	Conde de Affonso Celso	2 12-1892	S. honorario
39	D. Carlos Luiz d'Amour	9-12-1892	S. honorario
40	Cardeal d. Marino Rampola del Tindaro *	7-4-1893	S. honorario
41	Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires	4-5-1894	S. effectivo
42	Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel	1-6 1894	S. corresp.
43	Christiano Frederico Seybold * . .	1-6 1894	S. corresp.
44	João Lucio de Azevedo	3-3-1895	S. corresp.
45	Dr. Manuel de Oliveira Lima . . .	11-8 1895	S. honorario
46	Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro *.	11-8-1895	S. effectivo
47	Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga .	11 8-1895	S. corresp.
48	Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha	20-10-1895	S. corresp.
49	D. Henrique Americo de Santa Rosa.	16 8-1896	S. corresp.
50	Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves	30-8-1896	P. honorario
51	Padre Raphael Maria Galanti S. J. *.	22-11-1896	S. corresp.
52	Andre Peixoto de Lacerda Vernek .	13 12-1896	S. corresp.
53	D. Jeronymo Thomé da Silva. . .	25-7-1897	S. honorario
54	D. Francisco do Rego Maia . . .	25-7-1897	S. honorario
55	D. Joaquim Silverio de Sousa. . .	19-9-1897	S. corresp.
56	Luiz Martins do Amaral	17-10-1897	Bemfeitor
57	Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti	31-10-1897	S. honorario
58	Dr. Amaro Cavalcanti.	6-10-1897	S. honorario
59	Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia *	15-5-1898	S. honorario
60	Dr. Paulino José Soares de Sousa. .	10-6-1898	S. effectivo
61	Cardeal D. Jeronymo Maria Gotti * .	14-10 1898	S. honorario
62	General D. Julio A. Roca	7 7-1899	P. honorario
63	Padre Dr. Julio Maria	15-9 1899	S. effectivo
64	Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna	12-10-1899	S. effectivo
65	Dr. Jayme Constantino de Freitas Moniz *	10-11-1899	S. honorario
66	Coronel Honorio Lima.	10-11-1899	S. corresp.
67	Dr. Antonio Zeferino Candido . .	24 11-1899	S. corresp.
68	General Dr. Innocencio Serzedello Corrêa	8 12-1899	S. effectivo
69	Dr. José Americo dos Santos . . .	12-12-1899	S. effectivo
70	Dr. Miguel Joaq.^m^ Ribeiro de Carvalho	12-12-1899	S. honorario
71	D. Pedro de Orléans e Bragança . .	22-6-1900	S. honorario
72	Desemb.^or^ Antonio Ferreira de Sousa Pitanga	3 8-1900	S. honorario

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
73	José Francisco da Rocha Pombo . .	3-8-1900	S. effectivo
74	Max Fleiuss.	3-8-1900	S. effectivo
75	Dr. Alfredo Eugenio de Almeida Maia	10-8 1900	S. honorario
76	General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo.	17-8-1900	S. effectivo
77	Dr. Orville Adalbert Derby *. . .	26-10-1900	S. effectivo
78	Dr. Rodrigo Octavio de Langgard Menezes	26-10-1900	S. effectivo
79	Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão	26-10-1900	S. effectivo
80	Dr. Emilio Augusto Goeldi * . . .	10 12-1900	S. honorario
81	Eduardo Müller *	10-12-1900	S. honorario
82	Dr. Epitacio da Silva Pessôa . . .	27-3 1901	S. honorario
83	Dr. Manuel B. Otero *.	24-5-1901	S. honorario
84	Dr. Susviela Guarch *	24 5-1901	S. honorario
85	Dr. Antonio Augusto de Lima . .	9 8 1901	S. corresp.
86	Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa .	23-8-1901	S. honorario
87	Dr. Sylvio Roméro.	23-8 1901	S. effectivo
88	Dr. João Mendes de Almeida Junior.	23-8 1901	S. corresp.
89	Dr. Nelson de Senna	23-8-1901	S. corresp.
90	Dr. Sebastião Paraná de Sá Souto Maior	23-8-1901	S. corresp.
91	Horacio de Carvalho	18-10-1901	S. corresp.
92	Dr. José Vieira Couto de Magalhães. .	18-10-1901	S. corresp.
93	Dr. Affonso Arinos de Mello Franco.	6-12-1901	S. corresp.
94	Dr. Alfredo de Toledo.	6-12-1901	S. corresp.
95	Carlos Lix Klett *	6-12-1901	S. corresp.
96	Dr. D. Ernesto Quesada *. . . .	6-12-1901	S. corresp.
97	Dr. Sabino Barroso Junior . . .	2-5-1902	S. honorario
98	Conselheiro Ruy Barbosa	25-5-1902	S. effectivo
99	Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.	13-6-1902	S. effectivo
100	Dr. D. Anselmo Hévia Riquelme * .	8-8-1902	S. honorario
101	Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada.	24-10-1902	S. corresp.
102	Dr. Theodoro Sampaio.	24-10-1902	S. corresp.
103	Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho *	24-4-1903	S. honorario
104	Dr. Albino Alves Filho	22-5-1903	S. corresp.
105	Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira.	22-5-1903	S. corresp.
106	Mons. Vicente Lustosa Ferreira de Lima	19-6-1903	S. effectivo
107	Dr. Augusto de Siqueira Cardoso. .	25-6-1903	S. corresp.
108	Dr. José Maria Pereira de Lima *. .	11-7-1903	S. corresp.
109	Alberto dos Santos Dumont . . .	11-9-1903	S. honorario
110	Victor Ribeiro *	11-9-1903	S. corresp.
111	Dr. Alberto de Carvalho	18-9-1903	S. effectivo
112	Duque dos Abruzzos *.	28-9-1903	S. honorario

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
113	Eduardo Marques Peixoto. . . .	23-10-1903	S. effectivo
114	Coronel Jesuino da Silva Mello . .	23-10-1903	S. effectivo
115	D. Luiz de Orleans e Bragança . .	6-11-1903	S. honorario
116	José Feliciano de Oliveira. . . .	19-2-1904	S. corresp.
117	Dr. Manuel de Mello Cardoso Barata.	20-5-1904	S. honorario
118	Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araujo	3-6-1904	S. corresp.
119	Cons. Candido Luiz Maria de Oliveira	17-6-1904	S. effectivo
120	Alberto Pimentel *.	23-6-1904	S. corresp.
121	Barão de Muritiba	12-8-1904	S. honorario
122	Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães	9-12-1904	S. effectivo
123	Dr. José Joaquim Seabra	2-4-1905	S. honorario
124	Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim	28-4-1905	S. honorario
125	Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho .	9-7-1905	S. corresp.
126	D. João Braga	21-7-1905	S. honorario
127	Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva	21-7-1905	S. effectivo
128	Barão de Paranapiacaba	21-7-1905	S. effectivo
129	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme. .	21-7-1905	S. corresp.
130	Dr. João Pandiá Calogeras . . .	18-9-1905	S. corresp.
131	Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá. .	4-12-1905	S. corresp.
132	Dr. Diogo de Vasconcellos. . . .	4-12-1905	S. corresp.
133	D. Julio Tonti *	30-4-1906	S. honorario
134	Dr. José Pereira Rego Filho . . .	25-6-1906	S. effectivo
135	Dr. Bernardino Machado Guimarães *	9-7-1906	S. corresp.
136	D. Daniel Garcia Acevedo * . . .	3-9-1906	S. corresp.
137	Dr. Arthur Orlando da Silva . . .	8-10-1906	S. corresp.
138	D. Gonçalo Quesada *.	8-10-1906	S. corresp.
139	Dr. Clovis Bevilaqua	15-10-1906	S. effectivo
140	D. José Joaquim Vieira	6-5-1907	S. honorario
141	Dr. Aug.to Olympio Viveiros de Castro	29-5-1907	S. effectivo
142	Dr. Adolpho Augusto Pinto . . .	20-5-1907	S. corresp.
143	Dr. Paulo von Ehrenreich *	20-5-1907	S. corresp.
144	Dr. José Carlos Rodrigues. . . .	10-6-1907	S. effectivo
145	Dr. Gastão Ruch Sturzenecker . .	29-6-1907	S. effectivo
146	Paulo Barreto	29-7-1907	S. effectivo
147	Dr. Augusto Tavares de Lyra. . .	16-9-1907	S. corresp.
148	Dr. Antonio Jansen do Paço . . .	30-9-1907	S. effectivo
149	Dr. João Luiz Alves	30-9-1907	S. corresp.
150	General Emygdio Dantas Barreto. .	29-8-1908	S. effectivo
151	Dr. Alexandre José Barbosa Lima .	29-8-1908	S. effectivo
152	Dr. Alfredo Augusto da Rocha . .	29-8-1908	S. effectivo
153	Charles Wiener *	29-9-1908	S. corresp.
154	Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto.	29-9-1908	S. corresp.
155	Dr. Norival Soares de Freitas. . .	5-10-1908	S. effectivo
156	Fernando Augusto Georlette . . .	24-5-1909	S. corresp.

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
157	Dr. João Coelho Gomes Ribeiro . .	20-8-1909	S. effectivo
158	D. João Baptista Corrêa Nery. . .	31-8-1909	S. corresp.
159	Dr. Ernesto Antonio Lassance Cunha	12-10-1909	S. corresp.
160	Dr. Nilo Peçanha	27-11-1909	P. honorario
161	Dr. Ramón J. Cárcano *	1-7-1910	S. corresp.
162	José Felix Alves Pacheco	1-8-1910	S. effectivo
163	Dr. Alberto de Seixas Martins Torres	3-10-1910	S. honorario
164	Dr. Eurico de Góes	3 10-1910	S. effectivo
165	Contra-almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira	3-10-1910	S. effectivo
166	Dr. Rodolpho Schüller *	22-6-1911	S. corresp.
167	Dr. Justo Jansen Ferreira. . . .	22-6-1911	S. corresp.
168	Dr. Braz Hermenegildo do Amaral .	22 6-1911	S. corresp.
169	Henry R. Lang *	22-6-1911	S. corresp.
170	Dr. Pedro Souto Maior.	15-7-1911	S. effectivo
171	Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva	15-7-1911	S. corresp.
172	Dr. Alipio Gama	15-7-1911	S. corresp.
173	Dr. Aloysio de Castro	17-7-1911	S. effectivo
174	Capitão de corveta Francisco Radler de Aquino	26-8-1911	S. effectivo
175	Dr. Homero Baptista	26-8-1911	S. corresp.
176	Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay .	23-9-1911	S. corresp.
177	Dr. José Salgado *.	10-10-1911	S. corresp.
178	Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet	16-10-1911	S. effectivo
179	Dr. D. Roque Saenz Peña * . . .	21-11-1911	P. honorario
180	Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca	21-11-1911	P. honorario
181	Dr. D. Julio Fernandez *	4-5-1912	S. honorario
182	Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa . .	4-5-1912	S. honorario
183	Dr. Lauro Severiano Müller . . .	4-5-1912	S. honorario
184	Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria.	4-5-1912	S. effectivo
185	Dr. Washington Luis Pereira de Sousa	4-5-1912	S. corresp.
186	Desembarg.or Dr. João da Costa Lima Drummond	27-5-1912	S. effectivo
187	Major Dr. Liberato Bittencourt . .	27-5-1912	S. effectivo
188	Dr. Afranio de Mello Franco . . .	27-5-1912	S. corresp.
189	Dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho	27-5-1912	S. corresp.
190	Dr. Helio Lobo.	6-6-1912	S. effectivo
191	Dr. Alberto Rangel.	6-6-1912	S. effectivo
192	Desemb. Dr. Ataulpho Napoles de Paiva	6-6-1912	S. effectivo
193	Francisco Agenor de Noronha Santos	6-6-1912	S. effectivo
194	Dr. Alfredo Valladão	19-7-1912	S. effectivo
195	Capitão tenente Raul Tavares. . .	23-8-1912	S. effectivo
196	Nicoláo José Debbané	23-8-1912	S. corresp.
197	Dr. John Gasper Branner * . . .	30-5-1913	S. corresp.
198	Pedro de Azevedo *	30-5-1913	S. corresp.
199	David de Mello Lopes *	30-5-1913	S. corresp.

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
200	Dr. Eugenio de Andrada Egas . .	28-7-1913	S. corresp.
201	Dr. Gentil de Assis Moura. . . .	28-7-1913	S. corresp.
202	Fidelino de Figueiredo *	28-7-1913	S. corresp.
203	Dr. Edgard Roquette Pinto . . .	4-8-1913	S. effectivo
204	Dr. D. Adolfo P. Carranza * . . .	30 8-1913	S. corresp.
205	Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada	26-9-1913	S. corresp.
206	Theodoro Roosevelt *	6 10-1913	S. honorario

SOCIOS FALLECIDOS

SOCIOS FALLECIDOS no periodo de 21 de Outubro de 1912 a 21 de Outubro de 1913

Nomes	Classes	Data do fallecimento
Conselheiro Manuel Antonio Duarte de Azevedo	Honorario	9—XI—912
Domingos Rayol (barão de Guajará) .	Correspondente	27—X—912
Dr. Adelino Augusto de Luna Freire.	»	1—III—913
Bernardo Horta de Araujo. . . .	»	20—II—913
Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles .	Pres. honorario	28—VI—913
Dr. D. Vicente G. Quesada . . .	Correspondente	20—IX—913
Coronel Ernesto Senna.	Effectivo	19—X—913

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 21 de Outubro de 1913.

F. Martins Guimarães, official.

INDICE

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NA PARTE II DO TOMO LXXV